A Metade Sombria.

Stephen King.

Tradução de CATARINA HORTA SALGUEIRO.

Círculo de Leitores.

As vidas das pessoas - as suas verdadeiras vidas, em oposição … mera existência física - começam em alturas diferentes. A verdadeira vida de Thad Beaumont, um rapazinho nado e criado na zona Ridgeway de Bergenfield, estado de Nova Jérsia, começou em 1960. Nesse ano, duas coisas lhe aconteceram. A primeira modelou a sua vida; a segunda quase acabou com ela. Nesse ano, Thad Beaumont contava onze anos.

Em Janeiro, participou com um conto num concurso de composição literária patrocinado pela revista American Teen. Em Junho, recebeu uma carta dos editores da revista anunciando que lhe fora atribuída uma Menção Honrosa na categoria de Ficção do Concurso. A carta dizia ainda que os juízes lhe teriam concedido o segundo lugar se a sua candidatura não revelasse que ainda lhe faltavam dois anos para se tornar num genuíno "Adolescente Americano". No entanto, diziam os editores, a sua história, Do Lado de Fora da Casa de Marty, era uma obra excepcionalmente madura, devendo, por isso, ser felicitado.

Duas semanas mais tarde, um certificado de mérito chegou da American Teen. Veio por carta registada. O certificado apresentava o seu nome escrito numa letra tão enrolada, típica do estilo Velha Inglaterra, que ele praticamente não conseguiu decifrá-la, e um selo dourado na parte de baixo, com o logótipo da American Teen gravado em relevo: as silhuetas de um rapaz com cabelo cortado … escovinha e de uma rapariga de rabo-de-cavalo a dançarem o jitterbugl.

Thad, um rapaz sossegado e sério, que parecia nunca conseguir segurar o que quer que fosse e que tropeçava com frequência nos próprios pés grandes, foi arrebatado pelos braços da mãe e coberto de beijos.

O pai não ficou impressionado.

- Caramba, se foi assim tão bom, porque é que não lhe deram algum dinheiro? - resmungou ele das profundezas da sua poltrona.

- Glen...

- Deixa estar. Talvez aqui o nosso Ernest Hemingway me possa ir buscar uma cerveja depois de acabares de o apaparicar.

A mãe de Thad nada mais acrescentou... mas levou a emoldurar a carta original e o certificado que se Lhe seguiu, tendo pago o trabalho com o dinheiro para os seus alfinetes e pendurado a moldura no quarto de Thad, por cima da cama. Sempre que recebia a visita de familiares ou de outras pessoas, levava-os a ver a moldura. Thad, dizia ela … sua visita, iria ser um grande escritor dali a alguns anos. Ela sempre sentira que o seu destino era vir a ser famoso, e aqui estava a primeira prova. Apesar de isto envergonhar Thad, ele amava demasiado a mãe para assim Lhe dizer.

Envergonhado ou não, Thad decidiu que a sua mãe tinha, pelo menos, em parte razão. Não sabia se possuía ou não dentro de si aquilo que fazia de alguém um grande escritor mas, custasse o que custasse, Thad iria ser uma espécie de escritor qualquer. Porque não? Ele era bom nisso. Mais importante ainda, sentia prazer em fazê-lo. Quando as palavras saíam bem, gostava muito daquilo que fazia. E não teriam sempre a possibilidade de Lhe recusarem o dinheiro por causa de um mero aspecto técnico.

Thad não teria eternamente onze anos.

A segunda coisa importante que Lhe aconteceu em 1960 teve início em Agosto. Foi quando começou a ter dores de cabeça. ao princípio, não eram assim tão m s, mas, quando a escola reabriu no início de Setembro, as dores moderadas e latentes nas têmporas e por detr s da testa tinham-se transformado em terríveis e colossais maratonas de sofrimento físico. Ele nada podia fazer quando essas dores de cabeça o mantinham preso nas suas garras excepto deixar-se ficar deitado na penumbra do quarto, … espera da morte. No final de Setembro, ele tinha esperanças de que fosse morrer. E, em meados de Outubro, as dores tinham aumentado de tal forma que Thad começou a temer que não morreria.

O início destas dores de cabeça horríveis era habitualmente assinalado por um som fantasmagórico que só ele conseguia ouvir e que se assemelhava ao chilrear longínquo de milhares de passarinhos. Por vezes, Thad imaginava que quase conseguia ver estes p ssaros, que acreditava serem pardais, agrupados …s dezenas sobre as linhas telefónicas e os telhados, tal como faziam na Primavera e no Outono.

A mãe levou-o ao Dr. Seward.

Este examinou os olhos de Thad com um oftalmoscópio, e abanou a cabeça. De seguida, correndo mais as cortinas e desligando a luz do tecto, pediu que Thad olhasse para um ponto em branco da parede da sala de consultas.

Utilizando uma lanterna eléctrica, ligou e desligou rapidamente um círculo de luz clara, enquanto Thad fitava a parede.

- Isto não te faz sentir esquisito, rapaz?

Thad abanou a cabeça.

- Não te sentes tonto? Como se fosses desmaiar?

Thad tornou a abanar a cabeça.

- Não te cheira a nada? Talvez a fruta podre ou a trapos queimados?

- Não.

- E quanto aos teus p ssaros? Ouviste-os quando a luz piscou?

- Não - respondeu Thad, perplexo.

- São os nervos - disse mais tarde o pai de Thad, depois de este ser levado para a sala de espera no exterior. - O raio do rapaz est uma pilha de nervos.

- Penso que são enxaquecas - explicou-lhes o Dr. Seward. - Pouco habituais em alguém tão jovem, mas não propriamente invulgares. E ele parece ser um rapaz muito...

sério.

- E é - replicou Shayla Beaumont, não sem deixar transparecer uma certa aprovação - Bem, talvez algum dia se descubra uma cura. Para j , receio que ele ir ter de sofrer até elas passarem.

- Sim, e nós com ele - acrescentou Glen Beaumont.

Mas não eram os nervos, e não eram enxaquecas, e não passaram.

Quatro dias antes da Noite das Bruxas, Shayla Beaumont ouviu um dos mi£dos com quem Thad costumava esperar pela carrinha da escola todas as manhãs começar aos gritos. Olhou pela janela da cozinha e

viu o filho deitado na estrada, em convulsões. A lancheira encontrava-se a seu lado, com o conte£do de fruta e sanduíches espalhado pela superfície quente da estrada. Shayla correu para fora de casa, enxotou as outras crianças e, de seguida, ficou debruçada sobre o filho, impotente, com medo de Lhe tocar.

Se o grande autocarro amarelo com o Sr. Reed ao volante tivesse chegado um pouco mais tarde, Thad poderia ter morrido exactamente ali, … beira da estrada. Mas o Sr.

Reed tinha sido médico na Coreia. Assim, soube inclinar a cabeça do rapaz para tr s e deixar entrar um pouco de ar antes que Thad morresse sufocado com a própria língua.

Uma ambul*f*ncia levou-o para o Hospital do Município de Bergenfield e, por mero acaso, na altura em que o rapaz foi levado para dentro numa maca, um médico chamado Hugh Pritchard encontrava-se na sala de urgências, a beber café e a trocar piadas sobre golfe com um colega. E também por mero acaso, Hugh Pritchard era apenas o melhor neurologista do estado de Nova Jérsia.

Pritchard mandou que se efectuassem radiografias e examinou-as. Mostrou-as aos Beaumont, pedindo-lhes que olhassem com particular atenção para a sombra difusa que marcara a l pis de cera com um círculo amarelo em seu redor.

- Isto - disse. - O que é isto?

- Como é que havemos de saber? - perguntou Glen Beaumont. - O senhor é que é o maldito médico.

- Muito bem - replicou Pritchard, secamente.

- A patroa disse que parecia que ele tivera um ataque - afirmou Glen.

- Se com isso - disse o Dr. Pritchard - o senhor pretende dizer que ele teve uma crise convulsiva, sim, é verdade. Se com isso o senhor pretende dizer que ele teve um ataque epiléptico, estou absolutamente certo de que não o teve. Um ataque tão grave como aquele que acometeu o seu filho teria realmente que ser um grand mall e Thad não mostrou qualquer tipo de reacção ao teste … luz. Na verdade, se ele sofresse de epilepsia não precisariam de um médico para Lhe dizer isto. Acabaria por se p“r a dançar o watuslS no tapete da sala de estar sempre que a imagem do vosso aparelho de televisão ficasse desregulada.

- Então o que é aquilo? - inquiriu Shayla, timidamente.

Pritchard virou-se para as radiografias presas diante do expositor iluminado.

- O que é isto? - corrigiu ele, tornando a bater ao de leve na rea delimitada pelo círculo. - O aparecimento repentino das dores de cabeça, associado a uma ausência total de ataques prévios, sugere-me que o vosso filho tem um tumor cerebral, provavelmente ainda pequeno, e esperemos que benigno.

Impassível, Glen Beaumont fitou o médico, enquanto a sua mulher se mantinha a seu lado e chorava, escondendo o rosto num lenço. Shayla chorava sem fazer qualquer barulho.

Este choro silencioso era o resultado de anos de treino matrimonial. Os punhos de Glen eram r pidos e dolorosos e quase nunca deixavam marcas. Após doze anos de sofrimento em silêncio, era prov vel que ela não conseguisse chorar alto, mesmo se o quisesse fazer.

- Isto tudo quer dizer que o senhor doutor quer cortar os miolos do mi£do? - perguntou Glen, com o seu tacto e delicadeza habituais.

- Eu não poria as coisas nesses termos, senhor Beaumont, mas penso que ser necess ria uma intervenção cir£rgica exploratória, sem d£vida alguma. - E pensou: "Se Deus realmente existe, e se Ele realmente nos fez … Sua imagem, nem sequer gosto de pensar na razão pela qual existem tantos homens horríveis como este, que andam por aí com os destinos de outros tantos nas mãos."

Durante um longo instante Glen permaneceu silencioso, cabisbaixo e com a testa franzida, concentrado a pensar.

Por fim, levantou a cabeça e fez a pergunta que, no fundo, mais o preocupava.

- Diga-me a verdade, senhor doutor: quanto é que tudo isto vai custar?

A auxiliar de enfermagem da sala de operações foi a primeira pessoa a ver.

Na sala de operações, onde os £nicos sons nos £ltimos quinze minutos tinham sido as ordens murmuradas do Dr.

Pritchard, o assobio dos volumosos aparelhos de manutenção

da vida, e o gemido curto e agudo da serra Negli, o grito lançado soou estridente e dissonante.

Žos tropeções, a enfermeira deu alguns passos para tr s, bateu num tabuleiro de rodas Ross sobre o qual estavam cuidadosamente dispostos quase duas d£zias de instrumentos cir£rgicos e atirou-o ao chão. O tabuleiro bateu no chão de ladrilhos com um baque que ecoou por toda a sala, a que se seguiu uma série de tinidos mais pequenos.

- Hilary! - gritou a enfermeira-chefe, com a voz perpassada de choque e surpresa, perdendo de tal modo o controlo sobre si mesma que acabou por dar um passo na direcção da mulher em fuga na sua esvoaçante bata verde.

Com um dos pés enfiados num dos protectores de calçado, o Dr. Albertson, que se encontrava a assistir … cirurgia, deu um ligeiro pontapé na barriga da perna da enfermeira-chefe.

- Lembre-se de onde est , por favor.

- Sim, senhor doutor. - Virando imediatamente as costas, a enfermeira-chefe nem sequer olhou para a porta da sala de operações quando esta foi aberta com estrondo por Hilary, que saiu da sala a correr, tendo virado … esquerda, ainda a gritar como um carro de bombeiros desembestado.

- Ponha os instrumentos no esterilizador - ordenou Albertson. - Imediatamente. Toca a andar.

- Sim, senhor doutor.

Ofegante, a enfermeira-chefe começou a recolher os instrumentos, claramente perturbada mas j com total domínio sobre si mesma.

O Dr. Pritchard parecia não ter reparado em nada disto.

Olhava com uma atenção arrebatada para a janela que tinha sido esculpida no cr*f*nio de Thad Beaumont.

- Incrível - murmurou. - Absolutamente incrível.

Este é mesmo um daqueles casos para os livros. Se não estivesse a ver com os meus próprios olhos... - O assobio do esterilizador pareceu despert -lo, tendo olhado para o Dr. Albertson. - Quero aspiração - ordenou de forma ríspida, olhando de soslaio para a enfermeira. - E que raio é que você est a fazer? As palavras cruzadas do Times de domingo?

Mexa-me mas é esse cu e traga-me os instrumentos!

A enfermeira aproximou-se, levando os instrumentos numa vasilha limpa.

- Quero aspiração, Lester - pediu Pritchard a Albertson. - Imediatamente. J . Depois, vou mostrar-te uma coisa que nunca viste a não ser numa feira de aberrações da natureza.

Ignorando a enfermeira-chefe, que deu um salto para tr s, se desviou do caminho e equilibrou os instrumentos com destreza, Albertson empurrou a bomba de aspiração até junto de Pritchard.

Pritchard estava a olhar para o anestesista.

- D -me uma boa pressão arterial, meu amigo. Uma boa pressão arterial é tudo quanto peço.

- Ele tem um-zero-cinco sobre setenta e oito. Est vel como uma rocha.

- Bem, a mãe dele diz que temos o futuro William Shakespeare deitado … nossa frente, portanto, mantém esses valores. Aspiração com ele, Lester. Não Lhe faças cócegas com a maldita coisa!

Albertson aplicou a aspiração, limpando o sangue. Como pano de fundo, o apito do aparelho de monitorização mantinha-se regular, monótono e reconfortante. Foi então que Albertson passou a aspirar a própria respiração. Foi como se alguém Lhe tivesse dado um murro bem forte na barriga.

- Oh, meu Deus! Oh, Jesus Cristo! - Por um instante, Albertson recuou... depois, aproximou-se e inclinou-se. Por cima da m scara e por detr s dos óculos de aros de osso, os olhos abriram-se como uma repentina curiosidade cintilante. - Que é isto?

- Penso que est s a ver aquilo que é - respondeu Pritchard. - Só que levamos alguns segundos a nos habituarmos.

J li coisas sobre isto mas nunca esperei ver realmente alguma.

O cérebro de Thad Beaumont tinha a cor da orla da concha de um b£zio: um cinzento nem muito escuro e nem muito claro, com uma ligeiríssima tonalidade rosa.

Saliente na superfície macia da dura-m ter, via-se um £nico olho

humano, cego e disforme. O cérebro batia ligeiramente e o olho batia juntamente com ele. Era como se estivesse a tentar lançar-lhes uma piscadela. Fora isto - a impressão do olho a piscar - que levara a auxiliar de enfermagem para fora da sala de operações.

- Meu Deus, que é isto? - perguntou Albertson mais uma vez.

- Nada - replicou Pritchard. - Em tempos, talvez tivesse feito parte de um ser humano vivo e saud vel. Agora, não é nada. A não ser um contratempo, e nada mais.

E, por acaso, trata-se de um contratempo que nós sabemos como resolver.

O anestesista, Dr. Loring, perguntou:

- D -me licença que veja, doutor Pritchard?

- Ele ainda est regular?

- Sim.

- Então, v l. Esta é uma daquelas coisas que vai contar aos seus netos. Mas seja r pido. - Enquanto Loring observava, Pritchard virou-se para Albertson. - Quero a Negli - ordenou. - Vou abri-lo um pouco mais. Depois, examinamos com a sonda. Não sei se consigo tirar tudo, mas vou tirar tudo aquilo que puder.

Agora na qualidade de instrumentista principal da sala de operações, Les Albertson passou a sonda de novo esterilizada para a mão enluvada de Pritchard quando este a pediu. Pritchard - que, neste momento, cantarolava baixinho o tema principal da série televisiva Bonanza - explorou a abertura cir£rgica com rapidez e praticamente sem esforço algum, recorrendo apenas ocasionalmente ao espelho do género dent rio montado na extremidade da sonda. Pritchard trabalhava essencialmente com base no tacto. Mais tarde, Albertson diria que nunca assistira a uma intervenção cir£rgica tão emocionante e instintiva em toda a sua vida.

Além do olho, encontraram parte de uma narina, três unhas e dois dentes. Um dos dentes continha uma pequena cavidade. O olho continuou a bater e a tentar piscar até ao momento em que Pritchard utilizou o bisturi com ponta de agulha para, primeiro, perfur -lo e, de seguida, extirp -lo.

Na sua totalidade, a operação, do exame inicial com a sonda … extirpação final, demorou apenas vinte e sete minutos.

Com um som de chape, cinco nacos de carne foram depositados, ainda h£midos, na tigela de aço inoxid vel sobre o tabuleiro Ross, ao lado da cabeça rapada de Thad.

- Penso que estamos limpos - afirmou Pritchard por fim. - Todo o tecido estranho parecia estar ligado por meio de ganglios rudimentares. Mesmo que existam outros nacos, creio que o mais prov vel é que os tenhamos morto.

- Mas... como isso pode ser se o mi£do ainda est vivo?

Isto é, faz tudo parte dele, não é? Ser que Lhe faltam unhas? - perguntou Loring, confuso.

Pritchard apontou para o tabuleiro.

- Encontr mos um olho, alguns dentes e umas unhas na cabeça deste mi£do e o senhor acha que isto fazia parte dele? Viu se Lhe faltava alguma unha? Quer verificar?

- Mas até mesmo o cancro constitui apenas uma parte do paciente...

- Isto não era nenhum cancro - replicou Pritchard, pacientemente. As suas mãos continuavam a trabalhar enquanto falava. - Meu caro amigo, em muitos partos onde uma mãe d apenas … luz uma criança, essa criança começou, na verdade, a sua existência como irmão gémeo. • até possível que isso chegue mesmo a acontecer duas vezes em cada dez casos. Que acontece ao outro feto? O mais forte absorve o mais fraco.

- Absorve-o? Est a querer dizer que ele o come? - perguntou Loring, aparentando um ar um pouco amarelado. - Ser que estamos a falar aqui de canibalismo in utero?

- Chame-lhe o que quiser; o facto é que acontece com relativa frequência. Se alguma vez chegarem a desenvolver aquele aparelho de ecografia de que estão sempre a falar nas conferências médicas, talvez possamos descobrir com que frequência é que isso acontece. Contudo, independentemente da frequência ou não com que ocorre, o que aqui vimos hoje é muito mais raro. parte do gémeo deste rapaz não foi absorvida e acabou por ir parar ao lobo pré-frontal.

Podia com toda a facilidade ter-se alojado nos intestinos, no baço, ou na espinal-medula: no fundo, em qualquer órgão.

Habitualmente, os £nicos médicos que têm oportunidade de ver uma coisa como esta são os patologistas. Isto aparece nas autópsias, e nunca ouvi falar de alguém a quem o tecido estranho tenha sido a causa da morte.

- Então, que aconteceu aqui? - inquiriu Albertson.

- Alguma coisa fez desencadear de novo o crescimento desta massa de tecido que, h um ano atr s, era provavelmente submicroscópica quanto ao tamanho. O relógio de crescimento do gémeo absorvido, que deveria ter parado para sempre pelo menos um mês antes de a senhora Beaumont ter dado … luz, conseguiu, de algum modo, voltar a ter corda... e o raio da coisa começou, na verdade, a aumentar. Não h qualquer mistério naquilo que aconteceu; a pressão intracraniana era o suficiente para causar as dores de cabeça do mi£do e as convulsões que o trouxeram até aqui.

- Sim - retorquiu Loring brandamente - mas porque é que aconteceu?

Pritchard abanou a cabeça:

- Se daqui a trinta anos ainda estiver a exercer algo mais exigente do que a minha batida de golfe, pergunte-me nessa altura. Talvez tenha uma resposta. Neste momento, tudo aquilo que sei é que localizei e extirpei um tipo de tumor muito específico e raro. Um tumor benigno. E, salvo complicações, creio que é isso que os pais têm de saber.

O pai do mi£do faria o Homem de Piltdownl parecer um desses meninos-prodígios. Não me consigo ver a explicar-lhe que fiz um aborto ao filho de onze anos de idade. Les, vamos fech -lo. - E, em género de remate, acrescentou, num tom jocoso, … enfermeira da sala de operações:

- Quero que aquela mulherzinha idiota que saiu daqui a correr seja despedida. Tome nota, por favor.

- Sim, senhor doutor.

Nove dias depois da intervenção cir£rgica, Thad Beaumont teve alta do hospital. Durante os seis meses que se seguiram, a parte esquerda do seu corpo esteve confrangedoramente fraca e, de vez em quando,

sempre que estava muito cansado, Thad via luzes intermitentes de padrão invulgar e pouco aleatório diante dos seus olhos.

A mãe de Thad comprou-lhe uma m quina de escrever Remington 32 como um presente de melhoras, e estes clarões de luz ocorriam com mais frequência quando ele se encontrava debruçado sobre ela, antes de se deitar, a debater-se com o modo correcto de exprimir algo ou a tentar imaginar aquilo que deveria acontecer de seguida na história que estava a escrever. Por fim, até mesmo os clarões acabaram por passar.

Aquele chilrear misterioso e fantasmagórico - o som de esquadrões de pardais a voar - desapareceu por completo após a operação. Thad continuou a escrever, ganhando confiança e polindo o seu estilo emergente, tendo vendido a sua primeira história - … American Teen - seis anos após a sua vida ter verdadeiramente começado. Depois disso, nunca mais olhou para tr s.

A £nica coisa que os pais de Thad ou ele próprio alguma vez souberam foi que, no Outono do seu décimo primeiro ano, Lhe foi extirpado um pequeno tumor benigno do lobo pré-frontal do seu cérebro. Quando chegava a pensar nisso (o que passou a fazer com cada vez menos frequência … medida que os anos passaram), Thad limitava-se a julgar que tivera uma enorme sorte em ter sobrevivido.

Naquele tempo, muitos dõentes que eram submetidos a uma operação ao cérebro não tinham assim tanta sorte.

I

Recheio dos tolos

Com lentidão e cuidado, Machine endireitou os clips com os dedos compridos e fortes.

- Agarra-lhe a cabeça, Jack - ordenou ao homem por detr s de Halstead. - Agarra-a com força, por favor.

Halstead percebeu aquilo que Machine pretendia fazer e começou aos gritos enquanto Jack Rangely pressionava as mãos grandes contra as têmporas da cabeça de Halstead, mantendo-a quieta. Os gritos ressoaram e ecoaram no armazém abandonado. O amplo espaço vazio funcionava como um amplificador natural. Halstead assemelhava-se a um cantor

de ópera a fazer exercícios de aquecimento da voz numa noite de estreia.

- Estou de volta - afirmou Machine.

Halstead cerrou os olhos com força, mas de nada valeu.

A pequena haste de aço deslizou com facilidade através da p lpebra esquerda e, com um leve estampido, perfurou o globo ocular que se encontrava por detr s. Um líquido viscoso e gelatinoso começou a escorrer.

- Estou de volta dos mortos e não pareces nem um pouco feliz por me veres, seu filho da mãe ingrato.

A Caminho da Babilónia de George Stark

Um

AS PESSOAS VŽo FALAR

1

O n£mero de 23 de Maio da revista People era bastante típico.

A capa era adornada pela Celebridade Morta da semana, uma estrela de rock'n roll que se enforcara na cela de uma cadeia depois de ter sido presa por posse de cocaína e diversas outras drogas leves. O interior apresentava o "sortido" habitual: nove crimes sexuais por resolver na deserta zona ocidental do estado do Nebrasca; um guru de comida vegetariana que fora preso por pornografia infantil;

uma dona de casa de Maryland que cultivara uma abóbora que se assemelhava um pouco ao busto de Jesus Cristo - isto era, se se olhasse para a abóbora com os olhos semicerrados e numa sala pouco iluminada; uma ousada rapariga paraplégica que se treinava para a prova de ciclismo "Bike-A-Thon" da Big Applel; um divórcio de Hollywood; um casamento da fina-flor de Nova Iorque; um praticante de luta livre em recuperação de um ataque cardíaco; um cómico que lutava na justiça por uma pensão de alimentos após o divórcio.

Havia ainda a história de um empres rio do estado do Ut que estava a comercializar uma boneca novinha em folha, a £ltima novidade do mercado, chamada "Ol Mama!

Ol Mama!" que, supostamente, se assemelhava … "sogra preferida (?) de qualquer um". A boneca tinha um gravador incorporado que

proferia, com violência, frases típicas de um di logo como "Querida, na minha casa, quando ele estava a crescer, o jantar nunca ficava frio" e "Quando venho passar duas semanas, o teu irmão nunca age, como se eu tivesse um h lito nauseabundo." No entanto, o verdadeiro disparate era que, em vez de se puxar uma corda nas costas da "Ol Mama!" para esta começar a falar, era preciso dar um pontapé no raio da coisa com toda a força.

"A Ol Mama! é almofadada, inquebr vel e não esburaca paredes nem mobília. E vem com garantia", afirmava o orgulhoso inventor, o Sr. Gaspard Wilmot (que, mencionava o artigo de passagem, fora em tempos acusado de evasão fiscal, tendo as acusações sido postas de lado).

E na trigésima terceira p gina deste n£mero divertido e informativo da primeira revista americana em termos de divertimento e informação, surgia uma p gina cujo título era típico da People: poderoso, vigoroso e mordaz. BIO, assim se chamava.

- A People - disse Thad Beaumont … mulher, Liz, sentados lado a lado na mesa da cozinha, lendo o artigo em conjunto pela segunda vez - gosta de ir direita ao assunto.

B10. Se não quiseres uma B10', passa para IN TROUBLE2 e lê tudo sobre as raparigas que estão a ser mortas e congeladas no coração do Nebrasca.

- Quando se pensa a sério nisso, não tem piada nenhuma - replicou Liz Beaumont, tendo acabado por deitar tudo por terra ao abafar uma risadinha num dos punhos fechados.

- Não é ah ah, mas é certamente peculiar - disse Thad, começando a folhear de novo o artigo. Enquanto assim fazia, coçava distraído a pequena cicatriz branca no alto da testa.

Tal como a maioria das BIOS da People, este era o artigo na revista onde se atribuía mais espaço …s palavras do que …s fotografias.

- Est s arrependido de o ter feito? - perguntou Liz, com um dos ouvidos em alerta para os gémeos. Porém, até agora, eles estavam a portar-se lindamente, a dormir como uns anjinhos.

- Em primeiro lugar - respondeu Thad - eu não fiz nada. Nós fizemos. Todos por um e um por todos, lembras-te? - Thad bateu ao de leve numa fotografia na segunda p gina do artigo, que mostrava a esposa

a oferecer-lhe uma caixa com bolinhos de chocolate, enquanto Thad se encontrava sentado diante da m quina de escrever, com uma folha de papel enrolada sob o cilindro. Era impossível ler aquilo que estava escrito no papel, se é que estava escrita alguma coisa. Provavelmente, tanto melhor, porque só poderia ser um palavreado sem sentido. Para Thad, escrever sempre fora sinónimo de trabalho rduo, não sendo o género de coisa que conseguisse fazer em p£blico - sobretudo se um dos membros desse p£blico era um fotógrafo para a revista People. Para George, fora muito mais f cil, mas para Thad Beaumont era extraordinariamente mais difícil. Liz não se aproximava de Thad sempre que este estava a tentar escrever (e, por vezes, acabava mesmo por consegui-lo).

Nunca Lhe levava telegramas, quanto mais bolinhos de chocolate.

- Sim, mas...

- Em segundo lugar...

Thad fitou a fotografia de Liz com os bolinhos de chocolate e onde ele olhava para ela. Ambos estavam a fazer um sorriso forçado. Estes sorrisos são verdadeiramente singulares no rosto de pessoas que, apesar de agrad veis, são parcimoniosas a oferecer o que quer que fosse, mesmo coisas tão banais como sorrisos. Thad recordou a época que passara como guia de trilhos dos Apalaches, nos estados do Maine, New Hampshire e Vermont. Naquela época obscura, possuía um guaxinim como animal de estimação, de nome John Wesley Harding. Não que ele tivesse feito qualquer tentativa para domesticar John; o guaxinim tinha-se, pura e simplesmente, apaixonado por ele. Também o velho J. W. gostava do seu golezinho nas noites frias e, por vezes, quando bebia mais do que a dose habitual da garrafa, o guaxinim sorria daquela maneira.

- Em segundo lugar o quê?

"em segundo lugar, h algo de estranho no facto de um escritor, em tempos nomeado para o National Book Award', e de a sua mulher sorrirem um para o outro como um par de guaxinins bêbedos", pensou ele, não conseguindo conter uma gargalhada, que saiu do mais fundo de si.

- Thad, vais acordar os gémeos!

Sem muito êxito, Thad tentou abafar o ataque de riso.

- Em segundo lugar, parecemos um par de idiotas e não me importo nada - afirmou ele, abraçando-a com força e beijando-a na

concavidade da garganta.

No outro quarto, William começou a chorar, sendo seguido por Wendy.

Liz tentou olhar para ele de modo reprovador, mas não conseguiu. Era bom de mais ouvi-lo rir. Bom, talvez, porque ele nunca ria o suficiente. Para ela, o som do riso de Thad tinha um encanto estranho e exótico. Thad Beaumont nunca fora um homem de muitas gargalhadas.

- Culpa minha - disse ele. - Eu vou l busc -los.

Žo levantar-se, Thad chocou contra a mesa e quase a deitou a baixo. Apesar de ser um homem cuidadoso, era peculiarmente desajeitado; aquela parte do rapaz que Thad fora em tempos ainda vivia dentro dele.

Liz conseguiu apanhar o jarro de flores que dispusera como centro de mesa exactamente antes de este escorregar até … beira da mesa e estatelar-se no chão.

- Francamente, Thad! - exclamou Liz. Mas também ela começou a rir.

Thad voltou a sentar-se por um instante. Apesar de não pegar propriamente na mão dela, acariciou-a entre as suas duas mãos.

- Ouve, amor, importas-te?

- Não - respondeu. Por breves momentos, Liz ponderou se devia acrescentar "No entanto, não me sinto … vontade. Não porque pareçamos um pouco tontos mas porque... bem, não sei porquê. Só sei que me faz sentir pouco … vontade".

Pensou mas não o disse. Era pura e simplesmente bom de mais ouvi-lo rir. Liz agarrou numa das mãos dele, apertando-a ao de leve.

- Não - afirmou ela. - Não me importo. Acho que é divertido.

E se toda esta publicidade ajudar O Cão Dourado quando finalmente decidires p“r mãos … obra e acabares o raio da coisa, melhor ainda.

Liz levantou-se, empurrando-o para baixo pelos ombros quando ele tentou juntar-se a ela.

- Da próxima vez, vais l tu busc -los - disse. - Quero que fiques sentado exactamente onde est s até que o teu ímpeto subconsciente de

destruir o meu jarro acabe por passar.

- Sim, senhora - replicou, sorrindo. - Amo-te, Liz.

- Também te amo.

Liz foi buscar os gémeos e Thad Beaumont recomeçou a folhear a sua B10.

Žo contr rio da maioria dos artigos da People, a B10 de Thaddeus Beaumont começava não com uma fotografia de p gina inteira mas com uma outra que ocupava menos de um quarto da p gina. Independentemente disso, chamava a atenção pelo facto de o homem da tipografia, com uma certa queda para o invulgar, ter debruado a preto a imagem, que mostrava Thad e Liz num cemitério. Em baixo, as linhas dactilografadas sobressaíam num contraste quase brutal.

Na fotografia, Thad empunhava uma p e Liz uma picareta.

Num dos lados, encontrava-se um carrinho de mão, contendo no seu interior outros utensílios próprios de um cemitério. Apesar de a campa propriamente dita se encontrar coberta de diversos ramos de flores, a l pide em si era perfeitamente legível.

GEORGE STARK 1975-1988 Não era um tipo muito simp tico Num contraste quase grosseiro com o local e o acto aparente (o enterro recém-terminado daquele que deveria ter sido, de acordo com as datas, um rapaz no início da adolescência), estes dois falsos coveiros apertavam as mãos livres sobre os torrões de relva acabadinhos de colocar - e riam alegremente.

Claro que se tratava de uma pose. Todas as fotografias que acompanhavam o artigo - o enterro do corpo, o oferecimento dos bolinhos de chocolate, e Thad a vaguear solitariamente como uma nuvem baixa no caminho por entre as matas abandonadas de Ludlow - tinham sido encenadas.

Era divertido. Nos £ltimos cinco anos, Liz tinha vindo a comprar a People no supermercado, e ambos faziam pouco da revista. No entanto, também ambos a folheavam, … vez, no supermercado, ou possivelmente na casa de banho se não houvesse nenhum livro bom … mão. De tempos a tempos, Thad especulava sobre o êxito da revista, perguntando-se se seria a devoção da mesma aos pormenores escabrosos das pessoas célebres que a tornava tão peculiarmente interessante, ou apenas o modo como estava

disposta, com todas aquelas fotografias enormes a preto e branco e o texto a negrito, constituído na sua maioria por simples frases afirmativas. No entanto, nunca Lhe passara pela cabeça perguntar-se se as fotografias seriam encenadas.

O fotógrafo fora uma mulher chamada Phyllis Myers.

Phyllis informou Thad e Liz que tirara uma série de fotografias de ursinhos de pel£cia em caixões para crianças, com todos os ursos vestidos com roupas de crianças. Ela esperava vendê-las sob a forma de um livro a uma das grandes editoras de Nova Iorque. Só no segundo dia da sessão de fotos-e-entrevista é que Thad se apercebeu de que a mulher o estava a sondar sobre a possibilidade de escrever um texto. A Morte e os Ursinhos de Pel£cia, afirmava ela, seria "o coment rio final e perfeito sobre a forma tipicamente americana de morrer, não acha, Thad?"

‘ luz dos seus interesses bastante macabros, Thad admitira que não era de todo surpreendente o facto de aquela mulher Myers ter encomendado a l pide de George Stark e de a ter trazido com ela desde Nova Iorque. Era feita de papier-machê.

- Não se importam de apertar as mãos em frente disto, pois não? - perguntara Phyllis com um sorriso nos l bios que era, ao mesmo tempo, lisonjeiro e complacente. - Vai ficar uma foto maravilhosa.

Liz olhara para Thad, interrogando-o, um pouco chocada.

De seguida, os dois tinham olhado para a l pide falsa que viera da cidade de Nova Iorque (sede de todo o ano da revista People) até Castle Rock, no estado do Maine (casa de Verão de Thad e Liz Beaumont), com um misto de espanto e admiração perplexa. Era da inscrição que os olhos de Thad não se conseguiam desviar.

Não era um tipo muito simp tico No essencial, a história que a People queria contar aos infatig veis fas das celebridades da América era bastante simples. Thad Beaumont era um escritor bem visto, cujo primeiro romance, Os Dançarinos Inesperados, fora nomeado para o National Book Award em 1972. Este tipo de coisa tinha algum peso na crítica liter ria, mas os infatig veis fas das celebridades da América estavam-se absolutamente nas tintas para Thad Beaumont, que, desde essa altura, só publicara um outro romance com o seu nome.

O homem que interessava realmente a muitos deles não era, afinal

de contas, um homem real. Thad escrevera um enorme best-seller e três outros romances extremamente bem sucedidos logo de seguida sob um outro nome. O nome, est claro, era George Stark.

Jerry Harkavay, que constituía todo o pessoal de Waterville da Associated Pressl, fora o primeiro a vir a lume com a história de George Stark depois de o agente de Thad, Rick Cowley, a ter dado a conhecer a Louise Booker, da Publishers Weekly, com a aprovação de Thad. Nem Harkavay nem Booker tinham conseguido a história toda. Por um lado, Thad era inflexível quanto a nem sequer fazer uma alusão …quele imbecil de modos melífluos do Frederick Clawson. Ainda assim, não deixava de ser bastante bom alcançar uma maior tiragem do que aquela que quer o serviço noticioso da AP quer o mercado de revistas da ind£stria de livros publicados alguma vez conseguiriam proporcionar.

Clawson, dissera Thad a Liz e a Rick, não era a história:

ele era apenas o idiota que estava a forç -los a tornarem a história p£blica.

No decurso daquela primeira entrevista, Jerry inquirira-o sobre o género de tipo que era George Stark. "George", replicara Thad, "não era um tipo muito simp tico." A citação fora colocada no início do artigo de Jerry, tendo dado …quela mulher Myers a inspiração para encomendar, de facto, uma l pide falsa com essa mesma frase gravada. Mundo esquisito. Mundo, mundo esquisito.

Subitamente, Thad rebentou novamente de riso.

2

No campo a negro por debaixo da fotografia de Thad e de Liz num dos melhores cemitérios de Castle Rock, surgiam duas linhas dactilografadas a branco.

"O ente querido desaparecido era extremamente intimo destas duas pessoas", dizia a primeira.

"eNTŽo, PORQUE ESTŽo ELAS A RIR?"- interrogava a segunda.

- Porque o mundo é um lugar terrivelmente estranho - afirmou Thad Beaumont, soltando uma gargalhada que tentou abafar com uma mão fechada.

Liz Beaumont não era a £nica que se sentia pouco … vontade com esta peculiar explosãozinha de publicidade. Ele próprio também se sentia pouco … vontade. Mesmo assim, Thad não conseguia cessar de rir. Parava por alguns segundos, mas sempre que os olhos pousavam de novo naquela linha ("Não era um tipo muito simp tico"), uma nova enxurrada de gargalhadas ruidosas irrompia de dentro dele.

Tentar parar era como procurar tapar os buracos de uma barragem de barro mal construída: mal se conseguia parar uma fuga, logo uma nova surgia num outro ponto qualquer.

Thad suspeitava que havia algo de errado com um riso tão incontrolado: era uma forma de histeria. Sabia que só muito raramente é que a boa disposição tinha alguma coisa a ver com tais ataques, se é que alguma vez chegava a ter. Com efeito, a causa tinha tendência para ser algo que era exactamente o oposto do engraçado.

Provavelmente, era algo a temer.

"est s com medo do raio de um artigo na revista People? • nisso que est s a pensar? Burro! Com medo de ficar envergonhado, que os teus colegas do Departamento de Inglês olhem para estas fotografias e pensem que perdeste de vez os poucos pirolitos que ainda tinhas?"

Não. Ele nada tinha a temer dos colegas, nem mesmo daqueles que j l estavam desde a época em que os dinoss urios caminhavam pela Terra. Finalmente, fora reconhecido, e tinha também dinheiro suficiente para viver a vida como por favor, toque de trombetas! - um escritor a tempo inteiro, se assim o desejasse (Thad não tinha a certeza se era isso que queria; apesar de não se preocupar muito com os aspectos burocr ticos e administrativos da vida universit ria, ele até gostava de ensinar). Também nada havia a temer porque h j alguns anos que deixara de dar muita import*f*ncia ao que os colegas pensavam dele. Ele dava, sim, import*f*ncia ao que os amigos pensavam, e em alguns casos, os seus amigos, os amigos da Liz, e os amigos em comum acabavam por ser seus colegas. No entanto, Thad acreditava que estas pessoas tinham também tendência para pensar que tudo isto era engraçado.

Se havia algo a temer, era...

"P ra", ordenou-lhe o espírito no tom seco e severo, habitualmente respons vel pela palidez e silêncio até do aluno mais ruidoso das turmas de caloiros de Inglês. "P ra imediatamente com esse disparate. " De nada

valia. Por mais eficaz que pudesse ser quando utilizada para com os seus alunos, esta voz não exercia qualquer poder sobre o próprio Thad.

Thad tornou a baixar a cabeça e a fitar a fotografia e, desta vez, os olhos não prestaram qualquer atenção ao seu rosto e ao da sua mulher, a fazerem caretas disparatadas um ao outro como dois mi£dos num ritual de iniciação.

GEORGE STARK 1975-1988 Não era um tipo muito simp tico Era isso que o punha pouco … vontade.

Aquela l pide. Aquele nome. Aquelas datas. Acima de tudo, aquele epit fio impertinente, que o fazia rir …s gargalhadas, mas que, por alguma razão, por debaixo desse riso, nada tinha de engraçado.

Aquele nome.

Aquele epit fio.

- Não interessa - sussurrou Thad. - O filho da mãe j morreu.

Mas a apreensão não desaparecia.

Quando Liz voltou com os dois gémeos, cada um enroscado num braço, de fraldas mudadas e j vestidos, Thad estava de novo debruçado sobre a história.

- Ser que o matei?

Pensativo, Thaddeus Beaumont, aclamado em tempos como o romancista mais promissor da América e nomeado, em 1972, para o National Book Award com a obra Os Dançarinos Inesperados, repete a pergunta.

Parece um pouco perplexo.

- Matei - repete mais uma vez com cuidado, como se esta palavra nunca Lhe tivesse ocorrido... apesar de a sua "metade sombria", como Beaumont chama a George Stark, só pensar praticamente em matar.

Do frasco de boca larga ao lado da sua antiquada m quina de escrever Remington 32, Thad retira um l pis Berol Black Beautyl (na opinião de Beaumont, aquilo que bastava a Stark para escrever) e começa a mordisc -lo ao de leve. Pelo aspecto da outra d£zia de l pis ou mais no frasco, rõer é um h bito.

- Não - diz ele por fim, voltando a colocar o l pis de novo no

frasco. - Não o matei. - Olha para cima e sorri. Apesar de ter trinta e nove anos, quando Beaumont sorri desse modo franco, é f cil ser confundido com um dos seus alunos da universidade. - George morreu de causas naturais.

Beaumont diz que George Stark foi ideia da mulher.

Elizabeth Stephens Beaumont, uma loura descontraída e encantadora, recusa-se a ser a £nica a colher os louros.

- Tudo o que fiz - afirma - foi sugerir que ele escrevesse um romance sob um outro nome para ver o que podia acontecer. Thad estava a passar por um grave bloqueio e precisava de um empurrão. E, - na verdade ri - George Stark esteve sempre presente. J vira sinais dele em algumas das coisas inacabadas que Thad fazia de tempos a tempos. Tratava-se apenas de fazê-lo sair do escuro.

De acordo com muitos dos seus contempor*f*ineos, os problemas de Beaumont iam um pouco mais além de um mero bloqueio típico dos escritores. Pelo menos dois escritores famosos (que recusaram ser directamente citados)

afirmam que, durante aquele período crucial entre o primeiro e o segundo livro, partilharam de uma certa preocupação pela sanidade mental de Beaumont. Um diz acreditar que Beaumont talvez tenha tentado suicidar-se após a publicação de Os Dançarinos Inesperados, que Lhe trouxe um maior reconhecimento por parte dos críticos do que direitos de autor.

Quando indagado sobre se alguma vez pensara em suicidar-se, Beaumont limita-se a abanar a cabeça e a afirmar: "Que ideia tão est£pida. O verdadeiro problema não era a aceitação por parte do p£blico, era o bloqueio sentido.

E a causa de morte dos escritores mortos é precisamente essa."

Entretanto, Liz Beaumont continuou a exercer um certo lobby - nas palavras do próprio Beaumont - a favor da ideia do pseudónimo.

- Ela dizia que, caso quisesse, esta era a oportunidade que eu tinha para, por uma vez na vida, me divertir … grande.

Escrever qualquer coisa que me viesse … cabeça sem ter o New York Times Book Review sempre … perna durante todo o tempo em que estivesse a escrever. Ela dizia que eu podia sempre escrever um

western, uma história de mistério ou de ficção científica. Ou que podia até escrever um romance policial. - Thad Beaumont sorri de forma irónica. - Creio que ela deixou esse para £ltimo lugar de propósito. Ela sabia que eu tinha andado …s voltas com umas ideias para um romance policial, apesar de não ter conseguido dar-lhes a forma que queria.

"Para mim, a ideia de um pseudónimo tinha este chamariz engraçado. De certa forma, transmitia a sensação de liberdade, como um alçapão secreto para onde pudesse escapar, se é que me entende.

"Mas também havia algo mais. Algo que é muito difícil de explicar.

Beaumont estica uma mão na direcção dos l pis Berol cuidadosamente afiados e colocados no frasco e, de seguida, afasta-a. Olha na direcção da vidraça da parede na parte de tr s do seu escritório, com vista para uma Primavera magnífica de rvores verdejantes.

- Pensar em escrever sob um pseudónimo era como pensar em ser invisível - acaba finalmente por declarar, quase hesitante. - Quanto mais brincava com a ideia, mais sentia que estaria... bem... que estaria a reinventar-me.

A mão escapa-se e, desta vez, consegue surripiar um dos l pis do frasco enquanto o seu espírito se encontra algures a vaguear.

Thad virou a p gina e, de seguida, olhou para os gémeos sentados na cadeira alta de dois lugares. Os gémeos rapaz e rapariga eram grandes companheiros... ou o irmão e a irma tinham uma grande ligação, se não se desejava ser considerado um machista e um porco chauvinista relativamente a esse assunto. No entanto, Wendy e William eram o mais possível idênticos sem serem idênticos.

A beber o biberão, William riu para Thad.

A beber o biberão dela, também Wendy riu para Thad, embora exibisse um acessório que o irmão ainda não possuía: um £nico dente próximo da frente, que nascera sem dores algumas, tendo-se limitado a rebentar a superfície da gengiva de forma tão silenciosa quanto o periscópio de um submarino a perfurar a superfície do oceano.

Wendy afastou uma mãozinha rechonchuda do biberão de pl stico. Abriu-a, mostrando a palma rosada limpa.

Fechou-a. Abriu-a. Um aceno … Wendy.

Sem olhar para ela, William afastou uma das suas mãozinhas do seu biberão, abriu-a, fechou-a, e tornou a abri-la. Um aceno … William.

Solenemente, Thad levantou uma das mãos da mesa, abriu-a, fechou-a, e tornou a abri-la.

Os gémeos riram com a boca nos biberões.

Thad tornou a baixar a cabeça e a fitar a revista. "Ah, People", pensou ele, "onde é que est vamos e o que é que faríamos sem ti? Este é modo americano de viver, minha gente."

Como era evidente, o escritor expusera toda a roupa suja que havia a expor - sobretudo, a grande mancha escura de quatro anos depois de Os Dançarinos Inesperados não ter ganho o NBA - mas isso j era de esperar, e ele próprio não ficara muito incomodado com toda essa exposição.

Por um lado, nem era assim tão suja e, por outro, Thad sempre sentira que era mais f cil viver com a verdade do que com uma mentira. Pelo menos a longo prazo.

O que, est claro, levantava a questão de se saber se a revista People e "a longo prazo" teriam sequer alguma coisa a ver um com o outro. Enfim! Agora, j era tarde de mais.

Mike era o nome do tipo que escrevera o artigo. Pelo menos disso Thad lembrava-se. Mas Mike quê? A não ser que se fosse um conde a coscuvilhar sobre a realeza ou uma estrela de cinema a coscuvilhar sobre outras estrelas de cinema, sempre que se escrevia para a People, o nome do autor só aparecia no final do artigo. Thad teve de folhear quatro p ginas (duas das quais com an£ncios de p gina inteira)

para descobrir o nome: Mike Donaldson. Ele e Mike tinham ficado a pé até tarde, a dizerem disparates um ao outro, e quando Thad perguntara ao homem se alguém realmente se importava com o facto de ter escrito quatro livros sob um outro nome, Donaldson respondera algo que levara Thad a soltar uma forte gargalhada. "Os estudos feitos mostram que a maior parte dos leitores da People têm uns narizes extremamente estreitos, o que faz com que tenham dificuldades em tirar macacos do nariz. Assim, tiram todos os macacos que podem dos narizes das outras pessoas.

Eles vão querer saber tudo sobre o seu amigo, George."

ele não é meu amigo", replicara Thad, ainda a rir.

De seguida, perguntou a Liz, que se tinha dirigido para o fogão:

- Est tudo bem, amor? Precisas de alguma ajuda?

- Estou bem - respondeu ela. - Estou só a preparar alguma coisa para os mi£dos comerem. Ainda não te fartaste de ti próprio?

- Ainda não - replicou Thad impudentemente, embrenhando-se de novo no artigo.

- Na verdade, a parte mais complicada foi inventar um nome - continua Beaumont, a mordiscar ligeiramente o l pis.

- Mas era importante. Eu sabia que podia resultar. Sabia que podia ultrapassar o bloqueio com que me debatia... se tivesse uma identidade. A identidade correcta, uma que fosse separada da minha.

Como é que ele escolheu George Stark?

- Bem, existe um escritor de policiais chamado Donald E.

Westlake - explica Beaumont. - E sob o seu verdadeiro nome, Westlake usa a capa do romance policial para escrever umas comédias sociais extremamente engraçadas sobre o modo de vida americano e os h bitos americanos. "Contudo, do início dos anos sessenta até cerca de meados dos anos setenta, Westlake escreveu uma série de romances sob o nome de Richard Stark, e esses livros são muito diferentes. São sobre um homem chamado Parker que é um ladrão profissional. Parker não tem passado nem futuro e, nos melhores livros, não partilha também de quaisquer outros interesses além do roubo.

"Seja como for, por razões que ter de perguntar a Westlake, este deixou de escrever romances sobre o Parker. Todavia, nunca esqueci uma coisa que Westlake afirmou depois de o pseudónimo ter desaparecido. Westlake disse que, nos dias soalheiros, era ele quem escrevia livros e que, nos dias chuvosos, era Stark quem assumia o comando.

Aquilo agradou-me porque, para mim, aqueles eram dias chuvosos, entre mil novecentos e setenta e três e o início de mil novecentos e setenta e cinco.

"No melhor desses romances, Parker é mais um rob"

assassino do que um homem. O ladrão roubado é um tema bastante recorrente em todos esses livros.

E Parker passa por cima dos maus (quer dizer, dos outros maus), exactamente como um rob“ que foi programado com um £nico objectivo. "Quero o meu dinheiro", diz ele, e é praticamente tudo aquilo que diz.

"Quero o meu dinheiro, quero o meu dinheiro." Isto não Lhe faz lembrar alguém?

O entrevistador acena a cabeça. Beaumont est a descrever Alexis Machine, a personagem principal do primeiro e do £ltimo romances de George Stark.

- Se A Vontade de Machine tivesse terminado do modo como eu o começara, tê-lo-ia enfiado numa gaveta para sempre - afirma Beaumont. - Public -lo seria um pl gio. Mas, a um quarto do romance, o livro descobre o seu próprio ritmo, e tudo se encaixa no lugar.

O entrevistador pergunta se Beaumont est a tentar dizer que, após ter passado um bom tempo a trabalhar no livro, George Stark acordou e começou a falar.

- Sim - responde Beaumont. - • mais ou menos isso.

Thad olhou para cima, quase a soltar de novo uma gargalhada, apesar de todo o esforço envidado. Os gémeos viram-no a sorrir e retribuíram-lhe o sorriso com a boca cheia de puré de ervilhas com que Liz Lhes estava a dar de comer. O que ele realmente dissera, tal como Thad se recordava, fora: "Meu Deus, que melodram tico! Até parece aquela cena do Frankenstein em que o relampago acaba finalmente por atingir a antena na ameia mais alta do castelo e d vida ao monstro!"

- Enquanto não parares com isso, não vou conseguir acabar de Lhes dar de comer - advertiu Liz, com uma manchinha de puré de ervilhas na ponta do nariz. Thad sentiu um impulso absurdo de a beijar para limpar esse restinho.

- Parar com quê?

- Tu ris-te, eles riem-se. Thad, é impossível dar de comer a um bebé a rir.

- Desculpa - respondeu ele de forma humilde, tendo piscado os olhos aos gémeos. Por um instante, os seus sorrisos idênticos orlados a verde abriram-se.

De seguida, Thad baixou os olhos e continuou com a leitura.

- Iniciei A Vontade de Machine numa noite de mil novecentos e setenta e cinco. Inventei o nome, mas havia uma outra coisa. Quando me senti preparado para começar, enfiei uma folha de papel na m quina de escrever...

e, depois, tornei a tir -la logo de seguida. Escrevi todos os meus livros … m quina, mas, aparentemente, George Stark não era apologista de m quinas de escrever. - O sorriso lampeja de novo por breves instantes: - Talvez porque eles não tivessem aulas de dactilografia em nenhum dos hotéis de pedra onde ele cumpriu uma pena de prisão.

Beaumont est a referir-se … "biografia da contracapa" de George Stark, que diz que o autor tem trinta e nove anos e que cumpriu pena em três prisões diferentes por acusações de fogo posto, ataque com arma branca e ataque com intenção de homicídio. Contudo, a biografia da contracapa constitui apenas parte da história;

Beaumont apresenta igualmente uma nota sobre o autor da Darwin Press, que pormenoriza a história do seu alter ego com todos os pormenores escrupulosos que só um bom romancista conseguiria criar a partir do nada.

Do seu nascimento em Manchester, estado de New Hampshire, … sua morada final em Oxford, estado do Mississípi, est l tudo, excepto o enterro de George Stark h seis semanas atr s no Cemitério de Homeland em Castle Rock, estado do Maine.

- Encontrei um velho bloco de notas numa das gavetas da minha secret ria, e usei estes aqui. - Beaumont aponta na direcção do frasco dos l pis, deixando transparecer uma ligeira surpresa quando verifica que est a segurar um deles na mão que utiliza para apontar.

- Comecei a escrever e só me dei conta do tempo quando Liz me veio dizer que j era meia-noite e perguntou se não me iria deitar.

Liz Beaumont tem as suas próprias recordações dessa noite. Afirma:

- Acordei …s onze e quarenta e cinco e vi que ele ainda não se tinha deitado e pensei: "Bem, est a escrever."

Mas, como não ouvia a m quina de escrever, fiquei um pouco assustada.

O seu rosto sugere que deve ter sido mais do que apenas um

pouco.

- Quando desci as escadas e vi Thad a rabiscar naquele bloco de notas, não queria acreditar nos meus olhos. - D uma gargalhada. - O nariz dele estava praticamente colado ao papel.

O entrevistador pergunta se Liz ficou aliviada.

Num tom cuidadoso e comedido, Liz Beaumont responde:

- Muito aliviada.

- Folheei o bloco de notas e vi que escrevera dezasseis p ginas sem uma £nica emenda - afirma Beaumont - e que transformara três quartos de um l pis novinho em folha em aparas afiadas. - Com uma expressão que podia ser tanto melancólica como de boa disposição disfarçada, Thad fita o frasco: - Agora que George j morreu, creio que devo deitar fora estes l pis. Eu próprio não os utilizo. Tentei. Só que não funciona. Eu não consigo trabalhar sem uma m quina de escrever. As minhas mãos ficam cansadas e entorpecidas.

"As de George nunca ficavam.

Thad olha para cima e lança uma enigm tica piscadela de olhos.

- Querida? - Thad olhou para a mulher, que se encontrava concentrada a dar de comer as £ltimas ervilhas a William. O mi£do parecia estar a desperdiçar bastantes no babete.

- O que é?

- Olha para aqui por um segundo.

Foi o que ela fez.

Thad piscou-lhe o olho.

- Tinha uma expressão enigm tica?

- Não, querido.

- Bem me parecia que não.

O resto da história constitui um outro capítulo irónico na história mais longa daquilo a que, na opinião de Thad Beaumont, "as pessoas esquisitas chamam romance".

A Vontade de Machine foi publicado em Junho de 1976, pela

pequeníssima Darwin Press (o "verdadeiro"

eu de Beaumont fora publicado pela Dutton), tendo-se tornado no grande êxito-surpresa daquele ano, subindo até ao n£mero um da lista dos livros mais vendidos, de uma costa … outra dos Estados Unidos. Foi também transformado num filme de grande êxito de bilheteiras.

- Durante muito tempo, esperei que alguém descobrisse que eu era George e que George era eu - confessa Beaumont. - Os direitos de autor foram registados no nome de George Stark, mas o meu agente sabia, a mulher dele (agora, é a ex-mulher mas ainda uma sócia de pleno direito no negócio) e, est claro, os directores e o tesoureiro da Danvin Press também sabiam. Este tinha de saber porque, apesar de escrever os romances … mão, George tinha um pequeno problema quando se tratava de endossar cheques. E, como é óbvio, o fisco tinha de saber. Assim, eu e a Liz pass mos cerca de um ano e meio … espera que alguém batesse com a língua nos dentes, o que não aconteceu. Acho que foi mera sorte, e só prova que, quando pensamos que alguém tem mesmo de ser indiscreto, todas as pessoas se calam.

E continuaram caladas nos dez anos seguintes, enquanto o esquivo Sr. Stark, um escritor bem mais prolífico do que a sua outra metade, publicou três outros romances.

nenhum deles chegou a repetir o êxito retumbante de A Vontade de Machine, embora todos eles tivessem subido em flecha nas listas dos livros mais vendidos.

Após uma longa e ponderada pausa, Beaumont recomeça a falar sobre as razões que acabaram por lev -lo a desmascarar a lucrativa charada.

- Não nos podemos esquecer de que, afinal de contas, George Stark não passava de uma personagem de papel. Durante um bom pedaço de tempo gostei dele...

e, raios partam, o tipo estava a fazer dinheiro. Chamo-lhe o meu dinheiro "vão-se f...". Só de saber que, se quisesse, podia deixar o ensino e liquidar a hipoteca teve um efeito extremamente libertador em mim.

"Mas queria voltar a escrever de novo os meus livros, e Stark estava a deixar de ter coisas para contar.

Foi tão simples quanto isso. Eu soube-o, Liz soube-o, o meu agente

soube-o... penso que até o editor de George na Darvin Press o soube. Mas se tivesse mantido segredo, a tentação de escrever um outro romance de George Stark acabaria por ser demasiado grande para mim. Sou tão vulner vel ao som do dinheiro como qualquer outro. A solução parecia ser espetar uma estaca no seu coração e acabar com tudo de uma vez por todas.

"Por outras palavras, p"r tudo a descoberto, que foi aquilo que fiz. E, de facto, é aquilo que estou a fazer neste preciso momento.

Thad desviou o olhar do artigo e olhou para cima, com um sorrisinho a bailar-lhe nos l bios. De repente, a sua perplexidade perante as fotografias encenadas da People pareceu-lhe um pouco hipócrita, um pouco afectada, porque, na verdade, os fotógrafos da revista não eram os £nicos que, por vezes, planeavam as coisas de forma a que as fotografias saíssem como os leitores desejavam e esperavam.

Thad imaginou que a maior parte dos entrevistados também assim procedia, em maior ou menor grau. Mas pensou que ele poderia ter sido um pouco melhor a planear as coisas do que alguns; afinal de contas, ele era um romancista... e um romancista era, pura e simplesmente, um indivíduo pago para contar mentiras. Quanto maiores fossem as mentiras, maior seria o pagamento.

"Stark estava a deixar de ter coisas para contar. Foi tão simples quanto isso."

Tão directo.

Tão decisivo.

Tão cheio de bazófia.

- Querida?

- Hum?

Liz tentava limpar Wendy, que não estava l muito contente com a ideia. Não parava de virar a cara de um lado para o outro, palrando com indignação, e Liz continuava a tentar limp -lo com um pano. Thad pensou que a mulher acabaria por apanh -la, apesar de admitir que havia sempre a hipótese de ela se cansar primeiro. Parecia que Wendy também considerava essa possibilidade.

- Ser que fizemos mal em ter mentido acerca do papel

de Clawson em tudo isto?

- Nós não mentimos, Thad. Limit mo-nos a deixar o nome dele de fora.

- E ele era um imbecil, certo?

- Não, querido.

- Não era?

- Não - respondeu Liz, serenamente, começando a limpar o rosto de William. - Ele era um nojento de um patifezóide.

Thad resfolegou:

- Um patifezóide?

- Exactamente. Um patifezóide.

- Creio que é a primeira vez que ouço esse termo tão particular.

- Vi-o na caixa de uma cassete de vídeo na semana passada, quando estava na loja da esquina … procura de um filme para alugar. Um filme de terror chamado Os Patifezóides.

E pensei "Fant stico. Alguém fez um filme sobre Frederick Clawson e a sua família. Tenho de contar ao Thad." Mas esqueci-me, até hoje.

- Portanto, não tens quaisquer problemas quanto a esse ponto?

- Problema nenhum - replicou ela. Com a mão a segurar o pano, Liz começou por apontar para Thad e, de seguida, para a revista aberta sobre a mesa. - Thad, j ganhaste tudo o que tinhas a ganhar com isto. A People também. Quanto ao Frederick Clawson, ganhou merda... que é exactamente aquilo que ele merece.

- Obrigado - disse ele.

Liz encolheu os ombros:

- Tudo bem. Thad, por vezes sofres de mais.

- • esse o problema?

- Sim, todo o problema... William, francamente!

Thad, se me pudesses dar aqui uma ajuda...

Thad fechou a revista e levou Will para o quarto dos gémeos,

atr s de Liz, que carregava Wendy. O bebé rechonchudo era quente e agradavelmente pesado, com os braços lançados ao acaso em redor do pescoço de Thad, enquanto ia arregalando os olhos a tudo com o seu interesse habitual.

Liz deitou Wendy num dos resguardos; Thad deitou Will no outro. Trocaram as fraldas molhadas por outras secas, com Liz a mexer-se um pouco mais depressa do que Thad.

- Bem - afirmou Thad - aparecemos na revista People e não se fala mais no assunto. Est bem?

- Sim - anuiu ela, sorrindo. No entanto, havia algo naquele sorriso que, na opinião de Thad, não parecia ser muito verdadeiro. Porém, ao lembrar-se do seu próprio ataque esquisito de riso, Thad decidiu não pensar mais nisso.

Havia alturas em que ele pura e simplesmente não tinha a certeza das coisas - era uma espécie de correlativo mental da sua falta de jeito física - e então embirrava com Liz. Só muito raramente é que ela reagia mal a isso, mas, por vezes, sempre que ele exagerava, Thad conseguia vislumbrar um lampejo de cansaço nos seus olhos. Que dissera ela? "Thad, por vezes sofres de mais."

Thad apertou a fralda de Will com o alfinete-de-ama, mantendo o antebraço sobre a barriga do bebé coleante, mas alegre, enquanto desempenhava a sua tarefa, de forma a que Will não rolasse para fora do resguardo e se matasse, como parecia estar determinado a fazê-lo.

- Baguir ! - gritou Will.

- Sim, sim - concordou Thad.

- Divit! - berrou Wendy.

Thad acenou com a cabeça.

- Isso também faz sentido.

- Ainda bem que ele morreu - afirmou Liz repentinamente.

Thad olhou para cima. Por um instante, ponderou naquilo que acabara de ouvir, acabando por acenar a cabeça.

Não havia necessidade alguma de especificar quem era ele;

ambos sabiam.

- Sim.

- Nunca gostei muito dele." Que raio de coisa para se dizer sobre o próprio marido", quase retorquiu Thad, acabando por se conter. Não era estranho porque ela não estava a falar sobre ele. Os métodos de escrita de George Stark não tinham constituído a £nica diferença essencial entre eles os dois.

- Eu também não - replicou Thad. - Que temos para o jantar?

Dois

DESFAZER A LIDA DA CASA

1

Nessa noite, Thad teve um pesadelo. Acordou a meio, prestes a desfazer-se em l grimas e a tremer como um cachorrinho que é apanhado na rua durante uma tempestade de rel*f*mpagos. No sonho, George Stark estava com ele, só que George era um agente imobili rio e não um escritor, e estava sempre por detr s de Thad. Por isso, era apenas uma voz e uma sombra.

2

A nota sobre o autor da Darwin Press - redigida por Thad imediatamente antes do início de A Melancolia de Oxford, a segunda criação de George Stark - declarava que Stark guiava uma pick-up GMC de 1976, que só as preces e a pintura de origem impediam que se desconjuntasse.

Contudo, no sonho, eles guiavam um Toronado negro da cor da morte, e foi então que Thad se apercebeu de que se tinha enganado quanto … parte da pick-up. Isto era o que Stark guiava. Este carro f£nebre propulsionado a jacto.

O Toronado tinha a traseira elevada e não se parecia nada com o carro de um agente imobili rio. Assemelhava-se, antes, ao carro que um mafioso de terceira categoria teria para dar as suas voltas. Olhando por cima do ombro, Thad observou o carro … medida que os dois se dirigiam para a casa, que, por alguma razão, Stark Lhe estava a mostrar. ao pensar que iria ver Stark, um pingente de medo lancinante penetrou no seu coração. Só que, agora, Stark estava exactamente por detr s do seu outro

ombro (embora Thad não fizesse a mínima ideia de como ele l tinha ido parar de forma tão r pida e silenciosa), e ele só conseguia vislumbrar o carro, uma tarantula de aço cintilante … luz do sol. No p ra-choques traseiro elevado via-se um autocolante:

"FILHO DA MŽe PRETENSIOSO", dizia. ‘ esquerda e … direita, as palavras eram flanqueadas por uma caveira e uns ossos dispostos em cruz.

A casa para a qual Stark o levara era a sua casa: não a casa de Inverno em Ludlow, não muito longe da universidade, mas o poiso de Verão em Castle Rock. A baía a norte de Castle Lake abria-se sobre as traseiras da casa, e Thad conseguia ouvir o débil som das ondas a enrolarem-se na areia. Uma tabuleta com as palavras PARA VENDA fora afixada no pequeno pedaço de relva do outro lado da entrada que levava … garagem.

- Bela casa, não é? - Stark praticamente sussurrou por detr s do ombro de Thad, numa voz spera mas ainda assim afagadora, como a lambidela de um gato.

- • a minha casa - respondeu Thad.

- Est s muito enganado. O propriet rio desta casa j morreu. Matou a mulher e os filhos e, de seguida, suicidou-se.

P“s um ponto final nisso tudo. Matou e adeusinho. Tinha aquela faceta de temperamento dentro dele. Também não era preciso fazer-se muito esforço para percebermos isso.

Dir-se-ia que era bastante óbvio.

"Ser que isso é para ter graça?", teve Thad a intenção de perguntar - pareceu-lhe muito importante mostrar a Stark que não estava assustado com a presença dele. A razão por que isso era tão importante era porque Thad estava absolutamente aterrorizado. Mas antes de conseguir articular as palavras, uma mão enorme que parecia não ter quaisquer linhas (apesar de ser difícil fazer uma tal afirmação com total certeza porque o modo como os dedos estavam dobrados lançavam uma sombra entrelaçada sobre a palma) j estava a passar por cima do seu ombro e a acenar com um molho de chaves diante do rosto.

Não, a acenar não. Se tivesse sido apenas isso, ele poderia muito bem ter falado, poderia até ter afastado as chaves para o lado de forma a

mostrar quão pouco temia este homem temível que insistia em permanecer atr s de si. Mas a mão estava a levar as chaves na direcção do seu rosto. Thad teve de as agarrar de forma a impedir que estas Lhe fossem bater no nariz.

Thad enfiou uma das chaves na fechadura da porta da frente, uma vastidão de carvalho macio, apenas entrecortada pela maçaneta e por uma aldraba de latão que se assemelhava a um passarinho. A chave rodou com facilidade, o que era estranho, dado que não se tratava de modo algum da chave de uma casa mas da tecla de uma m quina de escrever na extremidade de uma comprida haste de ferro. Todas as outras chaves presas na argola pareciam ser gazuas, do tipo das que são utilizadas pelos ladrões.

Thad segurou na maçaneta e rodou-a. ao fazê-lo, a madeira da porta debruada a ferro enrugou e encolheu-se sobre si mesma, com uma série de explosões tão estrondosas como foguetes. Por entre as rachas novas no meio das t buas surgiu luz. O ar encheu-se de pó. Ouviu-se um estalido agudo como se algo se estivesse a quebrar e uma das peças decorativas das ferragens caiu da porta, estatelando-se … entrada, aos pés de Thad.

Thad entrou.

Thad não queria; preferia ficar no terraço da entrada e discutir com Stark. Mais! Protestar junto dele, perguntar-Lhe por que é que estava a fazer isto, porque entrar na casa era ainda mais assustador do que o próprio Stark. Mas isto era um sonho, um pesadelo, e na sua opinião, a essência dos pesadelos era a falta de controlo. Era como andar numa montanha-russa que, a qualquer momento, podia galgar uma descida e lançar uma pessoa na direcção de uma parede de tijolos, onde morreria de forma tão repugnante como um insecto esmagado com um mata-moscas.

O familiar trio de entrada tornara-se estranho, quase hostil, apenas devido … ausência do tapete cor de tijolo desbotado que Liz ameaçava constantemente que iria substituir... e, apesar de, durante o próprio sonho, isto parecer ser um pormenor de menor import*f*ncia, seria a ele que, mais tarde, Thad continuaria a voltar, talvez porque fosse verdadeiramente aterrorizante - aterrorizante fora do contexto do sonho. Até que ponto é que qualquer vida podia estar segura se o desaparecimento de algo tão insignificante como o tapete da entrada

podia provocar sentimentos tão fortes de separação, desorientação, tristeza e pavor?

O eco dos seus passos no chão de madeira dura não Lhe agradava. O facto de os passos ecoarem pela casa como se o canalha que se encontrava por detr s dele tivesse dito a verdade - que se tratava de uma casa vazia, repleta da dor tranquila da ausência - não era a £nica razão do seu desagrado. Thad não gostava do som porque os seus próprios passos pareciam perdidos e terrivelmente infelizes.

Gostaria de virar as costas e ir-se embora, mas não podia fazer isso. Porque Stark encontrava-se atr s dele e porque, de alguma forma, ele sabia que, neste momento, o outro segurava na mão a navalha de barba com cabo de madrepérola pertencente a Alexis Machine, aquela que a amante deste utilizara no final de A Vontade de Machine para retalhar o rosto do filho da mãe.

Se ele se virasse, George Stark daria um ar da sua graça e executaria alguns passos de dança.

A casa podia muito bem estar sem ninguém, mas, salvo os tapetes (o tapete cor de salmão, que na sala de estar ia de uma parede … outra também desaparecera), as mobílias ainda l estavam todas. Um vaso de flores permanecia em cima da mesinha de pinho na extremidade do vestíbulo, onde se podia continuar em frente, em direcção … sala de estar, com o seu tecto de pé alto e parede de vidraça com vista para o lago, ou virar … direita, em direcção … cozinha.

Thad tocou no vaso e este estilhaçou-se em cacos, desfazendo-se numa nuvem de pó de cer*f*mica de cheiro amargo.

A gua estagnada escorreu para fora e, antes mesmo de caírem sobre a poça de gua mal-cheirosa na mesa, a meia d£zia de rosas de jardim que aí tinham desabrochado j estava murcha e apresentava um cinzento-escuro. Thad tocou na própria mesa. A madeira soltou um estalido seco e ressequido e a mesa partiu-se ao meio, parecendo desfalecer em vez de cair no chão de madeira vazio, em duas partes separadas. - Que foi que fizeste … minha casa? - gritou ele para o homem que se encontrava por detr s... mas sem se virar.

Thad não precisava de se virar para se certificar da presença da navalha que, antes de Nonie Griffiths a ter usado em Machine, deixando as faces do seu rosto penduradas como abas vermelhas e brancas e um

olho a balançar fora da órbita, o próprio Machine empregara para esfolar os narizes dos "rivais do negócio".

- Nada - respondeu Stark, e Thad não precisava de o olhar para verificar o sorriso que perpassou pela voz do homem. - Tu é que est s a fazer, velha carcaça.

De seguida, passaram para a cozinha.

Thad tocou no forno e, com um ruído insípido, este partiu-se em dois, como o clangor de um sino enorme envolvido em pó. As bobinas de aquecimento saltaram para cima e umas espirais inclinadas e engraçadas em forma de chapéu ergueram-se em rajada. Num redemoinho, um cheiro pestilento e insalubre saiu do buraco escuro no meio do forno e, espreitando l para dentro, Thad viu um peru. Estava putrescente e fétido. Um líquido escuro repleto de pedaços indescritíveis de carne vertia da concavidade da ave.

- Aqui, chamamos a isso recheio dos tolos - observou Stark, por detr s dele.

- Que é que queres dizer com isso? - inquiriu Thad.

- Que é que queres dizer com aqui?

- Endsvillel - respondeu Stark, calmamente. - Este é o local onde todas as linhas de comboio terminam, Thad.

Stark acrescentou algo mais mas Thad não ouviu.

A carteira de Liz encontrava-se no chão, tendo Thad tropeçado nela. ao agarrar-se … mesa da cozinha para não cair, a mesa partiu-se em mil bocados, cobrindo o linóleo de serradura. Com um tinir ligeiramentve met lico, um prego brilhante rodopiou em direcção a um canto.

- P ra j com isto! - gritou Thad. - Quero acordar!

Odeio partir coisas!

- Sempre foste o desajeitado, velha carcaça - replicou Stark, que falou como se Thad tivesse tido muitos irmãos, todos eles graciosos como gazelas.

- Não tenho de sê-lo - informou-o Thad, numa voz ansiosa, prestes a transformar-se num gemido. - Não tenho de ser desajeitado. Não tenho de partir coisas. Quando sou cuidadoso, corre tudo bem.

- Sim. • uma pena é que tenhas deixado de ser cuidadoso - respondeu Stark, com a mesma voz risonha de estou-só-a-ver-como-é-que-as-coisas-são. E agora encontravam-se de novo no vestíbulo.

Aqui estava Liz, sentada num canto com as pernas abertas, junto da porta que dava para o barracão de madeira, com um mocassin calçado e outro por calçar. Vestia umas meias de nylon, e numa delas Thad conseguia vislumbrar uma malha. A cabeça estava descaída, com o cabelo louro cor de mel ligeiramente spero a tapar-lhe o rosto. Thad não queria ver-lhe o rosto. Tal como não precisara de ver a navalha ou o sorriso cortante de Stark para saber que ambos estavam l , também não precisava de ver o rosto de Liz para saber que ela não estava a dormir ou inconsciente mas morta.

- Liga as luzes, conseguir s ver melhor - ordenou Stark, na mesma voz risonha de estou-só-a-passar-o-dia-contigo-meu-amigo. A mão de Stark surgiu por cima do ombro de Thad, apontando para as luzes que o próprio Thad instalara nesse local. Eram eléctricas, como é óbvio, mas pareciam bastante autênticas: dois candeeiros a petróleo montados numa haste de madeira e controlados por um interruptor na parede.

- Não quero ver!

Thad tentava soar firme e seguro de si, mas isto começava a perturb -lo. Conseguia ouvir um tom irregular e impaciente na sua voz, o que significava que estava prestes a debulhar-se em l grimas. E, de qualquer modo, o que dizia não parecia ter qualquer import*f*ncia porque estendeu a mão até ao reóstato circular na parede. ao toc -lo, uma chama eléctrica azulada e indolor esguichou por entre os seus dedos, tão espessa que assemelhava-se mais a gelatina do que a luz. O botão redondo cor de marfim do reóstato ficou preto, soltou-se da parede com um estrondo, e voou pela sala como um disco voador em miniatura. Partiu a janelinha no outro lado e desapareceu na luz de um dia que adquirira um peculiar tom esverdeado, como cobre oxidado.

Os candeeiros a petróleo e eléctricos lançaram uma luz estranhamente brilhante e a haste começou a girar, enrolando a correia que suspendia o objecto, e enviando sombras que voavam pela sala, na dança demente de um carrocel. Primeiro uma e de seguida a outra, as chaminés de vidro das l*f*mpadas estilhaçaram-se, inundando Thad de milhões de fragmentos.

Sem pensar, Thad deu um salto em frente e agarrou na mulher estatelada no chão, pretendendo tir -la de onde estava, antes que a correia se quebrasse e deixasse cair sobre ela a pesada haste de madeira. O seu impulso foi de tal modo forte que Thad esqueceu tudo o mais, incluindo a sua certeza de que não valeria de nada pois ela estava morta: Stark podia ter arrancado o Empire State Building pela raiz e deix -lo cair sobre Liz que não teria import*f*ncia alguma. Pelo menos, não para ela. Deixara de ter.

Žo colocar os braços sob os da mulher e ao unir as mãos entre as omoplatas de Liz, o corpo desta deslocou-se para a frente e a cabeça pendeu indolentemente para tr s.

A pele do rosto começou a ficar coberta de fendas, como a superfície de um vaso Ming. Subitamente, os olhos vidrados explodiram. Uma subst*f*ncia pegajosa verde e fétida, repugnantemente quente, esguichou para o rosto de Thad.

A boca de Liz ficou entreaberta e os seus dentes espalharam-se numa tempestade branca. Thad conseguia sentir as pequenas superfícies duras a crivarem as suas faces e a testa.

Sangue semicoagulado jorrou de entre as gengivas picadas. A língua desenrolou-se para fora da boca e caiu, mergulhando no colo da saia como um naco ensanguentado de cobra.

Thad começou a gritar - no sonho e não na realidade, graças a Deus, ou teria assustado muito Liz.

- Ainda não acabei contigo, cabrão - murmurou Stark atr s num tom brando. A voz deixara de ser risonha.

Era tão fria como Castle Lake em Novembro.

- Não te esqueças. Não te queiras meter comigo porque quando se metem comigo...

3

Thad acordou com um esticão, o rosto molhado e a almofada, que apertara convulsivamente contra o rosto, também molhada. A humidade podia ter sido causada pela transpiração ou por l grimas.

-... estão a meter-se com o melhor - rematou ele de encontro …

almofada, tendo permanecido na cama, com os jõelhos puxados para cima, até ao peito, tremendo convulsivamente.

- Thad? - sussurrou Liz com a voz entaramelada de algures das profundezas do seu próprio sonho. - Os gémeos estão bem?

- Sim - conseguiu Thad articular. - Eu... nada. Volta a dormir.

- Sim, est tudo... - Liz acrescentou uma outra coisa mas Thad nada mais ouviu, tal como não ouvira aquilo que Stark proferira após dizer a Thad que a casa em Castle Rock era Endsville... o local onde todas as linhas de comboio terminam.

Thad manteve-se no espaço circundado pela sua própria transpiração no lençol, afastando-se devagar da almofada.

Com o braço nu, limpou o rosto, e esperou que o sonho passasse, esperou que os tremores passassem. Passaram, mas com uma lentidão surpreendente. Pelo menos, conseguira não acordar Liz.

Ausente, Thad fitou a escuridão, não tentando conferir qualquer significado ao sonho mas apenas querendo que este se fosse embora. Algum tempo depois, um tempo que Lhe pareceu infinito, Wendy acordou no quarto ao lado e começou a chorar para ser mudada. Claro que William acordou alguns instantes mais tarde, decidindo que também ele precisava de ser mudado (apesar de, ao mudar as fraldas, Thad ter verificado que estas estavam bastante secas).

Liz acordou de imediato e, son*f*mbula, dirigiu-se para o quarto das crianças. Thad foi com ela, consideravelmente mais desperto e pela primeira vez agradecido por os gémeos necessitarem de mudar de fralda a meio da noite.

A meio desta noite, pelo menos. Thad mudou as fraldas de William enquanto Liz mudou as de Wendy, trocando apenas algumas palavras entre si e, de seguida, voltaram para ^ cama, tendo Thad ficado grato por verificar que, mais uma vez, estava a deixar-se adormecer. Chegara a pensar que não conseguiria voltar a dormir durante o resto da noite.

E quando acordara pela primeira vez, com a imagem da decomposição explosiva de Liz ainda viva atr s dos olhos, chegara a pensar que nunca mais dormiria de novo.

"De manhã, j terei esquecido, tal como acontece com todos os sonhos."

Este foi o seu £ltimo pensamento acordado da noite, mas, quando acordou na manhã seguinte, Thad lembrava-se do sonho nos mais ínfimos pormenores (apesar de o eco perdido e solit rio dos seus passos no corredor vazio ser o £nico que retivera toda a sua cor emocional), não tendo desaparecido … medida que os dias passaram, tal como acontece geralmente com os sonhos.

Este foi um dos raros de que Thad nunca se esqueceu, tão real como uma recordação. A chave que era a tecla de uma m quina de escrever, a palma da mão lisa, e a voz seca, praticamente inflexível de George Stark, dizendo-lhe por detr s do ombro que ainda não acabara com ele, e que quando se metiam com este filho da mãe pretensioso, estavam a meter-se com o melhor.

Três

O "BLUES" DO CEMIT • RIO

1

Steven Holt era o nome do homem que estava … frente da equipa de três indivíduos encarregue da manutenção e conservação dos terrenos pertencentes a Castle Rock. Como é evidente, era conhecido como "Coveiro" por todos os habitantes de The Rock, alcunha que centenas de guardas dos terrenos p£blicos em centenas de vilórias da Nova Inglatera têm em comum. Como a grande maioria, Holt tinha em mãos uma quantidade de trabalho bastante grande dado o tamanho da sua equipa. A vila possuía dois pequenos campos de futebol americano que tinham de ser tratados:

um próximo da ponta ferrovi ria entre Castle Rock e Harlow, o outro em Castle View; havia ainda um terreno baldio que tinha de ser semeado todas as Primaveras, ceifado todos os Verões e limpo de folhas todos os Outonos (j para não falar nas rvores que tinham de ser podadas e, por vezes, aparadas, bem como na manutenção do coreto e dos bancos em volta); por £ltimo, havia os parques da vila, um em Castle Stream, próximo da antiga serração, o outro junto de Castle Falls, onde, desde tempos imemoriais, in£meras crianças, fruto do amor, tinham sido concebidas.

Ele podia estar encarregue de tudo isto e, ainda assim, ser apenas

conhecido como Steven Holt até ao fim dos seus dias. No entanto, Castle Rock tinha igualmente três cemitérios, estando a sua equipa também encarregue destes £ltimos. Depositar os clientes na sua £ltima morada era o mínimo que o trabalho de manutenção dos cemitérios envolvia. Este incluía também colocar os corpos debaixo de terra, limpar a superfície e cobri-la de novo de relva. A vgil*f*ncia era pouca. Depois dos dias feriados - o Memorial Dayl era aquele que deixava o maior monte de porcaria para limpar, embora o Quatro de Julho2, o Dia da Mãe e o Dia do Pai desse também muito trabalho - tinham de se retirar todas as flores murchas e todas as bandeiras desbotadas. Era ainda necess rio apagar todos os ocasionais coment rios pouco respeitosos rabiscados pelos mi£dos nas sepulturas e nas l pides.

Nada disto interessava … cidade, est claro. Era a deposição dos clientes na sua £ltima morada que granjeava a tipos como Holt a sua alcunha. A mãe baptizara-o de Steven, mas "Coveiro" Holt é como ele era conhecido, "Coveiro" Holt fora sempre desde que ocupara esse lugar em 1964 e "Coveiro" Holt seria até ao final dos seus dias, mesmo que, no entretanto, arranjasse um outro emprego - o que, aos sessenta e um anos de idade, era muito improv vel.

As sete da manhã de uma quarta-feira no primeiro dia do mês de Junho, um ameno e claro dia primaveril, o "Coveiro"

conduziu a camioneta até ao Cemitério de Homeland, tendo saído do veículo para abrir os portões de ferro.

Estes estavam presos por um cadeado que, apesar de tudo, só era utilizado duas vezes por ano - na noite de comemoração do final do curso liceal e na Noite das Bruxas. Uma vez abertos, Holt conduziu lentamente a camioneta pela alameda central acima.

Esta manhã era exclusivamente para reconhecimento.

A seu lado, o "Coveiro" tinha uma prancheta onde era suposto apontar as zonas do cemitério que tinham de ser tratadas entre esta data e o Dia do Pai. Após completar a sua tarefa em Homeland, teria de se dirigir ao Cemitério Grace, do outro lado da vila, e, de seguida, ao oss rio de Stackpole, no cruzamento da Stackpole Road com a Estra da Secund ria n. 3. Nessa tarde, ele e a sua equipa dariam início a todos os trabalhos que fossem necess rios. Não deveria fazer nada de muito complicado; o trabalho mais pesado fora todo levado a cabo no final de

Abril, considerado pelo "Coveiro" como a época da grande limpeza da Primavera.

Durante essas duas semanas, ele, Dave Phillips e Deke Bradford, que era o director do Departamento de Obras P£blicas da vila, tinham trabalhado dez horas por dia, todos os dias, tal como faziam todas as Primaveras, a desentupirem os canos de esgoto, a cobrirem de novo de relva os locais onde o escoamento de guas da Primavera destruíra a antiga superfície, e a endireitar as l pides e os monumentos derrubados pela deslocação das camadas do solo. Na Primavera, as tarefas, grandes e pequenas, eram sempre tantas que, quando regressava a casa, o "Coveiro" quase nem conseguia manter os olhos abertos o tempo suficiente para cozinhar um jantarzinho para si e beber uma lata de cerveja antes de cair na cama. A limpeza da Primavera terminava sempre no mesmo dia: no dia em que as dores de costas constantes o levavam a pensar que iria enlouquecer de vez. A limpeza de Junho não era, nem de longe nem de perto, assim tão m , embora fosse importante. Com a chegada do final do mês, os veraneantes começavam a chegar nos seus magotes habituais e, com eles, chegavam os antigos residentes (com os seus filhos) que se tinham mudado para zonas mais quentes ou mais favor veis do país, mas que, ainda assim, mantinham as suas casas na vila. Eram estas as pessoas que o "Coveiro" considerava as verdadeiramente chatas, aquelas que faziam um bicho-de-sete-cabeças se uma das p s da velha nora junto … serração estivesse solta ou se a l pide do tio Reginald tivesse caído sobre a própria inscrição.

Bem, o Inverno est a chegar, pensou ele. Era este pensamento que o reconfortava em todas as estações, incluindo esta, sempre que o Inverno parecia tão distante como um sonho.

Homeland era o maior e mais bonito cemitério da vila.

A sua alameda central era quase tão larga como uma estrada normal, sendo atravessada por quatro alamedas mais estreitas, apenas um pouco maiores do que uma vereda, com relva aparada com cuidado entre os dois trilhos. O "Coveiro" conduziu alameda acima, atravessando Homeland, passou pelo primeiro e pelo segundo cruzamentos, chegou ão terceiro... e p“s prego a fundo.

- Oh, com mil diabos! - exclamou ele, desligando o motor da camioneta e saindo da cabina. Desceu a alameda em direcção a um buraco irregular na relva, a cerca de quatro metros e meio para a direita da

vereda, que, neste ponto, cruzava com a alameda. Montinhos e torrões castanhos de terra estavam espalhados em redor do buraco, como os estilhaços em redor de uma granada. - Raios partam estes mi£dos!

O "Coveiro" deixou-se ficar junto ao buraco, com as grandes mãos cheias de calos colocadas sobre as ancas debaixo das calças de trabalho de um verde desbotado. Que grande confusão. Em mais de uma ocasião, ele e os seus companheiros tinham-se visto na obrigação de arranjar as coisas depois de um bando de mi£dos se terem convencido uns aos outros, através da bazófia ou da bebida, a partirem numa pequena incursãozinha ao cemitério … meia-noite - geralmente, tratava-se de uma espécie de ritual de iniciação ou apenas de um punhado de adolescentes tontos, excitados com o luar e com energia a mais. Tanto quanto o "Coveiro" Holt sabia, até agora, nenhum deles se atrevera a desenterrar um caixão ou, ainda pior, a exumar um dos clientes que pagavam para ali estar - habitualmente, por muito bêbedos que estes idiotas felizes pudessem estar, limitavam-se a cavar um buraco com um metro ou um metro e meio de profundidade antes de se cansarem da brincadeira e de se porem a andar. E, apesar de ser de mau gosto cavar buracos num dos cemitérios locais (isto é, a menos que se fosse um tipo como o "Coveiro", que era pago e estava devidamente incumbido de colocar os clientes na sua £ltima morada), a confusão deixada não era tão m quanto isso.

Geralmente.

Este, no entanto, não era um caso habitual.

O buraco não era definido; era apenas e tão-somente uma mancha. Com uma sepultura, de cantos quadrados bem definidos e de forma rectangular, é que não se parecia de certeza. Era mais fundo do que aquilo que os bêbedos e os mi£dos de liceu conseguiam fazer, embora essa profundidade não fosse uniforme, j que afunilava numa espécie de ponta cónica. No entanto, quando o "Coveiro" se apercebeu de com que é que o buraco realmente se parecia, sentiu um arrepio desagrad vel subir-lhe pelas costas acima.

Era como se fosse uma sepultura onde alguém tivesse sido enterrado antes de estar morto e, depois de vir a si, tivesse aberto caminho através da terra para chegar … superfície, apenas com as mãos.

- Oh, p ra com isso - sussurrou. - Maldita brincadeira, malditos mi£dos.

Tinha de ser. Não havia nenhum caixão em baixo nem nenhuma l pide fora do sítio em cima, o que era perfeitamente razo vel j que não havia corpo algum aqui enterrado. Ele não precisava de voltar atr s ao barracão das ferramentas, onde estava afixado na parede um mapa pormenorizado do cemitério para saber isso. Este pedaço de terra fazia parte da zona de seis lotes, propriedade do primeiro membro do conselho municipal, Danforth "Buster"

Keeton. E os £nicos lotes realmente ocupados continham os corpos do pai e do tio de Buster, estando situados … direita desse ponto, com as l pides erigidas bem direitas e conservadas.

No entanto, o "Coveiro" lembrava-se bem deste lote em particular por um outro motivo: fora aqui que aquela gente vinda de Nova Iorque erigira a l pide falsa quando estava a escrever a história sobre Thad Beaumont. Beaumont e a mulher tinham uma casa de Verão aqui na vila, em Castle Lake. Dave Phillips era quem estava encarregado de tomar conta do lugar, tendo o próprio "Coveiro", no Outono passado, ajudado Dave a alcatroar a entrada, antes de as folhas caírem e as coisas ficarem de novo complicadas. Fora então que, nesta Primavera, Thad Beaumont Lhe perguntara, de forma um pouco constrangida, se um fotógrafo qualquer podia erigir no cemitério uma l pide falsa para aquilo a que se chamou "uma fotografia posada".

- Se houver algum problema, diga-me - dissera-lhe Beaumont, com uma voz mais constrangida do que nunca.

- Na verdade, não é assim tão importante quanto isso.

- Faça favor - respondera o "Coveiro" de forma delicada.

- A revista People, foi o que disse?

Thad acenou a cabeça.

- Quem diria! • importante, não acha? Alguém daqui da vila na revista People! Não posso deixar escapar esse n£mero!

- Eu não tenho tanta certeza assim - retorquiu Beaumont.

- Muito obrigado, senhor Holt.

O "Coveiro" simpatizava com Beaumont apesar de ele ser escritor. Só conseguira ir até ao oitavo ano - e depois de ter tentado duas vezes antes de conseguir passar esse ano - e não era toda a gente da cidade que o

chamava de "senhor".

- Se pudesse, aquela gente da maldita revista até que gostaria de tirar uma fotografia ao senhor nuzinho com a velha pistola de fora e a apontar para cima, não acha?

Beaumont teve um raro acesso de riso.

- Sim, creio que é exactamente isso que eles gostariam de fazer - respondeu, dando uma palmada no ombro do "Coveiro".

Afinal de contas, o fotógrafo acabou por ser uma mulher, do género a que o "Coveiro" costumava chamar "uma cadela de primeira classe vinda da cidade". Neste caso, a cidade era, est claro, Nova Iorque. Ela andava como se tivesse um pau enfiado pelo sexo acima e um outro pelo rabo acima, girando os dois ao mesmo tempo com igual vigor.

Alugara uma station wagon num dos balcões de aluguer de veículos no Žeródromo de Portland, que estava de tal modo apinhada de equipamento fotogr fico que era de admirar como é que ela e o assistente ainda cabiam l dentro. Se o carro acabasse por ficar demasiado cheio e a mulher tivesse de escolher entre desembaraçar-se do assistente ou de alguma parte do equipamento fotogr fico, o "Coveiro" estava convencido de que haveria um maricas vindo da Big Apple a tentar apanhar uma boleia que o levasse de volta ao ãeroporto.

Os Beaumont, que seguiam no próprio carro e que o estacionaram por detr s da station wagon, pareciam simultaneamente divertidos e constrangidos. Dado que pareciam estar de livre e espont*f*nea vontade com a "cadela de classe alta vinda da cidade", o "Coveiro" imaginou que, apesar de tudo, o divertimento devia levar a melhor sobre eles. Ainda assim, ele aproximara-se para certificar-se de que estava certo, ignorando o olhar pretensioso da "cadela de classe alta".

- Tudo bem, senhor Bê? - perguntara ele.

- Meu Deus, não, mas creio que nos vamos safar - respondera Beaumont, piscando o olho ao "Coveiro".

Uma vez mentalizado de que era intenção dos Beaumont ir para a frente com a história, o "Coveiro" afastara-se para observar - um espect culo gr tis era tanto do seu agrado como de qualquer outra pessoa. A mulher tinha uma grande l pide falsa enfiada entre o resto das coisas que trouxera consigo, do género antigo, ou seja, com uma extremidade

redonda no topo. Assemelhava-se mais a uma daquelas que Charles Addamsl costumava desenhar nas suas bandas desenhadas do que a qualquer uma das verdadeiras que o "Coveiro" colocara nestes £ltimos tempos.

A mulher andou … volta da l pide, pedindo ao assistente para a colocar aqui e ali. Numa dada altura, o "Coveiro"

aproximara-se para perguntar se precisavam de ajuda, ao que ela apenas respondera não, obrigada, … moda pretensiosa de Nova Iorque. Assim, ele afastara-se de novo.

Por fim, ela l conseguiu colocar a l pide como e onde desejava, pondo de seguida o assistente em grande az fama, desta vez com as luzes. Isso levou cerca de meia hora, mais coisa menos coisa. E, durante todo esse tempo, o Sr. Beaumont limitara-se a ficar onde estava e a observar, esfregando de vez em quando a pequena cicatriz branca na testa, naquela forma peculiar e característica que era só dele. Os olhos de Beaumont fascinavam o "Coveiro".

"O tipo est a tirar as suas próprias fotografias", pensou ele. "Provavelmente melhores do que as da tipa, e além disso com tendência a durarem mais tempo. Ele est a guard -las para um dia as p“r num livro e ela nem se d conta disso."

Finalmente, a mulher ficou preparada para tirar algumas fotografias. P“s os Beaumont a apertar as mãos por cima daquela l pide uma d£zia de vezes como se não quisesse que tirassem a fotografia de uma só vez, apesar de o dia estar bastante frio e h£mido. Dava-lhes ordens, tal como fazia com aquele assistente dela esganiçado e afectado. Entre a voz esmagadora de Nova Iorque e as ordens repetidas para fazer tudo de novo porque a luz não estava bem ou porque os rostos deles não estavam bem ou talvez porque o próprio maldito rabo da mulher não estava bem, o "Coveiro"

esteve sempre na expectativa de ver o Sr. Beaumont - de acordo com os mexericos que ouvira, ele não era propriamente o homem mais calmo do mundo - explodir sobre a mulher. No entanto, o Sr. Beaumont, bem como a esposa dele, pareciam estar mais divertidos do que irritados, não deixando de fazer aquilo que a "cadela de classe alta vinda da cidade" lhes pedia para fazerem, apesar de aquele dia estar bastante frio. O "Coveiro"

acreditava que, se fosse ele, ao fim de um certo tempo ficaria um

pouquinho irritado com a dama. Em mais ou menos quinzsegundos.

E fora aqui, precisamente aqui, onde estava aquele maldito buraco, que eles tinham erigido aquela l pide falsa.

Ora, se ele inclusive precisasse de mais provas, podiam ainda ver-se as marcas redondas no torrão de relva, as marcas deixadas pelos saltos da "cadela de classe alta". Não havia d£vidas de que ela vinha de Nova Iorque; só uma nova-iorquina é que apareceria de saltos altos no final da estação das chuvas e se poria a andar para c e para l num cemitério com eles enfiados nos pés, a tirar fotografias. Se iSSO não era... Os pensamentos do "Coveiro" foram interrompidos e, de novo, aquele arrepio de frio infiltrou-se na sua pele. Ele tinha estado a olhar para as marcas esbatidas deixadas pelos saltos da fotógrafa e, ao prestar mais atenção a essas marcas, ao seu olhar depararam-se outras marcas, outras mais recentes.

2

]'egadas? Seriam estas marcas pegadas?

"est claro que não são. O que aconteceu foi que o idiota que cavou este buraco espalhou um pouco mais a terra para l do que fez com o resto. • só isso."

Só que não era só isso e o "Coveiro" Holt sabia que não era só isso. Antes de conseguir sequer chegar ao primeiro monte de terra na relva verde, entreviu a marca bem funda deixada por um sapato no monte de terra mais próximo do buraco.

"Com que então são pegadas? E depois? Achavas que quem quer que tivesse feito isto andava por aí a flutuar no ar com uma p aos ombros como o Gasparzinho?"

H pessoas neste mundo que são bastante boas a enganarem-se a si próprias. No entanto, o "Coveiro" Holt não era uma dessas pessoas. Aquela voz nervosa e escarninha da sua cabeça não podia alterar aquilo que os seus olhos viam. Durante toda a vida, ele seguira o rasto de animais selvagens e caçara-os. Este sinal era demasiado óbvio. Ele desejava por tudo o que era sagrado que não o fosse.

Aqui, neste monte de terra próximo da sepultura, conseguia ver não apenas uma pegada mas também uma depressão circular, praticamente do tamanho de um prato.

Esta cova estava situada … esquerda da pegada. E em ambos os lados da marca circular e da pegada, ainda que mais afastados, estavam sulcos na terra que eram, claramente, marcas deixadas por dedos, dedos que tinham escorregado um pouco antes de se agarrarem a um ponto firme.

Holt afastou o olhar para l da primeira pegada e deparou-se-lhe outra. Para l dessa, na relva, estava metade de uma terceira, formada quando alguma terra presa ao sapato que deixara a marca caíra quando o sapato fora poisado com força. Caíra, mas, dado que a terra estava h£mida, a marca ainda l estava... e fora exactamente isso que acontecera com as outras três ou quatro pegadas que tinham atraído a sua atenção logo de início. Caso ele não tivesse chegado tão cedo, naquela maldita manhã com o toque da alvorada, enquanto a relva ainda estava h£mida, o sol secaria a terra e as marcas teriam secado, desfazendo-se em pequenos fragmentos esfarelados, que nada queriam dizer.

Ele desejava ter vindo mais tarde, ter começado por ir primeiro ao Cemitério Grace, como planeara fazer quando saíra de casa de manhã.

Mas não fora e agora não havia mais nada a fazer.

Os fragmentos de pegadas desapareciam aos poucos e poucos, a menos de três metros e meio da (sepultura)

buraco no solo. O "Coveiro" estava convencido de que a relva coberta de orvalho mais afastada podia ainda conter algumas marcas e, embora admitisse que, mais cedo ou mais tarde, teria de se certificar, o seu desejo não era assim tão grande quanto isso. No entanto, por ora, Holt voltou a dirigir o olhar para as marcas mais próximas, aquelas que se viam no montinho de terra próximo do buraco.

Sulcos que tinham sido feitos por dedos; uma marca redonda ligeiramente … frente dos sulcos; uma pegada ao lado da marca redonda. Que história é que esta disposição das marcas contava?

Antes mesmo de ter tempo para se perguntar a si próprio, a resposta veio-lhe … cabeça, como aquela pergunta secreta no antigo programa do Groucho Marx, Pode Apostar a Sua Vida. Ele viu tudo com uma grande nitidez, como se ali tivesse estado quando tudo acontecera, e era precisamente por esse motivo que não queria ter mais nada a ver com esta história. Terrivelmente arrepiante, era o que era.

Porque, olha: aqui est um homem de pé num buraco acabado de escavar no solo.

Sim, mas como é que ele foi parar l dentro?

Sim, mas ser que foi ele quem fez o buraco ou ser que foi uma outra pessoa qualquer?

Sim, mas por que carga de gua é que as pequenas raízes parecem estar todas torcidas, partidas e esmagadas, como se a relva tivesse sido aberta apenas com as mãos e não cortada e afastada para os lados com uma p ?

Esquece os "mas" e os "meios mas". Esquece-os de vez.

Talvez seja melhor nem sequer pensar neles. Limita-te apenas a pensar no homem que estava de pé no buraco, um buraco que é um pouco fundo de mais para alguém conseguir sair de l de dentro com um salto. Então, o que é que ele faz? Coloca as palmas das mãos sobre o monte de terra mais próximo e, com um impulso, iça-se a ele próprio para fora do buraco. Nenhum truque em especial, isto é, se é que estamos a falar aqui de um homem adulto e não de um mi£do. O "Coveiro" fitou as poucas marcas nítidas e completas que conseguia vislumbrar, pensando de seguida: "Se era um mi£do, devia ter uns pés enormes. São tamanho quarenta e cinco, pelo menos."

Mãos para fora. Com um impulso, o corpo vem para cima.

Durante o impulso, as mãos escorregam um pouco na terra solta; por isso, abre caminho com os próprios dedos, deixando aqueles sulcos pequenos. De seguida, c fora, deixa-se cair sobre um jõelho, fazendo aquela marca redonda. Coloca, então, um pé ao lado do jõelho sobre o qual todo o peso do corpo est equilibrado, desloca esse peso do jõelho para o pé, levanta-se e vai-se embora. Tão simples quanto isso.

"então, um tipo qualquer sai da própria sepultura e vai-se embora, sem mais nem menos? • só isso? Ser que ficou com a barriga a dar horas aqui em baixo e decidiu atacar o Snack Bar do Nan para comer um cheeseburger e beber uma cerveja?"

- Raios te partam, não é uma sepultura, é um maldito buraco no chão! - gritou Holt bem alto, dando um pequeno salto quando um pardal retribuiu o grito.

Sim, apenas um buraco no chão - não fora isso que dissera a si

próprio? Mas então, porque é que não via quaisquer marcas daquelas que geralmente se associam a uma p ? Porque é que só via um par de pegadas a afastar-se do buraco e nenhum em seu redor, nenhum a apontar para o buraco, como deveria haver se tivesse estado ali um tipo a cavar e a pisar na própria terra de vez em quando, como tende a acontecer com os tipos que escavam buracos?

Ocorreu-lhe perguntar-se o que estava a pensar fazer quanto a tudo isto, acabando por concluir que não sabia.

Tecnicamente, imaginava que fora cometido um crime. No entanto, não se podia acusar o criminoso de ter profanado uma sepultura - não quando o lote que fora escavado não continha nenhum corpo. O pior que se podia dizer era que se tratara de vandalismo. E, se havia mais alguma coisa que podia ser feita quanto a isto, o "Coveiro" Holt não estava certo de que fosse ele a querer fazê-lo.

Talvez o melhor fosse apenas tapar o buraco, p“r no lugar os restos de torrões de relva que conseguia encontrar inteiros, arranjar relva nova para acabar o trabalho e, depois, esquecer toda esta história.

"Afinal de contas", disse para si próprio pela terceira vez, "não é como se alguém tivesse estado realmente enterrado aqui."

Aquele chuvoso dia primaveril cintilou momentaneamente diante do olho da sua recordação. Meu Deus, como aquela l pide parecia tão verdadeira! Quando se via aquele assistente gracioso andar com ela para tr s e para a frente, sabia-se que era uma l pide a fingir. No entanto, quando eles a colocaram no solo, com flores falsas e tudo em frente dela, até que se podia jurar que era verdadeira, e de que havia realmente alguém l em baixo.

Os braços de Holt estavam cobertos de pele de galinha, o que Lhe causava um terrível formigueiro.

"P ra j com isso", disse para si próprio de forma severa, tendo o pardal soltado um outro pio. O "Coveiro"

acolheu de bom grado o seu som desagrad vel mas totalmente real e vulgar. "Continua a gritar que faz bem", disse, tendo caminhado até junto do £ltimo fragmento de pegada.

Para l desta £ltima, e como mais ou menos suspeitava, Holt conseguia vislumbrar outras marcas deixadas na relva.

Estas estavam bastante espaçadas entre si. ao olhar para elas, o "Coveiro" imaginou que o tipo, apesar de não estar a correr, também não tinha de certeza perdido tempo. Trinta e seis metros mais … frente, Holt verificou que conseguia marcar a progressão do tipo num outro sentido: um grande cesto de flores fora deitado ao chão. Apesar de não conseguir ver quaisquer pegadas tão longe assim, o cesto estava, certamente, no caminho das pegadas que conseguia ver.

O homem podia ter contornado o cesto, mas não o fizera;

em vez disso, limitara-se a dar-lhe um pontapé, atir -lo para o lado e continuar em frente.

Na opinião do "Coveiro" Holt, os homens que faziam este tipo de coisas não eram o género de homens com quem alguém gostaria de se meter, a não ser que se tivesse uma razão muito boa.

O tipo deslocara-se na diagonal ao longo do cemitério, como se estivesse a caminho do muro baixinho que o separava da estrada principal. Deslocara-se como um homem que tinha sítios para ir e coisas para fazer.

Apesar de não ser melhor a imaginar coisas do que enganar-se a si mesmo (afinal de contas, as duas coisas acabam sempre por andar de par em par), o "Coveiro" viu este homem por um instante, viu-o mesmo: um tipo grande com pés grandes, caminhando em passos largos através deste sub£rbio silencioso dos mortos na escuridão, deslocando-se com confiança e firmeza sobre os seus pés grandes, afastando o cesto das flores do seu caminho com um pontapé, sem sequer abrandar o passo ao fazê-lo. Também não tinha medo - não este homem. Porque, se houvessem aqui coisas que ainda estavam vivas, como algumas pessoas acreditavam, elas teriam medo dele. Andar, caminhar, galgar, e que Deus protegesse o homem ou a mulher que se metesse no seu caminho.

O p ssaro soltou um grito.

O "Coveiro" saltou.

"esquece isto, companheiro", disse para si próprio mais uma vez. "Tapa o maldito buraco e nem te dês mais ao trabalho de pensar nisto!"

E tapar o buraco foi o que ele fez, e esquecê-lo era o que pretendia fazer. Porém, mais tarde, nesse mesmo dia, Deke Bradford encontrou-o no oss rio da Stackpole Road a tratar do solo, tendo-lhe contado a novidade sobre Homer Gamache, encontrado ao fim da manhã a menos de um

quilómetro e meio de Homeland, na Estrada 35. A vila inteira andara em grande alvoroço praticamente todo o dia com os boatos e as especulações.

Foi então que, com relut*f*ncia, o "Coveiro" Holt foi falar com o xerife Pangborn. Apesar de não saber se o buraco e as pegadas tinham alguma coisa a ver com o assassínio de Homer Gamache, concluiu ser melhor contar-lhe o que sabia e deixar que, aqueles que eram pagos para isso, esclarecessem as coisas.

Quatro

MORTE NUMA PEQUENA VILA

1

Castle Rock fora, pelo menos nos £ltimos anos, uma vila infortunada.

Como que para provar que aquele antigo ditado sobre raio e a quantidade de vezes que ele atinge o mesmo local nem sempre est certo, uma série de coisas m s tinham atingido Castle Rock nos £ltimos oito ou dez anos - coisas suficientemente m s para serem notícia a nível nacional. George Bannerman era o xerife local quando essas coisas ocorreram, mas o "Grande" George, como fora afectuosamente chamado, não teria de se preocupar com Homer Gamache porque o "Grande" George estava morto. Sobrevivera … primeira coisa m :

uma série de violações e estrangulamentos levados a cabo por um dos seus próprios agentes. No entanto, dois anos mais tarde, Bannerman fora morto por um cão raivoso na Estrada Secund ria n. 3 - não apenas morto" mas praticamente desfeito. Ambos os casos tinham sido muito estranhos, mas o mundo era um lugar estranho. E duro. Por vezes, um lugar infortunado.

O novo xerife (j ocupava este lugar h oito anos, mas Alan Pangborn decidira que iria ser "o novo xerife" até, pelo menos, ao ano 2000 - partindo sempre do princípio, disse ele … mulher, que continuaria a concorrer e a ser eleito durante todo esse tempo) não se encontrava em Castle Rock nessa altura; até 1980, tinha estado encarregue do cumprimento da lei rodovi ria numa cidade de tamanho-pequeno-a-passar-para-o-médio no estado de Nova Iorque não muito longe de Siracusa.

Žo olhar para o corpo seviciado de Homer Gamache que jazia numa vala ao lado da Estrada 35, desejou ainda l estar.

Afinal de contas, parecia que nem todo o infort£nio da vila morrera com o "Grande" George Bannerman.

"Por favor, p ra com isso. • claro que não desejas estar noutro lado qualquer desta linda terra de Deus. Não digas que sim, ou o azar acabar realmente por baixar e aproveitar-se de ti. Este tem sido um óptimo lugar para a Annie e para os rapazes, e tem também sido um óptimo lugar para ti. Então, porque é que não tiras isso da cabeça?"

Bom conselho. A cabeça, descobrira Pangborn, estava sempre a dar bons conselhos aos nervos, conselhos que estes não conseguiam seguir. Respondiam: "Sim senhor, agora que falas nisso, não h d£vida de que é verdade." E l continuavam a sobressaltar-se e a fervilhar.

Ainda assim, ele fora preparado para algo parecido com aquilo, ou não? Durante a sua ronda obrigatória na qualidade de xerife, Pangborn raspara os restos de praticamente quarenta pessoas espalhadas pelas estradas secund rias, pusera fim a in£meras brigas, e tivera de enfrentar talvez cerca de cem casos de mulheres e crianças maltratadas - e estes eram apenas os casos que tinham sido participados. Mas todas as coisas têm uma forma de compensação; para uma vila que, não h muito tempo, apresentara o seu próprio serial killer, Pangborn passara por um período invulgarmente calmo no que se refere a assassínios. Somente quatro, e apenas um dos criminosos escapara: Jõe Rodway, após ter rebentado com os miolos da mulher. Dado que conhecera relativamente bem a senhora, Pangborn quase que sentiu pena quando recebeu um telex da Polícia de Kingston, em Rhode Island, informando que tinham Rodway sob custódia.

O outro fora um homicídio envolvendo um veículo, e os dois restantes não tinham passado de dois banais casos de homicídio não premeditado, um com uma faca e o outro com os punhos - este £ltimo, um caso de maus tratos da esposa, que, pura e simplesmente, fora longe de mais, havendo apenas um traço peculiar que o distinguia dos restantes: a mulher espancara o marido até … morte enquanto este estava morto de bêbedo, pagando na mesma mõeda toda uma vida em comum durante praticamente vinte anos.

Quando foi acusada, o £ltimo conjunto de equimoses da mulher

ainda apresentava um amarelo vivo e fresco. Pang born não sentira pena alguma do morto quando o juiz a absolvera, condenando-a apenas a seis meses na Penitenci ria Feminina, seguidos por seis anos de pena suspensa. O juiz Pender só procedera dessa forma porque, provavelmente, não seria politicamente correcto dar … mulher aquilo que ela realmente merecia, ou seja, uma medalha.

Pangborn chegara … conclusão que só em casos muito raros é que um assassínio numa vilória da vida real aparentava alguma semelhança com os assassínios nas vilórias dos romances da Agatha Christie, onde sete pessoas apunhalavam … vez o velho e cruel coronel Storping-Goiter na sua casa de campo em Puddleby-on-the-Marsh, durante uma melancólica tempestade de Inverno. Pangborn sabia que, na vida real, quase sempre se chegava a apanhar o criminoso ainda no local do crime, a olhar para toda aquela trapalhada e a perguntar-se que raio de coisa fizera; como tudo ficara descontrolado com uma terrível rapidez mortal devido ao nervosismo. Mesmo que o criminoso se afastasse fosse dar uma volta, geralmente não ia muito longe e havia sempre duas ou três testemunhas oculares que podiam contar com exactidão tudo aquilo que acontecera, quem o fizera, e para onde fora. Habitualmente, a resposta … £ltima pergunta era o bar mais próximo. Regra geral, o assassínio numa vilória da vida real era simples, brutal e est£pido Regra geral.

No entanto, as regras são feitas para serem violadas Por vezes, o raio chega mesmo a atingir por duas vezes o mesmo local e, de tempos a tempos, os assassínios que sa cometidos em vilórias não são imediatamente resolvidos..

assassínios como este.

Pangborn podia ter esperado.

2

O agente de polícia Norris Ridgewick regressou do seu carro-patrulha, estacionado por detr s do de Pangborn. As chamadas provenientes dos dois r dios da banda da Polícia produziram estrépitos no ar quente dos £ltimos dias da Primavera.

- O Ray vem? - perguntou Pangborn. O Ray era Ray van Allen, o médico-legista do município de Castle.

- Sim - respondeu Norris.

- E a mulher do Homer? Alguém j a avisou?

Žo fazer esta pergunta, Pangborn sacudiu algumas moscas do rosto de Homer, que se encontrava virado para cima. Não sobrara muito, excepto o nariz adunco e protuberante. Se não fosse pela prótese do braço esquerdo e pelo dente de ouro que outrora era visto na boca de Gamache e que agora se encontrava desfeito em mil pedaços espalhados sobre o pescoço torcido e a parte da frente da camisa, Pangborn duvidava que a própria mãe o conseguisse reconhecer.

Norris Ridgewick, que aparentava uma semelhança passageira com Barney Fife, o ajudante de xerife do antigo programa de televisão Andy Griffith Show, arrastou os pés e baixou os olhos, fitando os sapatos como se, subitamente, estes tivessem adquirido um interesse particular.

- Bem... o John est a fazer a patrulha l para View, e o Andy Clutterbuck em Auburn, no tribunal do distrito...

Pangborn suspirou e ergueu-se. Gamache tinha - tivera - sessenta e sete anos de idade. Vivia com a mulher numa casinha arranjada ao lado do velho depósito ferrovi rio, a menos de três quilómetros deste local. Os filhos, crescidos.

tinham j saído de casa. Fora a Sra. Gamache quem telefonara para o gabinete do xerife logo de manhãzinha, quase debulhada em l grimas, dizendo que acordara …s sete e verificara que Homer, que por vezes dormia num dos antigos quartos dos mi£dos porque ela ressonava, não regressara a casa na noite anterior. Como sempre fazia, partira para o seu bowling …s sete horas da tarde anterior e deveria chegar a casa por volta da meia-noite e meia o mais tardar, mas todas as camas estavam vazias e a carrinha não se encontrava no p tio ou na garagem.

Sheila Brigham, a telefonista de dia, transmitira a primeira chamada ao xerife Pangborn, tendo este utilizado o telefone de mõedas na estação Sunoco de Sonny Jackett, onde tinha estado a dar … língua, para ligar … Sra. Gamache.

Esta fornecera-lhe as informações de que ele necessitava sobre a carrinha: uma pick-up Chevrolet de 1971, branca com manchas castanho-avermelhadas de aparelho nos pontos com ferrugem e uma prateleira para a arma na cabina, matrícula do Maine n£mero 96529Q. Pangborn transmitira as informações pelo r dio para os seus agentes no terreno (apenas três, com Clut a testemunhar l para Auburn) e informou a

Sra. Gamache de que lhe diria qualquer coisa mal tivesse alguma notícia. Não ficara particularmente preocupado:

Gamache gostava da sua cervejinha, sobretudo na noite da liga do bowling, mas não era completamente insensato.

Se tivesse bebido de mais e não se sentisse seguro para guiar, teria dormido no sof de uma das salas de estar dos seus companheiros de bowling.

No entanto, havia uma pergunta por responder. Se Homer tivesse decidido ficar na casa de uma colega de equipa, porque é que não teria telefonado … mulher a inform -la disso? Ser que não sabia que ela ia ficar preocupada?

Bem, j era tarde, e talvez não quisesse incomod -la. Era uma hipótese. Uma hipótese mais plausível ainda, pensou Pangborn, é que ele tivesse telefonado e ela estivesse ferrada a dormir na cama, com uma porta fechada entre ela e o £nico telefone na casa. E tinha ainda de se acrescentar a possibilidade de que ela talvez estivesse a ressonar como um tractor.

Pangborn despedira-se da mulher aflita e desligara o telefone, pensando que o marido apareceria l pelas onze da manhã, o mais tardar, envergonhado e com uma grande ressaca. ao chegar assim, Ellen cumprimentaria o velho libertino com uma reprimenda. Mais tarde, Pangborn faria questão em elogiar Homer - em privado - por ter tido o bom senso de não guiar os quarenta e oito quilómetros que separavam South Paris de Castle Rock sob a influência do lcool.

Cerca de uma hora depois da chamada de Ellen Gamache, ocorreu-lhe que algo não batia bem na sua primeira an lise da situação. Se Gamache tivesse passado a noite na casa de um companheiro do bowling, Alan tinha a impressão de que, então, essa deveria ser a primeira vez que tal acontecia.

Caso contr rio, essa mesma ideia teria passado pela cabeça da própria esposa de Gamache e ela poderia, pelo menos, esperar um pouco mais antes de telefonar para o gabinete do xerife. E foi então que ocorreu a Alan a ideia de que Homer Gamache era um pouco velho de mais para mudar de h bitos. Se tivesse passado a noite anterior noutro local, j o deveria ter feito antes; contudo, o telefonema da mulher sugeria que não o fizera. Se j alguma vez tivesse apanhado uma carraspana e, ainda assim,

tivesse guiado até casa nesse estado, ele teria provavelmente feito o mesmo na noite passada... mas não o fizera.

"Com que então, o burro velho sempre aprendeu um novo truque", pensou ele. "Acontece. Ou talvez tenha bebido mais do que a conta. Que raios, até pode ter bebido a mesma quantidade de sempre e ficado mais bêbedo do que o habitual. Bem dizem que acaba sempre por acontecer a uma pessoa."

Pangborn tentara esquecer Homer Gamache, pelo menos por então. Tinha imensa papelada sobre a secret ria, e ali sentado, a girar um l pis para a frente e para tr s e a pensar naquele velho algures por aí na sua carrinha pick-up, naquele velho de cabelo branco liso e de corte … escovinha e com um braço mec*f*nico por ter perdido o verdadeiro num sítio chamado Pusan, numa guerra não declarada, que ocorrera quando a maioria da safra actual dos veteranos do Vietname ainda faziam chichi nos cueiros... Bem, nada disto fazia avançar os papéis sobre a secret ria, e também não ajudava a encontrar Gamache.

Ainda assim, quando se dirigia para o min£sculo cubículo de Sheila Brigham, com a intenção de Lhe pedir para telefonar a Norris Ridgewick para ele saber se Norris j teria descoberto alguma coisa, o próprio Norris telefonara.

Aquilo que Norris tinha a participar fez aumentar o fio de gua de apreensão de Alan para um ribeiro frio e regular.

Correu por entre as suas entranhas e fê-lo sentir-se ligeiramente entorpecido.

Pangborn zombava daquelas pessoas que falavam de telepatia e premonição nos programas de r dio com chamadas dos ouvintes, zombava das pessoas para quem o palpite e o pressentimento se tornavam uma parte tão integrante das suas vidas que praticamente não davam por eles sempre que os utilizavam. Mas, se indagado sobre aquilo que, naquele momento, pensava sobre Homer Gamache, Alan teria respondido:

"Quando o Norris telefonou... bem, foi nessa altura que soube que o velhote estava muito mal ou morto.

Provavelmente a hipótese n£mero dois."

Por mero acaso, Norris parara no terreno dos Arsenault na Estrada 35, a cerca de um quilómetro e meio a sul do Cemitério de Homeland. Não estava sequer a pensar em Homer Gamache, apesar de a quinta Arsenault e de a casa de Homer estarem situadas a menos de cinco quilómetros de dist*f*ncia uma da outra e caso, na noite anterior, Homem tivesse tomado o caminho lógico de volta para casa a partir de South Paris, ele teria passado pelos Arsenault. Para Norris, não parecia prov vel que qualquer um dos Arsenault tivesse visto Homer na noite passada porque, se o tivessem, ele teria chegado a casa são e salvo cerca de dez minutos depois.

Norris só parara na quinta Arsenault porque eles mantinham a melhor banca de produtos de beira de estrada das três vilas. Ele era um daqueles raros celibat rios que gostam de cozinhar, tendo desenvolvido um gosto enorme por vagens frescas. Ridgewick queria saber quando é que os Arsenault teriam algumas para venda. Só depois é que se lembrara de perguntar a Dolly Arsenault se, por acaso, não teria visto a carrinha de Homer Gamache na noite passada.

- Sabe, agora que fala nisso - respondera a Sra.

Arsenault - até tem graça porque vi. No final da noite passada. Não... pensando melhor, foi logo de madrugada, porque o Johnny Carsonl ainda estava a dar na televisão, mas a chegar ao fim. Ia comer uma outra taça de gelado e ver um bocado do programa do David Letterman e, de seguida, ir para a cama. Não ando a dormir l muito bem nestes £ltimos tempos, e aquele homem do outro lado da estrada p“s-me os nervos em franja.

- Que homem era esse, senhora Arsenault? - inquiriu Norris, subitamente interessado.

- Não sei, um homem qualquer. Não gostei do aspecto dele.

Praticamente não o conseguia ver e não gostei do as pecto dele, que tal? Eu sei que parece mal mas aquele asilo para loucos de Juniper Hill não fica assim tão longe, e quando vemos um homem sozinho, … beira de uma estrada secund ria quase … uma da manhã, isso é o suficiente para p“r qualquer pessoa nervosa, mesmo que ele esteja a usar um fato.

- Que género de fato é que ele estava... - começou Norris, mas não valia a pena: a Sra. Arsenault era uma típi ca velha tagarela do campo,

tendo simplesmente passado por cima de Norris Ridgewick com uma espécie de grandio sidade implac vel.

Ele decidiu acompanh -la e colher aqui lo que conseguisse ao longo do caminho. Tirou o bloco de notas do bolso.

- De certa forma - continuou ela - o fato quase que me fez ficar ainda mais nervosa. Não batia certo um homem com um facto vestido …quela hora da noite, se é que me es tou a fazer entender. Provavelmente, não; provavelmente pensa que não passo de uma velha tonta, mas, durante um minuto ou dois antes de o Homer surgir, tive a sensação de que o homem talvez se fosse dirigir c para casa, e levantei - me para me certificar de que a porta estava trancada. Sabe, é que ele olhou para c e eu vi-o a olhar. Creio que ele olhou porque, provavelmente, podia ver a janela que estava ainda com luz apesar de j ser tarde. Provavelmente também me podia ver porque as cortinas são de tecido fino. Eu não conseguia realmente ver-lhe o rosto: ontem não ha via luar e não me parece que alguma vez venham a p"r can deeiros aqui tão longe, j para não falar em TV por cabo, tal como têm na vila... mas consegui vê-lo a virar a cabeça. Foi então que ele começou mesmo a atravessar a estrada... pelo menos, penso que era isso que ele estava a fazer, ou que estava a pensar fazer, se é que me est a entender, e pensei que viria até aqui, batesse … porta, dissesse que o carro estava avariado e perguntasse se podia usar o telefone. E comecei a magicar naquilo que responderia se ele fi zesse isso, ou até mesmo se deveria abrir a porta.

Acho que sou uma velha tonta porque pus-me a pensar naquele pro grama, o Alfred Hitchcock Apresenta, onde havia um louco que conseguia encantar os passaritos e fazê-los cair das rvores, só que usara um machadopara cortar uma pessoa, sabe, e pusera os pedaços no porta-bagagens do carro, e só foi apanhado porque um dos faróis de tr s estava apagado, ou qualquer coisa do género. Mas o outro lado da história era que... - Senhora Arsenault, ser que lhe posso perguntar...

-... não gostava de ser o Filistino, o Sarraceno ou o Gomorrense ou quem quer que fosse que tivesse passado pelo outro lado da estrada - continuou a Sra. Arsenault.

- Sabe, na história do Bom Samaritano. Assim, fiquei um pouco nervosa por causa disso. Mas disse para mim mesma...

Por essa altura, j Norris esquecera tudo sobre as vagens.

Finalmente, l conseguiu interromper a Sra. Arsenault ao dizer-lhe que o homem que ela vira talvez fizesse parte daquilo a que chamou "uma investigação a decorrer.

Levou-a para o princípio da história e fê-la contar tudo aquilo que vira, deixando de parte o Alfredo Hitchcock Apresenta e a história do Bom Samaritano também, se possível.

A história que ele contara, através do r dio, ao xerife Alan Pangborn era a seguinte: ela estivera a ver The Tonight Show sozinha, com o marido e os rapazes j a dormir.

A cadeira estava colocada ao lado da janela que dava para a Estrada 35. O estore estava puxado para cima. Por volta da meia-noite e meia ou da meia-noite e quarenta, a Sra. Arsenault olhara l para fora e vislumbrara um homem no lado mais afastado da estrada... ou seja, no lado que dava para o Cemitério de Homeland.

O homem teria vindo a caminhar dessa direcção ou de outra?

A Sra. Arsenault não sabia dizer ao certo. Tinha a ideia de que talvez pudesse ter vindo da direcção de Homeland, o que significaria que se estava a afastar da vila, embora não tivesse a certeza do que fora que lhe dera essa impressão porque olhara uma vez pela janela e só vira a estrada, e de seguida, olhara uma segunda vez antes de se levantar para ir buscar gelado e ele l estava. Apenas ali parado e a olhar na direcção da janela iluminada - na direcção dela, supostamente. Ela pensou que ele fosse atravessar a estrada ou que tivesse começado a atravessar a estrada (provavelmente deixara-se ficar onde estava, pensara Alan; o resto eram apenas os nervos da mulher a falarem), quando os faróis iluminaram o topo da colina. Ao ver as luzes aproximarem-se, o homem do fato espetou o polegar para fora no gesto intemporal e ap trida de quem pede boleia.

- Era a carrinha do Homer, sem d£vida, com o Homer ao volante - contara a Sra. Arsenault a Norris Ridgewick.

- A princípio pensei que ele continuasse, como qualquer pessoa normal que vê alguém a pedir boleia a meio da noite, mas os faróis traseiros acenderam-se e aquele homem correu para a porta do lado do passageiro da cabina e entrou.

- A Sra. Arsenault, que tinha quarenta e seis anos de idade mas que

aparentava mais vinte, abanou a cabeça branca: - O Homer devia estar bêbedo para dar boleia a alguém tão tarde - disse ela a Norris. - Bêbedo ou disíraído, e olhe que conheço o Homer h quase trinta e cinco anos. Ele não é simples. - Parou para pensar. - Bem...

não muito.

Norris tentou arrancar mais alguns pormenores … Sra.

Arsenault sobre o fato que o homem estava a usar, mas não teve sorte alguma. Pensou que, realmente, era uma pena que a iluminação p£blica acabasse nos terrenos do Cemitério de Homeland, mas as vilórias como The Rock tinham muito pouco dinheiro para se governarem.

Era um fato: disso ela tinha a certeza. Não um blusão ou um blazer masculino, e não era preto, embora isso deixasse um leque bastante grande de cores para escolher.

A Sra. Arsenault estava convencida que o fato do homem da boleia não era de um branco cristalino, mas tudo aquilo que estava pronta a jurar é que não era preto.

- Na verdade, não estou a pedir-lhe que jure, senhora Arsenault - disse-lhe Norris.

- Quando alguém fala com um agente da lei sobre assuntos oficiais - replicou a interlocutora, dobrando as mãos afectadamente para dentro das mangas da camisola - acaba por ser a mesma coisa.

Deste modo, aquilo que ela sabia resumia-se ao seguinte:

vira Homer Gamache dar boleia a um homem a cerca de um quarto para a uma da manhã. Nada de tão importante assim para chamar o FBI, dir-se-ia. Este facto só se tornava perturbante quando se acrescentava o outro facto de Homer ter apanhado o seu passageiro a cinco quilómetros ou menos do próprio p tio de entrada... e de não ter chegado a casa.

A Sra. Arsenault tinha igualmente razão quanto ao fato.

Ver um homem a pedir boleia num sítio tão distante, no meio de nenhures, a meio da noite, era bastante estranho - por volta de um quarto para a uma da manhã, qualquer vagabundo normal j teria arranjado um lugar para dormir num celeiro deserto ou no barracão de um agricultor qualquer - mas, quando se acrescentava o facto de que ele também usava

fato e gravata ("Uma cor qualquer escura, dissera a Sra. Arsenault, "só não me peça para jurar qual era a cor escura porque não posso e não quero), toda esta história ficava cada vez mais perturbadora.

- Que quer que eu faça de seguida? - perguntara Norris pelo r dio após ter completado o relato.

- Não saias de onde est s - respondera Alan. - Vai trocando histórias do Alfred Hitchcock Apresenta com a boa senhora até eu chegar. Eu próprio sempre gostei muito dessas histórias.

Contudo, antes sequer de ter percorrido setecentos metros, o ponto de encontro entre ele e o seu agente passou da quinta dos Arsenault para um local a cerca de quilómetro e meio para oeste. Um rapaz chamado Frank Gavineaux, no caminho para casa depois de uma pequena pescaria em Strimmer's Brook, vira um par de pernas a sair do meio das ervas altas no lado sul da Estrada 35. Correra para casa e contara … mãe. Esta telefonara para o gabinete do xerife. Sheila Brigham transmitiu a mensagem para Alan Pangborn e Norris Ridgewick.

Sheila manteve o protocolo, não tendo mencionado quaisquer nomes pelo r dio - havia sempre demasiados vendedores ambulantes com grandes camiões Cobra e Bearcat … escuta nas bandas da Polícia - embora Alan pudesse adivinhar, pelo tom perturbado da voz de Sheila, de que até mesmo ela fazia uma pequena ideia de quem seria o dono daquelas pernas.

Praticamente a £nica coisa boa que acontecera durante toda a manhã fora o facto de Norris ter acabado de esvaziar o est"mago antes de Alan l ter chegado e de ter mantido suficiente sangue-frio para vomitar no lado norte da estrada, longe do corpo e de qualquer prova que pudesse estar por ali.

- Que foi agora? - inquiriu Norris, interrompendo o fio dos seus pensamentos.

Alan soltou um forte suspiro e parou de enxotar as moscas dos restos de Homer. Era uma batalha perdida.

- Agora vou ter de ir l baixo e dizer … Ellen Gamache que a morte fez uma visitinha esta madrugada. Fica aqui com o corpo. Tenta afastar as moscas dele.

- Ora, xerife, mas porquê? Elas são tantas. E ele est ...

- Morto, sim, isso eu consigo ver. Não sei porquê.

Porque me parece que é aquilo que tem de ser feito. Não podemos p“r o raio do braço de volta no lugar mas, pelo menos, podemos impedir que as moscas caguem naquilo que resta do nariz.

- Est bem - respondeu Norris, respeitosamente. - Est bem, xerife.

- Norris, achas que conseguirias chamar-me "Alan se te esforçasses a sério? Se praticasses?

- Claro, xerife, acho que sim.

Alan grunhiu e virou-se para dar uma £ltima vista de olhos pela zona da vala que, quando ele voltasse, estaria, com toda a probabilidade, delimitada por uma fita de um amarelo-vivo com o dizer "CENA DO CRIME presa a varas de agrimensor. O médico-legista do condado j l estaria. O Henry Payton, da Central da Polícia Estadual de Oxford, também j l estaria. O fotógrafo e os técnicos do Departamento de Crimes Capitais pertencentes ao procurador-geral provavelmente ainda l não estariam - a não ser que, por acaso, dois deles j se encontrassem na zona a trabalhar noutro caso - mas chegariam pouco tempo depois. uma da tarde, o laboratório móvel da polícia estadual também estaria aqui, apoiado por hesitantes e incessantes peritos forenses e por um tipo cujo trabalho consistia em misturar gesso e fazer moldes das marcas dos pneus que Norris tivera a esperteza suficiente ou a ventura suficiente de não passar por cima com as rodas do próprio carro-patrulha (bastante relutante, Alan optou pela ventura).

E a que é que tudo isso levaria? Ora, apenas ao seguinte: um velho meio bêbedo parara para fazer um favor a um estranho ("Sobe para aqui, rapaz, conseguia Alan ouvi-lo dizer, "só tenho mais cerca de três quilómetros para fazer mas posso deixar-te um pouco mais … frente no caminho), e o estranho respondera espancando o velho até … morte e, de seguida, roubando a carrinha.

Alan imaginava que o homem do fato de negócios pedira a Homer para encostar o carro - o pretexto mais prov vel seria dizer que precisava de mijar - e, uma vez a pick-up parada, esmurrara o velhote, arrastara-o para fora e...

Ah, mas foi nessa altura que as coisas ficaram negras.

Terrivelmente negras.

Alan olhou pela £ltima vez para a vala em baixo, para onde Norris Ridgewick, agachado ao lado da peça ensanguentada de carne que, em tempos, fora um homem, enxotava pacientemente as moscas daquilo que fora o rosto de Homer com a sua prancheta do formul rio de intimação, e sentiu o est"mago revirar-se de novo.

"Ele não passava de um velhote, seu filho da mãe. Um velhote que estava meio bêbedo e que tinha apenas um braço em bom estado para se defender, um velhote cujo £nico prazer que ainda lhe restava era a noite da liga do bowling.

Porque é que não te limitaste a esmurr -lo daquela primeira vez na cabina da carrinha e o deixaste em paz? Estava uma noite quente, e mesmo que acabasse por ficar um pouco fresco, o mais prov vel é que ele ficasse bem. Aposto o que quiseres em como vamos encontrar imensa matéria anticongelante no sistema dele. E, de qualquer forma, a matrícula da carrinha vai ser difundida por r dio. Então, porquê tudo isto? Caramba, espero ter uma hipótese de te perguntar! Todavia, ser que a razão importava? Para Homer Gamache, era óbvio que não. J não. Nada mais iria ter import*f*ncia alguma para Homer, porque depois de o ter esmurrado daquela primeira vez, o homem da boleia puxara-o para fora da cabina e arrastara-o para a vala, provavelmente puxando pelas axilas.

Alan não precisava dos rapazes dos Crimes Capitais para interpretar as marcas deixadas pelos saltos dos sapatos de Gamache. A meio do caminho, o homem da boleia descobrira a deficiência de Homer. E, no fundo da vala, arrancara o braço protético do corpo do velhote e, servindo-se deste como uma moca, espancara-o até … morte.

- Agarra-o, agarra-o! - ordenava em voz alta o agente estadual Warren Hamilton, do estado do Connecticut, apesar de ser o £nico ocupante do carro-patrulha. Estava-se na tarde de 2 de Junho, aproximadamente trinta e cinco horas após a descoberta do corpo de Homer Gamache numa vila do Maine de que o agente estadual Hamilton nunca ouvira falar.

Encontrava-se no parque de estacionamento do McDonald's da estrada Westport I-95 (direcção sul). Era seu costume entrar em todos os estacionamentos das bombas de gasolina e estações de serviço quando percorria a Interestadual'. Por vezes, … noite, quando se passava discretamente pela £ltima fila dos lugares do parque de estacionamento, com os faróis apagados, faziam-se umas boas prisões. Melhor do que boas.

Magníficas. Quando pressentia que podia vir a dar de caras com uma dessas oportunidades, Hamilton falava frequentemente com os seus botões. Geralmente, estes solilóquios começavam com "Agarra-o, agarra-o, passando de seguida, para algo como "Vamos l ver este imbecil ou "Pergunta … mamã se ela acredita nisto. O agente estadual Hamilton gostava particularmente de perguntar … mamã se ela acreditava nisto sempre que lhe cheirava mais a esturro.

- Que temos nós aqui? - murmurou desta vez, invertendo a marcha do carro-patrulha. Passou um Camaro. Passou um Toyota, que se parecia com uma bosta de cavalo a envelhecer lentamente no clarão de cobre batido dos faróis de sódio de arco. E... ta-DA! Uma antiga carrinha pick-up GMC que, … luz, parecia laranja, o que significava que era - ou fora - branca ou cinzento-clara.

Hamilton agarrou no holofote e apontou-o para a placa da matrícula. Na humilde opinião do agente estadual, as placas de matrícula estavam cada vez melhores. Um a um, os estados andavam a p"r pequenas imagens nas matrículas. Assim, era mais f cil identific -las … noite, quando as diversas condições luminosas transformavam as cores reais em todo o tipo de matizes imagin rios. E a pior luz de todas para identificar as matrículas eram estas malditas l*f*mpadas laranja de alta intensidade. Apesar de não saber se elas impediam violações e assaltos, tal como era o seu propósito, Hamilton tinha a certeza absoluta que dificultavam a tarefa de polícias trabalhadores como ele próprio a identificar placas de matrícula em carros roubados e em veículos fugidos sem n£mero.

Os desenhozinhos constituíam um grande avanço para corrigir esta falha. Uma Est tua da Liberdade era uma Est tua da Liberdade tanto em plena luz do dia como sob o foco uniforme destes estupores de laranja-acobreado. E, qualquer que fosse a cor, a Dama Liberdade significava Nova Iorque.

Tal como a porra daquele lagostim sobre o qual o foco estava apontado neste preciso momento significava o estado do Maine. J não era necess rio esforçar os olhos para ler VACATIONLANDl, ou tentar adivinhar se aquilo que parecia rosa ou laranja ou azul-eléctrico era realmente branco. Bastava procurar a porra do lagostim. Era realmente uma lagosta, Hamilton tinha consciência disso, mas a porra de um lagostim com um outro nome continuava a ser a porra de

um lagostim. O agente estadual preferia engolir merda saída directamente do rabo de um porco do que p"r o raio de um daqueles lagostins na sua boca; ainda assim, ele estava imensamente contente por eles existirem.

Sobretudo quando tinha um mandado sobre uma matrícula com um lagostim, como acontecia esta noite.

- Pergunta … mamã se ela acredita nisto - murmurou, estacionando o carro-patrulha no parque. Tirou a prancheta do íman que a prendia ao centro do tablier, exactamente acima da protuber*f*ncia do eixo motor, passou para tr s a folha do formul rio de intimação em branco que todos os polícias mantinham como uma espécie de escudo sobre a folha que realmente interessava (não havia necessidade alguma que o p£blico em geral ficasse embasbacado a olhar para os n£meros das matrículas em que os polícias se encontravam particularmente interessados quando o agente a quem a folha pertencia estivesse a segurar um hamburger ou a tomar um café expresso na bomba de gasolina mais … mão), e correu a unha do polegar ao longo da lista.

E aqui estava. 96529Q; estado do Maine; terra da porra dos lagostins.

A primeira passagem do agente estadual Hamilton pela fila de carros mostrara-lhe que ninguém se encontrava na cabina da carrinha. Havia uma prateleira para espingarda, mas estava vazia. Era possível - não prov vel, mas possível - que pudesse estar alguém na caixa aberta da carrinha. Era até mesmo possível que essa pessoa na caixa aberta da carrinha pudesse ter consigo a espingarda que cabia na prateleira. Mais prov vel ainda era que o condutor h j muito que se tivesse ido embora ou que estivesse a comer um hamburger l dentro. Ainda assim... - Polícias velhos, polícias ousados, mas não polícias velhos e ousados - sussurrou o agente estadual Hamilton em voz baixa. Desligou repentinamente o holofote e, devagar, percorreu a fila de carros. Parou mais duas vezes, ligando o holofote em ambas as vezes, apesar de não se dar sequer ao trabalho de olhar para os carros que estava a iluminar. Havia sempre a possibilidade de que o Sr. 96529Q tivesse visto Hamilton a projectar o holofote sobre a carrinha roubada ao voltar do restaurante-estrumeira, e se visse que o carro do polícia tinha passado para o início da fila e estava a examinar outros carros, poderia não se ir embora.

- O seguro morreu de velho e isso é tudo o que sei, pelo grande Deus-Sol! - exclamou o agente estadual Hamilton.

Esta era uma outra das suas favoritas, ainda que não estivesse ao mesmo nível daquela de perguntar … mamã se ela acreditava nisto, mas quase. Hamilton enfiou o carro num lugar vazio de onde conseguia observar a pick-up. Chamou a sede, que era a menos de seis quilómetros e meio estrada acima, e disse-lhes que encontrara a carrinha GMC do Maine procurada num caso de homicídio. Pediu unidades de apoio e foi informado de que estas chegariam daí a pouco.

Hamilton verificou que ninguém se aproximou da carrinha, e decidiu que não seria demasiado ousado aproximar-se do veículo com cuidado. Na verdade, seria considerado um banana se, quando as outras unidades chegassem, ele continuasse ali sentado na escuridão, uma fila acima da pick-up.

Saiu do carro-patrulha, passando com os dedos pela correia que prendia a arma, ainda que não a tirasse do coldre.

No cumprimento do dever, só sacara a arma por duas vezes, nunca tendo sequer disparado. E não era agora que desejava fazer nem uma coisa nem outra. O agente estadual aproximou-se da carrinha por um *f*ngulo que lhe permitia observar tanto a carrinha - sobretudo a sua caixa aberta - como quem vinha do Mickey D's. Estacou quando uma mulher e um homem saíram do restaurante e se dirigiram para um Ford Sedan estacionado cerca de três filas mais perto do edifício, tendo continuado a andar quando eles se meteram no carro e se dirigiram para a saída.

Mantendo a mão direita na coronha do revólver de serviço, Hamilton deixou cair a mão esquerda sobre a anca.

Na humilde opinião de Hamilton, os cintos de serviço estavam também a ficar cada vez melhores. Tanto durante a sua juventude como agora, Hamilton sempre fora um grande fã do Batman, também conhecido como o Homem Morcego.

Na verdade, ele suspeitava de que o Batman tinha sido uma das razões pela qual se tornara polícia (este era um pequeno facto que Hamilton não se dera ao trabalho de declarar na sua candidatura … força policial). O seu acessório preferido do Batman nunca fora o Batpole ou o Batarang, nem mesmo o próprio Batmóbill, mas o cinto multifuncional do Homem Morcego. Aquele maravilhoso artigo de vestimenta era como uma boa loja de lembranças: tinha algo para todas as ocasiões, quer fosse

uma corda, um par de óculos com visão nocturna ou algumas c psulas de g s de atordoamento. O seu cinto de serviço não era, de modo algum, tão bom, mas, no lado esquerdo apresentava três presilhas que prendiam três peças extremamente £teis. Um era um cilindro movido a pilhas, comercializado sob o nome de Deitação! Quando se carregava no botão vermelho em cima, o Deitação emitia um assobio ultrassónico que transformava até mesmo pit-bullsl em f£ria em cordeirinhos mansos. Ao lado encontrava-se uma lata de pressão de maze (a versão da polícia do estado do Connecticut do g s de atordoamento do Batman) e, ao lado deste, uma lanterna eléctrica de quatro células.

Hamilton desprendeu a lanterna da presilha, ligou-a e, de seguida, esticou a mão esquerda para tapar parcialmente o feixe de luz. Fez isto sem nunca afastar a mão direita da coronha do revólver. Polícias velhos; polícias ousados; nenhum polícia velho e ousado.

O agente estadual percorreu o feixe de luz ao longo da caixa aberta da carrinha pick-up. Via-se um pedaço de lona l dentro, mas nada mais. A caixa da carrinha estava tão vazia como a cabina.

Durante todo esse tempo, Hamilton mantivera-se a uma dist*f*ncia prudente da GMC com as placas de matrícula dos lagostins - este h bito estava de tal modo arraigado que ele nem sequer se apercebeu disso. De seguida, dobrou-se e apontou o foco de luz para debaixo da carrinha, o £ltimo lugar onde alguém que lhe quisesse fazer mal poderia estar escondido. Era pouco prov vel mas, quando ele acabasse por bater as botas, Hamilton não gostaria que o pastor começasse o seu panegírico dizendo: "Caros amigos, encontramo-nos aqui hoje reunidos para manifestar o nosso pesar pelo improv vel falecimento do agente estadual Warren Hamilton. Isso seria tr‹s vulgar.

Com o raio de luz, varreu com rapidez o solo por debaixo da carrinha, da esquerda para a direita, e nada vislumbrou para além de um amortecedor ferrugento que iria cair num futuro próximo - não que o condutor fosse sentir uma grande diferença quando isso acontecesse, pelo aspecto dos buracos no amortecedor.

- Penso que estamos sozinhos, querida - disse o agente estadual Hamilton. Pela £ltima vez, examinou a zona circundante … carrinha, prestando uma atenção especial ao lado virado para o restaurante. Não deu por ninguém a observ -lo e, assim, aproximou-se da janela do lado do passageiro da cabina e apontou a luz l para dentro.

- Raios me partam! - murmurou Hamilton. - Pergunta … mamã se ela acredita nesta grande merda. - Subitamente, ficou muito contente com o facto de as l*f*mpadas cor de laranja que enviavam o seu foco de luz intenso através do parque de estacionamento e para dentro da cabine transformarem o que ele sabia ser castanho-avermelhado numa cor que era praticamente preto, fazendo o sangue assemelhar-se, antes do mais, a tinta. - Ele guiou o carro neste estado? Meu Deus, veio todo o caminho desde o Maine a guiar o carro neste estado? Pergunta … mamã...

Hamilton inclinou a lanterna eléctrica para baixo. O assento e o chão da GMC eram uma autêntica pocilga. Viu latas de cerveja e de refrigerantes, pacotes de batatas fritas vazios e semivazios, caixas que continham Big Macsl e Whoppers. Uma bola daquilo que parecia ser pastilha el stica estava esborrachada no tablier de metal acima do buraco onde outrora existira um r dio. No cinzeiro, podia ver-se uma série de beatas de cigarros sem filtro.

Acima de tudo, havia sangue: vestígios e manchas de sangue no assento. O volante estava encardido de sangue. Podia ver-se um salpico de sangue seco sobre o anel da buzina, ocultando praticamente o símbolo inteiro do Chevrolet aí gravado. Via-se sangue na pega de dentro da porta do condutor e sangue no espelho: esta mancha era um pequeno círculo que pretendia ser oval, e Hamilton pensou que o Sr.

96529Q talvez tivesse deixado uma impressão digital quase perfeita do polegar no sangue da vítima ao ajustar o espelho retrovisor. Via-se ainda um grande salpico de sangue coagulado numa das caixas de um Big Mac. Este dava a impressão de poder ter alguns cabelos presos.

- Que foi que ele disse … rapariga da estação? - murmurou o agente estadual entre dentes. - Que se cortou a fazer a barba?

Hamilton ouviu uma raspadela atr s de si. Rodopiou, sentindo-se demasiado lento, tendo a certeza absoluta de que, apesar das precauções habituais, fora demasiado ousado para ter conseguido chegar a velho, porque não havia nada de habitual nisto, não senhora, o tipo estava por detr s dele e, daqui a pouco, haveria ainda mais sangue na cabina da velha Chevrolet pick-up, o sangue dele, porque um tipo que conduzia um matadouro port til como este desde o Maine até praticamente … fronteira do estado de Nova Iorque era um psicopata, o género de pessoa que mataria um agente estadual sem pensar duas vezes, como se estivesse a comprar um quarto de leite.

Hamilton tirou o revólver pela terceira vez na sua carreira, puxou o cão da arma para tr s e esteve prestes a disparar um tiro (ou dois, ou três) em direcção a nada excepto escuridão. Mas não estava ninguém ali.

Pouco a pouco, baixou a arma, com o sangue a latejar-lhe nas têmporas.

Uma brisa soprou na noite. Tornou a ouvir o mesmo som. No chão, viu uma caixa de Filet-O-Fishl - deste mesmo McDonald's, sem d£vida, que esperto que você é, Holmes, de nada, Watson, era realmente elementar - deslocar-se a roçar pelo pavimento, percorrendo um metro e meio ou dois ao sabor da brisa e, de seguida, parar de novo.

Hamilton deixou escapar um suspiro longo e trémulo e, com cuidado, deixou cair o cão sobre o revólver.

- Estiveste prestes a fazer uma figura tristíssima, Holmes - disse ele numa voz bastante irregular. - Quase que te enfiaste num CR-14. - Um CR-14 era o formul rio correspondente a "tiro(s) disparado(s).

Hamilton pensou em voltar a colocar a arma de novo no coldre j que, agora, não duvidava de que só podia disparar contra uma caixa vazia de sanduíches de peixe. No entanto, o agente estadual decidiu mantê-la na mão até ver as outras unidades chegarem. Sabia bem ter a arma na mão. Era reconfortante. Porque não era apenas o sangue, ou o facto de o homem procurado por homicídio por um polícia do Maine ter percorrido de carro cerca de seiscentos e quarenta quilómetros no meio daquela porcaria toda. Em redor da carrinha, sentia-se um cheiro fétido que, de certo modo, era parecido com o cheiro fétido que se sente numa estrada secund ria quando um carro bate e esmaga uma doninha.

Hamilton não sabia se os agentes que estavam a chegar também o sentiriam ou se seria só ele, mas isso também não lhe interessava. Não era um cheiro a sangue, ou a comida podre, ou odor corporal. Era apenas, pensou ele, o cheiro do mal. De algo muito mau. Suficientemente mau para que ele não quisesse guardar o revólver, apesar de ter quase a certeza absoluta de que o dono daquele cheiro j se tinha ido embora, provavelmente h horas atr s: Hamilton não ouviu nenhum dos ruídos curtos e regulares que provêm de um motor quando este ainda est quente. Não importava. Não alterava aquilo que sabia: durante um certo tempo, a carrinha fora o covil de algum animal terrível, e ele não iria correr o mais pequeno risco de que o animal pudesse voltar a encontr -lo desprevenido.

E a mamã poderia escrever um livro sobre aquilo.

Hamilton deixou-se ficar onde estava, com a arma na mão e os cabelos a provocarem comichão na parte de tr s do pescoço. Pareceu-lhe que só muito tempo depois é que as unidades de apoio acabaram por aparecer.

Seis

MORTE NA GRANDE CIDADE

Dodie Eberhart estava irritada, e quando Dodie Eberhart estava irritada, havia uma tipa na capital da nação com quem ninguém se quereria meter. Subiu as escadas do edifício de apartamentos da L Street com a impassibilidade (e praticamente o volume) de um rinoceronte a atravessar uma extensão aberta de pasto. O vestido azul-marinho estendia-se e espalhava-se sobre um peito que era grande de mais para ser simplesmente qualificado de amplo. Os braços carnudos baloiçavam como pêndulos.

H muitos anos atr s, esta mulher fora uma das mais espectaculares call-girlsl de Washington. Naquela época, tanto a sua altura - um metro e oitenta - como a boa aparência fizeram dela mais do que apenas um bom pedaço de mulher; Dodie era tão procurada que uma noite passada com ela quase equivalia a um troféu no gabinete de um desportista. Se se observasse com cuidado as fotografias de diversas fêtes e soirées em Washington tiradas durante a segunda Administração Johnson e a primeira Administração Nixon, era possível descobrir Dodie Eberhart em muitas delas, geralmente de braço dado com um homem cujo nome aparecia com frequência em artigos e ensaios políticos de peso. Só por causa da sua altura era difícil não reparar nela.

Dodie era uma prostituta com o coração de um banqueiro e a alma de uma barata gananciosa. Dois dos seus clientes habituais, um senador democr tico e um representante republicano j de uma certa idade deram-lhe a ganhar dinheiro suficiente de forma a poder reformar-se do negócio.

Não fizeram isso propriamente de livre e espont*f*nea vontade. Dodie estava consciente de que o risco de contrair a doença não estava propriamente a diminuir (e os funcion rios mais altos do Governo são tão vulner veis … sida e a diversas outras doenças venéreas menores - mas ainda assim preocupantes - como o mais comum dos mortais).

A idade dela também não estava a diminuir. Do mesmo modo, Dodie também não estava inteiramente convencida de que estes cavalheiros lhe fossem deixar algo nos respectivos testamentos, como ambos lhe haviam prometido.

"Lamento imenso, dissera-lhes ela, "mas, sabem, j não acredito no

Pai Natal ou na Fada Madrinha. A Dodizinha est totalmente entregue a si mesma. Com esse dinheiro, a Dodizinha comprou três edifícios de apartamentos. Os anos passaram. Os quarenta e dois quilos que haviam feito ajoelhar homens fortes a seus pés (geralmente diante dela enquanto se mantinha nua … frente deles) tinham agora passado para cento e doze quilos. Os investimentos, que haviam corrido bem em meados dos anos 70, tinham azedado nos anos 80, quando parecia que todas as outras pessoas no país com dinheiro na Bolsa de Valores se estavam a safar bem. Dodie tivera dois excelentes corretores na sua pequena lista de clientes bem até ao final da fase activa da sua carreira; alturas houve em que se arrependeu de não ter ficado com eles após se ter retirado.

Um edifício fora-se em 1984; o segundo em 1986, após uma auditoria desastrosa por parte das Finanças. Ela agarrara-se a este situado na L Street de uma forma tão desesperada como um jogador vencido num jogo implac vel do monopólio, convencida de que se encontrava num bairro prestes a estar na "moda". Mas ainda não ficara na "moda" e Dodie tinha a sensação de que não viria a estar na "moda durante os próximos um ou dois anos... se é que alguma vez iria a estar. Quando isso acontecesse, ela pretendia fazer as malas e mudar-se para Aruba. Por ora, a senhoria, que em tempos fora a puta mais procurada da cidade, teria de continuar a aguentar-se como podia.

Que fora o que sempre fizera.

Que era o que tencionava continuar a fazer.

E que Deus ajudasse quem se metesse no seu caminho.

Como Frederick "Espertalhão Clawson, por exemplo.

Dodie chegou ao patamar do segundo andar. Os Guns n'Roses bramiam do apartamento dos Shulman.

- BAIXEM A MERDA DESSE GIRA-DISCOS! - berrou ela a plenos pulmões... e quando Dodie Eberhart aumentava a voz até atingir o nível m ximo de decibéis, as janelas partiam-se, os tímpanos das criancinhas rebentavam e os cães caíam mortos para o lado.

De um momento para o outro, a m£sica passou de um grito para um sussurro. Dodie podia sentir os Shulman a tremerem de medo, agarrados um ao outro como um par de cachorros assustados numa trovoada e rezando que não fossem eles que a Bruxa M de L Street viera

ver. Eles tinham medo dela. Não era errado sentir isso. Shulman era advogado de direito empresarial numa firma poderosa, mas que estava ainda a duas £lceras de dist*f*ncia de se tornar suficientemente poderoso para assustar Dodie. Caso ele se cruzasse no seu caminho nesta fase inicial da sua vida, ela faria dele gato-sapato, e ele sabia disso, o que era extremamente satisfatório.

Quando as contas no banco e a carteira de investimento atingem o ponto mais baixo, é necess rio procurar satisfações onde estas se encontram.

Sem abrandar o passo, Dodie dobrou a esquina e começou a subir as escadas que levavam ao terceiro andar, onde Frederick "Espertalhão Clawson vivia num esplendor solit rio.

Caminhou com aquele mesmo passo regular de rinoceronte-a-atravessar-a-savana, não ficando de modo algum sem f“lego apesar do seu peso, tendo as escadas abanado ligeiramente apesar da sua solidez.

Ela estava ansiosa por isto.

Clawson não se encontrava sequer no degrau mais baixo de uma escada de direito empresarial. Neste preciso momento, não se encontrava sequer nessa escada. Como todos os estudantes de Direito que alguma vez conhecera (a maioria como inquilinos; nunca fora para a cama com nenhum durante aquela época que agora via como a sua "outra vida), Clawson era basicamente feito de grandes aspirações e fundos curtos, ambos a flutuar sobre uma camada generosa de tretas.

Regra geral, Dodie não confundia qualquer um destes elementos.

Na sua cabeça, cair na conversa de um estudante de Direito era tão mau como fazer um favor sexual de graça. No momento em que começasse a agir dessa forma, mais valia calçar as pantufas.

Figurativamente falando, est claro.

Ainda assim, Frederick "Espertalhão Clawson deitara abaixo parte das suas defesas. J por quatro vezes seguidas se atrasara com o pagamento da renda, tendo Dodie permitido tal coisa porque ele a convencera de que, no caso dele a aborrecida história de sempre era realmente verdade (ou poderia acabar por ser): ele estava verdadeiramente … espera de dinheiro.

Ela não teria ido na conversa dele se Clawson Lhe tivesse dito

que, na realidade, Sidney Sheldon era Robert Ludlum, ou que Victoria Holt, era, na realidade, Rosemary Rogers, porque ela estava-se absolutamente nas tintas para essas pessoas ou para os seus mil e um pseudónimos. Ela gostava era de romances policiais, e se fossem verdadeiros romances policiais de forte intensidade, tanto melhor. Dodie imaginava que devia haver imensa gente por aí a preferir as lamechices rom*f*nticas e as merdas de espionagem, se é que a lista dos livros mais vendidos do jornal Post Sunday tinha algum valor, embora ela j lesse Elmore Leornard muitos anos antes de este chegar …s listas e de ter igualmente formado laços muito estreitos com Jim Thompson, David Goodis, Horace McCoy, Charles Willeford, e o resto desses tipos. Para falar curto e grosso, Dodie Eberhart gostava de romances onde os homens assaltavam bancos, disparavam uns contra os outros e demonstravam o quanto amavam as suas mulheres, principalmente espancando-as com toda a força.

Na opinião dela, George Stark era - ou fora - o melhor deles todos. Dodie fora-lhe uma fã dedicada desde A Vontade de Machine e A Alelancolia de Oxford até A Caminho da Babilónia que parecia ser o £ltimo deles.

Da primeira vez que aparecera para cobrar a renda (daquela vez, Clawson ainda só estava três dias atrasado, mas, como é óbvio, quando se d a mão, eles querem logo o braço), o espertalhão do apartamento do terceiro andar encontrava-se rodeado de notas e romances de Stark. Após ter tratado daquilo que a levara até l e de ele Lhe ter prometido que entregaria um cheque até ao meio-dia do dia seguinte, ela perguntara-lhe se, agora, a leitura das obras completas de George Stark era um requisito para uma carreira na advocacia.

- Não - replicara Clawson, de sorriso vivo, alegre e francamente predatório - embora possam vir a fin*f*nciar uma carreira.

Fora o sorriso, mais do que qualquer outra coisa, que a fisgara e a levara a esquecer o caso dele quando sempre lidara com rudeza e brutalidade em todos os outros. Ela j vira aquele sorriso muitas outras vezes antes diante do próprio espelho. Nessa altura, Dodie acreditara que um tal sorriso não podia ser falso e, se é que interessa para alguma coisa, ainda acreditava nele. Clawson conseguira realmente a prova de culpabilidade de Thaddeus Beaumont;

o seu erro fora ter acreditado com tanta confiança que Beaumont iria

concordar com os planos de um espertalhão como Frederick Clawson. E esse fora também o erro dela.

Após a explicação de Clawson sobre aquilo que descobrira, Dodie lera um dos dois romances de Beaumont - Névoa P£rpura - tendo chegado … conclusão de que se tratava de um livro primorosamente est£pido. Apesar da correspondência e das fotocópias que o "Espertalhão Lhe mostrara, ela achara difícil, ou até mesmo impossível, acreditar que ambos os escritores fossem um só homem. Só que... aproximadamente a três quartos da leitura, num ponto em que ela se encontrava prestes a lançar o livro chatíssimo para a outra ponta da sala e a p“r o assunto de lado, deparou-se-lhe uma cena em que um lavrador mata um cavalo. O cavalo tinha duas pernas partidas e havia que abatê-lo. No entanto, o que chamava a atenção era o facto de o velho lavrador John se deleitar com isso. Na verdade, ao encostar o cano da arma … cabeça do cavalo, o lavrador masturbara-se, tendo apertado o gatilho no momento do clímax.

Era como se, pensou ela, Beaumont tivesse saído para ir buscar uma ch vena de café quando chegara …quela parte... e George Stark tivesse entrado e escrito a cena, como um Bimbambolor' liter rio. Era certamente a £nica pepita de ouro naquela meda específica de feno.

Bem, nada disso importava agora. Apenas provava que ninguém se encontrava imune para sempre a tretas. O espertalhão l de cima levara-a a dar uma volta, mas, pelo menos, fora uma volta pequena. E agora acabara.

Dodie Eberhart chegou ao patamar do terceiro andar, com a mão desde j a dobrar-se sobre si mesma, naquela espécie de punho apertado que usava sempre que chegava … altura, não de bater … porta com delicadeza, mas com for ça. Foi então que viu que não seria necess rio bater … porta com força pois a porta do espertalhão encontrava-se entreaberta.

- Jesus chorou! - sussurrou Dodie, com os l bios encrespados. Aquele não era um bairro de drogados, mas, quando se tratava de "limpar o apartamento de um idiz gtK qualquer, os drogados estavam mais do que desejosos de atravessar as linhas fronteiriças. O tipo era ainda mais est£pido do que ela pensara.

Dodie bateu ao de leve na porta com os nós dos dedos e esta abriu-se.

- Clawson! - chamou ela numa voz que prometia condenação e perdição.

Não ouviu resposta alguma. Ao levantar os olhos para o pequeno corredor, Dodie apercebeu-se de que os estores da sala de estar estavam corridos e que o candeeiro do tecto estava aceso. Um r dio tocava com o som baixo.

- Clawson, quero falar contigo!

Começou a atravessar o pequeno corredor... e estacou.

Uma das almofadas do sof estava no chão.

Era tudo. Nenhum sinal de que o sítio tivesse sido devastado por um drogado esfomeado. Contudo, os seus instintos estavam ainda alerta e, num instante, Dodie chegou a uma conclusão. Cheirava-lhe a alguma coisa. Apesar de ser um cheiro muito ténue, estava l . Um pouco como quando a comida fica estragada mas ainda não est podre. Não era esse o cheiro, mas era o mais parecido de que ela se conseguia recordar. Ser que j sentira aquele cheiro alguma vez? Dodie imaginou que sim.

E podia sentir também outro cheiro, apesar de ter a certeza que não era o seu olfacto que a tornava consciente deste £ltimo. Dodie reconheceu imediatamente aquele cheiro.

Ela e o agente estadual Hamilton, do Connecticut, teriam concordado num abrir e fechar de olhos do que é que se tratava: era o cheiro do mal.

Dodie deixou-se ficar onde estava, … porta da sala de estar, a olhar para a almofada caída no chão e a ouvir o r dio. Aquilo que a subida de três lances de escadas não conseguira fazer conseguira-o uma almofada inocente: o coração batia rapidamente sob o enorme seio esquerdo e a respiração saía com dificuldade da boca. Havia algo que não batia bem ali. Que não batia mesmo nada bem.

A questão era saber se ela se tornaria ou não parte de tudo aquilo se se deixasse ficar.

O bom senso aconselhava-a a ir-se embora enquanto o podia fazer, e o bom senso era muito forte, contudo, a curiosidade dizia-lhe que ficasse e espreitasse... e este sentimento era ainda mais forte.

Esticando o pescoço, Dodie espreitou pela entrada da sala de

estar, olhando primeiro para a sua direita, onde podia ver uma lareira falsa, duas janelas com vista para a L Street e pouco mais. Olhou para a esquerda e, subitamente, a sua cabeça deixou de se mexer. Na verdade, pareceu ficar petrificada naquela posição. Os olhos abriram-se.

Aquele olhar fixo e petrificado não durou mais de três segundos, embora para ela Lhe tenha parecido muito mais tempo. E viu tudo, até ao ínfimo pormenor; a mente de Dodie tirou a sua própria fotografia daquilo que viu, uma fotografia tão nítida e viva como aquelas que o fotógrafo da Polícia iria tirar brevemente.

Viu duas garrafas de cerveja Amstel sobre a mesinha do café, uma vazia e a outra a meio, com um colar de espuma ainda no interior do gargalo. Viu o cinzeiro com CHICAGoLAND!

escrito sobre a superfície curva. Viu as beatas de dois cigarros, sem filtro, esmagadas no centro de brancura imaculada do cinzeiro, apesar de o espertalhão não fumar - pelo menos, não cigarros. Viu a caixinha de pl stico que, em tempos, estivera cheia de tachas, deitada de lado entre as garrafas e o cinzeiro. A maioria das tachas, com as quais o espertalhão tinha o h bito de pendurar coisas no painel da cozinha, estavam espalhadas pela superfície de vidro da mesinha do café. Viu que algumas se encontravam sobre uma cópia aberta da revista People, aquela que apresentava a história de Thad Beaumont/George Stark. Dodie conseguia ver o Sr. e a Sra. Beaumont a cumprimentarem-se por cima da l pide de Stark, apesar de, do local onde se encontrava, estarem de pernas para o ar. Na opinião de Frederick Clawson, tratava-se da história que nunca seria impressa. Em vez disso, iria fazer dele um homem razoavelmente rico. Enganara-se quanto a isso. Na verdade, parecia que ele se enganara quanto a tudo.

Dodie conseguia ver Frederick Clawson, que passara de "Espertalhão a coisíssima nenhuma, sentado numa das suas duas cadeiras da sala de estar. Fora amarrado.

Encontrava-se nu, com as roupas atiradas numa bola emaranhada para debaixo da mesinha do café. Viu o buraco ensanguentado nas virilhas. Os testículos estavam ainda no respectivo lugar, mas o pénis fora-lhe enfiado na boca. Não havia qualquer falta de espaço porque o assassino também cortara a língua do "Espertalhão : estava pendurada na parede. A tacha fora espetada com tamanha força na carne rosada da língua que Dodie só conseguia vislumbrar uma meia-lua arreganhada

amarela que era a cabeça da tacha, e também isto a sua mente fotografou implacavelmente. O sangue infiltrara-se por debaixo do papel de parede sob a língua, desenhando a forma de uma ventoinha irregular.

O assassino utilizara uma outra tacha, esta com cabeça verde, para pregar a segunda p gina do artigo da revista People no peito nu do ex-Espertalhão. Apesar de não conseguir ver o rosto de Liz Beaumont - estava encoberto pelo sangue de Clawson - Dodie conseguia ver a mão da mulher, oferecendo a lata de bolinhos de chocolate para a apreciação risonha de Thad. Ela recordava-se que aquela fotografia aborrecera Clawson em particular.

"Que coisa tão encenada!"! exclamara ele. "Ela detesta cozinhar; ela própria o confessou numa entrevista logo após Beaumont ter publicado o primeiro romance. Escrito a sangue e … mão sobre a língua cortada pregada … parede, encontravam-se estas sete palavras:

OS PARDAIS ESTãO A VOAR DE NOVO.

"Meu Deus", pensou uma parte distante da sua mente.

tal e qual um romance de George Stark... como alguma coisa que Alexis Machine faria. Por detr s dela veio um ruído semelhante a uma pancada amortecida.

Dodie Eberhart gritou e virou-se. Machine aproximara-se dela com a sua terrível navalha de barbear de aço reluzente, agora coberta com o sangue de Frederick Clawson.

O seu rosto era a m scara deformada de cicatrizes, tudo aquilo que Nonie Griffiths deixara após o ter totalmente retalhado no final de A Vontade de Machine, e...

Todavia, afinal de contas, não havia ninguém ali. A porta pura e simplesmente fechara-se, como por vezes as portas fazem.

"Ser mesmo isso?"? perguntou a parte distante da sua mente... só que agora estava mais próxima, aumentando a voz, insistente no pavor. "Quando subiste as escadas, a porta estava entreaberta sem qualquer tipo de problema. Não escancarada, mas o suficiente para se aperceber que não estava fechada. Nesse instante, o seu olhar pousou de novo nas garrafas de cerveja na mesinha do café. Uma vazia. Outra a meio, com um anel de espuma ainda no interior do gargalo.

O assassino estava por detr s da porta quando ela entrara. Se

tivesse virado a cabeça tê-lo-ia visto quase de certeza... e, agora, também ela estaria morta.

E enquanto ali se encontrava, hipnotizada pelos restos coloridos de Frederick "Espertalhão Clawson, ele fora-se simplesmente embora, fechando a porta atr s de si.

As duas pernas perderam toda a força e ela deixou-se cair de joelhos, com uma espécie de graciosidade estranha, parecendo uma rapariga prestes a comungar. Como um hamster numa roda de exercício, a mente correu freneticamente sobre o mesmo pensamento: "Oh, não devia ter gritado, ele vai voltar, oh, não devia ter gritado, ele vai voltar, oh, não devia ter gritado... E foi então que o ouviu, o ruído surdo e calculado dos seus pés grandes no tapete do trio. Mais tarde, convenceu-se de que os malditos Shulman tinham voltado a aumentar o volume da aparelhagem e de que ela confundira a pancada regular do baixo com passos. Contudo, naquele momento, Dodie estava convencida de que era Alexis Machine e de que ele estava de volta... um homem tão empenhado e tão mortífero que nem mesmo a morte o faria parar.

Pela primeira vez na sua vida, Dodie Eberhart desmaiou.

Veio a si menos de três minutos depois. As pernas ainda não tinham força suficiente para a segurar, e por isso, Dodie arrastou-se pelo pequeno corredor do apartamento até … porta, com o cabelo sobre o rosto. Pensou em abrir a porta e olhar l para fora, mas não teve coragem de o fazer Em vez disso, rodou o ferrolho, prendeu a lingueta e, de seguida, prendeu a barra no seu pé de aço. Depois de todas essas coisas, sentou-se contra a porta, arquejante, o mundo uma mancha cinzenta. Dodie estava vagamente consciente de que se trancara com um corpo mutilado, mas não era tão mau quanto isso. Não era mesmo nada mau quando ponderava as alternativas.

A pouco e pouco, as forças voltaram e Dodie foi capaz de se p“r de pé. Dobrou a esquina na extremidade do vestíbulo e, de seguida, entrou na cozinha, onde estava o telefone.

Manteve os olhos afastados daquilo que restava do "Espertalhão, apesar de este ser um exercício em vão; e continuaria a ver aquela fotografia da mente em toda a nitidez hedionda durante um longo período de tempo.

Chamou a Polícia e, quando os agentes chegaram, não os deixou

entrar enquanto um deles não enfiou por debaixo da porta a sua identificação.

- Qual é o nome da sua esposa? - perguntou ela ao polícia, cujo distintivo plastificado o identificava como Charles F. Toomey Jr. A sua voz estava alta e trémula, exactament o oposto do tom habitual. Os amigos mais chegados (se é que ela tinha algum) não a teriam reconhecido.

- Stephanie, minha senhora - respondeu a voz do outro lado da porta, pacientemente.

- Sabe muito bem que posso telefonar para a central a confirmar se é verdade! - exclamou ela, num tom quase estridente.

- Eu sei que pode, senhora Eberhart - replicou a voz - mas não acha que se ir sentir segura muito mais rapidamente se nos deixar entrar?

E porque ela continuou a reconhecer a voz do polícia com tanta facilidade como reconhecera o cheiro do mal, desaferrolhou a porta e deixou Toomey e o colega entrarem.

Uma vez com eles l dentro, Dodie fez algo que nunca fizera antes: teve um ataque de histeria.

Sete

ASSUNTO DE POL‹CIA

1

Quando a Polícia chegou, Thad encontrava-se no andar de cima, no seu escritório, a escrever.

Liz estava a ler um livro na sala de estar enquanto William e Wendy faziam palermices um ao outro no enorme parque partilhado pelos dois. Liz dirigiu-se … porta, tendo, antes de abrir, espreitado para o exterior de uma das decorativas janelas estreitinhas que a franqueavam. Tratava-se de um h bito que adquirira desde aquilo que era jocosamente apelidado da "estreia de Thad na revista People. Os visitantes - na sua grande maioria vagos conhecidos, com uma mistura generosa de habitantes da vila curiosos e até mesmo de alguns estranhos (estes £ltimos unanimemente fãs de Stark) em grande n£mero tinham adquirido o costume de Lhe bater … porta. Thad chamava a isso a "síndroma-de-ver-os-crocodilos-vivos e afirmava que iria desaparecer aos poucos, numa semana ou duas. Liz esperava que ele tivesse razão. Por ora, ela temia que um dos novos visitantes pudesse ser um caçador de crocodilos tresloucado, do género daquele que assassinara John Lennon, o que a levava sempre a espreitar pela janelinha lateral antes de abrir a porta. Apesar de não ter a certeza se reconheceria um louco genuíno quando visse um, Liz podia, pelo menos, evitar o descarrilamento do comboio de pensamentos de Thad durante as duas horas passadas todas as manhãs a escrever.

Após esse tempo, era ele próprio quem atendia a porta, lançando-lhe com frequência um olhar culpado de rapazinho ao qual ela não sabia como responder.

Nesta manhã de s bado, os três homens na soleira da porta da frente não eram fãs de Beaumont ou de Stark, !

imaginou ela, e também não eram nenhuns loucos... a não ser que alguns dos tresloucados da nova geração tivessem adquirido o h bito de conduzir carros-patrulha da polícia estadual. Liz abriu a porta, sentindo a pontada de receio que mesmo as pessoas mais inocentes devem sentir quando a Polícia aparece sem ser chamada. Imaginou que, se tivesse filhos com idade suficiente para andarem por aí aos pinotes naquela manhã chuvosa de s bado, ela j estaria a interrogar-se se eles estariam bem.

- Sim?

- a senhora Elizabeth Beaumont? - perguntou um deles.

- Sim, sou eu. Em que Lhes posso ser £til?

- O seu marido encontra-se em casa, senhora Beaumont? - perguntou um segundo. Estes dois vestiam gabardinas cinzentas idênticas e chapéus da polícia estadual, também idênticos.

"Não, é o fantasma de Ernest Hemingway que vocês ouvem l em cima a matraquear", lembrou-se ela de dizer, mas, como é óbvio, não o fez. Primeiro foi tomada por aquele medo s£bito de ser -que-alguém-teve-um-acidente, a que se seguiu a culpa ilusória que leva uma pessoa a querer sair-se com algo ríspido ou sarc stico, algo que exprimisse, quaisquer que fossem as palavras: "Vão-se embora.

Ninguém os quer aqui. Não fizemos nada de mal. Vão-se embora e descubram alguém que o fez. - Importam-se que Lhes pergunte porque é que gostariam de falar com ele?

Alan Pangborn era o terceiro polícia.

- Assunto de polícia, senhora Beaumont - respondeu.

- Ser que podemos falar com ele, por favor?

2

Thad Beaumont não mantinha nada que se parecesse com um di rio organizado, mas, por vezes, acabava por escrever sobre os acontecimentos na sua própria vida que o interessavam, divertiam ou assustavam. Mantinha essas notas num livro-razão encadernado, e a sua mulher não se mostrava muito interessada nelas. Na verdade, assustavam-na, embora ela nunca o tivesse confessado a Thad A maioria era peculiarmente desapaixonada, quase como se uma parte dele estivesse a relatar a sua vida, com um olhar dist*f*nciado e praticamente desinteressado. Após a visita da Polícia na manhã de 4 de Junho, Thad escreveu uma longa entrada, perpassada por uma intensa e invulgar corrente de emoção.

"Agora compreendo um pouco melhor O Processo de Kafka e 1984, de Orwell [escreveu Thad]. um grave erro lê-lo apenas como romances políticos e nada mais. Creio que a depressão pela qual passei após ter terminado Os Dançarinos e de ter descoberto que nada mais havia a esperar depois desse livro - salvo o aborto de Liz, isso sim

constitui ainda a experiência emocional mais devastadora da nossa vida de casados, embora aquilo que hoje aconteceu pareça ser pior. Digo a mim mesmo que assim é porque a experiência ainda est recente, mas, suspeito que seja muito mais do que isso. Dado que o meu período na escuridão e a perda daqueles dois primeiros gémeos constituem feridas que sararam, deixando apenas cicatrizes para marcar os locais onde se encontravam, suponho, pois, que esta nova ferida também ir sarar... embora não acredite que o tempo alguma vez a apagar por completo. Deixar igualmente a sua cicatriz, uma que ser mais pequena ainda que mais profunda - como a cicatriz desbotada de um corte repentino com uma faca.

Tenho a certeza de que a Polícia se comportou de acordo com o seu juramento (se é que ainda prestam juramento, e suponho que ainda o fazem). Mesmo assim, tanto na quele momento como agora, paira ainda sobre mim o sentimento de que me encontrava em perigo de ser empurrado para uma qualquer m quina burocr tica sem rosto.

não homens mas uma m quina, que continuaria metodicamente com o seu processo até me desfazer por completo...

porque desfazer pessoas é o propósito da m quina. O som dos meus gritos não aceleraria nem atrasaria a acção de destruição da m quina.

Quando Liz subiu as escadas e disse que a Polícia me queria ver por causa de uma coisa qualquer, embora não Lhe dissessem do que é que se tratava, pude ver quanto estava nervosa. Disse-me que um deles era Alan Pangburn, o xerife do município de Castle. • possível que o tenha encontrado uma ou duas vezes antes, mas só o reconhecemos porque a sua fotografia aparece de tempos a tempos no jornal Call de Castle Rock.

Fiquei curioso e grato pela pausa na m quina de escrever, onde, na £ltima semana, as minhas personagens têm vindo a insistir para fazer coisas que eu não quero que façam.

Se pensei em alguma coisa, suponho que pensei que deveria ser algo relacionado com Frederick Clawson, ou com alguma repercussão do artigo na People.

Não sei se conseguirei transmitir correctamente o tom do encontro que se seguiu. Não sei sequer se isso tem alguma import*f*ncia; só sei que parece importante tentar.

Encontravam-se no trio de entrada, perto da base das escadas, três homens grandes (não admira que as pessoas os chamem "bisarmas") a pingarem gua sobre o tapete.

- O senhor é Thaddeus Beaumont? - perguntou um deles: era o xerife Pangborn. Foi então que a alteração emocional que desejo descrever (ou, pelo menos, indicar)

começou a acontecer. … curiosidade e ao prazer de me ver livre, ainda que por breves momentos, da m quina de escrever, juntou-se uma certa dose de perplexidade. E também alguma preocupação. O meu nome completo, mas nada de "senhor". Como um juiz a dirigir-se ao réu sobre o qual se encontra prestes a proferir a sentença.

- Sim, é isso mesmo - respondi eu - e o senhor é o xerife Pangborn. Sei porque temos uma casa em Castle Lake. - De seguida, estiquei a mão, naquele velho gesto autom tico do homem americano bem treinado. Ele limitou-se a olhar para a mão, tendo o seu rosto adquirido uma expressão diferente: era como se tivesse aberto a porta do frigorífico e verificado que o peixe que comprara para o jantar estava estragado.

- Não tenho intenção alguma de Lhe apertar a mão - afirmou. - Portanto, talvez seja melhor voltar a colocar a mão onde a tinha e poupar a ambos uma situação constrangedora.

Que raio de coisa estranha para se dizer, algo francamente grosseiro para se dizer, embora isso não me tivesse perturbado tanto como a forma como o fora dito. Era como se ele pensasse que eu estava louco.

E, precisamente desta forma, fiquei aterrorizado. Ainda agora tenho dificuldade em acreditar na rapidez, na maldita rapidez com que as minhas emoções atravessaram todo o espectro habitual, passando da simples curiosidade e algum prazer na pausa da rotina habitual para um medo puro e simples. Naquele momento, soube que eles não estavam aqui apenas para falar comigo sobre alguma coisa mas porque acreditavam que eu fizera algo e, naquele instante de horror ("Não tenho intenção alguma de Lhe apertar a mão") tive também a certeza de que o tinha feito.

• precisamente isto que eu tenho de p“r c para fora. No instante feito de silêncio morto que se seguiu … recusa de Pangborn de me apertar a minha mão, pensei, com efeito, que fizera tudo... e de que nada valeria não confessar a minha culpa.

Lentamente, Thad baixou a mão. Pelo canto do olho, podia ver Liz com as mãos fechadas numa apertada bola branca entre os seios e, subitamente, desejou ficar furioso com este polícia, que fora convidado a entrar de livre vontade em sua casa e que, de seguida, se recusara a apertar-Lhe a mão. Este polícia cujo sal rio era pago, pelo menos numa pequena parte, pelos impostos que os Beaumont pagavam pela casa em Castle Rock. Este polícia que assustara Liz. Este polícia que o assustara a ele.

- Muito bem - disse Thad num tom calmo. - J que o senhor não deseja apertar-me a mão, então talvez me possa dizer por que razão se encontra aqui.

Ao contr rio dos polícias estaduais, Alan Pangborn não vestia uma gabardina mas um blusão imperme vel que só chegava … cintura. Enfiou a mão no bolso de tr s, tirou um cartão e começou a lê-lo. Só passados alguns instantes é que Thad se apercebeu de que estava a ouvir uma variante do aviso Mirandal.

- Como disse, chamo-me Alan Pangborn, senhor Beaumont. Sou o xerife do município de Castle, no Maine. Encontro-me aqui porque tenho de o interrogar relativamente a um homicídio.

Far-lhe-ei estas perguntas na Central da Polícia Estadual de Orono. Tem o direito de permanecer calado...

- Oh, pelo amor de Deus, o que é que se est a passar aqui? - inquiriu Liz e, sobrepondo-se a essa pergunta, Thad ouviu-se a si próprio afirmar:

- Espere aí um minuto, espere a porra de um minuto! - Thad tivera a intenção de bramir estas palavras, mas, apesar de o cérebro ordenar aos pulmões para aumentar o volume até atingir o tranquilizante tom elevado, apropriado para uma sala de conferências, o melhor que conseguiu foi uma ligeira objecção que Pangborn atropelou com facilidade.

-... e tem o direito a um advogado. Caso não possa pagar um advogado, este ser-lhe- proporcionado.

Pangborn tornou a colocar o cartão no bolso de tr s.

- Thad? - Liz comprimia-se contra ele, como uma criança pequena assustada pela trovoada. Os seus enormes olhos perplexos

fitavam Pangborn. De vez em quando, dardejavam os agentes estaduais, que pareciam ser suficientemente grandes para jogarem … defesa numa equipa de futebol americano profissional, mas, durante a maior parte do tempo, permaneciam sobre Pangborn.

- Não vou a lado nenhum com o senhor - respondeu Thad. A voz tremia, oscilando para cima e para baixo, alternando de registo como a voz de um jovem adolescente.

Estava ainda a tentar ficar furioso. - Não me parece que o senhor me possa obrigar a fazer isso.

Um dos agentes estaduais pigarreou:

- A alternativa - disse - é voltarmos atr s e irmos buscar um mandado para o prender, senhor Beaumont.

Com base nas informações que possuímos, isso seria extremamente f cil. O agente...

O agente olhou de relance para Pangborn. - Talvez seja conveniente acrescentar que o xerife Pangborn queria que trouxéssemos um connosco. Insistiu muito para que assim fosse, e suponho que teria conseguido o que queria se o senhor não fosse... uma espécie de figura p£blica.

Pangborn mostrou-se desagradado, talvez por este facto, possivelmente porque o agente estava a informar Thad desse facto, ou mesmo pelos dois.

O agente estadual viu o olhar lançado por Pangborn e bateu com os sapatos molhados um no outro, como se estivesse um pouco constrangido, mas, ainda assim, continuou a falar:

- Dada a situação, não tenho problema algum em que fique ao corrente deste facto. - Olhou interrogativamente para o colega, que acenou a cabeça. Pangborn continuou a parecer desagradado. E zangado. "Ele d a sensação, pensou Thad, "de que gostaria de me esquartejar com as unhas e de me enrolar as tripas … volta do pescoço. - Isso soa muito profissional - replicou Thad. Ficou aliviado por ver que, pelo menos, estava a conseguir recuperar o f“lego e que a sua voz começava a voltar ao tom habitual. Thad queria ficar zangado porque a cólera iria mitigar o medo mas tudo o que conseguia sentir não passava de desorientação. Era como se tivesse sido esmurrado. - Só que se esquece do facto de eu não ter

a mais pequena ideia de que raio é que se est a passar.

- Se pens ssemos que isso fosse verdade, não estaríamos aqui, senhor Beaumont - replicou Pangborn. Por fim, a expressão de aversão no seu rosto acabou por despoletar aquilo que Thad tanto queria, tendo ficado subitamente enfurecido.

- Estou-me nas tintas para aquilo que pensa! - exclamou Thad. - Disse-lhe que sabia quem o senhor era, xerife Pangborn. Eu e a minha mulher possuímos uma casa de Verão em Castle Rock desde mil novecentos e setenta e três, muito antes de o senhor ter sequer ouvido falar daquele lugar. Não sei o que est aqui a fazer, a cerca de duzentos e sessenta quilómetros do seu território, ou porque éque est a olhar para mim como se eu fosse uma cagadela de p ssaro num carro novinho em folha, mas posso-lhe garantir que não irei para lado algum com o senhor enquanto não souber o que se passa. Se for preciso um mandado de captura, v -se embora e arranje um. Mas quero que saiba que se assim o fizer, vai ficar enfiado até ao pescoço numa chaleira de merda a ferver e eu estarei por debaixo a atiçar o lume. Porque eu não fiz nada. Isto é absolutamente incrível.

Apenas... absolutamente... incrível!

Nesta altura, a voz de Thad atingiu o volume m ximo, e ambos os agentes estaduais pareciam um pouco desconcertados.

Pangborn, não. Continuou a fitar Thad daquele modo inquietante.

Na outra sala, um dos gémeos começou a chorar.

- Oh, meu Deus - lastimou-se Liz - o que se passa?

Diga-nos!

- Vai l ver os mi£dos, amor - pediu Thad desviando o olhar fixo do de Pangborn.

- Mas...

- Por favor - insistiu Thad. Por essa altura, j os dois bebés choravam. - Vai ficar tudo bem.

Liz lançou-lhe um £ltimo olhar vacilante, que perguntava "Prometes?"? e encaminhou-se para a sala de estar.

- Queremos interrog -lo relativamente ao homicídio de Homer

Gamache - afirmou o segundo agente.

Thad desviou o olhar petrificado sobre Pangborn e virou-se para o polícia.

- Quem?

- Homer Gamache - repetiu Pangborn. - Vai-nos dizer que o nome nada significa para si, senhor Beaumont?

- Claro que não - respondeu Thad, espantado. - Quando estamos na vila, é o Homer quem leva o nosso lixo para a lixeira. Também faz alguns consertos l em casa. Perdeu um braço na Coreia. Deram-lhe a Estrela de Prata...

- De bronze - corrigiu Pangborn, friamente.

- O Homer est morto? Quem é que o matou?

Nesse momento, os agentes entreolharam-se, surpresos. Depois da dor, a surpresa talvez seja a emoção humana mais difícil de fingir com efic cia.

O primeiro agente replicou numa voz curiosamente dócil:

- Temos todas as razões para pensar que tenha sido o senhor, senhor Beaumont. Por isso é que estamos aqui.

Por um instante, Thad fitou-o com um vazio no olhar, lançando, de seguida, uma gargalhada.

- Meu Deus! Pelo amor de Deus! Isto é de loucos.

- Quer ir buscar um casaco, senhor, Beaumont? - perguntou o outro agente. - Est a chover bastante l fora.

- Não vou a lado nenhum com o senhor - repetiu ele.

ausente, não se apercebendo da repentina expressão de exasperação de Pangborn. Thad estava a pensar.

- Penso que vai - respondeu Pangborn - de um modo ou de outro.

- Ter de ser, então, do outro modo - replicou ele, acordando dos seus pensamentos. - Quando é que isso aconteceu?

- Senhor Beaumont - disse Pangborn, falando lentamente e articulando com cuidado as palavras; era como se estivesse a falar com

uma criança de quatro anos, e uma que não fosse propriamente esperta. - Não estamos aqui para Lhe darmos quaisquer informações.

Liz surgiu … entrada da porta com os bebés. O seu rosto ficara sem um pingo de cor; a sua testa brilhava como uma lampada.

- Isto é de loucos - exclamou ele, olhando de Pangborn para os agentes e, de seguida, de novo para Pangborn.

- De loucos. Não se apercebem disso?

- Oiça - disse Thad, encaminhando-se na direcção de Liz e colocando o braço … volta dela - eu não matei o Homer, xerife Pangborn, embora agora j entenda porque é que est tão irritado. Venha l acima até ao meu escritório.

Vamo-nos sentar a ver se conseguimos descortinar isto...

- Quero que o senhor v buscar o seu casaco - ordenou Pangborn. Olhou de relance para Liz. - Desculpe a minha linguagem, mas j aturei tudo o que tinha a aturar para uma manhã chuvosa de s bado. O senhor foi apanhado.

Thad olhou para o mais velho dos dois agentes estaduais.

- Ser que o senhor se importa de meter algum juízo na cabeça deste homem? Diga-lhe que poder evitar uma série de situações constrangedoras e confusas se me disser quando é que o Homer foi morto - e, acrescentando de seguida - e onde. Se foi em The Rock, porque eu não consigo imaginar o que é que o Homer estaria a fazer c para estas bandas... ora, nos £ltimos dois meses e meio, não saímos de Ludlow, excepto para ir … universidade.

O agente estadual reflectiu por um momento, acabando por dizer de seguida:

- Desculpe-nos por uns instantes.

Os três afastaram-se até ao trio de entrada, dando quase a sensação de que eram os agentes que conduziam Pangborn.

Saíram pela porta da frente. Mal esta se fechou, Liz explodiu numa enxurrada de perguntas confusas. Thad conhecia-a bem de mais para suspeitar que o terror tivesse assumido a forma de raiva - até mesmo de f£ria - contra os polícias, mais que não fosse pela notícia da morte do Homer Gamache. No ponto em que as coisas estavam, ela encontrava-

se … beira das l grimas.

- Vai ficar tudo bem - respondeu ele, beijando-a na face. E, lembrando-se depois, também beijocou William e Wendy, que estavam a começar a ficar verdadeiramente irrequietos. - Acho que os agentes estaduais j sabem que estou a dizer a verdade. Pangborn... bem, ele conhecia o Homer. Tu também. ele est apenas extremamente irritado. - "E pelo olhar e tom de voz, deve ter em sua posse aquilo que parecem ser provas inabal veis que me ligam ao assassínio", pensou ele, embora não o tenha acrescentado.

Thad atravessou o trio e espreitou pela estreita janela lateral, tal como fizera Liz. Se não fosse pela situação, aquilo que viu até podia ser engraçado. Os três encontravam-se sob o alpendre, quase mas ainda que não totalmente abrigados da chuva, a conferenciar. Apesar de conseguir ouvir o som das vozes, Thad não conseguia destrinçar aquilo que diziam. Pensou que se assemelhavam a jogadores de beisebol a conferenciar em cima da base, durante um ataque tardio executado pela outra equipa. Os dois polícias estaduais estavam a falar com Pangborn, que abanava a cabeça e replicava acaloradamente.

Thad tornou a atravessar o trio.

- Que é que eles estão a fazer? - perguntou Liz.

- Não sei - respondeu Thad por sua vez - mas parece-me que os polícias estão a tentar convencer Pangborn a ,, dizer-me a razão pela qual ele tem tanta certeza de que fui eu quem matou Homer Gamache. Ou, pelo menos, algumas das razões.

- Coitado do Homer - sussurrou ela. - Isto é um autêntico pesadelo.

Thad tirou William do colo dela e tornou a dizer-lhe para não se preocupar.

5

Cerca de dois minutos mais tarde, os polícias regressaram. O rosto de Pangborn era uma nuvem negra. Thad suspeitou que os dois polícias estaduais Lhe deveriam ter dito aquilo que o próprio Pangborn j sabia, mas que não queria admitir: o escritor não apresentava nenhum dos tiques e taras geralmente associados … culpa.

- Muito bem - disse Pangborn, tentando evitar uma certa rispidez,

pensou Thad, e a sair-se bastante bem. Ainda que não tivesse l muito êxito, estava a sair-se bastante bem, considerando o facto de se encontrar na presença do suspeito n£mero um do assassínio de um velhote com um só braço. - Estes senhores gostariam que, pelo menos, Lhe fizesse uma pergunta aqui, senhor Beaumont, e assim o farei. Ser que nos pode dar conta do seu paradeiro no período de tempo entre as onze da noite de trinta e um de Maio e as quatro da manhã de um de Junho?

Os Beaumont trocaram um olhar entre si. Thad sentiu libertar-se de um grande peso … volta do coração. Ainda que não tivesse desaparecido por completo, ainda não, era como se todos os ferrolhos que sustentavam aquele peso tivessem sido abertos. Agora só faltava um valente empurrão.

- Achas que foi? - murmurou Thad para a mulher. Apesar de estar convencido que sim, parecia ser bom de mais para ser verdade.

- Tenho a certeza que foi - respondeu Liz. - Trinta e um, foi o que disse? - Ela olhava para Pangborn com uma esperança radiosa.

Pangborn devolveu o olhar com desconfiança.

- Sim, minha senhora. Mas temo que a sua palavra não consubst*f*nciada não seja...

Ela ignorava-o, contando para tr s com os dedos.

Subitamente, sorriu como uma aluna na escola.

- Terça-feira! Terça-feira foi trinta e um! - exclamou para o marido. - Foi! Graças a Deus!

Pangborn ficou espantado e mais desconfiado do que nunca.

Os agentes entreolharam-se e, de seguida, olharam de novo para Liz.

- Ser que nos quer dizer o que est a passar-se, senhora Beaumont? - perguntou um deles.

- Na noite de terça-feira, dia trinta e um, demos aqui uma festa! - replicou ela, lançando a Pangborn um olhar de triunfo e de profunda aversão. - A casa estava cheia! Não foi, Thad?

- Se foi!

- Num caso como este, um bom libi constitui em si mesmo causa de suspeita - afirmou Pangborn, ainda que parecendo abalado.

- Oh, que homem tonto e arrogante! - exclamou Liz. Cores vivas brilhavam agora nas suas faces. O medo estava a passar;

a f£ria vinha aí. Liz olhou para os agentes: - Se o meu marido não tem um libi para este assassínio que vocês dizem que ele cometeu, levem-no para a esquadra! Se ele tem um libi, este homem diz que provavelmente significa que, de qualquer modo, foi ele … mesma! De que é que têm medo? De um trabalhinho honesto? Porque é que estão aqui?

- P ra com isso, Liz - pediu Thad sobriamente. - Eles têm boas razões para estarem aqui. Se o xerife Pangborn andasse … caça de gambozinos ou tivesse vindo atr s de um palpite, penso que teria vindo sozinho.

Pangborn lançou-lhe um olhar de desagrado, tendo de seguida suspirado.

- Fale-nos l sobre essa festa, senhora Beaumont.

- Foi em homenagem a Tom Carroll - explicou Thad. - Tom esteve no Departamento de Inglês da universidade durante dezanove anos, tendo sido o seu presidente nos £ltimos cinco.

Reformou-se a vinte e sete de Maio, quando o ano lectivo terminou oficialmente. Sempre foi um dos mais queridos do departamento, conhecido pela maioria de nós, velhos cavalos de guerra, como Gonzol Tom por causa da sua predilecção pelos ensaios de Hunter Thompson. Assim, decidimos oferecer-lhe uma festa de despedida para ele e para a mulher.

- A que horas é que essa festa terminou?

Thad sorriu:

- Bem, acabou antes das quatro da manhã, mas deu para o tarde. Quando se junta um grupo de professores de inglês com uma provisão praticamente ilimitada de bebidas alcoólicas, é possível passarmos todo um fim-de-semana juntos. Os convidados começaram a chegar por volta das oito e... quem foi o £ltimo, querida?

- Rawlie DeLesseps e aquela mulherzinha horrível do Departamento de História com quem ele anda desde o tempo da Maria Cachucha - respondeu ela. - Aquela que brada aos quatro ventos: "Chamem-me apenas Billie, tal como toda a gente. - Exactamente - disse Thad, a sorrir neste momento.

- A "Bruxa M do Leste".

Os olhos de Pangborn enviavam uma mensagem clara de vocês-estão-a-mentir-e-ambos-sabemos-disso.

- E a que horas é que esses amigos se foram embora?

Thad estremeceu um pouco.

- Amigos? Rawlie, sim. Aquela mulher é de certeza que não.

- Duas da manhã - respondeu Liz.

Thad acenou com a cabeça:

- Tinham de ser pelo menos duas da manhã quando os vimos pelas costas. Quase que os pusemos na rua. Tal como j disse, no dia em que entrar para o Clube de Fãs da Wilhemina Burks, h -de estar a nevar no Inferno. No entanto, teria insistido para que eles passassem c a noite se o Rawlie tivesse ainda de conduzir mais de cinco quilómetros ou se não fosse assim tão tarde. De qualquer modo, não estava ninguém nas estradas …quela hora da noite de uma terça-feira, desculpem-me, de uma quarta-feira. Excepto, talvez, alguns veados a fazerem incursões nos jardins. - Thad fechou a boca abruptamente. No seu alívio, estava prestes a tartamudear.

Fez-se um momento de silêncio. Nesta altura, os dois agentes olhavam para o chão. Pangborn aparentava uma expressão no rosto que Thad não conseguia decifrar - tinha a impressão de que nunca a vira antes. Não era desapontamento, embora o desapontamento fizesse parte dela.

"Mas que raio de coisa é que se passa aqui? - Bem, tudo isso é muito conveniente, senhor Beaumont - disse, por fim, Pangborn - mas est muito longe de ser algo sólido. Temos a sua palavra e a da sua mulher, ou um c lculo por alto, da hora em que esse £ltimo casal se teria ido embora. Se são tão horríveis como os senhores parecem achar que são, só muito dificilmente é que eles serão capazes de corroborar aquilo que disseram. E se este tipo DeLesseps é realmente um amigo, ele poder dizer... bem, quem sabe?

Ainda assim, Alan Pangborn estava a perder terreno.

Thad apercebeu-se disso e julgou - não, soube que os agentes estaduais também se tinham apercebido de tal. No entanto, o homem ainda não estava pronto para os largar.

O medo que Thad inicialmente sentira e a raiva que se seguira estavam a transformar-se em fascínio e curiosidade.

Tinha a impressão que nunca vira perplexidade e certeza tão equilibrados a debaterem-se numa guerra. A realização da festa - e ele tinha de aceitar como facto algo que pode ser confirmado com tanta facilidade - tinha-o abalado...

ainda que não o tivesse convencido. Do mesmo modo, Thad podia ver que os agentes também não estavam inteiramente convencidos. A £nica diferença era que não tinham ido tanto aos arames. Não haviam conhecido Homer Gamache pessoalmente e, portanto, não tinham qualquer interesse pessoal no assunto. Alan Pangborn tinha os dois.

"Eu também o conheci", pensou Thad. "Assim, talvez também tenha algum interesse nisso. parte do meu pescoço, est claro. - Olhe - disse de modo paciente, conservando o olhar fixo no de Pangborn e tentando não retribuir hostilidade - vamos p“r os pontos nos "is", como os meus alunos gostam de dizer. O senhor perguntou se podíamos provar efectivamente o nosso paradeiro...

- O seu paradeiro, senhor Beaumont - corrigiu Pangborn.

- Est bem, o meu paradeiro. Cinco horas bastante difíceis. Quando a maioria das pessoas est na cama. Graças a nada mais do que pura sorte, nós (se preferir, eu) podemos cobrir pelo menos três dessas cinco horas. Talvez Rawlie e a sua detest vel companhia se tenham ido embora …s duas ou talvez … uma e meia ou …s duas e um quarto. Qualquer que fosse a hora, era tarde. Eles vão corroborar este facto, e aquela mulherzinha Burks não mentiria quanto ao meu libi mesmo que Rawlie o fizesse. Penso que se a Billie Burks me visse aflito, a afogar na praia, lançava um balde de gua sobre mim.

Liz lançou-lhe um sorrisinho estranho e afectado enquanto pegava em William, que estava a começar a contorcer-se ao colo do pai. Thad começou por não entender aquele sorriso, mas, depois, descobriu a razão. Era aquela expressão, est claro - "mentir quanto ao meu libi. Era uma expressão que Alexis Machine, o arquivilão dos romances de George Stark, por vezes utilizava. De certo modo, era esquisito; Thad não conseguia lembrar-se de alguma vez ter usado um starkismo em qualquer conversa. Por outro lado, também nunca fora acusado de assassínio e o assassínio era um género de situação própria de

George Stark.

- Mesmo supondo que estamos enganados em cerca de uma hora e que os £ltimos convidados se tenham ido embora … uma - continuou ele - e supondo ainda que saltei para o meu carro no minuto (no segundo) em que eles viraram as costas, e que depois tenha guiado como um tresloucado até Castle Rock, não teria qualquer hipótese de l chegar antes das quatro e meia ou cinco horas da manhã. Não h qualquer auto-estrada para o leste, como sabem.

Um dos agentes começou:

- E a Arsenault disse que era cerca de um quarto para a uma quando viu...

- Não h necessidade alguma de entrarmos nesses pormenores neste preciso momento - interrompeu Alan rapidamente.

Liz produziu um som indelicado e irritado, tendo Wendy arregalado os olhos para ela de forma cómica. Na curva do outro braço, William parou de se contorcer, subitamente absorvido pela maravilha dos seus próprios dedos contorcidos.

Para Thad, ela disse - Havia aqui ainda imensa gente … uma da manhã, Thad - disse ela. - Imensa. - De seguida, atacou Alan Pangborn; desta vez, atacou-o mesmo: - Que é que se passa consigo, xerife? Porque é que est tão obcecadamente determinado em deitar tudo isto para cima do meu marido?

Ser que o senhor é um homem est£pido? Preguiçoso?

Mau? Não me parece que seja nenhuma dessas coisas, mas o seu comportamento faz-me imaginar isso. Imaginar isso e muito mais. Se calhar foi … sorte. Foi? Tirou o nome dele de um maldito chapéu?

Alan recuou ligeiramente, surpreso - e desconcertado - pela sua ferocidade.

- Senhora Beaumont...

- Temo que seja eu quem leve a melhor, xerife - disse Thad. - O senhor pensa que matei Homer Gamache...

- Senhor Beaumont, o senhor não foi acusado de...

- Não. Mas é isso que pensa, não é?

Uma cor, compacta e de tom de terra, não de constrangimento, pensou Thad, mas de frustração, tinha vindo lentamente a subir nas faces de Pangborn como merc£rio num termómetro.

- Sim, senhor - respondeu ele. - Realmente penso.

Apesar de tudo aquilo que o senhor e a sua esposa disseram.

Esta resposta encheu Thad de espanto. O que é que, em nome de Deus, poderia ter acontecido para aquele homem (que, como Liz dissera, não parecia nada est£pido)

estar tão seguro? Tão terrivelmente seguro?

Thad sentiu um arrepio subir pela espinha acima... e foi então que algo peculiar aconteceu. Por um momento, um som fantasmagórico cobriu a mente dele - não a cabeça mas a mente. Era um som que conferia uma sensação dolorosa de déj… vu, pois a £ltima vez que o ouvira fora praticamente h trinta anos. Era o som fantasmagórico de ceng tenas, talvez de milhares, de passarinhos.

Thad levou uma mão … cabeça e tocou na pequena cicatriz que aí se encontrava, tendo o arrepio surgido de novo, desta vez mais forte, enroscando-se pela carne como um arame. "Mente quanto ao meu libi, George", pensou ele.

"Estou metido num aperto, por isso mente quanto ao meu libi". - Thad? - perguntou Liz. - Est s bem?

- Hum? - Virou-se e olhou para ela.

- Est s p lido.

- Estou bem - respondeu, e estava. O som passara.

Se é que chegara realmente a existir. Virou-se para Pangborm:

- Como dizia, xerife, eu levo a melhor neste assunto. O senhor pensa que matei o Homer. Eu, no entanto, sei que não o fiz. Excepto nos livros, nunca matei ninguém.

- Senhor Beaumont...

- Compreendo a sua indignação. Ele era um velho simp tico com uma mulher extremamente dominadora, um grande sentido de humor, e tinha apenas um braço. Também eu estou indignado. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para o ajudar, mas o senhor vai ter de p“r de

parte essa treta do segredo de polícia e dizer-me porque é que est aqui, que raio de coisa é que o trouxe até mim. Estou confuso.

Alan olhou para ele durante um longo período de tempo e depois disse:

- Todos os instintos no meu corpo dizem que o senhor est a dizer a verdade.

- Graças a Deus - afirmou Liz. - O homem tem algum juízo.

- Se se verificar que est a dizer a verdade - continuou Alan, fitando apenas Thad - descobrirei pessoalmente no I.R.S.E. a pessoa que se enganou nesta identificação e eu próprio o esfolarei vivo.

- Que é o R.S.E. e o resto? - inquiriu Liz.

- Identificação e Registos dos Serviços do Exército respondeu um dos agentes. - Washington.

- Nunca soube de ninguém de l que se tivesse enganado antes - prosseguiu Alan, no mesmo tom lento. - Dizem que h uma primeira vez para tudo mas... se eles não se enganaram e se esta vossa festa for realmente confirmada, eu próprio vou ficar bastante confuso.

- Ser que não nos pode dizer do que é que se trata? - perguntou Thad.

Alan suspirou:

- J que cheg mos até aqui, porque não? Para ser sincero, os £ltimos convidados a deixarem a festa não têm, de qualquer modo, assim tanta import*f*ncia. Se o senhor estava aqui … meia-noite, se houver testemunhas que jurem que o senhor estava...

- Vinte e cinco, pelo menos - disse Liz.

-... então est safo. Juntando o relato ocular da testemunha que o agente mencionou e a autópsia do médico-legista, temos quase a certeza absoluta de que o Homer foi morto entre a uma e as três da manhã de um de Junho. Foi espancado até … morte com a própria prótese do braço.

- Meu Deus - sussurrou Liz. - E o senhor pensou que Thad...

- A carrinha do Homer foi encontrada h duas noites no parque de estacionamento de uma estação de serviço na I-95, no Connecticut, próximo da fronteira de Nova Iorque. - Alan fez uma pausa. - Havia

impressões digitais por todo o lado, senhor Beaumont. A maioria pertencia a Homer, mas muitas delas eram do criminoso. Algumas das impressões do assassino conservavam-se em óptimo estado. Uma estava praticamente gravada numa bola de pastilha que o tipo tirou da boca e espetou no tablier com o polegar. Depois, acabou por endurecer. No entanto, a melhor de todas estava no espelho retrovisor. Era tão boa como uma impressão digital tirada numa esquadra de polícia. Só que, em vez de ter sido embebida em tinta, tinha sido embebida em sangue.

- Então porquê Thad? - perguntava Liz com indignação. - Com festa ou sem festa, como é que podem ter pensado que o Thad... Alan olhou para ela e disse-lhe:

- Quando o pessoal na I. & R.S.E. introduziu as impressões digitais no computador gr fico, a folha de serviços do seu marido foi a escolhida. Para ser mais exacto, as impressões digitais do seu marido foram as escolhidas.

Por um instante, Thad e Liz só conseguiram olhar um para o outro, atordoados e silenciosos. De seguida, Liz disse:

- Então, foi um erro. Como é evidente, as pessoas que verificam essas coisas cometem erros de vez em quando.

- Sim, mas só muito raramente é que são erros desta amplitude. Est claro que existem zonas cinzentas na identificação de impressões. Os leigos que cresceram a ver séries como Kofak e Barnaby Jones ficam com a ideia de que as impressões digitais constituem uma ciência exacta, o que não é verdade. No entanto, a informatização afastou muitas das d£vidas na comparação das impressões, e este caso apresentou impressões extraordinariamente boas. Quando digo que eram as impressões digitais do seu marido, senhora Beaumont, estou a dizer-lhe isto com toda a seriedade. Vi as folhas saídas do computador e vi as folhas sobrepostas. O par não é apenas semelhante. - Agora, Pangborn virou-se para Thad, fitando-o com os seus olhos azuis empedernidos. - O par é igual.

Liz fitou-o boquiaberta e, nos seus braços, William começou a chorar, seguido por Wendy.

Oito

PANGBORN FAZ UMA VISITA

1

Quando a campainha da porta tocou de novo …s sete e um quarto dessa mesma tarde, foi de novo Liz quem abriu a porta porque j acabara de arranjar William para o meter na cama e Thad ainda estava embrenhado a preparar Wendy.

Apesar de todos os livros afirmarem que a função de pai era uma capacidade inata que nada tinha a ver com o sexo do progenitor, Liz tinha c as suas d£vidas. Thad dava o seu melhor; era, com efeito, escrupuloso quanto a fazer a sua parte, mas era lento. Era verdade que conseguia ir e vir ao supermercado numa tarde de domingo no mesmo espaço de tempo que ela levava a conseguir abrir caminho até … £ltima prateleira, mas quando se tratava de arranjar os gémeos para os levar para a cama, bem... William j estava lavado, com fralda nova, enfiado no seu babygrow verde, e sentado no parque, enquanto Thad ainda se encontrava em redor das fraldas de Wendy (e não tirara todo o champ“ da sua cabecinha, como Liz podia ver, mas tendo em conta tudo aquilo por que tinham passado durante o dia, achava que, mais tarde, ela própria a limparia com uma toalha e não diria nada).

Liz atravessou a sala de estar e chegou … porta da frente, onde olhou para fora, pela janela lateral. L fora, viu o xerife Pangborn. Desta vez, encontrava-se sozinho, mas iso só não aliviou em muito a sua aflição.

Virou a cabeça e lançou um grito que atravessou a sala de estar e foi ouvido na casa de banho do andar de baixo, que era também utilizada para lavar e vestir os bebés:

- Ele voltou !

A voz de Liz transmitia um tom de alarme claramente discernível.

Após uma longa pausa, Thad apareceu … porta, no lado mais afastado da sala de estar. Estava descalço e vestia umas calças de ganga e uma Tshirt branca.

- Quem? - perguntou ele numa voz estranha e lenta.

- Pangborn - respondeu ela. - Thad, est s bem? - Wendy estava nos seus braços, usando apenas uma fralda e nada mais, com as mãos a

taparem praticamente todo o rosto dele... ainda assim, o pouco que Liz conseguia vislumbrar não lhe agradou.

- Estou óptimo. Deixa-o entrar. Vou só enfiar um babygrow na mi£da. - E antes que Liz pudesse acrescentar mais qualquer coisa, Thad partiu abruptamente.

Entretanto, Alan Pangborn continuava … espera no alpendre. Vira Liz a espreitar pela janela e não tornara a tocar … campainha. Tinha o ar de um homem que desejava estar a usar um chapéu para, assim, poder segur -lo entre as mãos, e talvez até torcê-lo um bocado.

Lentamente, e sem qualquer espécie de sorriso de boas-vindas, Liz libertou a corrente e deixou-o entrar.

2

Wendy mexia-se muito e fazia muitas brincadeiras, o que tornava difícil arranj -la. Thad conseguiu enfiar os pezinhos pelo babygrow, depois os braços e, por fim, foi capaz de puxar as mãozinhas pelas mangas. No mesmo instante, o bebé esticou uma das mãos e, com vivacidade, tentou tocar no nariz do pai. Em vez de rir como era seu h bito, Thad afastou o rosto, tendo Wendy olhado para ele da mesa de resguardo com um ar ligeiramente espantado.

Quando ia a puxar o fecho que atravessava o babygrow da perna esquerda … garganta, Thad estacou subitamente, esticando as mãos … sua frente. Estavam a tremer. Era um estremecimento ligeiro, mas, ainda assim, perceptível.

"Mas por que raio é que est s assustado? Ou ser que est s outra vez a sentir-te culpabilizado? Não; culpabilizado, não. Ele quase que desejava estar.

O facto era que acabara de apanhar um outro susto num dia que fora repleto deles.

Primeiro viera a Polícia, com a sua acusação peculiar e a sua certeza ainda mais peculiar. De seguida, aquele chilrear estranho e persecutório. Apesar de Lhe ser familiar, Thad não soubera dizer do que se tratava, pelo menos com toda a certeza.

Depois do jantar, surgira de novo.

Thad subira até ao escritório para rever aquilo que fizera durante

o dia no novo livro, O Cão Dourado. E, subitamente, quando se encontrava debruçado sobre o maço de papéis manuscritos para proceder a uma pequena correcção, o som encheu a sua cabeça. Milhares de p ssaros, todos a chilrearem e a piarem ao mesmo tempo. Só que, desta vez, uma imagem acompanhou o som.

Pardais.

Milhares e milhares deles, alinhados ao longo dos telhados e acotovelando-se uns aos outros para conseguirem um lugar sobre os fios de telefone, tal como faziam no início da Primavera, quando as £ltimas neves de Março ainda cobriam o solo em montinhos sujos cristalizados.

"Oh, a dor de cabeça est a voltar", pensou Thad desanimado, e a voz com que aquele pensamento falou - a voz de um rapaz assustado - introduziu uma nota de familiaridade na memória. O sentimento de terror subiu-lhe pela garganta e pareceu apertar as frontes com mãos geladas.

"Ser o tumor? Ser que voltou de novo? Ser que é maligno desta vez"? De um momento para o outro, o som fantasmagórico - os chilreios dos p ssaros - aumentou de volume, tornando-se quase ensurdecedor. Foi acompanhado por um ténue e tenebroso bater de asas. Neste momento, Thad conseguia vê-los a levantar voo, todos ao mesmo tempo: milhares de passarinhos enegrecendo um céu primaveril imaculado.

- Vou voltar para o norte, velha carcaça - ouviu-se a si mesmo a dizer numa voz baixa e gutural, uma voz que não era a sua.

Foi então que, repentinamente, a visão e o som dos p ssaros desapareceu. Est vamos em 1988, não em 1960, e Thad encontrava-se no seu escritório. Era um homem adulto com uma mulher, dois filhos, e uma m quina de escrever Remington.

Nessa altura, respirou fundo e de modo entrecortado.

Afinal de contas, não se seguira qualquer dor de cabeça.

Nem então e nem agora. Sentia-se bem. Só que...

Só que, quando olhou de novo para o maço de papéis manuscritos, viu que escrevera algo, que cortava na diagonal as linhas direitas em grandes letras mai£sculas.

"OS PARDAIS ESTãO A VOAR DE NOVO", escrevera ele.

Thad pusera a caneta Scripto de lado e utilizara um dos l pis Berol Black Beauty para escrever, embora não se lembrasse de alguma vez ter trocado a primeira pelo segundo.

J nem sequer usava mais os l pis. Os Berols pertenciam a uma época passada... a uma época sombria. Thad atirou o l pis que utilizara para dentro do frasco e, de seguida, enfiou tudo aquilo numa das gavetas. A mão que utilizara para assim proceder não estava propriamente firme.

Foi então que Liz o chamara para a ajudar a arranjar os gémeos para a cama, e ele descera para Lhe dar uma mão.

Era seu desejo contar-lhe o que acontecera, mas verificou que um puro sentimento de terror - terror de que o tumor de inf*f*ncia tivesse voltado, terror de que, desta vez, fosse maligno - Lhe selara os l bios. Ainda assim, poderia ter-Lhe contado... mas foi então que a campainha da porta tocara, que Liz a fora atender, e que dissera precisamente a coisa errada no tom precisamente errado.

"Ele voltou!", gritara Liz, num tom irritado e desnorteado, perfeitamente compreenssível, e Thad foi perpassado por uma onda de terror, como uma rajada de vento fria e transparente. Terror, e uma só palavra: Stark. No segundo antes de voltar … realidade, Thad teve a certeza de que era a ele que Liz se referira. George Stark. Os pardais estavam a voar e Stark regressara. Estava morto, morto e publicamente enterrado; na verdade, nunca chegara sequer a existir. Mas isso não importava: real ou não, ele estava na mesma de volta.

"P ra com isso", disse para si próprio. "Nunca foste um homem nervoso e não h necessidade alguma para deixares que esta situação bizarra te transforme num". O som que ouviste - o som dos p ssaros - é um simples fenómeno psicológico chamado "persistência da memória". causado por stress e pressão. Por isso, controla-te. Mas uma parte desse sentimento de terror deixou-se ficar.

O som dos p ssaros não provocara apenas uma sensação de déj… v£l, ou seja, aquela sensação de j ter vivido algo de semelhante antes, mas também uma sensação de presque VU.

"Tretas fora do lugar, isso é que é". Thad esticou as mãos e olhou fixamente para elas. As tremuras tornaram-se praticamente imperceptíveis, acabando por desaparecer por completo. Quando teve a certeza de que não iria prender a pele rosadinha e lavada de Wendy

no fecho do babygrow, puxou-o para cima, levou-a para a sala de estar, colocou-a no parque junto ao irmão e, de seguida, encaminhou-se para o trio de entrada, onde Liz se encontrava com Alan Pangborn. Exceptuando o facto de, desta vez, Pangborn estar sozinho, podia perfeitamente ser outra vez o encontro dessa manhã.

"Agora, esta é a altura e o local indicados para um pouco de VU de um género ou de outro", pensou ele, embora não tivesse graça nenhuma. Aquele outro sentimento ainda se encontrava dentro dele... bem como o ruído dos pardais.

- Em que Lhe posso ser £til, xerife? - perguntou ele, sem sorrir.

Ah! Havia ainda uma outra coisa que não era igual. Numa das mãos, Pangborn trazia uma embalagem de seis cervejas.

Tendo-a levantado, perguntou:

- Ser que podemos tomar uma bem fresquinha e falarmos sobre o assunto?

Tanto Liz como Alan Pangborn tomaram uma cerveja;

Thad bebe uma Pepsi que foi buscar ao frigorífico. Enquanto conversavam, observavam os gémeos a brincar um com o outro no seu modo peculiarmente solene.

- Não deveria ter vindo até aqui - afirmou Alan. - Estou a conviver com um homem que, neste momento, é suspeito, não de um mas de dois assassínios.

- Dois! - exclamou Liz.

- J falarei disso. Com efeito, falarei de tudo. Acho que vou deitar tudo c para fora. Para j , tenho a certeza de que o seu marido tem igualmente um libi para este segundo assassínio. E os polícias estaduais também têm essa certeza. Sem fazerem um grande alarido, andam …s voltas com esta história.

- Quem foi morto? - perguntou Thad.

- Um jovem chamado Frederick Clawson, em Washington D.

C. - Pangborn viu quando Liz se deixou cair na cadeira, entornando um pouco de cerveja nas costas da mão. - Vejo que conhece o nome, senhora Beaumont - acrescentou ele, sem uma ponta de ironia perceptível.

- Que é que se est a passar? - inquiriu ela, num sussurro desmaiado.

- Não faço a mais pequena ideia do que se est a passar.

Estou a dar em maluco a tentar descortinar tudo isto.

Não estou aqui para o prender ou até mesmo para o incomodar, senhor Beaumont, apesar de continuar a dar tratos … minha imaginação para ver se consigo entender como é que uma outra pessoa podia ter cometido estes dois crimes.

Estou aqui para pedir a sua ajuda.

- Porque é que não me chama simplesmente Thad?

No seu lugar, Alan mexeu-se constrangido.

- Penso que, para j , me sentirei mais confort vel com "senhor Beaumont.

Thad acenou a cabeça.

- Como desejar. Então, Clawson morreu.

Por um instante, Thad olhou para o chão, pensativo e, de seguida, ergueu de novo o olhar para Alan.

- As minhas impressões digitais estavam igualmente espalhadas pelo local onde o crime foi cometido?

- Sim, e sob mais formas do que apenas uma.

Recentemente, a revista People escreveu um artigo sobre o senhor, não foi senhor Beaumont?

- H duas semanas - concordou Thad.

- O artigo foi encontrado no apartamento de Clawson.

Parece que uma das p ginas foi utilizada como símbolo naquilo que se assemelha a um assassínio altamente ritualizado.

- Meu Deus - afirmou Liz, soando tanto cansada como aterrorizada.

- Ser que est disposto a contar-me o tipo de relação que mantinha com este homem? - inquiriu Alan.

Thad acenou a cabeça.

- Não existe razão alguma para não o fazer. Por acaso leu aquele artigo, xerife?

- A minha mulher costuma comprar a revista no supermercado e trazê-la para casa - respondeu ele - mas vale mais a pena dizer-lhe a verdade: só olhei para as fotografias.

Tinha a intenção de tornar a pegar nela e ler o artigo o mais brevemente possível.

- Também não perdeu muito. Contudo, Frederick Clawson foi a razão pela qual aquele artigo aconteceu. Sabe... Alan ergueu uma mão.

- J l iremos a ele, mas antes disso voltemos a Homer Gamache. Torn mos a verificar junto da I. & R. S. E. As impressões digitais deixadas na pick-up do Homer (e no apartamento de Clawson também, apesar de nenhuma delas ser tão perfeita como as marcas na pastilha el stica e no espelho) parecem condizer exactamente com as suas. O que significa que, se não foi o senhor, temos duas pessoas com as mesmas impressões digitais, e isso tem de ir para o Livro dos Recordes do Gainness.

Alan olhou para William e Wendy, que estavam a tentar brincar … sardinha um com o outro no parque. Pareciam estar, antes de mais, a p"r em perigo a vista de um e do outro.

- São idênticos? - perguntou ele.

- Não - respondeu Liz. - Apesar de serem realmente parecidos, são irmão e irmã. E os gémeos de sexo diferente nunca são idênticos.

Alan acenou a cabeça.

- Nem mesmo os gémeos idênticos têm impressões digitais idênticas - disse. Depois de uma pausa moment*f*nea, acrescentou numa voz casual que Thad pensou ser absolutamente falsa: - Por acaso não tem um irmão gémeo, o senhor Beaumont?

Lentamente, Thad abanou a cabeça.

- Não - replicou ele. - Não tenho quaisquer irmãos e os meus pais j morreram. William e Wendy são os meus £nicos familiares de sangue vivos. - Thad lançou um sorriso para as crianças e tornou a olhar de novo para Pangborn: - Liz teve um aborto em mil novecentos e setenta e quatro - afirmou. - Pelo que sei, aqueles... aqueles primeiros... também eram gémeos, embora suponha que não exista qualquer forma de provar se

seriam idênticos. Não quando o aborto ocorre no terceiro mês de gravidez.

E mesmo se houvesse, quem é que quereria saber?

Alan encolheu os ombros, parecendo um pouco constrangido.

- Liz estava a fazer compras no Filene's. Em Bóston.

Alguém a empurrou. Caiu pelas escadas rolantes abaixo, fez um corte muito feio num dos braços (se um segurança não estivesse l e não tivesse estancado a hemorragia logo naquela altura com um torniquete, também ela teria batido as botas) e perdeu os gémeos.

- Isso vem no artigo da People? - perguntou Alan.

De um modo sensaborão, Liz sorriu e abanou a cabeça:

- Quando concord mos em fazer a história, xerife Pangborn, reserv mo-nos o direito de corrigir as nossas vidas.

Como é óbvio, não dissemos nada a Mike Donaldson, o homem que veio fazer a entrevista, mas foi isso que fizemos.

- O empurrão foi deliberado?

- Não h maneira de saber - replicou Liz. Os olhos dela poisaram em William e Wendy... envolvendo-os. - No entanto, se foi um encontrão acidental, foi um raio de um encontrão muito forte. Eu literalmente voei: só toquei nas escadas rolantes quando j estava a meio do caminho. Apesar de tudo, tentei convencer-me a mim própria que foi isso que se passou. • mais f cil aceitar assim. A ideia de que alguém empurrasse uma mulher por umas escadas rolantes abaixo só para ver o que acontecia... é uma ideia que, certamente, não deixa ninguém dormir em paz.

Alan acenou a cabeça.

- Os médicos que consult mos disseram que, provavelmente, Liz nunca mais poderia voltar a ter filhos - disse Thad. - Quando engravidou de William e Wendy disseram-nos que talvez não fosse conseguir levar a gravidez a bom termo. Mas Liz singrou. E, após dez anos, consegui finalmente começar a escrever um livro novo sob o meu próprio nome. Vai ser o meu terceiro. Portanto, como o senhor pode ver, tem sido bom para nós os dois.

- O outro nome sob o qual escreveu foi George Stark.

Thad acenou a cabeça:

- Mas isso agora est acabado. O princípio do fim foi quando Liz entrou no oitavo mês da gravidez, ainda sã e salva. Decidi que, j que ia ser pai de novo, deveria também começar a ser eu de novo.

4

Sobreveio, então, uma espécie de compasso de espera na conversa - não foi exactamente uma pausa. De seguida, Thad afirmou:

- Confesse, xerife Pangborn.

Alan arqueou as sobrancelhas.

- Desculpe?

Um sorriso tocou os cantos da boca de Thad.

- Não digo que o senhor tivesse o cen rio todo arquitectado mas aposto que o tinha, pelo menos, em traços largos. Se eu tivesse um gémeo idêntico, talvez tivesse sido ele o anfitrião da nossa festa. Assim, eu podia ter estado em Castle Rock, morto Homer Gamache e deixado as minhas impressões digitais espalhadas pela carrinha. Mas não podia parar por aí, pois não? O meu gémeo dorme com a minha mulher e assegura os meus compromissos enquanto conduzo a pick-up de Homer até …quela estação de serviço no Connecticut, roubo um outro carro, dirijo-me para Nova Iorque, abandono o carro roubado e, depois, apanho um comboio ou um avião para Washington D. C. Uma vez aí, apago o Clawson e apresso-me a voltar para Ludlow, mando o meu irmão gémeo de volta para onde estava, e tanto e eu como ele retomamos o fio da nossa vida. Ou nós os três, = se admitir que aqui a Liz fazia parte da trapaça.

E Por um instante, Liz fitou-o e, de seguida, começou a rir.

Não riu por muito tempo mas, enquanto o fez, riu de uma forma bastante intensa. Não havia nada de forçado nesse riso, mas, ainda assim, era um riso relutante: uma expressão de humor por parte de uma mulher que fora apanhada desprevenida.

Alan olhava para Thad, franca e abertamente surpreendido.

Por um instante, os gémeos riram para a mãe - ou talvez com ela - tendo, de seguida, retomado a brincadeira de atirarem lentamente para tr s e para a frente uma grande bola amarela no parque.

- Thad, isso é horrível - afirmou Liz, depois de ter ganho o domínio sobre si mesma.

- Talvez até seja - respondeu ele. - Se assim for, peço desculpa.

-... bastante envolvente - disse Alan.

Thad lançou-lhe um sorriso:

- Presumo que não seja um fã do falecido George Stark.

- Francamente, não. Mas tenho um ajudante, Norris Ridgewick, que o é. Ele teve de me explicar qual a razão de tanto alarido.

- Bem, Stark mexeu com algumas das convenções das histórias de mistério. Nada tão tipicamente Agatha Christie como o cen rio que acabei de sugerir, mas isso não significa que não possa pensar desse modo se me decidir a isso. V l, xerife, ser que estas ideias nunca Lhe passaram pela cabeça, ou j ? Se a resposta for negativa, devo realmente uma desculpa … minha mulher.

Por um instante, Alan quedou-se silencioso, com um ligeiro sorriso a aflorar-lhe os l bios e visivelmente concentrado. Por fim, disse:

- Talvez tivesse pensado nesses termos. Nada de muito sério e não apenas dessa forma, mas não h necessidade alguma de pedir desculpa … sua bela esposa. Desde esta manhã, tenho dado por mim inclinado a considerar até as possibilidades mais incríveis.

- Dada a situação.

- Dada a situação, sim.

Thad afirmou com um sorriso:

- Nasci em Bergenfield, Nova Jérsia, xerife. Não tem de acreditar na minha palavra quando pode consultar os registos para verificar se tenho algum irmão gémeo que eu possa ter, sabe, esquecido.

Alan abanou a cabeça e bebeu um pouco mais da cerveJa.

- Foi uma ideia sem pés nem cabeça, e sinto-me um idiota chapado, embora isso não seja nada de novo. Sinto-me assim desde esta manhã, quando nos atirou com aquela da festa. A propósito, interrog mos os nomes dados. Eles confirmam.

- Claro que sim - disse Liz com uma ponta de rispidez.

- E dado que, de qualquer modo, o senhor não tem qualquer irmão gémeo, o assunto fica encerrado.

- Suponha por um segundo - disse Thad - apenas como advogado do Diabo, que realmente aconteceu da forma como sugeri. Ia ser o raio de uma grande patranha... até certo ponto.

- Que ponto é esse? - inquiriu Alan.

- As impressões digitais. Porque é que eu me daria ao trabalho de arranjar um libi aqui com um tipo que era igualzinho a mim... e, depois, estragar tudo deixando impressões digitais nas cenas dos dois crimes?

Liz disse:

- Aposto que o senhor vai mesmo verificar os registos de nascimentos, não vai, xerife?

Alan respondeu de modo formal:

- A base do procedimento policial é tentar até achar. Mas eu j sei o que irei encontrar se o fizer. - Após uma hesitação, acrescentou: - Não foi apenas a festa. O senhor apareceu como um homem que estava a dizer a verdade, senhor Beaumont. J tenho alguma experiência para conseguir fazer a distinção. Pelos meus conhecimentos enquanto fui agente de polícia, são muito poucos os bons mentirosos que existem no mundo. Podem aparecer de tempos a tempos naqueles romances de mistério de que est a falar, mas, na vida real, são muito raros.

- Então, como é que se justificam as impressões digitais? - inquiriu Thad. - Isso é que me interessa. Ser que est … procura de um amador com as minhas impressões?

Duvido. J Lhe passou pela cabeça de que a própria qualidade das impressões possa ser suspeita? O senhor falou de zonas cinzentas. Em resultado das investigações que levei a cabo para os romances do Stark, sei alguma coisa sobre impressões digitais, só que sou realmente preguiçoso quando se trata de fazer esse trabalho: é muito mais f cil ficar apenas sentado … frente da m quina de escrever e inventar mentiras. Não têm de existir uma série de pontos de comparação antes se as impressões digitais puderem sequer ser consideradas provas?

- No Maine são seis - afirmou Alan. - Para uma impressão digital ser aceite como prova, têm de se verificar seis comparações perfeitas.

- E não é também verdade que, na maioria dos casos as impressões digitais são apenas metades de impressões ou quartos de impressões, ou apenas manchas esborratadas com algumas voltas e

espirais no interior?

- Sim. Na vida real, só muito raramente é que os criminosos vão parar … cadeia com base na prova das impressões digitais.

- Ainda assim, neste caso, vocês têm uma no espelho retrovisor que o senhor descreveu como sendo tão boa como qualquer impressão tirada numa esquadra de polícia, e uma outra, nada mais nada menos do que gravada numa bola de pastilha. Por alguma razão, essa é a que realmente me intriga. como se as impressões digitais tivessem sido postas l para que vocês as encontrassem.

- Isso j nos passou pela cabeça - confessou Alan. De facto, j fizera bastante mais do que isso. Este era um dos aspectos mais exasperantes do caso. O assassínio de Clawson assemelhava-se a uma cl ssica execução de um fala-barato por parte de um gang: língua cortada, pénis na boca da vítima, muito sangue, muita dor e, no entanto.

ninguém no prédio ouvira o que quer que fosse. Mas. se fosse um trabalho profissional, por que carga de gua é que as impressões digitais de Beaumont estavam espalhadas por todo o lado? Podia uma coisa que se assemelhava tanto a uma cilada não ser uma cilada? Não, a não ser que alguém tivesse inventado um truque novo. Entretanto, Alan Pangborn continuava fiel … velha m xima: se anda como um pato, grasna como um pato e nada como um pato, é provavelmente um pato.

- As impressões digitais podem ser forjadas? - perguntou Thad.

- Ser que, além de escrever livros, lê mentes, senhor Beaumont?

- Leio mentes, escrevo livros, mas, querido, não lavo janelas.

Alan tinha a boca cheia de cerveja e o riso surpreendeu-o de tal forma que praticamente a despejou por cima do tapete. Conseguiu engolir, apesar de algum resto ter descido pela traqueia, tendo começado a tossir. Liz levantou-se e deu-lhe algumas palmadinhas enérgicas nas costas por diversas vezes. Era, provavelmente, uma coisa peculiar de se fazer, mas, na sua opinião, não era assim; a vida com dois bebés pequenos tinha-a condicionado. Do parque, William e Wendy ficaram a observar, a bola amarela parada e esquecida no meio deles. William começou a rir e Wendy aproveitou a deixa.

Por alguma razão, isto levou Alan a rir ainda mais.

Thad acompanhou-o. E, ainda a bater-lhe nas costas, Liz começou

igualmente a rir.

- Estou bem - disse Alan, ainda a tossir e a rir.

- A sério.

Liz deu-lhe uma ultima pancada nas costas. Como um géiser a soltar vapor, um jacto de cerveja saiu do gargalo da garrafa de Alan, tendo acabado por salpicar a braguilha das calças.

- Não h problema - disse Thad. - Temos fraldas.

E aí recomeçaram todos a rir e, algures no espaço de tempo que decorreu entre o momento em que Alan Pangborn começou a tossir e o instante em que conseguiu finalmente parar de rir, os três tinham-se tornado, pelo menos, amigos tempor rios.

5

- Tanto quanto sei ou que, pelo menos, fui capaz de descobrir, as impressões digitais não podem ser forjadas - replicou Alan, retomando o fio da conversa algum tempo depois. Neste momento, encontravam-se na segunda rodada, e a mancha embaraçosa na braguilha das calças começara a secar. Os gémeos tinham adormecido no parque e Liz saíra da sala para ir … casa de banho. - Claro que ainda estamos a verificar porque até esta manhã não tínhamos razão alguma para suspeitar que, neste caso, uma coisa como essa pudesse sequer ter sido tentada. Sei que j foi tentado. H alguns anos, um raptor tirou as impressões das marcas dos dedos do seu prisioneiro antes de o matar, transformou as impressões em... sim, suponho que as chamariam moldes... e imprimiu-as num pl stico fininho. Colocou as impressões digitais de pl stico sobre as pontas dos próprios dedos e tentou deixar as impressões espalhadas por toda a cabana de montanha da vítima, de forma a que a Polícia pensasse que todo o rapto não passava de um embuste e de que o tipo estava livre.

- Não funcionou?

- Os polícias conseguiram umas impressões espantosas - respondeu Alan. - As do criminoso. A gordura natural nos dedos do tipo apagou as impressões digitais falsas e como o pl stico era fino e, naturalmente receptivo até …s formas mais delicadas, deixou marcadas de novo as próprias impressões do tipo.

- Talvez um material diferente...

- Claro, talvez. Isto aconteceu em meados dos anos cinquenta e posso imaginar as centenas de tipos novos de pl stico polímero que foram inventados desde então. Pode ser. Para j , tudo o que podemos dizer é que ninguém na medicina legal ou na criminologia ouviu alguma vez falar disso, e penso que seja assim que ir continuar.

Liz voltou para a sala e sentou-se, enroscando os pés debaixo de si própria como um gato e puxando a saia sobre a barriga das pernas. Thad admirou o gesto que, de alguma forma, Lhe pareceu um pouco intemporal e eternamente gracioso.

- Entretanto, h outros pontos a tomar em consideração, Thad.

Tad e Liz trocaram entre si um olhar de relance, pois Alan utilizara o primeiro nome e de uma forma tão imediata que o próprio Alan nem reparara. Do bolso do lado, tirara um bloco de notas usado e estava a olhar para uma das p ginas.

- Fuma? - perguntou ele, olhando para cima.

- Não.

- Deixou de fumar h sete anos - afirmou Liz. - Custou-lhe muito mas l se aguentou.

- H críticos que dizem que o mundo seria um lugar melhor se me limitasse a escolher um lugar e aí morresse, mas eu prefiro contrari -los - disse Thad. - Porquê?

- No entanto, fumou.

- Sim.

- Pall Malls?

Thad levantara a lata de gasosa. Contudo, interrompeu o movimento a cerca de três dedos da boca.

- Como é que sabe?

- O seu tipo de sangue é A negativo?

- J começo a entender porque é que esta manhã veio tão lançado para me prender - disse Thad. - Se eu não tivesse um libi tão bom, estaria neste exacto momento na prisão, não era?

- Boa pontaria.

- O senhor podia ter conseguido arranjar o tipo de sangue de Thad nos registos do exército - afirmou Liz. - Suponho que foi daí que as impressões digitais dele começaram por vir em primeiro lugar.

- Mas não fumei cigarros Pall Malls durante quinze anos - replicou Thad. - Pelo que sei, coisas como estas não fazem parte dos registos que o exército conserva.

- São coisas que têm vindo a chegar desde esta manhã - contou-lhes Alan. - O cinzeiro na pick-up de Homer Gamache estava repleto de beatas de cigarros Pall Malls.

O velhote só fumava cachimbo e muito de vez em quando.

Foram também encontradas duas beatas de Pall Malls num cinzeiro no apartamento de Frederick Clawson. Este nem sequer fumava, excepto talvez um charro de tempos a tempos.

Isto de acordo com a sua senhoria. Conseguimos o tipo de sangue do nosso criminoso através da saliva nas beatas. O relatório do serologista forneceu-nos também muitas outras informações. Melhores do que as impressões digitais.

Thad deixara de sorrir.

- Não consigo compreender isto. Não consigo compreender mesmo nada disto.

- H só uma coisa que não condiz - disse Pangborn. - Cabelos louros. Encontr mos uma meia duzia na carrinha do Homer e outros tantos nas costas da cadeira em que o assassino se sentou na sala de estar do Clawson. O seu cabelo é preto. Seja como for, não me parece que esteja a usar uma peruca.

- Não; Thad não, mas talvez o assassino estivesse - disse Liz de um modo frio.

- Talvez - concordou Alan. - Nesse caso, era feita de cabelo humano. E porquê dar-se ao trabalho de mudar a cor do cabelo se se vai deixar impressões digitais e beatas de cigarro por todo o lado? Ou este tipo é muito estupido ou estava deliberadamente a tentar incrimin -lo. De qualquer forma, o cabelo louro não bate certo.

- Talvez ele pura e simplesmente não quisesse ser reconhecido - opinou Liz. - Não nos podemos esquecer que Thad apareceu na People

h menos de duas semanas. De uma costa … outra.

- Sim, isso é uma possibilidade. Contudo, se este tipo também se parece com o seu marido, senhora Beaumont.

- Muito bem, Liz. Se ele se parece com o seu marido ficaria como um Thad Beaumont de cabelo louro, não era?

Liz olhou fixamente para Thad por um instante, tendo de seguida, soltado umas risadinhas.

- Onde é que est a graça? - perguntou Thad.

- Estou a tentar imaginar-te louro - respondeu ela, ainda a rir-se. - Penso que ficarias parecido com um David Bowie muito depravado.

- E isso tem alguma graça? - perguntou Thad a Alan.

- Não me parece que tenha graça nenhuma.

- Bem... - disse Alan, a sorrir.

- Não importa. Tanto quanto sabemos, o tipo até podia estar a usar óculos-de-sol, um chapéu com umas antenas e ainda uma peruca loura.

- Não se o assassino era o mesmo tipo que a senhora Arsenault disse ter visto a entrar para a carrinha do Homer a um quarto para a uma da madrugada de um de Junho - replicou Alan.

- Parecia-se comigo? - perguntou Thad, inclinando-se para a frente.

- Ela não nos adiantou grande coisa, excepto que ele estava a usar um fato. Se é que vale de alguma coisa, um dos meus homens, Norris Ridgewick, mostrou-lhe hoje uma fotografia sua. Ela disse que não achava que fosse a mesma pessoa, embora não pudesse ter certeza absoluta.

Disse ainda que estava convencida que o homem que entrara para a pick-up do Homer era maior. - E acrescentou secamente: - Eis aqui uma senhora que prefere errar por precaução.

- Ela conseguiu ver que os dois tinham tamanhos diferentes a partir de uma fotografia? - inquiriu Liz de forma duvidosa.

- Ela j viu Thad pela vila durante o Verão - respondeu Alan. - E realmente disse que não podia ter a certeza.

Liz acenou a cabeça:

- • claro que ela o conhece. Tanto quanto sei, conhece-nos aos dois. Estamos sempre a comprar legumes frescos na banca que ela tem. Que estupida. Peço desculpa.

- Não h necessidade alguma de pedir desculpa - afirmou Alan. Depois de acabar de beber a cerveja, olhou para a braguilha. Seca. Ainda bem. Era possível ver-se uma pequena mancha que, provavelmente, só a sua mulher é que repararia. - De qualquer modo, isso leva-me ao ultimo ponto... ou aspecto... ou o que quer que se queira chamar.

Duvido que tenha sequer alguma coisa a ver com isto tudo, mas não custa nada verificar. Quanto é que calça, senhor Beaumont?

Thad olhou de relance para Liz, que encolheu os ombros.

- Tenho umas patas bastante pequenas para um tipo que mede um metro e oitenta e cinco, acho eu. Calço quarenta e três, embora metade do tamanho para ambos os lados seja...

- As marcas dos sapatos que nos foram indicadas eram provavelmente maiores do que essas - retorquiu Alan. - De qualquer modo, não me parece que as marcas tenham alguma coisa a ver com isto e, mesmo que tenham, é sempre possível falsificar pegadas. Cola-se um jornal qualquer nas solas de um par de sapatos dois ou três n£meros acima e est feito.

- Que pegadas são essas? - perguntou Thad.

- Não interessa - respondeu Alan, abanando a cabeça - Nem sequer temos fotografias. Penso que temos sobre a mesa praticamente tudo aquilo que pertence a este caso, Thad. As suas impressões digitais, o tipo de sangue, a marca de cigarros...

- Ele não... - começou Liz.

Alan ergueu uma mão, apaziguador.

- Antiga marca de cigarros. Suponho que as pessoas achariam que eu era louco por Lhe dar a conhecer tudo isto (de qualquer modo, h uma parte de mim que diz que sou)

mas, j que cheg mos até aqui, não faz sentido ignorarmos a floresta enquanto olhamos para algumas rvores. O Thad est também ligado a isto de outro modo. Tal como Ludlow, Castle Rock é a sua residência legal,

dado que paga impostos em ambos os locais. Homer Gamache era mais do que um mero conhecido; ele fazia... trabalhos espor dicos est correcto?

' - Sim - replicou Liz. - No ano em que compr mos a casa, ele deixou de trabalhar a tempo inteiro. Agora, Dave Philips e Charlie Fortin revezam-se nessa tarefa. No entanto, ele gostava de dar uma mãozinha de vez em quando - Se admitirmos que o homem da boleia visto pela senhora Arsenault matou Homer (e esta é a suposição que achamos correcta), coloca-se-nos uma questão. Ser que o homem da boleia matou o Homer porque ele foi a primeira pessoa a aparecer e foi suficientemente estupida (ou que estava suficientemente bêbeda) para Lhe dar boleia, ou ser que matou porque era Homer Gamache, um conhecido de Thad Beaumont?

- Como é que ele podia saber que Homer iria aparecer? - perguntou Liz.

- Porque era a noite de bouoling do Homer e o Homer é, era uma criatura de h bitos. Era como um cavalo velho, voltava sempre para o celeiro pela mesma estrada.

- A sua primeira suposição - disse Thad - foi que o Homer não parou porque estava bêbedo mas porque reconheceu o homem da boleia. Um estranho que quisesse matar o Homer não teria sequer tentado o truque da boleia.

Dessa forma, não teria hipótese alguma, se é que não seria mesmo uma causa perdida.

- Sim.

- Thad - disse Liz numa voz que não conseguia manter-se propriamente regular. - A Polícia achou que ele parou porque pensou que era Thad... não foi?

- Sim - replicou Thad, esticando a mão e segurando na dela. - Eles pensaram que só uma pessoa como eu, alguém que o conhecia, é que chegaria sequer a tentar esse truque. Até admito que o facto se ajuste. Que veste o escritor janota quando est a planear um assassínio no campo … uma da manhã? O velho blazer de tweed, est claro...

aquele com as cotoveleiras castanhas de camurça cosidas ao casaco. Todas as histórias policiais de origem brit*f*nica insistem que é absolutamente de rigueur. - Olhou para Alan: - É muito estranho, não é?

Tudo isto.

Alan acenou a cabeça.

- É mais do que estranho. A senhora Arsenault afirma que ele começou a atravessar a estrada ou que, pelo menos, estava prestes a fazer isso, quando o Homer apareceu a guiar com lentidão a sua pick-up. Mas o facto de Thad também conhecer este Clawson em Washington D.C. faz tornar cada vez mais prov vel a hipótese de o Homer ter sido morto por ser quem era, e não apenas porque estava demasiado bêbedo e parou. Por isso, falemos sobre Frederick Clawson, Thad. Fale-me dele.

Thad e Liz entreolharam-se.

- Creio - disse Thad - que a minha mulher poder fazer esse trabalho de uma forma muito mais r pida e concisa do que eu. E creio que também dir menos palavrões do que eu.

- Tens a certeza que queres que seja eu a contar? - interrogou Liz.

Thad acenou a cabeça. Liz começou a falar, primeiro lentamente e, depois, aumentando de velocidade. Thad interrompeu-a uma ou duas vezes logo no início, tendo-se de seguida recostado, satisfeito por se encontrar apenas a ouvir.

Na meia hora que se seguiu, quase não abriu a boca.

Alan Pangborn tirou para fora o bloco de notas e escrevinhou algumas coisas, mas, após algumas questões iniciais, também não a interrompeu mais.

Nove

A INVASŽO DO "PATIFEZŸIDE"

1

- Chamo-lhe "Patifezóide" - começou Liz. - Lamento que esteja morto... mas, apesar de tudo, era isso que ele era. Não sei se os "Patifezóides" genuínos nascem ou se são criados, mas, de qualquer modo, acabam por chegar a essa etapa viscosa da vida. Portanto, acho que não importa.

Frederick Clawson encontrava-se por acaso em Washington D.C.

Foi para o maior covil de cobras jurídico … face da terra para estudar advocacia.

"Thad, os miudos estão a agitar-se; d s-lhes o biberão da noite? E importas-te de Ir buscar mais uma cerveja, por favor!

Thad trouxe-lhe a cerveja e, de seguida, dirigiu-se para a cozinha para aquecer os biberões. Colocou uma cunha na porta da cozinha para esta poder ficar aberta e ouvir com mais facilidade... e, ao fazer isso, bateu com a rótula na porta. Isto j Lhe tinha acontecido tantas vezes que Thad praticamente nem deu por isso.

"Os pardais estão a voar de novo", pensou ele, esfregando a cicatriz na testa ao começar por encher uma caçarola com gua quente e, colocando-a, de seguida, ao lume. "Agora, se ao menos eu soubesse que raio é que isto significa."

- Acab mos por conhecer a maior parte desta história pela boca do próprio Clawson - prosseguiu Liz - mas, como é natural, a perspectiva dele era um pouco parcial;

Thad gosta de dizer que todos somos os heróis das nossas próprias vidas e, de acordo com Clawson, ele era mais um Boswelll do que um "Patifezóide"... contudo, acab mos por conseguir montar uma versão mais equilibrada acrescentando coisas que viemos a saber pelas pessoas da Darwin Press, que publicou os romances que Thad escreveu sob o nome de Stark, e através das informações que Rick Cowley fez passar de mão em mão.

- Quem é Rick Cowley? - inquiriu Alan.

- O agente liter rio que representava Thad sob ambos os nomes.

- E que é que o Clawson, o seu "Patifezóide", queria?

- Dinheiro - respondeu Liz secamente.

Na cozinha, Thad tirou os dois biberões (só cheios até metade para ajudar a diminuir aquelas mudanças de fralda inconvenientes a meio da noite) do frigorífico e meteu-os na panela com gua. O que Liz dissera estava certo... mas estava também errado. Clawson quisera muito mais do que apenas dinheiro.

Era como se Liz tivesse lido o pensamento de Thad.

- Não que o dinheiro fosse tudo aquilo que ele queria.

• Não sei sequer ao certo se isso seria o mais importante.

Clawson queria também ser conhecido como o homem que desvendara a verdadeira identidade de George Stark.

- Como se fosse o tipo que, por fim, consegue desmascarar o incrível Homem-Aranha?

- Exactamente.

Depois de ter posto a ponta de um dedo na caçarola para verificar a temperatura da gua, Thad recostou-se para tr s, contra o forno, com os braços cruzados, a ouvir.

Apercebeu-se de que queria um cigarro - pela primeira vez, desde h anos, queria de novo um cigarro.

Thad sentiu um calafrio.

- O Clawson estava em demasiados sítios certos e em demasiadas alturas certas - disse Liz. - Para além de ser aluno de Direito, era também empregado de livraria em part-time. Para além de ser um empregado de livraria, era também um fã vido dos livros de George Stark. E, provavelmente, era o unico fã de George Stark em todo o país que lera também os dois romances de Thad Beaumont.

Na cozinha, Thad sorriu - não sem uma ponta de azedume - e tornou a verificar de novo a temperatura da gua na caçarola.

- Penso que ele pretendia criar uma espécie de grande drama a partir das próprias suspeitas - prosseguiu Liz. - … medida que as coisas se foram desenrolando, teve de trabalhar duro para sair da mediocridade. Após ter decidido que Stark era realmente Beaumont e vice-

versa, telefonou para a Darwin Press.

- A editora dos livros de Stark.

- Exacto. Falou com Ellie Golden, a mulher que publicava os romances de Stark. Foi direito ao assunto e perguntou aquilo que Lhe interessava: por favor, diga-me se George Stark é realmente Thaddeus Beaumont. Ellie respondeu que era uma ideia ridícula. De seguida, Clawson perguntou sobre a fotografia do autor na contracapa dos romances de Stark. Disse que queria a morada do homem na foto. Ellie disse-lhe que não Lhe podia dar as moradas dos autores publicados pela editora.

"Clawson respondeu: "Não quero a morada de Stark, quero a morada do homem na fotografia. O homem que posa como se fosse Stark." Ellie disse-lhe que ele estava a ser ridículo, que o homem na foto do autor era George Stark.

- Antes disto, a editora nunca tinha vindo a p£blico dizer que se tratava apenas de um pseudónimo? - perguntou Alan, num tom que soava a genuinamente curioso. - Adoptaram desde sempre a posição de que ele realmente existia?

- Oh, sim. Thad insistiu para que assim fosse.

"Sim", pensou ele, tirando os biberões para fora da caçarola e verificando a temperatura do leite deitando algumas gotas na parte de dentro do pulso. "Thad insistiu.

Olhando para tr s, Thad pura e simplesmente não sabe porque é que insistiu; não faz, de facto, a mais pequena ideia, mas Thad realmente insistiu."

Levou os biberões de volta para a sala de estar, evitando colidir com a mesa da cozinha que se encontrava no caminho.

Entregou um biberão a cada um dos gémeos. Estes ergueram-nos solenemente, cheios de sono, e começaram a mamar. Thad sentou-se de novo. Ouviu Liz e disse para si próprio que a ideia de um cigarro era o que estava mais distante do seu pensamento.

- De qualquer modo - disse a mulher - Clawson queria fazer mais perguntas (tinha um camião a abarrotar delas, suponho), mas a Ellie não foi na brincadeira. Disse-Lhe que falasse com Rick Cowley e, de seguida, desligou-Lhe o telefone na cara. Clawson ligou então para o escritório

de Rick e foi atendido pela Miriam. É a ex-mulher de Rick. E também a sua sócia na agência. A combinação pode parecer um pouco estranha mas eles dão-se muito bem.

"Clawson perguntou-lhe a mesma coisa: se George Stark era realmente Thad Beaumont. Segundo a Miriam, ela respondeu-lhe que sim. E também que ela era a Dolley Madison. "Divorciei-me de James", disse ela. "Thad est a divorciar-se de Liz, e nós os dois vamo-nos casar na Primavera!" E desligou-lhe o telefone na cara. De seguida, foi imediatamente para o escritório de Rick e contou-lhe que um tipo qualquer em Washington D. C. estava a meter o nariz no assunto da identidade secreta de Thad. Depois disso, os telefonemas de Clawson para a Cowley Associates não Lhe adiantaram mais nada excepto ver o telefone desligado na cara.

Liz deu um grande gole na cerveja.

- No entanto, ele não desistiu. Cheguei … conclusão que os verdadeiros "Patifezóides" nunca desistem. Ele pura e simplesmente concluiu que ser simp tico não iria funcionar.

- E não telefonou para o Thad? - inquiriu Alan.

- Não, nem uma só vez.

- Suponho que o vosso n£mero de telefone não vem na lista.

Thad procedeu a uma das suas poucas contribuições directas para a história.

- O nosso n£mero não aparece nas listas p£blicas, Alan, mas o telefone aqui em Ludlow aparece na Lista da Faculdade Tem de aparecer. Sou professor e oriento alguns alunos.

- Mas o tipo nunca foi directamente para a toca do lobo - comentou Alan admirado.

- Mais tarde entrou em contacto... através de uma carta - disse Liz. - Mas j estamos a p"r a carroça … frente dos bois.

Quer que eu continue?

- Faça favor - replicou Alan. - Trata-se de uma história fascinante em si mesma.

- Bem - prosseguiu Liz - o nosso "Patifezóide" precisou apenas de

três semanas e provavelmente de menos de quinhentos dólares para deslindar aquilo de que tinha certeza absoluta: de que Thad e George Stark eram a mesma pessoa.

"Começou com o Literary Market Place, a que os tipos das editoras chamam apenas LMP. É uma compilação de nomes, moradas, e n£meros de telefones de empresas de tudo quanto é alguém na rea: escritores, editores, redactores, agentes. Utilizando essa compilação e a coluna "Gente" na Publishers Weekly, Clawson conseguiu identificar meia d£zia de empregados da Darwin Press que deixaram a companhia entre o Verão de mil novecentos e oitenta e seis e o Verão de mil novecentos e oitenta e sete.

"Um deles tinha as informações e estava disposto a deitar tudo c para fora. Ellie Golden est praticamente certa de que o culpado foi a rapariga que ocupou o lugar de secret ria do tesoureiro-chefe durante oito meses, entre oitenta e cinco e oitenta e seis. Ellie diz que ela é uma cabra saída de Vassarl com maus h bitos nasais.

Alan lançou uma gargalhada.

- Thad também acredita que tenha sido ela - prosseguiu Liz - porque a arma do crime acabou por ser as fotocópias das declarações de direitos de autor para George Stark. Vieram do escritório de Roland Burrets.

- O tesoureiro-chefe da Darwin Press - acrescentou Thad, que estivera a observar os gémeos enquanto ouvia.

Estes estavam agora deitados de costas, com os pés enfiados nos babygrows muito juntinhos, e os biberões a apontarem para o tecto. Os olhos estavam vidrados e distantes.

Thad sabia que, em breve, eles acabariam por adormecer e dormir até de manhã... e quando assim acontecesse, fariam isso em conjunto. "Eles fazem tudo em conjunto", pensou Thad.

"Os bebés estão sonolentos e os pardais estão a voar."

Tornou a tocar na cicatriz.

- O nome de Thad não vinha nas fotocópias - disse Liz. - Por vezes, as declarações dos direitos de autor precedem os cheques, embora não constituam cheques em si mesmos e, por isso, o nome dele não tinha de aparecer nas cópias. Est a compreender, não est ?

Alan acenou com a cabeça.

- Ainda assim, a morada do destinat rio disse-lhe praticamente tudo aquilo que ele precisava de saber. Era o senhor George Stark, Apartado 1642, Brewer, Maine 04412, muito longe do Mississíppi, onde era suposto Stark viver.

Ao dar uma vista de olhos pelo mapa do Maine, ele deve ter-se apercebido de que a vila imediatamente a sul de Brewer é Ludlow, e ele sabia quem era o escritor conhecido, se não mesmo famoso, que aí vivia. Thaddeus Beaumont.

Que coincidência.

"Nem eu nem Thad alguma vez o vimos pessoalmente, mas ele viu Thad. Ele soube quando é que a Darwin Press enviava os cheques trimestrais dos direitos de autor a partir das fotocópias que j recebera. A maior parte dos cheques dos direitos de autor são enviados em primeiro lugar para o agente do autor. Depois, este emite um outro cheque, que reflecte a quantia origin ria, salvo a sua comissão. No entanto, no caso de Stark, o tesoureiro enviava os cheques directamente para o apartado do correio de Brewer.

- E a comissão do agente? - inquiriu Alan.

- Tirada … parte da quantia total na Darwin Press e enviada para Rick por meio de um cheque separado - disse Liz. - Para Clawson, deve ter sido um outro sinal claro de que Georges Stark não era quem afirmava ser... só então é que Clawson deixou de precisar procurar mais pistas. Ele queria provas concretas. E lançou-se a caminho para as arranjar.

"Quando chegou a altura da emissão do cheque dos direitos de autor, Clawson apanhou um avião e veio até c .

Durante a noite, permanecia no Motel Holiday Inn; durante o dia, passava o tempo em "marcação cerrada" nos Correios de Brewer. Foi exactamente isto que ele escreveu na carta que, mais tarde, Thad acabou por receber. Era uma marcação cerrada. Tudo muito film noir. Ainda assim, foi uma investigação bastante arriscada. Se, no quarto dia da sua estada, "Stark" não tivesse aparecido para ir buscar o cheque, Clawson teria de desmontar a tenda e partir para outras paragens. Mas não me parece que tivesse acabado por aí. Quando um "Patifezóide" genuíno prende uma pessoa pelos dentes, não a larga enquanto não arrancar

um bom pedaço … dentada.

- Ou enquanto a pessoa não partir os dentes dele … pancada - grunhiu Thad, que, ao ver que Alan se virava na sua direcção, com as sobrancelhas arqueadas, fez uma careta. M escolha de palavras. Aparentemente, alguém acabara de fazer exactamente isso ao "Patifezóide" de Liz... ou algo ainda pior.

- De qualquer modo, é uma questão discutível - retomou Liz, e Alan virou-se para ela. - Não precisou de tanto tempo.

Ao terceiro dia, quando estava sentado num banco de jardim do outro lado dos Correios, viu Thad a estacionar o Suburban num daqueles parques de estacionamento para paragens de dez minutos perto do edifício.

Liz tomou um outro gole da cerveja, limpando a espuma do l bio superior. Quando a mão se afastou do rosto, ela estava a sorrir.

- E agora vem a parte que gosto - disse. - É absolutamente deliciosa, como aquele tipo maricas na série Reviver o Passado em Brideshead costumava dizer. Clawson tinha uma m quina fotogr fica. Uma m quina mais do que minuscula, do género daquelas que cabem na palma da mão. Quando estamos prontos para tirar uma fotografia, basta abrir um pouco os dedos para não tapar a lente e, bingo! J est . - Liz soltou uma risadinha, abanando a cabeça em face da imagem. - Na carta, Clawson dizia que a arranjara através de um cat logo qualquer que vende equipamento de espionagem: escutas telefónicas, pastas que se autodestroem, coisas assim. O agente secreto X-9 Clawson apresenta-se ao trabalho. Aposto que teria arranjado um dente oco cheio de cianeto se a sua venda fosse autorizada. Ele investia fortemente na imagem.

"De qualquer modo, Clawson tirou cerca de meia d£zia de fotografias razoavelmente aceit veis. Nada artístico, mas era possível ver-se quem era o alvo pretendido e o que é que ele estava a fazer. Havia uma fotografia de Thad a aproximar-se dos cacifos dos correios no corredor, uma fotografia de Thad a introduzir a chave no cacifo 1642, e uma outra com ele a retirar o sobrescrito.

- Ele enviou-vos cópias dessas fotografias? - perguntou Alan. Ela dissera que ele queria dinheiro e Alan sup“s que a senhora sabia do que é que estava a falar. A armadilha não cheirava só a chantagem: tresandava a chantagem.

- Oh, sim. E uma ampliação desta ultima. Conseguia ler-se parte do endereço do remetente: as letras DARW, sendo muito f cil adivinhar o cólofon que se encontrava por cima das letras.

- X-9 ataca de novo - disse Alan.

- Sim. X-9 ataca de novo. Clawson revelou as fotografias e, depois, pegou num avião e voltou para Washington.

Apenas alguns dias depois, recebemos a carta dele, com as fotos incluídas. A carta era verdadeiramente maravilhosa.

Apesar de nem só uma vez ter ultrapassado os limites da ameaça, Clawson andou sempre l por perto.

- Ele estudava Direito - replicou Thad.

- Sim - concordou Liz. - Aparentemente, sabia exactamente até onde é que podia ir. Thad pode mostrar-lhe a carta mas eu consigo parafrase -la. Começava por dizer o quanto admirava as duas metades daquilo a que chamava a "mente dividida" de Thad. Contava minuciosamente o que descobrira e como o fizera. Passava então para aquilo que realmente lhe interessava. Foi muito cuidadoso a mostrar-nos o anzol, mas este era bem visível. Disse que ele próprio aspirava vir a ser um escritor mas que não tinha muito tempo para escrever; que os seus estudos de Direito eram muito trabalhosos, mas isso era apenas uma parte.

O verdadeiro problema, dizia, era que tinha de trabalhar numa livraria para ajudar a pagar as propinas e outras contas. Acrescentava ainda que gostaria de mostrar a Thad alguns dos seus trabalhos e, caso Thad achasse que estes eram promissores, talvez se pudesse sentir compelido a p“r em marcha um pacote de auxílio para o ajudar pelo caminho.

- Um pacote de auxílio - disse Alan, perplexo. - E assim que agora chamam a isso?

Thad lançou a cabeça para tr s e lançou uma gargalhada.

- Pelo menos, foi assim que Clawson Lhe chamou.

Acho que consigo citar o ultimo pedaço de cor. "Sei que, numa primeira leitura, isto pode parecer-lhe um pedido muito atrevido", dizia ele, "mas tenho a certeza de que se estudar o meu trabalho, rapidamente chegar … conclusão que uma tal combinação trar vantagens para

ambos."

- Durante uns dias, eu e Thad fic mos fulos com aquilo, depois rimo-nos com a situação e, em seguida, penso que volt mos a ficar fulos.

- Sim - corroborou Thad. - Não estou l muito certo quanto … parte do riso mas l que fic mos fulos, disso não tenho d£vidas.

- Por ultimo, acab mos por conseguir apenas falar sobre o assunto. Fal mos quase até … meia-noite. Ambos reconhecemos aquilo que a carta e as fotografias de Clawson significavam, e depois de a f£ria Lhe ter passado...

- A f£ria ainda não me passou totalmente - exclamou Thad - e o tipo est morto.

- Bem, uma vez os gritos passados, Thad ficou quase aliviado. H j bastante tempo que se queria ver livre de Stark, e j pusera mãos … obra num livro de grande f"lego e sério, só seu. Que ainda est a escrever. Chama-se O Cão Dourado. J li as primeiras duzentas p ginas e é magnífico.

Muito melhor do que as duas ultimas coisas que produziu em catadupa sob o nome de George Stark. Assim, Thad decidiu...

- Nós decidimos - corrigiu Thad.

- Est bem, nós decidimos que Clawson era uma bênção disfarçada, um modo de acelerar aquilo que j est para acontecer. O £nico temor de Thad era que Rick Cowley não gostasse muito da ideia porque George Stark dava a ganhar mais dinheiro … editora do que Thad, e por uma boa margem. Mas ele comportou-se de forma impec vel. Com efeito, disse que poderia acabar por gerar alguma publicidade, o que talvez pudesse trazer vantagens para uma série de reas:

a lista antiga de Stark, a lista antiga do próprio Thad...

- Ou seja, os dois livros - acrescentou Thad com um sorriso.

-... e o novo livro, quando fosse finalmente lançado.

- Desculpem-me, o que é uma lista antiga? - inquiriu Alan.

Agora com um sorriso aberto, Thad respondeu:

- Os livros antigos que j não estão colocados em destaque nas montras janotas das grandes livrarias.

- Então, veio tudo a lume.

- Sim - afirmou Liz. - Primeiro na Associated Press aqui do Maine e na Publishers Weekly, mas a história acabou por tomar proporções a nível nacional; afinal de contas, Stark era um escritor de best-sellers e o facto de nunca sequer ter existido fez do assunto um "tapa-buracos"

interessante nas ultimas p ginas dos jornais. E foi então que a revista People entrou em contacto connosco.

"Recebemos só mais uma carta indignada e zangada da parte de Clawson, dizendo-nos quão maldosos, mauzinhos e ingratos nós éramos. Parecia pensar que não tínhamos direito algum de o p"r de parte, tal como fizéramos, porque fora ele quem tivera todo o trabalho e Thad nada mais fizera excepto escrever alguns livros. Após essa carta, calou a boca.

- E agora calou a boca para sempre - disse Thad.

- Não - retorquiu Alan. - Alguém calou a boca por ele... • essa é uma grande diferença.

Um outro momento de silêncio caiu sobre eles. Foi curto... mas muito pesado.

Alan meditou durante v rios minutos. Thad e Liz deixaram-no entregue aos seus pensamentos. Por fim, levantou os olhos e disse:

- Muito bem. Porquê? Porque é que alguém recorreria ao assassínio por causa disto? Sobretudo depois de o segredo j ter sido revelado...

Thad abanou a cabeça.

- Se tiver alguma coisa a ver comigo, ou com os livros que escrevi como George Stark, não sei quem foi nem porquê.

- E por causa de um pseudónimo? - inquiriu Alan, numa voz meditativa. - Longe de mim ofendê-lo, Thad, mas não era propriamente um documento secreto ou um grande segredo militar.

- Não me ofende nada - respondeu Thad. - De facto, não podia estar mais de acordo consigo.

- Stark tinha muitos fãs - disse Liz. - Alguns deles ficaram zangados por Thad não ir escrever mais nenhum romance como Stark. Após a publicação do artigo, a People recebeu algumas cartas, tendo Thad

recebido um montão delas.

Uma senhora chegou ao ponto de sugerir que Alexis Machine devesse voltar da reforma e dar cabo de Thad.

- Quem é Alexis Machine? - Alan ostentava de novo o bloco de notas.

Thad sorriu:

- Calma, calma, meu bom inspector. Machine é apenas uma personagem de dois dos romances escritos por Stark.

O primeiro e o £ltimo.

- Uma ficção por outra ficção - disse Alan, tornando a guardar o bloco de notas. - óptimo.

Entretanto, Thad parecia ligeiramente espantado.

- Uma ficção por outra ficção - disse. - Nada mau.

Nada mau mesmo.

- Era aqui que eu queria chegar - afirmou Liz. - Talvez Clawson tivesse um amigo (sempre admitindo que os "Patifezóides" têm amigos) que fosse fã absolutamente fa n tico de Stark. Talvez ele soubesse que Clawson fora o verdadeiro respons vel por a história ter vindo a p£blico. e tivesse ficado tão furioso porque não iria ler mais nenhum romance de Stark que... Liz suspirou, olhou por um breve instante para baixo, em direcção … garrafa de cerveja, e tornou a erguer a cabeça.

- Na verdade, isto não tem pés nem cabeça, não - Temo bem que sim - respondeu Alan com delicadeza, tendo olhado para Thad de seguida. - Neste momento, você devia estar de joelhos a agradecer a Deus pelo seu libi, ainda que não tivesse estado anteriormente. Tem a noção de que isto ainda o torna mais suspeito, não é?

- Suponho que, de certo modo, seja assim - concordou Thad. - Thaddeus Beaumont escreveu dois romances que praticamente ninguém leu. O segundo, publicado h onze anos, nem sequer teve críticas muito boas. Os avanços mínimos que recebeu não renderam nada; ser mesmo um milagre se conseguir vir a ser publicado de novo, no pé em que o negócio se encontra. Por outro lado, Stark ganha dinheiro a rodos. Apesar de o dinheiro ganho a rodos ser relativamente discreto, os livros dão-me a ganhar quatro vezes mais aquilo que ganho a ensinar anualmente. Este

tipo Clawson aparece, com a sua ameaça de chantagem cuidadosamente formulada. Recuso ceder, mas a minha £nica opção é ir a lume com a história. Não muito tempo depois Clawson é morto. Parece ser um grande motivo, mas, na verdade não o é. Matar um prov vel chantagista depois de j se ter contado o segredo seria uma estupidez.

- Sim... mas h sempre a vingança.

- Admito, até termos em conta tudo o resto. Aquilo que Liz Lhe contou é totalmente verdade. De qualquer modo, Stark estava praticamente pronto para ir para o monte Edo lixo. Talvez pudesse ter havido mais um livro, mas apenas um. E uma das razões pela qual Rick Cowley foi tão impec vel, como disse Liz, era porque estava ciente desse facto. E tinha razão quanto … publicidade. Por muito tonto que tenha sido o artigo da People, tem feito maravilhas …s vendas. O Rick contou-me que A Caminho da Babilónia voltou repentinamente a fazer de novo parte da lista dos mais vendidos, e que as vendas de todos os romances de Stark estão bastante altas. A Dutton est mesmo a planear fazer uma nova edição d'Os Dançarinos Inesperados e Névoa Purpura. Se virmos as coisas por este prisma, Clawson até me fez um favor.

- Então, onde é que isso nos deixa? - inquiriu Alan.

- Quem me dera saber - replicou Thad.

No silêncio que se seguiu, Liz disse numa voz suave:

- • um caçador de crocodilos. Estava precisamente a pensar neles esta manhã. é um caçador de crocodilos e é um louco varrido.

- Caçador de crocodilos? - Alan virou-se para ela.

Liz explicou a síndroma de ver-os-crocodilos-vivos inventados por Thad.

- Podia ter sido um fã louco - disse ela. - Não é assim uma ideia tão sem pés nem cabeça, não quando pensamos no tipo que matou John Lennon e no outro que tentou matar Ronald Reagan para impressionar a Jodie Foster.

Eles andam por aí. E se Clawson conseguiu descobrir tudo sobre Thad, uma outra pessoa qualquer pode ter conseguido descobrir tudo sobre Clawson.

- Mas porque é que um tipo tentaria incriminar-me, se gosta tanto do meu trabalho? - perguntou Thad.

- Porque não gosta! - respondeu Liz com veemência.

- é Stark que o caçador de crocodilos adora. Provavelmente, odeia-te tanto como odeia, odiava, Clawson. Tu disseste que não lamentavas o facto de Stark estar morto. Essa pode muito bem ser a razão suficiente.

- Ainda assim, não estou convencido - disse Alan.

- As impressões digitais...

- O Alan disse que as impressões nunca foram copiadas ou forjadas, mas, dado que estão espalhadas pelos dois sítios, tem de haver uma forma. é a £nica coisa que se ajusta.

Thad ouviu-se a si próprio dizer:

- Não, est s enganada, Liz. Se realmente existe um tipo desses, ele não adora apenas Stark. - Baixou o olhar em direcção aos braços e viu que estes estavam cobertos de pele de galinha.

- Não? - inquiriu Alan.

Thad ergueu o olhar e fitou os dois.

- J pensaram que o homem que matou Homer Gamache e Frederick Clawson pode imaginar que ele próprio é George Stark?

4

Nos degraus, Alan disse:

- Mantê-lo-ei ao corrente, Thad.

Numa das mãos segurava as fotocópias - tiradas na m quina do escritório de Thad - das duas cartas de Frede rick Clawson. Thad pensou para si próprio que a boa vontade mostrada por Alan em aceitar fotocópias - pelo menos, para j - em vez de insistir em levar os originais como prova, era o indício mais claro de todos de que pusera de parte a grande maioria das suspeitas.

- E voltar de novo para me prender se descobrir um buraco no meu libi? - perguntou Thad a rir.

- Penso que isso não ir acontecer. A £nica coisa que Lhe peço é que, do mesmo modo, também me mantenha ao corrente.

- Se surgir alguma coisa de novo, é isso?

- Sim. • isso que quero dizer.

- Lamento imenso não termos podido ajudar mais.

- Ajudaram-me muito - contradisse Alan, sorrindo.

- Não sabia se havia de ficar mais um dia, o que significava mais uma noite num quarto pouco recomend vel do Ramada Inn, ou voltar para Castle Rock. Graças a tudo aquilo que me contaram, vou optar pela segunda. E é para j .

Vai saber bem voltar. –ltimamente, a minha mulher Annie tem andado um pouco adoentada.

- Nada de grave, espero - disse Liz.

- Enxaquecas - disse Alan rapidamente, começando a descer o passeio. Foi então que se virou para tr s. - H ainda mais uma coisa.

Thad olhou para Liz.

- Aqui vem - disse ele. - é a deixa do velho Colombo' da gabardina amarrotada.

- Nada disso - retorquiu Alan - mas a Polícia de Washington est a guardar do p£blico uma prova física da morte de Clawson. é pr tica comum; ajuda a eliminar os malucos que gostam de confessar crimes que não cometeram.

Havia uma coisa escrita na parede do apartamento de Clawson. - Alan fez uma pausa, tendo acrescentado, quase como que a pedir desculpa: - Foi escrito com o sangue da vítima. Se vos disser o que foi, dão-me a vossa palavra de honra que não contam nada a ninguém?

Ambos acenaram a cabeça.

- A expressão era "Os pardais estão a voar de novo".

Isto diz-vos alguma coisa para algum de vocês?

- Não - respondeu Liz.

- Não - respondeu Thad numa voz indiferente após uma hesitação moment*f*nea.

O olhar de Alan quedou-se no rosto de Thad por instantes.

- Tem a certeza?

- Absoluta.

Alan suspirou.

- Bem me queria parecer que não vos dizia nada, mas pareceu-me valer a pena tentar. Como temos tantos elos peculiares, pensei que talvez pudesse haver mais um. Boa noite, Thad e Liz. Não se esqueçam de me contactar no caso de acontecer alguma coisa.

- Esteja descansado - disse Liz.

- Pode contar connosco - concordou Thad.

Um instante depois, os dois encontravam-se dentro de casa, com a porta fechada sobre Alan Pangborn - e sob a escuridão através da qual ele faria a sua longa viagem de regresso a casa.

Dez

MAIS TARDE NESSA NOITE

1

Depois de terem levado os gémeos adormecidos para o andar de cima, eles próprios começaram a arranjar-se para se deitarem. Thad despiu-se até ficar de cuecas e de camisola interior - o seu pijama muito próprio - e dirigiu-se para a casa de banho. Estava a lavar os dentes quando as tremuras começaram. Deixou cair a escova dos dentes, cuspiu uma boca repleta de espuma branca para dentro do lavatório e, depois, a cambalear, deixou-se cair … beira da retrete, sem qualquer sensação nas pernas, como se tivesse umas estacas de madeira.

Tentou vomitar - um horrível som seco - mas nada saiu. O est"mago começou a acalmar de novo... pelo menos temporariamente.

Quando se virou, Liz encontrava-se … entrada da porta.

Vestia uma camisa de noite de nylon azul, que terminava v rios centímetros acima do joelho. Olhava para ele fixamente.

- Andas a esconder-me segredos, Thad. Isso não é bom. Nunca foi.

Thad suspirou de forma desagrad vel e esticou as mãos diante dos olhos, com os dedos afastados uns dos outros. Ainda tremiam.

- H quanto tempo te apercebeste?

- Desde que o xerife voltou esta noite que andas a agir de uma forma estranha. E quando ele fez aquela £ltima pergunta... sobre aquela coisa escrita na parede do Clawson...

mais valia teres um letreiro colado na testa.

- Pangborn não viu qualquer espécie de letreiro.

- O xerife Pangborn não te conhece tão bem quanto eu... mas se não o viste a olhar para ti com um ar desconfiado no fim, era porque não estavas a olhar. Até ele viu que algo não batia certo. Foi a forma como ele olhou para ti.

A boca dela descaiu um pouco, sublinhando as linhas antigas do seu rosto, aquelas que ele vira pela primeira vez após o acidente em Bóston e o aborto, aquelas que se tinham aprofundado … medida que ela

o via debater-se com cada vez mais força para tirar gua de um poço que parecia ter secado.

Fora por volta dessa altura que Thad deixara de conseguir controlar o acto de beber. Todas essas coisas - o acidente de Liz, o aborto, o falhanço crítico e financeiro de Névoa Purpura após o êxito gigantesco de A Vontade de Machine sob o nome de Stark, a s£bita tendência para beber muito - tinham-se unido para dar origem a um profundo estado depressivo. Ele reconhecera-o como um estado de espírito egocêntrico e fechado sobre si mesmo, mas essa tomada de consciência não ajudara em nada. Por fim, com a ajuda de meia garrafa de Jack Daniels, Thad enfiara pela garganta abaixo uma mão cheia de comprimidos para dormir.

Tratara-se de uma tentativa de suicídio com pouco entusiasmo... mas ainda assim uma tentativa de suicídio. Todas estas coisas ocorreram ao longo de três anos. Nessa época, parecera ser muito mais tempo. Nessa época, parecera que seria para sempre.

E, est claro, pouco ou mesmo nada disto chegara …s p ginas da revista People.

Neste momento, Thad via Liz a olhar para ele como costumava olhar nessa altura. Odiava esse olhar. A preocupação só por si j era m ; a desconfiança ainda pior.

Imediatamente, Thad pensou que seria mais f cil suportar o sentimento de ódio do que aquele olhar peculiar e circunspecto.

- Detesto quando me mentes - limitou-se ela a dizer.

- Eu não menti, Liz! Pelo amor de Deus!

- Por vezes, as pessoas mentem só por estarem caladas.

- De qualquer forma, ia contar-te - replicou ele. - Só estava a tentar encontrar uma forma de o fazer.

Mas seria isso verdade? Seria mesmo? Thad não sabia.

Era uma coisa esquisita, absolutamente de loucos, mas não fora essa razão pela qual ele preferira mentir através do silêncio. Thad sentira necessidade de ficar calado tal como um homem que observa uma mancha de sangue nas próprias fezes ou sente um nódulo nas virilhas pode sentir necessidade de ficar calado. Em tais casos, o silêncio é

irracional... mas o medo é igualmente irracional.

E havia mais uma outra coisa: ele era um escritor, um imaginador. Thad nunca conhecera alguém - incluindo ele próprio - que tivesse mais do que uma vaga ideia da razão por que fazia alguma coisa. Por vezes, Thad acreditava que a compulsão para escrever ficção não passava de um baluarte contra a confusão, talvez mesmo contra a insanidade.

Era uma necessidade desesperada de ordem por pessoas somente capazes de descobrirem esse material precioso no interior da sua mente... nunca no coração.

Dentro dele, uma voz sussurrou pela primeira vez:

"Quem és tu quando escreves, Thad? Quem és tu nessa altura?"

E, para essa voz, ele não tinha resposta alguma.

- Então? - perguntou Liz, num tom agudo, vacilando … beira da f£ria.

Embrenhado nos seus pensamentos, Thad olhou para ela, espantado:

- Desculpa?

- J encontraste uma forma de o fazer? Qualquer que possa ser?

- Olha - replicou ele - não percebo porque é que est s com uma voz tão irritada, Liz.

- Porque estou assustada! - gritou ela, zangada... mas agora, ele via l grimas nos cantos dos olhos dela. - Porque escondeste isso ao xerife, e ainda me pergunto se não o ir s esconder de mim! Não via essa expressão no teu rosto h ...

- Ah, sim? - Agora, ele próprio começava a sentir-se zangado. - E que expressão foi essa? O que é que te pareceu?

- Parecias culpado - respondeu bruscamente. - Tinhas a expressão que costumavas ter quando dizias …s pessoas que havias parado de beber e não tinhas. Quando... - Foi então que ela estacou. Thad não soube o que Liz viu no seu rosto e não tinha a certeza se queria saber mas afastou de vez a sua f£ria, que foi substituída por um olhar angustiado. - Desculpa. Não fui justa naquilo que disse.

- Porque não? - retorquiu ele, algo enfadado. - Foi verdade.

Durante uns tempos.

Thad voltou para a casa de banho e utilizou o desinfectante oral para remover os £ltimos vestígios de pasta de dentes. Era um desinfectante oral sem lcool. Como o xarope para a tosse.

E o suced*f*neo de baunilha no arm rio da cozinha. Thad não tomara uma £nica bebida desde que terminara o £ltimo romance de Stark.

Com suavidade, a mão de Liz tocou no seu ombro:

- Thad... estamos a ficar zangados um com o outro. Isso magoa-nos aos dois e não vai ajudar em nada a resolver aquilo que estiver errado. Disseste que poderia haver um homem por aí, um louco, que pensa que é George Stark. J matou duas pessoas que conhecíamos. Uma delas foi parcialmente respons vel pelo desvendar do pseudónimo Stark. J te deve ter passado pela cabeça que podes estar nos primeiros lugares da lista de inimigos a abater daquele homem. No entanto, apesar disso, escondeste alguma coisa. Qual era a expressão?

- Os pardais estão a voar de novo - respondeu Thad.

Olhando para o próprio rosto na desagrad vel luz branca lançada pelas l*f*mpadas fluorescentes sobre o espelho da casa de banho. O mesmo rosto de sempre. Talvez um pouco escurecido sob os olhos, mas, ainda assim, o mesmo rosto de sempre. Thad estava contente. Não era a cara de nenhuma estrela de cinema, mas era a sua.

- Sim. Isso teve algum significado para ti. Qual foi?

Thad desligou a luz da casa de banho e colocou o braço por cima dos ombros de Liz. Caminharam até … cama e deitaram-se nela.

- Quando tinha onze anos - explicou - fui submetido a uma operação para me extirparem um pequeno tumor do lobo frontal (penso que era o lobo frontal) do cérebro.

Disto tu j sabias.

- Sim? - Ela olhava para ele, intrigada.

- Disse-te que tinha umas dores de cabeça fortes antes de o tumor ter sido diagnosticado, não foi?

- Exacto.

Distraído, Thad começou a dar ligeiras palmadinhas na coxa de

Liz. Ela tinha umas ador veis pernas compridas, e a camisa de noite era mesmo muito curta.

- E sobre os sons?

- Sons? - Liz parecia intrigada.

- Bem me queria parecer que não... mas, sabes, nunca pareceu ser muito importante. Tudo isso aconteceu h tanto tempo. As pessoas com tumores cerebrais têm dores de cabeça frequentes, por vezes têm ataques, e, por vezes, têm as duas coisas. Muitas vezes, estes sintomas têm os seus próprios sintomas. São os chamados precursores sensoriais.

Os mais comuns são cheiros, aparas de l pis, cebolas acabadas de cortar, fruta bolorenta. O meu precursor sensorial era auditivo. Eram p ssaros.

Thad olhou para ela fixamente, com os narizes prestes a tocarem-se. Conseguia sentir um fio solto do cabelo de Liz a fazer-lhe cócegas na testa.

- Pardais, para ser mais exacto.

Thad sentou-se, não querendo ver a expressão de choque s£bito no rosto da mulher. Pegou na mão dela.

- Anda.

- Thad... aonde?

- Até ao escritório - respondeu ele. - Quero mostrar-te uma coisa.

O escritório de Thad era dominado por uma enorme secret ria de carvalho. Não era nem tipicamente antiga nem do género moderno. Tratava-se apenas de um pedaço de madeira extremamente grande e muitíssimo £til. Erguia-se como um dinoss urio sob três globos de vidro pendurados;

a luz combinada que lançavam sobre a superfície de trabaLho pecava apenas por falta de intensidade. Muito pouco da superfície da secret ria estava visível. Manuscritos, pilhas de correspondência, livros, e provas que Lhe tinham sido enviadas encontravam-se empilhados por toda a parte e por todo o lado. Na parede branca por detr s da secret ria estava um poster que representava a estrutura preferida de Thad no mundo inteiro: o Edifício Flatiron em Nova Iorque. A sua forma improv vel em cunha nunca deixara de o

deliciar.

Ao lado da m quina de escrever encontrava-se o manuscrito do novo romance, O Cão Dourado. Em cima da m quina estava o trabalho realizado naquele dia. Seis p ginas.

Era o n£mero do costume... isto é, quando estava a trabalhar como ele próprio. Como Stark, geralmente fazia umas oito e, por vezes, chegava a escrever dez.

- Antes de Pangborn ter aparecido, era com isto que eu estava entretido - disse ele, pegando no montinho de p ginas que se encontravam em cima da m quina e entregando-as a Liz. - Foi então que o som surgiu: o som dos pardais. Pela segunda vez durante o dia de hoje, só que desta vez foi muito mais intenso. Vês o que est escrito em diagonal sobre a primeira p gina?

Liz permaneceu com a cabeça baixa durante um longo espaço de tempo, e Thad só Lhe conseguia ver o cabelo e o cocuruto da cabeça. Quando levantou o olhar e fitou Thad, toda a cor se tinha esvaído do seu rosto. Os l bios estavam comprimidos um contra o outro numa estreita linha cinzenta.

- é a mesma - sussurrou ela. - é exactamente a mesma frase. Oh, Thad, o que é isto? O que é...?

Liz vacilou e ele inclinou-se para a frente, temendo, por um instante, que ela chegasse mesmo a desmaiar. Agarrou nos ombros dela, com os pés enredados no pé em forma de X da cadeira do escritório, e quase deitou os dois por cima da secret ria.

- Est s bem?

- Não - respondeu ela numa voz sumida. - E tu?

- Não propriamente - replicou ele. - Desculpa.

O mesmo desajeitado de sempre. Como um cavaleiro numa armadura reluzente, sou óptimo para segurar uma porta.

- Escreveste isto antes de Pangborn ter sequer aparecido - disse ela, não parecendo considerar possível compreender toda esta situação na totalidade. - Antes. | - Exactamente.

- Que é que isso quer dizer? - Liz fitava-o com uma intensidade inquieta, as pupilas dos seus olhos aumentadas e negras apesar da luz

clara.

- Não sei - retorquiu ele. - Pensei que talvez pudesses ter alguma ideia.

Liz abanou a cabeça e tornou a colocar as folhas sobre a secret ria. De seguida, esfregou a mão contra a curta saia de nylon da camisa de noite, como se tivesse tocado em algo de sórdido. Thad teve a impressão de que ela não estava consciente daquilo que estava a fazer, não Lhe tendo dito nada.

- Agora j percebes porque é que não contei nada? - perguntou ele.

- Sim... acho que sim.

- O que é que ele teria dito? O nosso xerife pr tico do mais pequeno m£nicípio do Maine, que deposita a sua fé nas cópias computadorizadas do R.S.E e nos testemunhos oculares? O nosso xerife que achou mais plausível eu estar a esconder um irmão gémeo do que alguém ter, de algum modo, descoberto uma forma de duplicar impressões digitais?

Que é que ele teria a dizer sobre isto?

- Eu... eu não sei. - Liz debatia-se para se recompor para se arrastar para fora da onda de choque. Ele j a vira fazer isso antes, embora esse facto não diminuísse a admiração que sentia por ela. - Não sei o que é que ele teria dito, Thad.

- Eu também não. Penso que, na pior das hipóteses, admitiria que eu j sabia de antemão que o crime ia acontecer.

Era bastante mais prov vel que acreditasse que eu tinha corrido c para cima depois de ele se ter ido embora esta noite.

- Porque é que farias uma coisa dessas? Porquê?

- Creio que a insanidade seria a primeira hipótese - respondeu Thad secamente. - Acho que seria muito mais prov vel que um polícia como o Pangborn pensasse em insanidade em vez de aceitar uma ocorrência que não parece ter uma explicação plausível fora do campo do paranormal.

Mas se achas que faço mal em não contar uma coisa destas enquanto eu próprio não tiver uma hipótese de dar algum sentido a tudo isto (e

pode ser que seja assim) dize-me.

Podemos telefonar para o gabinete do xerife de Castle Rock e deixar-lhe uma mensagem.

- Não sei - respondeu Liz, abanando a cabeça. - Ouvi falar (num talk-showl qualquer, acho eu) em elos parapsíqUiCOS...

- Acreditas nisso?

- De certa forma, nunca tive qualquer motivo para reflectir muito sobre esse assunto - respondeu ela. - Agora j acho que tenho. - Esticou a mão e agarrou na folha de papel com as palavras rabiscadas sobre a superfície. - Escreveste isto com um dos l pis do George - disse.

- Era a coisa mais próxima … mão, é tudo - retorquiu ele com irritação. Thad pensou por uns instantes na caneta Scripto, tendo-a, de seguida, afastado do pensamento. - E não são, nem nunca foram, os l pis do George. São meus.

Estou a ficar farto de te referires a ele como uma pessoa separada. Por mais pequena que fosse, j perdeu toda a graça que alguma vez pudesse ter tido.

- No entanto, ainda hoje utilizaste uma das expressões dele: "Mentir quanto ao meu libi". Nunca te tinha ouvido dizer uma tal frase, excepto no contexto de um livro. Foi apenas uma mera coincidência?

Thad fez menção de dizer que era, que est claro que era, e parou. Provavelmente fora, mas, … luz do que escrevera naquela folha de papel, como é que podia ter tanta certeza assim?

- Não sei.

- Estavas em transe, Thad? Estavas em estado de transe quando escreveste isto?

Lenta e relutantemente, ele replicou:

- Sim. Penso que estava.

- Só aconteceu isto? Ou aconteceu mais alguma coisa?

- Não me lembro - respondeu ele, tendo acrescentado num tom ainda mais relutante: - Acho que devo ter dito mais alguma coisa, mas, sinceramente, não me recordo.

Liz olhou para ele durante um longo espaço de tempo, após o qual afirmou:

- Vamos para a cama.

- Achas que vamos conseguir dormir, Liz?

Ela riu-se, desolada.

3

No entanto, vinte minutos mais tarde, quando Thad estava a deixar-se vencer pelo sono, a voz de Liz trouxe-o de volta.

- Tens de ir ao médico - disse. - Na segunda-feira.

- Desta vez não tenho tido dores de cabeça - protestou ele. - Apenas o som dos p ssaros. E aquela coisa esquisita que escrevi. - Thad fez uma pausa, acrescentando de seguida, esperançoso: - Não achas que se possa tratar de uma mera coincidência?

- Não sei o que é - retorquiu Liz - mas tenho de te confessar, Thad, que "coincidência" é uma das £ltimas hipóteses da minha lista.

Por alguma razão, os dois consideraram isto engraçado e, deitados na cama, abraçados um ao outro, trocaram risadinhas entre si, tentando fazer o mínimo barulho possível, de forma a não acordar os bebés. Em todo o caso, ficou de novo tudo bem entre eles: apesar de, nesta altura, Thad sentir que não podia ter a certeza absoluta de praticamente nada, esta era uma delas. A tempestade passara. O velho machado de guerra fora de novo enterrado, pelo menos por ora.

- Eu marco-te a consulta - disse ela, depois de as risadas terem passado.

- Não - retorquiu Thad. - Eu marco.

- E não vais ceder a nenhum esquecimento imaginativo?

- Não. Vai ser a primeira coisa a fazer na segunda de manhã. Prometo.

- Muito bem, então. - Suspirou: - Ser um milagre se conseguir dormir alguma coisa. - No entanto, cinco minutos mais tarde, Liz respirava suave e regularmente e, não menos de cinco minutos mais tarde, o próprio Thad estava a dormir.

4

E sonhou de novo o mesmo sonho.

Foi o mesmo (ou, de qualquer modo, assim pareceu ser}

exactamente até ao fim: Stark levava-o através da casa deserta, permanecendo constantemente atr s dele, dizendo-Lhe que estava enganado sempre que Thad insistia, numa voz trémula e agitada, que esta era a sua própria casa. Est s muito enganado, respondia Stark por detr s do ombro direito (ou seria do esquerdo? E ser que isso importava?).

O propriet rio desta casa, repetia mais uma vez a Thad, estava morto. O propriet rio desta casa estava naquele local fictício onde todas as linhas de comboio terminavam, naquele local a que todas as pessoas aqui em baixo (onde quer que aqui fosse) chamam Endsville. Exactamente tudo igual. Até que chegaram ao trio das traseiras da casa, onde Liz j não estava sozinha. Frederick Clawson tinha-se juntado a ela. Estava nu, coberto apenas por um incongruente casaco de cabedal. E estava tão morto quanto Liz.

Por cima do seu ombro, Stark disse de um modo ponderado:

- Aqui em baixo, isto é o que acontece aos bufos. São transformados em recheio de tolos. Agora, ele j est arrumado. Eu vou arrumar todos eles, um por um. Assegura-te apenas de que eu não tenha de te arrumar. Os pardais estão a voar de novo, Thad. Lembra-te disto. Os pardais estão a voar.

E depois, no exterior da casa, Thad ouviu-os: não apenas milhares deles mas milhões, talvez até milhões de milhões, e o dia ficou negro … medida que o gigantesco bando de p ssaros começou a atravessar o sol, que acabou por ficar totalmente eclipsado.

- Não consigo ver! - gritou Thad. Por detr s, George Stark sussurrou:

- Eles estão a voar de novo, velha carcaça. Não te esqueças. E não te metas no meu caminho.

Thad acordou, a tremer e cheio de frio por todo o corpo e, desta vez, demorou bastante mais tempo a pegar de novo no sono. Deixou-se ficar deitado no escuro, a pensar em quão absurda era a ideia que o sonho trouxera: talvez no primeiro sonho j a tivesse trazido, mas, nessa altura, não fora tão clara. Totalmente absurda. O facto de ter sempre visualizado

Stark e Alexis Machine como iguais (e porque não, dado que, em termos muito pr ticos, ambos tinham nascido na mesma altura, com A Vontade de Machine), ambos altos e de ombros largos - homens que não pareciam ter crescido mas que pareciam ter sido, de certa forma, esculpidos a partir de blocos de cimento - e ambos louros...

esse facto não alterava o absurdo da ideia. Os pseudónimos não ganhavam vida e assassinavam pessoas. Ele diria isso a Liz ao pequeno-almoço e ambos se iriam rir da ideia...

bem, talvez não se rissem mesmo, considerando as circunst*ƒ*ncias, mas compartilhariam um sorriso pesaroso.

"Vou chamar a isto o meu complexo de William Wilson", pensou Thad, deixando-se adormecer aos poucos.

Mas quando a manhã sobreveio, o sonho não pareceu ser suficientemente importante para ser contado; não depois de tudo o resto. E, assim, Thad não contou... mas … medida que o dia ia passando, verificou que o seu pensamento voltava sempre e sempre a ele, considerando-o uma jóia misteriosa.

Onze

ENDSVILLE

1

Segunda-feira logo de manhã, antes que Liz Lhe moesse o juízo por causa disso, Thad marcou uma consulta com o Dr. Hume. A remoção do tumor em 1960 fazia parte dos seus registos médicos. Thad contou a Hume que, £ltimamente, tivera duas recorrências dos sons dos p ssaros, que tinham pressagiado as dores de cabeça durante os meses conducentes ao diagnóstico e … ablação do tumor. O Dr. Hume quis saber se as dores de cabeça propriamente ditas tinham voltado. Thad respondeu-lhe que não.

Não se referiu ao estado de transe, ou …quilo que escrevera durante esse estado, ou ao que fora descoberto escrito na parede do apartamento da vítima de um assassínio em Washington D. C. Tudo isto j parecia tão distante quanto o sonho da noite passada. Na verdade, Thad deu por si a gozar sobre todo o assunto.

No entanto, o Dr. Hume levou tudo a sério. Muito a sério mesmo. Mandou Thad dirigir-se ao Centro Médico do Maine Oriental nessa mesma tarde. Queria tanto uma série de radiografias ao cr*f*nio como uma tomografia axial computadorizada... uma TAC.

Thad foi. Sentou-se para as radiografias e, de seguida, enfiou a cabeça no interior de uma m quina que se assemelhava a um secador de roupa de tamanho industrial. Durante quinze minutos, a m quina soltou uma série de sons estridentes, após os quais Thad foi liberto do cativeiro... pelo menos por então. Telefonou a Liz, disse-lhe que lhe entregariam oS resultados l para o fim-de-semana e acrescentou que iria ainda passar pelo gabinete na universidade, onde se demoraria um pouco.

- J reflectiste melhor quanto a telefonares ao xerife Pangborn? - inquiriu ela.

- Vamos esperar pelos resultados dos testes - replicou.

- Depois de vermos aquilo com que estamos a lidar, talvez se possa tomar alguma decisão.

2

Thad encontrava-se no gabinete, a libertar a secret ria e as prateleiras

de tudo aquilo que se acumulara ao longo de um semestre, quando os p ssaros começaram a piar de novo dentro da sua cabeça. Primeiro, alguns chilreios aqui e ali que, de seguida, se uniram a outros e que, rapidamente, se tornaram um coro ensurdecedor.

Céu branco - Thad viu um céu branco entrecortado pelas silhuetas das casas e dos postes de telefone. E pardais por todo o lado. Alinhados em todos os telhados, amontoados em todos os postes, apenas … espera da ordem do mentor do grupo.

Nessa altura, lançar-se-iam em direcção ao céu, com um som semelhante ao produzido por milhares de lençóis a agitarem-se ao sabor de um vento tonificante.

Thad cambaleou …s apalpadelas em direcção … secret ria e, a tactear, procurou a cadeira. Tendo-a encontrado, deixou-se cair nela.

Pardais.

Pardais e o céu branco do final da Primavera.

O som encheu a sua cabeça, uma cacofonia sem nexo, e quando puxou até si uma folha de papel e começou a escrever, Thad não estava ciente daquilo que fazia. A cabeça pendeu para tr s, sobre o pescoço; vazios, os olhos fitaram o tecto. A caneta voou para tr s e para a frente e para baixo, parecendo mover-se sozinha.

Na sua cabeça, todos os p ssaros levantaram voo numa nuvem escura que encobriu o céu branco de Março na zona Ridgeway de Bergenfield, Nova Jérsia.

3

Thad recuperou a consciência menos de cinco minutos depois de os primeiros chilreios isolados terem começado a soar na sua mente. Transpirava muito e o pulso esquerdo latejava, mas não sentia qualquer espécie de dor de cabeça.

Olhou para baixo, viu o papel sobre a secret ria - era o verso de uma nota de encomenda de manuais de apoio gr tis para a cadeira de Literatura Americana - e, estupefacto manteve o olhar preso no que aí estava escrito.

SIS CATS FOOLS FLYING AGAIN NOW SISSY PHONE MIR FOREVER FOOLS SIS ENDSVILL SIS THE CATS TERMINATE PHONE

SISSY DOWN HERE THE CUTS SPARROWS RAZOR SIS MIR RAZOR AND FOREVER SISSY NOW FOREVER SIS MIR CATS STUFF SISSY SPARROW

- Não significa nada - murmurou ele, esfregando as têmporas com as pontas dos dedos, … espera que a dor de cabeça começasse, ou que as palavras rabiscadas no papel se ligassem entre si e fizessem algum sentido.

Thad não queria que nenhuma dessas coisas acontecesse...

e nenhuma delas aconteceu. As palavras eram apenas palavras, repetidas vezes sem conta. Algumas tinham sido obviamente retiradas do sonho que tivera com Stark; as outras não passavam de uma am lgama sem nexo.

E a sua cabeça estava óptima.

"Desta vez, não vou contar … Liz", pensou ele. "Maldito seja se o fizer. E não apenas porque estou assustado... apesar de o estar. é extremamente simples: nem todos os segredos são segredos maus. Alguns são segredos bons. Alguns são segredos necess rios. E este é tanto bom como necess rio.

Apesar de não ter a certeza se tudo isso era realmente verdade ou não, Thad descobriu algo imensamente libertador:

ele não queria saber. Estava absolutamente farto de pensar e de, ainda assim, nada saber. Estava também farto de se sentir com medo, como um homem que, por uma brincadeira, entra numa gruta e, de seguida, começa a suspeitar que est perdido.

"Então, p ra de pensar nisso. Essa é a solução."

Thad tinha a impressão de que era verdade. Não sabia se seria ou não capaz de o fazer... mas tencionava levar a cabo a velha tentativa do costume. Muito lentamente, esticou-se, pegou na nota de encomenda com ambas as mãos, e começou a rasg -la …s tiras. O viveiro de palavras enroscadas no papel começou a desaparecer. Thad pegou nas tiras ao comprido, tornou a rasg -las ao meio, e deitou os papelinhos no cesto dos papéis, onde ficaram como confetes sobre todo o outro lixo que j fora deitado l para dentro. De seguida, sentou-se, com o olhar fixo poisado nos pedacinhos de papel durante quase dois minutos, meio … espera que se juntassem de novo e voassem de volta para a secret ria, como as imagens na bobina de um filme que é corrida para tr s.

Por fim, pegou no cesto dos papéis e levou-o pelo corredor fora, até um painel de aço inoxid vel enfiado na parede ao lado do elevador. Por debaixo, podia ler-se o sinal INCINERADORA.

Thad abriu o painel e deitou o lixo pelo cano negro abaixo.

- J est - disse para o invulgar silêncio de Verão do edifício de Inglês e Matem tica. - Não h mais nada.

"Aqui em baixo chamamos a isto recheio dos tolos."

- Aqui em cima chamamos a isto bosta de cavalo - sussurrou ele, dirigindo-se de novo para o gabinete, com o cesto dos papéis vazio na mão.

Não havia mais nada. Pelo cano abaixo, esquecido para sempre. E até os resultados dos testes virem do hospital - ou até ocorrer um outro lapso de memória, um estado de transe, ou o raio de coisa que fosse - Thad não tencionava contar nada. Nada mesmo. O mais prov vel era que as palavras escritas naquela folha de papel fossem produto da própria imaginação, como o sonho de Stark e da casa vazia, e não tivessem absolutamente nada a ver com o assassínio de Homer Gamache ou com o de Frederick Clawson.

"Aqui em baixo, em lindsville, onde todas as linhas de comboio terminam."

- Não significa nada de nada - disse Thad, numa voz regular e empolada... mas quando, nesse dia, deixou a universidade, estava praticamente em fuga.

Doze

MANA

Ela soube que algo não estava bem quando enfiou a chave na grande fechadura Kreig da porta do apartamento e, em vez de deslizar na ranhura com a série de estalidos familiares e reconfortantes, a porta abriu-se de imediato.

Não houve tempo algum para pensar quão estupida fora, indo trabalhar e deixando a porta do apartamento destrancada atr s de si, pelo amor de Deus, Miriam, j agora porque não pendurar uma nota na porta dizendo "OL†, LADR™ES, TENHO ALGUM DINHEIRO A MAIS DENTRO DO WOKI NA PRATELEIRA DE CIMA DA COZINHA"?

Não houve tempo algum porque, depois de se viver durante seis meses em Nova Iorque, talvez até quatro, ninguém se esquece de tal coisa. Quando se vive no campo, e talvez só se tranque a porta uma vez por ano quando se vai para fora, em férias; quando se vive numa cidadezinha como Fargo, em Dakota do Norte ou Ames, no Iowa, talvez uma pessoa se esqueça de vez em quando de trancar a porta quando vai trabalhar; contudo, depois de se estar h j algum tempo na velha Big Apple carunchosa, tranca-se a porta mesmo quando só se vai levar uma ch vena de aç£car a um vizinho no fundo do corredor. Esquecer a porta destrancada seria como expirar uma lufada de ar e esquecer de inspirar outra vez de seguida. A cidade estava repleta de museus e galerias, mas a cidade estava também repleta de drogados e psicopatas, e não se corriam quaisquer riscos. A não ser que se nascesse est£pido, e Miriam não nascera assim.

Um pouco tonta, talvez, mas não est£pida.

Assim, ela soube que algo não estava bem e, apesar de ter a certeza que os ladrões que haviam assaltado o apartamento j se tinham provavelmente ido embora h três ou quatro horas atr s, levando tudo aquilo que parecesse poder ser posto no prego (j para não falar nos oitenta ou noventa dólares do wok... e talvez o próprio wok, agora que se lembrava dele; afinal de contas, ser que não se tratava de um wok passível de ser penhorado?), eles podiam ainda l estar. é uma suposição que se faz de uma forma ou de outra, tal como os rapazes que recebem as primeiras pistolas verdadeiras são ensinados, antes de mais nada, a suporem que a pistola est sempre carregada e que, até mesmo quando é

retirada da caixa na qual vem da f brica, a arma pode estar carregada.

Miriam começou a afastar-se da porta. Fê-lo de uma forma praticamente imediata, antes mesmo de a porta ter parado de se abrir ligeiramente para dentro, mas j era tarde de mais. Uma mão surgiu vinda da escuridão, disparada como uma bala por entre o intervalo de seis centímetros entre a porta e a ombreira, agarrando-lhe a mão. As chaves caíram na passadeira do corredor.

Miriam Cowley abriu a boca para gritar. O homem louro e grande mantivera-se mesmo por detr s da porta, pacientemente … espera h j quatro horas, sem beber um café ou fumar um cigarro. Queria um cigarro, e fumaria um mal tudo isto estivesse acabado, mas antes disso, o cheiro talvez a pudesse ter alertado: os nova-iorquinos são como os animais extremamente pequenos aninhados na vegetação rasteira, sempre com os sentidos alerta, … coca do perigo, mesmo quando pensam que estão a passar um bom bocado.

Antes de ter tempo sequer para pensar, ele j tinha a sua mão direita sobre o pulso direito de Miriam. De seguida, p"s a palma da mão esquerda contra a porta de forma a exercer pressão e, com um sacão, empregando toda a força que tinha, puxou a mulher para a frente. A porta parecia ser de madeira, mas, est claro, era de metal, tal como são as portas de todos os apartamentos bons na velha Big Apple carunchosa. Com uma pancada surda, a face do rosto de Miriam bateu na superfície da porta. Dois dos seus dentes partiram-se rente … gengiva e cortaram-lhe a boca. Os l bios, que se tinham comprimido um contra o outro, afrouxaram de rigidez com o choque e sangue derramou sobre o de baixo. Borrifos de sangue salpicaram a porta.

O maxilar estalou como um galho.

Miriam cambaleou, semiconsciente. O homem louro largou-lhe a mão. Miriam desmaiou na passadeira do corredor.

Ele tinha de ser muito r pido. Segundo o folclore nova-iorquino, todas as pessoas na velha Big Apple carunchosa estavam-se nas tintas para o que acontecia ou deixava de acontecer, desde que não fosse Com elas. Segundo esse mesmo folclore, um psicopata podia apunhalar uma mulher vinte ou quarenta vezes no passeio diante de um barbeiro com vinte cadeiras em plena luz do dia, na Sétima Avenida, que ninguém diria nada, excepto, talvez, "Ser que me pode aparar um pouco mais por cima

das orelhas" ou "Joe, acho que, desta vez, prescindo da gua-de-colónia". O homem louro sabia que o folclore era falso. Para os animais pequenos e acossados, a curiosidade faz parte do pacote de sobrevivência. Proteje a tua pele, sim, era esse o nome do jogo, mas um animal negligente estava propenso a ser um animal morto muito em breve. Consequentemente, a rapidez era vital.

Ele abriu a porta, agarrou em Miriam pelos cabelos, e arrastou-a para dentro.

Praticamente menos de um segundo depois, ouviu o ruído seco de uma tranca a ser aberta no fundo do corredor, seguido pelo estalido de uma porta a abrir-se. Ele não precisava de olhar l para fora para ver o rosto que, neste momento, estaria a espreitar de um outro apartamento, um focinho de coelho sem pêlo, com o nariz quase a contorcer-se.

- Não a partiste, pois não, Miriam? - perguntou ele em voz alta. Mudou para um registo mais elevado, não exactamente em tom de falsete, colocando as mãos em forma de concha a cerca de dois dedos da boca para criar um som abafado, e transformou-se numa mulher.

- Não me parece. Ser que me podes ajudar a apanhar? - Retirou as mãos, voltando ao tom normal da sua voz. - Claro.

Só um segundo.

Fechou a porta e olhou para fora através do buraquinho.

Tratava-se de uma lente de 180 graus, que proporcionava uma visão distorcida, ampla e angulosa do corredor.

Aqui, viu exactamente aquilo que esperava ver: um rosto branco a espreitar de uma porta do outro lado do corredor, a espreitar como um coelho que olha para fora da sua toca.

O rosto desapareceu.

A porta fechou-se.

A porta não bateu; simplesmente fechou-se. A tonta da Miriam deixara cair uma coisa qualquer. O homem que se encontrava com ela - talvez um namorado, talvez o ex-marido - estava a ajud -la a apanhar essa coisa. Nada de muito preocupante. Tudo na santa paz do Senhor.

Miriam estava a gemer, começando a vir a si.

O homem louro enfiou a mão no bolso, tirou a navalha, e abriu-a com uma sacudidela. A lamina cintilou na luminosidade esbatida da £nica luz que ele deixara acesa, um candeeiro de mesa na sala de estar.

Miriam abriu os olhos. Olhou para o homem, fitando o rosto dele de cabeça para baixo enquanto ele se debruçava sobre ela. A sua boca estava manchada de vermelho, como se Miriam estivesse estado a comer morangos.

Ele mostrou-lhe a navalha. Os olhos de Miriam, até então aturdidos e turvos, tornaram-se alertas e grandes. A boca vermelha e h£mida abriu-se.

- Faz um £nico som e corto-te, mana - disse ele, e a boca dela fechou-se.

Ele agarrou de novo nos seus cabelos e arrastou-a para a sala de estar. A saia dela roçagava no chão de madeira polido, tendo o traseiro ficado preso num prego do tapete, que foi levado sobre ela. Miriam gemeu com dores.

- Não faças isso - ordenou ele. - J te disse.

Encontravam-se agora na sala de estar, pequena mas agrad vel. Acolhedora. Cópias de quadros de impressionistas franceses nas paredes. Um poster publicit rio emoldurado que dizia "Cats: AGORA E SEMPRE". Flores secas.

Um pequeno sof dividido, acolchoado num tecido qualquer de cor semelhante a uma espiga de milho. Uma estante para livros.

Na estante, ele conseguiu discernir os dois livros de Beaumont numa prateleira e todos os quatro livros de Stark numa outra. Os de Beaumont estavam na prateleira mais alta. Isso não estava certo, mas ele tinha de partir do princípio de que esta cabra pura e simplesmente não conhecia nada de melhor.

Largou-lhe os cabelos.

- Senta-te no sof , mana. Naquela ponta. - Ele apontou para a ponta do sof ao lado da mesinha onde se encontravam instalados o telefone e o atendedor de chamadas.

- Por favor - sussurrou ela, não fazendo qualquer menção de se levantar. Neste momento, a boca e a face estavam a começar a inchar, e a

palavra saiu como se fosse:

"Por favor". - Qualquer coisa. Tudo. O dinheiro est no wok. - "O dinheiro 'st no wok."

- Senta-te no sof . Naquela ponta. - Desta vez, com uma mão, encostou-lhe a navalha ao rosto enquanto com a outra apontava para o sof .

Miriam trepou para o sof e aninhou-se o mais possível no meio das almofadas, com os olhos negros muito arregalados.

Com a mão, limpou a boca e, por um instante, antes de o fitar de novo, olhou de modo incrédulo para o sangue na palma.

- Que é que quer? - "Qué que quér?" Era como ouvir alguém falar com a boca cheia de comida.

- Quero que faças uma chamada, mana. Só isso.

Pegou no telefone e, utilizando a mão que segurava a navalha, bastante comprida, carregou no botão ANNOUNCE no atendedor de chamadas do telefone. De seguida, entregou-lhe o auscultador. Tratava-se de um daqueles telefones antigos que assentam num *f*ncinho, assemelhando-se a um haltere ligeiramente derretido. Muito mais pesado do que o auscultador de um telefone marca Princess. Ele estava ciente disso e, através do ténue aperto do seu corpo quando o entregou, apercebeu-se de que ela também o estava. Um ligeiro sorriso aflorou os l bios do homem louro. Não foi visível em mais lado nenhum; apenas nos l bios.

Não havia nada de poético naquele sorriso.

- Est s a pensar que me podes rebentar os miolos com essa coisa, não est s, mana? - perguntou ele. - Pois deixa-me que te diga uma coisa: esse não é um pensamento feliz. E sabes o que acontece …s pessoas que perdem os pensamentos felizes, não sabes? - Como Miriam não respondeu, ele prosseguiu: - Caem do céu. é verdade. Vi uma vez num desenho animado. Por isso, mantém o auscultador do telefone no colo e concentra-te em trazer de volta os teus pensamentos felizes.

Ela fitou-o, só olhos. Um fio de sangue escorria-lhe lentamente pelo queixo abaixo. Uma gota soltou-se, indo aterrar no corpete do vestido. "Nunca vais conseguir limpar isso, mana", pensou o homem louro. "Dizem que a mancha só sai se for rapidamente enxaguada com gua fria,

mas não é verdade. Eles têm m quinas. Espectroscópios.

Cromatógrafos a g s. Raios ultravioletas. Lady Macbeth tinha razão."

- Se esse pensamento mau voltar, eu consigo vê-lo nos teus olhos, mana. São uns olhos tão grandes e tão escuros.

Não gostarias que um desses olhos grandes e escuros caísse pela cara abaixo, pois não?

Ela abanou a cabeça com tamanha rapidez e força que os cabelos voaram numa tempestade em redor do rosto.

E durante todo o tempo em que abanava a cabeça, aqueles lindos olhos escuros nunca deixaram de fitar o rosto dele, tendo o homem louro sentido um formigueiro na perna.

Mas caro senhor, ser que tem uma régua desdobr vel no bolso ou est apenas contente por me ver?

Desta vez, o sorriso era visível tanto nos olhos como na boca, e ele pensou que ela se descontraíra um bocadinho de nada.

- Quero que te aproximes e marques o n£mero de telefone de Thad Beaumont.

Ela limitou-se a fix -lo, com os olhos reluzentes e brilhantes com o choque.

- Beaumont - disse ele, pacientemente. - O escritor.

v l, mana. O tempo voa continuamente como os pés alados de Mercurio.

- A minha agenda - disse ela. Agora, a boca dela estava demasiado inchada para conseguir fech -la sem Lhe doer, e tornava-se cada vez mais difícil compreendê-la.

"Mia hazenda", foi aquilo a que soou.

- "Mia hazenda"? - inquiriu ele. - Tem alguma coisa a ver com uma fazenda? Não sei de que é que est s a falar.

Dize alguma coisa que faça sentido, maninha.

Cuidadosa e dolorosamente, Miriam pronunciou:

- A minha agenda. Agenda. A minha agenda dos telefones.

Não me recordo do n£mero.

A navalha voou pelo ar em direcção a ela. Pareceu fazer um ruído semelhante a um sussurro humano. Provavelmente era apenas imaginação, mas, no entanto, ambos o ouviram. Miriam encolheu-se para tr s, aninhando-se ainda mais nas almofadas cor de trigo, com os l bios inchados repuxados num esgar. Ele virou a navalha de forma a que a lamina apanhasse a luz baixa do candeeiro de mesa. Inclinou-a, deixou a luz correr sobre ela como gua e, de seguida, olhou para Miriam como se fossem os dois loucos caso não admirassem uma coisa tão bonita.

- Não me irrites, mana. - Agora, podia detectar-se nas suas palavras uma ligeira pron£ncia do sul. - Nunca queiras fazer isso, não quando est s a lidar com um tipo como eu. Agora, marca a porra desse n£mero. - Embora ela pudesse não ter o n£mero de Beaumont na memória, pois os negócios com este £ltimo não eram assim tantos quanto isso, ela tinha o de Stark. No mundo dos livros, era Stark quem interessava e, por mero acaso, o n£mero de telefone era o mesmo para os dois homens.

Os seus olhos começaram a verter l grimas.

- Não me recordo - gemeu ela. "Não me recordo."

O homem louro aprontou-se para a golpear - não porque estivesse zangado com ela mas porque quando se deixa uma senhora como esta escapar com uma mentira, outras se seguirão - e, depois, reconsiderou. Era perfeitamente possível, concluiu, que ela tivesse perdido o controlo, temporariamente, e esquecido coisas mundanas como n£meros de telefone, mesmo aqueles de clientes importantes como Beaumont/Stark. Ela estava em estado de choque: se Lhe tivesse pedido para marcar o n£mero da própria empresa, era igualmente muito prov vel que não se lembrasse.

Contudo, dado que estavam a falar de Thad Beaumont e não de Rick Cowley, ele podia ajudar.

- Muito bem - retorquiu. - Muito bem, mana. Est s perturbada. Eu compreendo. Não sei se acreditas ou não nisto, mas eu até tenho pena de ti. E est s com sorte porque acontece que eu próprio sei o n£mero. Sei-o tão bem quanto sei o meu, se é que assim se pode dizer. E sabes que mais? Nem sequer te vou obrigar a marcar o n£mero, em parte porque não quero ficar aqui sentado até ao dia de São Nunca … Tarde, … espera que acertes, mas também porque tenho realmente pena de ti. Vou aproximar-

me e marcar eu próprio o n£mero. Sabes o que é que isso quer dizer?

Miriam Cowley abanou a cabeça. Os olhos escuros pareciam ter engolido a maior parte do rosto.

- Quer dizer que vou confiar em ti. Mas só até aqui; só até aqui e nem mais um bocadinho, velhota. Est s a ouvir?

Est s a perceber tudo?

Miriam acenou a cabeça freneticamente, com os cabelos a voarem. Meu Deus, como ele adorava uma mulher com uma cabeleira farta!

- óptimo. Isso é óptimo. Enquanto eu marcar o n£mero, mana, vais ver, querer s manter os olhos fixos nesta l*f*mina:

ajudar-te- a manter os pensamentos felizes em bom estado.

Ele inclinou-se e começou a marcar o n£mero no antiquado marcador rotativo. Ao fazê-lo, sons ampliados de estalidos sobrevinham do gravador de mensagens ao lado do telefone. Assemelhava-se a uma roda da sorte carnavalesca a abrandar de velocidade. Miriam Cowley sentou-se com o auscultador do telefone no colo, olhando alternadamente para a navalha e para as feições lisas e grosseiras do rosto deste estranho horrível.

- Fala com ele - ordenou o homem louro. - Se for a mulher a atender, diz-lhe que é a Miriam de Nova Iorque e que queres falar com o marido dela. Sei que a tua boca est inchada, mas faz saber a quem quer que atenda que és tu.

Fala por mim, mana. Se não queres acabar com a cara parecida com um retrato de Picasso, fala por mim e bem. - A £ltima palavra soou a "Been".

- O que é... o que é que eu digo?

O homem louro sorriu. Ela era uma obra de arte não havia d£vida. Extremamente apetitosa. Todo aquele cabelo. Mais formigueiros na zona do baixo-ventre. Estava tudo a ficar muito animado por ali.

O telefone estava a tocar. Tanto ele como ela podiam ouvir através do atendedor de chamadas.

- Na altura, vais-te lembrar da coisa certa, mana.

Ouviu-se um estalido quando o telefone foi atendido do outro

lado. O homem louro esperou até ouvir a voz de Beaumont e, de seguida, com a rapidez de uma cobra a atacar, inclinou-se para a frente e correu a navalha ao longo da face esquerda de Miriam Cowley, retalhando e deixando descaída uma aba de pele. Uma grande quantidade de sangue jorrou para fora. Miriam soltou um grito agudo.

- Alo! - ladrou a voz de Beaumont. - Al", quem est aí?

Raios te partam, és tu?

"Sim, é claro que sou eu, filho da mãe", pensou o homem louro. "Sou eu e tu sabes que sou eu, não sabes?"

- Diz-lhe quem tu és e o que se est a passar aqui! - gritou ele para Miriam. - F -lo! Não me obrigues a ter de te repetir!

- Quem est aí? - gritou Beaumont. - Que é que se est a passar? Quem é que est a falar?

Miriam soltou um novo grito. Sangue salpicou as almofadas do sof cor de trigo. Agora, não se via apenas uma gota de sangue no corpete do vestido; este estava ensopado de sangue.

- Faz o que te digo ou ainda te corto a porra da cabeça com esta coisa!

- Thad, est um homem aqui! - gritou ela para dentro do telefone. Na sua dor e agonia, ela estava a exprimir-se de novo com clareza. - Est um homem mau aqui! Thad, EST UM HOMEM MAU A...

- DIZ O TEU NOME - berrou ele para ela, cortando o ar com a navalha a um dedo de dist*f*ncia dos seus olhos. Miriam encolheu-se para tr s, chorando.

- Quem est a falar? Ou...

- MIRIAM! - respondeu ela num grito. - OH, THAD, NãO DEIXES QUE ELE ME CORTE DE NOVO, NãO...

George Stark passou a navalha através do fio do telefone retorcido. O atendedor de chamadas lançou um latido zangado de est tica e ficou silencioso.

Fora bom. Podia ter sido melhor; ele tivera vontade de saltar para cima dela, ele tivera realmente vontade de se satisfazer com ela. H j muito tempo que não se sentia com vontade de se satisfazer com uma

mulher. No entanto, apesar de se sentir assim desta vez, não iria atirar-se a ela. Tinha havido gritos a mais. Os coelhos iriam começar de novo a deitar o focinho para fora das tocas, farejando o ar … procura do grande predador que estava a cirandar algures pela selva, mesmo por detr s da luminosidade emanada pelas miser veis lampadazinhas eléctricas de acampamento.

Ela não parara de gritar.

Era óbvio que perdera todos os pensamentos felizes.

Assim, Stark agarrou de novo nos cabelos dela, puxou a cabeça para tr s até Miriam ficar a olhar para o tecto, a gritar para o tecto, e cortou-lhe a garganta.

A sala ficou silenciosa.

- J est , mana - disse ele ternamente. Dobrou a l*f*mina para dentro do cabo e enfiou-a no bolso. De seguida, esticou a mão esquerda manchada de sangue e fechou os olhos de Miriam. A manga da camisa ficou imediatamente ensopada de sangue quente porque a jugular dela ainda batia, mas, como se costuma dizer, o que tem de ser tem muita força.

Quando se tratava de uma mulher, fechavam-se os olhos. Não importava até que ponto ela fora m , não importava se era uma prostituta drogada que vendera os próprios filhos para comprar droga; de qualquer modo, fechavam-se sempre os olhos.

E ela era apenas uma pequena parte de tudo aquilo.

Rick Cowley era uma história diferente.

E o homem que escrevera o artigo da revista.

E a cabra que tirara as fotografias, especialmente aquela com a l pide. Uma cabra, sim, uma verdadeira cabra, mas também a ela ele fecharia os olhos.

E quando tivesse tratado da sa£de de todos eles, estaria na altura de falar com o próprio Thad. Sem intermedi rios;

mano a mano! Altura de fazer Thad ver a razão. Depois de ter despachado todos eles, ele esperava sinceramente que Thad estivesse disposto a ver a razão. Caso não estivesse, havia formas de lev -lo a ver a razão.

Afinal de contas, ele era um homem com uma mulher - uma mulher muito bonita, uma verdadeira rainha do ar e das trevas.

E tinha filhos.

Embebeu o dedo indicador no esguicho quente do sangue de Miriam e, rapidamente, começou a escrever na parede. Apesar de ter tido de voltar atr s duas vezes para.

conseguir sangue suficiente para escrever, a mensagem ficou pronta em três tempos, escrita por cima da cabeça pendida da mulher. Se os olhos dela estivessem abertos, Miriam conseguiria ler a mensagem de pernas para o ar.

E, est claro, se ainda estivesse viva.

Ele inclinou-se para a frente e beijou a face de Miriam.

- Boa noite, maninha - disse ele, deixando de seguida o apartamento.

O homem do outro lado do corredor estava de novo a espreitar … porta.

Quando viu o homem louro, alto e manchado de sangue emergir do apartamento de Miriam, bateu com a porta e trancou-a.

"Sensato", pensou George Stark, percorrendo o corredor em direcção ao elevador. "Muito, muito sensato."

Enquanto isso, ele tinha de ir andando. Não tinha tempo a perder.

Havia ainda uma outra coisa que era necess rio fazer esta noite.

Treze

P• nicO PURO

1

Por v rios instantes - ele nunca teve qualquer ideia de quanto tempo passara - Thad foi tomado por um p*f*nico tão completo e absoluto que esteve literalmente incapaz de funcionar sob qualquer aspecto. Era verdadeiramente extraordin rio que tivesse sido sequer capaz de respirar. Mais tarde, Thad chegaria … conclusão que a £nica altura em que se sentira de forma mais ou menos semelhante fora quando tinha dez anos, em meados de Maio, e, juntamente com dois amigos, decidira ir nadar. Era, pelo menos, três semanas mais cedo do que o início habitual dos banhos, mas, ainda assim, pareceu uma óptima ideia. Estava um dia sem nuvens e muito quente para o mês de Maio, em Nova Jérsia, com as temperaturas acima dos trinta graus. Os três desceram até ao lago Davis, o nome jocoso que davam a um laguinho a um quilómetro e meio da casa de Thad, em IBergenfield. Ele foi o primeiro a despir as roupas e a vestir o fato de banho e o primeiro a entrar na gua. Literalmente, como uma bala lançada por um canhão, Thad lançou-se para a gua da margem do lago, e ainda hoje acredita que, nesse momento, esteve a uma unha negra da morte - quão próximo era algo que ele não desejava realmente saber.

Nesse dia, o ar podia estar como em meados de Verão, mas a gua estava como o £ltimo dia do início do Inverno, antes de o gelo deslizar sobre a superfície, cobrindo-a. O sistema nervoso entrou moment*f*neamente em curto-circuito.

A respiração ficou presa nos pulmões, o coração parou precisamente no próprio acto de bater, e quando Thad furou a superfície, era como se fosse um carro com uma bataria descarregada que precisasse de um empurrão, que precisasse com a maior urgência, e não soubesse como fazê-lo.

Thad recordava-se de quão brilhante a luz do sol parecera, produzindo mil e umas centelhas douradas na superfície azul-escura da gua, recordava-se de Harry Black e Randy Wiser, de pé sobre a margem, de Harry a puxar os calções de gin stica desbotados sobre o traseiro generoso, de Randy ali parado, nu, com o fato de banho numa das mãos, e a gritar "Como é que est a gua, Thad?", quando ele irrompeu de debaixo de gua, e tudo aquilo em que conseguia pensar era: "Estou a

morrer, estou neste exacto momento, aqui, ao sol, com os meus dois melhores amigos e as aulas j acabaram e não tenho trabalhos de casa e o Mr. Blandings Constrói a Sua Casa de Sonho vai aparecer esta noite no programa Early Show e a mamã disse que eu podia comer em frente ao televisor, mas nunca mais a poderei ver porque vou morrer." O que fora uma respiração f cil e sem complicações apenas h uns segundos atr s era agora uma pe£ga grossa a obstruir a garganta, algo que ele não podia puxar para fora nem empurrar para dentro. O coração permanecia sob o peito como uma min£scula pedra fria. Foi então que o gelo se quebrou: Thad aspirou uma grande golfada de ar eléctrico, pele de galinha cobriu todo o seu corpo, e ele respondeu a Randy com a alegria maliciosa e insensata que é apenas pertença dos rapazinhos: "A gua est óptima! Nada fria!" Só muitos anos mais tarde é que Lhe ocorreu que poderia ter morto um deles, ou ambos, tal como praticamente se matara a si próprio.

Era assim que Thad se sentia agora; encontrava-se exactamente debaixo do mesmo tipo de congestionamento total do corpo. Na tropa, tinham um nome para uma coisa deste género: um aperto de merda. Sim. Bom nome. Quando se tratava de terminologia, a tropa era óptima. C estava ele sentado, no meio de um grande aperto de merda. Sentou-se na cadeira, não nela mas sobre ela, debruçado para a frente, com o telefone ainda na mão, a fitar o ecrã apagado do televisor. Thad estava ciente de que Liz aparecera na entrada da porta, que Lhe perguntara primeiro quem era e, depois, o que é que se passava, e tudo decorria como naquele dia no lago Davis, exactamente como nesse dia, com a respiração como uma pe£ga de algodão suja presa na garganta, que não subia nem descia, com todas as linhas de comunicação entre o cérebro e o coração repentinamente cortadas, pedimos desculpa por esta paragem imprevista, retomaremos o serviço o mais rapidamente possível, ou talvez o serviço nunca venha a ser retomado, mas, de qualquer forma, esperemos que aprecie a sua estada na bela cidade de Endsville, o local onde todas as linhas de comboio terminam.

Foi então que o gelo se quebrou, tal como se quebrara daquela outra vez, e Thad respirou de modo entrecortado.

Sob o peito, o seu coração deu duas batidas r pidas, aleatórias e galopantes, e, de seguida, retomou o ritmo normal... apesar de a sua velocidade estar ainda acelerada, demasiado acelerada.

Aquele grito. Jesus Cristo Nosso Senhor, aquele grito.

Nesse momento, Liz atravessou a sala a correr, e Thad só se apercebeu de que ela Lhe arrancara o auscultador do telefone da mão quando o viu gritar "Al“?" e "Quem est a falar?" para dentro dele vezes sem conta. De seguida, ela ouviu o zumbido habitual de uma ligação cortada e p“s o auscultador no lugar.

- Miriam - conseguiu, por fim, dizer, quando Liz se virava para ele. - Era a Miriam e ela estava a gritar.

"Excepto nos livros, nunca matei ninguém." "Os pardais estão a voar."

"Aqui em baixo, chamamos a isso recheio dos tolos.

"Aqui em baixo, chamamos a isso Endsville."

"Vou voltar para o norte, velha carcaça. Tens de mentir quanto ao meu libi, porque eu vou voltar para o norte Vou cortar uns bons bifinhos de vaca para mim."

- A Miriam? A gritar? A Miriam Cowley? Thad, que é que se est a passar?

- é ele - afirmou Thad. - Sabia que era. Acho que sempre o soube, praticamente desde o início, e hoje... esta tarde... tive um outro.

- Um outro quê? - Os dedos dela comprimiam se contra um dos lados do pescoço, esfregando a pele com força. - Um outro branco? Um outro estado de transe?

- Ambos - retorquiu ele. - Mais uma vez, os pardais em primeiro lugar. Escrevi uma data de coisas sem nexo num pedaço de papel quando estava fora de combate. Deitei o papel fora, mas o nome dela estava l , Liz. O nome da Miriam fazia parte daquilo que escrevi esta tarde quando estava fora...

Thad parou, com os olhos cada vez mais arregalados.

- O quê? Thad, o que é que se passa? - Liz agarrou num dos braços dele e abanou-o. - O que é que se passa?

- Ela tem um poster na sala de estar - disse. Thad ouviu a própria voz como se fosse a de outra pessoa, uma voz oriunda de muito longe. Através de um intercom£nicador, talvez. - Um poster de um musical da

Broadway. Cats. Vi-o da £ltima vez que l estivemos. "Cats, AGORA E SEMPRE". Também escrevi isso no papel. Escrevi isso porque ele estava l , e assim eu estava l , parte de mim estava l , parte de mim estava a ver com os olhos dele... - Olhou para Liz. Olhou para ela com os seus olhos imensamente arregalados. - Isto não é nenhum tumor, Liz. Pelo menos, não se trata de um que esteja dentro do meu corpo.

- Não sei de que é que est s a falar! - disse Liz, praticamente aos berros.

- Tenho de telefonar ao Rick - murmurou ele. Parte da sua mente parecia estar a elevar-se, movendo-se com magnificência e falando consigo própria através de imagens e reluzentes símbolos imperfeitos. Era assim que, por vezes, Thad se sentia quando escrevia, embora, tanto quanto se lembrava, esta fosse a primeira vez que se sentia desta forma na vida real: seria a escrita a vida real? indagou-se ele, subitamente. Não acreditava que fosse. Era mais como um intervalo.

- Thad, por favor!

- Tenho de avisar o Rick. Ele pode estar em perigo.

- Thad, não est s a dizer coisa com coisa!

Não, claro que não estava. E se ele parasse para explicar, iria parecer ainda mais que não estava a dizer coisa com coisa... e enquanto fizesse uma pausa para confidenciar os seus temores … esposa, provavelmente não fazendo mais do que lev -la a interrogar-se sobre o tempo que demoraria até arranjar e preencher os devidos papéis de divórcio, George Stark poderia estar a atravessar os nove quarteirões em Manhattan, que separavam o apartamento de Rick do da ex-mulher. Sentado no banco de tr s de um tfixi ou atr s do volante de um carro roubado, que raios, atr s do volante do Toronado preto do seu sonho, tanto quanto Thad sabia - j que se tinha chegado a este ponto, tendo percorrido o caminho que levava … insanidade, porque não mandar tudo … fava e ir até ao fim? Ali sentado, a fumar, a preparar-se para matar Rick, tal como fizera com Miriam...

Ser que ele a matara?

Talvez só a tivesse assustado, tendo-a deixado a chorar e em estado de choque. Ou talvez a tivesse magoado - pensando melhor, isso seria bastantte prov vel. Que dissera ela? "Não deixes que ele me corte de

novo, não deixes que o homem mau me corte de novo." E, no papel, ele lera "cortes". E... não lera também "exterminar"?

Sim. Sim, lera. Mas isso tinha a ver com o sonho, não era? Isso tinha a ver com Endsville, o local onde todas as linhas de comboio terminam... não tinha?

Ele rezou para que tivesse.

Era necess rio alguém que a ajudasse, pelo menos havia que tentar, e tinha de avisar Rick. Mas se se limitasse a telefonar para este £ltimo, se Lhe telefonasse sem nenhuma razão aparente e Lhe dissesse para ter cuidado, Rick iria querer saber porquê.

"Que é que se passa, Thad? Que foi que aconteceu?"

E se chegasse a mencionar o nome de Miriam, Rick partiria para casa dela enquanto o Diabo esfrega um olho, porque ainda gostava dela. Ainda gostava muito, mas mesmo muito dela. E, depois, seria ele quem a encontraria...

talvez desfeita em pedaços (parte do pensamento de Thad tentou afastar-se dessa ideia, dessa imagem, mas o resto do seu pensamento estava inflexível, obrigando-o a ver o aspecto da bonita Miriam, retalhada como um naco de carne no balcão de um talho).

E talvez fosse precisamente com isso que Stark estivesse a contar. O est£pido do Thad a enviar Rick para uma ratoeira.

O est£pido do Thad a fazer o trabalho por Stark.

"Mas ser que, durante todo este tempo, não tenho vindo a fazer o trabalho por ele? Pelo amor de Deus, não e disso mesmo que se trata um pseudónimo?"

Thad conseguia sentir a sua mente a congestionar-se de novo, estreitando-se suavemente num nó como uma cƒimbra, num aperto de merda, e ele não podia dar-se ao luxo de se sentir assim: era precisamente neste momento que ele não podia mesmo nada dar-se ao luxo de se sentir assim.

- Thad... por favor! Diz-me o que se est a passar!

Thad respirou fundo e, com as mãos frias, segurou nos braços frios de Liz.

- Era o mesmo homem que matou o Homer Gamache e o Clawson. Ele estava com a Miriam. Ele estava... a ameaç -la. Espero que fosse só isso que estava a fazer. Não sei. Ela gritou. A ligação caiu.

- Oh, Thad! Meu Deus!

- Nenhum de nós tem tempo a perder com histerias - retorquiu ele, e pensou: "Embora Deus saiba que parte de mim quer entrar em histeria." - Vai l acima e traze-me a tua agenda dos telefones. Não tenho o n£mero de telefone e a morada da Miriam na minha. Penso que tu tens.

- O que foi que quiseste dizer com aquilo de sempre teres sabido desde o início?

- Liz, agora não h tempo para isso. Vai buscar a tua agenda dos telefones. R pido. Est bem?

Liz hesitou um momento mais.

- Ela pode estar ferida! Vai!

Liz virou-se e saiu da sala a correr. Depois de ouvir os passos r pidos e ligeiros dos pés de Liz a subirem as escadas, Thad tentou p“r de novo a cabeça a funcionar.

"Não telefones ao Rick. Se se trata de uma ratoeira, telefonar ao Rick seria uma péssima ideia.

Muito bem. J cheg mos a este ponto. Não é muito, mas é um começo. A quem, então?"

Ao Departamento de Polícia de Nova Iorque? Não; eles viriam com uma série de perguntas inuteis que levariam imenso tempo a responder: para começar, como é que um tipo no Maine estava a participar de um crime em Nova Iorque.

Não o D.P.N.I. Uma outra ideia péssima.

"Pangborn. "

A mente de Thad apoderou-se da ideia. Começaria por telefonar a Pangborn. Teria de ter cuidado com aquilo que iria dizer, pelo menos por agora. Quanto a decidir sobre aquilo que iria ou não dizer mais tarde - sobre os lapsos de memória, sobre o ruído dos pardais, sobre Stark - isso ficaria para depois. Para j , Miriam era o que importava.

Se ela estivesse ferida mas ainda viva, não valeria a pena trazer

elementos novos para a situação que só poderiam atrasar o procedimento de Pangborn. Era ele quem teria de telefonar para os polícias de Nova Iorque. Estes agiriam com uma maior rapidez e fariam menos perguntas se a queixa viesse de um deles, ainda que este polícia em particular se encontrasse por acaso no Maine.

Mas a Miriam em primeiro lugar. Deus queira que ela atendesse o telefone.

Liz entrou a correr na sala, com a agenda dos telefones.

O seu rosto estava quase tão p lido como estivera depois de, finalmente, conseguir dar William e Wendy … luz.

- Aqui est - disse ela, a respirar rapidamente, ofegante.

"Vai correr tudo bem", pensou Thad em dizer-lhe, mas conteve-se. Não queria dizer nada que pudesse acabar por se transformar numa mentira com a maior das facilidades...

e os gritos de Miriam sugeriam que as coisas h muito que j tinham passado a fase de estar tudo bem. Sugeriam que, pelo menos para Miriam, as coisas podiam provavelmente nunca mais voltar a essa fase.

"Est um homem aqui, est um homem mau aqui."

Thad pensou em George Stark e teve um ligeiro arrepio.

Ele era um homem muito mau, não havia d£vida. Mais do que ninguém, Thad sabia que isso era bem verdade. Afinal de contas, fora ele quem criara George Stark do nada...

não fora?

- Estamos bem - disse ele a Liz: pelo menos isso era verdade. "Até agora", insistiu a sua mente num sussurro.

- Por favor, tenta controlar-te, amor. A respiração ofegante e um desmaio no chão não ajudarão em nada a Miriam.

Liz sentou-se, direita como uma vareta de espingarda, com o olhar fixo em Thad, enquanto os dentes roíam implacavelmente o l bio de baixo. Thad começou a marcar o n£mero de Miriam. Os seus dedos, ligeiramente trémulos.

hesitaram no segundo algarismo, marcando-o por duas vezes.

"Quem és tu para andares a dizer …s pessoas para se controlarem?" Thad inspirou mais uma longa golfada de ar.

susteve-a, carregou na patilha que desliga o telefone, e começou tudo de novo, forçando-se a si próprio a acalmar Depois de marcar o £ltimo algarismo, escutou os estalidos cautelosos da ligação a ser estabelecida.

"Deus, faz com que ela esteja bem. E se não estiver totalmente bem, se não conseguires isso, faz com que esteja, pelo menos, suficientemente boa para atender o telefone. Por favor."

Mas o telefone não tocou. Thad só conseguia ouvir o insistente tu-tu-tu do sinal de impedido. Talvez estivesse mesmo impedido; talvez ela estivesse a telefonar para Rick ou para o hospital. Ou talvez o auscultador estivesse fora do descanso.

Contudo, havia ainda uma outra possibilidade, pensou ele ao carregar mais uma vez na patilha para desligar o telefone. Talvez Stark tivesse arrancado o fio do telefone da ficha na parede. Ou talvez

("não deixes que o homem mau me corte de novo")

o tivesse cortado.

Tal como cortara Miriam.

"Navalha", pensou Thad, e um arrepio subiu-lhe pela espinha acima. Essa fora uma das outras coisas que ele escrevera essa tarde naquele caldo de palavras. "Navalha."

2

A meia hora que se seguiu foi um regresso ao surrealismo agoirento em que Thad se vira envolvido quando Pangborn e os dois agentes estaduais tinham aparecido na soleira da porta para lev -lo preso por um assassínio de que não sabia nada de nada. Thad não sentiu qualquer tipo de ameaça pessoal - pelo menos nenhuma ameaça pessoal imediata - mas a mesma sensação de estar a andar por uma sala escura repleta de fios delicados de teias de aranha que roçavam pelo rosto, primeiro fazendo cócegas, mas, em £ltima an lise, acabando por enlouquecer qualquer pessoa, fios que não se colavam mas que se esvaneciam antes que pudessem ser agarrados.

Thad marcou de novo o n£mero de Miriam. Quando tornou a

ouvir o sinal de impedido, carregou mais uma vez na patilha para desligar o telefone e hesitou apenas por um instante, dividido entre telefonar a Pangburne ou ligar para uma telefonista em Nova Iorque para verificar o telefone de Miriam. Ser que eles não tinham um meio qualquer de distinguir entre uma linha que estava impedida por estar em com£nicação, uma outra em que o aparelho estava fora do descanso, e ainda uma outra que tinha ficado inoperacional por uma razão qualquer? Thad estava convencido que eles deveriam ter, mas o que, obviamente, importava era que a ligação estabelecida entre ele e Miriam tinha caído repentinamente, e ele deixara de conseguir entrar em contacto com ela. Ainda assim, se tivessem duas linhas em vez de apenas uma, eles poderiam descobrir o que acontecera - Liz poderia descobrir. Porque é que eles não tinham duas linhas? Era estupido não se ter duas linhas, não era?

Apesar de estes pensamentos terem atravessado o seu espirito provavelmente em dois segundos, deram a sensação de ter demorado muito mais tempo, e Thad censurou-se por estar a fazer de Hamlet enquanto Miriam Cowley podia estar a esvair-se em sangue no seu apartamento. Nos livros, as personagens - pelo menos nos livros de Stark - nunca faziam pausas como esta, nunca paravam para se interrogar sobre algo absolutamente sem sentido como por que razão nunca tinham mandado p“r uma segunda linha de telefone no caso de uma mulher, num outro Estado, poder estar a sangrar até … morte. Nos livros, as pessoas nunca precisavam de perder tempo para p“r os intestinos a funcionar e nunca perdiam as estribeiras como agora.

O mundo seria um sitio mais eficaz se todas as pessoas tivessem saído de um romance popular, pensou ele. Nos romances populares, as pessoas conseguiam sempre manter os pensamentos em ordem enquanto saltavam com ligeireza de um capitulo para outro.

Thad marcou o n£mero do serviço de assistência da central telefónica do Maine, e quando a telefonista perguntou:

- Que cidade, por favor?

Thad deixou-se ir abaixo porque Castle Rock era uma vila, não uma cidade mas uma vila pequena, sede ou não do m£nicípio. De seguida, pensou: "Isto é p*f*nico, Thad.

P*f*nico puro. Tens de controlar esse p*f*nico. Não podes deixar a Miriam morrer porque entraste em p*f*nico." E até teve tempo, pareceu-

lhe, para se perguntar por que razão é que não poderia deixar que isso acontecesse e para dar uma resposta a essa pergunta: ele era a £nica personagem real sobre a qual tinha qualquer espécie de controlo, e o p*f*nico pura e simplesmente não fazia parte da imagem dessa personagem. Pelo menos como ele a via.

"Aqui em baixo chamamos a isso tretas, Thad, Aqui em baixo chamamos a isso recheio..."

- Est l ? - insistia a telefonista. - Que cidade, por favor?

"Muito bem. Controlo."

Thad respirou bem fundo, p“s os malditos pensamentos em ordem e respondeu:

- Castle City. - "Meu Deus." Fechou os olhos. E com eles ainda fechados, disse lenta e claramente: - Peço desculpa, senhora telefonista. Castle Rock. Gostaria que me desse o n£mero do gabinete do xerife.

Thad esperou um momento, após o qual ouviu uma voz rob“ recitar o n£mero. Foi então que se apercebeu de que não tinha nem l pis nem caneta. O rob“ repetiu o n£mero uma segunda vez e Thad esforçou-se o mais que p“de para o decorar, mas o n£mero atravessou a sua mente, voltando para a escuridão, não deixando sequer um ténue vestígio atr s de si.

- Se precisar de mais alguma ajuda - a voz rob"

prosseguia - por favor, continue em linha e uma telefonista...

- Liz - pediu ele. - Uma caneta. Alguma coisa para escrever.

Uma caneta Bic estava enfiada na agenda de telefones de Liz e esta entregou-lha. A telefonista - a telefonista humana - voltou a estar em linha. Thad disse-lhe que não conseguira anotar o n£mero. A telefonista chamou o rob“, que mais uma vez recitou o n£mero na sua voz cantada e vagamente feminina. Thad rabiscou o n£mero na capa de um livro e ia a desligar o telefone quando decidiu tornar a verificar se o n£mero estava correcto, escutando a segunda recapitulação programada. Esta demonstrou que ele saltara dois dos n£meros. Oh, era claro como a gua que ele estava prestes a conseguir controlar o p*f*nico.

Thad carregou na patilha para desligar o telefone. Uma ligeira transpiração irrompera por todo o corpo.

- Vai com calma, Thad.

- Tu não a ouviste - retorquiu ele, severo, tendo marcado o n£mero de telefone do gabinete do xerife.

O telefone tocou quatro vezes antes de uma enfastiada voz com pron£ncia do norte responder:

- Gabinete do xerife do M£nicípio de Castle. Daqui agente Ridgewick. Em que Lhe posso ser £til?

- Sou Thad Beaumont. Estou a telefonar de Ludlow.

- Sim? - Nenhum reconhecimento. Nenhum. O que significava mais explicações. Mais teias de aranha. O nome Ridgewick não Lhe era de todo estranho. Est claro: tratava-se do agente de polícia que falara com a Sra. Arsenault e que encontrara o corpo de Gamache. Meu rico Menino Jesus, como é que ele podia ter descoberto que c o velho Thad era suspeito de ter cometido o crime e não saber quem ele era?

- Agente Ridgewick, o xerife Pangborn veio até aqui para... falar comigo sobre o assassínio de Homer Gamache Eu tenho algumas informações sobre o caso e é importante que fale imediatamente com ele.

- O xerife não se encontra aqui - respondeu Ridgewick, não soando mesmo nada impressionado pela urgência na voz de Thad.

- Então, onde é que ele est ?

- Em casa.

- Por favor, dê-me o n£mero.

E, inacreditavelmente:

- Ah, não sei se deva. –ltimamente, o xerife, isto é, o Alan, não tem tido muito tempo de folga e a patroa tem andado um bocado em baixo. Ela tem dores de cabeça.

- Eu tenho de falar com ele!

- Bem - retorquiu Ridgewick, … vontade - pelo menos é bastante claro que o senhor pensa que tem de falar com ele.

Talvez até tenha. Isto é, tenha mesmo de falar.

Pois deixe-me que Lhe diga uma coisa, senhor Bowman. Porque é que não desembucha c para fora aquilo que tem a dizer e a modos que

me deixa ser o ju...

- Ele veio até aqui para me prender pelo assassínio de, Homer Gamache, senhor agente, e outra coisa aconteceu, E se não me der IMEDIATAMENTE o n£mero dele...

- Oh, Jesus, Maria, José! - exclamou Ridgewic.

Thad ouviu uma ligeira pancada e conseguiu imaginar os pés de Ridgewick a caírem de cima da secret ria, ou, mais prov vel ainda, da secret ria de Pangborn, e a poisarem no chão enquanto ele se endireitava no lugar. - Beaumont, não Bowman!

- Sim, e...

- Oh, Deus! Louvado seja Deus! O xerife, o Alan, disse que se o senhor telefonasse, eu devia-me certificar de que entrava imediatamente em contacto com ele.

- óptimo. Agora...

- Louvado seja Deus! Sou um maldito imbecil!

Thad, que não podia estar mais de acordo, disse:

- Por favor, dê-me o n£mero dele. - De alguma forma, apelando para reservas que ignorava possuir, conseguiu não gritar.

- Claro. Só um minuto. Hum...

Seguiu-se uma pausa excruciante. Apenas segundos, como é evidente, embora para Thad tivesse parecido que, durante essa pausa, as pir*f*mides poderiam ter sido construídas. Construídas e deitadas de novo abaixo. E durante todo esse tempo, a vida de Miriam podia estar a esvair-se no tapete da sua sala de estar, a oitocentos quilómetros de dist*f*ncia.

"Eu posso tê-la morto", pensou ele, "simplesmente porque decidi telefonar em primeiro lugar para o Pangborn e apanhei este idiota inato em vez de ter ligado para o Departamento da Polícia de Nova Iorque. Ou para o 115. Era isso que eu provavelmente devia ter feito; marcado o 115 e passar-lhes a batata quente para as mãos."

Só que, até mesmo neste momento, aquela opção não parecia ser real. Era o estado de transe, supunha ele, e as palavras que escrevera enquanto nesse estado. Thad não acreditava ter previsto o ataque a Miriam... mas, de alguma forma obscura, ele testemunhara as preparações

de Stark para o ataque. Os gritos fantasmagóricos daqueles milhares de p ssaros pareciam fazer desta coisa de loucos algo de que ele era respons vel.

Mas se Miriam morrera pura e simplesmente porque ele estava demasiado em p*f*nico para ligar para o 115, como é que conseguiria olhar de novo para a cara de Rick?

Que se lixe; como é que conseguiria olhar-se de novo num espelho?

Ridgewick, o "aquele Idiota de Trazer Por Casa", regressou, dando a Thad o n£mero de telefone do xerife, soletrando cada algarismo com a lentidão suficiente para um atrasado mental o ter anotado... mas, ainda assim, Thad obrigou-o a repetir, apesar da *f*nsia incontrolada e profunda de se apressar. Ainda estava abalado pela facilidade com que se enganara a tomar nota do n£mero do gabinete do xerife, e o que acontecera uma vez podia acontecer de novo.

- Muito bem - disse ele. - Obrigado.

- Ah, senhor Beaumont? Ficaria muito agradecido se o senhor não comentasse o modo como eu...

Thad desligou-lhe o telefone na cara sem uma £nica pontada de remorso e marcou o n£mero que Ridgewick Lhe dera.

Era óbvio que Pangburm não iria atender o telefone;

isso seria, pura e simplesmente, esperar demasiado na "Noite das Teias de Aranha". E quem quer que atendesse o telefone dir-lhe-ia (ou seja, após os obrigatórios minutos iniciais de rodeios verbais) que o xerife tinha saído para comprar pão e uma garrafa de leite. Provavelmente em Laconia, New Hampshire, apesar de Phoenix não estar totalmente fora de questão.

Thad soltou uma gargalhada descontrolada, o que fez Liz olhar para ele, espantada.

- Thad? Est s bem?

Thad fez menção de responder, mas, subitamente, acenou-lhe com uma mão para mostrar que estava tudo bem dado que o telefone fora atendido do outro lado. Não era Pangborn; pelo menos quanto a esse ponto ele acertara.

Era um rapazinho que parecia ter cerca de dez anos.

- Daqui residência Pangborn - disse a voz aflautada. - Todd Pangborn ao telefone.

- Ol - retorquiu Thad, vagamente consciente de que estava a segurar o auscultador do telefone com muita força, tentando, por isso, afrouxar os dedos. Estes estalaram mas não se moveram nem um milímetro. - Chamo-me Thad...

- Pangborn, quase acabou por dizer, "oh, meu Deus, iss seria óptimo, não h d£vida de que est s a conseguir controlar a situação, Thad. Faltaste … tua chamada, devias;

ter sido um controlador de tr*f*fego aéreo". -... Beaumont rematou Thad, após a breve correcção de meio curso. - O xerife est ?

"Não, foi até Lodi, na Califórnia, para comprar cerveja e cigarros. "

Em vez disso, a voz do rapazinho afastou-se do bocal do telefone e chamou, num tom esganiçado:

- PAP ! TELEFONE!

O grito foi seguido por uma pancada pesada que fez doer o ouvido de Thad.

Um instante depois, Deus seja louvado, bem como Todos Seus Santos sagrados, a voz de Alan Pangborn disse:

- Est l ?

Ao som desta voz, a excitação nervosa de Thad desvaneceu-se.

- Daqui Thad Beaumont, xerife Pangborn. H uma senhora em Nova Iorque que, neste preciso momento, pode estar a precisar desesperadamente de ajuda. Tem a ver com o assunto de que fal mos na noite de s bado.

- Desembuche - disse Alan energicamente, apenas isso e o alívio, ah, meu Deus, o alívio. Thad sentiu-se como na fotografia a ser de novo focada.

- Miriam Cowley é o nome da mulher, a ex-mulher do meu agente. - Thad concluiu que, apenas um minuto mais, ele teria, sem d£vida alguma, identificado Miriam cowley. "o agente da minha ex-mulher". - Ela telefonou para liz, a chorar, extremamente perturbada. A

princípio nem Squer a reconheci. Foi então que ouvi a voz de um homem no fundo. Ele mandou-a dizer-me quem ela era e o que se estava a passar. Miriam disse que estava um homem no apartamento dela e que estava a ameaçar mago -la. - Thad engoliu em seco. -... cort -la. Nessa altura j tinha reconhecido a voz dela, mas o homem gritou, dizendo-lhe que se ela não se identificasse, ele Lhe cortaria a porra da cabeça.

Foram estas as suas palavras.

"Faz o que te digo ou ainda te corto a porra da cabeça."

Depois, ela disse que era a Miriam e implorou-me... - Thad engoliu de novo em seco. Ouviu-se um estalido na garganta, tão nítido como a letra E emitida em código morse. - Ela implorou-me que não deixasse o homem mau fazer aquilo. Cort -la de novo.

Em frente dele, Liz estava a ficar cada vez mais p lida.

"Não a deixes desmaiar", desejou ou suplicou Thad. "Por favor, não a deixes desmaiar agora.

- Acho que ele cortou o fio ou que o arrancou da parede.

Só que isso eram tudo tretas. Ele não achava nada.

O fio fora cortado, sem d£vida alguma. Com navalha de barba. - Tentei telefonar-lhe de novo.

- Qual é a morada dela?

A voz de Pangborn estava ainda enérgica, ainda am vel, ainda calma. Se não fosse pelo fio vivo de desordem que a voz deixava transparecer, ele podia perfeitamente estar apenas a dar um pouco … língua com um velho amigo.

"Fiz bem em Lhe ter telefonado", pensou Thad. "Dêmos graças a Deus pelas pessoas que sabem aquilo que estão a fazer, ou, quando muito, que acreditam que sabem. Dêmos graças a Deus pelas pessoas que se comportam como personagens de romances populares. Se tivesse de lidar agora com uma personagem do Saul Bellowl, penso que enlouqueceria."

Thad fitou os n£meros que se encontravam por debaixo do nome de Miriam na agenda de Liz.

- Querida, isto é um três ou um oito?

- Oito - respondeu ela numa voz distante.

- óptimo. Senta-te na cadeira de novo. Põe a cabeça no colo.

- Senhor Beaumont? Thad?

- Perdão. A minha mulher est muito transtornada.

Parece-me que vai desmaiar.

- Não me admira. Estão os dois transtornados. • uma situação transtornante. Mas estão a ir muito bem. Não perca as estribeiras, Thad.

- Sim. - Consternado, Thad apercebeu-se de que se Liz desmaiasse, ele teria de a deixar caída no chão para continuar em frente até Pangborn ter na mão as informações suficientes para avançar. "Por favor, não desmaies,"

pensou de novo, tornando a olhar para a agenda de telefones de Liz. - A morada é cento e nove West, Rua ()ltQ, Quatro.

- N£mero de telefone?

- J Lhe tentei dizer o telefone dela não...

- Ainda assim preciso do n£mero, Thad.

- sim é claro que sim - Apesar de não ter a mais pequena ideia do motivo. - Peço desculpa. - Thad ditou - H quanto tempO é que recebeu a chamada?

"H horas". pensou ele, e olhou para o relógio que se encontrava sobre a prateleira da lareira. O seu primeiro pensamento foi de que o relógio parara, de que tinha de ter parado.

- Thad?

- Estou aqui - retorquiu ele numa voz calma que parsia provir de uma outra pessoa qualquer. - Foi aproximadamente h seis minutos atr s. Foi nessa altura que a ligação se foi abaixo. Foi cortada.

- Muito bem, não se perdeu muito tempo. Se tivesse telelefonado para o DPNI, eles podiam muito bem tê-lo feito esperar três vezes esse espaço de tempo. J Lhe telefono de volta, Thad. O mais rapidamente que puder.

- Rick - disse ele. - Quando falar com a polícia, diga-lhe que o ex-marido dela pode ainda não saber de nada.

Se o tipo tiver... o senhor sabe, feito alguma coisa … Miriam, Rick ser o próximo da lista dele.

- Não tem d£vida alguma de que este é o mesmo tipo que matou Homer e Clawson, pois não?

- D£vida absolutamente nenhuma. - E as palavras saíram c para fora e atravessaram o fio antes mesmo de Thad ter sequer a certeza de que as queria pronunciar. - Penso que sei quem é.

Após uma brevíssima hesitação, Pangborn retorquiu:

- Muito bem. Não se afaste do telefone. Vou querer falar sobre isso consigo quando houver oportunidade. - Pangborn j desligara.

Thad olhou para Liz e reparou que ela se deixara afundar na cadeira, colocando-se de lado. Os seus olhos estavam arregalados e vidrados. Com rapidez, Thad levantou-se ao de leve e foi para junto dela. Endireitou-se e bateu-lhe na cara.

- Da Qual deles é? - perguntou ela, de voz entaramelada, proveniente do mundo cinzento da semi-inconsciência? - Stark ou Alexis Machine? Qual deles, Thad?

E, após uma longa pausa, Thad respondeu:

- Penso que não h qualquer diferença.

3

Tinha a certeza de que eles iriam falar sobre tudo aquilo. Como é que o poderiam evitar? Mas não falaram. Durante um longo período, limitaram-se a estar sentados a olhar um para o outro por cima da asa das canecas, … espera que Alan telefonasse. E … medida que os minutos intermIn veis se arrastavam, Thad começou a pensar que seria melhor não falarem - não enquanto Alan não ligasse de nOVO e Lhes dissesse se Miriam estava viva ou morta "Suponhamos", pensou ele, vendo Liz a levar a caneca do ch … boca com ambas as mãos, e ele próprio a beberriar a sua, "suponhamos que, uma destas noites, est vamos aqui sentados, cada um com um livro nas mãos (para um estranho, daríamos a sensação que est vamos a ler, e poderíamos estar, um bocadinho, mas o que estaríamos verdadeiramente a fazer seria a saborear o silêncio como se de vinho particularmente bom se tratasse, tal como só os pais das crianças pequenas o sabem saborear, porque podem usufruir de tão pouco silêncio), e suponhamos ainda que enquanto est vamos a fazer isso, um meteorito

colidia contra o telhado e aterrava, fumegante e reluzente, no chão da sala de estar. Ser que algum de nós iria até … cozinha, encheria o balde de gua, despej -lo-ia por cima do meteoritO antes de este pegar fogo ao tapete e, depois, retomaria a leitura, como se nada se tivesse passado? Não falaríamoS sobre isso. Teríamos de o fazer. Tal como temos de falar sobre isto."

Talvez começassem a falar depois de Alan ligar. TalveZ até falassem através dele, com Liz a ouvir cuidadosamente … medida que Alan colocava as questões e Thad dava as respostas. Sim - talvez fosse assim que a sua conversa muito própria fosse começar. Porque, de acordo com Thadeu Alan era o catalisador. De uma certa forma, Thad tinha a sensação de que fora Alan quem começara toda esta cOisa apesar de o xerife só ter respondido …quilo que Stark j fizera.

Entretanto, eles sentaram-se e esperaram.

Thad sentiu uma necessidade premente de tentar marcar de novo o n£mero de Miriam, mas não se atreveu - Talvez Alan escolhesse precisamente aquele momento para ligar para eles. e verificaria que o n£mero de telefone dos Beaumont estava impedido. Mais uma vez, Thad deu por si próprio a desejar, de um modo desnorteado, que eles tivessem uma segunda linha. "Bem", pensou ele, "és pobre e mal agradecido".

A razão e a racionalidade disseram-lhe que Stark não podia andar por aí, que não podia andar a calcorrear o mundo como uma espécie esquisita de cancro sob a forma humana, a matar pessoas. Como o simplório do campo na rua de Oliver Goldsmithl, She Stoops to Conquer, tinha o h bito dizer, "era perfeitamente impossível, Diggory".

No entanto, era ele. Thad sabia que era ele, e Liz também o sabia. Thad perguntou-se a si próprio se Alan também estaria ciente disso quando ele Lhe contasse. Era de esperar e não; era de esperar que o tipo pura e simplesmente mandasse buscar aqueles simp ticos rapazes nas suas imanadas batas brancas. Porque George Stark não era real, e Lixis Machine também não o era, porque se tratava de ficção dentro de ficção. Nenhum dos dois alguma vez existiram, não mais do que George Eliot alguma vez existira; ou

Twain, ou Lewis Carroll, ou Tucker Coe, ou Edgar Lox. Os pseudónimos não passavam de uma forma mais elevada da

personagem fictícia.

Ainda assim, Thad tinha dificuldade em acreditar que Alan Pangborn não acreditasse, mesmo que, a princípio, o quisesse.

O próprio Thad não quisera, mas, no entanto, dera por si de mãos e pés atados para pensar noutra saída. Era, desculpem a expressão, inexoravelmente plausível.

- Porque é que ele não telefona? - perguntou Liz inquieta.

- Amor, só passaram cinco minutos.

- Quase dez.

Thad resistiu a um desejo premente de Lhe responder de forma abrupta - isto não era a ronda do bónus num concurso de televisão e Alan não ganharia pontos extra e prémios valiosos por ligar para eles antes das nove da noite.

Stark não existia, continuava a insistir e a insistir parte do seu espírito. A voz era racional mas estranhamente potente, parecendo repetir esta ladainha não com base numa qualquer convicção real mas apenas maquinalmente, como um papagaio treinado para dizer "Lindo menino!" ou "D c o louro!" Ainda assim, era verdade, não era? Seria suposto ele acreditar que Stark REGRESSARA DO T£MULO, como um monstro num filme de terror? Isso seria um truque muito engraçado dado que o homem - ou não homem - nunca fora enterrado, sendo a sua placa apenas uma l pide em pasta de papel colocada sobre a superfície de um lote vazio de cemitério, tão fictício como tudo o que tinha a ver com ele...

"De qualquer modo, isso leva-me ao £ltimo ponto... ou aspecto... ou o que quer que se queira chamar. Quanto é que calça, senhor Beaumont?"

Thad tinha estado encolhido na cadeira, quase a passar pelas brasas, apesar de toda a situação. Neste momento, endireitou-se com tamanha rapidez que quase entornou o ch .

Pegadas. Pangborn dissera alguma coisa sobre...

"Que pegadas são essas?"

"Não interessa. Nem sequer temos fotografias. Penso que temos sobre a mesa praticamente tudo aquilo que pertence a este caso..."

- Thad? Que é que se passa? - perguntou Liz.

Que pegadas? Onde? Em Castle Rock, est claro, ou Alan não saberia da sua existência. Ser que tinham sido descobertas no Cemitério de Homeland, onde a fotógrafa neurasténica tirara a fotografia que ele e Liz tinham achado tão divertida?

- Não é um tipo muito simp tico - murmurou ele.

- Thad?

Foi então que o telefone tocou, e ambos entornaram o ch .

A mão de Thad mergulhou … procura do auscultador...

Tendo estacado por um instante e permanecido suspensa no ar sobre o aparelho.

"E se for ele?"

"Ainda não acabei contigo, Thad. Não te queiras meter comigo porque quando se metem comigo, estão a meter-se cOm o melhor "

Thad obrigou a mão a descer, até próximo do telefone, e a trazê-lo para perto do ouvido.

- Est l ?

- Thad? - era a voz de Alan Pangborn. Subitamente, Thad sentiu-se muito lasso, como se o corpo se tivesse mantido unido por meio de pequenos arames duros que tinham acabado de ser retirados.

- Sim - respondeu. A palavra saiu sibilante, numa espécie de suspiro. Thad engoliu uma outra golfada de ar.

- Miriam est bem?

- Não sei - retorquiu Alan. - Dei ao DPNI a morada dela.

Devemos estar a ter notícias muito em breve, embora o queira advertir que, esta noite, quinze minutos ou meia hora podem não parecer suficientemente breves para si e para a sua esposa.

- Não, não vão parecer.

- ELla est bem? - perguntou Liz. Thad tapou o bocal do telefone o tempo necess rio para Lhe dizer que Pangborn ainda não sabia. Liz acenou a cabeça e recostou-se para tr s, ainda demasiado p lida, mas

aparentando mais calma e controlo do que antes. Pelo menos agora as pessoas estavam a mexer-se, e deixara de ser apenas responsabilidades deles.

- Eles também arranjaram a morada de Mister Cowley através da companhia dos telefones...

- Ora! Eles não vão...

- Thad, eles não vão fazer nada enquanto não souberem o que aconteceu … ex-mulher deste senhor. Contei-lhes que est vamos a braços com uma situação em que um homem mentalmente desequilibrado podia andar atr s de uma pessoa ou pessoas citadas no artigo da revista People, sobre o pseudónimo Stark, e expliquei-lhes a ligação que os Cowley tinham consigo. Espero que me tenha feito entender. Não percebo l grande coisa sobre escritores e muito menos sobre agentes. Mas eles perceberam que não seria mesmo nada aconselh vel se o ex-marido da senhora fosse a correr para l antes de eles chegarem.

- Muito obrigado. Muito obrigado por tudo, Alan.

- Thad, o DPNI est demasiado ocupado com isto tudo para agora querer ou precisar de mais explicações, mas eles irão querê-las. E eu também. Qomo é que acha que pode ser este tipo?

- Não quero falar consigo ao telefone sobre isto. Eu até iria ter consigo, Alan, mas não quero deixar a minha mulher e os meus filhos neste preciso momento. Creio que consegue compreender. Ter de vir até c .

- Não posso fazer isso - respondeu Alan pacientemente. - Tenho o meu próprio trabalho e...

- A sua mulher est doente, Alan?

- Esta noite ela parece estar bastante bem. Mas um dos meus delegados ficou doente e eu tenho de o substituir.

É o procedimento habitual nas pequenas cidades. Estava a preparar-me para sair. O que estou a querer dizer é que esta é uma péssima altura para você p"r-se com rodeios Thad. Diga-me.

Thad reflectiu no que acabara de ouvir. Até então, sentira-se estranhamente confiante de que Pangborn iria na conversa quando a contasse. Mas talvez não ao telefone.

- Não pode dar um salto até c amanhã?

- Claro que amanhã teremos de nos encontrar - disse Alan, com uma voz modulada e francamente insistente. - Mas preciso de ter na minha mão esta noite tudo aquilo que você sabe. O facto de os tipos em Nova Iorque irem querer uma explicação é secund rio, pelo menos no que me diz respeito. Tenho o meu próprio jardim para cuidar. H imensas pessoas aqui na vila que querem ver o assassino de Homer Gamache imediatamente atr s das grades. Acontece que eu sou uma delas. Por isso, não me obrigue a perguntar-lhe de novo. Não é assim tão tarde quanto isso para telefonar para o procurador-geral do Município de Penobscot e pedir-lhe para o prender como testemunha de um homicídio no Município de Castle. Ele j sabe pela Polícia Estadual que você é um suspeito, com ou sem libi.

- Faria isso? - perguntou Thad, perplexo e fascinado.

- Faria se você me obrigasse a tal, mas penso que não o far .

Neste momento, a cabeça de Thad pareceu estar mais ordenada;

na verdade, os seus pensamentos pareciam estar a ir para algum lado. Quer para Pangborn quer para o o DPNI não Lhes interessava realmente saber se o homem que eles procuravam era um psicopata que pensava ser o Stark, ou o próprio Stark...

pois não? Thad estava convencido que não, tal como pensava que, quer fosse um ou outro, eles não conseguiriam apanh -lo.

- Tenho a certeza absoluta que se trata de um psicopata, tal como disse a minha mulher - acabou por contar a Alan. Os olhos de Thad fitaram os de Liz, tentando enviar -Lhe uma mensagem. E deve ter conseguido enviar-lhe alguma coisa porque Liz acenou ligeiramente a cabeça. - Faz bastante sentido, ainda que estranho. Lembra-se de me ter falado em pegadas?

- Sim.

- Foram encontradas em Homeland, não foram? - Do outro lado da sala, Liz arregalou os olhos.

- Como é que sabe? - Pela primeira vez, Alan soou desnorteado. - Eu não Lhe contei isso.

- J leu o artigo? Aquele na revista People?

- Sim.

- Foi aí que a mulher colocou a l pide falsa. Foi aí que George Stark foi enterrado.

Silêncio no outro lado da linha. De seguida.

- Oh, merda.

- Est a perceber?

- Penso que sim - respondeu Alan. - Se este tipo pensa que é Stark e se ele é louco, a ideia de começar pelo t£mulo do Stark faz até algum sentido, não faz?

Essa fotógrafa vive em Nova Iorque?

Thad começou.

- Sim.

- Então, talvez ela também esteja em perigo.

- Sim, eu... bem, nunca pensei nisso, mas suponho que sim.

- Nome? Morada?

- Não tenho a morada dela. - Thad recordava-se que ela Lhe dera um cartão, provavelmente a pensar no livro em que tinha esperanças que ele colaborasse, mas deitara fora.

"Merda." Tudo o que podia dar a Alan era o nome.

- Phyllis Myers.

- E o tipo que escreveu a história?

- Mike Donaldson.

- Também em Nova Iorque?

Subitamente, Thad deu-se conta de que não sabia responder a essa pergunta, pelo menos com toda a certeza, tendo, por isso, recuado um pouco.

- Bem, acho que limitei-me a supor que eles os dois eram de... - É uma suposição bastante razo vel. Se os escritórios da revista são em Nova Iorque, eles estarão por perto, não é?

- Talvez. Mas se um deles, ou mesmo ambos, trabalharem

em regime de freelance...

- Voltemos a essa história da fotografia com pose O cemitério não era especificamente identificado, quer na fotografia quer no corpo da história, como sendo Homeland.

Disso tenho a certeza. Creio que deveria ter reconhecido o cemitério devido ao pano de fundo da fotografia, mas concentrei-me apenas nos pormenores.

- Sim - replicou Thad. - Penso que não era.

- Dan Keeton, o primeiro membro do Conselho Municipal, deve ter insistido para que Homeland não fosse identificado:

essa deve ter sido uma condição incontorn vel. Ele é um tipo muito cuidadoso. Na verdade, bastante chato Estou a vê-lo a dar autorização para as fotografias serem feitas, mas julgo que deve ter impedido que se identificasse especificamente o cemitério, a pensar na hipótese de vandalismo... as pessoas … procura da l pide e tudo o mais.

Thad acenava a cabeça. Fazia sentido.

- Quer dizer, então, que o seu psicopata ou o conhece a si ou é oriundo daqui - prosseguiu Alan.

Thad chegara a uma conclusão de que agora se sentia sinceramente envergonhado: de que o xerife de um pequeno município do Maine, onde existiam mais rvores do que pessoas, devia ser um imbecil. Este não era imbecil nenhum;

ele estava, certamente, a passar a perna …quele romancista de renome mundial, Thaddeus Beaumont.

- • isso que temos de supor, pelo menos para j , dado que parece que ele teve acesso a informações exclusivas.

- Então, as pegadas de que falou estavam em Homeland?

- Claro que estavam - replicou Pangborn, praticamente ausente. - O que é que est a esconder, Thad?

- Que é que quer dizer com isso? - perguntou ele de forma cautelosa.

- Deixemo-nos de rodeios, est bem? Tenho de ligar para Nova Iorque com estes outros dois nomes, e você tem de p“r a sua cabecinha a

funcionar para ver se existem mais alguns nomes. Editores... agentes... não sei. Enquanto isso, você diz-me que o tipo de quem andamos … procura pensa, na verdade, que é George Stark. Na noite de s bado, especul mos sobre isso, and mos l …s voltas, e hoje você diz-me que é um facto consumado. Então, para apoiar essa teoria, atira-me com as pegadas … cara. Das duas uma:

ou você andou a fazer umas deduções mirabolantes com base nos factos que conhecemos ou você sabe alguma coisa que eu não sei. Como é óbvio, inclino-me mais para a segunda alternativa. Portanto, desembuche.

Mas o que é que ele tinha? Estados de transe e lapsos de memória que eram anunciados por milhares de pardais a chilrear em uníssono? Palavras que podia ter escrito sobre uma folha manuscrita depois de Alan Pangborn Lhe ter dito que aquelas mesmas palavras se encontravam escritas na parede da sala de estar do apartamento de Frederick Clawson?

Mais palavras escritas numa folha de papel que fora rasgada em mil pedaços e, de seguida, deitada para o incinerador do edifício de Inglês-Matem tica? Sonhos nos quais um terrível homem nunca visto o conduzia pela sua casa em Castle Rock e tudo aquilo em que tocava, incluindo a própria mulher, se autodestruía? "Creio que poderia dizer que acredito num facto conhecido do coração e não numa intuição da mente", pensou ele, "mas não tenho ainda qualquer prova, pois não? As impressões digitais e a saliva sugerem que se est a passar algo de muito estranho - claro! - , mas tão estranho assim?"

Thad não acreditava que assim fosse.

- O Alan rir-se-ia - disse ele lentamente. - Não; retiro o que disse porque agora j o conheço melhor do que isso. O Alan não se riria, mas, ainda assim, tenho as minhas sérias d£vidas de que acreditasse em mim. Pensei nisto vezes sem conta mas cheguei sempre … mesma conclusão: com efeito, penso que não acreditaria em mim.

A voz de Alan replicou de imediato, urgente, imperativa, difícil de resistir.

- Ponha-me … prova.

Thad hesitou, olhou para Liz e, de seguida, abanou a cabeça:

- Amanhã. Quando pudermos olhar um para o outro, olhos nos

olhos. Nessa altura dir-lhe-ei. Esta noite, ter de acreditar na minha palavra de que isso não interessa, de que aquilo que Lhe contei é tudo aquilo com algum valor pr tico que Lhe posso contar.

- Thad, aquilo que Lhe disse sobre mand -lo prender como testemunha material...

- Se é o que tem a fazer, faça-o. Não ficarei minimamente ressentido. Mas, independentemente daquilo que decidir, não irei mais longe do que j fui até agora.

Silêncio do lado de Pangborn, seguido por um suspiro - Est bem.

- Gostaria de Lhe dar uma descrição em traços largos do homem procurado pela Polícia. Não estou absolutamente certo de que esteja bem, mas penso que est próxima. De qualquer modo, suficientemente próxima para a transmitir aos polícias em Nova Iorque. Tem um l pis?

- Sim. Diga l .

Thad fechou os olhos que Deus lhe cravara no rosto e abriu aquele que Deus Lhe cravara na mente, o olho que persistia em ver até mesmo as coisas para as quais ele não queria olhar. Quando as pessoas que liam os seus livros o conheciam pela primeira vez, ficavam invariavelmente desapontadas. Tentavam esconder-lhe isso mas não conseguiam Thad não Lhes guardava nenhum rancor, porque compreendia a forma como elas se sentiam... pelo menos um bocadinho. Se gostavam do seu trabalho (e algumas chegavam até a confessar que o adoravam), faziam dele uma imagem de antemão, ou seja, o tipo que era o primo direito de Deus.

Em vez de um Deus, deparava-se-lhes um tipo que tinha apenas um metro e oitenta, usava óculos, estava a começar a perder cabelo, e tinha o h bito de tropeçar nas coisas.

Deparava-se-lheS um homem cujo couro cabeludo era bastante escamoso e cujo nariz tinha dois buracos, tal como os deles.

Aquilo que elas não conseguiam ver era aquele terceiro olho no interior da sua cabeça. Aquele olho, a brilhar na sua metade sombria, o lado que estava constantemente nasombra... isso era como Deus e Thad ficava feliz por não o conseguirem ver. Se pudessem, Thad acreditava que muitos deles o tentariam roubar. Sim, mesmo que isso significasse arrancar o olho da própria carne com uma faca romba.

Ao olhar para a escuridão, Thad convocou a sua imagem secreta de George Stark: o verdadeiro George Stark, que não se parecia nada com o modelo que posara para a foto no livro. Thad procurou o homem-sombra que crescera silenciosamente ao longo dos anos junto dele, encontrou-o e começou a mostr -lo a Alan Pangborn.

- • bastante alto - começou ele. - De qualquer forma, mais alto do que eu. Um metro e noventa, talvez um metro e noventa e cinco com um par de botas nos pés. Tem cabelo louro, muito curto e aparado. Olhos azuis. A visão ao longe é excelente. H cerca de cinco anos atr s, começou a usar óculos de ver ao perto. Sobretudo, para ler e escrever.

"A razão pela qual as pessoas reparam nele não é pela sua altura mas pela sua largura. Não é gordo mas é extremamente largo. O n£mero do colarinho talvez seja um quarenta e cinco, ou até um quarenta e cinco e meio. Tem a minha idade, Alan, mas não est a envelhecer como eu estou a começar ou sequer a engordar. • forte. Como o Schwarzenegger, agora que começou a diminuir um pouquinho de tamanho. Trabalha com pesos. Apesar de conseguir fazer um bíceps suficientemente duro para abrir a costura da manga da camisa, não é um homem musculado.

"Nasceu em New Hampshire, mas após o divórcio dos pais mudou-se com a mãe para Oxford, no Mississípi, onde foi criado. Aí viveu a maior parte da sua vida. Quando era mais novo, tinha uma pron£ncia tão cerrada que parecia ter vindo do meio do mato. Na escola, muitos mi£dos faziam pouco dessa pron£ncia (no entanto, não … sua frente porque não se faz pouco de um tipo como este diante dele) e ele esforçou-se muito para se livrar dela. Agora, creio que a £nica altura em que é possível ouvir essa pron£ncia na voz é quando ele fica muito zangado, e acho que as pessoas que o irritam dessa maneira não ficam, mais tarde, disponíveis para darem o seu testemunho. Tem pouca paciência. • violento.

E perigoso. De facto, ele é um psicopata praticante.

- O que é... - começou Pangborn, tendo sido imediatamente ultrapassado por Thad.

- Est bastante queimado do sol e, como os homens louros geralmente não se queimam assim tanto, este talvez possa ser um bom ponto de identificação. Pés grandes, mãos grandes, pescoço largo, ombros largos. O rosto assemelha-se ao de uma pessoa talentosa mas esculpida …

pressa a partir de uma rocha dura. "–ltima coisa: talvez esteja a guiar um Toronado preto. Não sei de que ano. De qualquer forma, é um dos antigos com muita potência. Preto. • possível que a matrícula seja do Mississípi, mas também é prov vel que a tenha trocado. - Thad fez uma pausa, acrescentando de seguida: - Oh, e tem um autocolante no p ra-choques traseiro.

Diz "FILHO DA MŽE PRETENSIOSO".

Thad abriu os olhos.

Liz estava a olhar para ele, com o rosto mais p lido do que nunca.

Seguiu-se uma longa pausa do outro lado da linha.

- Alan? Est ...

- Só um segundo. Estou a escrever. - Seguiu-se uma outra pausa, desta vez mais curta. - Tudo bem - disse ele por fim. - Apanhei tudo. O Thad pode contar-me tudo isto mas não quem o tipo é ou a relação que mantém com ele ou como o conhece?

- Não sei, mas vou tentar. Amanhã. De qualquer modo, saber o nome dele esta noite não ir ajudar em nada porque ele est a usar um outro nome.

- George Stark.

- Bem, ele é suficientemente doido para se chamar a si próprio Alexis Machine, embora tenha c as minhas d£vidas.

Sim, penso que Stark é o nome. - Thad fez tenção de piscar um olho a Liz. Apesar de não acreditar verdadeiramente que o estado de espírito pudesse ser aligeirado com a piscadela de olhos ou com outra coisa qualquer, ainda tentou. Contudo, só conseguiu piscar os dois olhos ao mesmo tempo, como um mocho sonolento.

- Não existe forma alguma de o persuadir a continuar ta conversa esta noite, pOiS não?

- Não não existe. Peço desculpa mas não existe.

- tudo bem. Ligar-lhe-ei assim que puder. - E desligoU o telefone, sem mais nem menos, sem um "obrigado" ou um "adeus". Ao reflectir sobre isso, Thad concluiu que ele não dava verdadeira import*f*ncia a um obrigado.

Thad pousou o telefone e foi ter com a mulher, que continuava sentada a olhar para ele como se tivesse sido transformada numa est tua. Segurou-lhe nas mãos - estavam muito frias - e disse:

- Vai ficar tudo bem, Liz. Juro-te que vai ficar tudo bem.

- Quando falares com ele amanhã, vais contar-lhe tudo sobre os estados de transe? Sobre o som dos p ssaros? Como ouvias esse som quando eras miudo e o que nessa altura significava? As coisas que escreveste?

- Vou contar-lhe tudo - replicou Thad. - Aquilo que ele decidir contar …s autoridades... - Encolheu os ombros. - Isso é l com ele.

- Ainda assim - afirmou ela, num fio de voz exaurido. Os olhos de Liz continuavam fixos nos dele, parecendo não ter forças para o deixar. - Sabes tanto sobre ele. Thad... como?

Thad só conseguia ficar ali ajoelhado, diante dela, a segurar-lhe nas mãos frias. Como é que ele podia saber tanto? As pessoas estavam sempre a fazer-lhe essa pergunta. Utilizavam palavras diferentes para exprimirem o mesmo: como é que inventaste isto? Como é que puseste isto em palavras? Como é que te lembraste disto? Como é que viste isto? - mas ia sempre tudo dar ao mesmo: como é que sabes isto?

Ele não sabia como é que sabia.

Sabia apenas.

- Ainda assim - repetiu ela, falando no tom de voz de alGuém que est a dormir e que se encontra … beira de um SEonho angUstiante. De seguida, ambos ficaram silenciosos.

Continuou … espera que os gémeos pressentissem a pertUrbação dos pais, acordassem e começassem a chorar; no entanto, o tiquetaque constante do relógio permaneceu o £nico som audível. Thad tentou arranjar uma posição mais confort vel no chão, ao pé da cadeira de Liz, continuando a segurar-lhe nas mãos, com a esperança de as conseguir aquecer. Quando, quinze minutos mais tarde, o telefone tocou, elas ainda continuavam frias.

Alan Pangborn foi categórico e afirmativo: Rick Cowley estava são e salvo no seu apartamento e sob protecção da Polícia. Em breve, iria p"r-se a caminho da ex-mulher, que, a partir de agora, seria a sua ex-mulher para sempre; a reconciliação de que ambos falavam de tempos a

tempos, e com consider vel desejo, nunca iria acontecer. Miriam morrera.

Rick iria fazer a identificação formal do corpo na morgue de Manhattan na Primeira Avenida. Thad não devia esperar uma chamada de Rick esta noite nem sequer tentar ele próprio fazer uma; a ligação de Thad ao assassínio de Miriam Cowley fora escondida dos "desenvolvimentos pendentes" de que Rick fora informado. Phyllys Myers fora localizada, encontrando-se também sob protecção da Polícia. Michael Donaldson estava a ser um osso mais duro de roer, mas a Polícia esperava localiz -lo e tê-lo sob protecção até … meia-noite.

- Como é que a mataram? - perguntou Thad, sabendo perfeitamente qual seria a resposta. No entanto, por vezes, era necess rio perguntar. Só Deus sabia porquê.

- A garganta foi cortada - respondeu Alan, com um tom que Thad suspeitava ser de brutalidade intencional.

Um instante mais tarde, prosseguiu? - Tem ainda a certeza de que não h nada que me queira contar?

- De manhã. Quando pudermos olhar um para o outro.

- Muito bem. Não pensei que houvesse mal algum em perguntar.

- E não h . Mal nenhum.

- A Polícia de Nova Iorque tem um mandado de busca lançado sobre um homem com o nome de George Stark com a descrição que deu.

- óptimo. - E Thad sup“s que assim fosse, apesar de saber que isso era provavelmente in£til. Era praticamente mais do que certo que não o encontrariam se ele não quisesse ser encontrado e, se alguém o fizesse, Thad pensou que essa pessoa se iria arrepender.

- Nove horas - disse Pangborn. - Faça por estar em casa, Thad.

- Pode contar com isso.

Liz tomou um calmante e, por fim, adormeceu. Thad passou pelas brasas, adormecendo e acordando v rias vezes, tendo-se levantado …s três e um quarto para ir … casa de banho. Enquanto ali estava de pé, a urinar para a retrete, pensou ouvir os pardais. Ficou tenso, de ouvido … escuta, tendo o seu fio de gua secado de imediato. O som não aumentou nem diminuiu e, alguns segundos depois, Thad deu-se conta de que eram apenas grilos.

Olhou para fora da janela e viu um carro-patrulha da polícia estadual parado do outro lado da estrada, escuro e silencioso. Talvez até pudesse ter pensado que estava vazio se não tivesse vislumbrado a intermitente cintilação da ponta de um cigarro. Parecia que ele, Liz e os gémeos estavam também sob protecção policial.

"Ou guarda policial", pensou ele, voltando para a cama.

O que quer que fosse, parecia garantir uma certa paz de espírito. Thad adormeceu e acordou …s oito, não se lembrando de ter tido algum pesadelo. Mas, como é evidente, o verdadeiro pesadelo estava ainda por aí. Algures.

Catorze

RECHEIO DOS TOLOS

1

O tipo com o est£pido bigodezinho afilado era muito mais r pido do que Stark pensava.

Stark estivera … espera de Michael Donaldson no corredor do nono andar do edifício onde ele vivia, mais exactamente no canto que se seguia … porta do apartamento de Donaldson. Teria sido tudo muito mais f cil se Stark tivesse conseguido entrar no apartamento, como fizera com a cabra, mas um £nico relance foi o suficiente para o convencer de que estas fechaduras, ao contr rio das delas, não tinham sido montadas pelo "Zé da Esquina". Ainda assim, tudo deveria correr pelo melhor. Era tarde, e todos os coelhos da coelheira j deviam estar ferrados a dormir e a sonhar com trevo. O próprio Donaldson deveria estar lento e embriagado. Quando se chega a casa … uma e um quarto da manhã, não se vem propriamente da biblioteca p£blica.

Donaldson parecia estar realmente um pouco embriagado, embora não estivesse de modo algum lento.

Quando Stark dobrou a esquina e golpeou Donaldson com a navalha enquanto este brincava com o porta-chaves, era sua esperança cegar o homem de forma r pida e eficaz.

Nesse momento, antes que Donaldson pudesse sequer fazer menção de soltar um grito, Stark abrir-lhe-ia a garganta, cortando-lhe a canalização ao mesmo tempo que rasgava as cordas vocais.

Stark não tentou mover-se sem fazer qualquer barulho.

Ele queria que Donaldson o escutasse, queria que Donaldson virasse o rosto na sua direcção. Tornaria tudo muito mais f cil.

Donaldson fez aquilo que era suposto começar por fazer: com a navalha, Stark, descrevendo um arco curto e firme, golpeou-lhe o rosto. Contudo, Donaldson conseguiu desviar-se um pouco: não muito mas demasiado para o propósito de Stark. Em vez de apanhar os olhos, a navalha abriu a testa até ao osso. Uma aba de pele descaiu enroscada sobre as sobrancelhas de Donaldson, como uma tira solta de papel de parede.

- SOCORRO! - baliu Donaldson numa voz estrangulada e semelhante … de um cordeiro, e l se foi a discrição. Merda.

Stark deu um passo em frente, segurando a navalha diante dos seus olhos com a l*f*mina ligeiramente virada para cima, como um matador a saudar o touro antes da primeira corrida. Muito bem; nem sempre tudo corria de acordo com a nossa vontade. Não cegara o bufo, mas jorrava sangue em profusão do corte na testa sob a forma de grossas gotículas, e o pouco que Donaldson conseguia ver era filtrado por uma névoa vermelha pegajosa.

Stark tentou golpear a garganta de Donaldson mas, com uma rapidez espantosa, o filho da mãe puxou a cabeça para tr s quase tão depressa como uma cascavel a recuar de um ataque, e Stark deu por si a admirar um pouco o homem, com ou sem o ridículo bigode afilado.

A navalha cortou o ar apenas a dois dedos de dist*f*ncia da garganta do homem, tendo este gritado por socorro mais uma vez. Os coelhos, que nunca dormiam profundamente nesta cidade, nesta velha Big Apple carunchosa, iriam acordar.

Stark inverteu a direcção, recuando de novo a navalha, ao mesmo tempo que se punha em bicos de pés e lançava o corpo para a frente. Foi um gracioso movimento de ballet, que deveria ter posto um fim a tudo isto. No entanto, de alguma forma, Donaldson conseguiu erguer uma mão em frente da garganta; em vez de o matar, Stark limitou-se a infligir uma série de feridas compridas e superficiais, a que os patologistas da Polícia chamariam cortes de defesa.

Donaldson ergueu a mão com a palma virada para fora, tendo a navalha passado por entre a base de todos os quatro dedos.

Como usava um anel bastante pesado no terceiro, esse dedo ficou incólume. Ouviu-se um breve som agudo e met lico - brinnk! - quando a l*f*mina passou através do anel, deixando uma min£scula cicatriz na liga de ouro.

A navalha cortou bem fundo os outros três dedos, deslizando sem esforço algum na carne, como uma faca quente desliza na manteiga. Com os tendões cortados, os dedos caíram bruscamente para a frente como fantoches adormecidos, deixando apenas bem direito o dedo com o anel como se, na sua confusão e horror, Donaldson tivesse esquecido qual o dedo que se usa quando se pretende mandar alguém ir dar uma volta.

Desta vez, quando Donaldson abriu a boca, chegou mesmo a uivar. Foi então que Stark concluiu que não valia a pena pensar sequer em sair desta história sem ser visto ou ouvido. Dado que não era sua intenção dar a Donaldson o tempo suficiente para fazer quaisquer chamadas telefónicas, Stark acalentara a esperança de poder sair desta história sem ser notado, mas, infelizmente, tal não iria acontecer.

Contudo, do mesmo modo, também não era sua intenção deixar Donaldson vivo. Uma vez iniciado o trabalho sujo, este não podia ser deixado a meio: ou era levado até ao fim ou a pessoa é que acabava por ir até ao fim.

Stark abriu caminho. Nesta altura, depois de se terem deslocado ao longo do corredor, j se encontravam praticamente … porta do apartamento seguinte. Despreocupado, Stark sacudiu a navalha para o lado para limpar a l*f*mina.

Um leve jacto de gotas salpicou a parede cor de creme.

Mais ao fundo do corredor, uma porta abriu-se e um homem com a parte de cima de um pijama azul e o cabelo em rolos enfiou a cabeça e os ombros para fora da porta.

- Que é que se est a passar? - gritou ele numa voz mal-humorada que anunciava que Lhe era indiferente se o papa ali estivesse mas que a festa tinha acabado.

- Assassínio - retorquiu Stark informalmente e, apenas por um instante, os seus olhos deslocaram-se do homem sangrento e vociferante diante de si para o homem na soleira da porta. Mais tarde, este homem diria … Polícia que os olhos do intruso eram azuis. De um azul-claro. E totalmente dementes. - Quer experimentar?

A porta fechou-se com tamanha rapidez que foi como se nunca tivesse sido sequer aberta.

Por muito em p*f*nico que estivesse e por muito ferido que indiscutivelmente estava, Donaldson viu surgir uma oportunidade quando o olhar de Stark se deslocou, embora a diversão tivesse sido apenas moment*f*nea. Ele aproveitou-a. O filho damãe foi mesmo r pido. A admiração de Stark cresceu. A rapidez e o sentido de autopreservação do papalvo eram praticamente suficientes para contrabalançar o maldito incómodo que estava a criar.

Se tivesse saltado para a frente, atacado Stark com firmeza, talvez pudesse ter passado da fase do incómodo para uma outra próxima de um verdadeiro problema. Em vez disso, Donaldson virou-se e começou a correr.

Perfeitamente compreensível, mas um erro.

Com os sapatos grandes a sussurrarem no tapete, Stark correu atr s dele e deu uma facada na parte de tr s do pescoço do homem, convencido de que isto iria, por fim, dar tudo por terminado.

Contudo, no segundo mesmo antes de a navalha golpear o alvo pretendido, Donaldson atirou simult*f*neamente a cabeça para a frente e, de certa forma, meteu-a para dentro, como uma tartaruga a esconder-se na carapaça. Stark começou a acreditar que Donaldson era telep tico. Desta vez, aquilo que deveria ter sido o golpe de misericórdia limitou-se a dividir o couro cabeludo acima da protuber*f*ncia protectora do osso na parte de tr s do pescoço. Apesar de sangrento, estava longe de ser fatal.

Isto era irritante, exasperante... e estava praticamente a resvalar para o campo do ridículo.

Donaldson cambaleou ao longo do corredor, andando aos bordos de um lado para o outro, chegando por vezes mesmo a bater com a cabeça nas paredes como uma pinball a bater num daqueles postes que se iluminam e onde o jogador faz cem mil pontos ou ganha um jogo gr tis ou a porra de uma outra coisa qualquer. … medida que cambaleava pelo corredor, Donaldson gritava. … medida que cambaleava pelo corredor, Donaldson ia derramando sangue sobre a passadeira. … medida que cambaleava pelo corredor, Donaldson ia deixando a ocasional marca sangrenta da mão que marcava a sua progressão.

Mas ainda não estava a morrer.

Apesar de mais nenhuma outra porta se ter aberto, Stark sabia que precisamente neste momento em, pelo menos, meia d£zia de apartamentos, meia d£zia de dedos estavam a ligar para o 115 (ou até j tinham ligado) em meia d£zia de telefones.

Donaldson cambaleou e caminhou aos tropeções em direcção aos elevadores.

Sem estar zangado ou assustado, mas apenas terrivelmente exasperado, Stark caminhou a passos largos atr s

dele. Subitamente, ribombou:

- Porque é que não p ras com isso e TE: COMPORTAS!

Nesta altura o grito de socorro de Donaldson transformou-se num guincho de choque. Tentou olhar … sua volta. Os pés enredaram-se um no outro e Donaldson deu por si estatelado no chão a três metros de dist*f*ncia de onde o corredor abria para dar lugar ao pequeno trio do elevador.

Stark chegara … conclusão que, até mesmo o mais gil dos indivíduos acabava por ver esgotado todos os pensamentos felizes se o retalhassem bastante.

Donaldson ficou de joelhos. Agora que os pés o haviam traído, ele tinha, aparentemente, a intenção de se arrastar até ao trio do elevador. Com o seu não rosto sangrento, olhou em volta para ver onde estava o atacante, tendo Stark pontapeado a cana do nariz ensopada em sangue. Stark calçava uns mocassins castanhos e pontapeou a maldita protuber*f*ncia com toda a força que tinha. Com as mãos de lado, deu um ligeiro impulso para tr s para manter o equilíbrio, ergueu o pé esquerdo e, de seguida, levantou-o o mais possível em arco até … altura da testa. Qualquer pessoa que j tivesse visto um jogo de futebol ter-se-ia, certamente, lembrado de um pontapé muito bom e muito forte.

A cabeça de Donaldson voou para tr s, esmagando-se contra a parede com força suficiente para, nesse ponto, formar uma depressão em forma de taça no gesso, e fez ricochete.

- Finalmente desliguei-te as pilhas, não foi? - murmurou Stark, ouvindo uma porta abrir-se por detr s de si. Virou-se e viu uma mulher de cabelo preto desgrenhado e uns enormes olhos escuros a olharem para fora da porta de um apartamento praticamente ao fim do corredor. - VOLTA PARA DEeNTRO, SUA CABRA! - gritou ele. A porta fechou-se violentamente como se estivesse segura por uma mola.

Stark dobrou-se, agarrou no cabelo ordin rio e horrível de Donaldson, virou a cabeça para tr s e cortou-lhe a garganta. Acreditava que Donaldson j estava provavelmente morto até mesmo antes de a cabeça ter batido contra a parede, e com quase toda a certeza depois, mas, ainda assim.

era melhor assegurar-se. E, além disso, quando se começava a cortar,

acabava-se de cortar.

Lestamente, Stark deu um passo para tr s, mas Donaldson não esguichou como a mulher fizera. O seu coração j o tinha abandonado ou estava a dar as £ltimas. Stark caminhou rapidamente em direcção aos elevadores, tendo dobrado a navalha e enfiando-a de novo no bolso.

Um elevador a subir parou lentamente no patamar.

Podia ser um inquilino; na cidade grande, chegar … uma da manhã a casa não era uma hora verdadeiramente tardia, mesmo para uma noite de segunda-feira. Ainda assim.

Stark deslocou-se rapidamente para perto da planta dentro de um grande vaso que ocupava o canto do trio do elevador, juntamente com um quadro abstracto totalmente sem valor. Stark escondeu-se por detr s da planta. Todo o seu radar estava a sibilar alto. Podia ser alguém que estivesse a voltar de um ataque pós-fim-de-semana de febre de discotecas ou o resultado bíbulo de um jantar de negócios, embora ele não acreditasse que fosse qualquer um destes casos.

Stark acreditava que seria a Polícia. Na verdade, ele sabia que seria a Polícia.

- Um carro-patrulha que, por mero acaso, se encontrava na vizinhança do edifício quando um dos habitantes desta ala telefonou a informar que estava a ser cometido um assassínio no corredor? Era possível, mas Stark tinha as suas d£vidas. Parecia mais prov vel que Beaumont tivesse levantado a lebre, que a maninha tivesse sido descoberta, e esta fosse a protecção policial de Donaldson a chegar. Mais vale tarde do que nunca.

Com as costas contra a parede, Stark deslizou lentamente ao longo da mesma, com o blusão que ele vestia manchado de sangue a roçagar e a produzir um som rouco, semeLhante a um murm£rio. Não se tratou propriamente de se esconder, ele submergiu como um submarino até … profundidade do periscópio, e o esconderijo proporcionado pelo vaso da planta era, na melhor das hipóteses, diminuto. Se olhassem … sua volta iriam vê-lo. No entanto, Stark apostava que toda a atenção dos dois seria atraída para a Prova ali estendida, a meio do corredor. Pelo menos durante alguns instantes - e isso seria o suficiente.

As folhas largas e entrecortadas de veios da planta estamparam

sombras em forma de dentes de serra sobre o seu rosto. Como um tigre de olho azul, Stark p"s-se … coca por entre elas.

As portas do elevador abriram-se. Ouviu-se uma exclamação abafada, santa qualquer coisa ou outra, e dois polícias em uniforme precipitaram-se para a frente. Foram seguidos por um tipo negro num par de jeans largos em cima e apertados em baixo e uns velhos e grandes ténis típicos de preto com fecho em velcro. O tipo negro vestia ainda uma t-shirt de mangas cortadas, tendo impresso na parte da frente a inscrição PROPRIEDADE DOS N. Y. YANKEES. Usava ainda um par de óculos de sol … chulo atados … volta da cabeça, e se ele não era um detective, Stark era São Francisco de Assis.

Quando andavam … paisana, iam sempre longe de mais... e, de seguida, agiam como se estivessem conscientes disso. Era como se soubessem que estavam a exagerar, mas, pura e simplesmente, não conseguissem evitar. Então, esta era - ou, de qualquer forma, tivera o propósito de ser - a protecção de Donaldson. Não haveria nenhum detective num carro-patrulha de passagem. Isso seria apenas um pouco demasiado fortuito. Este tipo viera acompanhar os guardas que iriam ficar … porta para, primeiro, interrogar Donaldson e, depois, fazer de baby-sitter.

"Desculpem l, amigos", pensou Stark. "Penso que os dias de conversa deste querido estão acabados."

Stark impeliu os pés e contornou o vaso da planta. Nem uma £nica folha se mexeu. Os seus sapatos não produziram som algum no tapete. Stark passou a menos de um metro por detr s do detective, que se encontrava debruçado, a tirar uma 32 de um coldre na canela da perna. Se estivesse para isso, Stark podia ter-lhe dado um bom pontapé no rabo.

No £ltimo segundo antes de a porta começar a deslizar e fechar-se, Stark enfiou-se no cubículo do elevador aberto.

Pelo canto do olho, um dos polícias de uniforme vislumbrou um ligeiro movimento - talvez a porta, talvez o próprio Stark, mas isso não interessava realmente - e levantou a cabeça inclinada sobre o corpo de Donaldson.

Stark levantou uma mão e, de modo solene, mexeu os dedos. Adeusinho. De seguida, a porta tapou-lhe a visão da cena do corredor.

O vestíbulo do rés-do-chão estava vazio, com excepção do porteiro, deitado moribundo por debaixo da secret ria.

Stark saiu para a rua, entrou num carro roubado e conduziu-o para longe dali.

2

Phyllis Myers vivia num dos novos edifícios de apartamentos da zona ocidental de Manhattan. A sua protecção policial (acompanhada por um detective que vestia calças de fato de treino Nike, uma sweat-shirt dos New York Islanders com as mangas cortadas, um par de óculos de sol … chulo atados … volta da cabeça) chegara …s dez e meia da noite de 8 de Junho para a encontrar pior que uma barata por causa de um encontro desmarcado. Ao princípio, estava mal-humorada, mas, quando ouviu que alguém que pensava ser George Stark talvez pudesse estar interessado em assassin -la, animou-se consideravelmente. Phyllis respondeu …s perguntas do detective sobre a entrevista a Thad Beaumont - … qual ela se referia como a reportagem a Thad Beaumont - enquanto colocava rolos novos em três m quinas e brincava com cerca de duas d£zias de lentes.

Quando o detective Lhe perguntou o que é que ela estava a fazer, ela piscou-lhe o olho e respondeu-lhe:

- Acredito no lema dos escuteiros. Quem sabe; talvez alguma coisa possa realmente acontecer.

Após o interrogatório, … porta do seu apartamento, um dos polícias de uniforme perguntou ao detective:

- Ela est a falar a sério?

- Claro - replicou o detective. - O £nico problema é que ela não acredita que mais nada seja a sério. Para ela, o mundo inteiro não passa de uma fotografia … espera de ser tirada. O que tens ali dentro é uma cabra tonta que realmente acredita que estar sempre do lado correcto das lentes.

Agora, …s três e meia da manhã do dia 7 de Junho, o detective h muito que se fora embora. Cerca de duas horas antes, os dois homens destinados a protegerem Phyllis Myers tinham recebido a notícia do assassínio de Donaldson pelos r dios da Polícia presos aos cintos. Foram aconselhados a serem extremamente cuidadosos e a estar extremamente alertas, j que o psicopata com o qual estavam a lidar

demonstrara estar sedento de sangue e ser extremamente gil de espírito.

- Cauteloso é o meu apelido - retorquiu o polícia n§ 1.

- Isso é uma coincidência - disse o polícia n§ 2.

- O meu é Extremamente.

H mais de um ano que eram parceiros e davam-se bastante bem. De seguida, trocaram entre si um sorriso.

E porque não? Eram dois membros armados e uniformizados da Polícia da velha Big Apple carunchosa, de pé num corredor bem iluminado e com ar condicionado, no vigésimo sexto andar de um edifício de apartamentos novinho em folha - ou talvez fosse um condomínio, quem é que saberia, pois quando os agentes Cauteloso e Extremamente eram rapazes, um condomínio era uma coisa que um tipo com um defeito na fala usava na ponta do coiso - e ninguém iria surpreendê-los vindo do nada ou saltar do telhado sobre eles ou abatê-los com uma Uzi m gica que nunca encravava ou ficava sem m£nições. Isto era a vida real. e não a Balada de Hill Street nem um filme do Rambo. E, esta noite, a vida real consistia num deverzinho especial, muito mais agrad vel do que andar por aí a percorrer as ruas no carro-patrulha, a p"r fim a lutas nos bares até os bares fecharem, e depois a p"r fim a outras lutas, até ao Sol raiar, em nojentos apartamentos sem elevadores onde maridos e mulheres bêbedos tinham concordado em entrar em desacordo. A vida real deveria consistir em ser-se sempre Cauteloso e Extremamente em corredores com ar condicionado, nas noites quentes da cidade. Ou, pelo menos, era nisso que eles acreditavam piamente.

Tendo ido até tão longe nos seus pensamentos, a porta do elevador abriu-se e o homem cego e ferido saiu da caixa do elevador e, a cambalear, entrou no corredor.

Era alto e de ombros extremamente largos. Aparentava ter cerca de quarenta anos. Vestia um blusão rasgado e calças que não diziam com o casaco mas que, pelo menos, o completavam. Isto é, mais ou menos. O primeiro polícia, Cauteloso, teve tempo para pensar que a pessoa com visão que escolhera as roupas do cego deveria ter um gosto bastante bom. O cego usava ainda uns grandes óculos escuros que estavam colocados de lado sobre o nariz porque um dos aros fora partido. Por muitos tratos que se dessem … imaginação, não se tratavam de óculos-de-sol … chulo atados … volta da cabeça. Pareciam-se, isso sim, com os óculos de sol

usados por Claude Rains no filme O Homem Invisível.

O cego tinha as duas mãos esticadas diante de si. A esquerda estava vazia e acenava continuamente sem qualquer propósito. Na direita, o homem segurava uma suja bengala branca com um punho de borracha de guiador de bicicleta na ponta. Ambas as mãos estavam cobertas de sangue seco.

Podia também ver-se manchas acastanhadas de sangue a coagular no blusão e na camisa do cego. Se os dois polícias incumbidos de protegerem Phyllis Myers tivessem, na verdade, sido Extremamente Cautelosos, tudo aquilo Lhes teria parecido peculiar. O cego estava a gritar por causa de alguma coisa que, aparentemente, tinha acabado de acontecer e, pelo seu aspecto, alguma coisa tinha-lhe de certeza acontecido e também não tinha sido uma coisa muito agrad vel, embora o sangue na pele e nas roupas j se tivesse tornado acastanhado. Isto sugeria que o sangue teria sido derramado h j algum tempo, um facto que talvez pudesse ter alertado agentes profundamente crentes no conceito de Extrema Cautela por ser um pouco invulgar. Talvez até pudesse ter içado uma bandeira vermelha nos espíritos de tais agentes.

Ainda assim, provavelmente não. As coisas aconteceram r pidas de mais, e sempre que as coisas acontecem com rapidez suficiente, deixa de ter import*f*ncia se se é extremamente cauteloso ou extremamente imprudente: uma pessoa tem apenas de ir com a maré.

Num momento, os dois polícias encontravam-se … porta da mulher Myers, felizes como dois miudos num dia em que a escola é fechada porque a caldeira explodira e, no momento seguinte, este cego sangrento estava sobre os seus rostos, a brandir a suja bengala branca. Não houve tempo algum para pensar, quanto mais para deduzir.

- Po-líííícia! - estava a gritar o homem cego antes mesmo de as portas do elevador estarem totalmente abertas. - O porteiro diz que os polícias estão no vinte e seis.

Po-líííícia! Estão aqui?

De seguida, j estava a abrir caminho pelo corredor, a brandir a bengala de um lado para o outro, e voc!, batia na parede … sua esquerda, e como um chicote, l ia de novo para tr s, e voc!, na parede … sua direita, e todos aqueles que no maldito andar ainda não estivessem acordados iriam, em breve, estar.

O Extremamente e o Cauteloso começaram a avançar para a frente sem sequer trocarem um olhar de relance entre si.

- Po-líííícia! Po...

- Meu senhor! - ladrou Extremamente. - Cuidado. Olhe que vai cair...!

O homem cego impeliu a cabeça na direcção da voz do Extremamente mas não parou. Lançou-se para a frente, a acenar a mão vazia e a brandir a suja bengala branca, assemelhando-se um pouco a Leonard Bernstein a tentar conduzir a Filarmónica de Nova Iorque depois de ter fumado um ou dois frasquinhos de crack.

- Po-líííícia! Eles mataram o meu cão! Eles mataram a Daisy! POLÍÍÍCIA!

- Meu senhor...

O Cauteloso aproximou-se do homem cego cambaleante. O homem cego cambaleante enfiou a mão vazia no bolso da esquerda do blusão e tirou para fora, não dois bilhetes para o Baile de Gala dos Cegos, mas um revólver.45, que apontou ao Cauteloso, tendo puxado o gatilho duas vezes.

No corredor estreito, as detonações pareceram ensurdecedoras e dissonantes. Viu-se uma enorme quantidade de fumo azul. O Cauteloso apanhou com as balas praticamente … queima-roupa. Caiu para o chão com o peito enfiado para dentro, como um cesto partido. A sua camisa estava chamuscada e ressequida.

Extremamente fitou o homem cego quando este Lhe apontou a 45.

- Pelo amor de Deus, não, por favor! - implorou Extremamente num fio de voz, soando a alguém que tivesse ficado sem f“lego. O homem cego disparou mais duas vezes.

Viu-se mais fumo azul. Para um homem cego, até que atirava muito bem. Extremamente voou para tr s, para longe do fumo azul, caiu na passadeira do corredor sobre as omoplatas, foi percorrido por um espasmo repentino e trémulo e deixou-se ficar quieto.

3

Em Ludlow, a oitocentos quilómetros de dist*f*ncia, Thad Beaumont virou-se agitado sobre o seu lado.

- Fumo azul - murmurou ele. - Fumo azul.

Do lado de fora da janela da casa de banho, nove pardais empoleiraram-se sobre um fio do telefone, sendo imediatamente acompanhados por mais meia d£zia. Os p ssaros empoleiraram-se, silenciosos e invisíveis, acima dos agentes no carro da polícia estadual.

- Não vou precisar mais disto - disse Thad no seu sono.

Com uma mão, fez um movimento desajeitado como se estivesse a tocar no rosto e, com a outra, um gesto de quem est a atirar algo fora.

- Thad? - perguntou Liz, sentando-se na cama. - Thad, est s bem?

De meio do seu sono, Thad disse qualquer coisa incompreensível.

Liz olhou para baixo, para os seus braços. Estes estavam totalmente cobertos de pele de galinha.

- Thad? São os p ssaros de novo? Est s a ouvir os p ssaros?

Thad nada respondeu. Do lado de fora das janelas, os p ssaros levantaram voo em conjunto, embrenhando-se na escuridão, embora esta não fosse a altura própria para voarem.

Nem Liz nem os dois polícias no carro-patrulha da polícia estadual repararam neles.

Stark lançou os óculos escuros e a bengala para o lado.

O corredor exalava um cheiro amargo por causa do fumo da pólvora. Stark disparara quatro balas Colt Hi-Point que ele tornara extremamente potentes. Duas delas tinham atravessado os polícias e deixado buracos prateados na parede do corredor. Stark dirigiu-se para a porta de Phyllis Myers. Estava disposto a convencê-la a vir até c fora se assim tivesse de ser, mas ela estava precisamente ali do outro lado e, bastou-lhe ouvi-la para ter a certeza de que, com ela, seria f cil.

- Que é que se est a passar? - gritou ela. - Que foi que aconteceu?

- Apanh mo-lo, Miss Myers - respondeu Stark de forma animada. - Se quer tirar uma fotografia, v buscar j a m quina. Mais tarde, lembre-se apenas que eu nunca Lhe disse que podia tirar uma.

Quando abriu a porta, Phyllis manteve a corrente no ferrolho, mas não estava mal. Ao colocar um olho castanho no buraco, ele enfiou-

lhe uma bala.

Fechar os olhos da mulher - ou fechar o £nico olho ainda existente - não era uma opção. Assim, Stark virou-se e começou a encaminhar-se para os elevadores. Não se demorou mas também não correu. A porta de um dos apartamentos abriu-se - parecia que, esta noite, toda a gente Lhe estava a abrir portas - e Stark ergueu a arma, apontando-a para o rosto de coelho de olhar fixo que viu.

A porta fechou-se imediatamente com um estrondo.

Stark carregou no botão do elevador. A porta do cubículo em que ele subira após ter deitado abaixo o seu segundo porteiro da noite (com a bengala que roubara ao cego na Sexagésima Rua) abriu-se de imediato, tal como esperava que se abrisse - a esta hora da noite, os três elevadores não estavam propriamente a ser alvo de grande procura.

Por cima do ombro, Stark lançou a arma para o chão. Esta caiu na passadeira com uma pancada surda.

- Aquilo correu tudo bem - retorquiu ele, enfiando-se no elevador, e descendo até ao trio de entrada.

5

Quando o telefone tocou, o Sol estava a nascer na janela da sala de estar de Rick Cowley. Rick tinha cinquenta anos, os olhos vermelhos e um ar esgazeado, e estava meio bêbedo. Com uma mão bastante trémula, atendeu o telefone. Ele mal sabia onde se encontrava, e o seu espírito cansado e magoado não parava de insistir que tudo aquilo não passava de um sonho. Ser que, h menos de três horas atr s, tinha estado na morgue distrital na Primeira Avenida, para identificar o corpo mutilado da ex-mulher a menos de um quarteirão de dist*f*ncia do chique restaurantezinho francês onde só levavam os clientes que eram também seus amigos? Ser que os polícias que estavam do lado de fora da porta se encontravam aí porque o homem que matara Mir poderia também querer mat -lo? Ser que estas coisas eram reais? Certamente que não. Tinha, sem d£vida alguma, de ser um sonho... e talvez o telefone não fosse realmente o telefone, mas o ruído do despertador ao lado da cama. Regra geral, Rick odiava aquela maldita coisa... tinha-a lançado pelo quarto mais de uma vez. Contudo, esta manhã, ele até o beijaria. Que raios, ele até daria um beijo na boca, com língua e tudo.

Mas Rick não acordou. Em vez disso, atendeu o telefone.

- Est l ?

- Daqui fala o homem que cortou a garganta da tua mulher - disse a voz ao seu ouvido, tendo Rick ficado totalmente desperto de um momento para o outro. Qualquer esperança derradeira que pudesse ter quanto a tudo isto não passar de um sonho dissipou-se de imediato. Tratava-se do género de voz que só se deve ouvir nos sonhos... mas é precisamente aí que nunca é ouvida.

- Quem est a falar? - Rick ouviu-se a si próprio perguntar num fio de voz sem vigor.

- Pergunta a Thad Beaumont quem sou eu - respondeu o homem. - Ele sabe tudo sobre mim. Diz-lhe que te mandei dizer que vocês j estão todos mortos. E diz-lhe ainda que ainda não acabei de fazer o recheio dos tolos.

Rick ouviu um estalido no seu ouvido, a que se seguiu um instante de silêncio e, depois, o zumbido insípido de uma linha aberta.

Rick deixou cair o auscultador no colo, olhou para ele e, subitamente, desatou a chorar.

…s nove horas dessa mesma manhã, Rick telefonou para o escritório e disse a Frieda que ela e John deveriam ir para casa: não trabalhariam nem nesse dia nem durante o resto da semana. Frieda quis saber o motivo e Rick ficou estupefacto ao verificar que estava prestes a mentir-lhe, como se tivesse sido preso por algum crime grave e vergonhoso - digamos, abuso de menores - e não conseguisse admitir que o tivesse cometido enquanto o choque continuasse tão recente.

- A Miriam morreu - contou ele a Frieda. - Mataram-na ontem … noite no apartamento dela.

Frieda inspirou fundo, produzindo um breve som sibilante de comoção.

- Pelo amor de Deus, Rick! Não brinque com coisas como essas! Quando se brinca com coisas como essas, elas tornam-se verdade!

- é verdade, Frieda - retorquiu ele, verificando que, mais uma vez, estava prestes a debulhar-se em l grimas.

E estas - as que derramara na morgue, aquelas que derramara

no carro quando voltava para casa, as que derramara quando aquele homem maluco telefonara, as que tentava agora não derramar - estas eram apenas o início. Pensar em todas as l grimas no seu futuro fê-lo sentir-se extremamente cansado.

Miriam fora uma cabra mas fora também, … sua maneira, uma cabra querida, e ele amara-a. Rick fechou os olhos. Quando os abriu, estava um homem a olhar para ele através da janela, apesar de a janela ser um décimo quarto andar. Rick sobressaltou-se, mas foi então que viu o uniforme. Um limpador de janelas. O limpador de janelas acenou-lhe do seu palanque. Rick ergueu a mão e retribuiu a saudação. O peso da mão pareceu-lhe estar próximo dos cem quilos, tendo-a Rick deixado cair junto da coxa, quase no mesmo instante em que a erguera.

Frieda estava a dizer-lhe de novo para não brincar, e ele sentiu-se mais cansado do que nunca. Como ele observou, as l grimas eram apenas o começo. Foi então que afirmou:

- Só um minuto, Frieda - tendo poisado o telefone. Rick dirigiu-se até … janela para correr os cortinados. Ter de chorar ao telefone com a Frieda no outro lado da linha j era suficientemente mau; só Lhe faltava ter o maldito limpador de janelas a vê-lo nesses preparos.

Ao chegar … janela, o homem no palanque enfiou a mão no bolso cortado do macacão para buscar alguma coisa. I Rick sentiu uma repentina pontada de inquietação. "Diz-Lhe que te mandei dizer que vocês j estão todos mortos."

("Meu Deus...")

O limpador de janelas tirou do bolso um pequeno autocolante. Era amarelo com letras pretas. A mensagem era rodeada por est£pidos rostos sorridentes. "TENHA UM BOM DIA!"

podia ler-se.

Rick acenou a cabeça com cansaço. Tenha um bom dia.

7

Quando finalmente conseguiu convencer Frieda de que não estava a brincar, esta desfez-se em soluços sonoros e francamente verdadeiros - todos no escritório, e todos os clientes, até mesmo aquele maldito e odioso Ollinger, que escrevia os maus romances de ficção científica e que, aparentemente, se dedicara … tarefa de apalpar

todos os soutiens no mundo ocidental, gostavam da Mir - e, como não podia deixar de ser, Rick chorou com ela até conseguir, por fim, desligar o telefone. "Pelo menos", pensou ele, "fechei os cortinados."

Quinze minutos mais tarde, enquanto estava a fazer café, o telefonema do homem maluco assaltou-lhe de novo o espírito. Tinha dois polícias do lado de fora da porta, e não Lhes contara nada de nada. Que raio de coisa é que se estava a passar com ele?

"Bem", pensou ele, "a minha ex-mulher morreu, e quando a vi na morgue parecia que ela tinha deixado crescer uma segunda boca quatro dedos abaixo do queixo. Talvez isso possa explicar alguma coisa."

"Pergunta a Thad Beaumont quem sou eu. Ele sabe tudo sobre mim."

Como é evidente, Rick tivera o propósito de telefonar para Thad. Contudo, o seu espírito estava ainda em queda livre: as coisas tinham assumido novas proporções que ele parecia, pelo menos por enquanto, não ser capaz de entender.

Bem, telefonaria a Thad. Era exactamente isso que iria fazer mal se contasse aos polícias o pormenor da chamada.

Rick chegou mesmo a contar-lhes, tendo estes ficado extremamente interessados. Um deles transmitiu a informação para a Central da Polícia através do seu walkie-talkie. Depois de terminar, disse a Rick que o chefe dos detectives queria que ele fosse até … esquadra da polícia para conversar com eles sobre a chamada que recebera. Enquanto l estivesse, um tipo iria até ao apartamento e equiparia o telefone com um gravador e um aparelho de localização de chamadas. No caso de haver mais telefonemas.

- Provavelmente vão haver - disse o segundo polícia a Rick. - Estes psicopatas estão geralmente apaixonados pelo som das próprias vozes.

- Devia telefonar a Thad primeiro - retorquiu Rick;

- Ele pode estar igualmente em apuros. Pelo menos foi isso que me pareceu.

- Mister Beaumont j foi colocado sob protecção especial l no Maine, senhor Cowley. Vamos, est bem?

- Bem, continuo a achar...

- Talvez Lhe possa telefonar da esquadra. Agora, tem algum casaco?

Assim, confuso e nada seguro de que tudo isto fosse real, Rick deixou-se levar para longe dali.

8

Quando, duas horas mais tarde, regressaram, um dos escoltas de Rick franziu o sobrolho … porta do apartamento e disse:

- Não est aqui ninguém.

- E depois? - perguntou Rick com ar fatigado. Ele sentia-se fatigado, como se fosse uma vidraça de vidro transl£cido através da qual é possível ver. Tinham-lhe feito imensas perguntas, e ele respondera a todas elas o melhor que podia: uma tarefa difícil dado que só muito poucas dessas perguntas pareciam fazer algum sentido.

- Se os tipos das telecom£nicações dessem o trabalho por terminado antes de termos voltado, era suposto eles terem esperado.

- Provavelmente estão l dentro - disse Rick.

- Um deles talvez, mas o outro deveria estar c fora. é esse o procedimento habitual.

Rick pegou nas chaves, baralhou-as, encontrou aquela que queria, e enfiou-a na fechadura. Quaisquer problemas que estes tipos pudessem estar a ter com o procedimento de actuação dos colegas não tinham nada a ver com ele. Graças a Deus; ele j tinha todas as preocupações que bastassem por uma manhã.

- Devia telefonar a Thad primeiro - disse ele, suspirando e sorrindo um pouco. - Ainda nem sequer é meio-dia e j me sinto como se o dia nunca fosse aca...

- Não faça isso! - gritou de repente um dos polícias, dando um salto para a frente.

- Fazer o q... - começou Rick, a virar a chave, e a porta explodiu num clarão de luz, fumo e som. O polícia cujos instintos tinham despoletado apenas um segundo tarde de mais ficou reconhecível aos familiares; Rick Cowley praticamente vaporizou-se. O outro polícia, que

se encontrava um pouco mais afastado e que, instintivamente, tapara o rosto quando o parceiro gritara, foi hospitalizado por queimaduras, concussão e lesões internas. Misericordiosamente - e magicamente - os estilhaços da porta e da parede voaram em redor dele como uma nuvem, embora não o tivessem atingido. No entanto, nunca mais trabalharia para o DPNI; a explosão ensurdecera-o num instante.

No interior do apartamento de Rick, os dois técnicos das telecom£nicações que tinham ido arranjar os telefones encontravam-se mortos sobre o tapete da sala de estar. Pregada … testa de um deles com uma tacha estava a seguinte nota:

OS PARDAIS ESTãO A VOAR DE NOVO Pregada … testa do outro estava uma segunda mensagem:

MAIS RECHEIO DOS TOLOS. DIGAM AO THAD.

II

Stark toma o comando

- Qualquer tolo de mãos r pidas consegue apanhar um tigre pelos tomates - contou Machine a Jack Halstead. - Sabias disto?

Jack começou a rir. O olhar que Machine Lhe lançou f‰-lo pensar duas vezes.

- Tira-me esse sorriso est£pido da cara e presta-me atenção - ordenou Machine. - Estou aqui para te educar. Est s a prestar atenção?

- Sim, senhor Machine.

- Então ouve bem o que tenho para te dizer e nunca mais te esqueças: qualquer tolo de mãos r pidas consegue apanhar um tigre pelos tomates, mas é preciso um herói para continuar a apert -los. E j que estou aqui, deixa-me que te diga mais outra coisa: só os heróis e os cobardes é que se safam, Jack.

Mais ninguém. E eu não sou cobarde.

A Vontade de Machine de George Stark

Quinze

A INCREDULIDADE DE STARK

Cobertos por um véu de choque tão profundo e tão triste que se assemelhava a gelo, Thad e Liz sentaram-se, enquantO escutavam Alan Pangborn, que Lhes descrevia o modo como tinham decorrido as primeiras horas da manhã na cidade de Nova Iorque: Mike Donaldson, retalhado e espancado até … morte no corredor do edifício do seu apartamento;

Phyllis Myers e dois polícias mortos a tiro no condomínio da zona ocidental. O porteiro da noite do edifício de Myers fora atacado com algo pesado, tendo sofrido um traumatismo craniano. Os médicos afirmavam que só com bastante sorte é que alguma vez voltaria a acordar no lado mortal do céu. O porteiro do edifício de Donaldson fora abatido. Em todos os casos, o trabalho sujo fora levado a cabo ao estilo dos gangs do crime organizado, tendo-se o assassino limitado a ir ter com as vítimas e a acabar com elas.

… medida que Alan ia falando, referia-se continuamente ao assassino como Stark.

"Ele est a cham -lo pelo nome correcto sem sequer pensar nisso", divagou Thad. De seguida, abanou a cabeça, um pouco impaciente consigo próprio. Tinha de ser chamado de alguma forma, admitiu Thad, e Stark era talvez um bocadinho melhor do que "o criminoso" ou "Mr. X". Nesta altura do campeonato, seria um erro pensar que Pangborn estava a utilizar o nome por outro motivo qualquer que não um ponto de apoio conveniente.

- E o que h sobre Rick? - perguntou ele quando Alan terminara e ele próprio fora, por fim, capaz de soltar a língua.

- O senhor Cowley est vivo e bem sob protecção policial. - Eram dez e um quarto da manhã; a explosão que mataria Rick e um dos seus guardiões estava ainda a duas horas de dist*f*ncia.

- Também Phyllis Myers estava sob protecção policial - retorquiu Liz. No parque de grandes dimensões, Wendy dormia ferrada e William estava a deixar-se adormecer A cabeça descaía sobre o peito, os olhos fechavam... e, de seguida, com um movimento s£bito, ele lançava a cabeça de novo para cima. Para Alan, William assemelhava-

se comicamente a uma sentinela que tentava não se deixar vencer pelo sono enquanto estava de serviço. Mas cada sacudidela da cabeça para cima ia diminuindo de intensidade. Ao olhar para os gémeos, com o bloco de notas agora fechado e poisado sobre o colo, Alan reparou numa coisa interessante:

sempre que William sacudia a cabeça para cima num esforço para permanecer acordado, Wendy dava um esticão enquanto dormia.

"Ser que os pais j repararam nisto?", perguntou-se a si mesmo, tendo pensado de seguida: "Claro que j repararam."

- Isso é verdade, Liz. Ele surpreendeu-os. Sabe, a Polícia é tão propensa a ser surpreendida como qualquer um de nós; apenas é suposto que reaja melhor. No andar onde Phyllis Myers vivia, diversas pessoas ao longo do corredor abriram a porta para ver o que se estava a passar depois de os tiros terem sido disparados. Assim, temos uma noção bastante boa daquilo que aconteceu a partir das declarações dessas pessoas e daquilo que a Polícia encontrou na cena do crime. Stark fingiu que era cego. Não mudou de roupa após os assassínios de Miriam Cowley e Michael Donaldson, que foram... peço que os dois me desculpem, mas ficou tudo numa grande porcaria. Ele sai do elevador, de óculos escuros que provavelmente comprou em Times Square ou a um vendedor ambulante de carrinho de mão, e a brandir uma bengala coberta de sangue. Deus sabe onde ele ter arranjado a bengala, mas o DPNI pensa que ele também a utilizou para deitar os porteiros abaixo.

- é óbvio que a roubou a um cego verdadeiro - disse Thad calmamente. - Alan, não se pode dizer que o tipo seja um santo. Est claro que não. Provavelmente vinha a gritar que fora assaltado, ou talvez até que fora atacado por ladrões no apartamento dele. Seja como for, avançou na direcção deles com tamanha rapidez que os polícias nem tiveram muito tempo para reagir. Afinal de contas, eram apenas um par de polícias de carros-patrulha, afastados do seu giro habitual e enfiados … porta desta mulher sem grandes explicações.

- Mas eles sabiam certamente que Donaldson também tinha sido assassinado - protestou Liz. - Se uma coisa como essa não os conseguiu alertar para o facto de o homem ser perigoso...

- Eles também sabiam que a protecção policial de Donaldson chegara após o tipo ter sido assassinado - disse Thad. - Estavam

demasiado confiantes.

- Talvez até estivessem, um pouco - admitiu Alan.

Não tenho forma alguma de saber isso. Mas os homens que estão com Cowley sabem que este homem, para além de destemido e bastante esperto, é também homicida. Estão com os olhos abertos. Não, Thad, o seu agente est seguro. Pode contar com isso.

- Disse que havia testemunhas - inquiriu Thad.

- Oh, sim. Imensas testemunhas. Na casa de Miriam Cowley, de Donaldson e da Myers. Ele parecia estar-se a cagar para elas. - Alan olhou para Liz e disse: - Peço desculpa.

Esta lançou um sorriso lacónico.

- J ouvi essa expressão uma ou duas vezes antes, Alan.

Este acenou a cabeça, sorriu-lhe por um instante e virou-se para Thad.

- A descrição que Lhe dei?

- Bate certa com tudo aquilo que sabemos - replicou Alan. - Ele é grande, louro, e est com um bonito bronzeado. Portanto, diga-me l quem é ele, Thad. D‰-me um nome. Agora tenho muito mais com que me preocupar para além do Homer Gamache. Tenho o maldito comiss rio da polícia de Nova Iorque … perna, Sheila Brigham (a minha telefonista-chefe) pensa que eu vou ser uma estrela da com£nicação social, mas é com o Homer que me preocupo. Ainda mais do que os dois agentes de polícia mortos na tentativa de proteger Phyllis Myers, é o Homer que me interessa. Portanto, d‰-me um nome.

- J lhe dei - replicou Thad.

Seguiu-se um longo silêncio, talvez dez segundos, apóS o qual, num tom extremamente sereno, Alan disse:

- O quê?

- George Stark é como se chama. - Thad ficou surpreendido ao verificar como soava tão calmo, e mais surpreendido ainda ao verificar que se sentia calmo... a não ser que o choque profundo e a calma transmitissem a mesma sensação. Mas o alívio de chegar a dizer aquilo ("J tem o nome dele; George Stark é como se chama"), era indizível.

- Creio que não estou a entendê-lo - afirmou Alan após uma outra longa pausa.

- Claro que est , Alan - replicou Liz. Thad olhou para ela, surpreendido pelo tom decidido e objectivo da sua voz. - O que o meu marido est a querer dizer é que, de alguma forma, o pseudónimo dele ganhou vida. A l pide na fotografia...

aquilo que, no lugar de uma homilia ou de um versinho, est escrito naquela l pide foi algo que Thad disse ao jornalista da agência noticiosa que deu a notícia em primeira mão. "Não ERA UM TIPO MUITO SIMP TICO." Lembra-se disto?

- Sim, mas Liz... - Alan fitava os dois com uma espécie de surpresa indefesa, como se só agora se tivesse dado conta de que tinha estado a manter uma conversa com pessoas que haviam perdido totalmente o juízo.

- Nem mas nem meio mas - interrompeu ela no mesmo tom decidido. - Ter imenso tempo para mas e meios mas. O senhor e toda a gente. Para j , ouça-me apenas. Thad não estava a brincar quando disse que George Stark não era um tipo muito simp tico. Ele pode até ter pensado que estava a brincar mas não estava. Mesmo que ele não soubesse, eu sempre soube.

George Stark não só não era um tipo muito simp tico: ele era, de facto, um tipo horrível. Tornei-me uma mulher mais nervosa com cada um dos quatro livros que escreveu, e quando Thad finalmente decidiu mat -lo, subi as escadas, entrei no nosso quarto e chorei de alívio. - Liz olhou para Thad, que a fitava. Antes de acenar a cabeça, ela perscrutou-o com o olhar. - Exactamente. Chorei. Chorei mesmo. Apesar de o senhor Clawsson em Washington ser um "Patifezóide" insignificante e nOjento ele fez-nos um grande favor, talvez o maior favor da nOssa vida conjunta de casados e, apenas por essa razão, dadO que não existe mais nenhuma, lamento a morte dele.

Diz, não me parece que seja isso que queiras dizer...

- Não me digas aquilo que quero dizer e não quero dizer! - vociferou ela Alan pestanejou. A voz dela manteve-se regular, não suficientemente alta para acordar Wendy ou levar William a fazer mais do que apenas erguer a cabeça uma £ltima vez anteS de se deitar sobre si mesmo e deixar-se adormecer ao lado da irmã. Contudo, Alan

teve o pressentimento que, se não fosse pelos mi£dos, teria escutado uma voz mais alta. Talvez até uma voz no seu tom mais elevado.

Thad tem algumas coisas para Lhe contar agora. Tem de ouvi-lo com muita atenção, Alan, e tem de tentar acreditar nele. Caso contr rio, temo que este homem (ou o que quer que ele seja) continue a sua matança até chegar bem ao fim da sua lista de carniceiro. Tenho algumas razões muito pessoais para não desejar que isso aconteça. Sabe, Alan, creio que eu, Thad e os nossos bebés podemos perfeitamente estar nessa lista.

- Muito bem. - A voz dele soou amena, embora os seus pensamentos girassem a uma velocidade muito r pida. Alan fez um esforço consciente para colocar de lado a frustração, a raiva e até mesmo a perplexidade, e tomar em conta esta ideia louca com todas as forças que tivesse. Não se tratava de saber se era verdade ou mentira - era totalmente impossível, est claro, consider -la sequer verdadeira - , mas apenas de conhecer a razão pela qual, antes de mais, eles se davam ao trabalho de contar uma história como essa. Teria sido magicada para esconder alguma cumplicidade imaginada nos assassínios?

Uma cumplicidade real? Seria mesmo possível que eles acreditassem na história? Parecia impossível que um casal como este, constituído por pessoas instruídas e racionais - pelo menos até agora, pudesse acreditar nisso, mas era tal e qual como se tinha passado no dia em que viera para prender Thad pelo assassínio de Homer: eles pura e simplesmente não se libertavam do ténue mas inequívoco perfume das pessoas que estão a mentir. "Conscientemente a mentir", corrigiu ele para si próprio. - Comece l , Thad.

- Muito bem - respondeu este. Depois de pigarrear nervosamente, Thad levantou-se. A mão dele procurou o bolso do peito e, com um sentimento de graça semiamargO Thad deu-se conta daquilo que estava a fazer: … procura de cigarros que j l não se encontravam h mais de três anos, Thad enfiou as mãos nos bolsos e olhou para Pangborn como olharia para um aluno aturdido que tivesse vindo dar resposta extremamente amistosa do gabinete de Thad.

- Algo de muito estranho anda a acontecer. Não: mais do que estranho. é terrível e inexplic vel, mas o facto é que est a acontecer. E tudo começou, penso eu, quando tinha apenas onze anos.

Thad contou tudo: as dores de cabeça em criança, os chilreios estridentes e as visões turvas dos pardais que anunciavam a chegada dessas mesmas dores de cabeça, o regresso dos pardais. Thad mostrou a Alan a p gina manuscrita com "OS PARDAIS ESTŽO A VOAR DE NOVO" rabiscado na diagonal em traços de l pis escuro. Falou-lhe sobre o estado de transe em que, no dia anterior, entrara no escritório, e aquilo que escrevera (o melhor que se podia lembrar) no verso da ordem de encomenda. Explicou-Lhe o que acontecera a essa mesma nota e tentou exprimir o medo e a perturbação que o tinham levado a destruir o papel.

O rosto de Alan manteve-se imp vido e sereno.

- Além disso - rematou Thad - , eu sei que é Stark. Aqui. - Thad fechou a mão num punho, batendo-a ao de leve no peito.

Durante alguns instantes, Alan não abriu a boca. Tinha começado a girar a aliança de casamento no terceiro dedo da mão esquerda para tr s e para a frente, e esta operação parecia atrair toda a sua atenção.

- Emagreceu desde que se casou - observou Liz discretamente. - Se não manda apertar esse anel, Alan, vai acabar por perdê-lo um dia destes. Suponho que sim. - Alan levantou a cabeça e olhou para ela. Quando falou, foi como se Thad tivesse abandonado a sala para fazer algum recado e só l se encontrassem es dois. - O seu marido levou-a até l acima, ao escritório dele. e mostrou-lhe esta primeira mensagem vinda do mundo dos espíritos depois de eu me ter ido embora...

certo?

- O £nico mundo dos espíritos que conheço é, sem qualquer sombra de d£vida, a loja das bebidas' a cerca de um quilómetro e meio estrada abaixo - disse Liz num tom sereno - , mas, realmente, ele mostrou-me a mensagem depois de você se ter ido embora, sim.

- Logo depois de eu me ter ido embora?

- Não: deit mos os gémeos na cama e foi nessa altura, enquantO nos est vamos a arranjar para nos deitarmos, que perguntei a Thad o que é que ele estava a esconder.

- Entre a altura em que me fui embora e o momento em que ele Lhe contou tudo aquilo sobre os brancos de memória e os sons dos p ssaros, houve momentos em que ele não esteve junto de si? Instantes

durante os quais poderia ter ido até l acima e escrito a expressão que Lhe referi?

- Não Lhe posso responder com toda a certeza - replicou ela. - Penso que estivemos juntos durante todo o tempo, mas não Lhe posso dar a certeza. Mas também não faria qualquer diferença se Lhe dissesse que ele esteve sempre por perto, pois não?

- Que é que quer dizer com isso, Liz?

- Quero dizer que, nesse caso, você suporia que eu também estava a mentir, não era?

Alan soltou um suspiro profundo. Era a £nica resposta que qualquer um dos dois realmente precisava de ouvir.

- Thad não est a mentir sobre isto.

Alan acenou a cabeça:

- Agradeço a sua honestidade, mas dado que não pode jurar que ele nunca a deixou por alguns minutos, não posso acus -la de estar a mentir. Fico contente por isso. A Liz admite que a oportunidade pode ter existido, e creio que também admitir que a alternativa que nos resta é bastante louca.

Thad encostou-se contra a pedra da lareira, com os olhos a saltar de um lado para o outro, como os olhos de um homem a assistir a uma partida de ténis. O xerife Pangborn não estava a dizer nada que Thad j não tivesse previsto, estando a apontar para as incoerências da sua história com muito mais delicadeza do que seria necess rio, maS Thad verificou que, ainda assim, ele estava amargamente desapontado... quase com o coração destroçado. Aquele pressentimento de que Alan acreditaria - de certa forma acreditaria quase instintivamente - provou ser tão falso como um desses frascos de remédio que dizem que curam todas as maleitas.

- Sim, admito tudo isso - retorquiu Liz no mesmO tom sereno.

- Quanto …quilo que Thad afirma ter acontecido no gabinete... não temos testemunhas algumas quer do estado de transe quer daquilo que ele afirma ter rabiscado. De facto, ele só Lhe falou sobre o incidente depois de o senhor Cowley ter telefonado, não foi?

- Sim. Não falou antes.

- E então... - Alan encolheu os ombros.

- Alan, gostaria de lhe fazer uma pergunta.

- … vontade.

- Porque é que Thad mentiria? Com que finalidade?

- Não sei. - Alan olhou para ela com franqueza total.

- Ele próprio pode não saber. - Lançou um olhar de relance a Thad, tornando a virar-se e a aproximar-se de Liz.

- Ele pode até nem saber que est a mentir. O que eu estou a tentar dizer é bastante claro: isto não é o género de coisa que qualquer agente de polícia possa aceitar sem que haja fortes provas. E, neste caso, não temos nenhumas - Thad est a dizer a verdade, neste caso. Compreend° tudo aquilo que disse, mas também gostaria muito que acreditasse que ele est a dizer a verdade. Gostaria com todas as minhas forças. Sabe, eu vivi com George Stark. E sei como é que Thad se foi sentindo em relação a ele … medida que o tempo passava. Vou dizer-lhe uma coisa que não estava na revista People. Thad começou a falar em livrar-se de Stark dois livros antes do £ltimo...

- 3 - corrigiu Thad discretamente do seu lugar junto da prateleira da lareira. O desejo de fumar um cigaro transformara-se numa febre seca. - Comecei a falar nisso logo depois do primeiro.

- Muito bem, do terceiro. O artigo da revista dava a entender que se tratava de uma coisa bastante recente. Ora.

isso pura e simplesmente não é verdade. Quero deixar esse ponto bem assente. Se Frederick Clawson não tivesse aparecido e obrigado o meu marido a abrir-se, penso que Thad estaria ainda hoje a falar sobre livrar-se dele da mesma forma. Da forma como um alcoólico ou um toxicodependente diz … família e aos amigos que, amanhã, vai deixar de beber ou de se drogar... ou no dia seguinte... ou no dia depois desse.

- Não - retorquiu Thad. - Não exactamente assim.

A igreja certa mas o banco errado.

Thad fez uma pausa e franziu o sobrolho, fazendo mais do que apenas pensar. Estava a concentrar-se. De modo relutante, Alan desistiu da ideia de que estavam os dois a mentir, ou que o pretendiam enganar por alguma razão estranha.

Eles não estavam a despender todas as suas forças para tentar convencê-lo, ou para tentarem convencer-se a si próprios, mas apenas para explicarem como tudo acontecera...

do mesmo modo que as pessoas tentam descrever um incêndio muito tempo depois de este ser extinto.

- Olhe - disse Thad por fim: - vamos esquecer por um minuto o assunto dos estados de transe, dos pardais e das visões premonitórias, se é isso que elas são. Se sentir que precisa, pode falar com o meu médico, George Hume, sobre os sintomas físicos. Talvez os testes … cabeça que fiz ontem mostrem alguma coisa estranha quando estiverem prontos. Mas mesmo que não mostrem, o médico que me operou quando eu era mi£do talvez ainda esteja vivo e disponível para falar consigo sobre o caso. Talvez possa saber qualquer coisa que lance alguma luz sobre toda esta confusão Não me estou a recordar do nome dele assim de um momento para o outro, mas tenho a certeza de que est na minha ficha médica. Contudo, para j , tudo isto desta merda psíquica é secund ria.

Esta afirmação pareceu a Alan algo muito peculiar para ser dita por Thad... caso ele tivesse forjado aquela nota premonitória e mentido sobre a outra. Alguém suficientemente louco para fazer uma coisa dessas - e suficientement louco para esquecer que a fizera e chegar mesmo a acreditar que as notas eram verdadeiras manifestações de fenómenos psíquicos - não quereria falar sobre mais nada, pois não? A cabeça começou a doer-lhe.

- Muito bem - retorquiu ele num tom sereno - se diz que aquilo a que chama "esta merda psíquica" é secund rio, então qual é a linha principal?

- George Stark é a linha principal - respondeu Thad e pensou: "A linha que vai até Endsville, onde todas as linhas de comboio terminam." - Imagine que um estranho qualquer se mudava para sua casa. Alguém de quem tev sempre um pouco de medo, tal como Jim Hawkins sempr temera um pouco o Velho cão do Mar na estalagem Almirante Benbow... leu A 11ha do Tesouro, Alan?

Este acenou com a cabeça.

- O Alan conhece então o género de sentimento que estou a tentar expressar. Este tipo assusta-o bastante, e Alan não gosta nada dele, mas, ainda assim, deixa-o ficar.

Apesar de não ser dono de uma estalagem, como n'A Ilha do Tesouro, talvez até possa pensar que ele é um familiar afastado da sua esposa, ou qualquer coisa assim parecida.

Até aqui tudo bem?

Alan assentiu.

- Até que, finalmente, um dia, após este convidado terrível ter feito uma coisa parecida com o atirar o saleiro contra a parede porque o sal não saía dos buraquinhos, o Alan diz para a sua esposa: "Durante quanto mais tempo é que o idiota do teu primo em segundo grau vai ficar por aqui?" E ela olha para si e responde: "O meu primo em segundo grau? Pensei que ele fosse o teu primo em segundo grau ! "

Apesar de tudo, Alan grunhiu uma gargalhada.

- Mas ser que põe o homem fora de casa? - Thad prosseguiu. - Não. Por uma simples razão: ele encontra-se em sua casa h j algum tempo e, por muito grotesco que possa parecer para alguém que não esteja por dentro da situação, é como se ele tivesse... direitos de ocupação, ou qualquer coisa assim parecida. Mas não é isso que interessa.

Liz tinha estado a assentir. Os seus olhos reflectiam a expressão emocionada e grata de uma mulher a quem haviam acabado de dizer as palavras que tinham estado debaiso da sua língua durante todo o dia.

- O que interessa é o maldito medo que o Alan tem dele - disse ela. - Medo do que ele poderia fazer se Lhe chegasse a dizer para sair da sua casa, que pegasse na sua tralha e se pusesse a andar.

- Aqui est - afirmou Thad. - O Alan quer ser corajoso e mand -lo embora e não apenas porque teme que ele possa ser perigoso. Torna-se uma questão de dignidade.

Mas... passa o tempo a adiar. O Alan encontra razões para adiar essa decisão. Por exemplo, est a chover, e ele far com certeza menor escarcéu se for posto na rua num dia soalheiro. Ou talvez depois de ter tido uma boa noite de sono. Pensamos em mil e uma razões para adiar. O Alan acaba por descobrir que, se as razões soarem suficientemente credíveis aos seus ouvidos, conseguir conservar pelo menos algum resquício de dignidade. e alguma j é melhor do que nada. Alguma também j é melhor do que tê-la toda, se é que tê-la toda significa ter de acabar ferido, ou morto.

- E talvez não apenas o Alan.

Liz intrometeu-se de novo na conversa, falando com a voz calma e agrad vel de uma mulher a dirigir-se a um clube de horticultores - talvez sobre quando plantar milho, ou de como saber quando é que se deve colher os tomates.

- Quando estava... a viver connosco... ele era um homem feio e perigoso, e agora continua a ser um homem feio e perigoso. As provas sugerem que, se alguma coisa aConteceu ele ficou muito pior. é obvio que est louco, mas, segundo a sua consciência. o que ele est a fazer é uma coisa perfeitamente razo vel: ir no encalço das pessoas que conspiram para o matar e apag -las da face da terra, uma a uma.

- J acabou?

Espantada, Liz olhou para Alan, como se a voz dele a tivesse acordado de um profundo devaneio pessoal.

- O quê?

- Perguntei-lhe se j tinha acabado. A Liz queria dizer alguma coisa, e eu queria certificar-me de que dissera tudo.

A calma de Liz quebrou-se. Ela soltou um longo sUspiro e, ansiosamente, passou as mãos pelo cabelo.

- Não acredita nisto, pois não? Nem uma só palavra - Liz - replicou Alan - , isto é... de loucos. Peço desculpa por usar esta expressão, mas, tendo em conta as circunst*f*ncias, penso que posso dizer que se trata da mais delicada possível. Daqui a pouco, chegarão outros polícias. O FBI, imagino eu; a partir de agora, este homem pode ser considerado um fugitivo interestadual, e isso vai metê-los ao barulho. Se Lhes contarem toda esta história, com os es tados de transe e a escrita fantasma, ouvirão certamente in£meras expressões muito menos delicadas. Se me dissesse que toda esta gente tinha sido morta por um fantasma também não acreditaria.

- Thad fez menção deacrescentar algo mais, mas Alan ergueu uma mão, tendo o primeiro aquietado, pelo menos por então. - Mas até seria mais f cil para mim acreditar numa história de fantasmas do que nesta. Não estamos apenas aqui a falar sobre um fantasma: estamos a falar sobre um homem que nunca existiu.

- Como é que explica a minha descrição? - perguntou

Thad subitamente. - Aquilo que Lhe forneci foi a minha imagem particular do modo como George Stark se parecia, se parece. Alguns pormenores estão na nota do perfil do autor que a Darwin Press tem nos ficheiros. Outros eram apenas coisas que tinha na minha cabeça. Sabe, nunca me sentei e vizualizei deliberadamente o tipo; limitei-me a formar uma espécie de imagem mental ao longo de uma série de anos, tal como se forma uma imagem mental do locutor de r dio que se ouve todas as manhãs no caminho para o trabalho. No entanto, na maioria dos casos, se, por mero acaso, alguma vez se chega a conhecer o locutor, essa mesma imagem acaba por estar completamente errada. Parece que acertei praticamente em tudo. Como é que explica isso?

- Não consigo - respondeu Alan. - A não ser, est claro, que esteja a mentir sobre a fonte de descrição.

- Sabe que não estou.

- Não esteja assim tão convencido disso - retorquiu Alan, levantando-se e dirigindo-se até … lareira, onde bateu impacientemente com o atiçador na lenha de vidoeiro ali empilhada. - Nem todas as mentiras têm origem numa de Consciente Se um homem se persuadir a si próprio de que eSt a dizer a verdade, consegue até passar com a maiOr das facilidades num detector de mentiras. Foi assim que Ted Bundy fez.

- V l - falou Thad com brusquidão. - Pare de se esforçar assim tanto. Isto é exactamente como aquela história das impressões digitais. A £nica diferença é que, desta vez nã° Lhe posso indicar um monte de testemunhas que corroborem. A propósito, o que h sobre as impressões digitais? Quando se acrescenta uma coisa destas, ser que, ao menos, isso não sugere que estamos a contar a verdade?

Alan virou-se. Subitamente, sentiu-se zangado com thad... com os dois. Era como se estivesse a ser colocado dum modo inexor vel entre a espada e a parede, e eles não tinham direito algum de o fazerem sentir assim. Era como se fosse a £nica pessoa na reunião da Sociedade da Terra Plana que acredita que a Terra é redonda.

- Não consigo explicar nenhuma dessas coisas... por enquanto - retorquiu ele. - Entretanto, talvez me queira dizer com toda a exactidão de onde é que este tipo verdadeiro)

veio, Thad. Ser que o deu … luz numa destas noites? Ser que ele

saiu de um maldito ovo de pardal? Parecia-se com ele quando escrevia os livros que acabavam por ser lançados sob o nome dele? Como é que foi, exactamente?

- Não sei como é que ele surgiu - respondeu Thad zangado. - Não acha que se soubesse eu Lhe diria? Tanto quanto sei, ou tanto quanto me consigo lembrar, era eu quando escrevi A Vontade de Machine, A Melancolia de xford, Tarte de Tubarão e A Caminho da Babilónia. Não .dÇO a mais pequena ideia de quando é que ele se tornou numa. numa pessoa autónoma. Para mim, quando estava a escrever como ele, ele parecia real, mas apenas da mesma forma como todas as histórias que escrevo me parecem iguais na altura em que estou a escrevê-las. O que é o mesmo que dizer que as levo a sério mas que não acredito nelas, só que acredito... nessa altura... - Thad fez uma pausa e rosnou uma gargalhadinha desconcertante. Toda a minha vida tenho falado sobre o acto de escrever - disse ele. - Centenas de palestras, milhares de aulas, e creiO que nunca proferi uma só palavra sobre a compreensão que um escritor de ficção tem das duas realidades que existem para si: a realidade do mundo real e a outra do mundo manuscrito. Creio que nunca sequer pensei sobre isso. E agora dou-me conta de que... bem... parece-me que nem sequer sei como pensar nisso.

- Não interessa - retorquiu Liz. - Ele não tinha de ser uma pessoa autónoma até Thad ter tentado mat -lo.

Alan virou-se para ela.

- Bem, Liz, você conhece Thad melhor do que ninguém.

Quando ele estava a trabalhar nos romances policiais, passava de doutor Beaumont para senhor Stark? Batia-lhe? Ameaçava as pessoas nas festas com uma navalha?

- O sarcasmo não vai facilitar a conversa sobre este assunto - disse ela, olhando para ele com firmeza.

Alan ergueu as mãos num acto de desespero - apesar de não ter a certeza se eram eles, se era ele próprio ou até mesmo os três que o estavam a exasperar.

- Não estou a ser sarc stico; estou apenas a recorrer a um pouco de choque verbal para fazê-los ver como parecem dois loucos! Vocês estão a falar de um maldito pseudónimo que ganhou vida! Se contarem ao FBI

nem que seja metade desta história, eles irão procurar as leis de Encarceramento Involunt rio do Estado do Maine!

- A resposta … sua pergunta é "não" - disse Liz. - Ele não me espancava ou brandia uma navalha pelas festas e cocktails. Mas quando estava a escrever como George Stark (e, sobretudo, quando estava a escrever sobre Alexis Machine), Thad não era o mesmo. Quando ele (abria a porta, talvez seja a melhor maneira de traduzir a ideia), quando ele fazia isso e convidava Stark a entrar, tornava-se distante. Não frio, nem sequer impassível, mas apenas distante Interessava-se menos em sair, em estar com pessoas. por vezes faltava …s reuniões da faculdade, até mesmo aos enContros com os alunos... apesar de isso ser muito raro.

Deitava-se tarde … noite e, de quando em vez, ainda se encontrava a virar de um lado para o outro na cama uma hora depois de se ter deitado. Quando finalmente adormecia, passava o tempo inteiro a dar esticões e a murmurar coisas, como se estivesse a ter pesadelos. Houve alturas em que lhe perguntei se era isso que acontecia e ele respondeu-me que Lhe doía a cabeça e se sentia inquieto, mas se tivesse tido pesadelos, não se conseguia lembrar de como eles eram.

"Não havia uma grande alteração de personalidade...

mas ele não era o mesmo. Alan, o meu marido deixou de beber lcool h j algum tempo. Não vai aos Alcoólicos Anónimos ou qualquer coisa assim, mas deixou de beber.

Com uma £nica excepção. Quando acabava um dos romances de Stark, apanhava uma piela. Então, era como se estivesse a livrar-se de tudo, e dizia para ele próprio. "O filho da mãe foi-se embora. Pelo menos por uns tempos, ele foi-se embora. George voltou para a sua quinta no Mississípi. Viva."

- Ela disse bem - afirmou Thad. - Viva!: era exactamente assim que eu me sentia. Deixe-me resumir aquilo que temos se deixarmos de lado os estados de transe e a escrita autom tica. O homem que procuram anda a matar pessoas que eu conheço, pessoas que foram, … excepção de Homer Gamache, respons veis pela "execução" de George Stark... em conspiração comigo, est claro. Ele tem o meu tipo de sangue, que nem é um daqueles verdadeiramente raros, mas que, ainda assim, continua a ser um daqueles que só seis pessoas em cada cem apresentam. Bate certo com a descrição que Lhe forneci, que era um apanhado da minha própria

imagem daquilo a que George Stark se assemelharia se existisse. Fuma os cigarros que eu costumava fumar. E, por £ltimo, e o mais interessante de tudo, parece ter impressões digitais que são idênticas …s minhas. Talvez seis em cada cem pessoas tenham sangue tipo A com um factor Rh negativo, mas, pelo que sabemos, mais ninguém em todo este mundo de Deus tem as minhas impressões digitais Apesar de tudo isto, o Alan recusa-se a considerar sequer a minha afirmação de que Stark est , de alguma forma, vivo. Agora, xerife Alan Pangborn, diga-me uma coisa: quem é que est a trabalhar no escuro, se é que assim se pode dizer?

Alan sentiu o rochedo que, outrora, acreditara estar firme e sólido, mover-se um bocadinho. Não era verdadeira mente possível, pois não? Porém... se não tivesse mais nada para fazer durante o dia, iria falar com o médico de Thad e começaria a investigar a sua história clínica. Ocorreu-lhe que seria realmente maravilhoso descobrir que Thad não tivera nenhum tumor cerebral, que Thad mentira sobre isso...

ou sonhara com isso. Se ao menos ele pudesse provar que o homem era um psicopata, seria tudo muitO mais f cil. Talvez...

Talvez uma merda. Não existia qualquer George Stark, nunca existira qualquer George Stark. Ele podia não ser nenhum menino-prodígio do FBI, mas isso não significava que fosse suficientemente crédulo para cair numa patranha destas. Talvez conseguissem capturar aquele filho da mãe maluco em Nova Iorque que ia no encalço de Cowley; talvez até o fizessem, de facto. No entanto, caso contr rio, era prov vel que aquele psicopata decidisse ir passar umas férias no Maine, este Verão. Se ele realmente regressasse, Alan queria mat -lo.

Estava convencido que acreditar nesta história da Quinta Dimensão não o ajudaria em nada se a oportunidade realmente surgisse. E, neste preciso momento, não pretendia perder mais tempo a falar sobre isto.

- O tempo o dir , suponho eu - disse ele com um ar vago.

- Para j , aconselho-o a manter-se fiel … história que me contou ontem … noite: este é um tipo que pensa ser George Stark e que é suficientemente louco para ter começado no local mais lógico, lógico para um louco, isto é, o local onde Stark foi oficialmente enterrado.

- Se não der, pelo menos, … ideia um pouco de espaço mental, vai acabar por ficar enfiado em porcaria até …s orelhas - disse Thad. - Este tipo... Alan, não é possível discutir com ele, não é possível protestar junto

dele. Até seria possível implorar-lhe por misericórdia se ele Lhe desse tempo, mas não valeria de nada. Se alguma vez chegar a estar ao pé dele com as suas defesas baixas, ele far de si uma tarte de tubarão.

- Vou falar com o seu médico - retorquiu Alan - e com o médico que o operou em mi£do. Não sei se servir de alguma coisa, ou que luz poder lançar sobre tudo isto, mas é o que irei fazer. Caso contr rio, penso que terei apenas de me arriscare Thad sorriu mas sem qualquer tipo de bonomia.

- Do meu ponto de vista, vejo que h aí um problema. A minha mulher e os meus filhos estaremos a arriscar-nos juntamente consigo.

3

Quinze minutos mais tarde, um camião de caixa fechada decorada a azul e branco parou na entrada da casa de Thad atr s do carro de Alan. Era semelhante a uma carrinha dos telefones, tendo-se verificado mais tarde que era isso mesmo, apesar de as palavras "polícia do estado do maine" estarem escritas de lado em discretas letras min£sculas.

Dois técnicos dirigiram-se para a porta, apresentaram-se, pediram desculpas por terem demorado tanto tempo (uma desculpa que não tinha import*f*ncia alguma para Thad e Liz, dado que eles nem sequer sabiam que aqueles tipos viriam) e perguntaram a Thad se este tinha algum problema em assinar o impresso que um deles levava numa prancheta. Thad leu-o por alto e viu que o papel Lhes dava autorizaçãO para instalarem um equipamento de gravação e de localização de chamadas no seu telefone.

Contudo, não Lhes dava autorização total para utilizarem as transcrições obtidas em qualquer processo de tribunal.

Thad rabiscou a sua assinatura no lugar devido. Tanto Alan Pangborn como um dos técnicos (estupefacto, Thad reparou que, num dos lados do cinto, pendia um aparelho de verificação de telefone e, do outro, uma.45) testemunharam a sua assinatura.

- Esta coisa da localização das chamadas funciona mesmo?

- perguntou Thad alguns minutos mais tarde, depois de Alan se ter ido embora para a Esquadra da Polícia Estadual de Orono. Parecia importante dizer alguma coisa;

após o documento assinado Lhes ter sido devolvido, os técnicOs não tinham mais aberto a boca.

- Sim - respondeu um deles, que pegara no telefone da sala de estar e estava a desenroscar com rapidez o casquilho interior de pl stico do auscultador. - Conseguimos localizar uma chamada no seu ponto de origem em qualquer lugar no mundo. Não é como o antigo sistema de localização de chamadas que se vê nos filmes, onde se tem de manter o utente na linha até este ser localizado. Desde que ninguém desligue o telefone deste lado da linha - o técnico sacudiu o telefone, que agora se assemelhava ligeiramente a um andróide destruído por uma pistola de raios num épico de ficção científica - , conseguimos localizar o ponto de origem da chamada. O que, na maior parte das vezes, acaba por ser um telefone de moedas num centro comercial.

- E disseste muito bem - retorquiu o companheiro.

Este estava a mexer na ficha do telefone, que retirara da tomada do rodapé. - Os senhores têm um telefone l em cima?

- Temos dois - respondeu Thad, que começava a sentir-se como se alguém o tivesse empurrado de modo inclemente pela toca de coelho da Alice abaixo. - Um no meu escritório e um outro no quarto.

- Eles estão numa outra linha?

- Não: temos apenas uma linha. Onde é que vão colocar o gravador?

- Provavelmente na cave - respondeu o primeiro de forma absorta. Este encontrava-se a enfiar arames provenientes do telefone num bloco de lucite que se eriçava com bornes de mola e a sua voz era perpassada por um tom de ser -que-se-importa-de-nos-deixar-fazer-o-nosso-trabalho.

Thad p"s o braço … volta da cintura de Liz e afastou-a dali, interrogando-se se haveria alguém que conseguisse compreender que nem todos os gravadores e blocos de lucite da alta tecnologia mais avançada do mundo fariam parar George Stark. Stark andava por aí, talvez a descansar, talvez j a caminho.

E se ninguém acreditasse nele, que raio iria fazer quanto a isso? Como é que era suposto proteger a sua família?

Ser que havia alguma forma? Thad pensou seriamente em tudo isto

e, depois de a reflexão não ter levado a nada, limitou-se a escutar-se a si próprio. Por vezes - nem sempre, mas por vezes - a resposta surgia daquela forma, sempre que não surgia da outra.

No entanto, desta vez não foi isso que aconteceu.

E Thad achou graça quando, subitamente, verificou que ele próprio estava terrivelmente excitado. Pensou até em persuadir Liz a irem l para cima - mas, foi então que se lembrou de que, daqui a nada, os técnicos da Polícia Estadual estariam l em cima, a quererem fazer mais coisas misteriosas aos seus telefones obsoletos de uma só linha.

"Nem sequer posso ir para a cama", pensou ele. "Então, que é que fazemos?"

Mas a resposta era bastante simples. Esperavam, era isso que faziam.

Também não tiveram de esperar muito tempo pelo seguinte acepipe horrível: afinal de contas, Stark apanhara Cowley. De alguma forma, conseguira armadilhar a porta depois ,de ter emboscado os técnicos que tinham feito a mesma coisa ao telefone de Rick que aqueles homens na sala de estar estavam a fazer ao dos Beaumont. Quando Rick rodou a chave no trinco, a porta limitou-se a explodir.

Foi Alan quem trouxe as notícias. Não percorrera mais de cinco quilómetros estrada abaixo na direcção de Orono quando a informação da explosão foi transmitida na r dio.

Regressara, então, de imediato.

- Mas o Alan disse-nos que o Rick estava seguro - afirmou Liz, com a voz e o olhar languido. Até mesmo o cabelo parecia ter perdido o brilho. - Praticamente garantiu-nos isso.

- Enganei-me. Lamento muito.

Alan sentiu-se tão chocado quanto Liz Beaumont olhava e soava, mas estava a tentar com todas as suas forças não deixar transparecer nada. Lançou um breve olhar a Thad, que estava a fit -lo com uma espécie de tranquilidade no olhar vidrado. Um sorrisinho triste aflorou em redor dos cantos da boca de Thad.

"Ele sabe aquilo em que eu estou a pensar neste preciso momento. " Provavelmente não era verdade, mas, para Alan, era como se fosse

verdade. "Bem... talvez não TUDO, mas uma parte. Talvez até mesmo uma boa parte. Até pode ser que esteja a fazer muito mal em esconder-lhe isto, mas não creio que o problema seja esse. Penso que é ele.

- Você sup“s uma coisa que acabou por estar errada, é tudo - retorquiu Thad. - Acontece aos melhores. Talvez deva voltar atr s e pensar um pouco mais em George Stark.

O que é que acha, Alan?

- Que talvez você possa ter razão - respondeu Alan, afirmando para si próprio que só estava a dizer aquilo para agradar aos dois. Mas o rosto de George Stark, ainda nunca visto excepto através da descrição de Thad Beaumont, começara a espreitar por cima do seu ombro. Apesar de ainda não o conseguir ver, Alan conseguia sentir a sua presença, a olhar.

- Quero falar com esse doutor Hurd...

- Hume - corrigiu Thad. - George Hume.

- Obrigado. Quero falar com ele, por isso vou estar por aqui. Se o FBI acabar por aparecer, gostariam que, mais tarde, desse um salto até c ?

- Nnão sei O que o Thad Densa sobre isso mas eu gostaria muito - respondeu Liz.

Thad acenou com a cabeça.

Alan disse:

- Lamento muito tudo isto, mas o que ainda lamento mais foi ter-vos prometido que tudo iria correr bem quando, afinal, acabou por assim não acontecer.

- Numa situação como esta, creio que é f cil subestimar-se tudo - disse Thad. - Contei-lhe a verdade, pelo menos a verdade como eu a vejo, por uma simples razão.

Se for Stark, penso que uma série de pessoas irão subestim -lo antes de tudo isto estar acabado.

Alan desviou o olhar de Thad para Liz e desta de novo para Thad. Após um longo espaço de tempo, durante o qual não se ouviu um £nico som excepto os guardas da protecção policial de Thad a falarem um com o outro … porta de entrada (um outro encontrava-se nas traseiras),

Alan acabou por dizer:

- O raio da coisa é que vocês acreditam realmente nisso, não é verdade?

- Eu, pelo menos, acredito - confirmou Thad.

- Eu não - retorquiu Liz, tendo ambos olhado para ela, espantados. - Eu não acredito. Eu sei.

Alan suspirou e enfiou as mãos bem no fundo dos bolsos.

- H ainda mais uma coisa que eu gostaria de saber - disse ele. - Se isto que vocês dizem for verdade... eu não acredito, não consigo acreditar, presumo que se possa dizer...

mas se assim for, que raio de coisa é que este tipo quer?

Apenas vingança?

- Nada disso - respondeu Thad. - Ele quer a mesma coisa que eu ou o Alan quereríamos se estivéssemos no lugar dele. Quer deixar de estar morto. é só isso que quer.

Quer deixar de estar morto. Eu sou o £nico que talvez possa conseguir que isso aconteça. E se não conseguir, ou não quiser... bem... ele pode, pelo menos, certificar-se de que não fica sozinho.

Dezasseis

GEORGE STARK TELEFONA

1

Alan saíra para ir falar com o Dr. Hume e os agentes do FBI estavam apenas a concluir o interrogatório - se é que essa é a palavra correcta para algo que parecia ser tão peculiarmente cansativo e sem método - quando George Stark telefonou. A chamada chegou menos de cinco minutos depois de os técnicos da polícia estadual (que se chamavam a si próprios "os homens das linhas") se terem finalmente dado por satisfeitos com os acessórios com que haviam equipado os telefones dos Beaumont.

Tinham ficado indignados, mas, aparentemente, não muito surpreendidos, por verificarem que, sob o exterior moderno dos telefones Merlin dos Beaumont, teriam de haver com o antiquado sistema de marcação rotativo da vib X de Ludlow.

- é difícil de acreditar - observou o homem das linhas que se chamava Wes (num tom de voz que sugeria que, na verdade, não era de se esperar mais nada aqui na terra-de-ninguém).

Lentamente, o outro homem das linhas, Dave, dirigia-se para o camião de caixa fechada com a intenção de ir buscar os adaptadores apropriados de que pudessem vira necessitar para colocar os telefones dos Beaumont em sintonia, na lei, tal como ela existe nos £ltimos anos do século xx. Wes revirou os olhos, tendo, de seguida, olhado para Thad, como se este o devesse ter informado logo desde o início de que ainda estava a viver na era pioneira dos telefones.

Qualquer um dos homens das linhas limitou-se a lançar um r pido olhar de relance pelos homens do FBI que tinham voado até Bangor vindos da filial em Bóston e, de seguida, atravessado heroicamente de carro a região selvagem infestada de ursos e lobos entre Bangor e Ludlow. Os homens do FBI bem que podiam existir num espectro de luz inteiramente diferente, tão invisível para os homens das linhas da polícia estadual como raios infravermelhos ou raios X.

- Todos os telefones da vila são assim - disse Thad humildemente, ciente de que estava a começar a padecer de uma azia incomodativa. Em circunst*f*ncias normais, teria ficado de mau humor e de trato difícil.

Contudo, nesse dia, apenas se sentia cansado, vulner vel e terrivelmente triste.

Os pensamentos dele acabavam sempre por se virar para o pai de Rick, que vivia em Tucson, e para os pais de Miriam, que viviam em San Luis Obispo. Em que é que o velho Sr. Cowley estaria a pensar naquele exacto momento? Em que é que os Penningtons estariam a pensar? Como é que estas pessoas, muitas vezes referidas em conversas mas nunca de facto apresentadas, estariam a enfrentar a situação? Como é que se lidaria não apenas com a morte de um filho, mas com a morte inesperada de um filho adulto? Como é que se lidaria com o facto simples e irracional do assassínio?

Thad deu-se conta de que estava a pensar nos sobreviventes e não nas vítimas por uma razão muito simples e depressiva: sentia-se respons vel por tudo. Porque não? Se não fosse ele o culpado pelo aparecimento de George Stark, quem éque seria? Bobcat Goldthwaite'? Alexander Haig? O facto de o antiquado sistema de marcação rotativa que ainda se encontrava em uso nesta região tornar inesperadamente difícil a colocação de escutas nos telefones era mais uma outra coisa da qual se sentia culpado.

- Penso que est tudo, senhor Beaumont - disse um dos homens do FBI, que estivera a rever os seus apontamentos, aparentemente tão esquecido da presença de Wes e de Dave como os dois homens das linhas estavam da sua. De seguida, o agente de nome Malone fechou o bloco de notas com uma pequena sacudidela. O bloco era encadernado a couro, com as iniciais do agente discretamente gravadas a prata no canto inferior esquerdo da capa. O agente vestia um fato cinzento conservador, e o cabelo estava penteado para o lado esquerdo, dividido por uma linha que parecia ter sido feita com uma régua. - Tens mais alguma coisa, Bill?

Bill, também conhecido por agente Prebble, fechou o seu próprio bloco de notas - também encadernado a couro, mas sem iniciais - com uma sacudidela e abanou a cabeça.

- Não. Penso que é tudo. - O agente Prebble vestia um fato castanho conservador. Também o cabelo deste estava penteado para o lado esquerdo, dividido por uma linha que parecia ter sido feita com uma régua. - Talvez mais tarde, no decurso da investigação, possamos ter mais algumas questões, mas, para j , temos aquilo de que precisamos.

Gostaríamos de agradecer aos dois pela vossa colaboração. - O agente lançou-lhes um sorriso aberto, revelando uns dentes onde tinham sido colocadas coroas ou que eram tão perfeitos que acabavam por ser estranhos. Thad reflectiu: "Se f"ssemos cinco, penso que teria dado a cada um certificado de "HOJE FOI UM DIA DE CARA RISONHA!" para levarmos para casa e mostrarmos … mamã."

- De nada - retorquiu Liz numa voz lenta e distraída, massajando ao de leve a têmpora esquerda com as pontas dos dedos, como se estivesse no início de uma terrível dor de cabeça.

"Provavelmente", pensou Thad, "est mesmo." Olhou depois de relance para o relógio na prateleira da lareira e viu que j passava das duas e meia. Seria esta a tarde mais longa da sua vida? Apesar de não gostar de fazer juízos apressados, era isso que temia.

Liz levantou-se.

- Caso não haja problemas, creio que vou descansar um pouco. Não me sinto l muito bem.

- Essa é uma boa... - Ideia era, est claro, o que ele pretendia dizer para rematar a conversa, mas, antes que o pudesse fazer, o telefone soou.

Olharam todos para o aparelho, e Thad começou a sentir o pescoço a latejar com força. Uma bolha fresca de cido, quente e abrasadora, começou a subir lentamente pelo peito acima, parecendo espalhar-se pela parte de tr s da garganta.

- óptimo - disse Wes satisfeito. - Assim não precisamos de mandar ninguém … rua para fazer uma chamada de experiência.

De repente, Thad teve a sensação de que estava envolvido por um manto de ar frio, que o seguiu quando se dirigiu para o telefone, que agora partilhava a mesa com uma engenhoca que se assemelhava a um tijolo de lucite com luzes cravadas num dos lados. Uma das luzes acendia sempre que o telefone tocava.

"Onde estão os p ssaros? Eu devia estar a ouvir os p ssaros." Mas não havia p ssaros alguns; o £nico som audível era o toque exigente do telefone Merlin.

Wes encontrava-se ajoelhado junto … lareira, a arrumar as ferramentas numa mala preta que, com os seus trincos cromados de tamanho grande, se assemelhava … marmita de uM trabalhador. Dave

estava encostado … entrada da porta que separava a sala de estar da sala de jantar. Perguntara a Liz se podia comer uma das bananas que se encontravam numa fruteira sobre a mesa, estando agora a descasc -la de modo absorto, interrompendo a operação de tempos a tempos para examinar o seu trabalho com o olhar crítico de um artista que se debate com a sua criação.

- Porque é que não vais buscar o verificador do circuito? - perguntou este £ltimo a Wes. - Se for preciso alguma clarificação da linha, podemos fazer isso enquanto aqui estamos. Pode poupar-nos uma segunda viagem.

- Boa ideia - retorquiu Wes, tirando da marmita de tamanho gigante algo semelhante a uma coronha de pistola.

Ambos os homens pareciam estar ligeiramente na expectativa e nada mais. Os agentes Malone e Prebble estavam de pé, a guardar os blocos de notas e a sacudir a ponta aguçada dos vincos das pernas das calças. Na generalidade, confirmavam a primeira opinião de Thad: estes homens assemelhavam-se mais a consultores de impostos da H&R Block do que a agentes especiais com ordem para matar. Malone e Prebble pareciam nem dar pelo telefone a tocar.

Mas Liz dava. Parara de esfregar a têmpora e estava a olhar para Thad com os olhos arregalados e assustados de um animal encurralado. Prebble estava a agradecer-lhe o café e as bolachas, e parecia não estar ciente quer da sua incapacidade de Lhe responder quer de o telefone estar a tocar.

"Que é que se passa com esta gente?" Subitamente, Thad teve vontade de gritar. "Antes de mais nada, por que carga de gua é que instalaram todo este equipamento?"

Estava a ser injusto, claro. Porque, de facto, seria uma grande coincidência se a primeira pessoa a telefonar para os Beaumont uns meros cinco minutos depois de a instalação do equipamento de escuta e localização de chamadas estar completa fosse o homem de quem andavam atr s... ou pelo menos era isso que diriam se alguém se tivesse dado ao trabalho de Lhes perguntar. As coisas não acontecem dessa forma no mundo maravilhoso da lei tal como esta existe nos £ltimos anos do século xx, teriam eles dito. Thad, é um outro escritor que Lhe est a telefonar para Lhe falar sobre uma ideia que acabou de ter quanto a um enredo ou

talvez alguém que queira saber se a sua mulher pode dispensar uma ch vena de aç£car. Mas o tipo que pensa ser o seu alter-ego? Nem pensar, amigo. • muito cedo, era muita sorte.

Só que era Stark. Thad conseguia cheir -lo. E, ao olhar para Liz, apercebeu-se de que esta também sabia.

Neste momento, Wes estava a olhar para ele, sem d£vida alguma a interrogar-se por que é que Thad não atendia o telefone, agora que j possuía um aparelho de escuta novinho em folha.

"Não te preocupes", pensou Thad. "Não te preocupes.

ele vai esperar. é que ele sabe que nós estamos em casa."

- Bem, penso que os vamos deixar em paz, senhora Beau... - começou Prebble, tendo Liz respondido numa voz calma mas terrivelmente pesarosa:

- Penso que talvez seja melhor os senhores esperarem, por favor.

Thad atendeu o telefone e gritou:

- Que é que tu queres, seu filho da mãe? Que porra é que queres?

Wes deu um salto. Dave estacou quando se preparava para dar a primeira dentada na banana. A cabeça dos agentes federais viraram-se de imediato. Thad deu por si próprio a desejar com uma intensa ang£stia que Alan Pangborn ali estivesse em vez de estar a falar com o Dr. Hume l em Orono.

Também Alan não acreditava em Stark, pelo menos por enquanto, mas ao menos ele era humano. Thad sup“s que estes outros também pudessem ser humanos, mas tinha sérias d£vidas quanto ao facto de eles saberem ou não que ele e Liz também o eram.

- é ele, é ele! - disse Liz para Prebble.

- Oh, meu Deus - retorquiu Prebble. Ele e o outro agente intrépido da lei trocaram entre si um olhar de perplexidade: "Que porra é que fazemos agora?"

Thad ouviu e viu estas coisas mas estava longe delas.

Longe até de Liz. Agora, só existiam ele e Stark. Juntos de novo pela primeira vez, como os antigos anunciantes de vaudeville costumavam dizer.

- Acalma-te, Thad - disse George Stark, que parecia divertido. - Não h necessidade alguma de te irritares assim tanto. - Era a voz que ele esperara.

Os dois homens das linhas conferenciaram entre si por um instante, tendo Dave, de seguida, desatado a correr em direcção ao camião de caixa fechada e ao telefone auxiliar.

Segurava ainda a banana na mão. Wes correu para as escadas da cave para verificar se o gravador activado por voz estava a funcionar.

Os lacaios intrépidos do Efe Bê I ficaram no meio da sala de estar, a entreolharem-se. Davam a impressão de que desejavam p"r os braços … volta um do outro … guisa de consolo, como bebés perdidos nas matas.

- O que é que tu queres? - repetiu Thad numa voz mais serena.

- Ora, apenas dizer-te que est tudo acabado - replicou Stark. - Apanhei o £ltimo ao meio-dia de hoje: aquela rapariguinha que costumava trabalhar na Darwin Press. E para o chefe do departamento de contabilidade? - indagou ele. - Foi ela quem começou por meter aquele rapaz, Clawson, em toda esta história - prosseguiu Stark. - Os polícias vão encontr -la; ela tem uma casa na Segunda Avenida, no sentido de quem desce para a baixa da cidade. Uma parte dela est espalhada pelo chão; coloquei o resto sobre a mesa da cozinha.

- Riu-se. - Tem sido uma semana atarefada, Thad. Tenho andado a saltitar com tanta rapidez como um coxo num concurso de pontapés no rabo. Telefonei apenas para te tranquilizar.

- Não me parece que haja alguma coisa de tranquilizante - retorquiu Thad.

- Bem, d tempo ao tempo, velha carcaça; d tempo ao tempo. Acho que vou para sul, vou fazer umas quantas pescarias. Esta cidade cansa-me muito. - Stark lançou uma gargalhada, um som tão monstruosamente animado que fez Thad ficar todo arrepiado.

Ele estava a mentir.

Thad estava tão certo disto como de que Stark esperara até o equipamento de escuta e localização de chamadas estar instalado para fazer a chamada. Poderia ele saber uma coisa como essa? A resposta era "sim". Apesar de Stark estar a telefonar de um local qualquer da cidade de Nova Iorque, os dois estavam unidos entre si pelo mesmo laço invisível

mas ineg vel que, normalmente, liga um par de gémeos. Eles eram gémeos, metades do mesmo todo, e Thad estava aterrorizado ao ver que uma parte de si estava a deixar o seu corpo, a deixar-se levar através da linha telefónica, não todo o caminho até Nova Iorque, não, mas até metade; encontrar o monstro no centro deste umbigo, possivelmente no Massachussetts Ocidental, onde os dois se encontrariam e se fundiriam de novo, da mesma forma que, de algum modo, se tinham encontrado e fundido sempre que Thad colocara a capa sobre a m quina de escrever e preferido um daqueles malditos l pis Berol Black Beauty.

- Seu cabrão mentiroso! - gritou Thad.

Os agentes do FBI saltaram como se tivessem sido enrabados.

- Olha, Thad, isso não é l muito simp tico! - replicou Stark, parecendo magoado. - Pensavas que eu te ia fazer mal?

Raios, não! Filho, eu estava a vingar-me por ti!

Sempre soube que tinha de ser eu a fazer isso. Sei que és um grande medroso, mas não penses que fico ressentido;

são precisas todo o género de pessoas para fazer girar um mundo tão atarefado como o nosso. Porque raio é que me daria ao trabalho de me vingar por ti se, depois, ia arranjar as coisas para tu não poderes apreci - las?

Os dedos de Thad tinham-se aproximado da pequena cicatriz branca na testa, esfregando-a com força suficiente para ficar com a pele avermelhada. Thad deu por si a tentar - a tentar desesperadamente - agarrar-se a si mesmo.

Agarrar-se … própria realidade b sica.

"Ele est a mentir e eu sei porquê, e ele sabe disso, sabe que não importa porque ninguém vai acreditar em mim.

Sabe como tudo isto parece estranho para eles, e sabe que eles estão a ouvir e aquilo em que eles pensam... mas também sabe como eles pensam, e isso f -lo sentir seguro.

Acreditam que ele é um psicopata que pensa que é George Stark, porque é isso que é suposto eles pensarem. Pensar de outra forma seria ir contra tudo o que aprenderam, contra tudo aquilo que são. Nem todas as impressões digitais no mundo mudarão isso. Ele sabe que se der a

entender que não é George Stark, que se der a entender que finalmente descortinou isso, eles ficarão mais descansados. Não irão retirar a protecção policial... mas ele pode apress -los."

- Sabes de quem partiu a ideia de te enterrar. Partiu de mim.

- Não, não! - disse Stark facilmente. - Est s enganado, é tudo. Quando aquele nojento do Clawson apareceu, ele deitou-te abaixo por uma insignific*f*ncia: foi isso que aconteceu. Depois, falaste com aquele macaco amestrado que se autointitulava teu agente liter rio, e ele deu-te um conselho realmente mau. Thad, foi como se alguém tivesse feito uma grande porcaria na mesa da tua sala de jantar e tu tivesses telefonado para uma pessoa em quem confiavas para lhe perguntares o que havias de fazer, e essa pessoa te tivesse dito: "Não h problema nenhum; despeja um pouco de molho de porco sobre aquilo. Merda com moLho de porco sabe muito bem numa noite fria." Nunca terias feito aquilo que fizeste por ti próprio. Tenho a certeza disso. velha carcaça.

- Isso é uma maldita mentira e tu sabes!

E, subitamente, Thad apercebeu-se de quão perfeito isto era, e de quão bem Stark entendia as pessoas com quem lidava. "Ele vai sair-se com essa muito em breve. Ele vai sair-se com essa e dizer que não é George Stark. E eles vão acreditar quando ele fizer isso. Vão ouvir a gravação que est a ser feita na cave neste preciso momento, e vão acreditar no que ele disser, Alan e todos os outros. Porque isso não é apenas aquilo em que querem acreditar, é aquilo em que j acreditam."

- Não sei do que é que est s a falar - retorquiu Stark muito calmo, quase amistoso. - Não te vou incomodar mais, Thad, mas, antes de ir, permite-me que te dê mais um pequeno conselho, que talvez te possa ser £til: não te ponhas a pensar que sou George Stark. Esse foi o erro que eu cometi. Tive de ir matar uma data de gente apenas para p“r a minha cabeça de novo no lugar.

Thad ouviu isto, completamente fulminado. Havia coisas que era suposto ele estar a dizer. No entanto, Thad parecia não conseguir ultrapassar aquele sentimento esquisito de separação do próprio corpo e este outro sentimento de perplexidade perante o desplante puro e perfeito deste homem.

Pensou na conversa in£til que mantivera com Alan Pangborn, e interrogou-se de novo sobre quem seria ele quando inventara Stark, que

começara apenas por ser uma outra história. Onde se situava exactamente a linha da crença? Ser que ele criara aquele monstro por, de algum modo, ter perdido aquela linha ou ser que existia um outro factor qualquer, um factor X que não conseguia ver mas apenas ouvir nos chilreios daqueles p ssaros fantasmas?

- Não sei - estava a dizer Stark com uma gargalhada f cil - , talvez, na verdade, seja tão maluco como eles costumavam dizer quando estava naquele sítio.

"Oh, óptimo, isso é óptimo, leva-o a procurar nos asilos de loucos do sul por um homem alto, de ombros largos e cabelo louro. Apesar de não os afastar a todos, j é um bom começo, não é?"

Thad segurou no telefone com mais firmeza, com a cabeça agora a pulsar com uma raiva doentia.

- Mas não estou nada arrependido de o ter feito porque eu realmente adorava aqueles livros, Thad. Quando eu estava... l ... naquele sítio de loucos... penso que eram as £nicas coisas que me mantinham são. E sabes que mais'> Agora sinto-me muito melhor. Tenho a certeza de quem sou, e isso j é alguma coisa. Penso que se pode chamar …quilo que fiz uma terapia, mas não me parece que tenha muito futuro, pois não?

- Raios te partam, p ra de mentir! - berrou Thad.

- Até que podíamos falar sobre isso - retorquiu Stark. - Podíamos falar sobre isso enquanto íamos ao Inferno e volt vamos, mas iria demorar um bocado. Aposto que eles te disseram para me manteres na linha, não foi?

- "Não. Eles não precisam de ti na linha. E tu também sabes isso."

- D cumprimentos meus … tua encantadora mulher - prosseguiu Stark num tom que quase soou a reverência. - Toma conta dos teus bebés. E tu tem cuidado contigo, Thad. Não te vou incomodar mais. é... - E os p ssaros? - perguntou Thad subitamente. - Ouves os p ssaros, George?

Seguiu-se um silêncio inesperado na linha. Thad pareceu sentir um toque de surpresa nesse silêncio... como se, pela primeira vez no decurso da conversa, algo não estivesse a correr de acordo com o guião cuidadosamente preparado por George Stark. Ele não sabia exactamente porquê, mas era como se os seus terminais nervosos possuíssem um certo entendimento misterioso que o resto dele não possuía.

Thad sentiu um instante de triunfo impetuoso: o género de triunfo que um pugilista amador deve sentir ao furar a guarda de Mike Tyson e, por momentos, deix -lo perplexo enquanto é esmurrado.

- George: ouves os p ssaros?

O tiquetaque do relógio sobre a prateleira da lareira constituía o £nico som audível na sala. Liz e os agentes do FBI olhavam fixamente para ele.

- Não sei de que é que est s a falar, velha carcaça - retorquiu Stark lentamente. - Ser que tu...

- Não - afirmou Thad, rindo-se desvairadamente. Os dedos continuavam a esfregar a pequena cicatriz branca na testa, cuja forma se assemelhava ligeiramente a um ponto de interrogação. - Não, tu não sabes de que é que eu estou a falar, pois não? Bem, agora vais ouvir-me por um minuto, George. Eu ouço os p ssaros. Ainda não sei o que é que eles significam... mas hei-de l chegar. E quando souber...

E foi aí que as palavras pararam de sair. Quando soubesse, o que é que aconteceria? Thad não sabia.

Lentamente e com grande ponderação e ênfase, a voz do outro lado da linha afirmou:

- Thad, não estou interessado em saber em que é que est s a falar. Porque isto j acabou.

Ouviu-se um estalido. Stark fora-se. Thad sentiu-se como se estivesse a ser puxado através da linha do telefone a partir daquele ponto de encontro mítico no Massachussetts Ocidental, puxado não … velocidade do som ou da luz mas … do pensamento, e atirado de novo com força para tr s, para o seu próprio corpo, Stark nu de novo.

"Meu Deus."

Thad largou o telefone, tendo este ido cair de lado sobre o gancho. Virou-se, caminhando sobre pernas que davam a sensação de serem andas, não se dando ao trabalho de p“r o telefone no devido lugar.

Dave entrou a correr na sala vindo de um lado e Wes de outro.

- Funcionou …s mil maravilhas! - gritou Wes. Os agentes do FBI deram mais um salto. Malone lançou um gritinho, muito parecido com aquele geralmente atribuído …s mulheres nas bandas desenhadas quando

acabam de ver um rato. Thad tentou imaginar como é que estes dois se sairiam num confronto com um bando de terroristas ou assaltantes de banco dispostos a matar, mas não conseguiu.

"Talvez esteja apenas demasiado cansado", pensou.

Os dois homens das linhas deram um passinho de dança desajeitado, dando palmadinhas nas costas um do outro.

De seguida, precipitaram-se os dois para a carrinha do equipamento.

- Era ele - disse Thad a Liz. - Ele disse que não era, mas era ele. Ele.

Liz aproximou-se do marido, tendo-o abraçado com força, e ele precisava disso - só quando ela assim o fez é que Thad se apercebeu do quanto precisava desse abraço.

- Eu sei - sussurrou ela ao ouvido de Thad, que mergulhou o rosto no cabelo dela e fechou os olhos.

2

A gritaria acordara os gémeos; estavam ambos a chorar a plenos pulmões no andar de cima. Liz foi ter com eles.

Thad começou a segui-la, mas voltou atr s para colocar o auscultador no lugar sobre o gancho. Este voltou a tocar.

Alan Pangborn estava do outro lado da linha. Fizera uma paragem na Central da Polícia Estadual de Orono para tomar um café antes do encontro com o Dr. Hume, e estava aí quando Dave, o homem das linhas, enviara por r dio a novidade da chamada e dos resultados preliminares da sua localização. Alan parecia estar muito animado.

- Ainda não localiz mos a chamada por completo mas sabemos que veio da cidade de Nova Iorque, código de rea duzentos e doze - disse ele. - Mais cinco minutos e conseguimos a localização correcta.

- Era ele - repetiu Thad. - Era Stark. Afirmou que não era, mas era ele. Alguém tem de ir ver o que se passa com a rapariga que ele mencionou. O nome é provavelmente Darla Gates.

- A cabra de Vassar com os maus h bitos nasais?

- Exacto - respondeu Thad, embora duvidasse que Darla tivesse de se voltar a preocupar com o nariz dela, de uma forma ou de outra.

Thad sentiu-se imensamente cansado.

- Vou passar o nome para o DPNI. Como é que se sente, Thad?

- Estou bem.

- E Liz?

- Ponha de parte as boas maneiras por agora, est bem? Ouviu aquilo que eu disse? Era ele. Não importa o que ele disse, era ele.

- Bem... porque é que não esperamos e vemos o que resulta da localização?

Havia algo na voz dele que Thad nunca escutara até então. Não o género de incredulidade cautelosa que evidenciara quando se dera conta, pela primeira vez, de que os Beaumont estavam a falar sobre George Stark como alguém que existia realmente, mas uma espécie de constrangimento. Thad teria evitado com a maior das alegrias ter-se apercebido deste facto mas era demasiado claro na voz do xerife. Constrangimento, e de um tipo muito especial - o género que se sentia por alguém demasiado perturbado ou est£pido ou talvez demasiado insensato para sentir isso por si próprio. Thad sentiu uma pontada de graça amarga ao pensar nesta ideia.

- Muito bem, vamos esperar e ver - concordou Thad.

- E enquanto aguardamos e vemos, espero que se apresse. - Pangborn começou a falar sobre ter de fazer uma outra chamada antes de se ir embora, mas, subitamente, Thad deixou de se interessar. O cido estava de novo a infiltrar-se pelo est"mago acima e, desta vez, era um vulcão.

"George matreiro", pensou ele. "Eles pensam que vêem através dele. Ele quer que eles pensem assim. Ele est a vê-los a olhar através dele e, quando se forem embora, quando estiverem suficientemente longe, o velho George matreiro vai chegar no Toronado preto. E que vou eu fazer para trav -lo?"

Thad não sabia.

Desligou o telefone, cortando o fio de voz de Alan Pangborn, e foi até ao andar de cima ajudar Liz a mudar os gémeos e a vesti-los para a tarde.

E não parou de pensar no modo como se sentira, como se sentira ser, de alguma forma, encurralado numa linha telefónica que atravessa

por debaixo da terra a região rural do Massachussets Ocidental, encurralado aqui em baixo no escuro com o velho George Stark matreiro. Thad sentira-se como se estivesse em Endsville.

3

Dez minutos mais tarde, o telefone tocou de novo. Deixou de tocar a meio do segundo toque, tendo Wes, o homem das linhas, chamado Thad ao telefone. Este desceu as escadas para atender a chamada.

- Onde estão os agentes do FBI? - perguntou a Wes.

Por um instante, Thad esperou realmente que Wes dissesse "Agentes do FBI? Não vi quaisquer agentes do FBI."

- Eles? Saíram. - Wes encolheu os ombros com força, como que a perguntar a Thad se era de esperar outra coisa.

- Têm todos aqueles computadores, e se não brincam com eles, aposto que as pessoas se interrogam porque é que os computadores estão tanto tempo desligados. Ainda Lhes faziam um corte no orçamento, ou coisa parecida.

- Eles fazem alguma coisa?

- Nadinha - replicou Wes simplesmente. - Não em casos como estes. Ou se fazem, nunca estive por perto quando o fizeram. L que escrevem coisas, disso não h d£vida.

Depois, põem-nas dentro de um computador num lugar qualquer. E como lhe digo.

- Compreendo.

- Eu e o Dave também nos vamos embora - informou Wes olhando para o relógio. - O equipamento funciona sozinho. O senhor nem sequer vai receber a conta.

- óptimo - disse Thad, dirigindo-se para o telefone.

- E obrigado.

- Sempre …s ordens, senhor Beaumont.

Thad virou-se.

- Se quisesse ler um dos seus livros, acha que me safaria melhor com um dos que escreveu com o seu nome ou com um dos outros com o

nome do outro tipo?

- Tente o outro tipo - retorquiu Thad, pegando no telefone. - Tem mais acção.

Wes acenou a cabeça, esboçou um cumprimento e saiu.

- Est l ? - disse Thad, com a impressão de que, em breve, deveria enxertar um telefone num dos lados da cabeça.

Pouparia tempo e complicação. Com equipamento de gravação e localização de chamadas incorporado, est claro. E poderia andar com ele por aí numa mochila.

- Ol , Thad. Alan. Ainda estou na Esquadra da Polícia Estadual. Ouça: as notícias sobre a localização da chamada não são tão boas quanto isso. O seu amigo fez a chamada de uma cabina telefónica na Estação Penn.

Thad recordou-se daquilo que o outro homem das linhas, Dave, dissera quanto a instalar todo aquele dispendioso equipamento de alta tecnologia para localizar uma chamada numa cabina telefónica num centro comercial algures por aí.

- Est surpreendido?

- Não. Desapontado, mas não surpreendido. Continuamos … espera de um deslize e, quer acredite quer não, mais cedo ou mais tarde, geralmente conseguimos um.

Gostaria de passar por aí esta noite, est bem?

- Tudo bem - anuiu Thad - , porque não? Se as coisas ficarem monótonas, podemos sempre jogar brídege.

- Esperamos conseguir ter as impressões vocais prontas.

- Então, arranjam a impressão da voz dele, e depois?

- Não é impressão. Impressões.

- Eu não...

- Uma impressão vocal é um gr fico gerado por computador que regista com toda a exactidão as qualidades vocais de uma pessoa - explicou Pangborn. - Não tem nada a ver com a fala propriamente dita: não estamos interessados nas pron£ncias, deficiências da fala, dicção e esse género de coisas. O computador sintetiza, sim, o registo e o tom,

aquilo a que os peritos chamam voz principal, e o timbre e a resson*f*ncia, que são conhecidos como voz do peito ou da traqueia. São impressões digitais verbais e, tal como estas, ainda nunca ninguém descobriu duas que fossem exactamente iguais. Disseram-me que a diferença entre impressões vocais de gémeos idênticos é muito maior do que a diferença entre as impressões digitais. - Fez uma pausa. - Envi mos para o GFCL, em Washington, uma cópia de alta resolução da gravação que fizemos. O que vamos conseguir é uma comparação entre a sua impressão vocal e a dele. Os tipos aqui da Central da Polícia tiveram vontade de me dizer que eu não estava bom da cabeça.

Conseguia ler nos rostos deles, mas, depois das impressões digitais e do seu libi, ninguém teve a lata de aparecer e dizer o que quer que fosse.

Thad abriu a boca, tentou falar, mas não conseguiu.

Molhou os l bios, tentou de novo, mas continuou sem conseguir.

- Thad? Não me vai desligar o telefone de novo, pois não?

- Não - retorquiu ele e, subitamente, teve a sensação de que existia um grilo no meio das cordas vocais. - Muito obrigado, Alan.

- Não, não diga isso. Eu sei porque é que me est a agradecer mas não pretendo engan -lo. Tudo aquilo que estou a tentar fazer não passa do procedimento de investigação habitual. Neste caso, o procedimento é, sem d£vida, um pouco esquisito porque as circunst*f*ncias são também algo insólitas. Mas isso não significa que você faça suposições injustificadas. Est a perceber-me?

- Sim. O que é o GFCL?

- O G...? Oh. O Gabinete Federal de Cumprimento da Lei.

Talvez a £nica coisa boa que o Nixon fez durante todo o maldito tempo em que esteve na Casa Branca. é maioritariamente constituído por bancos de computador que funcionam como uma espécie de c*f*mara de compensação central para os gabinetes locais de cumprimento da lei... e para os programadores que os põem a funcionar, est claro. Temos acesso …s impressões digitais de praticamente todas as pessoas na América condenadas por um delito grave desde aproximadamente mil novecentos e sessenta e nove. O gabinete fornece igualmente relatórios balísticos para comparação, os tipos de sangue dos criminosos quando disponíveis, impressões vocais, e fotografias de

criminosos suspeitos criadas por computador.

- Portanto, vão ver se a minha voz e a dele...?

- Sim. Devemos ter os resultados por volta das sete ou, o mais tardar, …s oito, se os computadores por aqui estiverem todos a funcionar.

Thad estava a abanar a cabeça.

- Não tínhamos a voz nada parecida.

- Eu ouvi a gravação e estou ciente disso - disse Pangborn. - Vou repetir: a impressão vocal não tem nada a ver com a fala. Voz da cabeça e voz da traqueia, Thad. é disso que se trata e h uma grande diferença.

- Mas...

- Diga-me c uma coisa. O Elmer Fudd e Daffy Duck soam de igual modo para si?

Thad pestanejou.

- Bem... não.

- Para mim também não - retorquiu Pangborn - , mas é um tipo chamado Mel Blanc que faz as duas vozes... j para não falar nas vozes do Bugs Bunny, do Tweetie e Deus sabe quantos outros mais. Tenho de ir andando. Vejo-o logo … noite, est bem?

- Sim.

- Entre as sete e meia e as nove, certo?

- Estaremos … sua espera, Alan.

- Muito bem. Qualquer que seja o desenvolvimento desta história, amanhã tenho de estar de volta a Castle Rock e l terei de ficar, salvo no caso de algum acontecimento inesperado.

- Depois de ensinada, a criança tem de andar por si só!

não é? - perguntou Thad, tendo pensado: "Afinal de contas, é com isso que ele est a contar."

- Sim: tenho muitos outros peixes para fritar. Nenhum tão grande como este, mas as pessoas do m£nicípio de Castle pagam o meu sal rio para os apanhar. Sabe o que é que isso significa? - Para Thad, esta pareceu ser uma pergunta importante e não apenas um tapa-buracos ao

longo da conversa.

- Sim, sei. - "Ambos sabemos. Eu... e o George matreiro....

- Tenho de voltar mas continuar a ver um carro-patrulha da polícia estadual parado … frente da sua casa vinte e quatro horas por dia até estar tudo acabado. Thad, esses tipos são duros. E, apesar de os polícias em Nova Iorque terem baixado um pouco as defesas, os Ursos que vão tomar conta de vocês não farão isso. Ninguém vai esquecê-lo, ou deix -lo a si e … sua família sozinhos a lidar com este problema. As pessoas vão trabalhar neste caso e, enquanto o estiverem a fazer, outras pessoas ficarão a tomar conta de si e dos seus. Não tem d£vidas acerca disto, pois não?

- Não. Não tenho d£vidas. - E pensou: "Hoje.

Amanhã. Na próxima semana. Talvez no próximo mês.

Mas, e no próximo ano? Nem pensar. Eu sei isso. E ele também sabe isso. Neste preciso momento, eles ainda não acreditam totalmente naquilo que Stark disse quanto a ter voltado … razão e a ter deixado tudo para tr s. Mais tarde, vão acreditar... … medida que as semanas passarem e nada acontecer, tornar-se- mais do que prudente para eles acreditarem nisso; tornar-se- também mais económico.

Porque eu e o George sabemos como o mundo gira … volta do Sol na sua trilha habitual, tal como sabemos que, mal toda a gente fique ocupada a fritar ou tros peixes, George ir aparecer e fritar-me- a mim.

4

Quinze minutos mais tarde, Alan encontrava-se ainda na Esquadra da Polícia Estadual de Orono, ainda ao telefone, e ainda … espera. Ouviu-se um estalido na linha. Uma mulher jovem dirigiu-se-lhe num tom ligeiramente atrapaLhado.

- Importa-se de esperar um bocadinho mais, chefe Pangborn?

Sabe, o computador est num dos seus dias, lentos.

Alan pensou em dizer-lhe que era xerife e não chefe, mas não se quis dar ao trabalho. Era um erro que toda a gente cometia.

- Claro - respondeu ele.

Clique.

Alan regressou … fase da espera, aquela versão do limbo do fim do século xx.

Estava sentado num gabinetezinho apertado bem nas traseiras da esquadra; um bocadinho mais afastado ainda e teria de ir tratar dos seus assuntos no meio do matagal. A sala estava repleta de dossiers poeirentos. A £nica secret ria existente era uma carteira de escola do tempo da guerra, com a superfície inclinada, uma tampa articulada e um tinteiro. Alan equilibrou-a sobre os joelhos, balançando-a indolentemente para tr s e para a frente dessa maneira. Ao mesmo tempo, rodava a folha de papel sobre a carteira. Escrito no papel pela pequena e bem proporcionada mão de Alan, estavam duas informações: "Hugh Pritchard" e "Hospital do Município de Bergenfield, Bergenfield, Nova Jérsia."

Alan pensou na £ltima conversa que mantivera com Thad, h meia hora atr s. Aquela em que Lhe explicara como os corajosos agentes estaduais o iriam proteger a ele e … esposa do velho psicopata mau que pensava ser George Stark, se o velho psicopata mau chegasse a aparecer. Alan perguntou-se a si próprio se Thad acreditara nisso. Tinha l as suas d£vidas;

estava convencido que um homem que escrevia ficção como ganha-pão tinha um faro especial para os contos de fadas.

Bem, eles tentariam proteger Thad e Liz; pelo menos isso. Mas Alan não conseguia tirar da lembrança algo que acontecera em Bangor, em 1985.

Uma mulher pedira e recebera protecção policial após o marido, de quem se encontrava separada, a ter espancado com bastante gravidade e ameaçado voltar de novo para mat -la, caso ela fosse para a frente com os papéis do di vórcio.

Durante duas semanas, o homem nada fizera. O Departamento de Polícia de Bangor estava prestes a reti rar a protecção quando o marido apareceu, a guiar uma carrinha de lavandaria e vestido com um uniforme verde com o nome da lavandaria estampado nas costas da camisa. Dirigira-se … porta, carregando um monte de roupa lavada. Se tivesse vindo mais cedo, quando a ordem de protecção estava ainda fresca, talvez a polícia tivesse reconhecido o homem, mesmo nessa roupa de trabalho, embora isso não fosse discutível; o facto é que não o reconheceram quando ele realmente apareceu. Bateu … porta e, quando a mulhera abriu,

o marido tirou uma pistola de dentro do bolso das calças e matou-a a tiro. Antes que os polícias incumbidos de a protegerem se tivessem dado totalmente conta do que acontecera, j para não falar em saírem do carro, o homem j se encontrava no alpendre com as mãos levantadas. Lan çara a pistola fumegante para os arbustos de rosas.

- Não atirem - dissera ele com toda a calma. - J acabei.

Acabou por se descobrir que a carrinha e o uniforme tinham sido emprestadas por um velho compincha de bebida, que nem sequer sabia que o criminoso estava em litígio com a mulher.

O ponto da questão era simples: se alguém queria desesperadamente matar uma outra pessoa, e se esse alguém tivesse apenas um pouquinho de sorte, conseguiria apanh -la sem problemas de maior. Bastava pensar em Oswald; e em Chapman; bastava pensar naquilo que este Stark fizera a todas aquelas pessoas em Nova Iorque.

Clique.

- Ainda est aí, chefe? - perguntou de modo animado a voz feminina do Hospital do M£nicípio de Bergenfield.

- Sim - respondeu ele. - Ainda aqui.

- Tenho a informação que me pediu - retorquiu ela. - O doutor Hugh Pritchard reformou-se em mil novecentos e setenta e oito. Tenho uma morada e um telefone dele na cidade de Fort Laramie, Wyoming.

- Importa-se de mos dar?

Ela deu-os. Alan agradeceu-lhe, desligou o telefone e marcou o n£mero. O telefone lançou meio toque, sendo imediatamente interrompido por um gravador de chamadas que começou a recitar para o ouvido de Alan a mensagem gravada.

- Ol , daqui Hugh Pritchard - disse uma voz aborrecida.

"Bem", pensou Alan, "pelo menos o tipo ainda não bateu as botas: isso j é um passo na direcção certa." - Eu e a Helga não nos encontramos neste momento em casa.

Provavelmente estou a jogar golfe; Deus sabe o que é que a Helga andar a fazer. - Ouviu-se uma gargalhada débil, típica dos mais velhos. - Se quiser deixar alguma mensagem, por favor espere até ao sinal sonoro.

Tem cerca de trinta segundos.

Bii-iEp!

- Doutor Pritchard, daqui fala o xerife Alan Pangborn - disse ele. - Trabalho para a Polícia do Maine.

Gostaria de falar com o senhor sobre um homem chamado Thad Beaumont. Em mil novecentos e sessenta, o senhor extraiu-lhe um tumor do cérebro, quando ele tinha onze anos.

Por favor, telefone-me a pagar no destinat rio para a Esquadra da Polícia Estadual de Orono n£mero dois, zero, sete, cinco, cinco, cinco, dois, um, dois, um. Muito obrigado.

Pangborn terminou a mensagem a transpirar ligeiramente.

Falar para atendedores de chamadas sempre o fizera sentir como um concorrente no concurso Derrote o Relógio.

"Porque é que te est s a dar a todo este trabalho?"

A resposta que dera a Thad era simples: era o procedimento habitual. Contudo, o próprio Alan não podia estar satisfeito com uma resposta tão oportuna porque ele sabia que não se tratava de procedimento habitual. Até poderia ser - pelo menos concebível - se este Pritchard tivesse procedido a uma intervenção cir£rgica no homem que se chamava a si próprio Stark ("só que agora que ele diz que sabe quem ele realmente é, j não é mais Stark"), mas não tinha. Havia, sim, realizado uma intervenção cir£rgica em Beaumont e, de qualquer forma, isso ocorrera h vinte e oito anos.

Então, porquê?

Porque nada disto batia certo, essa é que era a razão.

As impressões digitais não batiam certo, o tipo de sangue obtido a partir das beatas dos cigarros não batia certo, a combinação de esperteza e f£ria homicida patenteada pelo homem que procuravam não batia certa, a insistência de Thad e Liz em que o pseudónimo existia de verdade não batia certo. Este £ltimo ponto acima de tudo. Esta insistência dos dois não passava de um atestado de loucura de um casal de malucos. E agora ele tinha em sua posse mais uma outra coisa que também não batia certo. A polícia estadual aceitara sem qualquer sentimento de d£vida a afirmação do homem de que agora j estaria ciente de quem era na

verdade.

Para Alan, tudo isto tinha a autenticidade de uma nota de três dólares. Cheirava a truque, estratagema, subterf£gio.

Alan pensou que o homem talvez ainda estivesse para aparecer.

"Mas nada disso responde … pergunta", sussurrou a mente dele. "Porque é que te est s a dar a todo este trabalho?

Porque é que est s a telefonar para Fort Laramie, no Wyoming, … procura de um velho médico que provavelmente nem sequer se lembra de Thad Beaumont?" - "Porque não tenho nada de melhor para fazer", respondeu a si próprio de forma irritada. "Porque posso telefonar daqui sem ter de ouvir os malditos membros do conselho m£nicipal a atazanar a minha cabeça por causa das tarifas das chamadas interurbanas. E porque ELES acreditam - Thad e Liz.

é certamente de loucos, mas, se não fosse por esse pormenor, eles até parecem ser bastante sãos... e, raios os partam, ELES acreditam. Mas isso não significa que eu acredite."

E não acreditava.

Ou ser que acreditava?

O dia passou-se lentamente. O Dr. Pritchard não telefonou, mas as impressões vocais surgiram pouco passava das oito, e eram absolutamente surpreendentes.

5

Não eram nada daquilo que Thad esperara.

Ele estava … espera de uma folha de papel para gr ficos, coberta por montanhas e vales pontiagudos que Alan tentaria explicar. Ele e Liz acenariam a cabeça de forma sensata, tal como as pessoas fazem quando alguém explica algo demasiado complexo para ser entendido, sabendo que se fizessem perguntas, as explicações que se seguiriam seriam ainda menos compreensíveis.

Em vez disso, Alan mostrou-lhes duas folhas lisas de papel branco, cada uma atravessada ao meio por uma £nica linha. Podiam ver-se alguns grupos de pontos altos, sempre em pares ou trios, mas, na sua maioria, as linhas não passavam de calmas ondas senoidais (ainda que bastante irregulares). E bastava saltar de uma folha para a outra a olho

nu para ver que eram idênticas ou muito semelhantes.

- é só isto? - perguntou Liz.

- Não propriamente - respondeu Alan. - Repare. - Pangborn deslizou uma folha sobre a outra, com o ar de um m gico a desempenhar um truque excepcionalmente brilhante.

De seguida, levantou as duas folhas unidas e colocou-as … contraluz. Thad e Liz fitaram as folhas duplas.

- é verdade - retorquiu Liz numa voz amena e espantada. - São exactamente iguais.

- Bem... não exactamente - afirmou Alan, apontando para os três pontos onde a linha de impressão vocal da foLha de baixo surgia através de um pequeníssimo intervalo.

Um destes pontos situava-se acima da linha da folha de cima e os outros dois abaixo. Nos três casos, os pontos situavam-se em locais onde a linha adquiria uma forma pontiaguda. As próprias ondas senoidais pareciam condizer na totalidade. - As diferenças estão nas impressões de Thad, e surgem apenas em pontos de tensão. - Alan assinalou os pontos um a um. - Aqui: "Que é que tu queres, seu filho da mãe? Que porra é que queres?". E aqui: "Isso é uma maldita mentira e tu sabes!" E, por £ltimo, aqui: "Raios te partam, p ra de mentir!" Neste preciso momento, est toda a gente a concentrar-se nestas três diferenças mínimas porque se querem agarrar de unhas e dentes ao pressuposto de que não é possível existirem duas impressões vocais iguais.

Mas o facto é que não se verificaram quaisquer pontos de tensão por parte de Stark durante a conversa. O filho da mãe manteve-se descontraído e calmo, sempre regular.

- Sim - confirmou Thad. - Ele dava a impressão de que estava a beber uma limonada.

Alan pousou as impressões vocais numa mesa.

- Ninguém na Esquadra da Polícia Estadual acredita realmente que se tratam de duas impressões vocais diferentes, mesmo com as tais diferenças mínimas - disse ele. - Recebemos as impressões de Washington com bastante celeridade. A razão por que me atrasei tanto foi porque, depois de o perito em Augusta as ter visto, ele quis uma cópia da cassete. Envi mo-la através de um voo intercalar da Eastern Airlines com

partida de Bangor, e eles submeteram as impressões a um aparelho chamado intensificador udio. Este dispositivo é utilizado para saber se alguém chegou verdadeiramente a proferir as palavras que estão a ser investigadas ou se estão a ouvir uma voz gravada.

- E ao vivo ou é Memorex? - inquiriu Thad, que se encontrava sentado ao lado da lareira, a beber uma gasosa.

Depois de ter observado as impressões vocais, Liz voltara para junto do parque, encontrando-se sentada no chão, com as pernas cruzadas, a tentar evitar que William e Wendy chocassem com as cabeças enquanto examinavam os dedinhos dos pés um do outro.

- Porque fizeram isso?

Alan levantou o polegar e apontou-o para Thad, que sorria de forma amarga.

- O seu marido sabe.

Thad perguntou a Alan:

- Com as diferenças min£sculas nos pontos altos, eles podem, pelo menos, enganar-se a eles próprios e tentar acreditar que estão em presença de duas vozes diferentes, embora tenham mais do que a certeza de que não é assim.

Era isso que queria dizer, não era?

- Sim, sim. Embora nunca tenha sequer ouvido falar de impressões vocais tão remotamente semelhantes como estas. - Alan encolheu os ombros. - Também é certo que a minha experiência neste campo não é tão grande como a dos tipos no GFCL que as estudam e fazem delas o seu ganha-pão, ou até mesmo dos tipos em Augusta, que são uma espécie de clínicos-gerais: impressões vocais, impressões digitais, pegadas, marcas de pneus. Mas, Thad, eu leio a literatura e estava l quando os resultados chegaram. Sim, é verdade que se estão a enganar a eles próprios mas não se estão a esforçar assim tanto quanto isso.

- Portanto, têm três diferençazinhas, mas estas não são suficientes. O problema é que a minha voz estava tensa e a de Stark não estava. Então, decidiram recorrer a esta coisa do intensificador na esperança de encontrarem alguma fraude. Na esperança, de facto, de que a voz de Stark acabasse por ser uma gravação. Talvez feita por mim. - Thad lançou um olhar malicioso a Alan. - Tenho direito ao frango guisado?

- Não só isso mas vai também ganhar um conjunto de copos para seis pessoas mais uma viagem com tudo pago para Kittery.

- Isso é a coisa mais louca que j ouvi em toda a minha vida - disse Liz categoricamente.

Sem muita animação, Thad lançou uma gargalhada:

- Tudo isto é de loucos. Eles pensaram que eu pudesse ter mudado a minha voz, como Rich Little... ou Mel Blanc.

A ideia é de que fiz uma gravação com a minha voz de George Stark, deixando espaço para pausas para poder responder, em frente de testemunhas, na minha própria voz. • óbvio que teria de ter comprado um dispositivo qualquer que desse para fixar um gravador de cassetes a um telefone de moedas. Esse tipo de coisas existe, não existe, Alan?

- De certeza. Disponíveis nas melhores lojas de produtos electrónicos, ou então basta ligar para o oitocentos que aparece no ecrã, onde uma assistente o atender .

- Exactamente. A £nica outra coisa de que precisaria seria um c£mplice: alguém em quem confiasse e que fosse até … Estação Penn, fixasse o gravador a um telefone certificando-se de que não era notado por ninguém e ligasse para minha casa na hora marcada. De seguida - Thad estacou. - Como é que a chamada foi paga? Esqueci-me completamente disso. Não foi paga no destinat rio.

- O n£mero do seu cartão de crédito telefónico foi utilizado - respondeu Alan. - é óbvio que o deu ao seu c£mplice.

- Sim, obviamente. Desde que esta brincadeira começou, só tive de fazer duas coisas: uma foi certificar-me de que era eu quem atendia ao telefone; a outra era não esquecer-me das deixas e enfi -las nas pausas correctas. Não diria que fiz tudo muito bem, Alan?

- Sim. Fant stico.

- O meu c£mplice desliga o telefone quando o guião assim o indica. Desengata o gravador do telefone, enfia-o debaixo do braço...

- Raios, enfia-o dentro do bolso - corrige Alan. - As coisas que agora existem são tão boas que até mesmo a CIA compra na Loja do R dio.

- Muito bem, enfia-o dentro do bolso e vai-se embora dali. O

resultado é uma conversa onde eu sou tanto visto como escutado a falar com um homem a oitocentos quilómetros de dist*f*ncia, um homem que soa diferente (que aparenta, na verdade, ter uma ligeiríssima pron£ncia entaramelada do sul), mas tem as mesmas impressões vocais que eu. é a história das impressões digitais de novo, só que agora mais aperfeiçoado. - Thad olhou para Alan … espera de confirmação.

- Pensando melhor - retorquiu Alan - , vai ganhar antes uma viagem com tudo pago a Portsmouth.

- Muito obrigado.

- Sempre …s ordens.

- Para além de ser de loucos - afirmou Liz - , isto é absolutamente incrível. Penso que toda essa gente devia ter a cabeça... Enquanto a atenção de Liz estava virada para outro lado, os gémeos conseguiram finalmente chocar com a cabeça um do outro, tendo começado a chorar a plenos pulmões.

Liz pegou em William enquanto Thad foi em auxílio de Wendy.

Depois de a crise ter passado, Alan afirmou:

- é incrível, sim senhor. Você sabe, eu sei-o e eles também o sabem. Mas Conan Doyle p"s na boca de Sher Iock Holmes algo que, pelo menos, continua a ser verdade na investigação criminal: quando se eliminam todas as explicações impossíveis, aquilo que resta é a resposta que procuramos...

por muito improv vel que possa ser.

- Penso que o original era um pouco mais refinado - disse Thad.

Alan sorriu.

- V -se lixar.

- Vocês dois podem achar muita graça a isto tudo, mas eu não acho graça nenhuma - retorquiu Liz. - Só se fosse louco é que Thad faria uma coisa desse género. Est claro que a Polícia pode pensar que somos ambos loucos.

- Eles não pensam uma coisa dessas - replicou Alan com ar sério - , pelo menos para j , e não pensarão assim enquanto continuarem a guardar só para vocês essas histórias malucas.

- E você, Alan? - perguntou Thad. - J Lhe demos a conhecer todas essas histórias malucas e o que é que Alan pensa sobre isso?

- Não que vocês sejam doidos. Tudo isto seria muito mais simples se eu acreditasse. Não faço a mais pequena ideia do que se est a passar.

- O que foi que conseguiu saber junto do doutor Hume? - quis Liz saber.

- O nome do médico que operou Thad quando ele era mi£do - respondeu Alan. - Chama-se Hugh Pritchard.

Este nome diz-lhe alguma coisa, Alan?

Thad franziu o sobrolho e concentrou-se. Por fim, disse:

- Penso que sim... mas também posso estar apenas a enganar-me a mim próprio. Foi h muito tempo.

Liz inclinara-se para a frente, com os olhos brilhantes;

seguro no colo da mãe, William olhava embasbacado para Alan.

- O que foi que Pritchard Lhe contou? - inquiriu ela.

- Nada. Respondeu-me o atendedor de chamadas, o que me permite deduzir que este homem ainda est vivo, e foi tudo. Deixei uma mensagem.

Liz recostou-se para tr s na cadeira, claramente desapontada.

- E quanto aos meus testes? - perguntou Thad. - O Hume contou-lhe alguma coisa? Ou não quis dizer nada?

- Disse que quando tivesse os resultados, você seria o primeiro a saber - respondeu Alan, lançando um sorriso. - O doutor Hume pareceu ficar bastante ofendido com a ideia de contar o que quer que fosse ao xerife de um condado.

- O velho George Hume de sempre - retorquiu Thad, e sorriu. - A alcunha dele é Crustyl.

Alan mexeu-se no lugar.

- Quer beber alguma coisa, Alan? - perguntou Liz. - Uma cerveja, uma Pepsi?

- Não, obrigado. Voltemos …quilo em que a polícia estadual acredita e não acredita. Eles não acreditam que algum de vocês esteja envolvido, mas reservam para si o direito de acreditar que talvez possam estar. Sabem que não Lhe podem lançar as culpas pelo trabalho de ontem … noite e desta manhã, Thad. Um c£mplice, talvez, o mesmo que, hipoteticamente, teria posto o gravador a funcionar, mas não você. O Thad estava aqui.

- E o que h sobre Darla Gates? - perguntou Thad calmamente. - A rapariga que trabalhava no departamento de contabilidade.

- Assassinada. Bastante mutilada, tal como ele sugeriu, mas morta, primeiro com um £nico tiro na cabeça. Não sofreu.

- Isso é uma mentira.

Alan pestanejou.

- Ele não a largou assim com tanta facilidade. Não depois daquilo que fez a Clawson. Afinal de contas, ela foi a primeira delatora, não foi? Clawson acenou-lhe com algum dinheiro (não deve ter sido assim tanto, a julgar pelo estado das finanças de Clawson) e ela agradeceu-lhe dando com a língua nos dentes. Por isso, não me venha dizer que ele a matou com um tiro antes de a cortar e que ela não sofreu.

- Muito bem - replicou Alan. - Não foi assim que aconteceu. Quer saber como foi que realmente aconteceu?

- Não - respondeu -Liz imediatamente.

Seguiu-se um momento de silêncio pesado na sala. Até mesmo os gémeos pareciam estar cientes disso; entreolharam-se com uma espécie de grande solenidade. Por fim, Thad perguntou:

- Deixe-me perguntar-lhe isto de novo: em que é que você acredita? Em que é que acredita agora?

- Não tenho nenhuma teoria. Sei que você não gravou as falas de Stark porque o intensificador não detectou qualquer sibilação própria das gravações e, quando se aumenta o som, consegue ouvir-se o altifalante da Estação Penn a anunciar que o Peregrino para Bóston est pronto para o embarque na linha n£mero três. O Peregrino saiu realmente da linha n£mero três esta tarde. O embarque começou …s duas e trinta e seis, o que condiz com a vossa conversazinha.

Mas eu nem sequer precisei disso. Se o Thad tivesse gravado as falas de Stark, mal eu me referisse ao processo de intensificação, tanto um como o outro ter-me-iam perguntado de imediato qual o resultado do teste. Nenhum de vocês o fez.

- Tudo isto, e ainda não acredita, pois não? - perguntou Thad. - Quero dizer, tudo isto fê-lo ficar hesitante, o suficiente para estar a tentar apanhar o doutor Pritchard, mas ainda não tem a certeza do que aconteceu, pois não? - Thad soou frustrado e atormentado, até para si próprio.

- O próprio tipo admitiu não ser Stark.

- Oh, sim. Ali s, ele foi também muito sincero quanto a isso - disse Thad, a rir.

- Você est a agir como se isto não fosse surpresa alguma para si.

- E não é. Para si é alguma surpresa?

- Francamente, sim. Depois de ter tido tanto trabalho para demonstrar o facto de que você e ele partilham das mesmas impressões digitais, das mesmas impressões vocais...

- Alan, pare só por um instante - pediu Thad.

Foi o que Alan fez, tendo olhado um para o outro de modo inquisitivo.

- Esta manhã, contei-lhe que estava convencido que era George Stark quem estava a fazer todas estas coisas.

Não um c£mplice meu, não um psicopata que, de alguma forma, tivesse conseguido inventar um modo de ter as impressões digitais de outras pessoas, isto é, entre os seus ataques homicidas e as fugas de identidade, e não acreditou em mim. Acredita agora?

- Não, Thad. Gostava de Lhe dizer o contr rio, mas o melhor que consigo é isto: eu acredito que você acredita.

Alan desviou o olhar para Liz. - Que ambos acreditam.

- Eu vou optar pela verdade, dado que tudo que seja menos do que isso pode fazer com que eu seja abatido - disse Thad - , e a minha familia juntamente comigo, o que é o mais prov vel. Dadas as circunst*f*ncias, faz-me bem ao coração ouvi-lo apenas dizer que não tem qualquer teoria.

Não é muito mas j é um passo em frente. Aquilo que Lhe estava a tentar mostrar era que as impressões digitais e as impressões vocais coincidem em absoluto, e Stark sabe isso.

Pode falar … vontade sobre p"r de lado o impossível e aceitar aquilo que resta, por muito improv vel que seja, mas não é assim que as coisas funcionam. O Alan não aceita Stark, e ele é o que sobra quando se elimina tudo o resto.

Deixe-me p"r-lhe as coisas de outra forma, Alan: se tivesse tantos indícios como aqui de que tinha um tumor no cérebro, iria para o hospital para ser operado, mesmo que todas as probabilidades apontassem para um fim tr giCo.

Alan entreabriu a boca, abanou a cabeça, e fechou-a de novo com toda a rapidez. Para além do relógio e do suave tagarelar dos gémeos, nenhum outro som se ouvia na sala de estar, onde Thad cada vez sentia mais que passara toda a sua vida adulta.

- Por um lado, você tem provas suficientemente inequívocas para construir um sólido caso circunst*f*ncial para levar a tribunal - retomou Thad brandamente. - Por outro lado, tem a declaração não consubst*f*nciada de uma voz ao telefone que "veio a si", que "sabe agora quem é". Ainda assim, vai ignorar as provas a favor da afirmação.

- Não, Thad. Isso não é verdade. Por enquanto, não estou a aceitar quaisquer afirmações: nem as suas nem as da sua mulher e, muito menos, aquelas feitas pelo homem que ligou para c . As minhas opções estão todas ainda em aberto.

Subitamente, Thad apontou com o polegar sõbre o ombro para a janela. Por detr s dos cortinados suavemente esvoaçantes, os três podiam ver o carro da polícia estadual pertença dos agentes que estavam a vigiar a casa dos Beaumont.

- E eles? As opções deles estarão todas ainda em aberto?

Daria tudo para que você ficasse aqui, Alan. A sua presença seria mais importante do que um exército inteiro de agentes, porque, pelo menos, você tem um olho semiaberto. Os deles estão bem fechados.

- Thad...

- Deixe l - retorquiu Thad. - Essa é que é a verdade. E você sabe... e ele também sabe. Ele vai esperar. E quando toda a gente decidir que

est tudo acabado e que os Beaumont estão seguros, quando todos os polícias desmontarem as tendas e partirem para outras paragens, George Stark vir até aqui.

Thad deteve-se, o rosto a imagem da concentração soturna e complicada. Alan viu arrependimento, determinação e medo a debaterem-se naquele rosto.

- Vou agora contar-lhe uma coisa; contar a ambos. Sei exactamente aquilo que ele quer. Ele quer que eu escreva um outro romance sob o pseudónimo de Stark, provavelmente um outro romance sobre Alexis Machine. Não sei se o conseguiria fazer, mas se acreditasse que trouxesse alguma vantagem tentaria. Deitava para o lado O cão Dourado e começaria esta noite mesmo.

- Thad, não! - exclamou Liz.

- Não te preocupes - disse ele. - Isso seria o meu fim.

Não me perguntes como é que sei; apenas sei. Mas se a minha morte pusesse um ponto final nisto tudo, até que poderia tentar. Contudo, não me parece que pusesse. Porque nem sequer acredito que ele seja realmente humano.

Alan ficou silencioso.

- Ora bem! - disse Thad, falando com o ar de um homem que termina um negócio importante. - é neste pé que as coisas estão. Não consigo, não farei e não devo fazer. Isso significa que ele vir . E quando vier, só Deus sabe o que ir acontecer.

- Thad - disse Alan, constrangido - , precisa de se dist*f*nciar um pouco de tudo isto, é só. E quando assim fizer, a maior parte desta história acabar por... desaparecer. Como um dente-de-leão. Como um pesadelo ao acordar.

- Não é de dist*f*ncia que precisamos - disse Liz. Os dois olharam para ela e viram que estava a chorar em silêncio. Não muito, mas as l grimas eram visíveis. - Precisamos é de alguém para acabar com ele.

Alan regressou a Castle Rock bem cedo na madrugada seguinte, chegando a casa um pouco antes das duas. Entrou em casa tentando ser o mais silencioso possível, tendo reparado que, mais uma vez, Annie se esquecera de ligar o alarme contra os ladrões. Apesar de não gostar de a aborrecer por causa disso - oltimamente, as enxaquecas tinham-se tornado

mais frequentes - supunha que teria de fazê-lo, mais dia menos dia.

Começou a subir as escadas, com os sapatos numa mão, movendo-se com uma tal graciosidade que parecia estar praticamente a flutuar. O seu corpo possuía uma extrema agilidade, exactamente o oposto da falta de jeito de Thad Beaumont, que Alan raramente mostrava; a sua carne parecia conhecer um qualquer segredo misterioso de porte, que, de certa forma, o seu espírito via como embaraçoso.

Agora, neste silêncio, não havia necessidade alguma de o esconder, e ele movia-se com uma facilidade irreal que era praticamente macabra.

A meio das escadas, Alan deteve-se... e voltou a descer as escadas. Tinha uma salinha ao lado da sala de estar, não muito maior do que uma despensa, mobilada com uma secret ria e algumas prateleiras com livros, mas o suficiente para as suas necessidades. Pangborn tentava não levar consigo trabalho para casa. Nem sempre conseguia, mas esforçava-se o mais que podia.

Fechou a porta, acendeu a luz e fitou o telefone.

"Não est s a pensar em fazer isto, pois não?", perguntou-se a si próprio. "Isto é, é quase meia-noite nas Montanhas Rochosas e este tipo não é apenas um médico reformado: ele é um NEUROCIRURGIãO reformado.

Acorda-o e ele come-te vivo."

Foi então que Alan recordou os olhos de Liz Beaumont - os olhos escuros e assustados - e decidiu que iria avante com a ideia. Talvez até acabasse por ter vantagens: um telefonema a meio da noite demonstraria o facto de que se tratava de um assunto sério e poria o doutor Pritchard a pensar. Alan poderia, então, voltar a ligar de novo, dessa vez a uma hora mais razo vel.

"Quem sabe", pensou ele pouco esperançoso (mas com um resquício de humor), "talvez ele até tenha SAUDADES de receber chamadas a meio da noite."

Alan retirou um pedaço de papel do bolso da camisa do uniforme e marcou o n£mero de telefone de Hugh Pritchard, em Fort Laramie. Fê-lo mantendo-se de pé, preparando-se para uma explosão de f£ria daquela voz spera.

Escusava de se ter preocupado; o atendedor de chamadas surgiu, como anteriormente, após o primeiro toque, tendo a voz gravada recitado a mesma mensagem.

Pensativo, Alan desligou o telefone e sentou-se por detr s da secret ria. O candeeiro de pé recurvado lançava um círculo bem delimitado de luz sobre a superfície da secret ria, tendo Alan começado a fazer uma série de animais-sombra a contraluz: um coelho, um cão, uma guia, até mesmo um razo vel canguru. As mãos dele possuíam aquela mesma graciosidade profunda que o resto do seu corpo revelava sempre que Alan estava sozinho e relaxado; por debaixo daqueles dedos flexíveis, os animais pareciam marchar num cortejo por entre a luz min£scula lançada pelo candeeiro coberto, um flutuando a seguir ao outro. Esta pequena diversão tivera sempre o dom de fascinar e divertir os seus filhos e, frequentemente, descontraía o seu espírito quando este estava perturbado.

Agora, não funcionou.

"O doutor Pritchard morreu. Stark também o apanhou. "

Isso era impossível, est claro; Alan admitia que até engoliria histórias de fantasmas se alguém Lhe encostasse uma pistola … cabeça, mas não num qualquer perverso Super-Homem fantasma que atravessara continentes inteiros num £nico salto.

Pangborn podia pensar em diversas boas razões pelas quais alguém podia ligar o atendedor de chamadas durante a noite, não sendo de p“r de parte o facto de não querer ser incomodado por estranhos que telefonam a meio da noite, como o xerife Alan J. Pangborn, de Castle Rock, Maine.

"Sim, mas ele est morto. Ele e a esposa também. Qual era o nome dela? Helga. "Provavelmente estou a jogar golfe: Deus sabe o que a Helga andar a fazer." Mas eu sei o que a Helga anda a fazer; eu sei o que ambos andam a fazer. Estão inundados de sangue com a garganta aberta, isso é o que eu penso, e h uma mensagem escrita na parede da vossa sala de estar, aí no Wyoming. Diz "OS PARDAIS ESTŽO A VOAR DE NOVO"."

Alan Pangborn foi percorrido por um arrepio. Era de loucos, mas, de qualquer forma, não conseguiu evitar o arrepio, que o atravessou como uma corrente.

Pangborn marcou o telefone da assistente da central telefónica de

Wyoming, conseguiu o n£mero de telefone do gabinete do xerife de Fort Laramie e fez outra chamada Desta vez, foi atendido por um despachante que aparentava estar semiadormecido. Alan identificou-se, disse-lhe que andava a tentar entrar em contacto com Pritchard, deu-lhe a sua morada e, de seguida, perguntou se eles teriam os nomes do Dr. Pritchard e da esposa na lista de férias. Se o doutor e a esposa tivessem partido de férias - e estava-se praticamente na época adequada - , teriam provavelmente informado as autoridades locais desse facto e pedido que mantivessem a casa sob vigil*f*ncia enquanto estivesse vazia.

- Bem - disse o despachante - , porque é que não me d o seu n£mero de telefone? J Lhe telefono a dar as informações.

Alan suspirou. Este era apenas mais um procedimento habitual de funcionamento. Para falar curto e grosso, mais tretas. O tipo não Lhe queria fornecer as informações até se certificar de que Alan era quem afirmava ser.

- Não - retorquiu ele. - Estou a telefonar de casa, e estamos a meio da noite...

- Aqui também não estamos propriamente a meio do dia, xerife Pangborn - respondeu o despachante de forma lacónica.

Alan suspirou:

- Não tenho d£vida alguma - respondeu ele - mas também não tenho d£vida alguma de que a sua esposa e os seus filhos não estão a dormir no andar de cima. Olhe, o seguinte, meu amigo: telefone para a Esquadra da Polícia Estadual do Maine em Oxford, Maine, vou dar-lhe o n£mero, e verifique o meu nome. Eles dar-lhe-ão o meu n£mero de identificação da LAWS. Voltarei a telefonar dentro de mais ou menos dez minutos, e aí poderemos proceder … troca de senhas.

- Diga l , então - disse o despachante, ainda que não parecesse muito satisfeito com aquilo. Alan calculava que talvez tivesse afastado a atenção do homem do £ltimo concurso da televisão ou talvez da Penthouse deste mês.

- De que é que se trata? - inquiriu o despachante após ter repetido o n£mero de telefone da Esquadra da Polícia Estadual de Oxford.

- Investigação de um homicídio - replicou Alan - , e dos mais quentes. Não estou a telefonar por causa da minha sa£de, meu amigo. - E

desligou.

Pangborn sentou-se por detr s da secret ria, fez animais-sombra e esperou que o ponteiro mais pequeno desse dez voltas em redor do mostrador do relógio. Pareceu-lhe ser muito lento. Só dera cinco voltas quando a porta do gabinete se abriu e Annie entrou. Vestia o roupão cor-de-rosa e pareceu-lhe um pouco fantasmagórica; Pangborn sentiu aquele arrepio a querer perpass -lo de novo, como se tivesse olhado para o futuro e visto algo de desagrad vel. Até mesmo de terrível.

"Como é que me sentiria se fosse de mim que ele andasse atr s?", interrogou-se subitamente. "De mim, da Annie, do Toby e do Todd? Como é que se sentiria se soubesse quem ele era...

e ninguém acreditasse em mim?"

- Alan? Que é que est s a fazer, aqui sentado a uma hora destas?

Alan sorriu, levantou-se e beijou-a com desenvoltura.

- … espera que o efeito das drogas passe - respondeu ele.

- Não, a sério. é o caso dos Beaumont?

- Sim. Ando a tentar ver se apanho um médico que talvez saiba qualquer coisa sobre o assunto. Como só me atendia o gravador de chamadas, telefonei para o gabinete do xerife para ver se o nome dele não estaria na lista de férias. O homem do outro lado da linha est supostamente a verificar a minha bona fides. - Pangborn olhou para Annie com uma preocupação zeloza:

- Como é que te sentes, querida? Est s com alguma dor de cabeça esta noite?

- Não - retorquiu ela - , mas ouvi-te a entrar. - sorriu. - Alan, quando o queres ser, és o homem mais silencioso do mundo, mas não podes fazer nada quanto ao teu carro.

Ele abraçou-a.

- Queres uma ch vena de ch ? - perguntou ela.

- Deus, não. Um copo de leite, se não te importares de ires busc -lo.

Ela deixou-o sozinho, voltando passado um minuto com o copo de leite.

- Que tal é o senhor Beaumont? - perguntou ela. - J o tenho visto pela vila e a mulher dele vai … loja de vez em quando, mas nunca falei com ele. - A loja era a Você Cose e Cose, de uma mulher chamada Polly Chambers, que era também a gerente. Annie Pangborn trabalhava l em part-time h quatro anos.

Alan reflectiu sobre aquilo que a mulher acabara de Lhe perguntar.

- Gosto dele - disse por fim. - A princípio não gostava;

pensava que tinha sangue de barata. Mas estava a vê-lo em circunst*f*ncias difíceis. Ele é apenas...

- Gosto muito de ambos os livros dele - interrompeu Annie.

Alan levantou o sobrolho.

- Não sabia que o tinhas lido.

- Nunca perguntaste, Alan. Depois, quando a história sobre o pseudónimo veio a lume, tentei um dos outros. - O nariz franziu-se num tom de desaprovação.

- Não era bom?

- Horrível. Assustador. Nem cheguei a acab -lo. Nem queria acreditar que fora o mesmo homem que escrevera os dois livros.

"Sabes que mais, amor?" pensou Alan. "Ele também não acredita."

- Devias voltar para a cama - disse ele - , ou vais acabar por acordar com uma outra dor de cabeça.

Ela abanou a cabeça:

- Acho que o "Monstro da Dor de Cabeça" se foi embora, pelo menos para j . - Annie lançou-lhe um olhar por debaixo dos olhos semicerrados: - Quando subires, ainda estarei acordada... isto é, se não demorares muito.

Através do roupão cor-de-rosa, Pangborn colocou as mãos em forma de concha sobre um dos seus seios e beijou-lhe os l bios entreabertos.

- Vou subir o mais r pido que puder.

Annie saiu, e Alan verificou que j tinham passado mais de dez minutos. Telefonou de novo para o Wyoming e foi atendido pelo mesmo

despachante sonolento.

- Pensei que se esquecera, meu amigo.

- Nada disso - respondeu Alan.

- Importa-se de me dar o seu n£mero da LAWS, xerife?

- Cento e nove, quarenta e quatro, duzentos e cinco.

- Penso que não h d£vida de que o senhor é o artigo genuíno. Desculpe ter tido de o sujeitar a este interregno a uma hora destas, xerife Pangborn, mas penso que me poder entender.

- Entendo. O que me pode dizer sobre o doutor Pritchard?

- Oh, ele e a esposa estão na lista de férias, sem sombra de d£vida - disse o despachante. - Estão no Parque de Yellowstone, a acampar, até ao final do mês.

"Aí tens", pensou Alan. "Est s a ver? Est s tu para aqui a pensar em disparates a meio da noite. Não h gargantas cortadas. Não h nada escrito na parede. Apenas dois velhotes numa viagem de campismo."

Ainda assim, Alan apercebeu-se de que não estava muito mais aliviado. O doutor Pritchard ia ser um homem difícil de encontrar, pelo menos nas duas próximas semanas.

- Se eu precisar de fazer chegar uma mensagem ao homem, acha que ser possível? - inquiriu Alan.

- Penso que sim - respondeu o despachante. - Podemos sempre telefonar para os serviços do parque em Yellowstone.

Eles saberão onde se encontra ou, pelo menos, devem saber.

Talvez leve algum tempo mas é prov vel que consigam dar com ele. Encontrei-me com ele uma ou duas vezes. Parece ser um velhote bastante simp tico.

- Bem, isso é bom saber - replicou Alan. - Muito obrigado pelo tempo dispendido.

- Sempre …s ordens; é para isso que aqui estamos. - Alan ouviu o ténue esvoaçar de p ginas, conseguindo imaginar este homem sem rosto a pegar de novo na sua Penthouse, a meio continente de dist*f*ncia.

- Boa noite - disse ele.

- Boa noite, xerife.

Alan desligou o telefone e deixou-se ficar sentado por um instante, olhando para a escuridão através da janelinha da pequena sala.

"Ele est algures por aí. Algures. E h -de vir ainda.

Alan perguntou-se de novo como é que se sentiria se fosse a sua própria vida - e as vidas de Annie e das crianças - que estivesse em jogo. Perguntou-se como se sentiria se soubesse isso, e ninguém acreditasse naquilo que ele sabia.

"Est s de novo a trazer trabalho para casa, querido", ouviu Annie dizer no seu pensamento.

E era verdade. H quinze minutos atr s estava convencido - pelo menos nas terminações nervosas, j que não na cabeça - de que Hugh e Helga Pritchard estavam mortos num banho de sangue. Não era verdade; esta noite, dormiam pacificamente debaixo das estrelas no Parque Nacional de Yellowstone. De nada valera a intuição; esta tinha uma forma de desaparecer lentamente do nosso corpo.

"é assim que Thad se ir sentir quando descobrirmos o que se est realmente a passar", pensou ele. "Quando descobrirmos que a explicação, por mais bizarra que possa acabar por ser, est conforme todas as leis naturais."

Ser que acreditava mesmo naquilo?

Sim, decidiu: acreditava mesmo. Pelo menos na sua cabeça.

As suas terminações nervosas não estavam assim tão certas disso.

Alan acabou de beber o leite, desligou o candeeiro de mesa e subiu as escadas. Annie ainda estava acordada e gloriosamente nua. Envolveu-o nos seus braços e Alan permitiu-se esquecer-se de tudo o mais com todo o prazer.

Dois dias mais tarde, Stark telefonou de novo. Nessa altura, That Beaumont encontrava-se no Mercado do Dave.

Tratava-se de uma loja familiar a cerca de dois quilómetros e meio da casa dos Beaumont. Era um sítio para se ir quando correr para o supermercado em Brewer se tornava uma chatice de todo o tamanho.

Nessa sexta-feira … tarde, Thad fora até l para comprar uma

embalagem de seis garrafas de Pepsi, uns pacotes de batatas e alguns aperitivos. Um dos agentes que protegia a família foi com ele de carro. Estava-se a 10 de Junho, seis e trinta da tarde e havia ainda muita luz no céu. O Verão rumara de novo para o Maine.

O polícia deixou-se ficar no carro enquanto Thad entrou na loja. Depois de ter pegado na gasosa, Thad estava a examinar a ampla variedade de aperitivos (havia sempre com sabor a marisco, mas, caso não se gostasse, podia-se recorrer a outros … base de cebola) quando o telefone tocou.

Thad levantou de imediato a cabeça, tendo pensado:

"Oh, sim, senhora."

Por detr s do balcão, Rosalie atendeu o telefone, disse "est l ", escutou e, de seguida, estendeu-lhe o aparelho, como ele soubera que ela iria fazer. Mais uma vez, Thad foi engolido por aquela sensação indistinta de presque vul.

- Telefone, senhor Beaumont.

. Thad sentiu-se bastante calmo. O coração hesitara numa batida, mas apenas uma vez; estando agora a bater … velocidade habitual. Não estava a suar.

E não se ouviam quaisquer p ssaros.

Thad não sentiu qualquer tipo de medo ou f£ria como sentira h três dias atr s. Não se deu ao trabalho de perguntar … Rosalie se era a esposa, a pedir-lhe para levar uma d£zia de ovos ou talvez até um pacote de sumo de laranja j que ali se encontrava. Ele sabia quem era.

Thad permaneceu de pé, junto ao computador Megatostões, com o seu ecrã verde que anunciava que não houvera vencedor algum na semana passada e que o jackpot da lotaria desta semana era de quatro milhões de dólares. That pegou no telefone que Rosalie Lhe estendia e saudou:

- Ol , George.

- Ol , Thad. - O suave resquício do sotaque do sul ainda l estava, mas a camada de pacóvio do campo desaparecera por completo: só quando se apercebeu da sua ausência é que Thad se deu conta de quão fortemente, ainda que de forma subtil, Stark conseguira transmitir

aquela sensação de "Ol , ol , rapazes, posso não ser muito esperto mas l que consegui levar a melhor sobre vocês, l isso consegui, não acham?".

"Mas, como é óbvio, agora é só entre estes dois rapazes", pensou Thad. "Apenas um par de rom*f*ncistas brancos por aí, a falarem." - O que é que queres?

- J sabes qual é a resposta a essa pergunta. Não h qualquer necessidade de estarmos com joguinhos, pois não? é um pouco tarde de mais para isso.

- Talvez queira apenas ouvir-te dizer alto e a bom som. - Aquela sensação voltara, aquela sensação esquisita de ser chupado para fora do corpo e puxado para dentro da linha do telefone, até um sítio qualquer, situado algures a meio do caminho entre os dois.

Rosalie afastara-se até … ponta distante do balcão, onde estava a tirar maços de cigarros de uma pilha de volumes e a encher a comprida m quina de cigarros. A forma ostentosa como fingia não estar a ouvir o que Tad estava a dizer era praticamente engraçada. Não havia ninguém em Ludlow - pelo menos nesta ponta da vila - que não soubesse que Thad estava sob guarda policial ou protecção policial ou uma maldita coisa policial, e ele não precisava de ouvir os boatos para saber que estes j tinham começado a voar.

Aqueles que não acreditavam que ele fosse em breve preso por tr fico de drogas, não tinham quaisquer d£vidas de que se tratava de abuso de menores ou de maus tratos da esposa. A coitada da Rosalie estava a tentar ser simp tica, e That sentiu-se grato de um modo absurdo. Tinha também a sensação de que estava a olhar para ela através da extremidade errada de um telescópio potente. Ele estava bem no fundo da linha telefónica, bem no fundo da toca do coelho, onde não havia qualquer coelho branco mas o velho George Stark matreiro, o homem que não podia estar ali, mas que, de algum modo, ali estava.

O velho George matreiro, e ali em baixo em Endsville, todos os pardais estavam a voar de novo. Thad lutou contra essa sensação, lutou com todas as suas forças.

- V l , George - disse ele, ligeiramente surpreendido pelo tom duro de f£ria na sua voz. Thad estava aturdido, apanhado numa forte corrente de dist*f*ncia e irrealidade...

mas, meu Deus, como parecia estar tão desperto e atento! - Porque é que não dizes isso agora em voz alta?

- Bem, j que insistes.

- Insisto.

- Est na altura de começar um livro novo. Um novo romance do Stark.

- Não me parece.

- Não digas isso! - A crispação daquela voz era como uma correia de chicote repleta de min£sculos grãos de chumbo. - Tenho andado a fazer-te um desenho, Thad.

Tenho andado a desenh -lo para ti. Não me obrigues a desenh -lo sobre ti!

- Est s morto, George. Não tens é juízo suficiente para te deitares no caixão.

A cabeça de Rosalie virou-se ligeiramente; Thad lançou uma r pida vista de olhos antes de ela virar apressadamente a cabeça para a prateleira de cigarros.

- Toma tento na língua! - F£ria verdadeira naquela voz. Mas ser que havia mais qualquer coisa? Ser que havia medo? Dor?

Ambos ou ser que estava a enganar-se a ele próprio? - O que é que se passa, George? - escarneceu ele subitamente.

- Andas a perder alguns dos teus pensamentos felizes? Seguiu-se uma pausa. Thad surpreendera-o, tirara-lhe o tapete debaixo dos pés, pelo menos momentaneamente. Thad tinha a certeza disso. Mas porquê? O que fora que causara isso?

- Ouve-me bem, amigalhaço - disse Stark por fim.

- Dou-te uma semana para começares o livro. Não penses que me enganas porque não consegues. - Sim, George estava aborrecido. Podia custar muito a Thad antes de tudo isto estar acabado, mas, por ora ele apenas sentia uma alegria incontrolada. Conseguira passar. Parecia que, afinal de contas, ele não era o £nico que se sentia desesperado e vagamente vulner vel durante estas conversas íntimas próprias de um pesadelo; atingira Stark, e isso era absolutamente fant stico.

- Isso é bem verdade - disse Thad. Ninguém engana ninguém entre nós. Apesar de tudo o mais que possa haver, não h nada disso.

- Tu j tens uma ideia - replicou Stark. - J a tinhas antes de aquele maldito mi£do ter sequer pensado em fazer chantagem contigo. Aquela sobre o casamento e o roubo do carro blindado.

- Deitei fora as minhas notas. J não quero ter mais nada a ver contigo.

- Não, foram as minhas notas que tu deitaste fora, mas não importa. Não precisas das notas. Vai ser um bom livro.

- Não est s a perceber. George Stark est morto.

- Tu é que não est s a perceber - retorquiu Stark.

A voz dele era suave, fatal e enf tica. - Tens uma semana.

E se não tiveres pelo menos trinta p ginas manuscritas, irei até aí … tua procura, velha carcaça. Só que não começarei contigo: isso seria f cil de mais. Isso seria absolutamente f cil de mais. Primeiro apanho os teus filhos e eles irão morrer lentamente. Garantirei que seja assim. Até j sei como.

Eles não terão noção daquilo que Lhes estar a acontecer, mas apenas que estão a morrer em agonia. Mas tu saber s, e eu saberei, e a tua mulher saber . De seguida, vai ela...

só que antes de ir ela, eu vou-me nela. Tu percebes o que quero dizer, velha carcaça. E quando tiverem morrido, acabo contigo, Thad, e morrer s como nenhum homem … face da terra morreu.

Parou. Thad conseguia ouvi-lo arquejar fortemente ao ouvido, como um cão num dia quente.

- Não sabias nada sobre os p ssaros - disse Thad numa voz branda. - Isso também é verdade, não é?

- Thad, não est s a dizer coisa com coisa. Se não começares o livro o mais rapidamente possível, uma série de pessoas vão ficar magoadas. O tempo est a esgotar-se.

- Oh, estou a prestar atenção - disse Thad. - E aquilo que me pergunto é como é que podias ter escrito o que escreveste na parede do Clawson e, de seguida, na da Miriam, e não teres qualquer conhecimento disso.

- • melhor parares de dizer essas baboseiras e começares a fazer algum sentido, meu amigo - afirmou Stark, mas Thad conseguia sentir um certo desnorteamento e um certo medo indistinto sob aquela voz. - Não havia nada escrito nas paredes.

- Havia, sim, isso é que havia. E sabes que mais, George? Penso que talvez a razão pela qual não fazes a mínima ideia do que estou a falar é porque fui eu que escrevi aquilo.

Creio que parte de mim estava l . De alguma forma, parte de mim estava l , a ver-te. Penso que, de nós os dois, sou o £nico que tem conhecimento dos pardais, George. Creio que talvez eu o tenha escrito. Pensa nisto... pensa bastante sobre isto... antes de começares a empurrar-me.

- Escuta-me - afirmou Stark com uma força af vel. - Escuta-me bem. Primeiro os teus filhos... Depois a tua mulher... depois tu. Thad, começa um outro livro. Este é o melhor conselho que te posso dar. O melhor conselho que te deram em toda a porra da tua vida. Começa um outro livro. Eu não estou morto. - Uma longa pausa. De seguida, suave mas deliberadamente: - E eu não quero morrer. Por isso, vai para casa e afia os l pis e, se precisares de alguma inspiração, pensa como os teus bebezinhos ficariam com as carinhas cheias de vidro.

"Não h quaisquer p ssaros malditos. Esquece-os e começa a escrever.

Ouviu-se um estalido.

- Vai-te foder - murmurou Thad para dentro da linha silenciosa. Lentamente, pousou o telefone.

Dezassete

WENDY DA UM TOMBO

1

A situação resolver-se-ia por si de uma forma ou de outra, independentemente do que acontecesse, Thad tinha a certeza disso. George Stark não iria simplesmente desaparecer. Mas Thad acabou por sentir, e não sem justificação, que o tombo de Wendy pelas escadas abaixo dois dias após o telefonema de Stark para o Mercado do Dave veio a estabelecer o rumo que a situação tomaria até ao fim.

O resultado mais importante foi que, por fim, aquilo Lhe mostrou o rumo a tomar. Thad passara esses dois dias numa espécie de calmaria sem alento. Tornou-se difícil para ele seguir até os programas mais b sicos da televisão, impossível ler, e a ideia de escrever parecia estar vagamente aparentada com a ideia de viajar mais depressa do que a velocidade da luz. A maior parte do tempo, vagueava de um quarto para o outro, sentando-se por alguns instantes e, de seguida, pondo-se de novo em movimento. Estava sempre a esbarrar com Liz e a enerv -la. Ela não se zangava com ele por causa disso, embora Thad tivesse a certeza que ela tivera de conter a língua em mais de uma ocasião para evitar lançar-lhe o equivalente verbal de um corta-papeis Por duas vezes teve a intenção de Lhe contar tudo sobre a segunda chamada de Stark, aquela em que o George matreiro lhe dissera exactamente aquilo que Lhe ia pela cabeça, tendo a certeza absoluta de que a linha não estava sob escuta e de que ninguém estava a ouvir a conversa dos dois.

Em ambas as ocasiões, Thad detivera-se, consciente de que nada podia fazer excepto aborrecê-la ainda mais.

E por duas vezes dera por si no escritório a segurar mesmo num daqueles malditos l pis Berol que prometera nunca mais usar e a olhar para uma pilha novinha em folha de blocos de notas embrulhados em celofane que Stark usara para escrever os romances.

"Tu j tens uma ideia... Aquela sobre o casamento e o roubo do carro blindado."

E era verdade. Thad tinha até um título, e um bom:

M quina de Aço E havia ainda mais outra coisa que também era verdade: uma parte dele queria realmente escrever esse livro. O

bichinho estava l , como quando se tem uma comichão nas costas e não se consegue chegar ao sítio quando queremos coçar.

"O George coçava-o por ti.;

Oh, sim. O George ficaria muito contente por coç -lo.

Mas alguma coisa Lhe aconteceria porque, agora, as coisas tinham mudado, não tinham? O que é que, mais exactamente, seria essa coisa? Thad não sabia, talvez não pudesse saber, embora uma imagem assustadora não deixasse de o assaltar. Era uma imagem daquele encantador e racista conto infantil de antigamente, Little Black Sambo. Quando o negro Sambo subiu … rvore e os tigres não o conseguiram apanhar, estes ficaram tão furiosos que começaram a morder nas caudas uns dos outros e a correr cada vez mais depressa … volta da rvore até se transformarem em manteiga.

Sambo recolheu a manteiga num pote de barro e levou para casa, para dar … mãe.

"George, o alquimista;, especulara Thad, sentado no seu escritório e a bater ao de leve com um l pis por afiar Berol Black Beauty contra a beira da secret ria. "Palha em ouro. Tigres em manteiga. Livros em best-sellers. E Thad em... quê?"

Ele não sabia. Tinha medo de saber. Mas ele desapareceria, Thad desapareceria, disso ele tinha a certeza.

Talvez pudesse haver alguém a viver aqui que se parecesse com ele, mas, por letras do rosto de Thad Beaumont, existiria uma outra mente. Uma mente doentia e brilhante.

Chegou … conclusão que o novo Thad Beaumont seria bastante menos desajeitado... e bastante mais perigoso.

Liz e os bebés?

Ser que Stark os deixaria em paz se ele conseguisse realmente chegar ao lugar do condutor?

Não ele.

Thad também pusera a hipótese de fugir. Enfiar Liz e os gémeos no Suburban e partir. Mas de que é que isso serviria?

De que é que serviria quando o velho George matreiro conseguisse

olhar através dos olhos do velho Thad pateta?

Não valeria de nada fugirem até ao fim do mundo; quando l chegassem e olhassem … sua volta, iriam dar por George Stark a correr atr s deles na neve, num trem puxado por huskies, com uma navalha na mão.

Thad considerara também a hipótese de telefonar para Alan Pangborn, tendo-a posto de lado ainda com mais rapidez e determinação. Alan dissera-lhes onde é que o Dr. Pritchard se encontrava, e a sua decisão de nem sequer tentar enviar uma mensagem para o neurocir£rgiãode esperar até Pritchard e a mulher voltarem da viagem de campismo revelara a Thad tudo o que ele precisava saber sobre aquilo em que Alan acreditava... e, mais importante ainda, aquilo em que não acreditava. Se contasse a Alan que recebera uma mensagem no Mercado do Dave, Alan julgaria que ele estava a inventar toda a história. Mesmo que Rosalie confirmasse o facto de ter recebido uma chamada de alguém na venda, Alan continuaria a não acreditar. Ele e todos os outros agentes da Polícia que tinham aparecido sem convite para esta festa privada faziam ponto de honra em não acreditarem.

Assim, os dias passaram-se lentamente, tendo sido uma espécie de tempo em branco. Logo após o meio-dia do segundo dia, Thad rabiscou no seu di rio: "Sinto-me como se estivesse numa versão mental de um filme surrealista.; Fora a £nica entrada que fizera no espaço de uma semana, tendo começado a interrogar-se se alguma vez chegaria a .

fazer outra. O novo romance, O Cão Dourado, mantinha-se inalter vel. Isso, supunha ele, nem valia a pena dizer.

• muito difícil inventar histórias quando se teme que um homem mau, um homem muito mau apareça e assassine toda a nossa família antes de tratar da nossa própria sa£de.

A £nica altura que Thad se conseguia lembrar de se ter sentido assim tão desnorteado fora nas semanas que se seguiram ao dia em que deixara de beber depois de ter puxado a rolha da banheira de alcool em que se enfiara até ao pescoço na sequência do aborto de Liz e antes do surgimento de Stark.

Tanto nessa altura como agora, Thad tinha a sensação de que havia um problema, embora não fosse possível abeirar-se dele pois era como uma daquelas miragens de gua que surjem bem ao longe numa recta

plana de estrada numa tarde quente. Quanto mais corria de encontro ao problema, querendo atac -lo com as duas mãos, deit -lo abaixo, destruí-lo, mais rapidamente o problema recuava, até que Thad acabava por ficar sozinho, ofegante e arquejante, com aquela ondulação falsa de gua ainda a fazer pouco dele, l longe no horizonte.

Durante essas noites, Thad dormiu mal, tendo sonhado que George Stark Lhe mostrava a sua própria casa deserta, uma casa onde as coisas explodiam sempre que tocava nelas e onde, no £ltimo quarto, os corpos da sua mulher e de Frederick Clawson esperavam por si. No momento em que l chegava, todos os p ssaros começavam a voar, lançando-se em direcção ao céu com um estrondo, a partir de rvores, linhas telefónicas e cabos de electricidade, centenas deles, milhares deles, tantos que tapavam por completo o sol.

Até Wendy cair nas escadas, Thad teve a nítida sensação de que ele próprio era recheio de tolos, apenas … espera que o homícida certo aparecesse, prendesse um guardanapo … volta do colarinho, pegasse no garfo e o começasse a comer.

2

Os gémeos gatinhavam ha um certo tempo e, ha j cerca de um mês que se punham de pé com a ajuda do objecto mais próximo e mais est vel (ou, em determinados casos, inst vel, uma cadeira servia, tal como servia a mesinha do café, mas até mesmo uma caixa de cartão vazia serviria, pelo menos até ao gémeo em questão colocar demasiado peso sobre a caixa, desequilibrar-se e cair para dentro dela ou transformar-se numa espécie de tartaruga. Os bebés são capazes de se meterem nas situações mais complicadas em todas as idades, embora, com oito meses, quando o gatinhar j não é sufíciente e o andar ainda não foi totalmente aprendido, eles se encontrem claramente na "Idade da Criação de Complicações".

Por volta das cinco e um quarto da tarde, Liz colocou-os no chão para brincarem e aproveitarem um pouco ainda para gatinharem de modo ousado e a porem-se de pé de modo desequilibrado (este £ltimo acompanhado por vigoroSoS gritos de vitória para os pais e um para o outro), William conseguiu p“r-se de pé, apoiado na beira da mesinha do café.

Olhou em redor, tendo feito diversos gestos imperiais com o braço

direito. Estes gestos fizeram lembrar a Thad os antigos telejornais dos filmes que mostravam a Duce a saudar o seu eleitorado da varanda. Foi então que William se agarrou … ch vena de ch da mãe, tendo conseguido despejar sobre ele próprio as folhas, antes de cair para tr s, dando um grande bate-cu. Felizmente, o ch estava frio. Porém, William agarrou-se de tal modo … ch vena que esta lhe bateu com tanta força na boca que o l bio inferior sangrou ligeiramente.

William começou a choramingar. Imediatamente, Wendy juntou-se a ele.

Liz pegou nele ao colo, examinou-o, revirou os olhos para Thad e levou-o para cima, para acalm -lo e, de seguida, limp -lo.

- Fica de olho na princesa. - pediu ela enquanto subia as escadas.

- Não te preocupes. - dissera Thad, embora j tivesse descoberto, e fosse descobrir de novo em breve, que na "Idade de Ouro da Criação de Complicações", tais promessas significam geralmente muito pouco. William conseguira agarrar na ch vena de ch de Liz mesmo debaixo do nariz desta, e Thad viu que Wendy ia cair do terceiro degrau um instante demasiado tarde para poder impedir o tombo.

Thad tinha estado a dar uma vista de olhos por uma revista de informação: não a lê-la mas a folhe -la ociosamente, prestando de vez em quando uma atenção especial a uma fotografia ou outra. Depois de ter acabado, foi até ao grande cesto de costura junto da lareira que funcionava como uma espécie de cesto de revistas, colocou-a no lugar e retirou uma outra.

Wendy estava a gatinhar pelo chão, com as l grimas esquecidas antes mesmo de estarem totalmente ocas nas suas faces rechonchudas. Tal como os dois faziam quando estavam a gatinhar, Wendy emitia entre dentes o som rum-rum-rum, um som que, por vezes, levava Thad a interrogar-se se eles não associariam todo e qualquer movimento aos carros e camiões que viam na televisão. Thad agachou-se, colocou a revista no topo da pilha sobre o cesto, e passou os olhos pelas outras, acabando por escolher uma Harper's do mês anterior por nenhum motivo em especial.

Veio-lhe … cabeça a ideia de que estaria a comportar-se um pouco como um homem no consultório de um dentista, … espera de Lhe arrancarem um dente.

Thad virou-se e deu com Wendy nas escadas. Gatinhara até ao terceiro degrau e, agora, estava a p“r-se desequilibradamente de pé, segurando-se a uma das hastes que corriam entre a balaustrada do corrimão e o chão. Quando olhou para ela, Wendy retribuiu-lhe o olhar, de modo dissimulado, oferecendo-lhe com o braço um gesto particularmente grande e eloquente e um sorriso. O movimento impetuoso descrito pelo braço levou o corpo rechonchudo de Wendy a vacilar para a frente sobre o pequeno degrau.

Meu Deusdisse Thad baixinho, e enquanto se punha de pé, tendo os seus joelhos dado um estalido seco, ele viu-a dar um passo em frente e largar a haste.Wendy, não faças isso!

Thad atravessou a sala praticamente com um £nico salto, e quase conseguiu chegar a tempo. Mas ele era um homem desajeitado, tendo um dos seus pés ficado preso na perna da poltrona. Esta caiu e Thad estatelou-se no chão.

Wendy desequilibrou-se e caiu para a frente com um gritinho assustado. O corpo virou-se ligeiramente no ar. De joelhos, Thad tentou apanh -la, evitando que ela fosse cair no chão, mas falhou por um palmo, pelo menos. A perna direita de Wendy bateu no primeiro degrau, tendo a cabeça batido no chão alcatifado da sala de estar com uma pancada surda.

Wendy gritou, tendo Thad tido o tempo de pensar quão apavorante era o choro de dor de um bebé. De seguida, envolveu-a nos seus braços.

- Em cima, Liz - gritou Thad? numa voz sobressaltada.

Nessa altura, o som dos pés descalços de Liz a descerem as escadas j era audível.

Wendy estava a tentar chorar. O primeiro grito de dor expelira c para fora tudo menos o ar proveniente dos pulmões, seguindo-se agora o momento paralisante e eterno em que ela se debatia para desimpedir o peito e respirar fundo para lançar o próximo grito, o qual atingiria os ouvidos de qualquer pessoa quando fosse finalmente soltado.

Se fosse soltado.

Thad segurou nela, olhando ansiosamente para o rosto retorcido e congestionado de sangue. Agora, apresentava uma cor que era

praticamente arroxeada, com excepção da enorme marca vermelha semelhante a uma vírgula na testa.

"Meu Deus, e se ela desmaia? E se ela morre sufocada, incapaz de inspirar ar e de deitar c para fora o grito encerrado nos seus pulmuezinhos achatados?"

- Raios, chora! - gritou ele para ela. - Meu Deus, como tinha o rosto arroxeado! Como tinha os olhos protuberantes e aflitos! Chora!

- Thad! - Desta vez, Liz soou muito assustada, mas também pareceu estar muito distante. Naqueles poucos segundos que pareceram eternos entre o primeiro grito de Wendy e a sua luta para soltar o segundo e continuar a respirar, George Stark foi completamente varrido da mente de Thad pela primeira vez nos £ltimos oito dias. Wendy inspirou uma grande golfada de ar convulsiva e desatou aos berros. A tremer de alívio, Thad encostou-a ao ombro e começou a dar-lhe umas palmadinhas ligeiras, fazendo sons para a acalmar.

Liz veio a descer as escadas ruidosamente, com um William que se debatia agarrado de lado, como um pequeno saco de grão.

- Que foi que aconteceu, Thad? Ela est bem?

- Sim. Deu um bom tombo do terceiro degrau. Agora j est bem. Desde que começou a chorar. ao princípio foi como... como se ficasse presa. - Thad riu-se com uma voz trémula e trocou Wendy por William, que estava agora também aos berros em sintonia solid ria com a irmã.

- Não estavas a tomar conta dela? - perguntou Liz de modo reprovador, balançando automaticamente o corpo para tr s e para a frente a partir das ancas, embalando Wendy, tentando acalm -la.

- Sim... não. Fui buscar uma revista. Só sei que, de um momento para o outro, ela j estava nas escadas. Foi como a história do Will com a ch vena de ch . Eles são tão terrivelmente... escorregadios. Achas que a cabeça dela est bem? Bateu com a cabeça na alcatifa, mas, ainda assim, foi com força.

Por um segundo, Liz afastou Wendy de si, olhou para a marca vermelha e, de seguida, beijou-a com delicadeza nesse ponto preciso. Os soluços de choro j estavam a começar a diminuir de intensidade.

Penso que est bem. Vai ficar com um galo durante um ou dois dias, é tudo. Dêmos graças a Deus pela alcatifa.

- Não era minha intenção saltar logo em cima de ti, Thad.

Eu sei como eles são r pidos. só que eu estou... Sinto-me como se o período me fosse aparecer, mas sinto isto todos os dias.

Os soluços de choro de Wendy estavam a transformar-se em fungadelas. Da mesma forma, William começou também a fungar. Esticou um bracinho rechonchudo e agarrou na T-shirt branca de algodão da irmã. Esta olhou … sua volta. Foi então que William palrou com ela, na sua língua muito própria. Para Thad, o seu linguajar sempre parecera um pouco estranho:

assemelhava-se a uma língua estrangeira que fora bastante acelerada para não ser possível dizer exactamente de que língua é que se tratava, j para não falar em entendê-la.

Wendy sorriu para o irmão, apesar de ter os olhos ainda debulhados em l grimas e de as faces estarem molhadas. Wendy respondeu-lhe na mesma língua só deles. Por um instante, era como se estivessem a manter uma conversa no seu mundo particular: o mundo dos gémeos.

Wendy esticou o braço e acaríciou o ombro de William.

Os dois entreolharam-se e continuaram a arrulhar.

"Est s bem, minha adorada?""Sim" magoei-me, querido William, mas não muito.""Preferes ficar em casa e não irmos ao jantar dos Stadley, coração meu?""Penso que não, embora seja muito atêncioso da tua parte perguntares."Tens a certeza absoluta, minha querida Wendy?"

"Sim, querido William, nada de grave aconteceu, embora tema bastante que tenha merda nas minhas fraldas."

"Oh, meu amor, que ABORRECIDO!"

Thad sorriu ligeiramente, olhando de seguida para a perna de Wendy.

- Vai ficar com uma nódoa negra. - disse ele. - Na verdade, até parece que j est com uma nódoa negra.

Liz lançou-lhe um pequeno sorriso.

- Vai sarar. - disse ela. E não ser a £ltima.

Thad inclinou-se para a frente e beijou a pontinha do nariz de Wendy, pensando no modo r pido e impetuoso como estas tempestades

vinham. H menos de três minutos atr s, ele temia pela vida de Wendy, julgando que a bebé iria morrer com falta de are no modo r pido como ria de novo.

- Não. - concordou ele.Se Deus quiser, não ser a £ltima.

3

Quando, …s sete horas dessa mesma tarde, os gémeos acordaram das suas sestas vespertinas, a nódoa negra na parte de cima da coxa transformara-se num arroxeado-escuro.

Tinha uma forma nítida e estranha, semelhante a um cogumelo.

- Thad? -disse Liz do outro lado da mesa de resguardo. - Olha aqui.

Thad retirara a fralda da sesta de Wendy, ligeiramente h£mida mas não totalmente molhada, deitando-a para o cesto das fraldas marcada como DELA. Levou a filha nua até ao resguardo do filho para ver aquilo que Liz queria que ele visse. Olhou para William, arregalando de imediato os olhos.

- Que é que achas? - perguntou ela serenamente. - • esquisito ou não?

Thad deixou-se ficar com os olhos fixos em William durante um longo período de tempo.

- Sim. - respondeu por fim. - é bastante esquisito

Com uma mão sobre o peito de William, Liz segurava o filho que se contorcia em cima da mesa. Foi então que fitou Thad de forma penetrante.

- Est s bem?

- Sim - respondeu Thad, surpreendido com a calma com que soou para os próprios ouvidos. Uma grande luz branca pareceu ter-se apagado, não diante dos seus olhos, como uma l*f*mpada port til de uma m quina fotogr fica, mas por detr s deles. Subitamente, Thad pensou j saber qual o significado dos p ssaros e qual o próximo passo a tomar. Bastou-lhe olhar para o filho e ver a nódoa negra na perna, idêntica quanto … forma, cor e localização como aquela na perna de Wendy, para compreender tudo isso. Quando William agarrara na ch vena de ch de Liz e a entornara inteira sobre si, ele dera um grande bate-cu. Tanto quanto

Thad sabia, William não fizera nada de nada … perna. Ainda assim, ela ali estava: uma nódoa negra solid ria na parte de cima da coxa da perna direita, uma nódoa negra que tinha praticamente a forma de um cogumelo.

- Tens a certeza que est s bem? - persistiu Liz.

- Também eles partilham as nódoas negras entre os dois - disse ele, olhando para baixo e fitando a perna de William.

- Thad?

- Estou bem - replicou ele, roçando os l bios pelas faces dela - Que tal irmos vestir-nos de "Psico" e "Somaticamente"?

Liz desatou a rir.

- Thad, és louco - disse ela.

Ele devolveu-lhe o sorriso. Era um sorriso ligeiramente bizarro, ligeiramente distante.

- Sim - disse ele.Louco varrido.

Thad levou Wendy de novo para a mesa de resguardo e começou a p“r-lhe uma fralda nova.

Dezoito

ESCRITA AUTOM TICA

1

Thad esperou até Liz ir para a cama antes de subir ao escritório. Durante cerca de um minuto, deteve-se … porta do quarto, escutando o fluxo e refluxo regulares da sua respiração, assegurando-se assim de que ela estava a dormir.

Ele não tinha certeza alguma de que aquilo que ia tentar fazer fosse funcionar, mas, caso desse certo, podia ser perigoso. Extremamente perigoso.

O seu escritório era uma sala grande nas guas-furtadas reformuladas que fora dividida em duas zonas: a "sala de leitura", uma zona com um sofã, rodeada de livros e uma cadeira de recosto, e um candeeiro regul vel e, na ponta da sala comprida, a zona de trabalho. Esta parte do escritório era dominada por uma secret ria antiquada que não apresentava um £nico traço que a pudesse redimir da sua fealdade fora do vulgar. Era uma utilit ria peça de mobili rio marcada, desgastada e sólida. Thad tinha-a desde os seus vinte e seis anos e, por vezes, Liz dizia …s pessoas que ele não a largava porque, secretamente, acreditava que se tratava da sua "Fonte das Palavras". Quando ela dizia isto, ambos sorriam, como se realmente acreditassem que se tratava de uma piada.

Três candeeiros de vidro opaco pendiam sobre este dinossaurio e, sempre que Thad acendia apenas estas luzes, como o fazia neste momento, os círculos de luz ferozes e sobrepostos que lançavam sobre a paisagem suja da secret ria davam a sensação de que Thad iria aí jogar uma qualquer versão estranha de bilhar: era impossível dizer quais seriam as regras do jogo numa superfície tão complexa, mas, na noite após o acidente de Wendy, a tensão do seu rosto teria convencido qualquer observador de que o jogo seria levado a cabo com paradas altas, quaisquer que fossem as regras.

Thad não podia estar mais de acordo com esta ideia.

Afinal de contas, precisara de mais de vinte e quatro horas para se encher de coragem para o que ia fazer.

Por um instante, Thad deteve-se diante da Remington Standard: um ligeiro alto sob a capa de resguardo com a alavanca de retorno de aço

inoxid vel a sobressair do lado esquerdo como o dedo de um homem a pedir boleia. Depois de se sentar … sua frente, tamborilando inquieto os dedos … beira da secret ria durante alguns momentos, Thad acabou por abrir a gaveta que se encontrava … esquerda da m quina de escrever.

Esta gaveta era tão larga quanto profunda. Após tirar o seu di rio para fora, Thad abriu a gaveta até ao fim.

O frasco onde guardava os Berol Black Beauty rolara bem até ao fundo da gaveta, entornando os l pis ao girar. Thad pegou no frasco, colocou-o no lugar habitual e reuniu os l pis, enfiando-os de novo l dentro.

Fechou a gaveta e olhou para o frasco. Este fora arremessado para dentro da gaveta após aquele primeiro estado de transe, durante o qual ele utilizara um dos Black Beauty para escrever "OS PARDAIS ESTãO A VOAR DE NOVO" no manuscrito de O cão Dourado. Era sua intenção nunca mais utilizar nenhum... no entanto, apenas h duas noites atr s, estivera a brincar com um deles e, agora, c estavam eles, colocados onde tinham estado colocados durante cerca de uma d£zia de anos, quando Stark vivera com ele, vivera dentro dele. Durante longos períodos, Stark permanecia silencioso, praticamente inexistente. Era então que uma ideia surgia e o velho George matreiro saltava para fora da sua cabeça como um boneco louco de dentro de uma caixa: "Aqui estou eu, Thad! Vamos l , velha carcaça! Vamos l cavalgar!"

E todos os dias, ao longo dos três meses seguintes, Stark saltava c para fora pontualmente …s dez da manhã fins-de-semana incluídos. Saía c para fora, agarrava num dos l pis Berol e começava a escrever todos aqueles disparates loucos e sem sentido: os disparates loucos e sem sentido que pagavam as contas que o trabalho do próprio Thad não conseguia pagar. O livro acabava por ficar pronto e George desaparecia de novo, como o velho louco que fiara palha em ouro para Rapunzell.

Thad pegou num dos l pis, olhou para as marcas dos dentes ligeiramente gravadas no cilindro de madeira e deixou-o cair de novo no frasco, fazendo um ligeiro clink sonoro.

- A minha metade sombria - murmurou ele.

Mas ser que George Stark era dele? ser que alguma vez fora dele? Com excepção do estado de transe, ou o que quer que aquilo tivesse sido, ele não usara um destes l pis, nem sequer para fazer anotações, desde que escrevera "Fim" no fundo da £ltima p gina do £ltimo romance de Stark, A

Caminho da Babilónia.

Afinal de contas, não houvera razão nenhuma para os utilizar" aqueles eram os l pis de George Stark e Stark estava morto... ou pelo menos era isso que Thad supusera. Era sua convicção de que, a seu devido tempo, acabaria por deit -los fora.

Mas agora parecia que, afinal de contas, eles iriam ter algum uso.

Thad esticou a mão na direcção do frasco de boca larga, puxando-a de imediato para tr s, como se a afastasse de uma fornalha que brilha com o próprio calor intenso.

Do bolso da camisa, Thad tirou a caneta, abriu o di rio, retirou a tampa da caneta, hesitou, e depois escreveu:

"Se William chora, Wendy chora. Mas descobri que o elo que existe entre eles é muito mais profundo e forte do que isso. Ontem, Wendy caiu das escadas abaixo e ficou com uma nódoa negra que se assemelha a um grande cogumelo roxo. Quando os gémeos acordaram da sesta, William também tinha uma. No mesmo local, com a mesma forma."

Aos poucos, Thad foi-se deixando cair no estilo da auto-entrevista que caracterizava uma boa parte do seu di rio.

… medida que o ia fazendo, apercebeu-se de que este modo de descobrir um caminho para aquilo em que realmente pensava, sugeria mais uma outra forma de dualidade... ou talvez fosse apenas um outro aspecto de uma £nica divisão na sua mente e espírito, algo que era tanto essêncial como misterioso.

"Pergunta: se tirasses fotografias …s nódoas negras dos meus filhos e, de seguida, sobrepusesses uma … outra, acabarias por ter em mãos aquilo que se assemelharia a uma só imagem?

Resposta: Sim, penso que sim. Creio que é como a história das impressões digitais. Creio que é como a história das impressões vocais."

Por um instante, Thad permaneceu sentado e imóvel, batendo ao de leve com a extremidade da caneta na p gina do di rio, reflectindo naquilo que escrevera. De seguida, inclinando-se de novo para a frente, começou a escrever mais depressa.

"Pergunta: O William SABE que tem uma nódoa negra?

Resposta: não, penso que não sabe.

Pergunta: ser que eu sei o que são os pardais, ou o que é que eles significam?

Resposta: não.

Pergunta: Mas eu sei que EXISTEM pardais. até aí tudo bem, não é? Independentemente daquilo em que Alan Pangborn ou outra pessoa qualquer possam acreditar, eu sei que EXISTEM pardais, e eu sei que eles estão a voar de novo, não sei?

Resposta: Sim."

Nesta altura, a caneta deslizava a toda a velocidade sobre a p gina. H meses que não escrevia de um modo tão r pido ou de uma forma tão inconsciente de si próprio.

"Pergunta: O Stark sabe que existem pardais?

Resposta: não. Ele diz que não sabe e eu acredito nele.

Pergunta: ser que tenho a CERTEZA que acredito nele?"

Mais uma vez, por breves momentos, parou, escrevendo de seguida:

"O Stark sabe que h ALGUMA COISA. Mas o William também deve saber que h alguma coisa: se a perna tem uma nódoa negra, deve doer. Mas a Wendy deu-lhe a nódoa negra quando caiu das escadas abaixo. O William só sabe que tem um sítio que Lhe dói.

Pergunta: O Stark sabe que tem um ponto fraco? Um ponto vulner vel?

Resposta: Sim, penso que sabe.

Pergunta: Os p ssaros são meus?

Resposta: Sim.

Pergunta: Isso quer dizer que quando ele escreveu "OS P†ssaroS ESTãO A VOAR DE NOVO" na parede de Clawson e na parede de Miriam, não estava consciente do que estava a fazer e, por isso, não se lembra de o ter feito?

Resposta: Sim.

Pergunta: Quem é que escreveu aquelas coisas sobre os pardais? Quem é que escreveu aquilo com sangue?

Resposta: Aquele que sabe. Aquele a quem os pardais pertencem.

Pergunta: Quem é aquele que sabe? Quem é aquele que possui os p ssaros?

Resposta: Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui.

Pergunta: Eu estava l ? Eu estava l quando ele os assassinou?"

Thad fez uma outra pausa por breves segundos. "Sim", escreveu ele, e de seguida: "Não. As duas. Eu não tive um estado de transe quando Stark matou o Homer Gamache ou o Clawson, pelo menos que me lembre. Creio que aquilo que sei... aquilo que VEJO... talvez esteja a aumentar.

Pergunta: Ele vê-te?

Resposta: não sei. Mas..."

Thad escreveu: "Ele tem de me conhecer. Ele tem de me ver. Se foi REALMENTE ele quem escreveu aqueles romances, j me conhece h muito tempo. E esse seu conhecimento, essa sua visão, est também a aumentar. Todo aquele equipamento de localização e escuta de chamadas não desconcertou nem um bocadinho o velho George matreiro, pois não? não, claro que não. Porque o velho George matreiro sabia que o equipamento estaria l . não se passam praticamente dez anos a escrever ficção polícial sem se ter conhecimento deste tipo de coisas. Essa foi uma das razões pela qual ele não ficou desconcertado. Mas a outra é inda melhor, não é? Quando ele quis falar comigo, falar comigo em particular, soube exactamente onde me encontrar e como me apanhar, não soube?"

Sim. Stark telefonara para casa quando quisera ser ouvido por todos e telefonara para o Mercado do Dave quando não quisera. Porque é que, no primeiro caso, quisera ser ouvido por todos? Porque tinha uma mensagem a enviar … Polícia, que ele sabia estar a ouvir: que não era o George Stark e de que estava consciente de que não o era... e que não iria matar mais ninguém, que não iria atr s de Thad e da família de Thad. E havia ainda mais outra razão: ele quisera que Thad visse as impressões vocais que sabia irem ser feitas. Ele sabia que a Polícia não acreditaria naquilo que elas mostravam, por muito incontroversas que fossem... mas que Thad acreditaria.

"Pergunta: Como é que ele sabia onde eu me encontrava?"

E essa era uma pergunta bastante boa, não era? até então, Thad só se saíra com perguntas do género como é que dois homens diferentes

podem partilhar das mesmas impressões digitais e impressões vocais e como é que dois bebés diferentes têm exactamente a mesma nódoa negra... sobretudo quando apenas um dos bebés em questão é que magoa a perna.

Só que Thad estava ciente que mistérios semelhantes estavam bem documentados e eram aceites, pelo menos em casos que envolviam gémeos o laço entre gémeos idênticos era ainda mais estranho. h mais ou menos um ano atr s, uma revista de informação trouxera um artigo sobre este assunto. Por causa dos gémeos na sua própria vida, Thad lera o artigo com atenção.

Havia o caso de dois gémeos idênticos que se encontravam separados por um continente inteiro, mas quando um deles partiu a perna esquerda, o outro teve dores horríveis na própria perna esquerda sem sequer saber que algo acontecera ao irmão. Havia ainda o caso de duas raparigas idênticas que tinham desenvolvido uma linguagem especial muito própria, uma linguagem conhecida e entendida apenas por elas em todo o mundo. Apesar dos Qis elevados e idênticos, estas duas gémeas nunca tinham aprendido a falar inglês. O que é que o inglês Lhes traria? Tinham-se uma … outra... e isso era tudo aquilo que bastava. E, contava ainda o artigo, havia o caso de dois gémeos que, separados … nascença, se tinham encontrado de novo em adultos e descoberto que se tinham casado no mesmo dia do mesmo ano, com mulheres que tinham um primeiro nome idêntico e que eram de uma semelhança espantosa. Além disso, ambos os casais haviam dado aos primeiros filhos o nome de Robert. Os dois Robert tinham nascido no mesmo mês e no mesmo ano.

- Uma parte e a outra parte. Uma metade e a outra metade. Um lado e o outro lado. As duas metades da mesma laranja - murmurou Thad, que se debruçou e desenhou um círculo em redor da £ltima linha que escrevera.

"Pergunta: Como é que ele sabia onde eu me encontrava?"

Por debaixo, escreveu:

"Resposta: Porque os pardais estão a voar de novo.

E porque somos gémeos."

Thad voltou a p gina do di rio e p“s a caneta de lado.

Com o coração a bater descompassadamente e a pele arrepiada

de medo, esticou uma trémula mão direita e tirou um dos l pis Berol de dentro do frasco. Era como se estivesse a queimar a mão com um ardor lento e desagrad vel.

Altura de p“r mãos … obra.

Thad Beaumont curvou-se sobre a p gina em branco, fez uma pausa e, de seguida, escreveu "OS P†ssaroS ESTãO A VOAR DE NOVO" em grandes letras de imprensa no cimo da folha.

2

Que é que, exactamente, pretendia fazer com o l pis?

Também isso ele sabia. Thad ia tentar dar uma resposta … £ltima pergunta, aquela que era tão óbvia que nem sequer se dera ao trabalho de a p“r por escrito. ser que ele conseguia induzir de modo consciente o estado de transe?

Ser que ele conseguia fazer com que os pardais voassem?

A ideia tomou a forma de um contacto psíquico sobre o qual ele lera mas que nunca vira ser demonstrado: a escrita autom tica. A pessoa que tenta contactar com uma alma morta (ou viva) por meio deste método segura uma caneta ou um l pis na mão, sem apertar, com a ponta sobre uma folha de papel em branco e limita-se a esperar que o espírito trocadilho o mais intencional possívelo ponha em movimento. Thad lera que a escrita autom tica, que podia ser praticada com o auxílio de uma t bua Ouija, era normalmente considerada uma espécie de brincadeira, até mesmo um jogo, o que podia acabar por ser extremamente perigoso: que, com efeito, podia expor o praticante a uma forma qualquer de possessão.

Quando lera o artigo, Thad não acreditara nem deixara de acreditar em tudo isto" parecia ser algo tão estranho … sua vida como a adoração de ídolos pagãos ou a pr tica do tripano para acabar com as dores de cabeça. Neste momento, parecia ter a sua própria lógica fatal. Mas ele teria de chamar os pardais.

Pensou neles. Tentou invocar a imagem de todos aqueles p ssaros, de todos aqueles milhares de p ssaros, empoleirados nos telhados e nos fios de telefone sob um ameno céu primaveril, … espera do sinal telep tico para levantarem voo.

E a imagem veio... mas era insípida e irreal, uma espécie de

quadro mental sem qualquer tipo de vida. Geralmente, quando começava a escrever, era assim que se passava:

um exercício seco e estéril. não, era pior do que isso. Para Thad, começar um livro sempre lhe parecera um pouco obsceno: era como beijar um cad ver na boca.

Contudo, ele aprendera que, se se esforçasse, se continuasse simplesmente a obrigar as palavras a sair ao longo das p ginas, havia algo que entrava, algo que era simultaneamente maravilhoso e terrível. As palavras como unidades individuais começavam a desaparecer. As personagens, até então trabalhadas e sem vida, começavam a adquirir agilidade, como se Thad as tivesse mantido num arm riozinho qualquer durante a noite e elas tivessem de desentorpecer as pernas antes de poderem iníciar aqueles passos de dança complicados. Algo começava a acontecer no cérebro dele" Thad conseguia praticamente sentir a forma das ondas eléctricas a alterarem-se, a perderem aquela disciplina terrivelmente formalista de passo de ganso, e a transformarem-se nas flexíveis e suaves ondas delta do sono.

Thad sentou-se, então, curvado sobre o seu di rio, com o l pis na mão, e tentou fazer com que isto acontecesse.

… medida que os minutos se iam desvanecendo e nada acontecia, começou a sentir-se cada vez mais tolo. E Uma fala dos antigos desenhos animados Rocky and Bullwinkle veio-lhe … cabeça e recusou-se a sair:

"Abracadabra, os espíritos estão prestes a falar!" Que raio de coisa i que diria a Liz se aparecesse e Lhe perguntasse o que é que ele estava a fazer ali com um l pis na mão e uma folha de papel em branco … frente, alguns minutos antes da meia-noite? Que estava a tentar desenhar o coelho na carteira de fósforos e ganhar uma bolsa de estudo para a Escola de Artistas Famosos em New Haven? Raios, ele nem sequer tinha uma daquelas carteiras de fósforos!

Thad fez tenção de p“r o l pis de volta no lugar, mas estacou. Como se mexera um pouco na cadeira, ficara virado para a janela, do lado esquerdo da secret ria, e agora estava a olhar para o exterior.

Havia um p ssaro l fora, pousado no peitoril da janela e a olhar para ele com uns olhos escuros brilhantes.

Era um pardal. Enquanto Thad o fitava, outro pardal veio juntar-se ao primeiro.

E outro.

- Oh, meu Deus - disse Thad numa voz trémula e fraca. Nunca se sentira tão aterrorizado em toda a sua vida...

e, subitamente, aquela sensação esquisita encheu-o de ' novo. Era a mesma sensação de quando falara ao telefone com Stark, só que agora era mais forte, muito mais forte.

Um outro pardal poisou, empurrando os outros três para o lado para arranjar lugar e, por detr s deles, Thad viu toda uma fila de p ssaros empoleirados no telhado do barracco onde guardavam o equipamento da relva e o carro de Liz. O antigo cata-vento na £nica empena da garagem estava coberto deles, balançando debaixo do seu peso.

- Oh, meu Deus - repetiu Thad, escutando a sua voz a milhares de quilómetros de dist*f*ncia, uma voz repleta de terror e horrível espanto. - Oh, louvado seja Deus, eles são reais" os pardais são reais.

Em toda a sua imaginação, Thad nunca suspeitara disto... mas não havia tempo a perder ou até mesmo cabeça para perder tempo com eles. Subitamente, o escritório desapareceu e, em seu lugar, Thad viu a zona Ridgeway em Bergenfield, onde crescera. Encontrava-se tão silenciosa e deserta como a casa no pesadelo de Stark" Thad viu-se a si próprio a espreitar para o sub£rbio silencioso num mundo morto.

Contudo, não estava inteiramente morto porque os teLhados de todas as casas estavam cobertos por pardais chilreantes.

Todas as antenas de televisão estavam carregadas deles. Todas as rvores estavam repletas deles. Os pardais empoleiravam-se em todos os fios de telefone. Encontravam-se poisados sobre os carros estacionados, sobre a grande caixa de correio azul que estava situada na esquina da Duke Street com a Marlborough Street, e sobre a grade para as bícicletas em frente da Loja de Conveniência da Duke Street, onde ia comprar leite e pão para a mãe quando era mi£do.

O mundo estava cheio de pardais, … espera de uma ordem para voarem.

Thad Beaumont deixou-se cair para tr s na cadeira do escritório, com um fio de espuma a escorrer dos cantos da boca e os pés a

contraírem-se incessantemente. Neste momento, todas as janelas do escritório estavam cobertas de pardais, que fitavam Thad como uns estranhos espectadores em forma de aves. Um som longo e gargarejante escapou da boca dele. Os olhos reviraram-se, deixando a descoberto as pupilas empoladas e brilhantes.

O l pis tocou no papel e começou a escrever. Sobre a primeira linha, Thad rabiscou - MANA.

Desceu outras duas linhas, descreveu a marca em forma de L que marcava habitualmente um novo par grafo nos livros de Stark e escreveu:

"L A mulher começou a afastar-se da porta. Fê-lo de umaforma praticamente imediata, antes mesmo de a porta ter parado de se abrir ligeiramente para dentro, mas j era tarde de mais. A minha mão disparou como uma bala por entre o espaço de seis centímetros de entre a porta e a ombreira, agarrando-lhe a mão." Os pardais levantaram voo. Num mesmo instante, todos eles levantaram voo, os que penetraram na sua cabeça daquele Bergenfield de h tanto tempo atr s, e aqueles no exterior da sua casa de Ludlow, os verdadeiros. Voaram em direcção a dois céus: um céu branco primaveril do ano de 1960, e um céu escuro de Verão do ano de 1988. Voaram e desaparecem numa explosão agitada de asas. Thad sentou-se muito direito... mas a mão estava ainda presa ao l pis e era empurrada ao longo da p gina. O l pis escrevia por si só.

"Consegui", pensou ele aturdido, limpando a saliva e a espuma na boca e no queixo com a mão esquerda. "Consegui... e agora só desejo nunca o ter feito. Que é isto?"

Thad fitou as palavras que, em baixo, fluíam do seu pulso, com o coração a bater com tanta força que sentia a pulsação, alta e r pida, na sua garganta. As frases vertidas sobre as linhas azuis estavam escritas com a sua própria letra mas, também, todos os romances de Stark tinham sido escritos com aquela mão. "Com as mesmas impressões digitais, o gosto pela mesma marca de cigarros e, exactamente, as mesmas características vocais, seria ainda mais esquisito se se tratasse da letra de uma outra pessoa", pensou ele.

A sua letra, como se verificara em todas as outras ocasiões, mas de onde é que estavam a vir as palavras? não da sua cabeça, isso era certo" neste preciso momento, esta não continha mais nada excepto um sentimento de terror a que se sobrepunha um sentimento clamoroso e

ensurdecedor de confusão. E Thad deixara de sentir completamente a mão.

Era como se o braço direito terminasse a cerca de três palmos acima do pulso. Thad nem sequer tinha a mais remota sensação de estar a exercer pressão sobre os dedos, apesar de conseguir ver que estava a segurar o Berol com força suficiente para tornar brancas as pontas do polegar e dos dois primeiros dedos. Era como se se tivesse injectado com uma boa quantidade de novocaína.

Thad chegou ao fim da primeira folha. A sua mão insensível rasgou a folha pela margem e a palma da mão insensível correu ao longo da lombada do di rio, vincando uma outra folha, tendo começado a escrever de novo.

"Miriam Cowtey abriu a boca para gritar.

Mantivera-me mesmo por detr s da porta, pacientemente … espera h j quatro horas, sem beber um café ou fumar um cigarro. (Queria um cigarro, e fumaria um mal tudo isto estivesse acabado, mas, antes disso, o cheiro talvez a pudesse ter alertado). Lembrei a mim próprio que tinha de lhe fechar os olhos depois de lhe cortar a garganta. "

Com um pavor cada vez maior, Thad apercebeu-se de que estava a ler um relato do assassínio de Miriam Cowley...

e, desta vez, não se tratava de uma mistela confusa e entrecortada de palavras mas a narração coerente e brutal de um homem que era, … própria maneira terrível, um escritor extremamente eficaz: sufícientemente eficaz para levar milhões de pessoas a comprar as suas ficções.

"A estreia de George Stark no campo da não ficção", pensou ele de forma repulsiva.

Thad fizera exactamente aquilo que se propusera fazer:

entrara em contacto com Stark, de algum modo conseguira penetrar na mente de Stark tal como Stark conseguira, de alguma forma, penetrar na própria mente de Thad. Mas quem é que teria adivinhado que, ao fazê-lo, iria entrar em contacto com forças tão monstruosas e desconhecidas?

Quem é que conseguiria adivinhar? Os pardais e a percepção de que os pardais eram reais j tinham sido terríveis, mas isto era mil vezes pior. não era de espantar que Thad achasse que tanto o l pis como o bloco de notas transmitiam uma sensação de ardor quando em contacto com a pele.

A mente deste homem era uma maldita fornalha.

E agora, meu Deus! Aqui estava! A descrever toda a história com o próprio punho! Pelo amor de Deus!

"Est s a pensar que me podes rebentar os miolos com essa coisa, não est s, mana? - perguntou ele. - Pois deixa-me que te diga uma coisa: esse não é um pensamento feliz. E sabes o que acontece …s pessoas que perdem os pensamentos felizes, não sabes?

Agora, as l grimas corriam-lhe pelo rosto abaixo."

"Que é que se passa, George? Est s a perder alguns dos teus pensamentos felizes?"

Não era de espantar que, por um instante, Thad tivesse feito parar o horrível filho da mãe quando fizera essa pergunta. Se este fora o modo como tudo realmente se passara, Stark utilizara então a mesma expressão antes de assassinar Miriam.

"Eu ESTAVA dentro da cabeça dele durante o assassínio.

ESTAVA. Por isso é que utilizei aquela expressão durante a conversa que tivemos no Mercado do Dave."

Aqui estava Stark a forçar Miriam a telefonar para Thad, a marcar o n£mero em vez dela j que estava demasiado aterrorizada para se lembrar do n£mero, apesar de ter havido semanas em que marcara aquele n£mero meia d£zia de vezes. Thad considerou este esquecimento e a compreensão demonstrada por Stark tanto horrível quanto convincente. E, agora, Stark estava a usar a navalha para...

No entanto, ele não queria ler aquilo, ele não iria ler aquilo. Thad empurrou o braço para cima, erguendo a mão dormente juntamente com o braço como se de um peso bruto se tratasse. No instante em que a ponta do l pis deixou de estar em contacto com o bloco de notas, as sensações voltaram a afluir … mão. Os m£sculos estavam com c*f*imbras e o lado do segundo dedo doía-lhe bastante" o cilindro do l pis deixara uma marca que, agora, estava a adquirir uma cor avermelhada.

Com horror e uma espécie de admiração aturdida, Thad olhou para baixo, para a p gina rabiscada. A £ltima coisa na terra que desejava fazer era voltar a baixar o l pis, para completar de novo aquele circuito obsceno entre ele e Stark... mas ele não entrara nisto apenas para ler o relatório de Stark em primeira mão do assassínio de Mir Cowley, pois não?

"Imagina que os p ssaros voltam?"

Mas não voltariam. Os p ssaros tinham servido os seus fins. O circuito que ele alcançara estava ainda completo e a funcionar. Thad não fazia a mais pequena ideia de como sabia isso, mas sabia.

"Onde est s, George?", pensou ele. "Por que raio é que não te sinto? ser que é porque est s tão pouco consciente da minha presença como eu estou da tua? Ou ser que é outra coisa? Onde raio é que EST S?"

Thad manteve este pensamento diante da sua mente, tentando visualiz -lo como um sinal de nion de um vermelho berrante. De seguida, com força, apertou de novo o l pis entre os dedos e começou a baix -lo em direcção ao di rio.

Mal a ponta do l pis tocou no papel, a mão ergueu-se mais uma vez e, com um movimento dos dedos, passou para uma outra folha em branco. Como j fizera uma vez, a palma da mão vincou a folha virada ao longo da lombada.

Foi então que o l pis voltou ao papel e escreveu:

"Não importa - disse Machine a Jack RangeZy. - Todos os lugares são iguais. - Fez uma pausa. - Com excepção talvez da nossa casa. E saberei isso quando l chegar.""

"Todos os lugares são iguais." Thad começou por reconhecer aquela primeira frase e, depois, a citação inteira.

Era tirada do primeiro capítulo do primeiro romance de Stark, A Vontade de Machine.

Desta vez, o l pis parara por si só. Thad levantou-o e olhou para as palavras rabiscadas, frias e incomodativas.

"Com excepção talvez da nossa casa. E saberei isso quando l chegar."

Em A Vontade de Machine, a casa fora Flatbush Avenue, onde Alexis Machine passara a sua inf*f*ncia, varrendo a sala de snooker do pai doente e alcoólico. Nesta história onde era a casa?

"Onde é a casa?" Thad pensou no l pis e, lentamente, aproximou-o de novo do papel.

O l pis fez uma série de rabiscos em forma de m. Fez uma pausa,

tendo começado a mover-se de novo.

A casa é onde era o começo. - escreveu o l pis por baixo dos p ssaros.

Um trocadilho. ser que aquilo significava alguma coisa?

O contacto ainda funcionava ou estaria ele apenas a enganar-se a si próprio? Thad não se equivocara quanto aos p ssaros e tão-pouco durante aquela primeira enxurrada frenética de escrita. Isso ele sabia, mas a sensação de ardor e compulsão parecia ter-se atenuado. A mão ainda se encontrava dormente, mas a força com que segurava o l pis e era, na verdade, com muita força, a julgar pela marca no lado do dedo podia ter alguma coisa a ver com isso.

Não lera ele naquele mesmo artigo sobre a escrita autom tica que, muitas vezes, as pessoas se enganavam a si próprias com a t bua Ouija - que, na maioria dos casos, esta era guiada não pelos espíritos mas pelos pensamentos e desejos subconscientes do indivíduo?

"A casa é onde est o começo." Se se tratava ainda de Stark, e se o trocadilho tinha algum significado, era aqui, nesta casa: porque George Stark nascera aqui.

Subitamente, uma parte do maldito artigo da revista People penetrou-lhe no espírito.

"Enfiei uma folha de papel na m quina de escrever... e, depois, tornei a tir -la logo de seguida. Escrevi todos os meus livros … m quina, mas, aparentemente, George Stark não era apologista de m quinas de escrever. Talvez porque não tivessem aulas de dactilografia em nenhum dos hotéis de pedra onde ele cumpriu uma pena de prisão."

Engraçado, muito engraçado. Mas havia apenas uma relação secund ria com os factos actuais, não havia? não era a primeira vez que Thad contava com uma história que possuía apenas uma ligação muito ténue com a verdade, e admitiu que não seria a £ltima (partindo do princípio que sobreviveria a isto, é óbvio). não se tratava propriamente de mentir" nem sequer de enfeitar a verdade, rigorosamente falando. Tratava-se do acto praticamente inconsciente de ficcionalizar a própria vida, e Thad não conhecia um £nico romancista ou escritor de contos que não o fizesse. não fazíamos aquilo para dar de nós uma melhor imagem do que aquela que realmente tivemos numa dada situação" por vezes, isso acontecia, mas est vamos igualmente predispostos a relatar uma história

que nos dava uma m imagem ou nos fazia parecer comicamente est£pidos. Qual era aquele filme em que um jornalista dissera: "Quando se tem a escolha entre a verdade e a lenda, imprimam a lenda"? Talvez em O Homem que matou Liberty Valance. Talvez até funcionasse para os relatos merdosos e imorais, mas funcionava também para a ficção maravilhosa. O extravasamento da ficção para a própria vida pessoal parecia ser um efeito secund rio praticamente inevit vel do contar histórias: era como ficar com calos nas pontas dos dedos por tocar viola ou acabar por ganhar uma certa tosse após anos a fumar.

Na verdade, os factos do nascimento de Stark eram bem diferentes daqueles contados na versão da People. não houvera qualquer decisão mística de escrever os romances do Stark … mão, embora o tempo o tivesse tornado numa espécie de ritual. E quando se tratava de rituais, os escritores eram tão superstíciosos como os atletas profissionais.

Os jogadores de beisebol podiam vestir as mesmas meias dia após dia ou benzerem-se antes de subir para a caixa do batedor se estivessem a jogar bem" quando bem sucedidos, os escritores ficavam propensos a seguir os mesmos padrões até estes se transformarem em rituais, num esforço para se precaverem do equivalente liter rio de um falhanço com o bastão... que era conhecido como o bloqueio do escritor.

O h bito de George Stark em escrever os romances … mão começara pura e simplesmente porque Thad se esquecera de levar fitas novas para a sua Underwood no pequeno escritório da casa de Verão em Castle Rock. Dado que as ideias eram escaldantes e demasiado prometedoras para esperar, apesar de não ter fitas para a m quina, Thad vasculhou as gavetas da pequena secret ria que aí tinha até encontrar um bloco de notas e alguns l pis e... "Naquela época, tínhamos o h bito de ir para aquela casa junto ao lago numa época bastante tardia no Verão, porque eu dava aquele curso de três semanas. Como era mesmo o nome?

"Formas Criativas". Que raio de coisa tão est£pida. Nesse ano, j est vamos no fim de Junho e lembro-me de subir ao escritório e descobrir que j não tinha fitas. Raios, até me lembro de Liz se queixar de nem se quer termos café...

"A casa é onde est o começo." Ao falar com Mike Donaldóon, o tipo da revista People, e ao contar-lhe a história semificcional da génese de George Stark, Thad transferira a localização

para a grande casa ali em Ludlow, sem sequer se dar ao trabalho de pensar duas vezes: porque, supunha ele, era em Ludlow que se dedicava mais … escrita, sendo perfeitamente normal localizar a cena ali, sobretudo quando se est a preparar uma cena, a pensar numa cena, tal como se faz quando se est a escrever um artigo de ficção. Mas não fora ali que George Stark fizera a sua estreia" não fora ali que usara pela primeira vez os olhos de Thad para ver o mundo, apesar de ter sido ali que escrevera a maior parte dos seus livros, tanto como Stark como quando ele próprio, fora ali que eles tinham vivido a maior parte das suas estranhas vidas duplas.

"A casa é onde est o começo."

Neste caso, casa deveria ser sinónimo de Castle Rock.

Castle Rock, que, por mero acaso, era também onde se situava o Cemitério de Homeland. O Cemitério de Homeland que era onde, no pensamento de Thad e provavelmente também no de Alan Pangborn, George Stark aparecera pela primeira vez na sua materialização física homícida, h cerca de duas semanas atr s.]

De seguida, como se se tratasse da sequência mais natural do mundo (tanto quanto ele sabia, até que podia muito bem ser), veio-lhe … cabeça uma outra pergunta, uma que era tão b sica e que surgiu de modo tão espont*f*neo que Thad só ouviu dizê-la em voz alta, como um fã tímido num ch para conhecer o autor:

Porque é que queres voltar de novo a escrever?

Thad baixou a mão até a ponta do l pis tocar no papel.

Aquele entorpecimento característico voltou a fluir para cima dela e dentro dela, dando a sensação de que a mão estava mergulhada numa corrente de gua muito fria.

Mais uma vez, o primeiro acto da mão foi erguer-se de novo e virar para uma p gina limpa no di rio. Voltou a descer, vincando a folha virada pela lombada... só que, desta vez, a escrita não começou de imediato. Thad teve tempo para pensar que, apesar do entorpecimento, o contacto, qualquer que tivesse sido, fora quebrado. Foi então que o l pis se agitou na mão, como se de uma coisa viva se tratasse... viva mas gravemente ferida. Com um sacco, rabiscou um sinal semelhante a uma vírgula na horizontal e, com um novo sacco, descreveu um travessão. Foi

então que escreveu "George Stark, George Stark não h p ssaros George Stark"

antes de ficar imóvel como uma peça de maquinaria sibilante.

"Sim. Podes escrever o teu nome. E podes negar a existência dos pardais. Muito bem. Mas porque é que queres voltar de novo a escrever? Porque é que é tão importante assim? Importante o sufíciente para matar pessoas?

"Se não o fizer, morro", escreveu o l pis.

- O que queres dizer com isso? - sussurrou Thad, embora sentisse uma esperança desvairada a deflagrar na cabeça. ser que era possível ser assim tão simples? Thad admitia que podia ser assim, sobretudo para um escritor que, antes de mais nada, nem sequer tinha de existir. Meu Deus, havia muito bons escritores reais que só conseguiam viver se escrevessem, ou se sentissem que o conseguiam fazer...

e, no caso de homens como Ernest Hemingway, fora tudo dar ao mesmo, não fora?

O l pis vacilou, desenhando de seguida uma comprida linha irregular por baixo da £ltima mensagem. Peculiarmente, assemelhava-se …s impressões vocais.

- V l - sussurrou Thad.Que raio queres tu dizer com isso?

"A desintegrar-ME", escreveu o l pis. As letras eram afectadas e relutantes.

O l pis agitou-se e titubeou entre os dedos, que estavam brancos como a cal da parede. "Se exercer muito mais pressão", pensou Thad, "o l pis vai acabar por estalar." "a perder" "a perder a coesão necess ria"

""não existem quaisquer p ssaros, nãO EXISTEM QUAISQUER PORra DE P†ssaroS"

"Oh seu filho da mãe sai de dentro da minha cabeça."

Subitamente, o braço de Thad voou. ao mesmo tempo, a mão dormente sacudiu o l pis com a agilidade de um m gico a manipular uma carta e, em vez de o segurar entre os dedos junto … ponta do cilindro, agarrou o l pis como se de um punhal se tratasse.

Thad baixou o l pis, Stark baixou o l pis e, de repente, o l pis foi

espetado na teia de carne entre o polegar e o primeiro dedo da mão esquerda. A ponta de grafite, de algum modo romba pela enorme quantidade de coisas que Stark escrevera, furou praticamente toda a mão, atravessando-a de um lado ao outro. O l pis estalou. Um charco vivo de sangue encheu a depressão que a haste do l pis fizera na carne. De repente, a força que o possuíra, passara.

Uma dor terrível subiu pela mão acima, que continuava sobre a secret ria com o l pis espetado e projectado para fora.

Thad lançou a cabeça para tr s e cerrou bem os dentes para calar o grito agonizante que se debatia para escapar da garganta.

3

Ao lado do escritório havia uma pequena casa de banho.

Quando Thad se sentiu capaz de andar, levou a mão monstruosamente latejante até l , tendo examinado a ferida sob o brilho ofuscante da l*f*mpada fluorescente do tecto.

I Assemelhava-se a uma ferida causada por uma bala: um buraco perfeitamente redondo, orlado por uma mancha escura que se alastrava. A mancha assemelhava-se a pólvora e não a grafite. Thad virou a mão e viu um leve pontinho encarnado, do tamanho de uma alfinetada, no lado da palma da mão. Era a ponta do l pis.

"Foi o que deu por teres ido até ao fim", pensou.

Thad colocou a ferida debaixo da gua fria até a mão ficar dormente. De seguida, tirou do arm riozinho a garrafa de gua oxigenada. Como verificou que não conseguia segurar a garrafa com a mão esquerda, pressionou-a contra o corpo com o braço esquerdo para conseguir tirar a tampa.

Deste modo, despejou o desinfectante sobre o buraco da mão, observando o líquido a ficar branco e espumoso, cerrando os dentes para conter a dor.

Depois de voltar a p“r a garrafa de gua oxigenada no lugar, tirou um a um do arm riozinho os poucos frascos de medicamentos que aí se encontravam, examinando os rótulos.

Quando, h dois anos atr s, dera uma valente queda ao fazer corta-mato em esqui, sofrera de terríveis espasmos nas costas, tendo o bom

velho Dr. Hume passado uma receita de Percodan. Tomara apenas alguns e verificara que os comprimidos desregulavam o seu ciclo de sono e lhe dificultavam a escrita.

Por fim, Thad l acabou por descobrir o frasco de pl stico escondido por detr s de uma lata de creme de barbear Barbasol que devia ter, pelo menos, cem anos. Com os dentes, Thad abriu a tampa do frasco e, com uma sacudidela. deitou um dos comprimidos para fora, para o lado do lavatório. Por um segundo, ponderou no que ia fazer, decidindo não o fazer. Eles eram fortes.

"E talvez até estejam estragados. Talvez até possa acabar esta noite tão divertida com uma boa convulsão e uma viagem ao hospital. Que tal?"

Mas decidiu correr o risco. Na verdade, nem sequer podia haver d£vidas: as dores eram imensas e horríveis.

Quanto ao hospital... Thad olhou de novo para a ferida na mão e pensou: "Provavelmente até devia l ir para que um médico examinasse isto, mas raios me partam se o faço. J estou farto de, nestes £ltimos dias, ver as pessoas a olharem para mim como se eu fosse um louco. j basta."

Thad atirou mais quatro Percodans para a mão em forma de concha, enfiou-os no bolso das calças e tornou a p"r o frasco na prateleira do arm rio de remédios. De seguida, colocou um penso r pido sobre a ferida. Um daqueles redondos era o sufíciente. "Ao olhar para aquele circulozinho de pl stico", pensou ele, "ninguém faz sequer a mais pequena ideia do quanto esta maldita coisa dói. Ele armou-me uma cilada. Uma armadilha na mente dele e eu caí nela que nem um patinho."

Fora realmente isso que acontecera? Thad não sabia, não com toda a certeza, mas de uma coisa estava certo: não era seu desejo repetir a proeza.

4

Quando se conseguiu controlar de novo, ou algo próximo disso, Thad voltou a colocar o di rio na gaveta da secret ria, desligou as luzes do escritório e desceu até ao segundo andar.

No patamar, deteve-se por um instante, … escuta. Os gémeos estavam silenciosos. E Liz também.

O Percodan, aparentemente ainda dentro do prazo de validade,

começou a dar sinais de vida e as dores na mão de Thad começaram a diminuir um pouco. Caso, inadvertidamente, Thad dobrasse a mão, o ténue latejar transformava-se num grito. No entanto, se fosse cuidadoso, não doía assim tanto.

"Mas, caro amigo, amanhã de manhã vai doer... e o que vais dizer … Liz?"

Ainda não sabia bem. Talvez a verdade... ou parte dela, de qualquer modo. Aparentemente, ela especializara-se em apanh -lo nas mentiras.

As dores estavam a passar mas os efeitos posteriores do choque repentino de todos os choqões repentinos ainda subsistiam e Thad imaginou que levaria mais algum tempo até conseguir adormecer. Assim, desceu até ao primeiro andar e, através das cortinas corridas da grande janela da sala de estar, deu uma olhadela ao carro-patrulha da polícia estadual estacionado na entrada. Thad conseguia vislumbrar a luz bruxuleante intermitente de dois cigarros no seu interior.

"Estão para ali os dois sentados muito senhores de si", pensou ele. "Os p ssaros não incomodaram qualquer um deles. Talvez, então, não EXISTISSEM realmente nenhuns, excepto na minha cabeça. Afinal de contas, estes tipos são pagos para serem incomodados."

Era uma ideia tentadora mas o escritório situava-se no outro lado da casa. As suas janelas não eram vistas da entrada. Do mesmo modo, a garagem também estava tapada.

Consequentemente, os polícias não podiam mesmo ter visto os p ssaros. não, pelo menos, quando começaram a empoleirar-se.

"Mas, e quando todos eles levantaram voo ao mesmo tempo? não me venham dizer que eles não ouviram isso.

Tu, Thad, viste pelo menos uma centena, talvez até duzentos ou trezentos."

Thad foi até l fora. Mal abriu a porta de rede da cozinha, j os dois agentes se encontravam fora do carro, um de cada lado. Eram homens grandes que se moviam com a rapidez silenciosa dos felinos.

- Ele voltou a telefonar, senhor Beaumont? - perguntou aquele que saíra do lado do condutor. Chamava-se Stevens.

- Não, nada disso - retorquiu Thad.Estava a escrever no meu escritório quando tive a sensação de ouvir um bando inteiro de p ssaros a levantar voo. Fiquei um pouco assustado. Por acaso ouviram alguma coisa?

Thad não sabia como se chamava o polícia que saíra do outro lado do carro. Era novo e louro, com um daqueles rostos redondos e francos que irradiam de boa natureza.

- Ouvimo-los e vimo-los - afirmou. Apontou para o céu, onde a Lua, que j não estava propriamente a um quarto, se encontrava suspensa sobre a casa. - Atravessavam a Lua a voar. Pardais. Um bando até bem grande.

Quase nunca voam … noite.

- Faz alguma ideia de onde é que eles possam ter vindo? - perguntou Thad.

- Bem, deixe-me que Lhe diga uma coisa - replicou o agente de rosto redondo: - não faço a mais pequena ideia.

Chumbei na cadeira de "Vigil*f*ncia a P ssaros".

Riu. O outro agente não. - Sente-se um pouco nervoso esta noite, senhor Beaumont?

- inquiriu ele.

Thad olhou para ele calmamente.

- Sim - respondeu. - –ltimamente, tenho-me sentido nervoso todas as noites.

- Podemos ser-lhe £teis em alguma coisa?

- Não - replicou Thad. - Parece-me bem que não.

Estava apenas curioso com aquilo que ouvi. Passem uma boa noite.

- Boa noite - desejou o agente de rosto redondo.

Stevens limitou-se a acenar com a cabeça. Por debaixo da aba branca do chapéu do agente, os seus olhos eram brilhantes e inexpressivos.

"Aquele acha que eu sou culpado", pensou Thad, a subir a pequena alameda. "De quê? não sabe. Provavelmente nem se interessa por isso. Mas tem o rosto de um homem que acredita que toda a gente é culpada de alguma coisa Quem sabe? Talvez até tenha razão."

Thad fechou a porta da cozinha trancando-a atr s de si.

Voltou para a sala de estar e olhou de novo para fora.

O agente de rosto redondo retirara-se para dentro do carro-patrulha mas Stevens encontrava-se ainda de pé do lado do condutor e, por um instante, Thad teve a sensação de que ele estava a olhar directamente para os seus olhos. não podia ser, est claro" com as cortinas corridas, Stevens conseguiria apenas vislumbrar uma mancha escura indistinta.

se é que chegava a ver alguma coisa.

Ainda assim, a sensação subsistiu.

Thad correu os cortinados sobre as cortinas e dirigiu-se ao bar. Abriu o arm rio e tirou uma garrafa de Glenlivet, que fora sempre a sua bebida favorita. Durante um longo momento, deixou-se ficar a olhar para a garrafa, tendo-a, de seguida, colocado de novo no lugar. Apesar de ter um desejo enorme de beber, esta seria a pior altura da sua vida para recomeçar a fazê-lo.

Thad dirigiu-se … cozinha e encheu um copo com leite, tendo cuidado para não dobrar a mão esquerda. A ferida transmitia uma sensação de ardor e fragilidade.

"Ele surgiu de forma imprecisa", pensou ele, beberricando o leite. "Não durou por muito tempo, irritou-se de um modo tão r pido que foi assustador, mas apareceu de forma imprecisa. Penso que devia estar a dormir. Podia estar a sonhar com Miriam, mas não me parece. Aquilo onde entrei era demasiado coerente para ser um sonho. Penso que era a memória. Penso que devia ser o "Album de Recordações" subconsciente de George Stark, onde est tudo bem anotado e enfiado no buraco correspondente. Julgo que se ele penetrasse no meu subconsciente e, pelo que sei, talvez até j o tenha feito, iria encontrar o mesmo género de coisa."

A beberricar o leite, Thad olhou para a porta da despensa.

"Ser que conseguiria entrar nos seus pensamentos ACORDADOS... nos seus pensamentos conscientes..."

Thad estava convencido que a resposta seria afirmativa...

mas pensou também que isso o tornaria vulner vel de novo. E, da próxima vez, talvez não fosse um l pis na mão.

Da próxima vez podia ser um corta-papéis no pescoço.

"Ele não pode fazer isso. Ele precisa de mim."

"Sim, mas ele é doido. E nem sempre as pessoas doidas salvaguardam os seus interesses."

Thad olhou para a porta da despensa e reflectiu sobre o modo de abri-la... e daí sair de novo para o exterior, para o outro lado da casa.

"Ser que o consigo obrigar a fazer alguma coisa? Tal como ele me obrigou a fazer?"

A esta pergunta, Thad não soube dar uma resposta. Pelo menos por ora. E uma experiência falhada poderia mat -lo.

Acabou de beber o leite, passou o copo por gua e colocou-o no escorredor da loiça. De seguida, dirigiu-se até … despensa. Ali, entre prateleiras com embalagens de comida … sua direita e prateleiras com artigos de escritório … sua esquerda, encontrava-se uma porta, semelhante …s utilizadas nas cavalariças, que dava para o extenso relvado a que chamavam o quintal das traseiras. Thad desaferrolhou a porta, empurrou as duas metades para fora e viu a mesa de piquenique e o grelhador l fora, quais sentinelas silenciosas de guarda. Saiu para o caminho de asfalto que circundava este lado da casa e acabava por ir dar ao passeio principal na entrada.

Sob a luz incerta da Lua no quarto minguante, o passeio tremeluzia como vidro escuro. Aqui e ali, a dist*f*ncias irregulares, Thad conseguia vislumbrar umas manchas brancas "Cagadelas de pardais, para falar curto e grosso", pensou ele.

Thad caminhou lentamente pelo caminho de asfalto até se encontrar directamente por baixo das janelas do seu escritório. Um camião Orinco surgiu no horizonte e apressou-se pela Estrada 15 em direcção … casa, lançando uma moment*f*nea luz clara através do relvado e do passeio de asfalto. Sob esta luz breve, Thad viu os corpos de dois pardais caídos no passeio: pequenos montículos de penas com patinhas trifurcadas a sair dos corpos min£sculos. Depois, o camião passou. ao luar, os corpos dos p ssaros mortos tornaram-se mais uma vez manchas de sombra irregulares, e nada mais do que isso.

"Eles eram reais", pensou de novo. "Os pardais eram reais." Aquele terror cego e desafiante regressou, fazendo-o, de certa forma, sentir-se imundo. Thad tentou cerrar as mãos em forma de punho, tendo a

mão esquerda respondido com um bramido de dor. O pouco alívio que conseguira com o Percodan j estava a desaparecer.

"Eles estiveram aqui. Eles eram reais. Como é que isso é possível?"

Thad não sabia.

"Ser que fui eu quem os chamou ou ser que os criei a partir do nada?"

Também isto Thad não sabia. Mas de uma coisa tinha a certeza: os pardais que haviam aparecido esta noite, os pardais reais que tinham surgido antes de ter sido engolido pelo estado de transe, eram apenas uma fracção de todos os pardais possíveis. Talvez até apenas uma fracção infinitesimal. "Nunca mais", pensou ele."Por favor, nunca mais."

Todavia, Thad suspeitava que aquilo que ele desejava não tinha qualquer valor. Esse é que era o verdadeiro terror:

entrara em contacto com algum talento paranormal terrível dentro dele, mas não conseguia control -lo. A própria ideia de controlo era uma piada.

E Thad acreditava que, antes de tudo isto terminar, eles estariam de volta.

Foi percorrido por um arrepio e entrou de novo em casa.

Como se de um ladrão se tratasse, esgueirou-se para a própria despensa, tendo fechado a porta atr s de si e levado a mão a latejar para a cama. Antes de se deitar, engoliu mais um Percodan, empurrando-o pela garganta abaixo com gua da torneira da cozinha.

Liz não acordou quando Thad se deitou a seu lado. Algum tempo depois, mergulhou em três horas de sono confuso e intermitente, nas quais os pesadelos voavam e circulavam em seu redor. mas sempre fora do seu alcance.

Dezanove

STARK VAI …s COMPRAS

1

Acordar não era como acordar.

Na verdade, quando nada mais interessava a não ser isso, ele tinha a sensação de nunca ter estado realmente acordado ou a dormir, pelo menos na acepção que as pessoas normais utilizam estas palavras. Em certo sentido, era como se ele estivesse sempre a dormir, só se deslocando de um sonho para outro. Nesse sentido, a sua vida, o pouco que dela se recordava, era como um jogo infinito de caixas enfiadas umas dentro das outras, ou como espreitar para um corredor intermin vel de espelhos.

Este sonho era um pesadelo.

Lentamente, Stark acordou do seu sono, ciente de que não tinha estado verdadeiramente a dormir. De alguma forma, Thad Beaumont conseguira tê-lo nas mãos por um instante"

conseguira submetê-lo … sua vontade por um instante. ser que dissera coisas, revelara coisas, enquanto Beaumont estivera a control -lo? Stark tinha a sensação de que talvez o tivesse feito... mas também tinha a certeza de que Beaumont não saberia como interpretar essas coisas, ou fazer a distinção entre as coisas importantes que pudesse ter dito e aquelas outras que não interessavam.

Stark acordou também do seu sono por causa das dores.

Alugara um apartamento min£sculo de duas assoalhadas na East Village, ao largo da Avenida B. Quando abriu os olhos, encontrava-se sentado na mesa da cozinha torta, com um bloco de notas … sua frente. Um regato de sangue berrante corria por entre o oleado desbotado que cobria a mesa e, apesar de tudo, não era assim tanto de admirar porque uma esferogr fica Bic estava espetada na parte de tr s da sua mão direita. Foi nesse instante que o sonho começou a vir ao de cima.

Fora assim que conseguira tirar Beaumont do seu espírito, a £nica forma por meio da qual conseguira quebrar o laço que o cobarde nojento tinha, de algum modo, forjado entre eles. Cobarde? Sim. Mas também ele era matreiro, e seria uma péssima ideia não tomar esse facto em conta.

Uma péssima ideia, mesmo.

Stark lembrava-se vagamente de sonhar que Thad estava com ele, na sua cama, estavam a conversar um com o outro, a falarem baixinho um com o outro e, a princípio, esta cena parecera ser tão agrad vel quanto peculiarmente reconfortante, como se estivesse a falar com um irmão depois de apagarem as luzes.

Só que eles não estavam apenas a conversar um com o outro, pois não?

O que eles tinham estado a fazer era a trocar segredos...

ou, melhor, Thad estava a fazer-lhe perguntas e Stark dera por si a responder a elas. Era agrad vel responder, era reconfortante responder. Mas era também alarmante. A princípio, o alarme estava centrado nos p ssaros: porque é que Thad não parava de Lhe fazer perguntas sobre p ssaros?

Não havia quaisquer p ssaros. Em tempos, talvez... h muito, muito tempo atr s... mas j não. Tratava-se apenas de um jogo mental, de um esforço patético para o tirar do sério. Foi então que, a pouco e pouco, o seu sentido de alerta se fundiu com o seu instinto de sobrevivência quase requintadamente apurado: começou a ficar mais alerta e preciso enquanto ele continuava a tentar lutar acordado.

Era como se estivesse a ser mantido debaixo de gua, como se o estivessem a afogar...

Fora assim, ainda naquele estado semiacordado, que Stark se dirigira … cozinha, abrira o bloco de notas e pegara na esferogr fica. Thad não tivera qualquer palpite quanto a isso" porque é que haveria de ter? não se encontrava tambem ele a escrever a oitocentos quilómetros de dist*f*ncia?

A caneta não batia certo, est claro, nem sequer cabia bem na mãomas serviria. Por agora.

"A desintegrar-ME", observara-se a si próprio a escrever, encontrando-se nessa altura muito próximo do espelho m gico que separava o sono do estado acordado, a debater-se para subjugar a caneta aos seus próprios pensamentos, para subjugar … sua vontade aquilo que surgiria e não surgiria no vazio do papel, mas era difícil, meu Deus, meu Deus, era tão terrivelmente difícil.

Stark comprara a caneta Bic e meia d£zia de blocos de notas numa papelaria logo após a sua chegada … cidade de Nova Iorque" fizera-o mesmo antes de alugar o maldito "pardieiro". A loja tinha l pis Berol e, apesar de querer compr -los, não o fizera. Porque, independentemente da mente que guiara os l pis, fora a mão de Thad Beaumont que os segurara e Stark precisava de saber se esse era um laço que teria de quebrar. Deste modo, deixara os l pis e, em seu lugar, levara a caneta. Se conseguisse escrever, se conseguisse escrever por si só, não haveria qualquer problema e Stark não precisaria daquela criatura desprezível e choramingas l do Maine para nada. No entanto, a caneta não tivera qualquer utilidade para ele. Por mais que tentasse, por mais que se concentrasse, a £nica coisa que conseguira escrever fora o seu próprio nome. Escrevera-o vezes sem conta:

George Stark, George Stark, George Stark, até que, ao chegar ao fim da folha, estas deixaram de ser palavras identific veis e passaram a ser meros rabiscos informes de uma criança a aprender a escrever.

No dia anterior, Stark fora a uma filial da Biblioteca P£blica de Nova Iorque e alugara, por uma hora, uma das cinzentas e soturnas m quinas de escrever eléctricas IBm na sala de escrita. A hora parecera durar mil anos. Stark sentara-se num cubiculozinho fechado por três lados, com os dedos a tremer sobre as teclas, e escrevera o seu nome, desta vez em letras mai£sculas "GEORGE STARK, GEORGE STARK, GEORGE STARK".

"P ra com isso!", vociferara para si próprio. "Escreve uma outra coisa, qualquer coisa, mas p ra com isso!"

E assim tentara. Debruçara-se sobre as teclas, a transpirar, e escrevera: "A veloz raposa castanha saltou por cima do cão preguiçoso."

Só que quando olhou para o papel, viu que escrevera antes "O george Stark, george stark, ou por cima do starky, star."

Nessa altura, sentira um impulso incontrol vel de arrancar a IBM da ficha e de atravessar a sala com ela nas mãos, violentamente, brandindo a m quina de escrever como a moca de um b rbaro, a abrir cabeças e a partir pescoços: j que não conseguia criar, ao menos que o deixassem destruir' Porém, conseguira dominar-se (com um esforço sobre-humano) e saíra da biblioteca, tendo amarrotado a in£til folha de papel com uma mão forte enquanto se afastava e lançado a bola para dentro de

um caixote de lixo no passeio.

Neste momento, com a caneta Bic na mão, recordava-se da raiva cega e total que sentira ao descobrir que, sem Beaumont, não conseguia escrever mais nada excepto o próprio nome.

E o medo.

O pƒnico.

Mas ele ainda tinha Beaumont na mão, não tinha?

Beaumont bem que podia pensar que era o contr rio, mas talvez... talvez Beaumont tivesse de preparar-se para uma grande e maldita surpresa.

"a perder", escreveu ele, e pelo amor de Deus, não podia contar a Beaumont mais nada: aquilo que escrevera j era suficientemente mau. Stark fez um esforço enorme para readquirir o controlo da sua mão traidora. Para despertar.

"a CoeSãO necess ria", escreveu a mão dele, como que a explícitar o pensamento anterior e, subitamente, Stark viu-se a si mesmo a apunhalar Beaumont com a caneta.

Pensou: "E também o consigo fazer: não me parece que o conseguisses, Thad, porque quando se trata de ti, não passas de um menino copinho-de-leite, não é? Mas quando vamos ao que realmente interessa... sou bem capaz de segurar as pontas, seu filho da mãe. Acho que est na altura de aprenderes isso."

E embora isto fosse como um sonho dentro de um sonho, embora ele estivesse dominado por aquela terrível sensação vertiginosa de estar fora de si, foi então que uma parte da sua autoconfiança feroz e incondicional voltou, e Stark foi capaz de perfurar o escudo do sono. Naquele momento triunfante de estilhaçamento da superfície antes de Beaumont o conseguir afogar, Stark ganhou o domínio da caneta... e, por fim, foi capaz de escrever com ela.

Por um instante, e foi só por um instante, Stark teve a sensação de que existiam duas mãos a segurar dois instrumentos de escrita. A sensação era clara de mais para ser tudo menos real.

"não existem quaisquer p ssaros", escreveu ele.

A primeira frase real que alguma vez escrevera enquanto ser físico.

Era terrivelmente difícil escrever" apenas uma criatura de determinação sobrenatural conseguiria ter ultrapassado o sofrimento que o esforço implicava. Mas, uma vez as palavras c fora, Stark sentiu o seu domínio fortalecer.

A força daquela outra mão enfraquecera, e Stark mantinha o seu próprio poder sobre ela, sem apelo nem agravo > "Afoga-te por uns instantes", pensou ele. "Vê se gostas."

Numa arremetida mais r pida e muito mais satisfatória do que o mais intenso dos orgasmos, escreveu: "NŽO EXISTEM QUAISQUER PORRA DE P SSAROS Oh, seu filho da mãe, sai de dentro da minha CABEçA!"

Foi nessa altura que, antes mesmo de ter tempo de pensar - pensar talvez tivesse provocado uma hesitação e tal - Stark descreveu no ar um arco curto e baixo com a caneta Bic. A ponta de aço foi espetar-se na mão direita ..

e, a centenas de quilómetros a norte, conseguiu sentir Thad Beaumont a levantar no ar um l pis Black Berol Beauty e a espet -lo na mão esquerda.

Foi então que ele acordou - que ambos acordaram de vez.

As dores eram ardentes e enormes - mas eram também libertadoras. Stark gritou, encostando a cabeça a transpirar contra o braço para abafar o som, mas era tanto um grito de alegria e de satisfação como de dor.

Conseguia sentir Beaumont a conter o próprio grito no escritório l em cima no Maine. O elo de percepção que Beaumont criara entre eles não se quebrara" era mais como se fosse um nó apertado … pressa que dava de si sob a pressão de um forte puxão final. Stark sentiu, praticamente viu a sonda que o filho da mãe traidor introduzira sorrateiramente na sua cabeça enquanto dormia a torcer e contorcer-se e a deslizar para fora do seu corpo.

Com a mente, e não fisicamente, Stark agarrou naquela ponta a desaparecer da sonda mental de Thad. ao olho da própria mente de Stark, assemelhava-se a uma minhoca, uma larva gorda e branca, delirantemente recheada de vísceras e detritos podres.

Stark pensou em levar Thad a tirar um outro l pis do frasco e a us -lo para se apunhalar de novo, desta vez no olho. Ou talvez o pudesse

levar a enfiar a ponta do l pis bem no fundo do ouvido, furando o tímpano e cutucando … procura da carne mole do cérebro. Quase que conseguia ouvir o grito de Thad. Esse ele não seria capaz de abafar.

Mas, nessa altura, parou. Ele não queria Beaumont morto.

Pelo menos por enquanto.

Não enquanto Beaumont não o ensinasse a viver por si só.

Lentamente, Stark afrouxou o punho e, ao fazê-lo, sentiu o punho que segurava a essência de Beaumont - o punho mental, que provara ser tão r pido e impiedoso como o físico - a abrir-se também. Sentiu Beaumont, a roliça larva branca, a afastar-se, a guinchar e a choramingar.

- Apenas para j - sussurrou ele, virando a sua atenção para o outro assunto necess rio. Fechou a mão esquerda em redor da caneta que saía da mão direita. Com cuidado, puxou-a para fora. De seguida, deitou-a no cesto dos papéis.

3

Havia uma garrafa de Glenlivet no escorredor de aço inoxid vel junto ao lava-loiças. Stark pegou nela e levou-a para a casa de banho. Enquanto caminhava, a mão direita balançava a seu lado, salpicando o linóleo desbotado com gotinhas de sangue do tamanho de moedas de dez centavos.

O buraco na mão estava a cerca de dois dedos acima da crista dos nós dos dedos e ligeiramente … direita do anelar.

Era perfeitamente redondo. Combinada com a hemorragia interna e a lesão, a mancha de tinta escura em redor do buraco fazia assemelhar este a uma ferida causada por um disparo de uma pistola. Stark tentou dobrar a mão. Os dedos mexeram-se... mas a lancinante onda de dores daí resultante foi demasiado intensa para experiências adícionais Stark puxou a pequena corrente pendurada na instalação eléctrica acima do espelho do arm rio dos remédios, e a l*f*mpada de setenta wattó sem quebra-luz acendeu-se Com o braço direito, segurou a garrafa de uísque entre o braço e a cintura de forma a conseguir desenroscar a tampa. De seguida, esticou a mão ferida e abriu os dedos sobre o lavatório. Estaria Beaumont a fazer a mesma coisa no Maine? Stark tinha as suas d£vidas. Stark tinha as suas d£vidas de que Beaumont tivesse coragem para limpar a própria porcaria. Por esta altura, j devia estar, certamente

a caminho do hospital. Stark entornou um fio de uísque sobre a ferida, tendo sido perpassado, do braço ao ombro, por uma descarga de dor pura e lancinante. Viu o uísque a borbulhar na ferida, viu os fiozinhos de sangue no ambar, e teve de enterrar de novo o rosto na manga da camisa ensopada de suor.

Pensou que as dores nunca abrandariam, mas, por fim, começaram a abrandar.

Thad tentou colocar a garrafa de uísque na prateleira aparafusada … parede de azulejos abaixo do espelho. Como a mão estava a tremer demasiado para esta operação ser bem sucedida, Stark depositou-a, então, no chão de estanho manchado de ferrugem da banheira. Dali a um minuto, ia querer uma bebida.

Ergueu a mão, colocando-a contra a luz, e espreitou para o buraco, conseguindo vislumbrar a l*f*mpada do outro lado, ainda que de modo indistinto: era como olhar através de um filtro vermelho, tornado turvo por uma espécie de muco membranoso. Embora Stark não tivesse espetado a caneta até ao outro lado da mão, estivera l perto. Talvez Beaumont tivesse conseguido melhor.

A esperança era a £ltima a morrer.

Stark colocou a mão debaixo da torneira de gua fria, espalhou os dedos para abrir o buraco o mais possível e, de seguida, preparou-se para as dores. A princípio, foi terrível - teve de conter um outro grito por entre os dentes, j de si cerrados, e por entre os ll bios, j de si comprimidos um contra o outro numa fina linha branca - mas depois a mão ficou dormente, e doeu menos. Stark obrigou-se a permanecer com a mão debaixo da torneira durante três minutos, após o que fechou a torneira e tornou a segurar a mão … contraluz.

O brilho da l*f*mpada através do buraco era ainda visível, só que agora estava esbatido e distante. A ferida começava a fechar-se. O seu corpo parecia ter um maravilhoso poder de regeneração, o que tinha bastante graça, porque, nessa mesma altura, ele estava a desintegrar-se. A perder coesão, escrevera ele. E não estava tão longe quanto isso.

Durante cerca de trinta segundos, Stark olhou fixamente para o próprio rosto reflectido no espelho tremeluzente e manchado do arm rio dos medicamentos, acabando por dar um abanão real para voltar de novo … vida. Olhar para o seu rosto, tão conhecido e familiar e ainda

assim tão novo e estranho, fazia-o sempre sentir como se estivesse a cair num estado de transe hipnótico. Stark até admitia que, se fitasse o seu rosto durante bastante tempo, isso iria acabar por acontecer.

Abriu o arm rio dos remédios, lançando para o lado o espelho e o rosto repulsivamente fascinante. O arm rio apresentava uma colecçãozinha peculiar de artigos na prateleira: duas l*f*minas descart veis, uma das quais j utilizada"

frascos de base" uma caixa de pó-de-arroz" diversas cunhas de esponja de grão fino, cor de marfim onde ainda não tinham adquirido um tom ligeiramente mais escuro por causa do pó-de-arroz" e um frasco de aspirinas. Nenhum penso-r pido.

"Os pensos-r pidos são como os polícias", pensou ele, "nunca est nenhum por perto quando realmente precisamos de um." Mas não havia problema, concluiu" desinfectaria a ferida com um pouco mais de uísque (isto era depois de desinfectar as entranhas com um bom gole) e, de seguida, enrolaria um lenço … volta da mão. Não acreditava que a ferida pudesse infectar:

ele parecia ser imune a infecções. Também isto ele achou ter graça.

Com os dentes, Stark tirou a tampa do frasco de aspirinas, e depois de a cuspir para dentro do lavatório, virou o frasco ao contr rio e enfiou na boca uma d£zia de comprimidos.

Tirou o uísque de dentro do chuveiro, empurrando as aspirinas para baixo com um trago. O lcool atingiu o est“mago, abrindo aí o seu reconfortante rebento de calor De seguida, espalhou um pouco mais de uísque pela mão.

Stark dirigiu-se para o quarto e abriu a primeira gaveta de uma secret ria que j vira melhores muito melhores - dias. Isso e um sof -cama antigo eram as £nicas peças de mobili rio do quarto.

A gaveta de cima era a £nica com alguma coisa l dentro, com excepção dos forros feitos com folhas do Daily News: três pares de cuecas ainda com o papel de embrulho da loja, dois pares de meias com a etiqueta do fabricante ainda … volta, um par de Levi's, e um lenço, ainda também por abrir. Com os dentes, rasgou o celofane e amarrou o lenço em redor da mão. Uísque cor de ambar passou através do tecido fininho, seguido por uma manchinha de sangue. Stark esperou para ver se a

manchinha se espalharia, mas não o fez.

Ainda bem. Ainda bem mesmo.

"Teria Beaumont sido capaz de colher alguns dados sensoriais?" interrogou-se Stark. Ser que sabia que, neste momento, George Stark se encontrava albergado num tosco apartamento de East Village, num edifício escavacado, onde as baratas pareciam ser sufícientemente grandes para roubar os cheqões da segurança social? Stark não estava assim muito convencido, mas não fazia sentido algum arriscar quando não precisava de arriscar. Ele prometera a Thad uma semana para tomar uma decisão e, embora estivesse agora cem por cento seguro de que Thad não tinha quaisquer planos para começar a escrever de novo como Stark, ele certificar-se-ia de que Thad desfrutasse de todo o tempo que Lhe fora prometido.

Afinal de contas, ele era um homem de palavra.

Talvez Beaumont fosse provavelmente precisar de um pouco de inspiração. Um daqueles pequenos maçaricos de propano que se podiam comprar nas lojas de ferragens virado para as solas dos pés dos mi£dos durante uns dois segundos deveria ser o sufíciente, pensou Stark, só que isso seria para mais tarde. Por ora, ele jogaria ao jogo da espera... e enquanto o fizesse, não faria mal nenhum começar a dirigir-se para norte. Para conseguir uma boa posição no terreno, se é que se pode dizer. Afinal de contas, ele tinha o carro: o Toronado preto. Estava guardado, embora isso não significasse que tivesse de ficar guardado. Poderia deixar Nova Iorque na manhã seguinte. Mas, antes de se ir embora, havia uma compra a fazer... e, neste preciso momento, tinha de usar alguns dos cosméticos do arm rio da casa de banho.

Stark tirou para fora os frasquinhos de base líquida, o pó-de-arroz e as esponjas. Antes de começar, bebeu um outro trago substancial da garrafa. As mãos estavam de novo firmes, embora a direita estivesse a latejar com força. Este facto não o incomodava especialmente" se a mão dele estava a latejar, a de Beaumont devia estar a causar dores lancinantes.

Tornou a olhar-se no espelho. Com a mão direita, tocou no pedaço de pele em forma de arco sob o olho esquerdo, acabando por lev - la até ao canto da boca passando sobre a maçã do rosto.

- A perder coesão - murmurou ele, e por Deus, isso era sem d£vida verdade.

Quando Stark olhara pela primeira vez para o seu rosto - ajoelhado no exterior do Cemitério de Homeland, a contemplar um charco de lama cuja superfície estagnada e espumosa se encontrava iluminada pela lua redonda e branca de um candeeiro p£blico das imediações - ficara satisfeito. Era exactamente como parecera ser nos sonhos que tivera enquanto preso nas masmorras da imaginação de Beaumont, semelhantes a um £tero. Nessa altura, pudera apreciar um homem convencionalmente bonito, cujos traços eram um pouco grosseiros de mais para atrair muita atenção. Se a testa não fosse tão alta e se os olhos não fossem tão afastados um do outro, até podia ser o género de rosto que levaria as mulheres a virar a cabeça para olharem uma segunda vez. Um rosto perfeitamente indefinido (se é que existe tal coisa) pode atrair as atenções apenas porque não apresenta nenhum traço em especial que atraia o olhar antes de este o rejeitar e passar para outro" a sua vulgaridade completa e absoluta pode confundir esse olhar e levar uma pessoa a virar-se para dar uma nova olhadela. O rosto que Stark vira pela primeira vez com olhos reais no charco de lama escapava a esse grau de banalidade por uma margem bastante grande. Imaginara ser o rosto perfeito, aquele que, mais tarde, ninguém seria capaz de descrever. Olhos azuis... um bronzeado que poderia parecer ligeiramente peculiar em alguém com um cabelo tão claro... e era isso! Era tudo! A testemunha ver-se-ia obrigada a passar para os ombros largos, que eram, na verdade, a coisa mais distinta que havia nele... e o mundo estava cheio de homens de ombros largos.

Agora, tudo mudara. Agora, o seu rosto tornara-se inegavelmente esquisito... e se não começasse a escrever de novo o mais breve possível, tornar-se-ia ainda mais esquisito.

Tornar-se-ia grotesco. "A perder a coesão", pensou ele de novo. "Só que tu .

vais p“r um ponto final a isso, Thad. Quando começares o livro sobre o carro blindado, aquilo que me est a acontecer começar a inverter-se por si só. Não sei como é que tenho tanta certeza assim, mas sei-o."

H j duas semanas que se vira a si próprio pela primeira vez naquele charco e, desde então, o seu rosto sofrera uma degeneração progressiva. A princípio, fora algo subtil, tão subtil que Stark conseguira persuadir-se a si mesmo de que não passava de imaginação... mas, … medida que as alterações começaram a acelerar-se, aquela posição tornara-se insustent vel e ele fora obrigado a retroceder. Ver uma fotografia dele

tirada nessa altura e uma outra tirada agora poderia levar alguém a pensar num homem que estivera exposto a um tipo de radiações esquisitas ou a uma subst*f*ncia química corrosiva. George Stark parecia estar a passar por uma decomposição espont*f*nea e simult*f*nea de todos os tecidos.

Os pés-de-galinha em redor dos olhos - marcas vulgares da meia-idade que vira no charco - eram agora sulcos profundos. As p lpebras tinham descaído, tendo adquirido a textura spera da pele de crocodilo. As maçãs do rosto começaram a apresentar também um aspecto encarquilhado e gretado. As orlas dos próprios olhos tinham-se tornado avermelhadas, o que Lhe conferia o aspecto deplor vel de um homem que não se apercebia de que j era altura dedeixar de se entregar … bebida. Linhas profundas tinham-se sulcado por si só na carne do rosto, dos cantos dos ll bios … linha do maxilar, dando … boca o aspecto perturbador da boca articulada do boneco de um ventríloquo. O cabelo louro, fino no início, tornara-se ainda mais fino, recuando das têmporas e mostrando a pele rosada da cabeça. Manchas hep ticas tinham surgido na parte de tr s das mãos.

Stark poderia ter suportado tudo isto sem recorrer … maquilhagem. Afinal de contas, ele só parecia uma pessoa velha, e só muito raramente é que a velhice era notada.

A força parecia estar intacta. Além disso, havia aquela certeza inabal vel de que mal ele e Beaumont começassem a escrever de novo - isto é, a escrever como George Stark - o processo inverter-se-ia por si só.

Só que agora os dentes estavam a ficar moles nas gengivas. E também doíam.

Stark repara na primeira na zona interna do cotovelo direito h três dias atr s: uma mancha vermelha com uma orla de pele branca morta em redor da borda. Era o género de mancha que ele associava … pelagral, doença que fora endémica no interior do sul até aos anos 60. No dia anterior a este, Stark descobrira uma outra, desta vez no pescoço, por debaixo do lobo do ouvido esquerdo. Mais duas outras ontem, uma no peito entre os mamilos, e a outra sob o umbigo.

Hoje, a primeira surgira no rosto, na têmpora direita.

Não doíam. Stark sentia uma comichão indefinida e constante, mas nada mais... pelo menos no que respeitava …s sensações. Só que elas

espalhavam-se de forma r pida.

O braço direito era agora uma mancha vermelha, indefinida e inchada, da dobra do cotovelo até metade do braço na direcção do ombro. Ele cometera o erro de coçar, e a pele dera de si com uma facilidade nauseante. Uma mistura de sangue com um pus amarelado vertera para fora ao longo dos sulcos que as unhas tinham deixado, e as feridas exalavam um cheiro gasoso e horrível. No entanto, não era infecção. Ele quase podia jur -lo. Era mais como... se estivesse a apodrecer.

Se, neste preciso momento, alguém olhasse para ele -]

até mesmo uma pessoa formada em medícina - acabaria por chegar … conclusão de que sofria de um melanoma de evolução ultra-r pida, provavelmente causado por uma exposição a alta radiações.

Ainda assim, as £lceras não o preocupavam grandemente.

Stark estava convencido de que elas iriam multiplicar-se em n£mero, espalhar-se, ligar-se umas …s outras e, eventualmente, comê-lo vivo... se ele as deixasse. Dado que não pretendia deixar que isto acontecesse, não havia necessidade alguma de se preocupar com elas. No entanto, se os traços daquele rosto se estavam a transformar num vulcão em erupção, ele deixaria de ser apenas mais um rosto na multidão.

Daí a maquilhagem.

Cuidadosamente, aplicou a base líquida com uma das esponjas redondas, espalhando-a das maçãs do rosto …s têmporas, acabando por cobrir o caroço vermelho-escuro situado depois da extremidade da sobrancelha direita e a nova £lcera que estava a começar a empurrar a pele sobre a maçã do rosto esquerda. Stark concluíra que um homem que usa uma maquilhagem …s três pancadas se assemelha a uma £nica coisa nesta terra de Deus, e isso era a um homem que usa uma maquilhagem …s três pancadas. O que era o mesmo do que falar num actor de uma telenovela ou de um convidado do programa do Donahue. Mas qualquer coisa j melhorava o aspecto das feridas, e o bronzeado disfarçava um pouco aquele aspecto falso. Se permanecesse na sombra ou se fosse visto sob uma iluminação artifícial, era praticamente imperceptível. Ou, pelo menos, era isso que esperava. Também existiam outras razões para permanecer longe da luz directa do sol. Stark suspeitava que, na realidade, o sol acelerava a reacção química desastrosa que estava a ocorrer no seu interior. Era praticamente como se estivesse a transformar-se num

vampiro. Mas também isso não o incomodava" de certo modo, sempre fora um. "Além disso, sou um noctívago, sempre fui" essa é a minha natureza."

Isto fê-lo sorrir e o sorriso deixou os dentes a descoberto, como se fossem dentes caninos.

Stark voltou a enroscar a tampa no frasco da base líquida e começou a p“r pó-de-arroz. "Consigo sentir o meu próprio cheiro", pensou ele, "e, muito em breve, as outras pessoas também vão ser capazes de sentir o meu cheiro: um cheiro denso e desagrad vel, como uma lata de carne enlatada que ficou o dia todo ao sol. Isto não é bom, amigos e queridos corações. Isto não é mesmo nada bom."

- Vais escrever, Thad - disse ele, a olhar para si próprio no espelho. - Mas, com um pouco de sorte, não ter s de o fazer por muito mais tempo.

lançou um sorriso mais aberto, revelando um incisivo que ficara escuro e podre.

- Eu aprendo depressa.

5

…s nove e quarenta e cinco do dia seguinte, a empregada de uma papelaria na Houston Street vendeu três caixas de l pis Berol Black Beauty a um homem alto e de ombros largos, que vestia uma camisa de xadrez, calças de ganga azul, e usava uns óculos-de-sol muito grandes. O homem estava também maquilhado …s três pancadas, observou a empregada - provavelmente os vestígios de uma noite passada a saltitar de um bar de homossexuais para outro.

E, pelo cheiro que deitava, a empregada tinha c as suas suspeitas de que ele fizera um pouco mais do que dar apenas um mergulho na velha gua-de-colónia inglesa" era como se tivesse tomado banho com ela. Contudo, a gua-de-colónia não disfarçava o facto de o tipo de ombros largos cheirar muito mal. Por breves instantes - muito breves - a empregada pensou em lançar uma graçola, mas, de seguida, pensou melhor. O tipo cheirava mal mas parecia ser forte. Além disso, a compra foi misericordiosamente breve. Afinal de contas, o paneleiro estava apenas a comprar l pis e não um Rolls-Royce Corniche.

Era melhor deix -lo sozinho.

6

Stark fez uma curta paragem no "pardieiro" da East 5 Village para enfiar os poucos pertences na mochila que comprara na loja do Exército-Marinha no seu primeiro dia na velha Big Apple carunchosa.

Ao subir os esboroados degraus da frente, passou pelos corpos pequenos de três pardais mortos sem sequer reparar neles.

Deixou a Avenida B a pé... mas n o andou por muito mais tempo. Um homem determinado, descobrira ele, consegue sempre arranjar uma boleia se realmente precisa de uma

Vinte

EM CIMA DO PRAZO

O dia em que a semana de graça de Thad Beaumont chegou ao fim assemelhava-se mais a um dia do final de Julho do que um dia da terceira semana de Junho. Thad guiou os cento e vinte e oito quilómetros que o separavam da Universidade do Maine sob um céu nublado de cor met lica, com o ar condicionado do Suburban ligado ao m ximo, apesar do gasto de gasolina. Era seguido por um Plymouth castanho-escuro, que nunca se aproximava mais do que o espaço de dois carros e nunca se deixava ficar para tr s mais do que o espaço de cinco carros. Só muito raramente é que permitia que um outro carro se metesse de permeio entre ele e o Suburban de Thad" se, por mero acaso, num cruzamento ou na zona de escola em Veazie, algum veículo conseguia meter-se no meio do desfile dos dois, o Plymouth castanho ultrapassava-o rapidamente... e se isto não parecesse ser imediatamente exequível, um dos guardiões de Thad retirava a cobertura da l*f*mpada azul que se encontrava no tablier. Algumas luzes bastavam para conseguir o efeito desejado.

Thad guiava quase sempre com a mão direita, só utilizando a esquerda quando era absolutamente necess rio.

Agora, a mão j estava melhor, embora ainda Lhe doesse como tudo se a dobrasse ou a flectisse de forma brusca, tendo dado por si a contar os £ltimos minutos da hora que antecedia a altura de poder tomar um outro Percodan.

Liz não quisera que Thad fosse até … universidade naquele dia, e os polícias estaduais incumbidos de proteger os Beaumont também se haviam oposto a que ele fosse. Para os rapazes do Estado, era muito simples: não tinham querido dividir a equipa de vigia. Com Liz, as coisas eram um pouco mais complexas. Ela estava preocupada com a mão:

"ele podia abrir a ferida ao tentar guiar", dissera-lhe. No entanto, o que os olhos dela diziam era bem diferente: estavam repletos de George Stark. .

Antes de mais, por que raio é que tens de ir … escola precisamente hoje? quisera ela saber - e esta era uma pergunta para a qual Thad tivera de se preparar porque o semestre j tinha terminado (ali s, j terminara h um certo tempo atr s) e ele não estava a ministrar quaisquer cursos de Verão. Por £ltimo, Thad acabara por se decidir

pelos dossiers do curso de especialização.

Sessenta alunos tinham-se candidatado ao curso de especialização do departamento em escrita criativa.

Tratava-se de mais do dobro dos alunos que se tinham candidatado ao curso de escrita do semestre anterior, mas (elementar, meu caro Watóon), no Outono passado, o mundo - incluindo aquela parte que escolhera como rea principal de estudos o inglês na Universidade do Maine - não sabia que o velho e enfadonho Thad Beaumont era, por acaso, o aterrorizante George Stark. Assim, dissera a Liz que era sua intenção ir buscar aqueles dossiers de candidaturas para começar a dar uma vista de olhos por eles e, deste modo, reduzir os sessenta candidatos a apenas quinze alunos - o m ximo que podia aceitar (e provavelmente catorze mais do que aqueles que conseguiria realmente ensinar) num curso de escrita criativa.

Como não podia deixar de ser, Liz quisera saber a razão pela qual ele não podia adiar aquilo, pelo menos até Julho, recordando-lhe (também como não podia deixar de ser)

que, no ano anterior, adiara até meados de Agosto. Ele voltou … desculpa do grande aumento das candidaturas, acrescentando de forma virtuosa que não pretendia que a preguiça do £ltimo Verão se transformasse num h bito.

Por fim, ela deixara de protestar - não porque os argumentos dele a tivessem convencido, concluiu Thad, mas porque se apercebera de que ele iria até l desse por onde desse. E ela sabia tão bem quanto ele que, mais cedo ou mais tarde, eles teriam de começar a sair de novo: escondidos em casa até alguém matar ou prender George Stark não era uma opção muito aprazível. Ainda assim, os olhos dela continuariam invadidos por um medo embotado e interrogativo.

Thad beijara-a e aos gémeos e saíra rapidamente. Ela dava a sensação de que iria desatar a chorar a qualquer momento e, se Thad ainda se encontrasse em casa quando assim o fizesse, ele ficaria em casa.

Não se tratavam das candidaturas para o curso de especialização, est claro.

Tratava-se do prazo.

Esta manhã, Thad acordara totalmente possuído pelo próprio

medo indefinido, uma sensação tão desagrad vel como dores de barriga. George Stark telefonara na noite de 10 de Junho, tendo-lhe dado uma semana para avançar no romance sobre o roubo do carro armadilhado. Thad ainda não envidara quaisquer esforços para começar... embora, cada dia que passasse, conseguisse ver cada vez com mais nitidez como seria o livro. Até sonhara com ele umas duas vezes, o que constituía um intervalo agrad vel da visita que costumava fazer … sua casa deserta durante o sono e das coisas que explodiam quando tocava nelas. Contudo, esta manhã, o seu primeiro pensamento fora: "O prazo. Estou em cima do prazo."

Isso significava que chegara o momento de falar de novo com George, por muito pouco que o desejasse. Era a altura de descobrir se George estava muito zangado. Bem...

Thad acreditava que sabia a resposta a essa pergunta. Mas era perfeitamente possível que, se ele estivesse muito zangado, totalmente zangado, e se Thad conseguisse espicaç -lo ainda mais até o levar a perder por completo o domínio sobre si mesmo, o velho George matreiro podia muito bem cometer um deslize e deixar escapar alguma coisa.

"A perder a coesão."

Thad tinha a sensação de que George j deixara escapar alguma coisa quando permitira que a mão intrusa de Thad escrevesse aquelas palavras no seu di rio. Se ao menos pudesse ter a certeza do que queriam dizer. Thad tinha uma ideia... mas não a certeza. E, nesta altura, um erro podia significar mais do que apenas a vida dele.

Assim, l ,se encontrava a caminho da universidade, a caminho do seu gabinete no Edifício de Inglês-Matem tica.

Estava a caminho, não para apanhar os dossiers do curso de especialização - apesar de também o ir fazer - mas porque tinha l um telefone, um que não se encontrava sob escuta, e porque alguma coisa tinha de ser feita. Ele estava em cima do prazo. ao olhar de relance para a mão esquerda, que se encontrava em baixo sobre o volante, Thad pensou (e não pela primeira vez durante esta longa semana) que o telefone não era o £nico modo de entrar em contacto com George.

Ele j provara isso... mas o preço a pagar fora muito alto.

Não se tratava apenas do sofrimento excruciante ao espetar um l pis

afiado na parte de tr s da mão, ou do horror de assistir a tudo isto enquanto o seu corpo descontrolado se feria a si próprio na sequência de uma ordem de Stark - o velho George matreiro, que parecia ser o fantasma de um homem que nunca existira. Thad pagara o preço real na sua mente. A chegada dos pardais constituíra o preço real pago por ele: o terror provocado pela percepção de que as forças aqui em jogo eram muito maiores e até muito mais incompreensíveis do que o próprio George Stark. Thad tinha cada vez mais a certeza de que os pardais significavam a morte. Mas de quem?

Estava apavorado só de pensar que talvez tivesse de p“r os pardais em risco apenas para entrar de novo em contacto com George Stark.

E conseguia vê-los a vir" conseguia vê-los a chegar ao ponto mítico a meio do caminho onde os dois se encontravam ligados, aquele lugar onde, possivelmente, teria de lutar com George Stark pelo controlo da £nica alma que partilhavam.

Ele temia saber quem saíria vencedor de uma luta naquele lugar.

2

Alan Pangborn sentou-se … sua secret ria nas traseiras do gabinete do xerife do Condado de Castle, que ocupava uma ala do Edifício M£nícipal de Castle Rock. Também para ele esta fora uma semana de grande tensão... ainda que isso fosse bastante banal. Uma vez chegado o Verão a The Rock, j se sabia como era. Do Memorial Day ao Dia do Trabalhador, as forças da lei passavam por uma época de loucos no País das Férias.

H cinco dias atr s ocorrera um aparatoso acidente que envolvera quatro automóveis na estrada 117, um desastre causado pela ingestão de bebidas alcoólicas, acabando por provocar duas mortes. Dois dias mais tarde, Norton Briggs batera na mulher com uma frigideira, deitando-a abaixo no chão da cozinha. Durante os turbulentos vinte anos de casamento, Norton batera v rias vezes na mulher. No entanto, aparentemente, desta vez pensou tê-la matado. Depois de escrever uma notinha, cheia de remorsos e erros gramaticais, p“s fim … própria vida com uma pistola .38.

Quando a mulher, que também não era nenhum médico, acordou e se Lhe deparou o corpo frio do torturador a seu lado, acendera o fogão a

g s e enfiara a cabeça l dentro. Os paramédicos dos Serviços de Salvamento em Oxford conseguiram salv -la. Por uma unha negra.

Dois mi£dos oriundos de Nova Iorque tinham-se afastado do chalé dos pais em Castle Lake, tendo acabado por se perder na mata, exactamente como a Maria e o João. Foram encontrados oito horas depois, assustados mas sem problemas. John LaPointe, o segundo auxiliar de Alan, é que não se encontrava em tão boa forma" estava em casa com uma enorme alergia a toxicodendro contraída durante a busca. Houvera também uma briga desagrad vel entre dois veraneantes por causa do £ltimo exemplar do jornal de domingo do New York Times no Snack Bar do Nan" uma outra luta no parque de estacionamento do Mellow Tiger"

um pescador de domingo arrancara metade da orelha direita ao tentar lançar a cana de pesca como um profissional para dentro do lago" três casos de roubo de lojas" e uma pequena rusga de drogas no Universe, o salão de snooker e jogos de vídeo de Castle Rock.

Apenas mais uma típica semana de Junho de uma vilória, uma espécie de grande comemoração do início do Verão. Alan não tivera praticamente tempo nenhum para beber uma £nica ch vena de café inteira em sossego. Ainda assim, dera pelo seu espírito a virar-se para Thad e Liz Beaumont uma e outra vez... para eles, e para o homem que estava a assombr -los. Aquele homem também matara Homer Gamache. Alan fizera v rios telefonemas para os polícias da cidade de Nova Iorque - por esta altura, j devia haver um certo tenente Reardon que, provavelmente, j nem podia ouvir falar dele - embora estes não tivessem nada de novo a acrescentar.

Esta tarde, Alan entrara numa esquadra inesperadamente calma. Sheila Brigham não tinha nenhum recado a dar e Norris Ridgewick estava a passar pelas brasas na sua cadeira junto … cela de detenção, com os pés encavalitados em cima da secret ria. Alan devia tê-lo acordado - se Danforth Keeton, o primeiro membro do Conselho M£nicipal entrasse por ali a dentro e visse Norris nesse estado, ele iria ter problemas - mas não teve coragem de fazê-lo. Também para Norris fora uma semana atarefada, j que ele ficara encarregue de limpar a berma da estrada depois do desastre na 117, tendo feito um excelente trabalho, com vómitos e tudo mais pelo meio.

De seguida, Alan sentou-se por detr s da secret ria, fazendo animais-sombra numa mancha de sol projectada sobre a parede... e, mais

uma vez, os pensamentos viraram-se para Thad Beaumont. Após ter obtido a autorização de Thad, o Dr. Hume, em Orono, telefonara para Alan, informando-o de que os testes neurológicos de Thad eram negativos. ao pensar nisto agora, o espírito de Alan virou-se mais uma vez para o Dr. Hugh Pritchard, que operara Thad quando Thaddeus Beaumont tinha onze anos de idade e estava muito longe de ser famoso.

Com um salto, um coelho atravessou a mancha de sol na parede. Foi seguido por um gato" um cão correu atr s do gato.

"Deixa l isso. • de loucos."

Claro que era de loucos. E claro que Alan não pensaria mais nisso. Daqui a pouco, haveria uma outra crise para resolver" não era preciso ser-se médium para se ter a certeza disso. Era apenas e tão-somente a forma como as coisas corriam aqui, em The Rock, durante o Verão. Uma pessoa estava tão atarefada que, na maior parte das vezes, nem conseguia pensar e, por vezes, sabia bem não pensar.

O cão foi seguido por um elefante, abanando uma tromba de sombra que era, na realidade, o dedo indicador esquerdo de Alan Pangborn.

- Ah, que se lixe! - disse ele, trazendo o telefone para perto de si. ao mesmo tempo, a outra mão desenterrava a carteira do bolso de tr s. Alan carregou no botão que, automaticamente, ligava para o telefone da Esquadra da Polícia Estadual em Oxford, e perguntou … telefonista se Henry Payton, o homem do Departamento de Investigação Criminal, se encontrava l . Por acaso, até estava. Antes de Henry aparecer na linha, Alan teve ainda tempo para pensar que, para variar, também a polícia estadual devia estar a ter um dia calmo.

- Alan! Em que é que te posso ser £til?

- Estava a pensar - respondeu Alan - se não te importavas de telefonar para o chefe dos Rangers' do Parque Nacional de Yellowstone por mim. Podia dar-te o n£mero. - Ligeiramente surpreso, Alan fitou o n£mero. H quase uma semana que o obtivera da assistente, tendo-o escrito nas costas de um cartão-de-visita. As suas mãos h beis tinham-no desenterrado da carteira quase por si só.

- Yellowstone! - Henry soava divertido. - Não é por onde o Yogi Bear costuma andar?

- Não - respondeu Alan a sorrir. - Isso é Jellystone.

E, de qualquer forma, o Yogi Bear não é suspeito de nada.

Pelo menos tanto quanto sei. Preciso de falar com um homem que est l acampado, a passar férias, Henry. Bem...

não sei bem se preciso realmente de falar com ele ou não, mas ficaria muito mais descansado. Tenho a sensação de que h algo por acabar.

- Tem alguma coisa a ver com Homer Gamache?

Alan passou o telefone para o outro ouvido e, distraído, passou o cartão-de-visita onde escrevera o n£mero de telefone dos Rangers de Yellowstone pelos nós dos dedos.

- Sim - replicou ele - mas se me pedires para explicar, vais achar que sou louco.

- Apenas um palpite?

- Sim. - E ficou surpreendido ao verificar que, afinal de contas, ele tinha mesmo um palpite, só que não sabia do que é que se tratava. - O homem com quem quero falar é um médico reformado que d pelo nome de Hugh Prit chard. Est com a esposa. • prov vel que o chefe dos Rangers saiba onde eles estão, sei que as pessoas têm de ser registadas quando l chegam, e est -me c também a parecer que se encontram provavelmente numa zona para campismo com acesso a um telefone. J têm os dois os seus setenta anos. Se telefonares para o chefe dos Rangers, ele provavelmente enviar a mensagem ao tipo.

- Por outras palavras, achas que o ranger de um Parque Nacional pode levar muito mais a sério um pedido oficial de um agente estadual do que um pedido de um rela xerife.

- Tens uma forma muito diplom tica de ver as coisas, Henry. ."

Henry Payton riu encantado:

- Tenho, não tenho? Olha, sabes que mais, Alan? Não me importo de fazer uma coisinha ou outra por ti, desde que não queiras que v mais longe do que isso, desde que...

- Não, é só isto - disse Alan num tom grato. - Isto é tudo o que quero.

- Espera um minuto, ainda não acabei. Desde que percebas que não posso utilizar a nossa linha WATó aqui para fazer a chamada. O

capitão est sempre em cima de nós, meu amigo. Muito em cima mesmo. E se descobrisse esta chamada, acho que gostaria de saber porque é que ando a gastar dinheiro dos contribuintes para te ajudar no teu assado. Est s a entender o que estou a dizer?

Alan suspirou de modo resignado.

- Podes usar o n£mero do meu cartão de crédito pessoal - disse - e podes dizer ao chefe dos Rangers para o Pritchard fazer uma chamada a pagar no destinat rio. Eu marco a chamada e pag -la-ei do meu próprio bolso.

Do outro lado fez-se uma pausa e, quando Henry falou de novo, estava mais sério.

- Isto é mesmo importante para ti, não é, Alan?

- Sim. Não sei bem porquê, mas é.

Seguiu-se uma segunda pausa. Alan conseguia sentir Henry Payton a debater-se para não fazer mais perguntas.

Por fim, a melhor natureza de Henry venceu. Ou talvez pensou Alan, fosse apenas a sua natureza mais pr tica.

- Tudo bem - disse ele. - Vou fazer a chamada e dizer ao chefe dos Rangers que queres falar com este tal Hugh Pritchard sobre uma investigação de homicídio em curso no m£nicípio de Castle, Maine. Qual é o nome da mulher dele?

- Helga.

- De onde é que eles são?

- Fort Laramie, Wyoming.

- Muito bem, xerife" agora vem a parte mais difícil.

Qual é o n£mero do teu cartão de crédito?

A suspirar, Alan deu o n£mero.

Um minuto depois, tinha de novo o desfile de sombras a marchar pela mancha de luz do sol na parede.

"O mais prov vel é que o tipo não me telefone", pensou ele, "e mesmo que o faça, não ir dizer nada que me possa ajudar" como é que podia?"

Ainda assim, numa coisa Henry tinha razão: ele tinha um palpite. Sobre alguma coisa. E não passava.

3

Enquanto Alan Pangborn estava a falar com Henry Payton, That Beaumont estacionava o carro num dos lugares do parque de estacionamento da faculdade nas traseiras do Edifício de Inglês-Matem tica. Saiu, tendo o cuidado de não atirar com a porta esquerda. Por um instante, deixou-se ficar onde estava, a apreciar o dia e a invulgar paz sonolenta do campo.

O Plymouth castanho estacionou ao lado do Suburban de Thad, e os dois homens grandes que saíram do carro dissiparam qualquer sonho de paz que pudesse estar … beira de se concretizar.

- Vou só l acima até ao meu gabinete por uns minutos - disse Thad. - Se quiserem, podem ficar c em baixo. - Thad observou duas raparigas que passaram por ali, provavelmente a caminho do Anexo Leste para se inscreverem nos cursos de Verão. Uma vestia um top atado … volta do pescoço e uns calções azuis, e a outra um vestido curto praticamente inexistente, sem costas e uma bainha que estava a um palmo da protuber*f*ncia das n degas e de causar um ataque de coração. - Apreciem o espect culo.

Os dois polícias estaduais tinham-se virado para seguir a progressão das raparigas, como se as suas cabeças estivessem montadas sobre uns suportes giratórios invisíveis. De seguida, o polícia que mandava - Ray Garrison ou Roy Harriman, Thad não tinha a certeza de qual - virou a cabeça para tr s, afirmando de modo pesaroso:

- É claro que gost vamos de ficar aqui, mas é melhor subirmos com o senhor.

- A sério, é j aqui no segundo andar...

- Ficamos … sua espera no corredor.

- Vocês nem fazem ideia do quanto tudo isto est a começar a deprimir-me.

- São ordens - disse o Garrison-ou-Harriman. Era evidente que, para ele, a depressão, ou a felicidade, se é que isso interessava, de Thad não tinha import*f*ncia alguma.

- Sim - replicou Thad, desistindo. - Ordens.

Thad encaminhou-se para a porta lateral. Os dois polícias seguiram-no a uma dist*f*ncia de doze passos, assemelhando-se mais a polícias nas suas roupas … paisana do que alguma vez se tinham assemelhado com as suas fardas, conjecturou Thad.

Depois do calor estagnado e h£mido, o ar condicionado atingiu Thad como uma pancada violenta. Repentinamente teve a sensação de que a camisa estava a congelar colada … pele. O edifício, tão cheio de vida e agitação durante o ano lectivo de Setembro a Maio, estava um pouco assustador nesta tarde de fim-de-semana do final da Primavera. Na segunda-feira, quando a primeira sessão estival de três semanas começasse, talvez chegasse até a recuperar um terço do grande movimento e bulício habituais. Contudo, naquele dia, Thad deu por si a sentir-se um pouco aliviado por ter a protecção polícial consigo. Pensou que o segundo andar, onde se encontrava o seu gabinete, deveria estar totalmente deserto, o que, pelo menos, Lhe permitiria evitar a necessidade de explicar a presença dos seus amigos grandes e vigilantes.

Thad acabou por verificar que não estava totalmente deserto, mas, ainda assim, conseguiu sair-se bem. Rawlie De Lesseps andava a vaguear pelo corredor, dirigindo-se da sala comum do departamento para o seu gabinete, deambulando … típica maneira de Rawlie DeLesseps... o que significava que parecia ter, recentemente, apanhado com um rude golpe na cabeça que dera cabo tanto da memória como do controlo motor.

DeLesseps caminhava sonhadoramente de um lado para o outro do corredor, descrevendo ligeiras espirais, dando umas espreitadelas nas bandas desenhadas, poemas e avisos afixados nos quadros das portas fechadas dos colegas. Ele podia estar a caminho do seu gabinete - pelo menos era o que parecia - mas até mesmo alguém que o conhecesse bem teria, provavelmente, declinado em fazer uma tal aposta. A haste de um enorme cachimbo amarelo encontrava-se segura entre os dentes, que não estavam tão amarelos quanto o cachimbo, ainda que não estivessem muito longe disso. O cachimbo estava apagado, estava-o desde 1985, quando o médico de Rawlie o proibira de fumar após um ligeiro ataque cardíaco.

"De qualquer forma, também nunca gostei assim tanto de fumar", costumava explicar Rawlie na sua voz delicada e distraída sempre que alguém Lhe perguntava sobre o cachimbo.

"Mas sem a ponta nos dentes... meus senhores, não saberia onde ir ou o que fazer se tivesse sufíciente sorte para l chegar." De qualquer modo, a maior parte das vezes, ele j dava essa impressão de não saber para onde ir ou o que fazer. Algumas pessoas conheciam Rawlie durante anos e só muito mais tarde é que descobriam que, afinal de contas, ele não era nada o louco distraído e instruído que parecia ser. Alguns nunca o chegavam sequer a descobrir.

- Ol , Rawlie - disse Thad, separando as chaves com os dedos.

Rawlie lançou-lhe uma piscadela de olhos, desviou o olhar de forma a poder perscrutar os dois homens atr s de Thad, ignorou-os e dirigiu de novo o olhar para Thad.

- Ol , Thaddeus - disse ele. - Não sabia que, este ano, estavas a ensinar nos cursos de Verão.

- E não estou.

- Então o que é que te deu para vires até aqui, de todos os locais do mundo, no primeiro dia de Verão verdadeiramente genuíno?

- Venho só buscar alguns dossiers do curso de especialização - respondeu Thad. - Acredita que não vou ficar aqui mais tempo do que o estritamente necess rio. 2 - Que foi que aconteceu … tua mão? É uma autêntica nódoa negra bem até ao pulso.

- Bem - começou Thad, um pouco constrangido.

A história fazia-o parecer um bêbedo ou um idiota, ou ambos,.. mas, ainda assim, era muito mais facilmente digerida do que a própria verdade. Thad ficou taciturnamente espantado ao verificar que a facilidade como a polícia a aceitara fora a mesma com que Rawlie a aceitava agora. Ninguém fizera uma £nica pergunta sobre o modo ou a razão que o levara a entalar a mão na porta do roupeiro do quarto.

De modo instintivo, Thad soubera exactamente a história precisa que tinha de contar - até mesmo no seu sofrimento sabia isso. As pessoas esperavam que ele fizesse coisas desajeitadas: fazia parte da sua personalidade. De certo modo, era como contar ao entrevistador da People (Deus tenha a sua alma) que George Stark fora criado em Ludlow e não em Castle Rock, e a razão que levava Stark a escrever … mão era porque ele nunca aprendera a escrever … m quina.

Nem sequer tentara mentir … Liz... mas insistira para que ela não

contasse a ninguém o que realmente acontecera, com o que ela concordara. A £nica preocupação de Liz fora conseguir arrancar dele a promessa de que nunca mais tentaria contactar com Stark. Ele prometera-lhe isso de bom grado, embora estivesse ciente que se tratava de uma promessa que podia não ser capaz de cumprir. Também suspeitava que, a um recanto bem escondido da mente de Liz, ela tinha igualmente consciência desse facto.

Neste momento, Rawlie encontrava-se a olhar para ele com um interesse verdadeiro.

- Na porta de um roupeiro - estranhou ele. - Fant stico.

Estavas provavelmente a brincar …s escondidas? Ou tratou-se de um estranho rito sexual?

Thad sorriu:

- Deixei de praticar quaisquer ritos sexuais estranhos por volta de mil novecentos e oitenta e um - disse ele. - Conselho do médico. Na verdade, eu pura e simplesmente não estava a prestar atenção ao que estava a fazer. Toda esta história é um pouco constrangedora.

- Imagino - replicou Rawlie, tendo-lhe, de seguida, piscado o olho. Tratou-se de uma piscadela muito subtil, um leve batimento de uma velha p lpebra inchada e enrugada...

mas estava l , sem d£vida alguma. Pensara ele que conseguira enganar Rawlie? Os porcos podem voar.

Subitamente, Thad foi percorrido por um novo pensamento.

- Rawlie, ainda d s aquele semin rio sobre o mito popular?

- Durante todo o Outono - respondeu Rawlie a acenar a cabeça. - Não lês o programa do teu departamento, Thaddeus? Varinhas de vedor, bruxas, mezinhas holísticas, sinais de feitiço dos ricos e famosos. Continua tão popular como sempre. Porque perguntas?

Thad descobrira que essa pergunta tinha uma resposta que dava para tudo" uma das melhores coisas em ser-se escritor era o facto de haver sempre uma resposta para uma pergunta do tipo "Porque pergunta?".

- Bem, tenho c uma ideia para uma história - respondeu ele. - Est ainda na fase da exploração, mas tem as suas possibilidades, penso eu.

- O que é que querias saber?

- Sabes se os pardais têm algum significado na superstição ou mitos populares americanos?

A testa sulcada de Rawlie começou a assemelhar-se … topografia de um qualquer planeta extraterrestre claramente hostil … vida humana. Rawlie roeu a haste do cachimbo.

- Neste preciso momento, não me vem nada … cabeça, Thaddeus, apesar de... pergunto-me se ser mesma essa a razão pela qual est s interessado nisto.

"Os porcos podem voar", pensou Thad de novo.

- Bem... talvez não, Rawlie. Talvez não. Talvez tenha apenas dito aquilo porque o meu interesse não é algo que possa ser explicado em dois minutos. - Os olhos de Thad perscrutaram os seus cães de guarda por um instante, dirigindo-se de novo para o rosto de Rawlie. - Neste preciso momento, estou com um bocado de pressa.

Os ll bios de Rawlie tremeram ligeiramente, deixando transparecer um breve sorriso.

- Acho que percebi. Pardais... uns p ssaros tão comuns.

Demasiado comuns para terem quaisquer conotações superstíciosas mais sérias, creio eu. No entanto... agora que penso nisso... h alguma coisa. O £nico problema é que os associo aos noitibós. Deixa-me verificar. Estar s ainda aqui daqui a pouco?

- Receio que não mais do que uma meia hora.

- Bem, é possível que encontre j alguma coisa no livro do Barringer Folclore da América. Não passa de um livro de cozinha de superstições, mas d jeito. E posso sempre telefonar-te.

- Sim. Podes sempre fazer isso.

- Festa magnífica aquela que tu e Liz deram em honra de Tom Carroll - disse Rawlie. - Como é evidente, tu e Liz dão sempre as melhores festas. A tua esposa é demasiado encantadora para ser uma esposa, Thaddeus. Ela devia ser tua amante.

- Obrigado, creio eu.

- O Tom Gonzo - prosseguiu Rawlie afectuosamente - Custa

acreditar que o Tom Gonzo Carroll tenha navegado parado os portos cinzentos da reforma. H mais de vinte anos que o ouço a dar aqueles peidos fortes, semelhantes ao toque de uma trombeta, no gabinete ao lado do meu. .

Suponho que o tipo que se Lhe seguir ser mais calmo. Ou, pelo menos, mais discreto.

Thad riu.

- A Wilhelmina também se divertiu - disse Rawlie, tendo baixado as p lpebras de forma maliciosa. Ele sabia perfeitamente aquilo que Thad e Liz pensavam sobre Billie.

- Ainda bem - retorquiu Thad, que considerava Billie Burks e o conceito de divertimento mutuamente exclusivos... mas dado que ela e Rawlie tinham feito parte de um libi desesperadamente necess rio, Thad supunha que deveria ter ficado contente pela presença dela. - E se te ocorrer algo sobre aquela outra coisa...

- Os pardais e o seu lugar no mundo invisível. Sim de facto. - Com a cabeça, Rawlie cumprimentou os dois polícias que se encontravam por detr s de Thad. - Boa tarde!

meus senhores. - Rawlie contornou-os, continuando o caminho até ao gabinete com um andar mais determinado Não muito, mas um pouco.

Thad seguiu-o com o olhar, perplexo.

- Que era aquilo? - inquiriu Garrison-ou-Harriman.

- DeLesseps - murmurou Thad. - Gram tico de profissão e etnólogo amador.

- Parece-se com o tipo de homem que talvez necessite de um mapa para encontrar o caminho de casa - disse o outro polícia.

Thad dirigiu-se para a porta do seu gabinete e destrancou-a.

- • uma pessoa mais viva do que parece - disse ele, abrindo a porta.

Só quando acendeu as luzes do tecto é que Thad teve consciência de que Garrison-ou-Harriman estava a seu lado, com uma das mãos dentro do blusão especialmente feito para tipos altos. Thad sentiu uma pontada de medo, mas, como era evidente, o gabinete estava vazio - vazio

e tão arrumado, após o abrandar suave e regular da desordem de um ano inteiro, que parecia estar morto.

Por nenhuma razão que conseguisse explicar, Thad sentiu uma onda repentina e praticamente nauseante de saudades de casa, vazio e perda - um misto de sentimentos como uma m goa profunda e inesperada. Era como o sonho. Era como se tivesse vindo até aqui despedir-se.

"P ra de ser tão estupidamente tolo", ordenou a si próprio, tendo uma outra parte da sua mente replicado de forma serena: "Em cima do prazo, Thad. Est s em cima do prazo, Thad, e creio que acabaste de cometer um grande erro ao não teres, pelo menos, tentado fazer aquilo que o homem quer que tu faças. Mais vale uma solução a curto prazo do que nenhuma solução."

- Se quiserem café, podem ir buscar as ch venas … sala comum do departamento - informou. - Se bem conheço o Rawlie, a cafeteira deve estar cheia.

- Onde é que isso é? - perguntou o parceiro de Garrison-ou-Harriman.

- Do outro lado do corredor, duas portas acima - respondeu Thad, soltando os dossiers. Virou-se e lançou-lhes um sorriso que sentiu como um esgar no seu rosto. - Penso que me ouvirão se gritar.

- Certifique-se apenas de que grita mesmo se alguma coisa acontecer - retorquiu Garrison-ou-Harriman.

- Estejam descansados.

- Podia pedir aqui ao Manchester para ir buscar o café - afirmou Garrison-ou-Harriman - mas est -me c a parecer que o senhor est a precisar de ficar um pouco sozinho.

- Bem, sim. Agora que fala nisso.

- Tudo bem, senhor Beaumont - replicou ele, olhando para Thad de modo circunspecto, tendo-se este £ltimo subitamente recordado de que Harrison era o nome daquele agente. Tal como o antigo Beatle. Que estupidez ter esquecido o nome. - Lembre-se apenas daquelas pessoas em Nova Iorque que morreram de uma overdose de privacidade. "

"Ai, sim? Pensava que Phyllis Myers e Rick Cowley morreram na companhia da polícia." Thad pensou em proferir este pensamento em voz

alta, embora tivesse optado por não o fazer. Afinal de contas, estes homens estavam apenas a tentar cumprir o seu dever.

- Anime-se, agente Harrison - disse ele. - Hoje, o edifício est tão calmo que até um homem descalço faria eco.

- Muito bem. Estaremos do outro lado do corredor na quilo-que-o-senhor-chama-não-sei-como .

- A sala comum.

- Exactamente.

Os dois saíram, e Thad abriu o ficheiro marcado como CANDó CUR. No olho da mente, Thad não conseguia deixar de ver Rawlie DeLesseps a lançar aquela piscadela r pida e discreta.

E de ouvir aquela voz a dizer-lhe que ele estava em cima do prazo, que atravessara para o lado sombrio. O lado onde estavam os monstros.

4

O telefone estava ali e não tocou.

"V l", pensou ele, empilhando os dossiers do curso de especialização sobre a secret ria ao lado da sua IBM Selec tric fornecida pela universidade. "V l, v l, aqui estou eu, exactamente ao lado de um telefone sem qualquer tipo de escuta, portanto, v l, George, d -me uma telefonadela, liga para mim, d -me o furo jornalístico."]

Mas o telefone continuava impassível e não tocava.

Thad apercebeu-se de que estava a olhar para um arm rio de arrumação de ficheiros, não apenas desbastado mas totalmente vazio. Na sua inquietação, Thad tirara para fora todos os dossiers e não apenas aqueles que pertênciam aos estudantes interessados em fazer um curso de especialização em escrita criativa. Até mesmo as fotocópias dos dossiers dos alunos que queriam tirar gram tica transformacional, que era a Bíblia na opinião de Noam Chomsky, traduzida por aquele decano do cachimbo apagado, Rawlie DeLesseps.

Thad dirigiu-se para a porta e olhou para fora. Harrison e Manchester encontravam-se … porta da sala comum do departamento, a beber café. Nos punhos do tamanho de presuntos, as canecas pareciam ter o tamanho de ch venas pequenas próprias para café. Thad levantou a mão. Harrison retribuiu o cumprimento e perguntou-lhe se ainda iria demorar

muito.

- Cinco minutos - respondeu Thad, tendo os dois polícias acenado com a cabeça.

Thad voltou para a secret ria, separou os dossiers da escrita criativa dos outros, e começou a colocar estes £ltimos na gaveta dos ficheiros, fazendo-o o mais lentamente possível, dando tempo para o telefone tocar. Mas o telefone continuou impassível no mesmo lugar. Algures no fundo do corredor, Thad ouviu um toque, abafado por uma porta fechada, de certo modo fantasmagórico no inabitual silêncio de Verão do edifício. "Talvez George tenha arranjado o n£mero de telefone errado", pensou ele, soltando uma gargalhadazinha.

O facto era que George não iria telefonar.

O facto era que ele, Thad, estava errado. Aparentemente, George tinha um outro truque na manga. Porque estava ele tão surpreendido? Os truques eram a spécialité de l maison' de George Stark. Ainda assim, ele estivera tão seguro, tão incrivelmente seguro...

- Thaddeus?

Thad deu um salto, deixando praticamente cair no chão o conte£do da £ltima meia d£zia de ficheiros. Quando teve a certeza de que não iriam cair da mão, virou-se. Rawlie de cachimbo comprido sobressaía como um periscópio horizontal.

- Desculpa - disse Thad. - Pregaste-me c um susto, Rawlie. A minha cabeça estava a quilómetros de dist*f*ncia daqui.

- Est alguém ao telefone a perguntar por ti - disse Rawlie com amabilidade. - Deve ter o n£mero de telefone errado. Sorte eu estar l .

Thad sentiu o coração a bater lentamente e com dificuldade: era como se tivesse um tambor de parada dentro do peito e alguém tivesse começado a bater nele com uma grande dose de energia cadênciada.

- Sim - disse Thad. - Foi uma grande sorte.

Rawlie lançou-lhe um olhar perscrutador. Os olhos azuis debaixo das p lpebras inchadas e ligeiramente avermelhadas estavam tão vivos e inquisitivos que se tornavam incomodativos, e estavam certamente a quilómetros de dist*f*ncia do seu feitio de professor jovial, desorganizado e distraído.

- Est tudo bem, Thaddeus?

"Não, Rawlie. Nesta altura, h um assassino louco algures por aqui, um tipo que, aparentemente, consegue tomar conta do meu corpo e me leva a fazer coisas esquisitas como espetar um l pis em mim próprio, e acho que cada dia que passo é uma autêntica vitória. A realidade est muito afastada de tudo isto, velho amigo." - Tudo bem? Porque é que não havia de estar tudo bem?

- Pareço detectar o ténue mas inequivocamente penetrante tom de ironia, Thad.

- Est s enganado.

- Ser que estou mesmo? Então porque é que te pareces com um veado encandeado por um par de faróis?

- Rawlie...

- E o homem com quem acabei de falar assemelha-se ão tipo de vendedor a quem compramos qualquer coisa pelo telefone apenas para garantir que ele nunca visite pessoalmente a nossa casa.

- Não é nada, Rawlie.

- Muito bem. - Rawlie não parecia ter ficado convencido.

Thad deixou o gabinete e começou a caminhar pelo corredor abaixo, em direcção ao de Rawlie.

- Onde é que o senhor vai? - chamou Harrison atr s dele.

- Rawlie tem uma chamada para mim no gabinete dele - explicou. - Aqui, os n£meros de telefone são todos sequênciais. O tipo deve ter trocado os n£meros.

- E, por uma grande sorte, conseguiu apanhar o £nico outro membro da faculdade que se encontrava hoje aqui? - perguntou Harrison de modo céptico.

Thad encolheu os ombros e continuou a andar.

O gabinete de Rawlie DeLesseps era desorganizado, agrad vel e ainda habitado pelo cheiro do cachimbo - aparentemente, dois anos de abstinência não tinham compensado trinta anos de indulgência. Era dominado por um quadro de setas com uma fotografia de Ronald Reagan presa no meio. Um volume com o tamanho de uma enciclopédia, o

Folclore da América de Frank Barringer, permanecia aberto sobre a secret ria de Rawlie. O telefone estava fora do descanso, com o auscultador sobre uma pilha de cadernos de exames em branco. ao olhar para o auscultador, Thad sentiu o velho terror apossar-se dele com as j familiares pregas sufocantes. Era como ser atado num lençol que necessita urgentemente de ser lavado. Thad virou a cabeça, certo de que veria os três - Rawlie, Harrison e Manchester - alinhados … entrada da porta como pardais numa linha telefónica. Contudo, a entrada da porta estava vazia, e de algures do fundo do corredor, Thad conseguia ouvir o murm£rio suave da voz de Rawlie. Ele detivera os cães de guarda de Thad. Este tinha as suas d£vidas de que Rawlie tivesse feito isto por acaso.

Thad pegou no telefone e disse:

- Ol , George.

- J tiveste a tua semana - disse a voz do outro lado da linha. Era a voz de Stark, mas Thad perguntou-se se, neste preciso momento, as impressões vocais seriam tão idênticas umas …s outras. A voz de Stark não era a mesma.

Ficara rouca e spera, como a voz de um homem que passara tempo a mais a gritar num qualquer evento desportivo.

- J tiveste a tua semana e não mexeste uma palha.

- Tens toda a razão - replicou Thad, sentindo-se muito frio. Tinha de fazer um esforço consciente para não tremer.

Aquele frio parecia provir do próprio telefone, exalado através dos buracos do auscultador como pingentes de gelo. Mas estava também muito zangado. - Não vou fazer, George. Uma semana, um mês, dez anos, para mim é tudo a mesma coisa. Porque é que não aceitas? Est s morto, e morto vais continuar.

- Est s enganado, velha carcaça. Se queres morrer enganado, est s no bom caminho.

- Sabes o que fazes lembrar, George? - perguntou Thad. - A de alguma coisa que se est a desintegrar.

• por iSSO que me pedes para começar a escrever de novo, não é? A perder a coesão, foi aquilo que escreveste. Est s a biodegradar-te, não é? Não vai demorar muito tempo até começares a desfazer-te aos bocados, como a carruagem maravilhosa da Cinderela.

- Nada disso te diz respeito, Thad - replicou a voz rouca, que passou de um zumbido spero para um som duro, como cascalho a cair da parte de tr s de um camião e, de seguida, para um murm£rio esganiçado (como se, no espaço de uma frase ou duas, as cordas vocais tivessem deixado totalmente de funcionar) e de novo para o zumbido. - Nada do que est a acontecer comigo te diz respeito. Para ti, camarada, isso não passa de uma distracção. Tu só queres é começar a trabalhar logo … noite ou vais arrepender-te, fiLho da mãe. E não ir s ser o £nico.

- Eu não...

Click! Stark fora-se. Por uns segundos, Thad olhou concentrado para o auscultador do telefone, após o que o colocou de novo no gancho. Quando se virou, Harrison e Manchester estavam … porta.

5

- Quem era? - perguntou Manchester.

- Um aluno - respondeu Thad. Nesta altura, não estava muito certo de que estivesse a mentir. A £nica coisa de que tinha realmente certeza era de que fora invadido por uma sensação horrível nas entranhas. - Apenas um aluno, como pensei.

- Como é que ele sabia que o senhor estaria aqui? - perguntou Harrison. - E por que raio é que telefonou para o telefone deste senhor?

- Desisto - replicou Thad de modo humilde. - Sou um agente russo infiltrado. Na verdade, era o meu contacto.

Entrego-me sem mais delongas.

Harrison não ficou zangado - ou, pelo menos, não pareceu ficar zangado. O olhar perpassado por uma censura ligeiramente cansada foi muito mais eficaz do que a raiva.

- Senhor Beaumont, estamos a tentar ajud -lo a si e … sua esposa. Sei que, passado um certo tempo, ter dois tipos atr s de nós para onde quer que se v acaba por ser uma grande chatice, mas, nós estamos realmente a tentar dar-Lhe uma ajuda.

Thad sentiu-se envergonhado... mas não sufícientemente envergonhado para contar a verdade. Aquela sensação m perdurava, a sensação de que as coisas iam correr mal, de que talvez j tivessem corrido mal. E algo mais também:

uma sensação leve e palpitante percorria a sua pele. Uma sensação de formigueiro dentro da pele. Pressão nas têmporas.

Não eram os pardais" pelo menos, não acreditava que fossem. Ainda assim, um qualquer barómetro mental de que ele nunca tivera consciência estava a descer. Também não era a primeira vez que se sentia assim. H oito dias atr s, a caminho do Mercado do Dave, tivera uma sensação semelhante a esta, embora não tão forte. Sentira-se assim quando se encontrava no seu gabinete a recolher os dossiers.

Uma sensação ligeira e irrequieta.

"É Stark. De algum modo, ele est contigo, dentro de ti. Est a observar-te. Se disseres a coisa errada, ele vai saber. E então alguém ir sofrer."

- Peço desculpa - disse. Thad estava ciente de que, neste momento, Rawlie DeLesseps se encontrava por detr s dos dois polícias, a observar Thad com uns olhos serenos e curiosos. Agora, teria de começar a mentir, e as mentiras iriam sair de um modo tremendamente natural e suave. Mas Thad também não conhecia a razão, por que, pelo que sabia, eles bem que podiam ter sido ali colocados pelo próprio George Stark.

Apesar de não ter a certeza absoluta de Rawlie ir engolir as patranhas, agora j era um pouco tarde de mais para se preocupar com isso. - Estou com os nervos … flor da pele, é tudo.

- Totalmente compreensível - disse Harrison. - Mas só quero que perceba, senhor Beaumont, que nós não somos o inimigo.

- O mi£do que telefonou sabia que eu me encontrava aqui porque estava a sair da livraria quando passei com o carro pela porta - esclareceu Thad. - Queria saber se eu iria ensinar no curso de escrita do Verão. A lista telefónica da faculdade est dividida em departamentos, estando os membros de cada departamento registados por ordem alfabética.

As folhas são muito finas, como qualquer pessoa que j a tenha utilizado poder comprovar.

- Nesse aspecto, é uma publicação muito inconveniente - concordou Rawlie em redor do cachimbo. Os dois polícias viraram-se e olharam para ele por um instante, espantados.

Rawlie obsequiou-os com um aceno solene e bastante temeroso.

- Rawlie vem a seguir a mim na lista telefónica - disse Thad.

- Este ano, por acaso não temos nenhum membro da faculdade cujo apelido comeşe por cê. - Thad olhou de relance para Rawlie, mas este tirara o cachimbo da boca e parecia estar a inspeccionar a concavidade enegrecida pelo lume com uma enorme atenção. - Em resultado disto - rematou Thad - estou sempre a receber chamadas dele e ele est sempre a receber as minhas. Disse ao mi£do que não estava com sorte", vou estar fora até ao Outono.

Bem, era tudo. Thad tinha a sensação de que talvez tivesse dado explicações a mais sobre a situação, mas a verdadeira questão punha-se quanto … altura em que Harrisont e Manchester tinham chegado … entrada da porta do gabinete de Rawlie e o quanto podiam ter ouvido da conversa. Geralmente, não se dizia a um aluno que se candidatava a um curso de escrita que ele era biodegrad vel e que, em breve, se iria desfazer aos bocados.

- Bem que gostava de estar fora até ao Outono - suspirou Manchester. - J acabou o que tinha a fazer, senhor L Beaumont?

Thad soltou um suspiro de alívio interno e disse:

- Falta-me apenas guardar de volta os dossiers que não irei precisar - ("e um bilhete, tens de escrever um bilhete … secret ria").

"E, est claro, tenho de escrever um bilhete … senhora Fenton - ouviu-se a si próprio afirmar. Thad não fazia a mais pequena ideia porque é que estava a dizer isso" só sabia que tinha de o dizer. - Ela é a secret ria do Departamento de Inglês.

- Ser que temos tempo para mais uma ch vena de café? - perguntou Manchester.

- Claro. Talvez até para uma ou duas bolachinhas de chocolate, se é que os bandos de b rbaros deixaram alguma - respondeu. Aquela sensação de que as coisas estavam fora de ordem, de que as coisas estavam erradas e a ficarem cada vez mais erradas, voltara e desta vez mais forte do que nunca. Deixar um bilhete para a Sra. Fenton? Céus, isso era de loucos. Rawlie devia estar a sufocar de riso com o cachimbo.

Quando Thad deixou o gabinete deste £ltimo, Rawlie perguntou:

- Posso falar contigo por um minuto, Thad?

- Claro - respondeu ele. Era seu desejo pedir a Harrison e a Manchester para os deixarem aos dois sozinhos, dizendo-lhes que j iria ter com eles num instante, mas reconheceu, ainda que com relut*f*ncia, que uma observação desse género não era propriamente o tipo de coisa que se dizia quando se pretendia afastar suspeitas. E pelo menos Harrison tinha as antenas de pé. Talvez ainda não exactamente até ao cimo, mas quase.

De qualquer modo, o silêncio funcionava melhor. ao virar-se para Rawlie, Harrison e Manchester caminharam vagarosamente pelo corredor acima. Harrison falou rapidamente com o parceiro, tendo ficado … entrada da porta da sala comum do departamento, enquanto Manchester procurava as bolachas. Harrison não afastava o olhar dos dois, embora Thad pensasse que estavam longe dos seus ouvidos.

- Que grande história esta sobre a lista da faculdade - retorquiu Rawlie, voltando a enfiar o tubo mastigado do cachimbo na boca. - Creio que tens muita coisa em comum com a rapariguinha no The Open Window de Saki, Thaddeus. A curto prazo, o romance pode vir a ser a tua especialidade.

- Rawlie, isto não é aquilo em que est s a pensar.

- Não faço a mais pequena ideia do que se trata - replicou Rawlie calmamente - e embora admita ter uma certa dose de curiosidade humana, não tenho bem a certeza de que queira realmente saber.

Thad lançou um pequeno sorriso.

- E, de facto, fiquei com a nítida sensação de que esqueceras o Tom Carroll Gonzo de propósito. Ele pode estar reformado, mas, da £ltima vez que olhei, ainda aparecia entre nós dois na actual lista telefónica da faculdade.

- Rawlie, é melhor eu ir andando.

- Com certeza - retorquiu Rawlie. - Tens um bilhete para escrever … senhora Fenton.

Thad sentiu as faces ficarem ligeiramente ruborizadas Althea Fenton, a secret ria do Departamento de Inglês desde 1961, morrera de cancro da garganta em Abril passado. L - A £nica razão pela qual te retive aqui - prosseguiu Rawlie - foi para te dizer que talvez tenha descoberto aquilo que procuravas. Sobre os pardais.

Thad sentiu o pulsar do coração aumentar de intensidade.

Rawlie levou Thad para dentro do gabinete e pegou no Folclore da América de Barringer.

- Os pardais, os mergulhões e sobretudo os noitibós são psicopompos - explicou, mas sem um tom de triunfo na voz. - Eu sabia que havia algo sobre os noitibós.

- Psicopompos? - perguntou Thad de modo duvidoso.

- Do grego - explicou Rawlie - que significa que são aqueles que conduzem. Neste caso, aqueles que conduzem as almas humanas para tr s e para a frente entre a terra dos vivos e a terra dos mortos. De acordo com Barringer, os mergulhões e os noitibós são as escoltas dos vivos"

diz-se que se congregam perto do local onde a morte est prestes a acontecer. Não se tratam de p ssaros de mau agoiro. A sua função é guiar as almas recentemente mortas para o local apropriado na vida depois da morte.

Rawlie olhou para Thad de modo sereno.

- Os ajuntamentos de pardais são bastante mais agoirentos, pelo menos na opinião de Barringer. Diz-se que os pardais são as escoltas dos mortos.

- O que significa. . .

- O que significa que a sua função é guiar as almas perdidas de volta para o mundo dos vivos. Por outras palavras, são os arautos dos mortos-vivos.

Rawlie tirou o cachimbo da boca e fitou Thad de modo solene.

- Não sei em que situação est s metido, Thaddeus, mas sugiro uma certa precaução. Uma extrema precaução.

Pareces um homem que est metido em grandes sarilhos. Se houver alguma coisa que eu possa fazer, por favor, dize-me.

- Muito obrigado, Rawlie. Fizeste tanto quanto eu podia esperar tendo ficado calado.

- Pelo menos, nesse ponto, tu e os meus alunos parecem estar perfeitamente de acordo. - Mas os olhos pl cidos que fitavam Thad por cima do cachimbo estavam preocupados. - Vais ter cuidado contigo?

- Sim.

- E se aqueles homens te seguem por toda a parte para te auxiliarem nessa tarefa, Thaddeus, talvez seja prudente depositar toda a confiança neles.

Seria maravilhoso se pudesse. Contudo, não era a confiança que tinha neles que estava em causa. Se, na verdade, Thad abrisse a boca, eles passariam a ter muito pouca confiança nele. E mesmo que confiasse o sufíciente em Harrison e Manchester ao ponto de Lhe contar tudo, Thad não se atrevia a contar o que quer que fosse enquanto aquela sensação de formigueiro no interior da pele não desaparecesse.

Porque George Stark estava a observ -lo. E ele estava em cima do prazo.

- Obrigado, Rawlie.

Rawlie acenou com a cabeça, pediu-lhe mais uma vez para ter cuidado, e sentou-se atr s da secret ria.

Thad regressou ao seu gabinete.

6

"E, est claro, tenho de escrever um bilhete … senhora Fenton."

Quando estava a p“r de novo no lugar o £ltimo dos ficheiros que tirara por engano, Thad parou e fitou a sua IBM Selectric bege. – ltimamente, parecia estar quase hipnoticamente consciente de todos os instrumentos de escrita, grandes e pequenos. Em mais de uma ocasião durante a £ltima semana, Thad interrogara-se se não haveria uma versão diferente de Thad Beaumont no interior de cada um desses instrumentos, como génios do mal escondidos no interior de uma série de l*f*mpadas.

"Tenho de escrever um bilhete … senhora Fenton."

Contudo, nos dias que correm, era mais prov vel uma pessoa utilizar uma t bua Ouija do que uma m quina de escrever eléctrica para entrar em contacto com a falecida Sra. Fenton, que fazia um café tão forte que este quase podia andar e falar. E, afinal de contas, porque é que ele dissera aquilo? A Sra. Fenton seria a £ltima coisa de que o seu espírito se lembraria.

Thad enfiou o derradeiro dossier no arm rio dos ficheiros, fechou

a gaveta e olhou para a mão esquerda. Por debaixo da ligadura, a teia de carne por entre o polegar e o dedo indicador começara subitamente a causar ardor e comichão.

Thad esfregou a mão contra a perna das calças, mas isso só pareceu piorar a comichão. E, agora, estava igualmente a latejar. Aquela sensação de calor profundo e sufocante intensificou-se.

Olhou para fora da janela do gabinete.

Do outro lado de Bennett Boulevard, os fios do telefone estavam cobertos de pardais. Outros tantos encontravam-se sobre o telhado da enfermaria e, enquanto observava, uma fornada novinha em folha poisou num dos campos de ténis.

Todos eles pareciam estar a olhar para Thad.

"Psicopompos. Os arautos dos mortos-vivos."

Neste momento, um bando de pardais redemoinhou em direcção ao solo como um ciclone de folhas queimadas, tendo poisado no telhado de Bennett Hall.

- Não - murmurou Thad numa voz trémula. As costas estavam todas arrepanhadas como pele de galinha. A mão causava comichão e ardor.

A m quina de escrever.

Ele podia livrar-se dos pardais e da comichão ardente e enlouquecedora na mão utilizando apenas a m quina de escrever.

O instinto para se sentar … frente da m quina era demasiado forte para ser ignorado. De certa forma, fazer isso parecia ser terrivelmente natural: era como enfiar a mão em gua fria depois de ter sido queimada.

"Tenho de escrever um bilhete … Sra. Fenton."

"Tu só queres é ver-te longe daqui até … noite ou ainda te vais arrepender, seu filho da mãe. E não ir s ser o £nico .

"

Aquela sensação de formigueiro e comichão sob a pele estava a ficar progressivamente mais forte. Irradiava do buraco na mão sob a forma de ondas. Os globos oculares pareciam estar a palpitar em perfeita sintonia com aquela sensação. E no olho da sua mente, a visão dos pardais intensificou-se. Estava na zona Ridgeway de Bergenfield"

Ridgeway sob um ameno céu branco primaveril" estava-se em 1960" o mundo inteiro estava morto excepto aqueles horríveis p ssaros vulgares, aqueles psicopompos, e enquanto olhava, eles iam levantando voo. O céu ficou negro com a sua grande massa giratória. Os pardais estavam a voar de novo.

Do lado de fora da janela de Thad, os pardais nos fios eléctricos, na enfermaria e em Bennett Hall levantaram voo em conjunto num ruflar de asas. Alguns alunos que atravessavam o p tio estancaram para ver o bando inclinar-se para a esquerda, atravessar o céu e desaparecer a caminho do ocidente.

Thad não viu isto. Ele viu apenas o bairro da sua inf*f*ncia transformado numa terra morta de um sonho. Sentou-se diante da m quina de escrever, afundando-se cada vez mais no mundo crepuscular do seu estado de transe enquanto o fazia. Ainda assim, um pensamento não se desvaneceu. O George matreiro bem que podia forç -lo a sentar-se e a brincar com as teclas da IBM, mas ele não iria escrever o livro, desse l por onde desse... e se se agarrasse a isso, o velho George matreiro acabaria por desintegrar-se ou, muito simplesmente, apagar-se da existência, como a chama de uma vela. Ele sabia isso. Ele sentia isso.

A sua mão parecia estar a latejar para fora e para dentro, e Thad tinha a sensação de que, se a pudesse ver, ela assemelhar-se-ia … pata de um personagem de desenhos animados - talvez Wile E. Coiote - após ter sido esmigalhada com um martelo. Não era propriamente dor" era mais como aquela sensação de em-breve-vou-ficar-louco que se tem quando se começa a ter comichão a meio das costas, precisamente naquele ponto onde nunca se consegue chegar. Não se tratava de um prurido superfícial, mas aquela comichão latejante e constante do nervo que leva uma pessoa a cerrar os dentes.

Mas até isso parecia distante e insignificante.

Thad sentou-se diante da m quina de escrever.

No momento em que ligou a m quina, a comichão desapareceu... e a visão dos p ssaros juntamente com ela.

Ainda assim, o estado de transe permaneceu e, no centro deste, estava uma espécie de ordem imperativa" havia algo que tinha de ser escrito, e Thad conseguia sentir todo o corpo a ordenar-lhe para p“r mãos ao trabalho, para fazer o que tinha de ser feito, para levar as coisas a

cabo. … sua maneira, era muito pior do que a visão dos pardais ou do que a comichão na mão. Esta comichão parecia emanar de um ponto bem escondido da sua mente.

Enfiou uma folha de papel na m quina de escrever e, por um instante, deixou-se ficar, sentado, sentindo-se distante e perdido. De seguida, poisou os dedos na fila do meio das teclas, a posição típica do dactilógrafo profissional, apesar de ter deixado de escrever sem olhar para as teclas h anos atr s.

Por uns segundos, os dedos tremeram ligeiramente. De imediato, todos menos os dedos indicadores se afastaram.

Aparentemente, quando Stark acabava por ter de escrever … m quina, fazia-o do mesmo modo que o próprio Thad:

procurar a tecla com os olhos e premi-la. Também era evidente"

a m quina de escrever não era o seu instrumento de escolha.

Quando mexeu os dedos da mão esquerda, Thad sentiu, remotamente, um puxão de dor, mas nada mais. Apesar de os dedos indicadores escreverem lentamente, não demorou muito tempo até que a mensagem se formasse na folha branca. Era tão pequena que dava arrepios. Num redemoinho, a letra gótica produziu oito palavras em letras mai£sculas:

ADIVINHA DE ONDE é QUE TE TELEFONEI, THAD?

Subitamente, o mundo tornou a adquirir uma nitidez lancinante. Thad nunca sentira tal medo, um tal horror, em toda a sua vida. Meu Deus, é evidente - era tão certo, tão nítido.

"O filho da mãe telefonou de minha casa! Ele tem a Liz e os gémeos!"

Thad fez tenção de se levantar, sem a mais pequena ideia de onde pretendia ir. Só teve consciência do que estava a fazer quando a mão flamejou de dor, como uma tocha a arder que é agitada com força no ar de forma a criar uma florescência brilhante de fogo. Os ll bios afastaram-se dos dentes e Thad produziu um ruído baixo e semelhante a um gemido. Deixou-se cair de novo na cadeira em frente da IBM, e, antes de se dar conta do que estava a acontecer, as mãos tactearam o caminho de volta para as teclas e começaram a bater nelas de novo.

Desta vez, seis palavras:

DIZ A ALGU• M E ELES MORREM Aturdido, Thad fitou as palavras. Mal escreveu o £ltimo M, tudo o resto desapareceu num pice: era como se ele fosse uma l*f*mpada e alguém tivesse arrancado a ficha da tomada. Não mais dores na mão. Não mais comichão. Não mais aquela sensação de formigueiro e de estar a ser observado a percorrê-lo sob a pele.

Os p ssaros tinham desaparecido. Aquela sensação indistinta de estado de transe desaparecera. E Stark havia também desaparecido.

Só que não desaparecera de vez, pois não? Não. Stark guardava a casa enquanto Thad estava fora. Apesar de terem deixado dois agentes estaduais do Maine a vigiarem o local, de nada valera. Ele fora um louco, um louco varrido, ao pensar que um par de polícias podia fazer alguma diferença.

Nem um esquadrão dos Boinas Verdes da Força Delta teria feito qualquer diferença. George Stark não era um homem" ele era algo semelhante a um tanque Tigre nazi que, por mero acaso, se assemelhava a um ser humano - Como estão as coisas? - perguntou Harrison por detr s dele.

Thad saltou como se alguém tivesse espetado um alfinete na parte de tr s do pescoço... e isso fê-lo pensar em Frederick Clawson, Frederick Clawson que metera o nariz onde não era chamado... e se suícidara ao contar aquilo que sabia.

DIZ A ALGU• M E ELES MORREM ofuscava o seu olhar vindo da folha de papel enfiada na m quina de escrever.

Thad esticou o braço, arrancou a folha do cilindro e amarrotou-a. Fez isto sem sequer se virar para ver se Harrison estava muito próximo" esse seria um grave erro. Tentou parecer descontraído. Não se sentia nada descontraído"

sentia-se demente. Esperou que Harrison Lhe perguntasse o que fora que escrevera e porque estava com tanta pressa em arrancar a folha da m quina de escrever. Quando viu que Harrison não ia dizer nada, Thad disse.

- Penso que j acabei. Para o inferno com o bilhete.

De qualquer modo, vou trazer estes dossiers de volta antes mesmo de a senhora Fenton saber que eles alguma vez saíram daqui. - Pelo menos

isso era verdade... a não ser que, por acaso, Althea estivesse no céu a olhar c para baixo.

Thad levantou-se, rezando para que as pernas não o traíssem e o deixassem cair de novo sobre a cadeira. Ficou aliviado ao ver que Harrison se encontrava … entrada da porta e nem sequer estava a olhar para ele. Um minuto antes, Thad teria jurado que o homem respirava sobre a parte de tr s do seu pescoço. Contudo, Harrison estava a comer uma bolacha de chocolate e com o olhar fixo na janela por detr s de Thad, observando os poucos alunos que atravessavam ociosamente o p tio.

- Meu Deus, este lugar est mesmo morto - disse o polícia.

"A minha família também pode estar antes de eu chegar a casa."

- Vamos andando? - perguntou ele a Harrison.

- Por mim tudo bem.

Thad dirigiu-se para a porta. Harrison olhou para ele, perplexo - Macacos me mordam! - disse. - Afinal de contas, talvez sempre tenha alguma coisa daquele professor distraído.

Nervosamente, Thad pestanejou os olhos, e olhou de seguida para baixo, apercebendo-se de que ainda estava a segurar numa das mãos a bola de papel amarrotada. Atirou-a para o cesto dos papéis mas a sua mão trémula traiu-o. A bola bateu no aro e ressaltou para fora. Antes sequer de ter tempo para se dobrar e apanhar a bola, j Harrison tinha passado por ele. Apanhou a bola de papel e começou a lanç -la de modo descontraído de uma mão para a outra.

- Vai-se embora sem os dossiers que o trouxeram até c ? - perguntou, apontando para os dossiers do curso de especialização em escrita criativa que estavam colocados ao lado da m quina de escrever com um el stico vermelho … volta a segur -los. De seguida, continuou a atirar a bola de papel que continha as duas £ltimas mensagens de Stark de uma mão para a outra, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, de tr s para a frente, sigam a bola saltitante. Numa das dobras do papel, Thad conseguia ver um pedaço incompleto das letras: "DIZ A ALGU • M E ELES MORREM".

- Ah, aqueles. Obrigado.

Thad pegou nos dossiers mas quase os deixou cair. Agora, Harrison iria desdobrar a bola de papel que tinha na mão.

Era isso que iria fazer e, embora neste preciso momento, Stark não o estivesse a ver - de qualquer forma, Thad tinha a certeza absoluta de que ele não o estava a ver - voltaria … carga muito em breve. E quando soubesse, faria alguma coisa indescritível … Liz e aos gémeos.

- De nada. - Harrison lançou a bola de papel amarrotada em direcção ao cesto dos papéis. Depois de dar praticamente uma volta completa em redor do aro, a bola acabou por cair l para dentro. - Dois pontos - exclamou ele, saindo para o corredor de forma a que Thad pudesse fechar a porta.

8

Thad desceu as escadas com a escolta polícial na sua peugada. Rawlie DeLesseps p"s a cabeça fora do gabinete e desejou a Thad um bom Verão, caso não o visse de novo.

Thad desejou-lhe o mesmo numa voz que, aos seus próprios ouvidos, soava bastante normal. Sentiu como se estivesse em piloto autom tico. Essa sensação durou até chegar ao Suburban.

ao atirar os dossiers para o assento do passageiro, o seu olhar foi atraído para a cabina p£blica do outro lado do parque de estacionamento.

- Vou telefonar … minha mulher - disse ele a Harrison. - Para ver se ela quer alguma coisa da loja.

- Devia ter feito isso l em cima - retorquiu Manchester. - Teria poupado vinte e cinco cêntimos.

- Esqueci-me - explicou Thad. - Talvez tenha realmente alguma coisa daquele professor distraído.

Os dois polícias trocaram entre si um olhar divertido e enfiaram-se no Plymouth, onde podiam ligar o ar condicionado e vê-lo através do p ra-brisas.

Thad teve a sensação de que todas as suas entranhas se tinham transformado em gelatina. Do bolso, pescou uma moeda e enfiou-a na ranhura. A mão tremia, tendo-se enganado a marcar o segundo n£mero. Desligou o telefone, esperou que a moeda saísse e tentou de novo, pensando:

"Meu Deus, é como na noite em que a Miriam morreu.

Exactamente como naquela noite."

Era uma espécie de déj… vul que ele dispensava de bom grado. … segunda tentativa, Thad marcou bem o n£mero e ficou ali, com o auscultador pressionado com tamanha força contra a orelha que até doía. Consciente desse facto, Thad tentou p“r-se mais … vontade. Não podia deixar que Harrison e Manchester se apercebessem de que algo não estava a correr bem - acima de tudo, tinha de evitar isso. No entanto, não parecia conseguir relaxar os m£sculos Stark atendeu o telefone após o primeiro toque.

- Thad?

- Que foi que Lhes fizeste? - Era como cuspir bolas secas de linho. E, ao fundo, Thad conseguia ouvir os dois gémeos a gritar em plenos pulmões, tendo concluído que os seus gritos eram estranhamente consoladores. Não eram os gritos roucos que Wendy soltara quando caíra das escadas abaixo" eram gritos desconcertantes, talvez até gritos zangados, mas não gritos de dor.

"Liz", pensou ele. Onde estaria Liz?

- Nadinha - retorquiu Stark - como podes ouvir por ti próprio. Não toquei num só fio de cabelo destas cabecinhas preciosas. Ainda não.

- Liz - disse Thad, sentindo-se subitamente dominado por um terror desolador. Era como ser submergido nas ondas de rebentação compridas e frias.

- Que h com ela? - O tom provocante era grotesco, insuport vel.

- Passa-lhe o telefone! - rugiu Thad. - Se est s … espera que eu escreva mais uma maldita palavra que seja sob o teu nome, passa-lhe o telefone! - E havia uma parte do seu espírito, aparentemente impassível perante um tal extremo de horror e espanto como este, que o acautelava:

"Toma cuidado, Thad. Est s apenas a três quartos de dist*f*ncia dos polícias. Um homem não grita ao telefone quando est a ligar para casa para perguntar … mulher se ela tem ovos que cheguem."

- Thad! Thad, velha carcaça! - Stark pareceu ficar magoado, embora Thad soubesse com uma certeza terrível e enlouquecedora que o filho da mãe estava a sorrir. - Tens c o raio de uma m opinião sobre mim, camaradazinha. Isto é, acalma-te, filho! Segura os cavalos que aqui est ela.

- Thad? Thad, est s aí? - Liz parecia estar preocupada e assustada, mas não em p*f*nico. Não propriamente.

- Sim. Est s bem, amor? Os mi£dos estão bem?

- Sim, estamos bem. Nós... - a £ltima palavra dissipou-se um pouco. Thad conseguia ouvir o filho da mãe a dizer-lhe alguma coisa, embora não conseguisse decifrar as palavras. Ela disse "sim, est bem" e voltou de novo ao telefone. Neste momento, parecia estar prestes a chorar.

- Thad, tens de fazer aquilo que ele quer.

- Sim, eu sei.

- Mas ele quer que eu te diga que não o podes fazer aqui. A Polícia ir chegar em breve. Ele... Thad, ele diz que matou os dois polícias que estavam a vigiar a casa.

Thad cerrou os olhos.

- Não sei como foi que o fez, mas ele diz que o fez...

e eu... eu acredito nele. - Agora ela estava a chorar A tentar não chorar, sabendo que isso iria preocupar Thad e sabendo que se ficasse preocupado, ele poderia fazer algo perigoso. Thad segurou bem no auscultador, encostou-o ao ouvido e tentou parecer descontraído.

Stark, de novo a sussurrar coisas ao fundo. E Thad conseguiu apanhar uma das palavras. "Colaboração." Incrível.

Verdadeiramente incrível.

- Ele vai levar-nos daqui - disse ela. - Diz que sabes para onde vamos. Lembras-te da tia Martha? Diz que deves despistar os homens que estão contigo. Diz que sabe que tu consegues fazer isso, porque ele conseguiu. Quer que tu v s ter connosco esta noite. Ele diz... - Liz soltou um soluço assustado. Um outro começou a caminho, mas ela conseguiu trav -lo. - Diz que vais colaborar com ele, que com ambos a trabalharem em conjunto, vai ser o melhor livro de sempre. Ele...

Sussurro, sussurro, sussurro.

Oh, como ele desejava lançar os dedos ao pescoço do perverso George Stark e sufoc -lo até os dedos perfurarem a pele e esmigalharem a garganta do maldito filho da mãe.

- Ele diz que Alexis Machine regressou do mundo dos mortos e mais forte do que nunca. - De seguida, de modo esganiçado. - Por favor, faz o que ele pede, Thad! Ele tem armas! E tem um maçarico! Um

maçarico pequeno! Ele diz que se tentares alguma graça... Por favor, Thad, faz o que ele pede!

As palavras dela dissiparam-se quando Stark afastou o telefone dela. - Diz-me uma coisa, Thad - disse Stark de novo, e agora sem nenhum som provocatório na voz. Estava terrivelmente sério. - Diz-me uma coisa e f -lo de modo credível e sincero, camarada, ou eles vão pagar por isso. Percebes o que eu quero dizer?

- Sim.

- Tens a certeza? Porque ela estava a dizer a verdade sobre o maçarico.

- Sim! Sim, raios te partam!

- O que é que ela quis dizer quando te pediu para te lembrares da tia Martha? Que porra de coisa é? Era alguma espécie de código, Thad? Ser que ela estava a tentar passar-me a perna?

Subitamente, Thad viu a vida da mulher e dos filhos presa por um ténue fio. Não se tratava de uma met fora"

era uma coisa que conseguia realmente ver. O fio era de um azul frio, transparente, praticamente invisível no meio de toda a eternidade que pudesse existir. Agora, resumia-se tudo a duas coisas: o que ele dizia e aquilo em que George Stark acreditava.

- O equipamento de gravação est desligado?

- Claro que est ! - exclamou Stark. - Por quem é que me tomas, Thad?

- Liz sabia isso quando Lhe passaste o telefone?

Seguiu-se uma pausa, após a qual Stark disse:

- Bastava-lhe ter olhado. Os fios estão todos espalhados pelo raio do chão.

- Mas ela olhou? Olhou?

- Deixa-te de rodeios e vamos ao que interessa, Thad.

- Ela estava a tentar dizer-me para onde é que vocês vão sem dizer as palavras - explicou-lhe Thad, esforçando- -se por aparentar um tom paciente e admoestador, paciente mas um pouco paternalista. Thad

não sabia dizer se estava a conseguir convencer Stark ou não, mas tinha a sensação de que, de uma forma ou de outra, este £ltimo Lhe daria a conhecer a sua decisão, e muito em breve. - Ela estava a referir-se … casa de Verão. O poiso em Castle Rock. Martha Tellford é a tia de Liz. Não gostamos dela. Sempre que telefonava a dizer que ia a caminho para nos visitar, imagin vamos que fugíamos para Castle Rock e que nos escondíamos na casa de Verão até ela morrer. Pronto, j disse tudo, e se eles puseram equipamento de gravação sem fios no nosso telefone, George, vai cair tudo em cima de ti.

Thad esperou, a transpirar, para ver se Stark caía nesta... ou se o fio ténue, a £nica coisa que separava os seus queridos da eternidade, seria cortado.

- Não puseram - disse Stark, por fim. A sua voz parecia estar de novo mais descontraída. Thad lutou contra a necessidade de se encostar ao lado da cabina telefónica e fechou os olhos em sinal de alívio. "Se te vir mais alguma vez, Liz", pensou ele, "torço-te o pescoço por te arriscares tanto." Só que supunha que aquilo que realmente faria quando e se a visse de novo seria beij -la até ela perder o f“lego.

- Não Lhes faças mal - disse ele para o telefone. - Por favor, não Lhes faças mal. Faço tudo aquilo que quiseres. - Oh, eu sei. Eu sei que far s, Thad. E vamos fazê-lo juntos. Pelo menos para começar. Põe-te a mexer. Livra-te dos teus cães de guarda e traz-me esse cu até Castle Rock.

Põe-te l o mais depressa que puderes mas não guies tão depressa a ponto de atraíres as atenções. Isso seria um erro.

Talvez possas considerar a hipótese de trocar de carro mas deixo os pormenores … tua consideração" afinal de contas, és um tipo criativo. Põe-te l antes de anoitecer, se é que os queres encontrar ainda vivos. Não faças merda. Est s a perceber-me? Não faças merda e não tentes nada de engraçado.

- Não faço.

- Exactamente. Não far s. Aquilo que far s, velha carcaça, é seguir as regras do jogo. Se deitares tudo a perder, quando aqui chegares só encontrar s os corpos e uma cassete com a tua mulher a amaldiçoar o teu nome antes de morrer.

Ouviu-se um estalido. A chamada fora cortada.

Enquanto Thad se encaminhava para o Suburban, Manchester baixou o vidro do lado do passageiro do Plymouth e perguntou-lhe se estava tudo bem l por casa. Pelo olhar do homem, Thad apercebeu-se de que esta não era apenas mais uma pergunta infundada. Afinal de contas, ele vira algo no rosto de Thad. Mas isso não o incomodava," Thad pensava conseguir lidar com isso. No fundo, ele era um tipo criativo e, neste momento, o seu espírito parecia deslocar-se a uma velocidade horrivelmente silenciosa muito própria, como aquele comboio de alta velocidade japonês.

Apergunta p“s-se de novo: "Minto ou digo a verdade?"

E, como anteriormente, não havia muitas alternativas.

- Est tudo bem - retorquiu. O tom de voz era natural e descontraído. - Os mi£dos estão mal-humorados, é só isso. E isso põe a Liz mal-humorada. - Thad deixou a voz aumentar um pouco de volume. - Desde que saímos de casa, vocês os dois parecem estar nervosos. Est a passar-se alguma coisa que eu deva saber?

Mesmo nesta situação desesperada, Thad tinha consciência sufíciente para sentir uma ligeira pontada de culpa ao afirmar uma coisa desse género. Algo estava a acontecer, sim - mas ele era quem sabia o que estava a acontecer e não iria contar.

- Não - respondeu Harrison por detr s do volante, debruçando-se para a frente para não ficar tapado pelo parceiro. - Não conseguimos entrar em contacto com Chatterton e Eddings em casa, é tudo. Devem ter ido l dentro.

- A Liz disse que acabou de fazer ch gelado - disse Thad, mentindo levianamente.

- Então é isso - retorquiu Harrison, lançando um sorriso a Thad, que sentiu um outro rebate de consciência, ligeiramente mais forte. - Talvez ainda haja algum ch quando l chegarmos, hem? - Tudo é possível. - Thad fechou a porta do Suburban e enfiou a chave de ignição na ranhura com uma mão que parecia não ter qualquer sensibilidade, como se de um bloco de madeira se tratasse. As perguntas rodopiavam … volta da sua cabeça, descrevendo o seu passo de dança típico, complicado e nada particularmente encantador. Ser que Stark e a

sua família j tinham partido para Castle Rock? Esperava bem que sim: Thad queria que eles estivessem bem longe quando a notícia de que tinham sido seqoestrados fosse transmitida através das redes de com£nicação da Polícia.

Se fossem no carro de Liz e se alguém os visse, ou se ainda estivessem próximo de Ludlow ou em Ludlow, podia haver sarilhos. Sarilhos de morte. Era terrivelmente irónico que, acima de tudo, Thad desejasse que Stark conseguisse fugir sem levantar as atenções, mas essa era a posição exacta em que ele se encontrava.

E, a propósito de fugas, como é que iria despistar Harrison e Manchester? Essa era uma outra pergunta muito boa. De certeza que não seria ultrapassando-os com o Suburban. Com a pintura coberta de poeira e os pneus negros como o bréu, o Plymouth que estavam a guiar assemelhava-se a um cão, embora o ronco spero do motor sugerisse que, debaixo desse disfarce, se tratava de um autêntico perna-longa. Thad imaginava que conseguiria ver-se livre deles - j tinha uma ideia de como e onde isso seria feito - mas como é que iria impedir que fosse descoberto de novo enquanto percorria os duzentos e cinquenta quilómetros que o separavam de Castle Rock?

Thad não tinha a mais pequena ideia... apenas sabia que, de uma forma ou de outra, teria de o fazer.

"Lembras-te da tia Martha?"

Thad contara a Stark uma série de tretas sobre o que isso significava e ele caíra que nem um patinho. O acesso do filho da mãe … sua mente não era, pois, total. Martha Tellford era a tia de Liz, até aí tudo bem, e eles tinham pensado, a maior parte das vezes na cama, em fugir dela, só que falavam em fugir para locais exóticos como Aruba ou o Taiti...

porque a tia Martha sabia tudo sobre a casa de Verão em Castle Rock. Ela visitara-os nessa casa com muito mais frequência do que os visitara em Ludlow. E o local preferido da tia Martha Tellford em Castle Rock era a lixcira. Ela era um membro de pleno direito da NRAt, com cartão e as quotas em dia, e aquilo que gostava de fazer na lixeira era alvejar ratazanas.

- Se queres que ela se v embora - lembrava-se Thad de ter dito a Liz numa ocasião - vais ter de ser tu a dizer-Lhe isso. - Aquela conversa

tivera também lugar na cama, por volta do final da intermin vel visita da tia Martha no Verão de... ter sido de 79 ou de 80? Não importava, supunha ele. - Ela é tua tia. Além disso, temo que se for eu a dizer-lhe alguma coisa ela acabe por usar aquela sua Winchester contra mim.

E Liz retorquiu:

- Também não tenho muita certeza que o facto de um familiar consanguíneo me proteja de alguma coisa. Ela fica c com um olhar...

Thad lembrava-se de que, a seu lado, Liz troçara dela, imitando-a. De seguida, dera as suas risadinhas e cutucara nas costelas.

- V l. Deus odeia os cobardes. Dize-lhe que somos contra matar os animais, mesmo quando se trata de ratos da lixeira. Thad, vai ter com ela e dize-lhe, "ponha-se a andar daqui para fora, tia Martha! Acabou de matar a £ltima ratazana no esgoto. Faça as malas e ponha-se a andar daqui para fora!"

Como era evidente, nenhum dos dois dissera … tia Martha para se p“r a andar dali para fora", ela continuou com as çuas expedições di rias ao esgoto, onde matou d£zias de ratazanas (e algumas gaivotas quando as ratazanas fugiam para se abrigar, suspeitava Thad). Por fim, chegou o dia tão esperado quando Thad a levou até ao Aeródromo de Portland e a p“s no avião de volta a Albany. ao portão, ela dera-lhe um aperto de mão masculino de duas sacudidelas peculiarmente desconcertantes - como se estivesse a firmar um acordo de negócios e não a despedir-se - e dissera-lhe que talvez Lhes fosse fazer uma visita no ano seguinte.

- Uma óptima caçada - dissera ela. - Devo ter atingido aí umas seis ou sete d£zias daqueles min£sculos sacos de germes ambulantes.

Ela nunca mais voltara, embora tivesse havido uma ocasião em que tinham escapado por uma unha negra (aquela visita pendente fora evitada por um convite misericordioso de £ltima hora para ir para o Arizona onde a tia Martha os informara ao telefone, ainda havia recompensas por coiotes).

Nos anos que se seguiram … sua £ltima visita, "Lembra-te da tia Martha" tornara-se uma espécie de frase em código, como "Lembra-te do Maine". Significava que um dos dois devia ir buscar a .22 ao barracão das

arrumações e alvejar um convidado particularmente aborrecido, tal como a tia Martha alvejara as ratazanas na lixeira. Agora que pensava nisso, Thad tinha a impressão de que Liz utilizara essa mesma expressão numa ocasião, durante as sessões de entrevista-e-fotografias para a revista People. Não se tinha ela virado para ele e murmurado:

- Não achas que aquela Myers faz lembrar a tiaMartha, Thad?

De seguida, tapara a boca e desatara a soltar risadinhas Muito engraçadas.

Só que agora não tinha graça nenhuma. E agora não se tratava de alvejar ratazanas no esgoto. A não ser que tivesse percebido tudo mal e que Liz estivesse a tentar dizer-lhe para vir atr s deles e matar George Stark. E se ela queria que ele fizesse isso, Liz, que chorava quando ouvia falar nos animais abandonados que eram "postos a dormir" no Abrigo para Animais Derry, era porque não deveria haver uma outra saída. Neste momento, ela devia achar que só havia duas saídas: ou a morte de Stark... ou a morte dela e dos gémeos.

Harrison e Manchester estavam a olhar para ele com curiosidade, tendo-se Thad apercebido de que permanecera sentado atr s do volante do lento Suburban, perdido nos seus pensamentos, praticamente durante todo um minuto.

Thad ergueu a mão, esboçou uma leve saudação, saiu em marcha atr s e virou em direcção … Maine Avenue, que levaria para fora dos limites do campus univers rio. Tentou começar a pensar na forma de se livrar destes dois antes que eles ouvissem no r dio da banda da Polícia a notícia de que os colegas tinham sido mortos. Tentou pensar, mas só conseguia ouvir Stark dizer que se ele estragasse tudo, as £nicas coisas que encontraria quando chegasse … casa de Verão em Castle Rock seriam os corpos e uma cassete de Liz a amaldiço -lo antes de morrer.

E só conseguia ver Martha Tellford a fazer pontaria com o cano da Winchester, que era muito, mas muito maior do que a .22 que ele mantinha guardada no barracão fechado da casa de Verão, tentando alvejar as ratazanas roliças que !

corriam em fuga por entre os montes de lixo e as fogueiras de um laranja desbotado. Subitamente, Thad apercebeu-se de que ele queria alvejar Stark, e não com uma .22.

O George matreiro merecia algo maior. Um morteiro podia ter o tamanho certo.

As ratazanas, saltando para cima da gal xia reluzente de garrafas partidas e latas esmigalhadas, com os corpos que começavam por se retorcer e depois salpicavam tudo … volta quando as tripas e a pele voavam pelo ar.

Sim, ver uma coisa dessas acontecer a George Stark seria óptimo.

Thad estava a agarrar o volante com muita força, o que causava dores na mão esquerda. Na verdade, a mão parecia doer bem l no fundo, nos ossos e nas articulações.

Thad afrouxou - ou, pelo menos, tentou - e tacteou no bolso do casaco … procura do Percodan que tinha trazido com ele, acabando por descobri-lo e engoli-lo em seco.

Começou a pensar no cruzamento na zona da escola em Veazie. Aquele com o sinal de stop para as quatro faixas.

E começou também a pensar naquilo que Rawlie DeLesseps dissera. "Psicopompos", era assim que Rawlie os chamara.

Os arautos dos mortos-vivos.

Vinte e Um

STARK TOMA O COMANDO

Stark não teve qualquer dificuldade em planear aquilo que pretendia fazer e a forma como o pretendia fazer, apesar de, na verdade, nunca ter estado em Ludlow em toda a sua vida.

Nos seus sonhos, Stark estivera l as vezes suficientes.

Tirou da estrada o vulgar Honda Civic roubado, tendo entrado para uma rea de descanso a dois quilómetros e meio de dist*f*ncia estrada abaixo da casa dos Beaumont.

Thad fora até … universidade, o que era bom. Por vezes, era-lhe impossível dizer aquilo que Thad estava a fazer ou a pensar, embora, se se esforçasse, conseguisse quase sempre captar o tom das suas emoções.

Se verificasse ser muito difícil entrar em contacto com Thad, bastava a Stark começar por segurar num dos l pis Berol que comprara na papelaria da Houston Street. Isso ajudava.

Hoje, seria f cil. Seria f cil porque, independentemente daquilo que Thad pudesse ter contado aos seus cães de guarda, ele fora até … universidade por uma £nica razão: porque estava em cima do prazo e imaginava que Stark tentaria entrar em contacto com ele. Stark tencionava fazer precisamente isso.

Tencionava, sim.

Só que não planeou fazê-lo da forma que Thad estava … espera. E certamente não a partir de um local de que Thad estivesse … espera.

Era quase meio-dia. Podiam ver-se algumas pessoas a fazerem piqueniqões na rea de descanso, embora estivessem sentadas em mesas montadas na relva ou reunidas em redor dos pequenos fogareiros de pedra para os churrascos ao pé do rio. Ninguém olhou para Stark quando este saiu do Civic e se afastou. Isso era óptimo porque se as pessoas o tivessem visto, tê-lo-iam certamente fixado.

Ao atravessar a estrada de asfalto e, de seguida, p"r-se a caminho, a pé, estrada acima, em direcção … casa dos Beaumont, Stark assemelhava-se muito ao homem invisível de H. G. Wellsl. Uma larga faixa de ligadura cobria toda a testa, das sobrancelhas ao contorno do couro cabeludo.

Uma outra faixa cobria o queixo e o maxilar inferior. Um boné de beisebol dos New York Yankees fora enfiado pela cabeça abaixo. Usava óculos de sol, um colete axadrezado, e luvas pretas nas mãos.

As ligaduras estavam manchadas com uma subst*f*ncia amarelada e pegajosa que passava lenta e continuamente através da gaze de algodão como l grimas viscosas. Essa mesma subst*f*ncia amarela gotejava por detr s dos óculos de sol Foster Grant. De tempos a tempos, com as luvas, que eram uma imitação barata de pele, Stark limpava a porcaria do rosto. Os dedos e as palmas destas luvas estavam peganhentas por causa da subst*f*ncia ressequida. Por debaixo das ligaduras, uma grande parte da pele caíra.

Aquilo que se mantinha não era exactamente carne humana"

tratava-se, sim, de uma subst*f*ncia escura e esponjosa que estava quase sempre a exsudar. Essa subst*f*ncia parecia-se com pus, embora tivesse um cheiro desagrad vel e intenso: como uma combinação de café forte e de tinta-da-china.

Stark caminhou com a cabeça ligeiramente inclinada para a frente. Os ocupantes dos poucos carros que vieram na sua direcção viram um homem com um boné de beisebol, de cabeça inclinada para baixo para se proteger da luz do Sol e com as mãos enfiadas nos bolsos. A sombra da pala do boné afastaria todos menos os olhares mais insistentes.

No entanto, se as pessoas olhassem com mais atenção, apenas teriam visto as ligaduras. Como é evidente, os carros que vinham por detr s e passavam por ele em direcção a norte apenas lograva m uma boa visão das suas costas.

Mais próximo das cidades geminadas de Bangor e Brewer, este passeio teria sido um pouco mais difícil. Mais próximo, tínhamos os sub£rbios e os projectos de habitação social. A zona de Ludlow onde se situava a casa dos Beaumont estava bastante afastada, no meio do campo! podendo ainda ser qualificada de comunidade rural - não se estava no meio de nenhures mas também não era uma zona que, de forma alguma, fizesse parte das grandes vilas. As casas tinham sido edificadas em lotes sufícientemente grandes que, em alguns casos, podiam ser denominados de campos. Não se encontravam separadas umas das outras por sebes, o típico exemplo da privacidade suburbana, mas por estreitas faixas de rvores e, por vezes, de sinuosos muros de pedras. Aqui e ali, antenas

parabólicas assomavam impiedosamente no horizonte, assemelhando-se …s posições avançadas de alguma invasão de extraterrestres.

Stark caminhou ao longo da berma da estrada até ultrapassar a casa dos Clark. A seguinte era a de Thad.

Atravessou o p tio da frente dos Clark no seu canto mais afastado, p tio este mais coberto de ervas selvagens do que relva.

Olhou de relance para a casa. Os estores tinham sido puxados para baixo, por causa do calor, e a porta da garagem estava bem fechada. A casa dos Clark não parecia ter o ar das casas vazias a meio da manhã" tinha o ar abandonado das casas que j estão vazias h bastante tempo. Apesar de não se ver nenhuma pilha de revistas de mexericos por dentro da porta de rede, Stark calculava que a família Clark tivesse, provavelmente, partido para umas férias de Verão adiantadas, o que para ele não podia ser melhor. Stark penetrou no renque de rvores que se erguiam entre as duas propriedades, galgou os vestígios esboroados de um muro de pedra e, de seguida, deixou-se cair sobre um joelho. Pela primeira vez, estava a olhar directamente para a casa do seu gémeo teimoso. Estacionado … entrada via-se um carro-patrulha, e os dois polícias que dele faziam parte encontravam-se … sombra da rvore mais próxima, a fumar, e a falar. óptimo.

Stark tinha aquilo de que precisava" o resto não passava de pormenores de somenos import*f*ncia. Ainda assim, deixou-se ali ficar mais um momento. Apesar de não ter de si próprio a ideia de um homem imaginativo - pelo menos não fora das p ginas dos livros em que tivera uma partícipação vital na sua criação - ou de um homem emotivo, Stark ficou um pouco surpreso com o fogo intenso de raiva e ressentimento que sentiu arder nas entranhas.

Com que direito é que aquele filho da mãe o recusava?

Com que maldito direito? Porque ele se tornara real em primeiro lugar? Porque, Stark não sabia como, porquê ou quando é que ele próprio se tornara real? Isso eram tretas.

No que dizia respeito a George Stark, a antiguidade não tinha valor nenhum. Não era sua obrigação deitar-se para o chão e morrer sem um £nico grito de protesto, tal como Thad Beaumont parecia pensar que ele devia fazer. Stark tinha uma obrigação para com ele próprio, ou seja, sobreviver.

E também não era só isso.

Tinha ainda de pensar nos seus fãs leais, não tinha?

Olhem para aquela casa. Olhem bem para ela. Uma espaçosa casa ao estilo colonial da Nova Inglaterra, faltando apenas uma ala para ser considerada uma mansão. Um grande relvado com aspersores girando afanosamente para o manter verde. Uma sebe de estacas de madeira colocada ao longo de um dos lados da reluzente entrada escura - o tipo de sebe que Stark imaginava dever ser "pitoresco".

Entre a casa e a garagem, havia uma passagem coberta - uma passagem coberta, pelo amor de Deus! E, no seu interior, a casa estava mobilada num encantador (ou talvez o designassem de gracioso) estilo colonial de forma a condizer com o exterior: uma comprida mesa de carvalho na sala de jantar, cómodas altas e bonitas nos quartos do andar de cima, e cadeiras que eram delicadas e agrad veis … vista ainda que não fossem afectadas" cadeiras que se podiam admirar e, ainda assim, atrevermo-nos a sentar nelas. Paredes que não estavam forradas a papel mas pintadas e, de seguida, enfeitadas com estêncil. Stark vira todas estas coisas, vira-as nos sonhos que Beaumont nem sequer soubera que estava a ter quando se encontrava a escrever como George Stark.

Repentinamente, Stark teve um ensejo de incendiar a encantadora casa branca até aos alicerces. Deitar-lhe um fósforo - ou talvez a chama do maçarico de propano que tinha no bolso do colete que trazia - e queim -la todinha, de uma ponta … outra. Mas não enquanto não tivesse entrado l dentro. Não enquanto não tivesse quebrado a mobília toda, cagado no tapete da sala de estar e espalhado os excrementos por aquelas paredes cuidadosamente enfeitadas com estêncil em manchas castanhas e grosseiras. Não enquanto não enfiasse um machado naquelas cómodas tão elegantes e as reduzisse a achas para a lareira. Com que direito é que Beaumont tinha filhos? E uma mulher bonita? Com que direito, exactamente, é que Thad Beaumont vivia na luz e era feliz enquanto o seu irmão obscuro - que o tornara rico e famoso quando, de outra forma, ele continuaria pobre e morreria na obscuridade - morria na escuridão como um vira-latas doente num beco?

Nenhum, est claro. Nenhum direito, mesmo. Só que Beaumont acreditara nesse direito e, apesar de tudo, continuava a acreditar. Mas a crença - a inexistência de George Stark de Oxford, Mississíp - era a ficção.

- Est na altura da tua primeira grande lição, camaradazinha - murmurou Stark nas rvores. Encontrou os alfinetes que seguravam a ligadura … volta da testa, tirou-os e enfiou-os no bolso para serem usados mais tarde. De seguida, começou a desenrolar a ligadura, cujas camadas surgiam cada vez mais h£midas … medida que se aproximavam da sua estranha carne. - E é uma de que nunca te ir s esquecer para o resto da tua vida. Isso garanto-te, maldito sejas.

2

Não passava de uma variação do esquema da bengala branca que utilizara com os polícias em Nova Iorque, mas para Stark isso não constituía problema algum. Ele acreditava piamente na ideia de que, se uma pessoa se saísse bem num truque, este deveria continuar a ser utilizado até cansar.

De qualquer modo, estes polícias não representavam qualquer problema, excepto no caso de se descuidar", h mais de uma semana que se encontravam a fazer este trabalho, com a confiança a aumentar todos os dias: a confiança de que o tipo maluco dissera a verdade quando afirmara que ia apenas p“r as ideias em dia e voltar para casa. Liz era a £nica carta fora do baralho: se, por acaso, ela olhasse l para fora, pela janela, enquanto ele matava os porcos, isso iria complicar as coisas. Mas ainda faltavam alguns minutos para o meio-dia: ela e os gémeos deviam estar a dormir uma sesta ou a prepararem-se para tal.

Independentemente da forma como tudo corresse, Stark estava confiante de que as coisas iriam dar certo.

Com efeito, ele tinha a certeza absoluta.

O amor encontraria um caminho.

3

Chatterton levantou a bota para esmagar a beata do cigarro - uma vez apagada, era sua intenção colocar a ponta do cigarro no cinzeiro do carro. A polícia do estado do Maine não sujava as entradas das casas dos contribuintes - e, quando ergueu o olhar, o homem com o rosto descamado estava l , a cambalear lentamente pela entrada acima.

Uma mão acenava lentamente para ele e para Jack Eddings, a pedir ajuda" a outra estava dobrada por detr s das costas e parecia estar partida.

Chatterton teve praticamente um ataque cardíaco.

- Jack! - gritou, e Eddings virou-se. Ficou boquiaberto.

- ... ajudem-me... - crocitava o homem do rosto descamado. Chatterton e Eddings correram na sua direcção.

Se tivessem sobrevivido, talvez pudessem ter contado aos colegas de trabalho que pensavam que o homem tivera um acidente de carro ou que fora queimado numa explosão repentina de g s ou querosene, ou ainda que talvez tivesse caído, com o rosto virado para a frente, numa daquelas m quinas agrícolas que, de vez em quando, resolvem agarrar e decepar os seus propriet rios com as laminas, os dentes ou os raios das rodas cruéis e giratórios. Talvez pudessem ter contado aos colegas de trabalho todas estas coisas, mas, naquele instante, não estavam verdadeiramente a pensar em nada. A sua mente tinha ficado totalmente vazia perante o horror. O lado esquerdo do rosto do homem parecia estar praticamente a ferver, como se, depois de a pele ter sido arrancada, alguém tivesse despejado uma forte solução de cido carbónico sobre a carne crua. Um líquido pegajoso e indescritível escorria pelos montículos de carne esponjosa e fluía por entre rachas escuras, por vezes vertendo para o chão sob a forma de medonhos jorros repentinos.

Eles não pensaram em nada" eles, pura e simplesmente reagiram.

Essa era a beleza do truque da bengala branca.

- ... ajudem-me...

Stark permitiu que os seus pés tropeçassem um no outro e caiu para a frente. Gritando alguma coisa incoerente para o parceiro, Chatterton avançou para a frente para segurar o homem ferido antes que este se estatelasse no solo. Stark alçou o braço direito em redor do pescoço do polícia estadual e tirou a mão esquerda detr s das costas. Esta tinha uma surpresa. A surpresa era uma navalha de barbear com um cabo de madrepérola. A l*f*mina cintilou febrilmente no ar h£mido. Com força, Stark empurrou-a para a frente, rasgando o globo ocular direito de Chatterton com um ruído audível.

Chatterton gritou e levou uma mão ao rosto. Stark lançou a mão ao cabelo do agente, puxou a cabeça para tr s e rasgou-lhe a garganta de orelha a orelha. Sangue brotou do seu pescoço musculado num esguicho vermelho. Tudo isto sucedeu em quatro segundos.

- Quê? - perguntou Eddings num tom de voz baixo

e peculiarmente consciêncioso. Este estava pregado ao chão.

a cerca de sessenta metros atr s de Chatterton e Stark.

- Quê?

Uma das mãos caídas estava suspensa ao lado da coronha do revólver de serviço. No entanto, bastou a Stark uma r pida olhadela para se convencer de que o porco não fazia a mais pequena ideia de que a arma estava ao seu alcance, tal como não fazia a mais pequena ideia de quantas pessoas constituíam a população de Moçambique. Tinha os olhos arregalados. Ele não sabia para onde é que estava a olhar nem quem é que estaria a sangrar. "Não, isso não é verdade", pensou Stark, "ele pensa que sou eu. Ele deixou-se ali ficar e viu-me cortar a garganta do parceiro, mas pensa que sou eu quem est a sangrar porque metade do meu rosto desapareceu. Mas, ainda assim, esse não é o verdadeiro motivo - sou eu que estou a sangrar, só pode ser, porque ele e o parceiro, eles são a polícia. São eles os heróis deste filme."

- Olha - disse - seguras isto por mim, seguras? - E, com vigor, impeliu o corpo moribundo de Chatterton para tr s, lançando-o sobre o parceiro.

Eddings lançou um gritozinho esganiçado. Tentou afastar-se mas foi demasiado tarde. O saco de oitenta quilos de peso morto que era Tom Chatterton levou-o a cambalear de encontro ao carro da Polícia. Sangue quente e descontrolado esguichou para o seu rosto virado para cima como a gua de um chuveiro com uma fuga. Soltou um grito e sacudiu o corpo de Chatterton. Este girou lentamente sobre si mesmo e, com a £ltima das forças, agarrou-se cegamente ao carro. A mão esquerda bateu no capot, deixando a marca ensanguentada de uma mão. A direita agarrou-se debilmente … antena do r dio, arrancando-a. Chatterton caiu no meio da entrada, segurando a antena diante do £nico olho que ainda Lhe restava, como um cientista com um espécime demasiado raro nas mãos para larg - lo, mesmo in extremis.

Eddings entreviu de modo indistinto a imagem do homem descamado a aproximar-se lentamente e inexoravelmente e tentou afastar-se. Bateu no carro.

Com a navalha, Stark cortou o ar, rasgou a braguilha da farda bege ao agente estadual Eddings, rasgou o saco escrotal e, num golpe longo e flexível, lançou a navalha para cima e para fora. Os testículos de

Eddings, subitamente separados um do outro, deixaram-se cair contra a parte interior das coxas, como nós pesados na ponta de uma corda desemaranhada. Em redor do fecho, o sangue manchou as calças.

Por um instante, ele teve a sensação de que alguém teria atirado uma mão-cheia de gelado contra as virilhas... e foi então que as dores atacaram, quentes e lancinantes. Ele gritou.

Com uma velocidade inacreditável, Stark soltou a navalha, lançando-a … garganta de Eddings. Porém, de alguma forma, este conseguiu erguer uma mão e o primeiro golpe apenas cortou a palma da mão a meio. Eddings tentou rolar para a esquerda, expondo assim o lado direito do pescoço.

A lâmina nua, de um prateado desbotado na luminosidade nebulosa do dia, tornou a cortar o ar e, desta vez, chegou onde era suposto chegar. Eddings deixou-se cair de joelhos, com as mãos entre as pernas. As calças bege estavam praticamente todas tingidas de um vermelho-vivo até aos joelhos. A cabeça caiu para baixo e, neste momento, Eddings assemelhava-se ao objecto de um sacrifício pagão.

- Tem um bom dia, seu filho da puta - disse Stark numa voz neutra. Dobrou-se, enredou a mão no cabelo de Eddings, puxou a cabeça deste para trás, e preparou o pescoço para o golpe final.

Stark abriu a porta de trás do carro-patrulha, levantou Eddings pelo colarinho da camisa do uniforme e pelo fundo sangrento das calças, e atirou-o lá para dentro como um saco de batatas. De seguida, fez o mesmo com Chatterton.

Este último devia pesar quase cerca de noventa quilos, com o coldre e a .54 enfiada nele, mas Stark deslocou-o como se fosse um saco cheio de penas. Fechou a porta com estrondo e foi então que lançou um olhar cheio de curiosidade viva para a casa.

Estava silenciosa. Os únicos sons audíveis eram os grilos na relva alta para lá da alameda de entrada e o "uic! uic!

uic!" baixo e insignificante das mangueiras da relva. A estes, acrescentou-se o som de um camião que se aproximava: um camião-cisterna Orinco. A sessenta quilómetros por hora, em direcção a norte, aproximou-se com um estrondo.

Stark retesou-se e agachou-se ligeiramente atrás de um dos lados do

carro-patrulha quando, por um instante, viu as grandes luzes dos travões cintilarem com uma luz vermelha.

Quando se apagaram mais uma vez e o camião-cisterna desaparecou por detr s da colina seguinte, acelerando de novo, Stark soltou um grunhido envolto numa gargalhada.

O condutor entrevira o carro-patrulha da polícia estadual estacionado na entrada dos Beaumont, verificara o contaquilómetros e pensara que iria ser apanhado por excesso de velocidade. A coisa mais natural no mundo. Não precisava de se ter preocupado" estes nunca mais iriam apanhar ninguem.

Havia imenso sangue na entrada dos carros, mas, espalhado em pequenas poças sobre o asfalto de um preto vivo, podia passar por gua... a não ser que uma pessoa se aproximasse bastante. Portanto, não havia problema. E mesmo que houvesse, não havia nada a fazer.

Stark dobrou a navalha, segurou-a numa mão pegajosa e encaminhou-se para a porta. Não viu nem o pequeno monte de pardais mortos jazidos ao pé do alpendre nem aqueles que estavam vivos e que agora cobriam o beiral da casa ou que estavam empoleirados na macieira ao pé da garagem, observando-o silenciosamente.

Num minuto ou dois, Liz Beaumont desceu as escadas, ainda semiestremunhada da sua sesta do meio do dia, para atender a campainha da porta.

5

Ela não gritou. O grito estava l mas o rosto descamado que a fitava quando Liz abriu a porta cerrou-o bem dentro dela, congelou-o, negou-o, cancelou-o, enterrou-o vivo. ao contr rio de Thad, ela não se lembrava de ter tido sonhos com George Stark, mas, apesar de tudo, eles bem que podiam ter existido, enterrados na solidez da sua mente inconsciente. De facto, por todo o horror que causava, este rosto reluzente e sorridente parecia ser praticamente algo esperado.

- Olhe, minha senhora, quer comprar um pato? - perguntou Stark através da porta de rede. Sorriu, revelando uma série de dentes. A grande maioria estava podre. Os óculos escuros transformavam os olhos em grandes órbitas escuras. Uma subst*f*ncia peganhenta pingava das faces e do maxilar, salpicando o colete que ele trazia vestido.

Apanhada de surpresa, Liz tentou fechar a porta. Com violência, Stark enfiou um punho enluvado por entre a porta de rede, esmurrando a porta e abrindo-a de novo. Cambaleando, Liz deu alguns passos para tr s e tentou gritar.

Não conseguia. A garganta estava ainda aferrolhada.

Stark entrou e fechou a porta.

Liz viu-o caminhar lentamente na sua direcção. Stark assemelhava-se a um espantalho em decomposição que, de algum modo, ganhara vida. O sorriso era o pior de tudo porque a metade esquerda do ll bio superior parecia estar não apenas decomposta ou em decomposição mas mastigada. Ela conseguia ainda entrever uns dentes cinzento-escuros e as cavidades onde, até h pouco tempo, se encontravam outros dentes.

As mãos enluvadas esticaram-se na direcção de Liz.

- Ol , Beth - proferiu ele, por entre aquele sorriso horrível. - Desculpa-me, por favor, a intrusão, mas como estava nas redondezas, pensei em fazer uma visitinha. Chamo-me George Stark e tenho muito gosto em conhecer-te.

Mais gosto do que possas sequer imaginar.

Um dos dedos dele tocou no queixo de Liz... acariciou-o.

A carne por debaixo do cabedal preto era esponjosa e mole. Naquele momento, Liz pensou nos gémeos, a dormirem no andar de cima, e a paralisia em que se encontrava desfez-se. Virou-se e correu para a cozinha. Algures na confusão ensurdecedora da sua mente, Liz viu-se a si mesma a arrancar uma das facas para a carne suspensa no suporte de íman sobre o balcão e a espet -la bem no meio daquela caricatura obscena de um rosto. Ela ouviu-o a correr atr s de si, célere como o vento A mão de Stark roçou nas costas da blusa de Liz, como se a apalpasse para comprar, e escorregou.

A porta da cozinha era daquelas que estão seguras por uma mola, abrindo tanto para tr s como para a frente. No entanto, neste momento, estava escancarada, segura por uma cunha de madeira. Quando passou por ela a correr Liz deu um pontapé na cunha, sabendo que se não acertasse ou se o pontapé só acertasse de viés não haveria uma segunda oportunidade. Ainda assim, com um dos pés enfiados

nas pantufas, Liz bateu com toda a força na cunha, sentindo um lampejo de dor nos dedos. A cunha voou através do chão da cozinha, encerado com uma cera tão brilhante que Liz conseguia ver todo o aposento reflectido nele, suspenso de pernas para o ar. Sentiu Stark a tentar apanh - la com as mãos. Lançando uma mão para tr s, Liz atirou a porta para fech - la. Ouviu a pancada quando a porta o atingiu. Stark berrou, furioso e surpreso, mas não magoado. Liz lançou-se …s facas.

... e Stark agarrou-a pelo cabelo e pelas costas da blusa, puxando-a para tr s com um safanão e fazendo-a girar sobre si mesma. Liz escutou o som spero da roupa a rasgar-se e pensou, de modo incoerente: "Se ele me viola, oh meu Deus, se ele me viola, enlouqueço..."

Com os punhos, Liz bateu naquele rosto grotesco, primeiro entortando os óculos-de-sol e só depois deitando-os ao chão. A carne sob o olho esquerdo cedera e caíra como uma traça morta, pondo a descoberto toda a protuberancia injectada de sangue do globo ocular.

E ele estava a rir.

Stark agarrou nas mãos dela, obrigando-as a baixarem-se.

Contorcendo-se, Liz conseguiu libertar uma das mãos, tornou a levant -la e arranhou o rosto de Stark. Os dedos dela deixaram sulcos profundos dos quais começaram a escorrer, lentamente, sangue e pus. Não fazia qualquer sentido resistir"

era o mesmo que ter rasgado uma peça de carne estragada. E, neste momento, Liz estava a soltar um som estrangulado - ela queria gritar, articular o seu horror e medo antes que estes a sufocassem, mas o m ximo que conseguia fazer era emitir uma série de latidos roucos e aflitivos.

Ele agarrou na mão que se encontrava no ar, forçou-a a baixar-se, prendeu-lhe as duas mãos nas costas e envolveu os punhos com uma só mão. Apesar de ser esponjosa, era como uma algema. Stark levantou a mão em frente da blusa dela e colocou-a … volta de um seio. A carne dela arrepiou-se com o toque dele. Liz fechou os olhos e tentou afastar-se.

- Oh, p ra com isso - disse ele. Agora, apesar de não estar a sorrir propositadamente, o lado esquerdo da boca estava fixo num esgar, congelado no seu próprio ricto em decomposição. - P ra com isso, Beth. Para o teu próprio bem. Fico excitado quando lutas. E tu não me queres excitar.

Isso posso garantir-te. Penso que devemos ter uma relação platónica, eu e tu.

"Pelo menos para j .

Stark apertou-lhe o seio com mais força e Liz sentiu a força implac vel por debaixo daquele corpo em decomposição, como uma armadura de hastes de aço articuladas engastada num pl stico mole.

"Como é que ele pode ser tão forte? Como é que ele pode ser tão forte quando parece estar a morrer?"

Mas a resposta era óbvia. Ele não era humano. Ela achava que ele nem estava sequer verdadeiramente vivo - Ou ser que queres? - perguntou ele. - É isso?

Queres? Queres fazer agora mesmo? - A língua dele, preta, vermelha e amarela, com a superfície coberta de gretas de formas invulgares como aquelas que se vêem numa planície aluvial a secar, saiu para fora da sua boca arreganhada e sorridente e serpenteou em frente dela.

Nesse preciso instante, ela parou de se debater.

- Assim est melhor - disse Stark. - Agora, vou largar-te, minha querida Bethie, minha doce Bethie. Quando o fizer, aquele impulso incontrol vel de correr os cem metros em cinco segundos vai apoderar-se de ti de novo • bastante natural" mal nos conhecemos e estou ciente de que não estou nos meus melhores dias. Mas antes de fazeres qualquer disparate, quero que te lembres dos polícias l fora: matei-os. E quero que penses nos teus bambinos', a dormir tranquilos l em cima. As crianças precisam de descansar, não achas? Sobretudo as crianças muito pequenas, as crianças muito indefesas, como as tuas. Percebes?

Entendeste tudo o que eu disse?

Muda, Liz acenou a cabeça. Nesta altura, conseguia sentir o cheiro dele. Era um cheiro horrível a carne. "Ele est a apodrecer", pensou ela. "A apodrecer bem diante dos meus olhos."

Tornara-se muito clara para ela a razão pela qual ele queria tão desesperadamente que Thad começasse a escrever de novo.

- És um vampiro - disse ela com a voz rouca. - Um maldito vampiro. E ele p“s-te a fazer dieta. E por isso entras por aqui a dentro. Aterrorizas-me e ameaças os bebés.

• s um maldito cobarde, George Stark.

Ele largou-a e começou por puxar a luva esquerda para cima, a que se seguiu a luva direita, para ficar de novo bem apertada. Era um gesto afectado e, ainda assim, peculiarmente sinistro.

- Não me est a querer parecer que isto seja justo, Beth. O que é que farias se estivesses no meu lugar? Por exemplo, o que é que farias se estivesses encalhada numa ilha sem nada para comer ou beber? Punhas-te em poses languidas e a suspirar bastante? Ou lutarias? Ser que me culpas mesmo por querer uma coisa tão simples como sobreviver?

- Sim! - cuspiu ela.

- Falas como uma verdadeira resistente... mas talvez mudes de ideias. Sabes, Beth, o preço a pagar pela resistência pode ser bem mais alto do que aquilo que pensas.

Quando a oposição é astuta e dedicada, o preço pode subir em flecha. Talvez acabes por dar por ti mais entusiasmada sobre a nossa colaboração do que alguma vez pensaste ser possível.

- Vai sonhando, filho da puta!

O lado direito da boca dele levantou-se, o lado esquerdo eternamente sorridente levantou-se um pouco mais, e Stark obsequiou-a com um esgar de espírito maléfico que ela supunha ter por fim agrad -la. A mão, nauseadoramente gelada sob a luva fina, deslizou ao longo do antebraço de Liz numa carícia. Um dedo beliscou-lhe sugestivamente a palma da mão esquerda por um instante, antes de a largar.

- Isto não é nenhum sonho, Beth. Garanto-te. Eu e Thad vamos colaborar num novo romance de Stark... por uns tempos. Por outras palavras, Thad vai dar-me um empurrão.

Sabes, eu sou como um carro empanado. Só que em vez de bloqueio do ar, tenho bloqueio de escritor. É só isso. Creio que esse é o £nico problema que existe. Uma vez a andar, meto uma segunda, carrego no pedal e vruum!

C vou eu!

- • s louco! murmurou ela.

- Sim. Mas também Tolstoi o era. E Richard Nixon, e eles

elegeram aquele cão sarnento para presidente dos Estados Unidos! - Stark virou a cabeça e olhou para o exterior, pela janela. Liz nada ouviu, mas, de repente, ele pareceu estar … escuta, totalmente concentrado, esforçando-se por captar o mais leve som, praticamente inaudível.

- Que é que é? - começou ela.

- Querida, fecha o biquinho por um segundo - pediu-Lhe Stark.

- Põe uma rolha.

Indistintamente, Liz ouviu o som de um bando de p ssaros a levantar voo. O som era impossivelmente distante, impossivelmente belo. Impossivelmente livre.

Ela ali ficou especada a olhar para o outro, com o coração a bater descompassadamente, a perguntar-se se seria capaz de livrar-se dele. Stark não estava propriamente num estado de transe nem nada parecido com isso, mas a sua atenção estava certamente afastada. Talvez pudesse correr.

Se conseguisse arranjar uma arma...

De novo, a mão apodrecida rodeou um dos seus pulsos.

- Sabes, eu consigo entrar para dentro do teu homem e olhar … volta. Eu consigo senti-lo a pensar. Não consigo fazer isso contigo mas posso olhar para o teu rosto e imaginar umas quantas coisas. Independentemente do que estejas a pensar neste preciso momento, Beth, é melhor lembrares-te daqueles polícias... e dos teus filhos. Faze isso" vai ajudar-te a manter na cabeça o que te disse.

- Porque é que est s sempre a chamar-me assim?

- O quê? Beth? - Riu. Era um som desagrad vel, como se tivesse ficado com cascalho preso na garganta. - Sabes, era o que ele te teria chamado se fosse suficientemente esperto e pensasse nisso.

- • s louco...

- Louco. Eu sei. Tudo isto é fascinante, querida, mas vamos ter de adiar as tuas opiniões sobre a minha sanidade para mais tarde. Est muita coisa a acontecer neste preciso momento. Ouve: tenho de telefonar para Thad, mas não para o gabinete dele. O telefone de l pode estar sob escuta.

Ele não acredita que esteja, mas os polícias podem ter feito isso sem

Lhe ter dito nada. O teu homem é do género que inspira confiança. Eu não.

- Como é que podes...

Stark inclinou-se na direcção dela e falou muito lenta e cuidadosamente, como um professor falaria a um caloiro de raciocínio lento.

- Quero que pares de embirrar comigo e que respondas …s minhas perguntas, Beth. Porque se não conseguir arrancar de ti aquilo que quero, talvez o consiga arrancar dos teus gémeos. J me dei conta de que eles ainda não falam mas talvez os possa ensinar. Um pouco de incentivo opera maravilhas.

Apesar do calor, Stark trazia vestido um colete axadrezado sobre a camisa, daqueles com muitos bolsos de fechos, usados habitualmente pelos caçadores e pelos caminheiros.

Depois de abrir um dos fechos laterais onde um objecto cilíndrico marcava uma protuber*f*ncia no acolchoado de poliéster, Stark tirou para fora um pequeno maçarico a g s.

- Mesmo que não os consiga ensinar a falar, aposto que conseguiria ensin -los a cantar. Aposto que conseguiria ensin -los a cantar como duas cotovias. Talvez não queiras ter de ouvir essa m£sica, Beth.

Liz tentou afastar o olhar do maçarico mas de nada valeu.

Impotentes, os seus olhos seguiam-no enquanto ele o atirava para tr s e para a frente, de uma mão enluvada para a outra. Os olhos pareciam estar pregados ao bocal.

- Digo tudo aquilo que quiseres saber - afirmou, tendo pensado de seguida: "Para j ."

- Ainda bem para ti - replicou Stark, enfiando o maçarico a g s de novo no bolso. ao fazê-lo, o colete desviou-se um bocado para o lado, e Liz viu a coronha de uma arma de fogo enorme. - • muito sensata também, Beth.

Agora, ouve-me. Hoje, h l mais alguém no Departamento de Inglês. Consigo vê-lo com tanta clareza como consigo ver-te a ti neste preciso momento. Um tipo baixinho, de cabelo branco, com um cachimbo na boca quase tão grande quanto ele. Como é que se chama?

- Parece-me que é o Rawlie DeLesseps - respondeu de modo

desolado, interrogando-se sobre como é que ele poderia saber que Rawlie estava l nesse dia... e decidiu que, na verdade, não queria mesmo saber.

- Pode ser mais alguém?

Liz reflectiu por breves momentos e, de seguida, abanou a cabeça.

- Tem de ser o Rawlie.

- Tens uma lista telefónica da faculdade?

- H uma na gaveta da mesinha do telefone. Na sala de estar.

- óptimo. - Antes mesmo de se ter apercebido de que ele estava a mexer-se a graciosidade felina e lubrificada desta peça de metal decadente fazia-a sentir um pouco doente, Stark passou a seu lado e arrancou uma das facas compridas do íman magnético. Liz retesou-se. Stark olhou de relance para ela e aquele som de cascalho preso na garganta surgiu de novo. - Não te preocupes que não te vou cortar. Não és tu o meu bom ajudantezinho? V l.

A mão, forte mas desagradavelmente esponjosa, tornou a envolver-lhe o pulso. Quando ela tentou afastar-se, ele limitou-se a apert -la. Nesse instante, Liz parou de contorcer-se e deixou que ele a conduzisse.

- óptimo - disse ele.

Ele levou-a para a sala de estar, onde Liz se sentou no sof e abraçou os joelhos diante de si. Stark passou os olhos por ela, acenou com a cabeça para si próprio e virou a atenção para o telefone. Quando chegou … conclusão de que não havia nenhum arame que saísse de um alarme - e isso era um descuido, apenas um descuido - Stark cortou os cabos que a Polícia Estadual acrescentara: aquele que ia até ao aparelho de localização e aquele que descia até … cave, ao gravador activado por voz.

- Tu sabes como te comportares e isso é muito importante - disse Stark para o cocuruto da cabeça dobrada de Liz. - Agora, ouve-me: vou descobrir o n£mero deste tal Rawlie DeLesseps e ter uma conversinha com o ThaD.

E enquanto fizer isso, vais subir até l cima e p"r numa mala todas as coisas de que os teus bebés precisarão l em baixo na vossa casa de Verão. Quando tiveres acabado, acorda-os e tr -los c para baixo. - Como é que sabes que eles estavam...

Perante o seu olhar de espanto, Stark lançou-lhe um ligeiro sorriso.

- Oh, eu conheço o teu hor rio - replicou. - Talvez até o conheça melhor do que tu. Acorda-os e prepara-os, Beth, e tr -los c para baixo. Conheço tão bem a disposição da casa como conheço o teu hor rio e se tentares fugir de mim, querida, eu saberei. Não é necess rio vesti-los"

põe num saco tudo o que precisam e tr -los c para baixo nos seus babygrows. Podes vesti-los mais tarde, quando estivermos na nossa feliz caminhada.

- Castle Rock? Queres ir para Castle Rock?

- Sim, sim. Mas não precisas de pensar nisso agora.

Neste preciso momento, só tens de pensar que se demorares mais de dez minutos, contados pelo meu relógio, terei de subir até l acima e ver o que te est a demorar. - Stark olhou para ela de forma calma, com os óculos escuros a criarem uns globos oculares semelhantes aos de uma caveira sob a fronte pelada e transpirada. - E subirei com o meu maçaricozinho aceso e pronto para entrar em acção.

Est s a entender?

- Eu. . . sim.

- Acima de tudo, quero que te lembres de uma coisa, Beth. Se colaborares comigo, nada te acontecer . E nada acontecer aos teus filhos. - Sorriu de novo. - Sendo uma boa mãe como tu és, tenho c a impressão de que isso é muito mais importante para ti. Vale mais a pena saberes isto a tentares armar-te em espertinha comigo. Aqueles dois polícias estaduais estão l fora na parte de tr s da carripana, a chamarem a atenção das moscas, porque tiveram o azar de estarem nos trilhos quando o meu expresso estava a chegar. H uma data de polícias mortos na cidade de Nova Iorque que tiveram o mesmo tipo de azar... como tu sabes tão bem. O modo de te ajudares, e aos teus filhos (e a Thad também, porque se ele fizer o que eu desejo, vai tudo correr bem), é manteres-te calada e prest vel. Percebes?

- Sim - respondeu Liz com uma voz rouca.

- Podes ficar com ideias. Sei bem como isso pode acontecer quando uma pessoa sente que est entre a espada e a parede. Mas se tiveres realmente uma dessas ideias, afasta-a imediatamente do pensamento. Lembra-te disto e, apesar de eu não parecer estar muito em forma, os meus ouvidos estão óptimos. Se tentares abrir uma janela,

ouvirei.

Se tentares tirar uma das redes das janelas, também ouvirei isso. Bethie, eu sou um homem que consegue ouvir os anjos a cantar no Céu e os diabos a gritar nos quintos do Inferno. Tens de perguntar a ti mesma se tens coragem para te arriscares assim tanto. És uma mulher esperta.

Penso que ir s tomar a decisão acertada. Mexe-te, rapariga.

Põe-te a andar.

Ele estava a olhar para o relógio, mais precisamente a cronometr - la. E, num salto, Liz encaminhou-se para as escadas sobre pernas que pareciam estar entorpecidas.

6

No andar de baixo, Liz ouviu-o falar por breves instantes ao telefone. Seguiu-se uma longa pausa, após a qual ele recomeçou a falar. A voz alterou-se. Ela não sabia com quem Stark teria falado antes da pausa - talvez com Rawlie DeLesseps - mas, quando recomeçou a falar, Liz não tinha praticamente d£vida alguma de que era Thad quem estava no outro lado da linha. Apesar de não conseguir destrinçar as palavras e de não se atrever a ir até ao telefone de extensão, Liz tinha a certeza absoluta de que se tratava de Thad. De qualquer modo, não tinha tempo para ficar … escuta. Ele pedira-lhe para ela se perguntar se tinha coragem para o irritar. E ela não tinha.

Liz enfiou as fraldas no saco das fraldas e a roupa numa mala. Meteu os cremes, o pó-de-talco para bebé, as toalhas, os alfinetes-de-ama e o resto das bugigangas para dentro de um saco … tiracolo.

No andar de baixo, a conversa terminara. Estava a dirigir-se para junto dos gémeos, prestes a acord -los, quando ele a chamou.

- Beth! Est na hora!

- Estou a ir! - Liz levantou Wendy, que, estremunhada, começou a chorar.

- Quero-te aqui em baixo: estou … espera de uma chamada telefónica e vocês são os meus efeitos especiais.

Ela mal ouviu estas £ltimas palavras. Os olhos estavam pregados … embalagem de pl stico dos alfinetes das fraldas sobre a cómoda dos gémeos.

Ao lado da embalagem, estava um par de tesouras de costura reluzentes.

Liz tornou a deitar Wendy no berço, olhou de relance para a porta e atravessou o quarto a correr, em direcção … cómoda. Pegou na tesoura e em dois dos alfinetes-de-ama.

Como uma costureira a fazer um vestido, segurou os alfinetes com a boca e abriu o fecho da saia. Com estes £ltimos, prendeu a tesoura na parte de dentro das cuecas, tornando a fechar de novo o fecho da saia. Podia ver-se uma pequena saliência onde se encontrava o cabo da tesoura e a cabeça dos alfinetes. Liz não acreditava que um homem comum reparasse nisso, mas George Stark não era um homem comum. Por isso, p“s a blusa para fora. Assim estava melhor.

- Beth! - Neste momento, a voz estava … beira da ira.

Pior, vinha do meio das escadas, a subir, e ela nem sequer o ouvira, apesar de ter a certeza que era impossível utilizar sem produzir todo o género de rangidelas e estalidos a escadaria principal nesta casa antiga.

Foi então que o telefone tocou.

- Tr -los imediatamente c para baixo! - berrou ele para o andar de cima, tendo-se Liz apressado a levantar William. Como não tinha tempo para ser cuidadosa, teve de descer as escadas com dois bebés, um em cada braço, e cada um a gritar mais alto do que o outro. Estando Stark ao telefone, ela supunha que ele fosse ficar ainda mais furioso com o barulho. No entanto, pareceu ficar bastante satisfeito... e foi então que Liz raciocinou que se ele estava a falar com Thad, era evidente que devia estar satisfeito. Só muito difícilmente é que conseguiria obter um melhor resultado mesmo se tivesse trazido a sua cassete de efeitos especiais.

"O derradeiro persuador", pensou ela, sentindo um lampejo de ódio intenso por esta criatura apodrecida que não tinha qualquer razão para existir mas que se recusava a desaparecer.

Numa das mãos, Stark segurava um l pis, cuja ponta de borracha batia ao de leve na beira da mesinha do telefone.

Foi então que, com uma pontada de choque de reconhecimento, Liz se apercebeu de que se tratava de um Berol Black Beauty. "Um dos l pis de Thad", pensou.

"Ser que ele esteve no escritório?"

Não, era óbvio que ele não estivera no escritório e era óbvio que não se tratava de um dos l pis de Thad. Na verdade, eles nunca tinham sido bem os l pis de Thad: ele limitava-se a compr -los de vez em quando. Os Black Beauty pertênciam a Stark. Este utilizara o l pis para escrever alguma coisa em letra de imprensa na contracapa da lista telefónica da faculdade. ao abeirar-se dele, Liz conseguiu ler duas frases. "ADIVINHA DE ONDE é QUE TE TELEFONEI, THAD?" dizia a primeira. A segunda era brutalmente directa:

"DIZ A ALGUéM E ELES MORREM."

Como que a confirmar esta £ltima, Stark afirmou:

- Nadinha, como podes ouvir por ti próprio. Não toquei num só fio de cabelo destas cabecinhas preciosas.

Stark virou-se para Liz e piscou-lhe o olho. De certa forma, tratava-se da coisa mais hedionda de todas: como se os dois estivessem nisto juntos. Stark rodopiava os óculos de sol entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Os globos oculares luziam no seu rosto como belindres no rosto de uma est tua de cera a derreter-se.

- Ainda não - acrescentou ele.

Stark p"s-se a escutar, sorrindo de seguida. Mesmo que o rosto dele não estivesse a decompor-se diante dos seus próprios olhos, aquele sorriso tê-la-ia chocado na mesma pelo seu car cter provocador e perverso.

- Que h com ela? - indagou Stark, numa voz que era praticamente melodiosa. Foi então que toda a raiva de Liz se sobrep"s ao medo e, pela primeira vez, pensou na tia Martha e nas ratazanas. Neste momento, Liz desejou que a tia Martha estivesse ali com ela, para tratar da sa£de desta ratazana em especial. Apesar de ter as tesouras, isso não significava que ele Lhe iria dar a abertura necess ria para as utilizar. Mas Thad... Thad conhecia a história da tia Martha. E a ideia passou-lhe pela cabeça.

7

Quando a conversa terminou e Stark desligou o telefone, Liz perguntou-lhe o que é que ele pretendia fazer.

- Despachar-me o mais depressa possível - respondeu. - E a minha especialidade. - Esticou os braços.

- D -me um dos mi£dos. Não importa qual deles.

Liz esquivou-se dele, apertando de modo instintivo os dois bebés ainda mais contra o peito. Estes tinham-se aquietado, mas, com o aperto agitado da mãe, ambos recomeçaram a choramingar e a contorcer-se.

Stark fitou-a de modo paciente.

- Não tenho tempo para me p"r a discutir contigo, Beth. Não me obrigues a ter de te persuadir com isto.

Bateu ao de leve sobre a protuber*f*ncia cilíndrica no bolso do colete de caça. - Não vou magoar os teus filhos. Sabes, de uma certa forma, é até engraçado porque eu também sou o pai deles.

- Não digas isso! - soltou ela num grito agudo, afastando-se ainda mais dele. Prestes a fugir, Liz tremia.

- Controla-te, mulher.

As palavras saíram-lhe insípidas, inexpressivas e frias como morte, fazendo-a sentir como se tivesse apanhado com um saco de gua fria na cara.

- Acalma-te, querida. Tenho de ir até l fora e p"r o carro da Polícia dentro da tua garagem. Enquanto estiver a fazer isso, não te quero ver a correr pela estrada abaixo na outra direcção. Se tiver um dos teus filhos, como parente, por assim dizer, não terei de me preocupar com isso. Estou a falar a sério quando digo que não quero fazer mal algum, nem a ti e nem a eles... e mesmo que o fizesse, de que é que me serviria magoar um dos teus filhos? Preciso da tua colaboração. E essa não é certamente a forma de o conseguir.

Agora, passa-me imediatamente um deles ou ainda magoo os dois"

não os mato mas magoo-os, magoo-os a sério, e tu ser s a culpada.

Stark esticou os braços. O rosto em decomposição estava duro e decidido. ao olhar para ele, Liz apercebeu-se de que nenhum argumento o demoveria, de que nenhum pedido o convenceria. Ele nem sequer a escutaria. Limitar-se-ia a fazer aquilo que ameaçara fazer.

Liz dirigiu-se para ele e, quando Stark tentou tirar Wendy, o

braço dela voltou a retesar-se, frustrando o seu intento por um instante. Wendy começou a chorar com mais força. Liz afrouxou, deixando a menina ir, tendo ela própria começado a chorar de novo.

Fitou-o nos olhos e disse-lhe:

- Se lhe fizeres mal, mato-te.

- Sei bem que o tentarias - respondeu Stark solenemente.

- Tenho um grande respeito pela maternidade, Beth. Pensas que eu sou um monstro e talvez até tenhas razão. Mas os monstros verdadeiros nunca são totalmente desprovidos de sentimentos.

Penso que, no fundo, é isso, e não o seu aspecto, que os torna tão assustadores. Beth, não vou fazer nenhum mal a esta pequenina. Ela est segura comigo... desde que colabores.

405 Neste momento, Liz segurava William com os dois braços...

e o círculo que os braços dela descreviam nunca tinha conferido uma sensação de vazio tão grande. Nunca, em toda a sua vida, ela estivera tão convencida de que cometera um erro.

Mas que outra coisa poderia ter feito?

- Além disso... olha! - gritou Stark, e havia algo na voz dele que a levava a não conseguir acreditar, a não querer acreditar. A ternura que julgara ouvir tinha de ser fingida, não passando de mais uma das suas provocações monstruosas. Mas ele estava a olhar para Wendy com uma atenção profunda e perturbadora... e Wendy estava a olhar para ele, embevecida, sem chorar. - A pequenina não se apercebe do meu aspecto. Ela não tem nem um pouquinho de medo, Beth, nem um pouquinho.

Num terror silencioso, Liz observou-o enquanto Stark erguia a mão direita. Ele despira as luvas, podendo Liz vislumbrar uma forte ligadura de gaze enrolada … sua volta precisamente no mesmo sítio onde Thad tinha uma ligadura sobre as costas da mão esquerda. Stark abriu o punho, tornou a fech -lo e abriu-o de novo. Pelos maxilares cerrados, era evidente que dobrar a mão Lhe causava algumas dores, mas, de qualquer forma, não deixava de fazê-la "Thad faz isso, faz isso precisamente da mesma manei ra, oh meu Deus, ele faz isso PRECISAMENTE DA MESMA MANEIRA..."

Nesta altura, Wendy parecia estar totalmente serena, fitando o rosto de Stark sobre ela, estudando-o com muita atenção, com os calmos olhos cinzentos reflectidos nos tur vos olhos azuis de Stark. Com a pele por debaixo a desaparecer, os olhos dele davam a sensação de que iriam cair a qualquer momento e ficariam suspensos junto das maçãs do rosto pelos ped£nculos.

E Wendy acenou com a mão.

Mão aberta" mão fechada" mão aberta.

Um aceno … Wendy.

Liz sentiu movimento nos seus braços, olhou para baixo e viu que William também fitava George Stark com o mesmo olhar embevecido azul-acinzentado. Estava a sorrir.

A mão de William abriu-se" fechou-se" abriu-se.

Um aceno … Willliam.

- Não - gemeu Liz, num tom praticamente baixo demais para ser ouvido. - Oh, Deus, por favor, faz com que isto não esteja a acontecer.

- Vês? - disse Stark, levantando a cabeça e olhando para ela. Sorria, com aquele sardónico sorriso congelado, e a coisa mais horrível no meio disto tudo era o facto de ela se aperceber de que ele estava a tentar ser simp tico... E não conseguia. - Est s a ver? Eles gostam de mim, Beth. Eles gostam de mim.

8

IDepois de colocar os óculos escuros, Stark levou Wendy l para fora, para a entrada. Liz correu para a janela, seguindo-os com o olhar, cheia de cuidados. Uma parte dela tinha a certeza de que ele pretendia saltar para dentro do carro-patrulha e fugir para longe com o seu bebé no assento ao lado e os dois agentes estaduais mortos na parte de tr s.

Contudo, por um instante, ele nada fez: limitou-se a ficar junto … porta do condutor, sob um sol encoberto, com a cabeça inclinada para baixo e a bebé aninhada nos seus braços.

Stark permaneceu naquela posição imóvel durante algum tempo, como se estivesse a falar de forma séria com Wendy ou talvez até a rezar. Mais tarde, quando se encontrou de posse de mais informações, Liz chegou … conclusão de que ele estivera a tentar entrar de novo em

contacto com Thad, possivelmente para ler os seus pensamentos e tentar adivinhar se ele pretendia fazer aquilo que Stark queria ou se tinha outros planos.

Após cerca de trinta segundos, Stark ergueu a cabeça, abanou-a com força como que para p“r as ideias em ordem e enfiou-se no carro, ligando-o. "As chaves estavam na ignição", pensou Liz entorpecida. "Ele nem precisou de fazer uma ligação directa, ou l aquilo que eles fazem. Aquele homem tem a sorte do diabo."

Stark conduziu o carro-patrulha para dentro da garagem, parando o motor. Foi então que ela ouviu a porta do carro bater e ele saiu c para fora, demorando-se o tempo suficiente para carregar no botão da garagem que levava a porta a fechar-se, com grande estrépito, ao longo das calhas.

Alguns momentos depois, Stark encontrava-se de novo dentro de casa e entregou-lhe Wendy. - Est s a ver? - perguntou. - Ela est óptima. Agora fala-me das pessoas da porta do lado. Os Clark.

- Os Clark? - inquiriu ela, sentindo-se extraordinariamente est£pida. - O que é que queres saber sobre eles? Foram para a Europa este Verão.

Stark sorriu. De certo modo, tratava-se da coisa mais hedionda até agora porque, em circunst*f*ncias mais nor mais, teria sido um sorriso de prazer genuíno... • um que deixava transparecer vitória, suspeitava ela. E, por um breve instante, não sentiu ela uma pontada de atracção? Uma chama invulgar? Est claro que era de loucos mas ser que isso significava que ela a poderia negar? Liz estava conven cida que não, acabando mesmo por chegar a compreender porque é que teria sido assim. Afinal de contas, ela casara -se com o familiar mais íntimo deste homem.

- Fant stico! - afirmou ele. - Não podia ser melhor! E eles têm um carro?

Wendy começou a chorar. Liz olhou para baixo e viu a filha a olhar para o homem com o rosto apodrecido e os protuberantes olhos vidrados, com os bracitos pequenos e agradavelmente rechonchudos esticados na direcção dele. Wendy não estava a chorar porque tivesse medo dele" Wendy chorava porque queria voltar para o colo dele.

- Que querida! - exclamou Stark. - Ela quer voltar para o pap .

- Cala-te, monstro! - proferiu Liz, cheia de cólera.

O George Stark matreiro lançou a cabeça para tr s e soltou uma gargalhada.

9

Ele deu-lhe cinco minutos para ela p“r num saco mais algumas coisas pessoais e outras para os gémeos. Liz disse -Lhe que, naquele espaço de tempo, seria impossível reunir metade daquilo de que precisavam, ao que ele Lhe respondeu que fizesse o melhor que podia.

- Nestas circunst*f*ncias, Beth, j vais com muita sorte por eu te estar a dar mais tempo: temos dois polícias mortos na garagem e o teu marido sabe o que est a acontecer.

Se queres passar esses cinco minutos a discutir esse aspecto comigo, tu é que sabes. J só tens... - Stark olhou de relance para o relógio, lançando-lhe um outro sorriso - quatro minutos e meio.

Assim, Liz fez o que p“de, parando uma £nica vez enquanto enfiava boiões de comida para bebé num saco de pl stico para olhar para os filhos. Os dois estavam sentados um ao lado do outro, no chão, a brincarem a uma espécie de jogo da sardinha entre si e a fitarem Stark. O maior temor de Liz era estar ciente daquilo em que eles estariam a pensar.

"Que queridos."

Não. Ela não pensaria nisso. Ela não pensaria nisso, mas era só nisso que conseguia pensar. Wendy a chorar e a esticar os bracinhos rechonchudos. A estic -los na direcção de um estranho assassino.

"Eles querem voltar para o pap ."

Stark encontrava-se … entrada da porta da cozinha, a observ -la e a sorrir. Nesse instante, Liz sentiu um enorme desejo de utilizar a tesoura. Nunca, em toda a sua vida, desejara uma coisa com tanta premência.

- Ser que me podes ajudar? - gritou ela, zangada, para ele, apontando para os dois sacos e para o saco térmico que enchera.

- Claro, Beth - respondeu. Levou um dos sacos por ela. A outra mão, a esquerda, deixou-a livre.

10

Atravessaram o p tio lateral, percorreram a pequena faixa de relva entre as duas propriedades e caminharam pelo p tio dos Clark até chegarem … entrada. Stark insistiu para que ela andasse depressa e assim, quando pararam diante da porta fechada da garagem, Liz estava ofegante. Stark oferecera-se para levar um dos gémeos, ao que ela se recusara.

Ele colocou o saco térmico no chão, tirou a carteira do bolso de tr s e pegou numa estreita tira de metal que afuni lava numa das extremidades. Foi esta ponta que enfiou na fechadura da porta da garagem. Começou por vir -la para a direita e, de seguida, para a esquerda, com o ouvido … es cuta. Ouviu-se um estalido, o que o fez sorrir.

- Ÿptimo - disse. - até mesmo as fechaduras mais reles nas portas das garagens podem ser uma chatice. Molas grandes. • difícil dobr -las. Contudo, esta est tão gasta como o rabo de uma puta velha ao romper do dia. Sorte a nossa. - Stark virou o manípulo e empurrou. A porta abriu com um grande estrondo ao longo das calhas.

A garagem estava tão quente como um palheiro e a carrinha Volvo dos Clark estava ainda mais quente no interior. Stark dobrou-se por debaixo do tablier, deixando a descoberto a parte de tr s do pescoço quando Liz se sentou no lugar do passageiro. Os dedos dela crisparam-se: bastava-lhe apenas um segundo para tirar a tesoura, mas, ainda assim, isso podia ser demasiado tempo. Ela vira quão rapida mente ele reagia ao inesperado. De certo modo, não era de surpreender que os reflexos dele fossem tão r pidos como é os de um animal selvagem dado que era exactamente isso que ele era.

Stark arrebanhou um punhado de arames por detr s do tablier e, do bolso da frente, tirou uma navalha ensanguentada. Liz estremeceu um pouco, tendo de engolir duas vezes em seco, rapidamente, para sufocar um ensejo de vomitar. O assassino desdobrou a l*f*mina, tornou a dobrar-se, rasgou o isolamento de dois dos arames e uniu os fios de cobre nus. Saltou uma faísca azul moment*f*nea, após a qual o motor começou a funcionar. Um instante depois, o carro estava a andar.

- Bem, est tudo óptimo! - vangloriou-se George Stark. - Que dizes a pormo-nos a caminho?

Os gémeos riram-se um para o outro, acenando-lhe com as mãos pequenas. Com alegria, Stark devolveu o aceno. [ao tirar o carro da garagem em marcha atr s, Liz colocou sub-reptíciamente a mão por

detr s de Wendy, que estava sentada a seu colo, e tocou nos circulos que eram os buracos dos dedos da tesoura. Agora não, mas em breve. Liz não tinha intenção alguma de esperar por Thad. Estava demasiado inquieta com aquilo que esta criatura sombria podia, no entanto, decidir fazer aos gémeos.

Ou a ela.

Mal ele estivesse bastante distraído, Liz tencionava tirar a tesoura de onde esta estava escondida e espet -la na garganta.

III

A chegada dos psicopompos

I

- Os poetas falam sobre o amor - disse Machine, puxando a navalha para tr s e para a frente ao longo da tira de couro a um ritmo regular e hipnótico - e isso também est bem.

O amor existe. Os politicos falam sobre o dever e isso também est bem. O dever existe. Eric Hoffer fala sobre o pós-modernismo, Hugh Hefner fala sobre sexo, Hunter Thompson fala sobre drogas e Jimíy Swaggart fala sobre Deus Nosso Senhor Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. Todas essas coisas existem e tudo isso est bem. Percebes o que eu quero dizer, Jack?

- Sim, parece-me que sim - respondeu Jack Rangely. Na verdade, Jack não sabia, não fazia a mais pequena ideia, mas, sempre que Machine estava com aquela disposição, só um louco se atreveria a discordar dele.

Machine virou o fio da navalha para baixo e, repentinamente, cortou a tira de couro em duas. Um pedaço comprido caiu para o chão do corredor da cozinha como uma língua cortada a meio.

- Mas eu falo sobre o Juizo Final - disse ele. - Porque, no fim de contas, o Juizo Final é só aquilo que interessa.

Vinte e dois

A FUGA DE THAD

1

"Imagina que é um livro que estas a escrever", pensou ele ao virar para a esquerda em direcção a College Avenue, deixando o campus atr s de si. "E imagina que • s uma personagem desse livro."

Era um pensamento m gico. A mente de Thad estivera tomada por um p*f*nico avassalador - uma espécie de tornado mental onde os fragmentos de um possível plano giravam sobre si como pedaços de paisagem arrancada pela raíz. Contudo, perante a ideia de poder imaginar que tudo isto não passava de uma ficção inócua, de poder guiar o destino não apenas de si próprio mas de todas as outras personagens nesta história (personagens como Harrison e Manchester, por exemplo), tal como guiara o destino das personagens no papel, na segurança do seu escritório com luzes claras presas ao tecto e uma lata fria de Pepsi ou uma ch vena quente de ch a seu lado... perante esta ideia, era como se, subitamente, o vento que soprava por entre as orelhas começasse a amainar por si só. A merda alheia voava juntamente com ele, deixando Thad com os restos do seu plano espalhados por aqui e por ali... restos que ele descobrira ser capaz de reconstituir com bastante facilidade.

Thad descobrira ter algo que até podia vir a funcionar.

"• melhor que funcione", pensou ele. "Caso contr rio, vais acabar em custódia preventiva e o mais prov vel é que a Liz e os mi£dos acabem mortos.,> Mas, e os pardais? Onde é que os pardais se encaixavam?

Thad não sabia. Rawlie dissera-lhe que eles eram psicopompos, os arautos dos mortos-vivos, e isso encaixava, não encaixava? Sim. Pelo menos até um certo ponto. Porque o velho George matreiro estava vivo de novo, mas o velho George matreiro estava também morto... morto e a apodrecer. Por isso os pardais encaixavam... mas não até ao fim. Se os pardais tinham guiado George de volta ("da terra dos mortos") de onde quer que ele estivesse estado, como é que o próprio George não sabia nada sobre eles? Como é que não se lembrava de escrever aquela expressão, "OS PARDAIS ESTŽo A VOAR DE NOVO", com sangue, nas paredes de dois apartamentos?

- Porque fui eu quem a escreveu - murmurou Thad entre dentes,

e a sua mente precipitou-se para tr s, para as coisas que escrevera no di rio enquanto estivera sentado no escritório, … beira de um estado de transe.

"Pergunta: Os p ssaros são meus?

Resposta: Sim.

Pergunta: Quem é que escreveu aquelas coisas sobre os pardais?

Resposta: Aquele que sabe... Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui.,> De s£bito, todas as respostas vacilaram, praticamente ao seu alcance: as respostas horríveis e impens veis. Thad escutou um som longo e débil escapar da sua boca. Era um gemido.

"Pergunta: Quem trouxe George Stark de volta … vida?

Resposta: Aquele que possui. Aquele que sabe."

- Não fiz de propósito ! - exclamou.

Mas seria isso verdade? Seria-o de facto? Não houvera sempre uma parte dele apaixonada pela natureza simples e violenta de George Stark? Não houvera sempre uma parte dele que admirara George, um homem que não tropeçava nas coisas ou esbarrava nas coisas, um homem que nunca parecia fraco ou tonto, um homem que nunca teria de temer os demónios fechados no arm rio das bebidas? Um homem sem mulher ou filhos com que se preocupar, sem amores para o prender ou para o reter? Um homem que nunca tivera de ler até ao fim uma dissertação medíocre de um estudante ou que sofrera com a ideia de uma reunião da comissão orçamental? Um homem que dispunha de respostas directas e perspicazes a todas as perguntas mais difíceis da vida? Um homem que não tinha medo do escuro porque possuia o escuro?

- Sim, mas ele é um FILHO DA MãE! - berrou Thad para o interior aquecido do seu funcional carro de fabrico americano de tracção …s quatro rodas.

"Certo, e uma parte de ti acha isso tão atraente, não acha?"

Talvez ele, Thad Beaumont, não tivesse verdadeiramente criado George... mas não seria possível que alguma parte ansiosa dele próprio tivesse permitido que Stark fosse recriado?

"Pergunta: Se possuo os p ssaros, posso utiliz' -los?

Não surgiu nenhuma resposta. Desejava surgir" Thad conseguia sentir o seu desejo premente. Mas a resposta dançava fora do seu alcance e, repentinamente, Thad receou que ele próprio - alguma parte de si apaixonada por "Stark - pudesse estar a mantê-la a distƒncia. Alguma parte que não queria que George morresse.

"Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui. Eu sou aquele que traz."

Thad parou nos sem foros de Orono, após o que seguiu ao longo da Estrada 2, em direcção a Bangor, deixando Ludlow para tr s.

Rawlie fazia parte do seu plano" uma parte do qual ele tinha, pelo menos, compreendido. O que é que faria se conseguisse, realmente, despistar os polícias que o seguiam e acabasse por verificar que Rawlie ja deixara o seu gabinete?

Thad não sabia.

O que é que faria se Rawlie l estivesse mas se recusasse a ajud -lo?

Também isso ele não sabia.

"Quando e se me deparar esses problemas, então pensarei neles."

E deparar-se-lhe-iam bem depressa.

Neste momento, Thad estava a passar pelo Gold's, a su… direita. O Gold's era um edifício comprido e tubular em placas de alumínio pré-fabricadas. Estava pintado num tom azul-esverdeado particularmente desagrad vel e rodeado por um enorme terreno coberto por carros abandonados. Os para-brisas destes £ltimos cintilavam a luz do sol encoberta, formando uma gal xia de brancos pontos estrelados. Era s bado … tarde" h cerca de vinte minutos que j o era. Liz e o seu raptor sombrio deviam estar a caminho de Castle Rock. E, apesar de haver um empregado ou duas casas de peças para automóveis abertas ao fim-de-semana para os incidentes casuais no edifício pré-fabricado onde Gold's fazia o seu negócio, era uma esperança razo vel supor que o ferro-velho em si estivesse vazio. Com quase cerca de dois mil carros em diversos estados de decomposição, dispostos em dezenas de filas ziguezagueantes, ele deveria conseguir esconder o Suburban... e tinha mesmo de o esconder.

Alto, quadrado, cinzento com frisos laterais encarnados, sobressaía como um polegar inchado.

"ABRANDE - ESCOLA", dizia o sinal que se aproximava. Thad sentiu uma moinha quente nas entranhas. Era aqui.

Para se certificar, olhou pelo espelho retrovisor e viu que o Plymouth continuava atr s dele, com dois carros de permeio. Não era tão bom quanto desejava, mas era, provavelmente, o melhor que conseguia arranjar. Quanto ao resto, teria de contar com um pouco de sorte e de surpresa.

Eles não estavam … espera que ele fosse quebrar a rotina"

porque haveriam de estar? E, por um instante, Thad pensou em não fazê-lo. Suponhamos que, em vez disso, se limitava a encostar o carro e a parar? E quando eles encostassem e parassem o carro atr s dele e Harrison saísse c para fora para perguntar o que se estava a passar, responderia: "Tudo.

Stark tem a minha família. • que, sabe, os pardais ainda estão a voar."

"Thad, ele diz que matou os dois polícias que estavam a vigiar a casa. Não sei como o fez, mas ele diz que o fez...

e eu... eu acredito nele."

Também Thad acreditava nele. E isso é que era o pior.

E era essa razão pela qual ele não podia, pura e simplesmente, parar o carro e pedir ajuda. Se tentasse alguma graça, Stark saberia. Thad não acreditava que Stark conseguisse ler os pensamentos dele, pelo menos não da maneira como os extraterrestres leem os pensamentos nos livros aos quadradinhos e nos filmes de ficção científica, mas conseguia "entrar em sintonia" com Thad... conseguia ter uma boa ideia daquilo que ele andava a fazer. Ele até podia ser bem capaz de preparar uma surpresazinha para George - isto e, se conseguisse p“r as ideias em ordem sobre os malditos p ssaros - mas, para j , Thad pretendia jogar de acordo com o guião.

Isto é, se conseguisse.

Aqui estava o cruzamento da escola, com paragem obrigatória para as quatro vias diferentes. Como sempre, encontrava-se atafulhado de tr*f*nsito" durante anos, ocorreram in£meras pequenas colisões neste cruzamento, a maioria causada pelas pessoas que, pura e simplesmente não conseguiam compreender a ideia de uma paragem obrigatória nas

quatro vias. Em vez disso, toda a gente virava para onde queria e chocava com outros para abrir caminho.

Uma enxurrada de cartas, a maioria escrita por pais preocupados, pedindo que o m£nicípio colocasse sem foros no cruzamento, surgia na sequência de cada um dos acidentes, a que se seguia uma declaração dos membros do Conselho M£nícipal de Veazie dizendo que a hipótese de um sem foro "estava a ser tomada em linha de conta"... e, de seguida. o assunto acabava por ficar esquecido até a colisão seguinte .

Thad juntou-se … fila de carros que queriam atravessar o cruzamento em direcção a sul, certificando-se de que o Plymouth castanho estava ainda a dois carros de dist*f*ncia. De seguida, p“s-se a observar a habitual troca de mesuras no cruzamento - agora passo eu, agora passas tu... Viu um carro repleto de senhoras de cabelo azul que quase chocou com um casal jovem num Datóun Z, viu a rapariga no Z bradar para as senhoras de cabelo azul, e viu que ele próprio atravessaria de norte para sul antes de um comprido camião-cisterna do fabricante de lactícinios Grant's Dairy atravessar de leste para oeste. Que oportunidade tão inesperada.

O carro … sua frente atravessou e, agora, era a vez de Thad. A moinha quente atacou de novo o est“mago. Por uma £ltima vez, Thad olhou pelo espelho retrovisor. Harrison e Manchester continuavam a dois carros de dist*f*ncia.

Alguns automóveis entrecruzaram-se … sua frente. … esquerda, o camião-cisterna de leite colocou-se em posição.

Thad respirou fundo e, mantendo a velocidade, conduziu o Suburban através do cruzamento. Uma carrinha pick-up,que se dirigia para norte, em direcção a Orono, passou por ele na outra faixa.

Do mais fundo de si, Thad foi tomado por um ímpeto praticamente irresistivel - uma necessidade - de carregar no acelerador até ao fundo e de arrancar com o Suburban pela estrada fora. Em vez disso, continuou a conduzir a uma velocidade serena e perfeitamente legal para uma zona de escola, ou seja, a vinte e cinco quilómetros a hora, com os olhos colados no espelho retrovisor. O Plymouth estava ainda … espera na fila para atravessar, a dois carros de dist*f*ncia.

"Olha aqui, camião do leite!" pensou, concentrando-se, fazendo

mesmo pressão física, como se conseguisse fazer com que as coisas acontecessem pela simples força de vontade... como levava as pessoas e as coisas a entrarem e sairem do romance pela simples força de vontade. "V l , camião do leite!"

E o camião foi mesmo, atravessando o cruzamento numa dignidade lenta e prateada, como uma viuva mecanizada.

No segundo em que o camião tapou o Plymouth castanho-escuro no espelho retrovisor, Thad p"s prego a fundo no pedal do Suburban.

2

A meio do quarteirão seguinte, havia uma curva para a direita. Thad dobrou-a e, bramindo, subiu pela pequena rua acima a sessenta, rezando para que nenhum mi£do decidisse escolher este instante exacto para ir a correr atr s da bola de borracha para o meio da estrada.

Quando Lhe pareceu que se tratava de um beco sem saída, assolou-o uma sensação desagrad vel. Foi então que se apercebeu de que, afinal de contas, podia fazer uma outra curva a direita: a rua transversal fora parcialmente bloqueada pela sebe alta que pertência … casa da esquina.

No entroncamento em forma de T, Thad parou bruscamente o carro, acabando por guinar para a direita, tendo os pneus chiado ligeiramente. Cento e cinquenta metros mais acima, tornou a virar a direita e acelerou o Suburban até ao cruzamento dessa rua com a Estrada 2. Conseguira voltar de novo a estrada principal, desta vez a cerca de quinhentos metros para norte do cruzamento das quatro vias. Se, tal como esperava, o camião do leite tivesse tapado a curva que fizera para a direita, o Plymouth castanho estaria ainda a dirigir-se para sul pela Estrada 2. Talvez ainda nem se tivessem apercebido de que algo de errado se estava a passar, embora Thad tivesse sérias d£vidas de que Harrison fosse assim tão est£pido. Manchester talvez, mas não Harrison.

Thad virou … esquerda, acelerando de tal modo para o meio do tr*f*nsito que levou o condutor de um Ford na faixa em direcção a sul a travar a fundo. O condutor do Ford mostrou o punho a Thad quando este se atravessou … sua frente e se dirigiu de novo para o Ferro-Velho Gold's, mais uma vez com prego a fundo. Se, por um mero acaso, um polícia a pé o visse não apenas a ultrapassar o limite de velocidade, mas, aparentemente, a tentar desintegr -lo, isso seria muito mau.

Thad não podia dar-se ao luxo de demorar. Ele tinha de tirar este automóvel, que era demasiado grande e brilhante, do meio da estrada o mais depressa possível.

Até ao ferro-velho de automóveis faltavam quinhentos metros. Thad conduziu a maior parte desta dist*f*ncia com os olhos pregados no espelho retrovisor, em busca do Plymouth.

Quando virou para a esquerda, em direcção ao Gold's, nem sinal dele.

Com lentidão, Thad conduziu o Suburban através de um portão aberto na vedação composta por elos de corrente. Um aviso, com letras vermelhas desbotadas sobre um fundo branco sujo, dizia "ENTRADA RESTRITA A EMPREGADOS!" Num dia de semana, teria sido imediatamente topado e haveria que retroceder. No entanto, est vamos num s bado e, neste momento, bem a meio da hora do almoço, o que tornava ainda mais improv vel ser apanhado.

Thad guiou ao longo de um caminho, delimitado de um lado e do outro por carros destruidos, empilhados uns em cima dos outros, por vezes com dois ou até com três de altura. Os que estavam em baixo tinham perdido a sua forma original, parecendo estarem lentamente a derreter-se e a fundir-se com o solo. A terra estava de tal forma enegrecida com óleo que qualquer pessoa pensaria que nada conseguiria crescer neste chão" contudo, ervas daninhas verdes e viçosas e girassóis enormes e silenciosamente inclinados brotavam do chão em ramalhetes vistosos, como os sobreviventes de um holocausto nuclear. Um girassol gigantesco crescera por entre o para-brisas partido de um camião de pão, deitado de costas como um cão morto. O seu caule verde e peludo enroscara-se como um punho enredado … volta da estrutura de uma roda, e um segundo punho enredara-se no símbolo do capot de um Cadillac antigo que se encontrava por cima do camião. Parecia estar a fitar Thad com o olho preto e amarelo de um monstro morto.

Tratava-se de uma necropole grande e silenciosa, própria de Detroit', o que dava arrepios a Thad.

Virou … direita e, de seguida, … esquerda. Subitamente, Thad conseguia ver pardais por todos os lados, empoleirados nos telhados, nos ramos das rvores e nas m quinas gordurosas decepadas. Viu um trio de passarinhos a banharem-se numa tampa repleta de gua. Quando Thad se

aproximou, os p ssaros não voaram, embora tivessem parado de fazer o que estavam a fazer, fitando-o com os olhinhos pretos e brilhantes. Pardais cobriam a parte de cima de um para-brisas, inclinado contra o lado de um Plymouth antigo.

Thad passou a cerca de um metro deles, levando-os a bater nervosamente as asas, embora se mantivessem na mesma posição.

"Os arautos dos mortos-vivos", pensou Thad, levando a mão … pequena cicatriz branca na testa, que começou a esfregar nervosamente.

Ao passar por um Datóun e ao olhar através daquilo que parecia ser um buraco feito por um meteoro no para-brisas, Thad vislumbrou uma grande mancha de sangue seco no tablier.

"Não foi um meteoro que fez aquele buraco", pensou, e o seu est"mago começou, lenta e vertiginosamente, a dar voltas.

Uma congregação de pardais sentou-se no banco da frente do Datóun.

- Que é que vocês querem de mim? - perguntou com uma voz rouca. - Em nome de Deus, o que é que vocês querem?

E, na sua mente, Thad pareceu ouvir uma resposta mista"

na sua mente, pareceu-lhe ouvir a voz una e esganiçada da sua inteligência avi ria: "Não, Thad - o que é que TU queres de NóS? Tu és aquele que possui. Tu és aquele que traz. Tu és aquele que sabe."

- Não sei peva - murmurou Thad.

No fim desta fila de carros, havia espaço diante de um Cutlass Supreme £ltimo modelo: alguem arrancara a parte inteira da frente. Em marcha atr s, Thad arrumou o Suburban nesse lugar e saiu. Olhando de um lado para o outro do caminho estreito, sentiu-se um pouco como uma ratazana num labirinto. O lugar cheirava a óleo e ao odor mais intenso e mais acido do liquido de transmissão. Os £nicos sons audiveis eram o ronco distante dos carros na Estrada 9 .

Os pardais observavam-no de todos os cantos: uma pequena assembleia de passarinhos castanho-escuros.

De repente, abruptamente, todos eles levantaram voo ao mesmo tempo: dezenas deles, talvez centenas. Por um instante, o ar adquiriu um ruido estranho com o som produzido pelas asas. Os pardais atravessaram

o céu em bando, virando de seguida para leste - na direcção da localização de Castle Rock. E, abruptamente, Thad começou a sentir de novo aquela sensação de formigueiro... não tanto sobre a pele mas dentro dela.

"Estamos a tentar dar uma espreitadelazinha, George?"

Baixinho, Thad começou a cantar uma canção de Bob Dylan:

- "John Wesley Harding... era amigo dos pobres...

viajava com uma arma em cada mão.....

, Aquela sensação de formigueiro e de comichão pareceu aumentar. Assentou e centrou-se no buraco da mão esquerda. Ele podia estar totalmente enganado, de tal modo estava concentrado em desejar uma coisa com todas as suas forças e nada mais, mas Thad parecia conseguir pressentir ódio... e frustração.

"Ao longo do telégrafo... o seu nome ressoava..."

Thad cantava baixinho. Diante de si, caído no solo oleoso como o vestígio contorcido de uma qualquer est tua de aço que, antes de mais, nunca ninguem quisera realmente ver, estava o suporte enferrujado de um motor. Thad apanhou-o do chão e dirigiu-se de novo para o Suburban, ainda a cantar trechos de John Wesley Harding baixinho e a recordar-se do seu velho companheiro guaxinim do mesmo nome. Se conseguisse camuflar o Suburban fazendo-lhe umas boas amolgadelas, se conseguisse dar a si próprio umas duas horas de avanço, isso poderia significar a diferença entre a vida e a morte para a Liz e para os gémeos.

- "Por todo o campo"... desculpa l , amigão, isto dói-me mais a mim do que a ti... "abriu muitas portas..."

Thad lançou o suporte do motor contra o lado do condutor do Suburban, fazendo uma amolgadela tão funda como uma bacia.

Tornou a pegar no motor, contornou o Suburban e postou-se diante da parte da frente do carro, tendo-o atirado contra a grade, com força sufíciente para deslocar o ombro. Pedaços de pl stico fragmentaram-se e voaram. Thad abriu o capot e ergueu-o um pouco, conferindo ao Suburban o sorriso de um crocodilo morto que parecia ser a versão Gold's da haute couturei automóvel.

- "... mas nunca ninguem soube que ele tivesse magoado um homem honesto..."

Thad tornou a pegar no motor, dando-se conta de que, ao fazê-lo, sangue fresco começara a manchar a ligadura que envolvia a mão ferida. Não havia nada que, neste momento, pudesse fazer quanto a isso.

- "... com a sua dama junto de si, tomou uma posição.....

Thad atirou o motor pela £ltima vez, lançando-o através do para-brisas com um grande estrépito, o que - por muito absurdo que pudesse parecer - Lhe doeu bem fundo no coração.

Thad concluiu que, nesta altura, o Suburban j se assemelhava o sufíciente com os outros carros destruídos para passar despercebido.

Começou a subir pela fila acima. No primeiro cruzamento, virou … direita, dirigindo-se de novo para o portão e para a loja de venda de peças por detr s. Quando entrara a conduzir o carro, Thad vira uma cabina telefónica na parede junto … porta. A meio do caminho, parou de andar e parou de cantar. Empertigou a cabeça. Parecia-se com um homem a esforçar-se para escutar o mais infimo som. Mas aquilo que estava realmente a fazer era a ouvir o seu corpo, a perscrut -lo.

A comichão e o formigueiro haviam desaparecido.

Os pardais tinham desaparecido, e George Stark tambem, pelo menos por enquanto.

Esboçando um leve sorriso, Thad começou a andar mais depressa.

3

Após dois toqões, Thad começou a transpirar. Se Rawlie ainda l estivesse, j deveria ter atendido o telefone.

Afinal de contas, os gabinetes no Edifício de Inglês-Matem tica não eram assim tão grandes. A quem mais poderia ele telefonar? Quem mais é que estaria l ? Thad não conseguia lembrar-se de ninguem.

A meio do terceiro toque, Rawlie atendeu o telefone do seu gabinete.

- Daqui DeLesseps.

Perante o som daquela voz enrouquecida pelo tabaco, Thad fechou os olhos e, por um instante, encostou-se contra o metal frio da parte lateral da loja de peças.

- Est l ?

- Ol , Rawlie. Daqui Thad.

- Ol , Thad. - Rawlie não pareceu muito surpreendido por ouvir a voz dele. - Esqueceste-te de alguma coisa?

- Não. Estou metido em apuros, Rawlie.

- Sim. - Apenas isso e nem uma £nica pergunta.

Rawlie disse a palavra e ficou … espera.

- Sabes aqueles dois... - Thad hesitou por um instante... aqueles dois tipos que estavam comigo?

- Sim - retorquiu Rawlie calmamente. - A escolta polícial.

- Despistei-os - afirmou Thad, olhando de relance por cima do ombro ao ouvir o ruido de um carro a entrar no monte de porcaria que servia de parque de estacionamento para os clientes do Gold's. Por um instante, Thad teve a certeza absoluta de que vira realmente o Plymouth castanho... porém, era um carro qualquer estrangeiro e aquilo que, … primeira vista, ele tomara como castanho era um encarnado-escuro esbatido pela poeira da estrada, e o condutor estava apenas a fazer a curva. - Pelo menos espero tê-los despistado. - Fez uma pausa. Thad chegara ao ponto onde a £nica escolha era saltar ou não saltar, e não havia tempo para atrasar a decisão. No fundo, nem havia sequer uma decisão a ser tomada porque não havia qualquer escolha a fazer. - Preciso de ajuda, Rawlie. Preciso de um carro que eles não conheçam.

Rawlie permaneceu silencioso.

- Disseste que se houvesse alguma coisa que pudesses fazer por mim, era só pedir.

- Estou ciente daquilo que disse - replicou Rawlie numa voz serena. - Também me lembro de te ter dito que se aqueles dois homens andavam atr s de ti com a missão de te protegerem, talvez fosse sensato dar-lhes toda a ajuda possivel. - Fez uma pausa. - Penso que posso inferir que escolheste não seguir o meu conselho.

Thad esteve prestes a dizer: "Não podia, Rawlie. O homem que tem a minha mulher e os nossos bebés limitar-se-ia também a mat -los." Não se tratava do facto de não se atrever a contar a Rawlie o que se estava a passar, de que Rawlie pudesse pensar que ele estava louco se o fizesse", os professores universit rios tem opiniões muito mais flexiveis sobre a

questão da loucura do que a maioria das outras pessoas e, por vezes, não tem sequer uma opinião sobre esse assunto, preferindo ver as pessoas como monótonas (massas), bastante excêntricas (massas) ou muito excêntricas (mas ainda bastante sãs, meu caro). Thad manteve-se calado porque Rawlie DeLesseps era um daqueles homens tão virados para o interior que, provavelmente, não haveria nada que pudesse dizer para o persuadir... e tudo o que pudesse sair daquela boca, provavelmente só iria prejudicar o seu caso. Mas, virado para o interior ou não, o gram tico tinha um bom coração... … sua maneira, era corajoso... e Thad acreditava que Rawlie estava mais do que um bocadinho interessado naquilo que se estava a passar com ele, com a escolta polícial e com o seu peculiar interesse por pardais. No fundo, Thad simplesmente acreditava - ou apenas esperava - que, no seu melhor interesse, era melhor manter-se calado.

Ainda assim, era difícil esperar.

- Est bem - disse Rawlie por fim. - Empresto-te o meu carro, Thad.

Thad fechou os olhos, tendo de esticar os joelhos para impedir que estes dessem de si. Passou a mão pelo pescoço, debaixo do queixo, e esta surgiu h£mida com a transpiração.

- Mas espero que tenhas a decência de pagar todos os consertos se o carro regressar... amolgado - afirmou Rawlie. - Se és um fugitivo da justiça, tenho c as minhas d£vidas que a seguradora pague alguma coisa.

Um fugitivo da justiça? Porque tinha escapado de debaixo das asas dos polícias que não poderiam, de forma alguma, protegê-lo? Thad não sabia se isso o tornava ou não um fugitivo da justiça. Era uma questão interessante sobre a qual teria de ponderar mais tarde. Mais tarde, quando não estivesse meio louco de preocupação e de medo.

- Sabes que o faria.

- Tenho uma outra condição - disse Rawlie.

Thad tornou a fechar os olhos. Desta vez em sinal de frustração.

- Qual é?

- Quando tudo isto acabar, quero saber a história toda - retorquiu Rawlie. - Quero saber porque é que estavas tão interessado em conhecer o significado dos pardais na mitologia e porque ficaste tão branco quando te

contei o que eram os psicopompos e o que é suposto eles fazerem.

- Fiquei branco?

- Como a cal da parede.

- Conto-te a história toda - prometeu Thad, esboçando um leve sorriso. - Talvez até consigas acreditar numa parte.

- Onde é que est s? - perguntou Rawlle.

Thad disse-lhe. E pediu-lhe que viesse o mais rapidamente possível.

Thad desligou o telefone, tornou a atravessar o portão na vedação composta por elos de corrente e sentou-se no para-choques comprido de uma carrinha de escola que, por alguma razão, fora cortada ao meio. Era um bom sitio para esperar, j que esperar era aquilo que tinha de ser feito.

Apesar de estar escondido da estrada, bastava-lhe inclinar-se para a frente para ver a zona suja do parque de estacionamento da loja de peças. Olhou em seu redor, … procura de pardais, mas não viu nenhum: apenas um corvo grande e gordo a debicar, com indiferença, pedaços brilhantes de cromados num dos corredores entre os carros abandonados. A ideia de que terminara a sua segunda conversa com George Stark apenas h pouco mais de meia hora fê-lo sentir-se ligeiramente irreal. Parecia que, desde então, tinham passado horas. Apesar do nível regular de ansiedade em que se encontrava sintonizado, Thad sentia-se sonolento, como se j fosse hora de ir para a cama.

Cerca de quinze minutos após a conversa com Rawlie, aquela sensação de formigueiro e de comichão começou a invadi-lo de novo. Thad cantou aqueles trechos de John Wesley Harding de que ainda se recordava e, após um ou dois minutos, a sensação passou.

"Talvez seja psicossom tico", pensou, embora soubesse que isso não passava de tretas. A sensação era produzida por George a tentar abrir um buraquinho na sua mente e, … medida que Thad foi ficando mais ciente disso, também se tornou mais sensível a ela. Thad supunha que isso também funcionaria ao contr rio. E supunha que, mais cedo ou mais tarde, talvez tivesse de tentar fazer com que isso funcionasse ao contr rio... mas isso significava tentar chamar os p ssaros de novo e não era algo que desejasse por aí alem. E havia também ainda uma outra coisa: a £ltima vez que ele conseguira espreitar para dentro de George Stark, acabara com

um l pis espetado na mão esquerda.

Os minutos passaram com uma terrível lentidão. Após vinte e cinco minutos, Thad começou a temer que Rawlie pudesse ter mudado de ideias e não fosse ter com ele. Deixou o para-choques do autocarro desconjuntado e postou-se junto ao portão, entre o cemitério de automóveis e a zona de estacionamento, sem se importar com que o vissem da estrada. Começou a interrogar-se se não se atreveria a pedir boleia.

Em vez disso, decidiu voltar a ligar para o gabinete de Rawlie, encontrando-se a meio do caminho em direcção ao edifício pré-fabricado de venda de peças quando um carocha poeirento entrou no parque. Thad reconheceu-o de imediato, tendo desatado a correr, pensando, com alguma graça, nas preocupações de seguro de Rawlie. Ele estava convencido que era possível pagar o VW e ainda os danos feitos com a tara de uma caixa de garrafas de gasosa.

Rawlie parou o carro ao lado da extremidade do edifício de venda das peças e saiu. Thad ficou um pouco surpreso ao ver que o cachimbo estava aceso e a deitar umas grandes baforadas daquilo que, numa sala fechada, poderia ser considerado um fumo extremamente desagrad vel.

- Não devias estar a fumar, Rawlie - foi a primeira coisa que lhe veio … cabeça.

- E tu não devias estar a fugir - retorquiu Rawlie de voz séria.

Entreolharam-se por um instante, tendo os dois, de seguida, desatado a rir, um riso de surpresa.

- Como é que vais para casa? - perguntou Thad. Agora que j chegara a este ponto - bastava saltar para dentro do carrinho de Rawlie e seguir a longa e sinuosa estrada até Castle Rock - parecia-lhe não restar mais nada no seu armazém de tópicos de conversa excepto non sequiturs.

- Penso que vou chamar um t xi - respondeu Rawlie, observando as colinas e os vales cintilantes de carros abandonados. - Creio que devem vir até aqui com muita frequência buscar tipos que se juntam aos Grandes Sem Montada.

- Deixa-me dar-te cinco dólares...

Thad tirou a carteira do bolso de tr s, mas Rawlie fez-Lhe sinal com a mão de que não queria.

- Para um professor de Inglês no Verão, estou carregado - disse. - Ora, devo ter mais de quarenta dólares. Até é de admirar que a Billie me deixe andar por aí sem um guarda-costas. - Com um grande prazer, Rawlie puxou uma grande baforada do seu cachimbo, tirou-o da boca e sorriu para Thad. - Mas vou pedir um recibo ao taxista e, na altura devida, dou-te. Não temas porque não me esqueço .

- Ja tinha começado a pensar que não ias aparecer.

- Parei numa loja dos trezentos - disse Rawlie. - Comprei duas coisas que pensei que te deviam fazer falta, Thaddeus. - Debruçou-se para a parte de tr s do carocha (que descaiu nitidamente para a esquerda sobre uma mola que estava partida ou em breve o estaria) e, após algum tempo a rebuscar, a resmungar e a lançar nuvens de poluição, tirou c para fora um saco de papel, que entregou a Thad.

Este olhou l para dentro e viu um par de óculos de sol e um bone de beisebol dos Boston Red Sox, que, felizmente, cobriria na quase totalidade o seu cabelo. Thad olhou para Rawlie, disparatadamente emocionado.

- Muito obrigado, Rawlie.

Rawlie acenou uma mão e lançou a Thad um sorriso matreiro e malícioso.

- Talvez seja eu quem te deva agradecer - disse. - Nos £ltimos meses, tenho andado … procura de uma desculpa para deixar vir ao de cima o velho calhorda de sempre. Os motivos surgiam de vez em quando: o divórcio do meu filho mais novo, a noite em que perdi cinquenta dólares a jogar póquer na casa de Tom Carroll, mas nada parecia ser bastante... sufícientemente apocaliptico.

- Não h duvida alguma de que isto é apocaliptico - retorquiu Thad, estremecendo ligeiramente. Olhou para o relógio. Era quase uma da tarde. Stark tinha, pelo menos, uma hora de vantagem sobre ele, talvez até mais. - Tenho de ir andando, Rawlie.

- Sim. é urgente, não e?

- Temo bem que sim.

- Tenho mais uma outra coisa" enfiei-a no bolso do meu casaco

para não a perder. Esta não veio da loja dos trezentos. Descobri-a na minha secret ria.

Rawlie começou a rebuscar metodicamente os bolsos do velho blusão de xadrez que vestia no Inverno e no Verão.

- Se a luz indicadora do óleo começar a acender, para num sitio qualquer e arranja um frasco de óleo Sapphire - disse ele, ainda … procura. - Isso é que é coisa reciclada.

Ah! Aqui est ! j estava a pensar que, afinal de contas, talvez a tivesse deixado no gabinete.

Do bolso, Rawlie tirou uma peça tubular de cortiça. Tinha mais ou menos o tamanho do dedo indicador de Thad e era oca. Um pequeno entalhe fora gravado numa das pontas. Parecia velho.

- Que é isto? - inquiriu Thad, pegando no objecto quando Rawlie Lho entregou. Mas ele j sabia a resposta, e sentiu um outro bloco da coisa impens vel que andava a planear encaixar no lugar devido.

- • um chamariz para p ssaros - respondeu Rawlie, perscrutando-o por cima da concavidade brilhante do seu cachimbo. - Se achas que ter s oportunidade de o usar, quero que fiques com ele.

- Muito obrigado - retorquiu Thad, colocando o apito dentro do bolso do peito com uma mão que não estava propriamente firme. - Talvez possa vir a ser de alguma ajuda.

Por debaixo da cerca entrelaçada das suas sobrancelhas, os olhos de Rawlie arregalaram-se e este tirou o cachimbo da boca.

- Duvido de que venhas a precisar dele - disse numa voz baixa e hesitante.

- O quê?

- Olha atr s de ti.

Thad virou-se, sabendo aquilo que Rawlie vira antes mesmo de ele próprio ter visto.

Agora, não se viam dezenas de pardais ou até mesmo centenas" os carros e camiões velhos empilhados nos dez acres de terreno do Ferro-Velho Gold's e da venda de peças estavam atapetados de pardais. Estes

encontravam-se por toda a parte... e Thad ouvira a chegada de um só.

Com quatro olhos, os dois homens fitaram os p ssaros.

Os p ssaros devolveram-lhes o olhar com vinte mil... ou talvez quarenta mil olhos. Não fizeram um £nico ruido.

Limitaram-se a ficar empoleirados nos capotó, janelas, tejadiLhos, tubos exaustores, grelhas, blocos de motor, juntas universais e armações.

- Meu Deus - exclamou Rawlie com voz rouca. - Os psicopompos... o que é que isto quer dizer, Thad? O que é que isto quer dizer?

- Creio que só agora é que estou a começar a entender - replicou Thad.

- Meu Deus - repetiu Rawlie, erguendo as mãos por cima da cabeça e dando uma palmada com força. Os pardais não se mexeram. E não tinham qualquer interesse em Rawlie", era só para Thad Beaumont que estavam a olhar.

- Descubram George Stark - ordenou Thad numa voz serena: na verdade, não passava de um sussurro. - George Stark. Descubram-no. Voem!

Numa nuvem negra, os pardais ergueram-se no céu encoberto, com as asas a agitarem-se e a produzir um som que era semelhante a um rel*f*mpago transformado na renda mais fina, as gargantas a chilrearem. Dois homens que se encontravam dentro da loja de peças correram para fora, para verem o que se estava a passar. No céu, o £nico grupo negro inclinou-se e virou-se, tal como o outro grupo mais pequeno fizera, e dirigiu-se para o ocidente.

Thad olhou para cima, para eles, e, por um instante, esta realidade fundiu-se com a visão que marcava o início dos seus estados de transe", por um instante, passado e presente eram um só, entrelaçados num qualquer rabicho estranho e fabuloso.

Os pardais desapareceram.

- Deus Todo-Poderoso! - bramia um homem num fato-macaco de mec*f*nico cinzento. - Viram aqueles p ssaros? De onde é que todos aqueles malditos p ssaros vieram?

- Tenho uma pergunta melhor - disse Rawlie, a olhar para Thad. Tinha de novo o dominio sobre si mesmo, mas era evidente que este fora

fortemente abalado. - Para onde é que eles vão? Sabes, não sabes, Thad?

- Sim, é claro que sei - murmurou Thad enquanto abriu a porta do VW. - Também eu tenho de ir, Rawlie"

tenho mesmo de ir. Ficar-te-ei eternamente grato.

- Tem cuidado, Thaddeus. Tem muito cuidado. Nenhum homem controla os agentes da vida depois da morte.

Não por muito tempo" e h sempre um preço a pagar.

- Terei todo o cuidado que puder.

A dura alavanca das mudanças do VW protestou mas, por fim, cedeu e deixou entrar uma mudança. Thad fez uma pausa sufícientemente grande para colocar os óculos de sol e o bone de beisebol, acenando de seguida a mão para Rawlie e arrancou.

Ao virar para a Estrada 2, viu Rawlie a caminhar penosamente até a mesma cabina telefónica que ele próprio utilizara, tendo pensado: "Agora, TENHO de manter Stark fora disto. Porque agora tenho um segredo. Talvez não consiga controlar os psicopompos, mas, por breves momentos, sou, pelo menos, aquele que os possui - ou são eles que me possuem - e ele não pode saber disso."

Thad meteu a segunda e o Volkswagen de Rawlie DeLesseps começou a tremer ao entrar no reino vastamente inexplorado da velocidade acima dos sessenta quilómetros por hora.

Vinte e Três

DUAS CHAMADAS PARA O XERIFE PANGBORN

1

A primeira das duas chamadas que lançaram Alan Pangborn de novo para o meio da história surgiu pouco passava das três horas, enquanto Thad estava a deitar três quartos de óleo Sapphire Motor no sedento Volkswagen de Rawlie numa estação de serviço de Augusta. O próprio Alan estava a caminho do Nan's para ir tomar um café.

Sheila Brigham deitou a cabeça fora do gabinetezinho e gritou:

- Alan? Chamada a pagar no destinat rio para si. Conhece alguem chamado Hugh Pritchard?

Alan deu imediatamente meia volta.

- Sim! Atenda a chamada!

Alan voltou a entrar rapidamente no escritório e pegou no telefone, ainda a tempo de ouvir Sheila a aceitar os custos da chamada.

- Doutor Pritchard? Doutor Pritchard, est aí?

- Sim, estou aqui. - A ligação estava bastante boa, mas, ainda assim, Alan teve um momento de hesitação: este homem não soava ter setenta anos. Quarenta, talvez, mas não setenta.

- O senhor é o doutor Hugh Pritchard que costumava exercer a sua profissão em Bergenfield, Nova Jersia?

- Bergenfield, Tenafly, Hackensack, Englewood, Englewood Heightó... raios, examinei cabeças todo o caminho até Paterson. O senhor é o xerife Pangborn que tem tentado entrar em contacto comigo? Eu e a minha mulher est vamos muito longe e tínhamos ido até Devil's Knob. Acabamos de chegar. até as minhas dores estão com dores.

- Sim, peço desculpa. Quero agradecer-lhe por me ter telefonado, doutor. O senhor tem uma voz muito mais jovem do que eu esperava.

- Bem, nada mal - replicou Pritchard - mas devia ver o resto da minha pessoa. Assemelho-me a um crocodilo que anda em duas pernas. Em que Lhe posso ser £til?

Alan j reflectira sobre esta hipotética pergunta, tendo optado por uma abordagem cuidadosa. Assim, segurou o telefone entre o ouvido e o ombro, recostou-se para tr s na cadeira e o desfile de animais-sombra na parede teve início.

- Ando a investigar um crime que ocorreu aqui no munícípio de Castle, no Maine - explicou. - A vitima era um homem da terra chamado Homer Gamache. Talvez exista uma testemunha que tenha presênciado o crime, mas eu encontro-me numa situação muito delicada com esse homem, doutor Pritchard. E isso por duas razões: em primeiro lugar, ele é famoso" em segundo, apresenta sintomas com os quais, em tempos, o senhor esteve familiarizado.

Digo isto porque o senhor operou-o h vinte e oito anos atr s. Tinha um tumor cerebral. Temo que o tumor tenha reaparecido e, assim, o seu testemunho pode não ser muito credível.

- Thaddeus Beaumont - interrompeu Pritchard de imediato. - E quaisquer que sejam os sintomas que apresenta, tenho c as minhas sérias d£vidas de que se trate de uma recorrência daquele tumor antigo.

- Como é que sabia que se tratava de Beaumont?

- Porque em mil novecentos e sessenta Lhe salvei a vida - retorquiu Pritchard, acrescentando com uma arrogƒncia inconsciente: - Se não fosse eu, ele não teria escrito um £nico livro porque, antes mesmo de fazer doze anos, j estaria morto. Desde que esteve prestes a ganhar aquele National Book Award com o primeiro romance, tenho seguido a carreira dele com algum interesse. Dei uma vista de olhos fotografia na capa e apercebi-me de que era o mesmo tipo. O rosto mudara mas os olhos continuavam os mesmos. Olhos invulgares. Sonhadores, era assim que os classificaria. E, est claro, sabia que ele vivia no Maine por causa do artigo recente na revista People. O artigo foi publicado mesmo antes de irmos para férias.

Pritchard fez uma pausa momentƒnea, acabando por afirmar algo tão extraordin rio e, ainda assim, de uma forma tão casual, que, por um instante, Alan não encontrou qualquer resposta.

- O senhor diz que ele pode ter presênciado um homicídio? Tem a certeza absoluta que não suspeita mesmo que tenha sido ele quem o cometeu?

- Bem. . . eu. . .

- Estava só a indagar - prosseguiu Pritchard - porque, geralmente, as pessoas com tumores cerebrais fazem coisas muito estranhas. A estranheza dos seus actos parece aumentar em proporção directa com a inteligência do homem ou mulher atacados por este mal. Mas, o senhor sabe, o rapaz não tinha nenhum tumor cerebral" pelo menos não na acepção geralmente aceite do termo. Foi um caso invulgar.

Extremamente invulgar. Desde mil novecentos e sessenta só soube da existência de três casos semelhantes, dois dos quais depois de me ter reformado. Ele j foi fazer os testes neurológicos habituais?

- Sim.

- E?

- Deram negativo.

- Não me surpreende. - Por alguns instantes, Pritchard manteve-se silêncioso, acabando por dizer de seguida: - Est a ser menos do que honesto comigo, não est , meu rapaz?

Alan parou de fazer animais na sombra, sentando-se muito direito na cadeira.

- Sim, creio que sim. Mas desejo muito saber o que e que o senhor queria dizer quando afirmou que Thad Beaumont não tinha um tumor cerebral na "acepção geralmente aceite do termo". Estou ciente da regra da confidêncialidade na relação médico-paciente e não sei se o senhor pode confiar num homem com quem est a falar pela primeira vez (e, ainda por cima, ao telefone), mas espero que acredite em mim se eu Lhe disser que, neste caso, estou do lado de Thad. Tenho ainda a certeza que seria o desejo de Thad que o senhor me contasse tudo aquilo que quero saber.

E não tenho tempo para Lhe pedir para ele telefonar ao senhor e Lhe dar autorização, doutor. Preciso de saber agora.

E Alan ficou surpreso ao aperceber-se de que isto era verdade" ou que, pelo menos, acreditava ser verdade. Uma certa tensão bizarra começara a apoderar-se de Alan, umasensação de que as coisas estavam a acontecer. Coisas de que ele não tinha conhecimento... mas que em breve teria.

- Não tenho quaisquer problemas em Lhe contar o caso - retorquiu Pritchard calmamente. - Em muitas ocasiões, j pensei que deveria entrar em contacto com o próprio Beaumont, nem que fosse só para Lhe contar aquilo que se passou no hospital pouco tempo depois de ele ter sido operado. Sempre pensei que deveria ter algum interesse para ele.

- E que foi que aconteceu?

- Garanto-lhe que j l chegaremos. Não contei aos pais dele aquilo que a operação dera a conhecer porque não interessava (não num sentido pr tico) e não queria ter mais nada a ver com eles. Sobretudo com o pai dele. Aquele homem deveria ter nascido numa gruta e passado a vida inteira a caçar mamutes peludos. Naquela altura, decidi contar-lhes aquilo que eles queriam ouvir e afastar-me deles o mais depressa possível. Depois, como é óbvio, o próprio tempo tornou-se um facto. Uma pessoa perde o contacto com os doentes. Quando a Helga me mostrou aquele primeiro livro, pensei em escrever-lhe e, desde então, tenho considerado essa hipótese em diversas ocasiões, mas tenho também a sensação de que ele não acreditaria em mim... ou não se interessaria... ou que podia pensar que eu era um louco idiota. Apesar de não conhecer nenhuma pessoa famosa, tenho pena delas" creio que devem ter de levar uma existência defensiva, desorganizada e assustadora.

Pareceu-me mais f cil deixar as coisas como estavam. E agora isto. Como os meus netos costumam dizer, foi uma m experiência.

- Que h de errado com Thad? Que foi que o levou até ao senhor?

- Transes. Dores de cabeça. Sons fantasmagóricos.

E, por £ltimo...

- Sons fantasmagóricos?

- Sim, mas, xerife, tem de me deixar contar as coisas … minha maneira. - Mais uma vez, Alan escutou aquela arrog*f*ncia inconsciente na voz do homem.

- Muito bem.

- Por £ltimo, houve um ataque. Os problemas estavam todos a ser causados por um pequeno tumor no lobo pré-frontal.

Operamo-lo, partindo do principio de que era um tumor. Afinal de

contas, este acabou por ser o gémeo de Thad Beaumont.

- O quê!?

- Sim, é um facto - retorquiu Pritchard, dando a sensação de que o choque genuino que a voz de Alan deixava transparecer Lhe agradava bastante. - Isso não é totalmente invulgar: muitas vezes, os gémeos são absorvidos in utero e, em casos raros, a absorção é incompleta. Contudo, a localização era invulgar, tal como o foi o crescimento repentino do tecido estranho. A maior parte das vezes, esse tipo de tecido permanece sempre inerte. Creio que os problemas de Thad podem ter sido causados pelo início precoce da puberdade.

- Um momento - interrompeu Alan. - Espere aí um momento. - Por uma ou duas vezes, Alan lera a expressão "a sua mente girou … volta" em livros, mas esta era a primeira vez que ele próprio experimentava uma sensação dessa natureza.

- O senhor est a querer-me dizer que Thad tinha um gémeo mas que... de alguma forma... de alguma forma ele comeu o irmão?

- Ou irmã - corrigiu Pritchard. - Mas creio bem que devia ser um irmão porque penso que a absorção é muito mais rara nos casos de gémeos de sexo diferente. Não é um facto comprovado mas baseia-se na frequência estatistica e eu acredito nisso. E dado que os gémeos idênticos são sempre do mesmo sexo, a resposta … sua pergunta é sim. Penso que o feto que Thad Beaumont foi em tempos comeu o irmão no £tero da mãe.

- Meu Deus - murmurou Alan em voz baixa, não se recordando de alguma vez ter ouvido uma coisa tão horrivel, ou tão estranha, em toda a sua vida.

- O senhor parece chocado - disse o Dr. Pritchard animadamente - mas, de facto, não h razão para tal.

uma vez inserido o assunto no contexto devido. Não estamos a falar de Caim a revoltar-se e a matar Abel com uma pedra. Não se tratou de um acto de homícídio" foi apenas algum imperativo biológico, que nós não compreendemos!

que acabou por funcionar. Talvez um mau sinal, desencadeado por algo no sistema endócrino da mãe. Em termos exactos, não estamos sequer a falar em fetos" na altura da absorção, deviam existir duas formações de tecido no £tero da senhora Beaumont, provavelmente ainda nem

sequer humanóides. Se quiser, anfibios vivos. E um deles, o maior, o mais forte, pura e simplesmente atacou o mais fraco, envolveu-o. . . e incorporou-o.

- Soa a uma coisa de insectos - sussurrou Alan.

- Acha? Admito que sim, um pouco. De qualquer modo, a absorção não foi completa. Um restinho do outro gémeo manteve a sua integridade. Essa matéria estranha (não consigo pensar numa outra forma de o dizer) acabou por ficar emaranhada no tecido que se tornou o cérebro de Thaddeus Beaumont. E, por uma dada razão, começou a ficar activa não muito tempo depois de o rapaz fazer onze anos. Começou a crescer. Não havia espaço na estalagem.

Consequentemente, era necess rio extirp -la como se de uma verruga se tratasse. Foi o que fizemos e com muito êxito.

- Como uma verruga - repetiu Alan, enjoado e fascinado.

Todo o género de ideias atravessavam o seu espírito.

Eram ideias sombrias, tão sombrias como morcegos num campan rio de igreja vazio. Apenas uma era totalmente coerente: "Ele e dois homens, ele SEMPRE foi dois homens.• isso que qualquer homem ou mulher que ganha a vida a inventar histórias deve ser. Aquele que existe no mundo normal... e aquele que cria mundos. Eles são dois.

Sempre, pelo menos, dois."

- Por muito que acontecesse, nunca me esqueceria de um caso tão invulgar - prosseguia Pritchard - mas antes mesmo de o rapaz acordar, aconteceu uma outra coisa possivelmente ainda mais invulgar. Algo que sempre me intrigou.

- Que foi isso?

- O jovem Beaumont ouvia p ssaros antes de cada uma das dores de cabeça - explicou Pritchard. - Em si só não se trata de algo invulgar" trata-se de uma ocorrência bem documentada nos casos de tumores cerebrais ou de epilepsia. Chama-se a "sindroma do precursor sensorial".

Contudo, pouco tempo depois da operação, ocorreu um incidente estranho com p ssaros verdadeiros. O hospital do M£nícipio de Bergenfield foi, na verdade, atacado por pardais.

- Que é que quer dizer com isso?

- Parece absurdo, não parece? - Pritchard parecia estar bastante satisfeito consigo próprio. - Nem se trata do género de coisa que eu chegaria sequer a contar. No entanto, foi um acontecimento extremamente bem documentado.

Apareceu até um artigo sobre isso na primeira p gina do jornal de Bergenfield, o Courier, com uma fotografia.

Exactamente …s duas da tarde de vinte e oito de Outubro de mil novecentos e sessenta um bando extremamente grande de pardais voou contra a ala oeste do hospital do m£nicípio. Essa era a ala onde, naquele tempo, estava a Unidade de Cuidados Intensivos e, est claro, era onde o jovem Beaumont se encontrava após a operação.

"In£meras janelas ficaram partidas e, após o incidente, as mulheres da limpeza varreram mais de trezentos p ssaros mortos. Se bem me lembro, o artigo do courier citava um ornitólogo que afirmava que a ala oeste do edifício era praticamente toda feita de vidro e punha a hipótese de que os p ssaros pudessem ter sido atraídos pela luz clara do sol reflectida no vidro.

- Isso é de loucos - replicou Alan. - Os p ssaros só voam de encontro ao vidro quando não o conseguem ver.

- Creio que o jornalista que conduzia a entrevista referiu esse facto mas o ornitólogo afirmou que os p ssaros em bando parecem partilhar entre si de uma telepatia de grupo que une as suas mentes (se é que se pode dizer que os p ssaros tem mentes) numa só. Um pouco como as formigas.

Disse que se um dos p ssaros do bando decidisse esbarrar contra o vidro, o resto limitar-se-ia a segui-lo. Quando aquilo aconteceu, não me encontrava no hospital" tinha acabado de operar o Beaumont, certificara-me de que os vitais estavam estabilizados...

- Vitais?

- Os sinais vitais, xerife. Depois, fui jogar golfe.

Mas, pelo que me contaram, aqueles p ssaros pregaram um susto de morte a todos os que se encontravam na Ala Hirschfield.

Duas pessoas ficaram cortadas com estilhaços de vidro. Eu até podia ter aceite a teoria do ornitólogo mas ela não me entrava na cabeça... porque, como sabe, eu conhecia o precursor sensorial do jovem Beaumont.

Não eram apenas p ssaros mas uns p ssaros específicos: pardais.

- Os pardais estão a voar de novo - sussurrou Alan numa voz ausente e horrorizada.

- Desculpe?

- Nada. Continue.

- Um dia depois, perguntei-lhe sobre os sintomas. Por vezes, após uma operação que extirpa a causa dos precursores sensoriais, o doente sofre de uma amnésia localizada quanto a esses mesmos precursores. No entanto, neste caso, não foi o que aconteceu. Ele lembrava-se de tudo nos mais infimos pormenores. Ele via os p ssaros tão bem quanto os ouvia. P ssaros por todo o lado, dizia ele, em todas as casas e relvados e ruas de Ridgeway, que era a zona de Bergenfield onde vivia.

"Fiquei sufícientemente interessado para verificar os gr ficos dele e compar -los com os relatos do incidente.

O bando de pardais atacou o hospital cerca das duas e cinco. O rapaz acordou …s duas e dez. Talvez até um pouco mais cedo. - Pritchard fez uma pausa, acabando por acrescentar: - Na verdade, uma das enfermeiras dos cuidados intensivos disse ter impressão de que fora o som de vidros partidos que o acordara.

- Meu Deus - disse Alan de forma branda.

- Sim - retorquiu Pritchard. - Meu Deus est bem.

Ha anos que não falo neste assunto, xerife Pangborn. Ser que Lhe é de alguma ajuda?

- Não sei - respondeu Alan com honestidade. - Talvez.

Doutor Pritchard, talvez o senhor não tenha tirado tudo, isto e, se não o fez, talvez tenha voltado a crescer de novo.

- O senhor disse que ele fez testes. Um deles foi uma TAC?

- Sim.

- E, como é óbvio, tirou radiografias.

- Sim, sim.

- Se esses testes deram negativo, é porque não h nada para ver. Quanto a mim, penso que tiramos realmente tudo.

- Muito obrigado, doutor Pritchard. - Pangborn estava com uma certa dificuldade em formar palavras", os l bios pareciam dormentes e estranhos.

- Quando tudo estiver resolvido, ser que me pode contar aquilo que aconteceu mais em pormenor, xerife? Fui muito franco com o senhor e este parece ser um pequeno favor a pedir em retribuição. Estou muito curioso.

- Se puder, assim o farei.

- • tudo o que peço. Agora, vou deix -lo voltar para seu trabalho e eu vou voltar para as minhas férias.

- Espero que o senhor e a sua esposa estejam a passar um bom tempo.

Pritchard suspirou.

- Na minha idade, tenho de me esforçar cada vez mais para passar apenas um momento sofrivel, xerife. Antigamente, ador vamos fazer campismo mas creio que, para o próximo ano, iremos ficar em casa.

- Bem, agradeço-lhe muito ter-se dado ao trabalho de responder … minha chamada.

- De nada. Sabe, xerife Pangborn, tenho saudades do meu trabalho. Não da mística da cirurgia, nunca me importei com isso, mas do misté'rio. O mistério da mente. Isso era extremamente excitante.

- Imagino que sim - concordou Alan, pensando que seria um homem muito feliz se, neste preciso momento, houvesse um pouco menos de mistério mental na sua vida. - Entrarei em contacto com o senhor se e quando as coisas... se esclarecerem.

- Muito obrigado, xerife. - Fez uma pausa e depois acrescentou: - Este é um assunto de grande preocupação para o senhor, não é?

- Sim. é, sim, senhor.

- Lembro-me que o rapaz era encantador. Assustadiço, mas encantador. Que género de homem é ele agora?

- Um bom homem, penso eu - respondeu Alan. - Talvez um pouco frio, talvez um pouco distante, mas, no fundo, um bom homem. - E repetiu: - Penso eu.

- Muito obrigado. Vou deix -lo em paz para tratar dos seus assuntos. Adeus, xerife Pangborn.

Ouviu-se um estalido na linha e, lentamente, Alan colocou o auscultador no descanso. Recostou-se para tr s na cadeira, dobrou as mãos geis e fez um grande p ssaro preto bater lentamente as asas ao atravessar o remendo de sol na parede do escritório. Veio-lhe … cabeça uma fala do Feiticeiro de o£l, que não parou de ressoar no seu espírito: "Eu acredito realmente em fantasmas, eu acredito realmente em fantasmas, eu acredito, acredito, acredito, realmente em fantasmas!" Fora o Leão Cobarde que o dissera, não fora?

A questão era saber em que é que ele acreditava.

Para Alan, era mais f cil pensar nas coisas em que não acreditava. Alan não acreditava que Thad Beaumont tivesse assassinado quem quer que fosse. Também não acreditava que Thad tivesse escrito aquela frase criptica na parede de ninguem.

Nesse caso, como é que l fora parar?

• Muito simples. O velho doutor Pritchard apanhara um avião em Fort Laramie em direcção ao leste, matara Frede rick Clawson, escrevera "OS PARDAIS ESTŽo A VOAR e DE NOVO" na parede deste £ltimo, em Washington, apanhara um outro avião para Nova Iorque, abrira a fechadura de Miriam Cowley com o seu bisturi favorito e fizera-lhe a mesma coisa. Operava-os porque tinha saudades do mistério da cirurgia.

Não, est claro que não. Mas Pritchard não era o £nico que sabia da existência do - como é que ele o chamara? - precursor sensorial de Thad. Era um facto que não aparecera na revista People, mas...

"Est s a esquecer-te das impressões digitais e das impressões vocais. Est s a esquecer-te da afirmação serena e assertiva de Thad e de Liz de que George Stark é real, de que este est disposto a cometer assassinios de forma a MANTER-SE real. E, neste momento, est s a esforçar-te ao m ximo para não investigares o facto de estares a começar a acreditar que talvez tudo isto possa ser verdade. Disseste-lhes que era de loucos acreditar não apenas num fantasma vingador mas, ainda por cima, no fantasma de um homem que nunca existiu. Mas talvez os escritores CONVIDEM fantasmas" juntamente com os actores e artistas, eles constituem os £nicos médiuns totalmente aceites da nossa sociedade.

Inventam mundos que nunca existiram, povoam-nos com pessoas que nunca existiram e, depois, convidam-nos a juntarmo-nos a eles nas suas fantasias.

E é isso que fazemos, não é? Sim. Nós PAGAMOS para o fazer."

Alan apertou as mãos com força, esticou os dedos rosados e, de seguida, lançou um p ssaro muito mais pequeno a voar através da parede banhada pelo sol. Um pardal.

"Não é possível explicar os pardais que atacaram o Hospital do M£nicípio de Bergenfield h quase trinta anos, tal como não é possível explicar o facto de dois homens poderem ter as mesmas impressões digitais e vocais. Mas, agora j sabes que Thad Beaumont partilhou o £tero com uma outra pessoa. Com um estranho."

Hugh Pritchard mencionara o início precoce da puberdade.

Subitamente, Alan Pangborn deu por si a perguntar-se se o crescimento daquele tecido estranho não coincidiria com outracoisa.

Perguntou-se se não teria começado a crescer na mesma altura que Thad Beaumont se iníciara na literatura.

2

O intercom£nicador na sua secret ria soou, assustando-o.

Era Sheila de novo.

- O Fuzzy Martin na linha um, Alan. Ele quer falar consigo.

- O Fuzzy? Mas que raio é que ele quer?

- Não sei. Não me quis dizer.

- Meu Deus - replicou Alan. - Era só o que me faltava hoje.

Fuzzy possuia uma vasta porção de terreno l para os lados da Estrada Secund ria 2, a cerca de sete quilómetros de Castle Lake. Em tempos, a quinta Martin fora uma florescente leitaria, mas isso acontecera na época em que Fuzzy' era ainda conhecido pelo nome de baptismo, Albert, e conseguia ainda segurar a garrafa de uisque e não o contr rio. Os filhos estavam crescidos, a mulher abandonara-o h dez anos considerando-o um caso perdido e, agora, Fuzzy dirigia sozinho mais de vinte e sete acres de campos que, lenta mas regularmente, iam voltando ao seu estado selvagem.

No lado oeste da propriedade, por onde a Estrada Secund ria 2 entrava por ali adentro em direcção ao lago, erguiam-se a casa e o celeiro. Este £ltimo, que outrora albergara quarenta vacas, era um edifício gigantesco, com o telhado agora bastante inclinado para tr s, a pintura a estalar e a maioria das janelas tapadas com quadrados de caixotes de cartão. h mais de quatro anos que Alan e Trevor Hartland, os chefes do Departamento de Bombeiros de Castle Rock, se encontravam … espera que a casa Martin, o r celeiro Martin ou ambos pegassem fogo.

- Quer que lhe diga que não est ? - perguntou Sheila.

- O Clut acabou de chegar. Podia passar-lhe a chamada.

Por um instante, Alan ponderou nesta hipótese, acabando por suspirar e abanar a cabeça.

- Eu falo com ele, Sheila. Obrigado.

Alan pegou no auscultador e susteve-o entre o ouvido e o ombro.

- Chefe Pangborn?

- Sim, é o xerife que est a falar.

- Daqui Fuzzy Martin, na N£mero Dois. Talvez tenha um problema aqui, chefe.

- Ah, sim? - Alan puxou o segundo telefone na secret ria para junto dele. Este era a linha directa para os outros gabinetes no Edifício M£nícipal. A ponta do dedo patinou em redor do botão quadrado com o n£mero 4 gravado.

Bastava-lhe levantar o auscultador e carregar no botão para falar com Trevor Hartland. - E que tipo de problema é esse?

- Bem, chefe, que eu seja cego, surdo e mudo se sei ao certo. Se fosse um carro que conhecesse, chamaria a isso o Grande Roubo do Carro. Mas não era. Nunca o tinha visto em toda a minha vida. Mas, ainda assim, saiu de dentro do meu celeiro.

Alan empurrou o telefone que ligava aos outros gabinetes para o lugar habitual. Deus ajudava os loucos e os bêbedos - um facto que Alan aprendera nos seus muitos anos de trabalho na Polícia - e parecia que, apesar do h bito de Fuzzy em lançar beatas acesas de cigarro aqui, ali e por onde quer que passasse sempre que se encontrava bêbedo, a casa e o celeiro ainda se mantinham de pé. "Agora, a £nica coisa que posso fazer",

pensou Alan, "• ficar muito bem sentadinho enquanto ele desbobina o problema, seja ele qual for. Depois, vou concluir - ou tentar concluir - se o problema faz parte do mundo real ou se est apenas dentro daquilo que ainda resta da cabeça do Fuzzy."

Alan deu por si com as mãos a voarem em forma de pardal através da parede, fazendo-as parar.

- Que carro foi esse que saiu de dentro do teu celeiro, Albert? - perguntou Alan pacientemente. Quase toda a gente na Rock (incluindo o proprio) o tratava por Albert Fuzzy, e mesmo o próprio Alan poderia tentar fazê-lo depois de estar na vila mais outros dez anos. Ou talvez vinte.

- J Lhe disse que nunca o tinha visto antes - retorquiu Fuzzy Martin, num tom que deixava transparecer com tanta clareza as palavras "oh, seu grande idiota" que mais valia ele tê-las dito. - Por isso é que Lhe estou a telefonar, chefe. Um dos meus é que não era de certeza.

Por fim, começou a formar-se uma imagem no espirito de Alan. Com a partida das vacas, dos filhos e da esposa, Fuzzy Martin não precisava assim tanto de dinheiro - quando herdara a terra do pai, esta passou para ele sem quaisquer encargos, excepto os impostos. Todo o dinheiro a que Fuzzy conseguia deitar a mão provinha das fontes mais estranhas. De facto, Alan acreditava, tinha praticamente a certeza, de que todos os dois meses ou coisa assim, um fardo ou dois de marijuana iam fazer companhia … palha na parte de cima do celeiro de Fuzzy, e esse era apenas um dos esquemazitos deste £ltimo. De vez em quando, Alan pensava que devia fazer um esforço a sério para prender Fuzzy por posse de droga com intenção de venda, mas tinha as suas sérias d£vidas de que Fuzzy chegasse a fumar o material, quanto mais a ter miolos suficientes para o vender.

O mais prov vel é que, de tempos a tempos, ganhasse cem ou duzentos dólares a arranjar espaço para guardar o material. e mesmo numa cidadezinha como Castle Rock, havia coisas mais importantes a fazer do que prender bêbados por arrecadarem erva. Um dos outros servicos de armazenamento de Fuzzy - este, pelo menos, legal - era guardar carros no celeiro para os veraneantes. Quando Alan chegou … cidade, o celeiro de Fuzzy era um parque de estacionamento habitual.

Era possível entrar-se l dentro e ver até quinze carros - a

maioria dos quais carros de Verão pertencentes a pessoas que tinham casas junto ao lago - arrumados onde as vacas costumavam passar os Invernos. Fuzzy deitara abaixo as divisórias para construir nesse espaço uma grande garagem, onde os carros de Verão ficavam guardados durante os longos meses de Outono e Inverno na doce penumbra do cheiro a palha, com as superfícies brilhantes embotadas pela queda regular de palha velha do andar de cima, e estacionados para-choques contra para-choques e lado contra lado. Com o decorrer dos anos, o negocio da garagem de carros de Fuzzy decaira radicalmente. Alan estava convencido que o h bito descuidado de fumar de Fuzzy se espalhara pela vila, tendo deitado tudo a perder. Ninguem deseja perder o carro no incêndio de um celeiro, mesmo quando se trata de uma carripana antiga que ainda se utiliza de vez em quando para fazer recados quando o Verão chega. A ultima vez que fora … quinta de Fuzzy, Alan vira apenas dois carros no celeiro: o T-Bird de 59 - um carro que seria um classico se não tivesse tanta ferrugem e não estivesse tão maltratado - de Ossie Brannigan, e a velha carrinha Ford Woody de Thad Beaumont.

Thad de novo. Hoje, parecia que todas as estradas iam dar de volta a Thad Beaumont.

Alan empertigou-se na cadeira, puxando inconscientemente o telefone para mais junto de si.

- Não seria o velho Ford de Thad Beaumont? - perguntou de seguida a Fuzzy. - De certeza?

- Claro que tenho a certeza. Não era nenhum Ford e, raios me partam, mas também não era nenhuma carrinha Woody. Era um Toronado preto.

Uma outra chama acendeu-se na mente de Alan... mas este não tinha bem a certeza do motivo. Alguem Lhe contara algo sobre um Toronado preto, e h bem pouco tempo.

Pangborn não se conseguia recordar de quem fora ou quando tinha sido, pelo menos não agora... mas acabaria pOr lhe vir … cabeça.

- Eu estava por acaso na cozinha, a arranjar para mim uma limonada bem fresquinha - prosseguia Fuzzy - quando vi aquele carro a sair do celeiro, em marcha atr s.

A primeira coisa em que pensei foi que não tinha guardado nenhum carro como aquele. A segunda coisa em que pensei foi como é que, antes de mais nada, alguem tinha conseguido l entrar, quando existe um grande aloquete Kreig na porta do celeiro e eu tenho preso no meu anel a £nica chave que o abre.

- e as pessoas que tem os carros guardados l dentro?

Elas não têm chaves?

- Não senhor! - Fuzzy pareceu extremamente ofendido apenas com a ideia em si.

- Por acaso não fixaste o n£mero da matrícula, pois não?

- Pode ter bem a certeza que a fixei! - gritou Fuzy. - Então não tenho o maldito binóculo Jee£ly aqui no parapeito da janela da cozinha?!

Alan, que estivera no celeiro acompanhado por Trevor Hartland em visitas de inspecção mas nunca na cozinha de Fuzzy (e, muito obrigado, mas não pretendia fazer uma visita desse tipo tão brevemente), retorquiu:

- Ah, sim. O binóculo. Tinha-me esquecido dele.

- Pois eu não! - retorquiu Fuzzi com uma ferocidade alegre. - Tem aí um l pis?

- Claro que sim, Albert.

- Chefe, porque é que não me chama apenas Fuzzy, como todas as pessoas?

Alan suspirou.

- Muito bem, Fuzzy. e j que estamos nisto, porque é que não me chamas apenas xerife?

- O que quiser. Agora, quer o n£mero da matrícula?

- Desembucha.

- Em primeiro lugar, era uma matrícula do Mississipi - explicou Fuzzy com um certo tom de triunfo na voz.

- Que raio é que me diz a isto?

Alan não sabia muito bem o que dizer a isso... só sabia que uma

terceira chama se acendera algures na sua cabesa, esta ainda mais intensa do que as outras. Um Toronado. E o Mississipi. Havia alguma coisa sobre o Mississipi.

E uma cidade. Oxford? Seria Oxford? Como aquela a duas vilas de dist*f*ncia daqui?

- Não sei - respondeu Alan. De seguida, suponho que era aquilo que Fuzzy queria ouvir, afirmou: - Parece bastante suspeito.

- e tem toda a razão! - exultou Fuzzy, acabando por pigarrear e adoptar uma voz grave, como se estivesse a fazer um negócio. - Muito bem. Matricula seis, dois, dois, oito, quatro do Mississipi. Apanhou, chefe?

- Seis, dois, dois, oito, quatro.

- Seis, dois, dois, oito, quatro, e bem pode levar isto para o maldito banco. Suspeito! Nem diga mais! Foi exactamente isso que eu pensei! Jesus comeu uma lata de feijões!

Perante a imagem de Jesus a engasgar-se com uma lata de feijões Alan teve de cobrir o bocal por um outro breve instante.

- Então - perguntou Fuzzy - diga-me l que acções é que vai tomar?

"Vou tentar acabar esta conversa com a minha sanidade intacta,,, pensou Alan. "Essa é a primeira coisa que vou fazer. e vou tentar lembrar-me de quem foi que referiu..."

Foi então que Lhe veio tudo … cabeça, num lampejo de esplendor frio que fez os braços ficarem cobertos de pele de galinha e a pele na parte de tr s do pescoço ficar tão esticada e retesada quanto um tambor.

Ao telefone com Thad. Não muito tempo depois de o psicopata ter telefonado do apartamento de Miriam Cowley. Na noite em que a febre homícida começara verdadeiramente.

Ela ouvira Thad dizer: "Ele mudou-se de New Hamphshire para Oxford, no Mississipi com a mãe... perdeu toda a pron£ncia do Sul excepto um £nico traço."

Que mais contara Thad quando descrevera George Stark ao telefone?

"–ltima coisa: talvez esteja a guiar um Toronado preto.

Não sei de que ano. De qualquer forma, é um dos antigos que deitava imenso fumo por debaixo da capota. Preto.

• possível que a matrícula seja do Mississipi mas também é prov vel que a tenha trocado."

- Penso que deve ter andado bastante ocupado para ter tempo para fazer isso - murmurou Alan. A pele de galinha cobria ainda todo o seu corpo, com os seus milhares de pézinhos.

- Que foi que disse, chefe?

- Nada, Albert. Estava a falar sozinho.

- A minha mãe costumava dizer que isso significava que se ia ganhar algum dinheiro. Talvez também eu deva começar a fazer isso.

Subitamente, Alan lembrou-se de que Thad acrescentara algo mais - um pormenor final.

- Albert...

- Chame-me Fuzzy, chefe. j Lhe disse.

- Fuzzy, o carro que viste tinha algum autocolante no p ra-choques? Talvez tenhas notado...

- Como é que sabe uma coisa dessas? Tem algum interesse por esse motor, chefe? - perguntou Fuzzy, ansioso.

- Deixa l as perguntas, Fuzzy. Trata-se de um assunto de polícia. Conseguiste ver o que dizia?

- Est claro que sim - respondeu Fuzzy Martin. - "FILHO DA MãE PRESUNçOSO", era o que dizia. Acredita numa coisa destas?

Lentamente, Alan Pangborn desligou o telefone, acreditando naquilo, mas dizendo para si mesmo que isso nada provava, nada mesmo... excepto talvez que Thad Beaumont estava com os pirolitos trocados. Seria totalmente est£pido pensar que aquilo que Fuzzy vira provava que alguma coisa... bem, alguma coisa sobrenatural, na falta de melhor palavra... se estava a passar.

Pensou então nas impressões vocais e nas impressões digitais, pensou nas centenas de p ssaros a chocarem contra as janelas do Hospital do M£nícipio de Bergenfield County e, por fim, foi totalmente subjugado por um ataque de arrepios intensos que durou praticamente um minuto

inteiro.

3

Alan Pangborn não era um cobarde nem um provinciano superstícioso que se benzia na presença de corvos, mantinha as gr vidas longe de leite fresco por temer que elas o azedassem.

Não era um pacóvio do campo" não era susceptível …s lisonjas dos finórios da cidade que queriam vender pontes famosas por um preço barato." Alan Pangborn não nascera ontem.

Acreditava nas explicações lógicas e razo veis. Assim, esperou que o ataque de arrepios passasse e, de seguida, puxou o Rolodexl para diante de si e encontrou o n£mero de telefone de Thad. Com uma graça forçada, verificou que o n£mero no cartão e o n£mero que tinha na cabeça condiziam. Aparentemente, o eminente "tipo escritor" de Castle Rock ficara arraigado na sua cabeça com bastante mais firmeza - pelo menos uma certa parte - do que Alan imaginara.

Tinha de ser Thad quem estava naquele carro. Se se eliminar a parte maluca, que outra alternativa é que se tem?

Ele descreveu-o. Como é que se chamava aquele concurso antigo da r dio? "Diga o Nome e é Seu".

O Hospital do M£nícipio de Bergenfield fora, de facto, atacado por pardais.

E havia outras perguntas" demasiadas perguntas.

Thad e a familia estavam a ser protegidos pela Polícia Estadual do Maine. Se tivessem decidido fazer as malas e fossem até ali passar o fim-de-semana, os rapazes da Pol‹cia deviam ter-lhe dado uma telefonadela" em parte para o avisarem, em parte como um gesto de cortesia. Mas a polícia estadual teria tentado dissuadir Thad de fazer essa viagem, agora que, l em Ludlow, a vigil*f*ncia de protecção se transformara um pouco numa rotina. Mas se a viagem tivesse sido decidida num impulso, os esforços para fazerem Thad mudar de ideias deveriam ter sido ainda mais persistentes.

Depois havia aquilo que Fuzzy não vira - nomeadamente, o carro ou carros de protecção que teriam sido atribuidos aos Beaumont se, de qualquer modo, eles tivessem decidido levar a viagem avante... como o podiam muito u bem ter feito" afinal de contas, eles não eram

prisioneiros. "Geralmente, as pessoas com tumores cerebrais fazem coisas muito estranhas."

Se se tratava do Toronado de Thad, e se este se deslocara … quinta do Fuzzy para o ir buscar, e se tivesse ido sozinho, isso levava a uma conclusão que Alan considerava ser muito desagrad vel porque ele até gostava de Thad. Era a seguinte: que ele se livrara deliberadamente tanto da familia como dos protectores.

"Ainda assim, se foi esse o caso, a polícia estadual devia ter-me telefonado. Deviam ter lançado um aviso pois sabiam perfeitamente que este era um dos sítios prov veis para onde ele deveria vir."

Alan marcou o n£mero de telefone dos Beaumont. ao primeiro toque, foi atendido. Uma voz que não conhecia veio ao telefone. O que era o mesmo que dizer que era uma voz … qual sabia atribuir um nome. Que estava a falar com um agente de polícia foi algo que descobriu logo … primeira sílaba.

- Estou? Daqui residência dos Beaumont.

Cauteloso. Pronto a introduzir uma resma de perguntas na pausa seguinte se, por acaso, a voz fosse a correcta... ou a errada.

"Que foi que aconteceu?" interrogou-se Pangborn, e logo de seguida: "Eles estão mortos. Quem quer que ande por aí matou toda a familia, com a mesma rapidez, facilidade e crueldade que mostrou com os outros. A protecção, os interrogatórios, o equipamento de localização das chamadas...

tudo isso para nada.,, Ao responder, nem um só sinal destes pensamentos transpareceu na sua voz.

- Daqui Alan Pangborn - disse energicamente. - O xerife do m£nícipio de Castle. Estou a telefonar para falar com Thad Beaumont. Posso saber com quem estou a falar?

Seguiu-se uma pausa, após a qual a voz respondeu:

- Daqui Steve Harrison, xerife. Polícia Estadual do Maine. Ia agora mesmo telefonar-lhe. j o devia ter feito h pelo menos uma hora atr s. Mas, aqui, as coisas... aqui.

as coisas estão todas de pernas para o ar. Posso saber porque e que telefonou?

Sem um intervalo para pensar - isso teria certamente alterado a sua resposta - Alan mentiu. Fê-lo sem se perguntar a si próprio porque é que o teria feito. Isso viria mais tarde.

- Telefonei para saber como estava o Thad - respondeu. - J passou algum tempo e queria saber como é que iam as coisas. Presumo que tenha havido problemas.

- Problemas tão grandes que nem vai acreditar - retorquiu Harrison de forma severa. - Dois dos meus homens morreram. Temos a certeza absoluta de que foi Beaumont.

Temos a certeza absoluta de que foi Beaumont.

A estranheza dos seus actos parece aumentar em proporção directa com a inteligência do homem ou mulher atacados por este mal.

Alan teve a sensação que um certo deja vu estava não apenas a insinuar-se na sua mente mas também a marchar sobre todo o seu corpo como um exército invasor. Thad, ia tudo sempre dar a Thad. Era óbvio. Era inteligente, era peculiar e, de acordo com o que o próprio admitira, estava a evidênciar sintomas que sugeriam um tumor cerebral.

"Mas, o senhor sabe, o rapaz não tinha nenhum tumor cerebral."

"Se esses testes deram negativo, é porque não h nada para ver."

"Esquece o tumor. • nos pardais que queres pensar neste preciso momento - porque os pardais estão a voar de novo."

- Que foi que aconteceu?

- Ele praticamente cortou Tom Chatterton e Jack Eddings em postas, foi isso que aconteceu! - gritou Harrison, espantando Alan com a intensidade da sua raiva. - Levou a familia com ele e eu quero aquele filho da mãe!

- Que foi... como é que ele fugiu?

- Não tenho tempo para entrar nesses pormenores - replicou Harrison. - • uma história terrível, xerife. Ele estava a guiar um Chevrolet Suburban vermelho e cinzento, uma maldita baleia sobre rodas, mas c para nós ele desfez-se dele e arranjou um outro carro. Ele tem uma casa de Verão ai. Conhece o local e o traçado da casa, não conhece?

- Sim - respondeu Alan, com a cabeça a cem … hora.

Olhou para o relógio e viu que passava cerca de um minuto das três e quarenta. Horas. No fundo, ia tudo dar …s horas. E foi então que se deu conta de que não perguntara a Martin Fuzzy que horas eram quando ele vira o Toronado a sair do celeiro. Naquela altura, não parecera importante. Agora j parecia. - A que horas é que o perderam, agente Harrison?

Alan teve a sensação de conseguir sentir Harrison a deitar fumo com essa pergunta mas, quando este respondeu, fê-lo sem raiva e sem estar na defensiva.

- Por volta do meio-dia e meia. Deve ter levado algum tempo a trocar de carro, se foi isso que fez, e depois dirigiu-se para a casa dele em Ludlow...

- Onde é que ele estava quando o perderam? Estava muito distante da casa dele?

- Xerife, teria todo o gosto em responder a todas as suas perguntas, mas não temos tempo. O facto é que, se ele se dirigiu para a casa que tem aí (parece improv vel mas o tipo é maluco, portanto nunca se sabe), ainda não pode ter chegado, mas estar aí muito em breve. Ele e a maldita família. Seria muito agrad vel se o senhor e dois dos seus homens estivessem presentes para Lhes dar as boas-vindas. Se alguma coisa acontecer, basta chamar Henry Payton por r dio na esquadra da Polícia Estadual de Oxford e enviaremos mais reforços do que alguma vez viu em toda a sua vida. Não tente prendê-lo sozinho sob nenhuma circunst*f*ncia. Estamos a partir do princípio de que a mulher foi feita refém, se é que j não est morta, e o mesmo acontece com os mi£dos.

- Sim, ele teria de ter levado a mulher a força se realmente matou os agentes em serviço, não era? - Alan concordou e deu por si a pensar: "Mas, se pudesses, contar-Lhes-ia tudo, não era? Porque j decidiste o que vais fazer e não vais fazer nenhuma concessão. Raios, homem, nem sequer vais pensar, de forma racional ou de outra forma, até o sangue secar nas veias dos teus amigos."

Havia d£zias de perguntas que gostaria de fazer, e as respostas a essas primeiras dariam provavelmente azo a outras quatro d£zias. Mas, num ponto, Harrison tinha razão.

Não havia tempo a perder.

Por um instante, Alan hesitou, desejando ansiosamente perguntar a Harrison sobre a coisa mais importante de todas, desejando fazer a pergunta do jackpot: tinha Harrison a certeza de que Thad teria tido tempo para voltar a casa, matar os homens que estavam a vigi -la e fugir com a familia, tudo isto antes da chegada dos primeiros reforços? Porém, fazer essa pergunta seria tocar na ferida com que, neste preciso momento, esse tal de Harrison se estava a debater, porque, subjacente a essa questão, estava aquela condenação censuradora e irrefut vel: "Vocês perderam-no. De alguma forma, vocês perderam-no. Tinham um trabalho a cumprir e lixaram tudo."

- Posso confiar em si, xerife? - inquiriu Harrison, e agora a sua voz não parecia zangada mas apenas cansada e devastada, e a compaixão de Alan foi ao seu encontro.

- Sim. Vou mandar cobrir o lugar de polícias imediatamente.

- Ÿptimo. e vai manter-se em contacto com a Central de Oxford?

- Sem d£vida. Henry Payton é um amigo.

- Xerife, Beaumont é perigoso. Extremamente perigoso. Se ele aparecer por aí, tenha cuidado.

- Terei.

- e mantenha-me informado. - Harrison desligou o telefone sem se despedir.

4

O seu espirito - pelo menos naquela parte que se preocupava com o protocolo - despertou e começou a colocar uma série de questões... ou a tentar. Alan concluiu que não havia tempo a perder com o protocolo. Sob nenhuma das suas formas. Iria simplesmente manter todos os circuitos possiveis abertos e ir em frente. Alan tinha a sensação de que as coisas haviam chegado ao ponto em que alguns desses circuitos começariam, em breve, a fechar-se sobre si mesmos de acordo com a própria vontade.

"Pelo menos chama alguns dos teus homens."

Mas Alan considerava que também isso ele ainda não estava preparado para fazer. Norris Ridgewick, aquele que teria preferido. tinha o seu dia de folga e ausentara-se da cidade. John LaPointe estava ainda

acamado devido a uma intoxicação. Seat Thomas estava de patrulha. Andy Clutterbuck estava l , mas Clut era um noviço e este era um trabalho complicado e sujo.

Teria de fazer o trabalho sozinho, pelo menos por enquanto.

"Est s louco!", berrou o protocolo na mente dele.

- Talvez esteja a chegar a esse ponto - retorquiu Alan em voz alta. Procurou o n£mero de Albert Martin na agenda e telefonou-lhe para fazer todas as perguntas que deveria ter feito logo da primeira vez.

5

- A que horas é que viste o Toronado a sair do teu celeiro em marcha atr s, Fuzzy? - perguntou quando Martin atendeu o telefone, tendo pensado: "Ele não sabe. Raios, tenho séerias d£vidas de que ele saiba sequer ver as horas.

Mas Fuzzy provou de imediato que Pangborn era um mentiroso.

- Passava uma merdinha de nada das três, chefe. - De seguida, após uma pausa ponderada: - DeSculpe l o meu francés.

- Mas só telefonaste …s... - Alan passou os olhos pela folha do dia, onde apontara a chamada de Fuzzy sem sequer se dar ao trabalho de pensar nela. - …s três e trinta e oito.

- Tive de pensar no assunto - explicou Fuzzy. - Um homem deve sempre olhar antes de saltar, chefe. Pelo menos e assim que vejo as coisas. Antes de Lhe telefonar, desci até ao celeiro para ver se a pessoa que tinha levado o carro estava a preparar mais alguma por l .

"A preparar mais alguma", pensou Alan, perplexo. "J que l estavas, foste mas foi provavelmente verificar o fardo de erva que estava no sotão, não foi, Fuzzy?"

- e estava?

- Estava a quê?

- A preparar mais alguma.

- Não me parece.

- Em que condições é que estava a fechadura?

- Aberta - respondeu Fuzzy com vigor.

- Forçada?

- Não. Apenas segura pelo ferrolho com o braço aberto.

- Achas que usaram chave?

- Não sei de onde é que a chave poderia ter vindo.

Acho que o tipo a deve ter aberto com uma gazua.

- Ele estava sozinho no carro? - inquiriu Alan.

- Tens a certeza?

Fuzzy fez uma pausa, reflectindo.

- Não tenho a certeza absoluta - disse por fim. - Sei em que é que est a pensar, chefe" se eu fui capaz de fixar a matrícula e ler aquele autocolante espertinho na traseira do carro, devia ser capaz de dizer quantos tipos é que estavam l dentro. Mas o sol estava a bater nos vidros e, de qualquer forma, também me quer parecer que não eram vidros normais. Acho que tinham uma ligeira tonalidade. Não muita mas um niquito.

- Muito bem, Fuzzy. Obrigado. Vou verificar tudo isso.

- Bem, ele foi-se embora daqui - disse Fuzzy, acrescentando num lampejo brilhante de dedução: - Mas tem de estar em algum lado.

- Não tenhas d£vidas - replicou Alan. Prometeu contar a Fuzzy "em que é que aquilo iria dar" e desligou o telefone, afastando-o para longe de si na secret ria. De seguida olhou para o relógio.

"Três", dissera Fuzzy. "Passava uma merdinha de nada das três, desculpe l o meu francês."

Na falta de uma viagem de foguetão, Alan estava convencido que não havia forma nenhuma de Thad ir de Ludlow a Castle Rock em três horas, sobretudo quando teria ainda de fazer uma viagem de volta até sua casa - uma viagenzinha durante a qual, acidentalmente, raptara a mulher e os filhos e matara dois agentes estaduais. Talvez conseguisse se tivesse vindo directo de Ludlow, mas vir de um outro lugar qualquer, parar em Ludlow e, depois, chegar a Castle Rock a tempo para abrir uma fechadura com uma gazua e ir-se embora num Toronado que, por mero acaso, tinha convenientemente escondido no celeiro de Martin Fuzzy? Nem pensar. Mas, e supondo que uma outra pessoa tivesse morto os agentes na casa

dos Beaumont e levado a familia de Thad? Alguem que não tivesse de andar para aí a tentar despistar a escolta polícial, a trocar de carros e a fazer viagens de ida e volta? Alguem que se limitara a enfiar Liz Beaumont e os gémeos num carro e partira para Castle Rock?

Alan acreditava que eles podiam ter chegado ali a tempo e a horas para Fuzzy Martin os ver pouco depois das três da tarde.

Podiam perfeitamente ter conseguido isso se fosse preciso andar na esgalha.

A polícia - leia-se o agente estadual Harrison, pelo menos para j - pensava que tinha de ser Thad" contudo, Harrison e os seus compadres não sabiam nada sobre o To ronado.

Matrícula do Mississipi, dissera Fuzzy.

De acordo com a biografia fictícia do homem criada por Thad, Mississipé era o estado natal de George Stark. Se Thad era sufícientemente esquizofrénico para pensar que era Stark, pelo menos durante uma parte do tempo, podia muito bem ter arranjado para si próprio um Toronado preto para aumentar a ilusão, ou fantasia, ou o que quer que fosse... mas, para conseguir arranjar a matricula, teria não só de ter visitado o Mississipi como ainda de provar que l residia.

"Isso é uma estupidez. Ele podia muito bem ter roubado uma matricula do Mississipi. Ou comprado uma antiga. Fuzzy não disse nada quanto ao ano da matricula - de qualquer forma, talvez não conseguisse ver isso de onde estava, nem mesmo com o binóculo."

Mas não se tratava do carro de Thad. Não podia ser Liz saberia, não saberia?

"Talvez não. Se ele é sufícientemente maluco, talvez não."

Depois havia a porta fechada … chave. Como é que Thad teria conseguido entrar no celeiro sem forçar a fechadura? Ele era um escritor e um professor, não um arrombador.

"Uma chave dupla", murmurou o espirito de Alan, embora este não estivesse muito convencido disso. Se Fuzzy guardava realmente, de vez em quando, uma espécie esquisita de tabaco, Alan tinha a certeza de que ele seria suficientemente cuidadoso para não deixar as chaves espalhadas por aí, por muito descuidado que

fosse com as beatas dos cigarros.

E, uma £ltima pergunta - o assassino: como é que Fuzzy não vira aquele Toronado preto antes, se este se encontrava guardado no seu celeiro desde sempre? Como é que isso podia ser?

"Tenta o seguinte", sussurrou uma voz na parte de tr s do seu espirito enquanto Alan pegava no chapéu e deixava o gabinete. "Alan, esta é uma ideia bastante engraçada.

Vais rir-te. Vais rir-te a bandeiras despregadas. Suponhamos que Thad Beaumont esteve sempre certo desde o inicio?

Suponhamos que existe mesmo um monstro chamado George Stark … solta por aí... e os elementos da sua vida os elementos que Thad criou, passam a existir sempre que ele precisa deles? SEMPRE que precisa deles mas nem sempre ONDE precisa deles. Porque eles acabam sempre por aparecer nos locais relacionados com a vida primeira do seu criador. Deste modo, Stark teria de ir buscar o carro … garagem onde Thad guarda o dele, tal como teve de começar a partir do cemitério onde, simbolicamente, Thad o enterrou. Não achas isto maravilhoso? Não é de gritos?"

Alan não achava nada daquilo maravilhoso nem de gritos.

Nem sequer era remotamente engraçado. Lançava um risco ameaçador não apenas sobre tudo aquilo em que acreditava mas também sobre o modo como fora ensinado a pensar.

Alan deu por si a recordar-se de algo que Thad dissera.

"Quando escrevo, não sei quem sou eu." Não eram bem essas palavras mas estava l próximo. "E o que é mais espantoso ainda é que só agora me dei conta disso."

- Tu eras ele, não eras? - perguntou Alan de forma branda. - Tu eras ele e ele eras tu e foi assim que o assassino cresceu, e a história começou.

Alan foi percorrido por um arrepio e Sheila Brigham levantou os olhos da m quina de escrever sobre a sua secret ria a tempo de ver.

- Est muito calor para isso, Alan. Deve estar a chocar uma gripe.

- A chocar alguma coisa, creio eu - respondeu Alan.

- Mantenha-se atenta ao telefone, Sheila. Todas as coisas pequenas que surgirem passe para o Seat Thomas. Todas as coisas grandes para mim. Onde est o Clut?

- Estou aqui! - A voz de Clut veio do interior dos lavabos.

- Espero estar de volta daqui a cerca de quarenta e cinco minutos! - gritou-lhe Alan. - Fica a tomar conta disto até eu voltar!

- Aonde é que vai, Alan? - Clut saiu da casa de banho dos homens, a meter a camisa cor de caqui para dentro das calças.

- Ao lago - respondeu Alan de modo vago, saindo antes de Clut ou Sheila terem tempo de fazer mais perguntas...

ou antes que ele próprio tivesse tempo de pensar naquilo que estava a fazer. Ir-se embora sem um destino predeterminado numa situação como esta era uma péssima ideia. Era estar … espera de mais do que apenas sarilhos"

era estar … espera de ser morto.

Mas aquilo em que ele estava a pensar.

("os pardais estão a voar de novo")

não podia, pura e simplesmente, ser verdade. Não podia.

Tinha de existir uma explicação mais razo vel.

Alan estava ainda a tentar convencer-se deste facto quando conduziu o carro-patrulha para fora da vila, rumo ao pior sarilho da sua vida.

Existia uma rea de serviço na Estrada 5, a cerca de quinhentos metros de dist*f*ncia da propriedade de Fuzzy Martin. Alan virou o carro e entrou nessa zona, seguindo algo que era um misto de palpite e de capricho. A parte do palpite era bastante simples: com ou sem Toronado preto, eles não podiam ter vindo de Ludlow até ali num tapete m gico. Tinham de ter vindo num carro. O que significava que deveria haver um carro abandonado algures por aí.

O homem de quem ele andava atr s abandonara a carrinha de Homer Gamache numa zona de estacionamento na berma da estrada quando por l passara, e o que um criminoso faz uma vez, torna a fazer de novo.

Alan podia ver três veículos estacionados no parque: um camião de cerveja, um Ford Escort novo e um Volvo coberto de poeira da estrada.

Ao sair do carro-patrulha, um homem num fato-macaco verde saiu da casa de banho dos homens e dirigiu-se para a cabina do camião de cerveja. Era baixo, de cabelo escuro e ombros estreitos. Não era George Stark.

- Senhor guarda - disse ele, cumprimentando Alan ao de leve. Este acenou a cabeça e caminhou em direcção ao local onde se encontravam três senhoras mais idosas, sentadas numa das mesas de piquenique, a beber café de um termo e a falar.

- Ol , senhor guarda - interpelou uma delas. - Podemos ser-lhe £til em alguma coisa? - "Ou ser que fizemos algo de errado?" perguntaram os olhos momentaneamente ansiosos.

- Só queria saber se o Ford e o Volvo ali estacionados pertencem a alguma das senhoras - explicou Alan.

- O Ford é meu - retorquiu uma segunda. - Viemos todas nesse carro. Não sei nada quanto a esse Volvo. • por causa daquela coisa do autocolante? Aquela porcaria do autocolante caiu de novo? • suposto o meu filho tomar conta disso mas ele é tão esquecido! Com quarenta e três anos de idade, e eu ainda tenho de lembrar que...

- Não h problema nenhum com o seu autocolante, minha senhora - respondeu Alan, tentando dar o seu melhor sorriso - O Polícia é Seu Amigo. - Nenhuma das senhoras viu por acaso o Volvo a entrar aqui para dentro, pois não?

As três abanaram a cabeça.

- Nos £ltimos minutos, viram alguem que possa ser o dono do carro?

- Não - respondeu a terceira senhora, que o fitou com uns olhinhos vivos de gerbo. - Anda na peugada, senhor guarda?

- Desculpe?

- Isto é, se anda atr s de algum criminoso.

- Oh - exclamou Alan, sentindo um instante de irrealidade. O que é que ele estava exactamente a fazer ali? O que é que estava exactamente … espera de encontrar ali? - Não, minha senhora. é que eu gosto de Volvos. -

Meu Deus, como ele soava a inteligente. Soava precisamente a... um maldito... presunçoso.

- Ah! - exclamou a primeira senhora. - Bem, não vimos ninguem. Gostaria de tomar café, senhor guarda? Creio que temos precisamente o sufíciente para uma ch vena.

- Não, muito obrigado - respondeu Alan. - Tenham um bom dia, minhas senhoras.

- O senhor também, senhor guarda - responderam as três em coro, numa sintonia quase perfeita, que fez com que Alan se sentisse mais irreal do que nunca.

Alan voltou a caminhar em direcção ao Volvo. Tentou abrir a porta do lado do condutor. Esta abriu. O interior do carro transmitia a sensação de um sotão abafado. h j algum tempo que ali estava parado. Alan olhou para o banco de tr s e viu um pacotezinho, um pouco maior do que um pacote de adoçante, no chão. Debruçou-se por entre os assentos e apanhou-o.

HANDI-WIPEt, dizia o pacote, e Pangborn teve a sensação de que alguem deixara cair uma bola de bowling no est“mago.

"Não quer dizer nada", ergueu-se de imediato a voz do Protocolo e da Razão. "Pelo menos, não necessariamente. Sei em que é que est s a pensar: est s a pensar em bebés. Mas, Alan, pelo amor de Deus, eles dão estas coisas nas tendas … beira da estrada que vendem frango."

Ainda assim...

Alan enfiou o Handi-Wipe num dos bolsos da camisa da farda e saiu do carro. Estava prestes a fechar a porta quando se debruçou de novo para dentro do carro. Tentou olhar para debaixo do tablier mas não conseguia fazê-lo de pé. Teve de p“r-se de joelhos.

Alguem deixou cair uma outra bola de bowling. Alan soltou um som abafado - o som de um homem a quem tinham batido com força.

Os fios de ignição estavam suspensos, com o isolamento de cobre afastado e ligeiramente retorcido. O nó, sabia Alan, era justificado pelo facto de os fios terem sido retorcidos em conjunto. O Volvo pegara por meio de ligação directa e, pelo aspecto, fora uma ligação directa muito eficaz.

O condutor agarrara nos fios acima dos arames nus e separara-os de novo para parar o motor quando aqui tinham estacionado o carro.

Então, sempre era verdade... pelo menos uma parte.

A grande questão era saber que parte. Alan começava a sentir-se como um homem cada vez mais próximo de uma queda potêncialmente fatal.

Regressou ao carro-patrulha, ligou-o e tirou o microfone do suporte.

"Qual é verdade?" sussurram o Protocolo e a Razão.

Meu Deus, que voz tão irritante. "Que alguem se encontra na casa do lago dos Beaumont? Sim, isso até pode ser verdade.

Que alguem chamado George Stark saíra de marcha atr s com o Toronado preto do celeiro de Fuzzy Martin?

V l, Alan."

Dois pensamentos atravessaram a sua mente quase de imediato. O primeiro foi que, se ele contactasse Henry Payton na Esquadra da Polícia Estadual em Oxford, tal como Harrison Lhe pedira para fazer, podia nunca vir a saber como tudo aquilo acabara. Lake Lane, onde se situava a casa de Verão dos Beaumont, era um beco sem saída.

A Polícia Estadual ordenar-lhe-ia que não se aproximasse da casa sozinho - não um agente sozinho, não quando eles suspeitavam que o homem que tinha Liz e os gémeos presos era culpado de, pelo menos, doze mortes. Eles iriam querer que ele bloqueasse a estrada e nada mais enquanto enviavam uma frota de carros-patrulha, talvez até um helicóptero, e, tanto quanto Alan sabia, alguns contratorpedeiros e aviões de caça.

O segundo pensamento foi sobre Stark.

Eles não estavam a pensar em Stark" eles nem sequer sabiam da existência de Stark.

- Mas, e se Stark for real?

Se fosse esse o caso, Alan estava prestes a concluir que enviar um grupo de agentes estaduais que não conheciam nada de Lake Lane seria como mandar carne para canhão.

Alan p“s o microfone de volta no suporte. Ele iria até l , e iria até l sozinho. Talvez estivesse enganado, provavelmente estava, mas era isso que faria. Alan conseguia viver com o pensamento da sua própria estupidez." Deus sabia que j tinha feito isso anteriormente. No entanto, não conseguiria viver com a possibilidade de ter causado as mortes de uma mulher e de dois bebés por causa de uma chamada por r dio para pedir reforços sem conhecer a verdadeira natureza da situação.

Alan conduziu o carro para fora da rea de serviço e dirigiu-se para Lake Lane.

Vinte e Quatro

A CHEGADA

A caminho, Thad evitou a auto-estrada com portagem (Stark ordenara a Liz para seguir por essa direcção, ganhando assim meia hora de avanço), tendo por isso de ir por Lewiston-Auburn ou por Oxford. L. A., como aqueles que de l eram oriundos chamavam, era uma rea metropolitana muito maior... mas a Esquadra Polícial Estadual era em Oxford.

Thad escolheu Lewiston-Auburn.

Encontrava-se … espera num sem foro em Auburn e a olhar constantemente pelo retrovisor no caso de surgirem carros da Polícia quando a ideia que começara por domin -lo enquanto falava com Rawlie na sucata de automóveis tornou a apanh -lo de surpresa. Desta vez não era apenas uma comichãozita" era algo como um murro forte dado com o punho aberto.

"Eu sou aquele que sabe. Eu sou aquele que possui. Eu sou aquele que traz."

"Estamos a lidar aqui com magia", pensou Thad, "e qualquer m gico digno desse nome tem de ter uma varinha m gica. Toda a gente sabe isso. Felizmente, sei onde é que se pode comprar um artigo desse género. Onde, na verdade, eles são vendidos …s d£zias."

A papelaria mais próxima situava-se em Court Street, tendo Thad feito um desvio nessa direcção. Estava certo de que tinha alguns l pis Berol Black Beauty na casa em Castle Rock, e tinha também a certeza de que Stark levara a sua própria provisão, mas não era esses que queria. Os l pis que queria eram aqueles em que Stark nunca tocara, tanto como parte de Thad como entidade separada.

Cerca de meio quarteirão abaixo da papelaria, Thad encontrou um lugar para estacionar o carro, desligou o motor do VW de Rawlie (desligou-se lentamente, com uma respiração ofegante e diversas engasgadelas), e saiu. Sabia bem afastar-se do fantasma do cachimbo do Rawlie e ir para o ar livre por algum tempo.

Na papelaria, Thad comprou uma caixa de l pis Berol Black Beauty. O empregado disse-lhe para estar … vontade quando Thad Lhe perguntou se poderia utilizar o apara-l pis fixo na parede. Thad usou-o

para afiar seis dos Berols, que colocou no bolso do peito, forrando-o de um lado ao outro.

As pontas ficaram viradas para cima como as ogivas de pequenos misseis mortíferos.

"Abracadabra e j est !", pensou. "Que começem os festejos."

Thad encaminhou-se para o carro de Rawlie, entrou e, por um breve instante, deixou-se ficar sentado, a transpirar no calor e a cantar baixinho John Wesley Harding. Quase todas as palavras tinham vindo … memória. Era verdadeiramente espantoso aquilo que a mente humana podia fazer sob pressão.

"Isto pode ser muito perigoso", pensou, acabando por chegar … conclusão que, se fosse só por ele, nem se importava muito com isso. Afinal de contas, fora ele quem trouxera George Stark para o mundo, e supunha que isso o tornava respons vel por este £ltimo. Não parecia ser muito justo" Thad não acreditava ter criado George com m intenção. Apesar daquilo que podia estar a acontecer … muLher e aos filhos, não se conseguia ver a si próprio como qualquer um daqueles médicos abomin veis, os Drs. Jekylle Frankenstein. Ele não se propusera a escrever uma série de romances que Lhe dariam uma grande quantia de dinheiro e, certamente não se propusera a criar um monstro. Limitara-se a tentar encontrar uma solução que o levasse a contornar o rochedo que caira no seu caminho. Limitara-se a querer descobrir uma forma de escrever uma outra história boa, porque isso fazia-o feliz.

Em vez disso, apanhara uma espécie de doença sobrenatural. e existiam doenças, imensas mesmo, que se aloJavam no corpo de pessoas que nada tinham feito para as merecer - coisas engraçadas como a paralisia cerebral, a distrofia muscular, a epilepsia, a doença de Alzheimer - e, uma vez apanhadas, uma pessoa tinha de se haver com elas. Como é que se chamava aquele antigo concurso de r dio? "Diga o Nome e é Seu"?

Isto pode ser muito perigoso para a Liz e para os mi£dos, ainda que, insistia o seu espirito, fosse um perigo bastante razo vel.

Sim. Uma operação … cabeça podia também ser perigosa...

mas se uma pessoa tinha um tumor a crescer nesse local, que outra opção tinha?

"Ele vai estar a olhar. A espreitar. Os l pis são bons"

ele pode até ficar lisonjeado. Mas se pressentir aquilo que planeias fazer com os l pis, ou se descobre alguma coisa quanto ao chamariz para p ssaros... se adivinha alguma coisa sobre os pardais... raios, se adivinha sequer que h alguma coisa para adivinhar... est s metido em muito maus lençóis."

"Mas pode resultar", sussurrou uma outra parte do seu espirito. "Raios te partam, tu sabes que pode resultar."

Sim, sabia. e porque a parte mais rec"ndita da sua mente insistia que não havia realmente mais nada a fazer ou a tentar, Thad ligou o VW e encaminhou-o em direcção a Castle Rock.

Quinze minutos mais tarde, deixara Auburn para tr s e estava de novo no campo, rumando a Oeste, em direcção … região dos lagos.

2

Nos £ltimos sessenta e cinco quilómetros da viagem, Stark falou com regularidade sobre M quina de Aço, o livro em que ele e Thad iriam colaborar. Ajudou Liz com os bebés - deixando sempre uma mão livre e sufícientemente próxima da pistola enfiada no cinto para a manter em respeito - quando esta abriu a porta da casa de Verão com a chave e os deixou entrar. Liz tinha esperanças de encontrar carros estacionados em, pelo menos, algumas das entradas das casas que ladeavam o caminho para Lake Lane, ou de ouvir os sons de vozes ou de serras eléctricas, mas tivera de contentar-se com o zumbido sonolento de insectos e o ronco surdo e forte produzido pelo motor do Toronado. Parecia que o filho da mãe tinha a sorte do próprio diabo.

Durante todo o tempo em que estiveram a descarregar as coisas e a lev -las para dentro de casa, Stark continuou a falar. Não parou sequer enquanto utilizava a navalha para destruir todas as fichas do telefone, excepto uma. e o livro prometia. e isso é que era, na verdade, o mais horrível de tudo. Efectivamente, o livro tinha qualidade. Prometia um êxito semelhante a A Vontade de Machine - talvez até maior.

- Tenho de ir … casa de banho - disse ela, depois de a bagagem estar toda dentro de casa, interrompendo-o a meio da sua lengalenga.

- Muito bem - replicou ele calmamente, virando-se para olhar para ela. Uma vez chegados a casa, ele tirara os óculos-de-sol e, neste momento, Liz teve de virar o rosto para o lado para se desviar dele.

Aquele olhar fixo, ofuscante e mutilado, era superior …s suas forças. - Vou contigO.

- Quando faço as minhas necessidades, gosto de um pouco de privacidade. Tu não?

- De certa forma, tanto se me d como se me deu - respondeu Stark com uma jovialidade serena. Este era o estado de espirito em que se encontrava desde que tinham saído da auto-estrada em Gates Falls: Stark possuia o ar inequívoco de um homem que sabe que as coisas vão correr bem.

- Mas a mim não - replicou Liz, como se estivesse a falar com uma criança particularmente obtusa. Sentiu os dedos enroscarem-se em forma de garras. Na sua mente arrancava, de um momento para o outro, aqueles globos oculares arregalados das cavidades frouxas... e quando correu o risco de olhar para ele e se Lhe deparou um rosto divertido, Liz apercebeu-se de que ele sabia em que é que ela estava a pensar e como é que se estava a sentir.

- Fico … entrada da porta - disse com uma humildade escarnecedora. - Prometo que vou ser um bom menino Não vou espreitar.

Os bebés andavam atarefados a gatinhar pelo tapete da sala de estar. Estavam contentes, palradores e cheios de genica.

Pareciam encantados por se encontrarem ali, onde só tinham estado uma £nica vez, durante um fim-de-semana comprido de Inverno.

- Não os podemos deixar sozinhos - disse Liz. - A casa de banho pertence ao quarto principal. Se os deixarmos aqui, vão meter-se em sarilhos.

- Tudo bem, Beth - replicou Stark, levantando-os do chão sem qualquer esforço, um debaixo de cada braço.

Ainda esta manhã, Liz estava convencida de que, se alguém, que não ela ou Thad, tentasse fazer uma coisa desse género, William e Wendy desatariam aos berros. Contudo, quando Stark fez isso, os dois soltaram umas risadinhas alegres como se fosse a coisa mais engraçada do mundo.

- Vou lev -los para o quarto, e ficarei a tomar conta deles no teu lugar. - Stark virou e fitou-a com frieza moment*f*nea. - Também eu vou

ficar de olho neles. Não quero que nada Lhes aconteça, Beth. Gosto deles. Se alguma coisa lhes acontecer, não ser por culpa minha.

Liz foi até a casa de banho e Stark permaneceu junto a porta, de costas viradas para ela tal como prometera, a observar os gémeos. ao levantar a saia, baixar as cuecas e sentar-se na retrete, Liz rezou para que ele fosse um homem de palavra. Não seria o fim do mundo se ele se virasse e a visse agachada na retrete... mas se visse a tesoura de costura presa dentro da roupa interior, talvez pudesse vir a ser o fim do mundo.

E, como habitualmente, sempre que estava muito aflita, abexiga aguentou-se teimosamente. "V l , v l ", pensou ela com um misto de medo e irritação. "Que é que se passa, achas que vamos ganhar juros com esta coisa?"

Finalmente. Que alívio.

- Mas quando eles tentam sair do celeiro - estava Stark a dizer - Machine deita fogo … gasolina que, durante a noite, eles tinham despejado na vala em redor. Não vai ser o m ximo? e também vai ter um filme, Beth" os idiotas que fazem filmes adoram incêndios.

Liz usou o papel higiénico e, com extremo cuidado, puxou as cuecas para cima. Enquanto compunha a roupa, não descolando os olhos das costas de Stark, só rezava para que ele não se virasse. Não o fez. Stark estava profundamente absorvido pela própria história.

- Westerman e Jack Rangely esquivam-se l para dentro, planeando usar o carro para passarem exactamente pelo meio do fogo. Mas Ellington entra em p*f*nico e...

Subitamente, Stark calou-se, com a cabeça empertigada para um lado. De seguida, virou-se para ela, enquanto Liz endireitava a camisa.

- Fora! - ordenou abruptamente, sem mais nenhum vestígio da boa disposição de h pouco. - Sai j daí!

- Mas...

Com uma força brutal, Stark agarrou no braco dela e, aos safanões, empurrou-a para dentro do quarto. Dirigiu-se para a casa de banho e abriu o arm rio dos remédios.

- Temos companhia, e é muito cedo para ser Thad.

- Eu não...

- O motor de um carro - disse ele rapidamente. - Um motor forte. Pode ser um carro da Polícia. Est s a ouvir?

Com um estrondo, Stark fechou a porta do arm rio dos remédios e, com uma sacudidela, abriu a gaveta … direita do lavatório. Encontrou um rolo de adesivo e separou o aro de lata da caixa.

Liz não ouviu nada e assim disse.

- Deixa estar - replicou Stark. - Eu ouço pelos dois.

Põe as mãos atr s das costas.

- O que é que vais fazer?...

- Cala-te e põe as mãos atr s das costas!

E foi o que ela fez e imediatamente os pulsos ficaram presos. Stark entrecruzou o adesivo, para tr s e para a frente, para tr s e para a frente, descrevendo uma espécie de oitos apertados. , - O motor acabou de parar - informou ele. - Talvez a cerca de quatrocentos metros estrada acima. h alguem que est a tentar armar-se em esperto.

Liz teve a sensação de que, no £ltimo instante, talvez tivesse realmente escutado o barulho de um motor, mas podia não passar de mera sugestão. Ela estava ciente de que não teria ouvido nada caso não estivesse … escuta com toda a atenção. Meu Deus, como os ouvidos dele eram apurados!

- Tenho de cortar o adesivo - disse ele. - Peço desculpa por violar a tua intimidade por um segundo ou dois, mas não temos tempo a perder com delicadezas.

E antes de ela própria se aperceber do que ele estava a fazer, Stark metera a mão por baixo da parte da frente da saia. Um instante depois, tirou a tesoura c para fora. Nem sequer Lhe picou a pele.

Stark olhou de relance para ela, enquanto se debruçava para tr s e utilizava a tesoura para cortar o adesivo. Parecia estar de novo a divertir-se.

- Tu viste-a - disse ela entorpecida. - Afinal de contas, sempre viste a saliência na minha saia.

- A tesoura? - Riu-se. - Eu via-a, mas não a saliência.

Eu via-a nos teus olhos, querida Betie. Via-a l em Ludlow. Soube

que ela aqui estava no minuto exacto em que desceste as escadas.

Stark ajoelhou-se diante dela, de forma absurda - e agoirenta - como um pretendente a pedir uma mulher em casamento. Virou então os olhos para cima, em direcção a ela.

- Não te ponhas com ideias em me dar um pontapé ou coisas desse género, Beth. Não tenho bem a certeza mas est -me c a parecer que é um polícia. e por muito que pudesses gostar, não tenho tempo para brincar contigo.

Portanto, fica quieta.

- Os bebés...

- Vou fechar as portas - disse Stark. - Eles não são sufícientemente altos para chegarem aos puxadores, nem mesmo quando se põem de pé. Penso que o pior que Lhes pode acontecer é comerem algum do cotão que est debaixo da cama. Estarei de volta daqui a pouco.

Agora, o adesivo descrevia uma série de outros oitos em redor dos tornozelos de Liz. Stark cortou-o e voltou a p"r-se de pé.

- Porta-te bem, Beth - ordenou ele. - Vê l não percas os teus pensamentos felizes. Terias de pagar por uma coisa dessas... mas, antes disso, obrigava-te a vê-los pagar por isso.

De seguida, depois de fechar a porta da casa de banho e a porta do quarto, Stark foi-se embora. Desapareceu com a velocidade com que um bom m gico faz um truque.

Liz pensou na .22 fechada no barracão das m quinas.

Ser que a arma também teria balas? Ela estava certa que sim. Meia caixa para uma Winchester .22 de canos compridos numa prateleira de cima.

Liz começou a torcer os pulsos para tr s e para a frente.

Stark entrelaçara os adesivos com muita habilidade e, por alguns momentos, ela não teve sequer a certeza que iria conseguir afroux -lo um pouco, quanto mais libertar as mãos.

Contudo, quando começou a sentir que o adesivo estava a dar um pouco de si, mexeu os pulsos para tr s e para a frente com mais rapidez,

arquejando.

William gatinhou para cima da cama, p“s as mãozinhas na perna dela e fitou-a com um olhar interrogativo.

- Vai ficar tudo bem - disse ela, sorrindo para ele.

William retribuiu-lhe o sorriso e afastou-se, a gatinhar, indo procurar a irmã. Com um abano r pido da cabeça, Liz afastou uma madeixa de cabelo dos olhos e p“s-se de novo a contorcer os pulsos para tr s e para a frente, para tr s e para a frente, para tr s e para a frente.

3

Tanto quanto Alan Pangborn podia afirmar, Lake Lane estava totalmente deserto... pelo menos, até ao ponto onde ousara levar o carro. Tratava-se da sexta entrada para automóveis ao longo da estrada. Alan tinha a impressão de que poderia ter levado o carro um pouco mais para a frente em segurança: era impossível que o barulho do motor do carro pudesse ser ouvido na casa dos Beaumont a toda esta dist*ƒ*ncia, ainda por cima com duas colinas de permeio. No entanto, mais valia prevenir do que remediar. Assim, Alan conduziu o carro até ao chalé com estrutura de T que pertência a familia William, residentes de Verão oriundos de Lynn, no estado de Massachusetty, estacionou o carro sobre um tapete de agulhas debaixo de um antigo pinheiro vener vel, desligou o motor e saiu.

Olhou para cima e viu os pardais.

Estavam empoleirados no beiral do telhado da casa dos William, também os via nos ramos altos das rvores que rodeavam a casa. Encarrapitavam-se nas rochas junto … margem do lago, acotovelavam-se uns aos outros na doca dos William, eram tantos que Alan não conseguia vislumbrar o bosque. Havia centenas e centenas deles.

E todos eles estavam totalmente silenciosos limitando-se a olhar para ele com os seus min£sculos olhos pretos.

- Meu Deus - sussurrou ele.

Alan podia ouvir os grilos a cantar na erva alta que crescia ao longo dos alicerces da casa dos William, o enrolar suave das ondas do lago contra a zona da doca que Ihes pertencia, e um avião a zumbir em direcção a leste, a New Hampshire. Além disso, tudo o mais estava silencioso. Não se ouvia sequer o ronco desarmonioso de um só motor

de popa no lago.

Apenas aqueles p ssaros.

Todos aqueles p ssaros.

Alan sentiu um pavor profundo e vítreo a deslizar pelos seus ossos. J tinha visto bandos de pardais a voar em conjunto na Primavera ou no Outono, por vezes cem ou duzentos de uma só vez, mas nunca, em toda a sua vida, vira uma coisa destas.

"Ser que vieram por causa de Thad... ou de Stark?"

Alan tornou a olhar de novo para tr s, para o microfone do r dio, interrogando-se se, afinal de contas, não deveria pedir reforços. Tudo isto era demasiado esquisito, demasiado incontrol vel.

"E se todos eles levantarem voo ao mesmo tempo? Se ele estiver aqui, e se for tão esperto como Thad diz que ele é, não tenho quaisquer d£vidas de que ouvir . Ouvir tudo sem qualquer problema."

Alan começou a caminhar. Os pardais não se mexeram mas um bando novo apareceu, espalhando-se pelas rvoreS Neste momento, rodeavam-no por todos os lados fitando-o como um j£ri de coração empedernido fita um assassino no banco dos réus. Abundavam em todo o lado, excepto junto … estrada que ficara para tr s. Os bosques que orlavam Lake Lane estavam ainda vazios.

Alan decidiu voltar para tr s e tomar esse caminho.

Um pensamento sombrio, que por pouco não passou de uma premonição, veio-lhe … cabeça: que este podia ser o maior erro da sua vida profissional.

"Vou apenas fazer um reconhecimento do lugar", pensou. "Se os p ssaros não voarem - e não parecem que o os ossos deles são ocos", pensou. "Eles não devem pesar quase nada. Quantos deles é que serão precisos para partir um ramo como este?"

Alan não sabia. Não desejava saber.

Desapertando a tira sobre a coronha da sua .38, Alan tornou a subir a ingreme ladeira da entrada dos William, longe dos p ssaros. Quando chegou a Lake Lane, que não passava de um carreiro sujo com uma faixa de relva a crescer por entre os trilhos marcados pelas rodas, o seu rosto estava luzidio e a camisa colada …s costas

devido … transpiração. Alan olhou … sua volta, conseguindo vislumbrar os p ssaros no caminho que acabara de percorrer - agora, cobriam todo o seu carro, empoleirados no capot, no porta-bagagens e nos faróis do tejadilho. Contudo, não havia nenhum ali.

"• como se não se quisessem aproximar demasiado", pensou, "... pelo menos por enquanto. • como se esta fosse a zona de actuação."

Por detr s de um sumagre alto, que esperava ser um lugar protegido dos olhares dos outros, Alan olhou para um lado e para o outro de Lake Lane. Nem vivalma, apenas os pardais, e estes estavam todos recolhidos atr s da encosta onde se situava a casa em forma de T dos William. Nem um só som, excepto os grilos e dois mosquitos a zumbirem-Lhe em redor do rosto.

Ÿptimo.

Alan atravessou a estrada a correr, como um soldado em território inimigo, com a cabeça agachada entre os ombros arqueados. Saltou a vala juncada de ervas daninhas e rochas no ponto mais afastado e desapareceu para dentro dos bosques. Uma vez escondido, concentrou-se em abrir caminho até a casa de Verão dos Beaumont, o mais r pido e silenciosamente possível.

O lado oriental de Castle Lake assentava no sopé de uma colina longa e ingreme. Lake Lane encontrava-se a meio desta encosta. A maior parte das suas casas situava-se muito para l de Lake Lane. Desta forma, de onde ele se encontrava, ou seja, a cerca de dezoito metros acima da colina a partir da estrada, Alan não conseguia vislumbrar mais do que as pontas dos telhados. Em alguns casos, estes estavam totalmente escondidos. Ainda assim, Alan conseguia ver a estrada e as entradas de automóveis que se ramificavam a partir da estrada e, enquanto não as perdesse totalmente de vista, não haveria problemas.

Ao chegar … quinta curva a contar da casa dos William Alan estacou. Olhou por cima do ombro para ver se os pardais o estariam a seguir. Era uma ideia bizarra, mas, de certa forma, inevit vel. Nem sinal deles, tendo-lhe ocorrido que, provavelmente, a sua mente sobrecarregada tivesse imaginado tudo aquilo.

"Esquece isso", pensou. "Não imaginaste nada. Eles estavam l ... e ainda estão l ."

Alan olhou para baixo, para a entrada de automóveis dos Beaumont, mas, do local onde se encontrava, não conseguiu ver nada. Começou a descer, caminhando com lentidão e agachado. Alan deslocava-se em silêncio, estando precisamente a congratular-se por esse facto quando George Stark enfiou uma arma no seu ouvido esquerdo e disse:

- D s mais um passo, amigo, e a maioria dos teus miolos vão parar ao teu ombro direito.

5

Alan virou a cabeça lentamente.

Aquilo que viu quase que o levou a desejar ter nascido cego.

- Parece-me bem que eles nunca me irão querer na capa da GQ, não achas? - perguntou Stark, com um sorriso aberto nos l bios. O sorriso revelava mais dos seus dentes e gengivas (e das cavidades vazias onde tinham existido outros dentes) do que o sorriso mais largo do mundo alguma vez revelaria. O rosto estava coberto de feridas e a pele parecia estar a separar-se do tecido subjacente. Mas isso nem era o pior" não era isso que fazia o est"mago de Alan revolver-se de horror e de nojo. Havia algo que parecia não bater bem com a estrutura óssea do rosto do homem. Era como se ele não estivesse apenas a decompor-se mas a sofrer uma espécie de mutação horrível.

Ainda assim, Alan sabia quem era o homem da arma.

O cabelo, sem brilho, como uma cabeleira antiga colada … cabeça de palha de um espantalho, era louro. Os ombros eram quase tão largos como os de um jogador de futebol americano com os chumaços postos. Estava de pé, com uma espécie de graça arrogante e ligeira mesmo quando não se estava a mexer, e fitava Alan com boa disposição.

Era o homem que não podia existir, que nunca existira.

Era o Sr. George Stark, aquele filho da mãe pretensioso de Oxford, Mississipi.

Era tudo verdade.

- Bem-vindo ao carnaval, velha carcaça - exclamou Stark de forma branda. - Para um homem tão grande, até que te mexes bastante bem. A principio, quase que me escapaste e tenho andado … tua procura. Vamos descer até a casa. Quero apresentar-te a patroa. e basta dares um

£nico passo em falso para ficares morto, e ela também, e aqueles bebézinhos amorosos também. Não tenho nada de nada neste mundo tão vasto a perder. Acreditas nisto?

Do seu rosto em decomposição e terrivelmente assustador, Stark lançou-lhe um sorriso. Os grilos continuavam a cantar na relva. No lago, um mergulhão soltou um grito penetrante e doce para o ar. Alan desejou do mais fundo do coração ser aquele p ssaro porque quando olhava para os globos oculares arregalados de Stark, a £nica coisa que, para alem da morte, conseguia ver dentro deles... a £nica coisa era nada.

Com uma clareza total e abrupta, Alan apercebeu-se de que nunca mais iria ver de novo a mulher e os filhos.

- Acredito - respondeu ele.

- Então deita a tua arma para o chão e vamos embora.

E Alan assim fez. Stark seguiu atr s dele, tendo os dois descido para a estrada. Atravessaram-na, descendo de seguida a rampa da entrada dos Beaumont em direcção … casa. Esta avançava para a frente na encosta sobre pesadas estacas de madeira, quase como uma casa de praia em Malibu. Tanto quanto Alan conseguia ver, não havia quaisquer pardais por perto.

Nenhum mesmo.

O Toronado estava estacionado … porta, uma tarantula preta e reluzente ao sol do final da tarde. Assemelhava-se a uma bala. Com uma leve sensação de fascínio, Alan leu o autocolante do para-choques. Todas as suas emoções estavam enfraquecidas, entorpecidas, como se aquilo fosse um sonho do qual acordaria em breve.

"Tu não queres pensar dessa forma", avisou-se a si próprio. "Pensar assim só far com que sejas morto.,> Isto até que era uma ideia engraçada porque ele j era um homem morto, ou não? Ali estivera ele, a tentar esgueirar-se pela entrada da casa dos Beaumont acima, a tentar atravessar dissimulado a estrada como o Tonto: "dei uma boa vista de olhos, para ter uma ideia da situação, Kemo Sabe"... e Stark limitara-se a pór uma pistola no ouvido e a ordenar-lhe para deitar a arma fora e l se fora tudo por gua abaixo.

"Eu não o ouvi" eu nem sequer o pressenti. As pessoas pensam que eu sou discreto, mas, com este tipo ao lado, é como se tivesse dois pés

esquerdos."

- Gostas das minhas quatro rodas? - perguntou Stark.

- Neste preciso momento, creio que todos os agentes de polícia do Maine tem de gostar das suas quatro rodas - respondeu Alan - porque todos eles andam … procura delas.

Stark emitiu uma gargalhada bem disposta.

- Porque ser que eu não acredito nisso? - O cano da arma aguilhoou Alan nos rins. - Vamos l a entrar, meu velho e bom amigo. Estamos apenas … espera do Thad.

Quando o Thad aqui chegar, penso que estaremos prontos, prontissimos para dançar o rock'n roll.

Alan olhou para a mão vazia de Stark e reparou numa coisa extremamente peculiar: ele parecia não ter linhas na palma da mão. Nenhuma linha mesmo.

- Alan! - exclamou Liz. - Est bem?

- Ora - respondeu Alan - se é possível para um homem sentir-se como o maior idiota … face da Terra e ainda assim estar bem, penso que estou.

- Não era de esperar que acreditasse - disse Stark com suavidade, apontando para a tesoura que tirara das cuecas de Liz. Stark colocara-a sobre uma das mesinhas-de-cabeceira que flanqueavam a grande cama de casal, longe do alcance dos gémeos. - Liberte as pernas dela, agente Alan. Não se preocupe com os pulsos" parece que ela j quase os conseguiu libertar sozinha. Ou ser que é chefe Alan?

- Xerife Alan - corrigiu Pangborn, e pensou: "Ele sabe isso. Ele conhece-ME - o xerife Alan Pangborn do munícipio de Castle - porque Thad conhece-me. Mas mesmo quando é ele quem est na mó de cima, nem assim d a entender tudo aquilo que sabe. • tão matreiro como a raposa que ganha a vida a atacar capoeiras."

E, pela segunda vez, foi totalmente invadido pela certeza sombria da sua morte próxima. Alan tentou pensar nos pardais porque estava convencido que os p ssaros eram o £nico elemento deste pesadelo com que George Stark não estava familiarizado. Mas depois reflectiu melhor. O homem era esperto de mais. Se ele se desse ao luxo de ter

esperanças, Stark aperceber-se-ia disso nos seus olhos... e interrogar-se-ia sobre o seu significado.

Cumprindo a ordem de Stark, Alan pegou na tesoura e cortou o adesivo que prendia as pernas de Liz, ao mesmo tempo que esta libertava uma mão e começou a desenrolar o adesivo … volta dos pulsos.

- Vais magoar-me? - perguntou ela a Stark de modo apreensivo, mantendo as mãos levantadas, como se as marcas vermelhas que o adesivo deixara nos pulsos o fossem, de alguma forma, dissuadir desse acto.

- Não - respondeu ele, esboçando um ligeiro sorriso.

- Não te posso culpar por fazeres coisas que fazem parte da tua natureza, pois não, querida Beth?

Perante essa resposta, Liz lançou-lhe um olhar revoltado e assustado e pegou nos gémeos. Perguntou a Stark se os podia levar para a cozinha e dar-lhes de comer alguma coisa. Dado que ambos tinham dormido durante todo o caminho até Stark estacionar o Volvo roubado dos Clark na rea de serviço, estavam agora animados e cheios de boa disposição.

- Claro que sim - respondeu Stark, que parecia estar muito alegre e óptimista... embora segurasse a arma numa mão e os olhos se mexessem incessantemente, para tr s e para a frente, entre Liz e Alan. - Porque é que não vamos todos? Quero ter dois dedos de conversa aqui com o nosso xerife.

Em grupo, dirigiram-se até … cozinha, onde Liz começou a preparar uma refeição para os gémeos. Enquanto fazia isso, Alan observava os gémeos. Eram uns mi£dos amorosos: tão amorosos como um par de coelhinhos e observ -los fazia-o recordar-se de uma época em que ele e Annie eram ainda muito mais novos, uma época em que Toby, agora no £ltimo ano do liceu, ainda andava de fraldas e Todd vinha ainda a muitos anos de dist*ƒ*ncia.

Os gémeos gatinhavam alegremente para c e para l e, de vez em quando, Alan tinha de redireccionar um deles antes que ele ou ela conseguissem deitar uma cadeira abaixo ou batessem com a cabeça no lado de baixo da mesa de fórmica da cozinha e fizessem um galo.

Enquanto Alan tomava conta dos bebés, Stark ia falando com ele.

- Est convencido que o vou matar - disse. - Escusa de neg -lo,

xerife, consigo lê-lo nos seus olhos e trata-se de um olhar com o qual estou familiarizado. até podia mentir e dizer-lhe que não era verdade" mas não me parece que acreditasse em mim. O senhor tem uma certa experiência nestes assuntos, não é verdade?

- Suponho que sim - respondeu Alan. - Mas algo como isto est um pouco... bem, fora do processo normal dos assuntos de polícia.

Stark lançou a cabeça para tr s e riu-se. Os gémeos foram atraídos pelo som, juntando-se …s suas gargalhadas.

Alan olhou de soslaio para Liz e viu terror e ódio no rosto dela. Mas também havia mais qualquer coisa, não havia?

Sim. Alan pensou ser ciume, interrogando-se em vão se não haveria algo mais de que George Stark não estivesse ao corrente. Interrogou-se ainda se Stark faria alguma ideia de quão perigosa esta mulher podia ser.

- e não tenha a mínima d£vida! - disse Stark, ainda a casquinar. De repente, ficou muito sério. Debruçou-se sobre Alan e este conseguia sentir o odor fedorento da sua carne em decomposição. - Mas não tem de ser assim, xerife.

Todas as probabilidades apontam para que não saia daqui vivo, isso posso garantir-lhe, xerife. No entanto, essa possibilidade existe. Tenho uma coisa a fazer aqui. Escrever um pouco. Thad vai ajudar-me, ele vai dar a bomba, se é que assim se pode dizer. Penso que, provavelmente, iremos trabalhar durante toda a noite, eu e ele, mas quando, amanhã de manhã, o Sol nascer, j devo ter a minha casa toda em ordem.

- Ele quer que Thad o ensine a escrever por si só - explicou Liz do fogão. - Diz que vão os dois colaborar num livro.

- Não é bem assim - retorquiu Stark. No instante em que olhou de relance para ela, uma ruga de contrariedade aflorou a superfície, anteriormente inquebr vel, do seu rosto bem-disposto. - Sabe, ele deve-me isso. Talvez Thad até soubesse escrever antes mesmo de eu ter aparecido, mas fui eu quem o ensinou a escrever as coisas que as pessoas querem realmente ler. e o que é que h de bom em escrever uma coisa se ninguém a quer ler?

- não, tu não conseguirias compreender isso, pois não? - interrogou Liz.

- O que eu quero dele - disse Stark a Alan - é uma espécie de

transfusão. Parece que tenho uma espécie qualquer de... gl*f*ndula que me est a faltar. A faltar temporariamente.

Creio que Thad sabe como p"r essa gl*f*ndula a funcionar. Ele deve saber, porque clonou a minha gl*f*ndula a partir da dele, se é que me entende. Penso que se poder dizer que ele construiu a maior parte do meu equipamento.

"Não, não, meu amigo", pensou Alan. "Est s enganado.

Talvez não o saibas, mas isso não é verdade. Vocês os dois fizeram isso em conjunto porque vocês os dois existiram desde sempre. e tu tens sido horrivelmente persistente. Thad tentou dar-te um fim antes mesmo de ter nascido, mas não o conseguiu por completo. Depois, onze anos mais tarde, o Dr. Pritchard tentou dar uma mãozinha e isso funcionou mas apenas por pouco tempo. Por fim, Thad acabou por te convidar a voltar. Fê-lo mas sem ter a consciência do que estava a fazer... porque não tinha consciência de TI.

Pritchard nunca Lhe contou nada. e tu vieste, não foi? Tu és o fantasma do irmão morto... mas vocês os dois são muito mais e muito menos do que isso."

Alan segurou Wendy, que estava junto … lareira, antes que esta conseguisse cair para tr s sobre a caixa da lenha.

Stark olhou para William e Wendy e de novo para Alan.

- Sabe, eu e Thad vimos de uma familia com muitos gémeos. E, como é evidente, acabei por aparecer após as mortes dos gémeos que deveriam ter sido os irmãos ou irmãs mais velhos destes dois mi£dos. Se desejar, chame a isso uma espécie de acto de equilíbrio transcendental.

- Eu chamo a isso loucura - retorquiu Alan.

- Na verdade, eu também - riu-se Stark. - Mas foi isso que aconteceu. A palavra transformou-se em matéria.

se assim se pode dizer. Como é que isso sucedeu, não interessa muito. O que interessa é que estou aqui.

"Est s enganado", pensou Alan. "Como é que isso aconteceu pode ser tudo aquilo que REALMENTE interessa. Se não para ti, pelo menos para nós... porque pode ser só isso o que nos ir salvar."

- Uma vez as coisas chegadas a um determinado ponto, criei-me

a mim próprio - prosseguiu Stark. - E, na verdade, não é assim tão surpreendente que tenha andado a ter problemas com a minha escrita, pois não? • preciso muita energia para uma pessoa se criar a si própria. Não é todo o dia que acontece este tipo de coisa, não acha?

- Deus te ouça - retorquiu Liz.

Se aquela não foi uma "boca" directa, esteve l muito perto. A cabeça de Stark cruzou o ar em direcção a ela, com a rapidez de uma cobra a atacar. Desta vez, o aborrecimento parecia ser mais do que apenas uma pequena ruga.

- Penso que é melhor manteres esse teu biquinho calado, Beth - ordenou Stark com suavidade - porque ainda és capaz de meteres em sarilhos uma pessoa que não pode falar por ela. Ou por ele.

Liz baixou os olhos para a panela que se encontrava ao lume. Alan teve a impressão que ela empalidecera.

- Importa-se de os trazer até aqui, Alan? - pediu ela serenamente. - Isto j est pronto.

Liz p"s Wendy ao colo para Lhe dar de comer e Alan pós William ao seu colo. Era incrível a rapidez com que a técnica vinha de novo … cabeça, pensou ele, enquanto alimentava o rapazinho rechonchudo. Enfia a colher na boquinha, inclina-a e depois da aquela passagem, r pida mas suave, do queixo ao l bio inferior, para evitar o mais possível pingos e salpicos. Will não cessava de tentar agarrar na colher, achando, ao que parecia, que j era sufícientemente adulto e que j tinha bastante experiência para guiar a colher sozinho, sem ajuda, muito obrigado. Alan desencorajou-o com cuidado e, pouco tempo depois, o rapaz l acalmou e dedicou-se a comer a sério.

- O facto é que o posso usar - contou-lhe Stark, encostado ao balcão da cozinha e subindo e descendo, de modo ocioso, … mira da pistola diante do colete alcochoado, fazendo um ruído spero e sussurrante. - Foi a polícia estadual que o chamou, que Lhe pediu para vir até aqui e verificar a casa? • por isso que est aqui?

Alan pesou os prós e os contras de mentir e decidiu que seria mais seguro dizer a verdade, basicamente porque não tinha quaisquer d£vidas de que este homem - se é que ele era um homem - tinha um detector de mentiras incorporado muito eficaz.

- Não própriamente - respondeu, contando a Stark a chamada feita por Fuzzy Martin.

Antes mesmo de ter terminado, Stark estava j a acenar a cabeça.

- Bem me pareceu ter visto um reflexo na janela daquela quinta - disse, soltando um riso abafado. A boa disposição parecia estar totalmente restabelecida. - Bem, bem! As pessoas do campo não conseguem deixar de ser um pouco bisbilhoteiras, pois não, xerife Alan? Tem tão pouco para fazer que até seria de admirar se não fossem bisbilhoteiras! Então, que foi que fez quando desligou o telefone?

Também isto Alan Lhe contou e, desta vez, também não Lhe mentiu porque tinha a certeza que Stark sabia o que ele fizera: o simples facto de estar aqui sozinho respondia … maioria das perguntas. Alan pensou que aquilo que Stark queria de facto saber era se ele seria sufícientemente est£pido para tentar dizer uma mentira.

Quando terminou, Stark retorquiu:

- Ora muito bem. Isto aumenta as possibilidades de sobreviver para lutar durante mais um dia antes de ir parar ao Inferno, xerife Alan. Agora, preste muita atenção porque vou dizer-lhe aquilo que iremos fazer mal estes bebés acabem de comer.

7

- Tem a certeza que sabe o que tem a dizer? - inquiriu Stark de novo. Estavam os dois postados junto ao telefone no trio de entrada, o £nico telefone que ainda funcionava naquela casa.

- Sim.

- e não vai tentar enviar nenhuma mensagenzinha secreta … sua telefonista?

- Não.

- óptimo - exclamou Stark. - Isso é óptimo porque esta seria uma altura péssima para esquecer que é um adulto e começar a brincar aos polícias e ladrões. Alguem iria certamente ficar magoado.

- Gostaria que deixasse de fazer essas ameaças por algunsminutos.

O esgar de Stark aumentou e transformou-se em

algo esplendorosamente pestilento. Stark levara William com ele para garantir a continuação do bom comportamento de Liz e, agora, fazia cócegas debaixo de um dos braços do bebé.

- • -me totalmente impossível fazer isso - disse. - Um homem que vai contra a sua natureza acaba por ficar com prisão de ventre, xerife Alan.

O telefone encontrava-se sobre uma mesa junto a uma janela ampla. ao pegar no auscultador, Alan varreu com o olhar a encosta coberta de bosques para l da alameda de entrada em busca de pardais. Não havia nenhum a vista.

Ainda não, pelo menos.

- De que é que est s … procura, velha carcaça?

- Hem? - Alan olhou de relance para Stark. Inexpressivos, os olhos deste fixavam-no a partir das cavidades em decomposição.

- Ouviste o que eu disse. - Stark meneou a cabeça em direcção … entrada da casa e ao Toronado. - Não estavas a olhar por essa janela como um homem costuma fazer apenas porque tem uma janela para olhar. Est s com o rosto de um homem que espera ver alguma coisa. Quero saber o que e.

Alan sentiu um frio arrepio de terror descer pelas costas abaixo.

- Thad - ouviu-se a si próprio dizer com serenidade.

- Tal como você, estou a ver se consigo ver algum sinal de Thad. Ele deve estar prestes a chegar.

- Espero bem que essa seja toda a verdade, não acha? - perguntou-lhe Stark, erguendo William um pouco mais alto. Lentamente, Stark começou a rolar o cano da pistola para cima e para baixo, na zona agradavelmente rechonchuda entre o tórax e o abdómen de William, fazendo-Lhe cócegas. William soltou umas risadinhas e bateu ao de leve numa das faces em decomposição de Stark, como a querer dizer "P ra com isso, est s a brincar... mas ainda não, porque isto até que é engraçado."

- Penso que sim - retorquiu Alan, engolindo em seco.

Stark deslizou suavemente a boca da pistola até ao queixo de William e, aí, fez cócegas na pequena papada do bebé, que desatou a rir-se.

"Se Liz dobrar a esquina e vir o que ele est a fazer, enlouquece",

pensou Alan calmamente.

- Tem a certeza que me contou tudo, xerife Alan? Não est a esconder-me nada, ou est ?

- Não - respondeu Alan. "Apenas os pardais no bosque em redor da casa dos William." - Não estou a esconder nada.

- Muito bem. Acredito em si. Pelo menos para j . Faça l agora o que tem a fazer.

Alan marcou o n£mero de telefone do gabinete do xerife do M£nícipio de Castel. Stark aproximou-se dele - tão próximo que o odor deu a Alan a impressão que ia morrer sufocado - e p"s-se … escuta.

Ao primeiro toque, o telefone foi atendido por Sheila Brigham.

- Est , Sheila, daqui Alan. Estou aqui em Castle Lake.

Tentei contactar através do r dio mas sabes como é que as transmissões são aqui em baixo.

- Inexistentes - respondeu ela, e riu-se.

Stark sorriu.

8

Quando desapareceram de vista após dobrar a esquina, Liz abriu a gaveta sob a bancada da cozinha e tirou a maior faca que l estava. Olhou de soslaio para o canto, sabendo que, a qualquer instante, Stark podia meter a cabeça na porta para ver o que ela andava a fazer. Mas, até agora, não tinha havido problemas. Liz conseguia ouvi-los falar.

Stark estava a dizer algo sobre o modo como Alan olhara pela janela.

"Tenho de fazer isto", pensou ela, "e tenho de fazer isto por mim mesma. Ele não tira os olhos de Alan e, mesmo que eu conseguisse dizer alguma coisa a Thad, isso só iria piorar as coisas... porque ele tem acesso … mente de Thad."

Segurando Wendy na curva do braço, Liz descalçou os sapatos e, com passos r pidos e descalça, dirigiu-se para a sala de estar. Aqui, havia um sof , disposto de forma a que quem se sentasse nele pudesse ter uma vista para o lago.

Liz esgueirou a faca por debaixo do folho... mas não para muito

fundo. Se ela aqui se sentasse, estaria ao seu alcance.

E se eles se sentassem juntos, ela e o matreiro George Stark, também ele estaria ao seu alcance.

"Talvez o consiga levar a fazer isso", pensou ela, correndo de novo de volta para a cozinha. "Sim, talvez consiga. Ele sente-se atraído por mim. e isso é horrível...

mas não demasiado horrível para ser usado."

Liz entrou na cozinha, na expectativa de ver Stark, … sua espera, a lançar-lhe aquele sorriso horrível e esboroado, com os dentes reluzentes que ainda sobravam. Mas a cozinha estava vazia, e ela podia ainda ouvir Alan ao telefone, no vestíbulo. Conseguia imaginar Stark postado mesmo junto a ele, a escut -lo. Portanto, estava tudo bem. Liz pensou: "Com um pouco de sorte, George Stark estar morto quando Thad aqui chegar."

Ela não queria que os dois se encontrassem. Apesar de não entender todas as razões que a levavam a querer evitar, tão desesperadamente, que isso acontecesse, pelo menos uma delas ela entendia: Liz temia que a colaboração pudesse vir realmente a funcionar e temia ainda mais saber quais seriam os frutos desse êxito.

No fundo, apenas um deles poderia levar a melhor sobre as naturezas duplas de Thad Beaumont e de George Stark. Apenas um ser físico poderia sobreviver a uma divisão tão primitiva. Se Thad pudesse dar a Stark o empurrão de que este precisava, se Stark começasse a escrever sozinho, todas as suas feridas e chagas começariam a desaparecer?

Liz acreditava que sim. Liz acreditava que Stark pudesse mesmo tomar para si o rosto e a forma do seu marido.

E, depois disso, quanto tempo é que levaria (partindo do principio que Stark os deixaria vivos e que se pusesse em fuga) até as primeiras feridas começarem a surgir no rosto de Thad?

Liz estava convencida que não iriam demorar muito tempo. e tinha sérias d£vidas de que Stark estivesse interessado em impedir que, primeiro, Thad se decompusesse e, por fim, apodrecesse e desaparecesse para sempre, juntamente com todos os seus pensamentos felizes.

Ela tornou a calçar os sapatos e começou a arrumar os restos do jantar adiantado dos gémeos. "Seu grande filho da mãe", pensou ela,

primeiro a limpar o balcão e depois a começar a encher o lava-loiças com gua quente. "TU é que és o pseudónimo, TU é que és o intruso, e não o meu marido." Liz esguichou detergente para dentro do lava-loiças e, de seguida, foi até a porta da sala de estar para dar uma vista de olhos a Wendy. esta estava a gatinhar pelo chão da sala de estar, provavelmente … procura do irmão.

Por detr s das portas de vidro corrediças, o sol do final de tarde lançava uma brilhante faixa dourada sobre a gua azul de Castle Lake.

"Tu não pertences aqui. és uma abominação, uma ofensa … vista e … mente."

Liz olhou para o sof com a afiada faca comprida enfiada debaixo dele, bastante … mão.

"Mas eu posso corrigir isso. e se Deus deixar levar a minha avante, CORRIGIREI ISSO."

9

Apesar de o cheiro de Stark estar mesmo a fazer-lhe confusão - dava-lhe a sensação de que iria sufocar a qualquer momento - Alan tentou não deixar transparecer nada na voz.

- Sheila, o Norris Ridgewick j voltou?

A seu lado, Stark começara a fazer de novo cócegas a William com a .45.

- Ainda não, Alan. Lamento.

- Quando ele aparecer, diz-lhe para ficar a tomar conta.

até l , Clut continua encarregue.

- O turno dele...

- Sim, eu sei que o turno dele j acabou. A c*f*mara vai ter de pagar horas extraordin rias e o Keeton não me vai largar por causa disso, mas que posso fazer? Estou para aqui preso, com um r dio estragado e um carro que começa a deitar fumo sempre que acelero um bocadinho mais. Estou a telefonar da casa dos Beaumont. A polícia estadual quis que eu viesse até aqui para dar uma espreitadela mas não valeu de nada.

- Tenho muita pena. Quer que passe a palavra a alguem? A Polícia Estadual?

Alan olhou para Stark, que parecia estar totalmente absorvido a fazer cócegas ao rapazinho sinuoso e alegre aninhado nos seus braços. Perante o olhar de Alan, Stark acenou a cabeça de forma ausente.

- Sim. Telefona para a esquadra de Oxford por mim.

Estou a pensar em ir agora mordiscar alguma coisa naquela casa de frangos e, depois, voltar aqui mais uma vez para dar uma nova olhadela. Isto se conseguir p"r o carro a andar.

Caso contr rio, talvez v ver o que é que os Beaumont têm guardado na despensa deles. Anotas aí uma coisa por mim, Sheila?

Apesar de não ter olhado, Alan sentiu que Stark se aproximava ligeiramente mais dele. A boca da pistola parou, ficando a apontar para o umbigo de William. Alan sentiu gotas de transpiração lentas e frias escorrerem pelas costas abaixo.

- Claro, Alan.

- • suposto este tipo ser bastante criativo. Penso que devia ter encontrado um sitio melhor do que o capacho de entrada para esconder a chave sobressalente.

Sheila Brigham riu.

- J est .

A seu lado, a boca da .45 começou a mexer-se de novo e William começou a rir de novo. Alan descontraiu-se um pouco.

- • com o Henry Payton que devo falar, Alan?

- Sim, sim. Ou, se o Henry l não estiver, com o Danny Eamons.

- Okay!

- Obrigado, Sheila. Mais burocracia, e só isso. Toma cuidado contigo.

- O Alan também.

Com delicadeza, Alan desligou o telefone e virou-se para Stark.

- Tudo bem?

- Tudo muito bem mesmo - respondeu Stark. - Gostei especialmente daquela parte da chave debaixo do capacho

de entrada. Acrescentou aquele toque final que d um sabor especial.

- • mesmo idiota - retorquiu Alan. Nestas circunst*f*ncias, não era uma coisa muito sensata para se dizer mas a sua própria raiva surpreendeu-o.

Também Stark o surpreendeu. Riu-se.

- Ninguem gosta muito de mim, pois não, xerife Alan?

- Não - respondeu.

- Ora, não h problema. Gosto o sufíciente de mim para compensar por todos os outros. Nesse aspecto, sou o tipo de homem verdadeiramente moderno. O importante • que acho que est tudo bem por aqui. Acho que vai tudo correr bem. - Stark enredou uma mão em redor do fio do telefone e arrancou-o da ficha da parede.

- Creio que sim - acrescentou Alan, questionando-se.

Era mais subtil, muito mais subtil do que Stark, que provavelmente acreditava que todos os polícias a norte de Portland não passavam de um punhado de tipos dorminhocos do género do Recruta Zero, parecia compreender. Dan Eamons, em Oxford, talvez deixasse passar, a não ser que alguem de Orona ou Augusta acendesse uma fogueira debaixo dele. Mas o Henry Payton? Alan não tinha assim tanta certeza de que o Henry caísse na história de que ele fora dar uma olhadela r pida e fortuita … procura do assassino de Homer Gamache antes de dar meia volta e ir comer um frango … Casa dos Frangos. Henry iria desconfiar de alguma coisa.

Ao observar Stark a fazer cócegas ao bebé com a boca da .45, Alan interrogou-se sobre se quereria que isso acontecesse ou não, acabando por concluir que não.

- e agora? - perguntou ele a Stark.

Este suspirou fundo e olhou para fora, para os bosques banhados pelo sol, com um deleite claro no olhar.

- Vamos perguntar a Bethie se ela não nos pode arranjar um jantarzinho. Estou esfomeado. A vida no campo e maravilhosa, não e, xerife Alan? Caramba!

- Penso que sim - replicou Alan, que começou a dirigir-se para tr s em direcção … cozinha, sendo agarrado por Stark com uma só mão.

- Aquela piada sobre o fumo do carro - disse. - Não tinha nenhum significado especial, pois não?

- Não - respondeu Alan. - • apenas mais um caso de... como é que chamou? O toque final que d o sabor especial. No £ltimo ano, diversos dos nossos veiculos tiveram problemas com o carburador.

- • melhor que isso seja mesmo a verdade - disse Stark, fitando Alan com os seus olhos mortos. Uma espessa camada de pus gotejava dos cantos interiores, escorrendo pelos lados do nariz a descamar como l grimas pegajosas de crocodilo. - Seria uma pena ter de magoar um destes mi£dos porque o xerife não conseguiu deixar de se armar em engraçadinho. Thad não dar nem metade do rendimento se descobrir que tive de rebentar com um dos filhos dele para manter o xerife na linha. - Stark sorriu e apertou a boca da .45 contra a axila de William. Este riu-se e contorceu-se. - Ele é amoroso como um gatinho acabado de nascer, não é?

Alan engoliu em seco, em redor daquilo que Lhe pareceu ser uma grande bola de cotão presa na garganta.

- Meu caro, ao fazer isso põe-me nervoso como tudo.

- Siga em frente e continue nervoso - ordenou Stark, sorrindo para ele. - Eu sou aquele género de pessoa ao lado de quem um homem quer continuar nervoso. Vamos comer, xerife Alan. Est -me c a parecer que este aqui est a sentir-se sozinho sem a irmã.

No microndas, Liz aqueceu uma tigela de sopa para Stark. Começou por Lhe oferecer um jantar frio, mas Stark abanou a cabeça, a sorrir, levando de seguida a mão … boca, onde arrancou um dente. Ele caiu da gengiva com uma facilidade apodrecida.

Ao deitar o dente no cesto dos papeis, Liz virou a cara comprimindo ligeiramente os l bios um contra o outro, num rosto que era uma m scara tensa de nojo.

- Não te preocupes - disse ele serenamente. - Daqui a pouco estarão óptimos. Daqui a pouco, ficar tudo óptimo. O pap deve estar a chegar a qualquer momento.

Stark estava ainda a tomar a sopa quando, dez minutos mais tarde, Thad, sentado atr s do volante do VW de Rawlie, estacionou o carro.

Vinte e Cinco

A M QUINA DE AçO

1

A casa de Verão dos Beaumont estava situada em Lake Lane, a um quilómetro e meio da Estrada 5. Todavia, Thad parou o carro a menos de um décimo desse quilómetro, arregalando os olhos de incredulidade.

Havia pardais por todo o lado.

Todos os ramos estavam cobertos por pardais empoleirados.

O mundo que ele via era grotesco e alucinante: era como se esta região do Maine tivesse germinado penas. A estrada que se estirava … sua frente desaparecera totalmente.

Onde em tempos existira, via-se um caminho feito de pardais silênciosos e aos empurrões entre as rvores sobrecarregadas.

Algures, um ramo estalou. O £nico outro som audível era o VW de Rawlie. Quando Thad iníciara a sua corrida em direcção ao oeste, o amortecedor estava em muito mau estado" agora parecia nem sequer executar qualquer tipo de função. O motor roncou e arfou, dando algumas explosões pelo tubo de escape. Ora, este som deveria bastar para levar o bando monstruoso a levantar voo de imediato. No entanto, os p ssaros não se mexeram.

O bando começava a espraiar-se a menos de quatro metros do local onde Thad parara o VW e regulara a alavanca das mudanças para ponto morto. Havia uma linha de demarcação tão nitida que podia muito bem ter sido marcada com uma régua.

"H anos que ninguem vê um bando de p ssaros como este", pensou ele. "Não desde o exterminio dos pombos passageiros' no final do século passado... e mesmo nessa altura, tenho c as minhas d£vidas. Parece que saíram de uma das histórias de Daphne du Maurier."

Um pardal esvoaçou até ao capot do VW, parecendo estar a observ -lo. Thad sentiu uma curiosidade assustadora e fria nos olhinhos pretos do p ssaro.

"Até onde irão eles?" perguntou. "Até a casa? Nesse caso, George j os viu... e vai ser o cabo dos trabalhos, se é que ainda não foi. e mesmo que não vão até tão longe, como é que vou conseguir l chegar? Eles não

estão apenas na estrada" eles SŽo a estrada."

Claro que, como é evidente, também para essa pergunta ele conhecia a resposta. Se queria chegar a casa, Thad teria de passar com o carro por cima deles.

"Não", replicou a voz dele, praticamente num lamento.

"Não, tu não podes fazer isso." A imaginação de Thad evocou imagens horriveis: os sons do esmagamento e despedaçamento de milhares de corpos min£sculos, os esguichos de sangue a espirrarem por debaixo das rodas, os grupos empapados de penas presas juntamente com os pneus.

- Mas é isso que vou ter de fazer - sussurrou ele.

- Vou ter de fazer porque tenho de fazê-lo. - Um sorriso trémulo começou a congelar o seu rosto num esgar de concentração feroz e semidemente. Naquele momento, Thad assemelhava-se peculiarmente a George Stark. Thad puxou a alavanca das mudanças para a primeira e começou a cantarolar baixinho John Wesley Harding. O VW de Rawlie moveu-se com barulho, quase foi abaixo e, de seguida, depois de três explosões ruidosas do tubo de escape, começou a rodar para a frente.

O pardal pousado no capot voou e Thad susteve a respiração, esperando que todos eles levantassem voo, tal como faziam nas visões dos estados de transe: uma grande nuvem escura a subir para o céu, acompanhada por um som semelhante a um furacão numa garrafinha.

Em vez disso, a superfície da estrada diante da ponta do VW começou a contorcer-se e a mexer-se. Os pardais -pelo menos alguns entre eles - estavam a retroceder, revelando duas faixas nuas... faixas que condiziam exactamente com o trilho feito pelos pneus do VW.

- Meu Deus - sussurrou Thad.

De um momento para o outro, via-se no meio deles.

Repentinamente, passou do mundo que sempre conhecera para um mundo que Lhe era estranho, povoado apenas por estas sentinelas que guardavam a fronteira entre a terra dos vivos e a dos mortos.

"Que é onde estou agora", pensou ele ao conduzir lentamente ao longo dos dois trilhos idênticos que os p ssaros Lhe concediam. "Estou na terra dos mortos-vivos e que Deus me ajude."

O caminho continuou a abrir-se diante de si. Thad tinha sempre cerca de quatro metros de caminho a percorrer sem obst culos e, depois de coberta essa dist*f*ncia, outros quatro metros abriam-se diante dele. Apesar de a parte inferior da carroçaria do VW passar por cima de pardais que estavam juntos entre os trilhos das rodas, Thad não tinha a sensação de os estar a matar" pelo menos, através do espelho retrovisor, não via quaisquer p ssaros mortos no caminho j percorrido. Mas era difícil ter a certeza absoluta porque, atr s de si, os pardais iam fechando o caminho, refazendo aquele tapete plano e pl£meo.

Thad conseguia sentir-lhes o cheiro - um cheiro leve e esfarelento que parecia cair sobre o peito como uma nuvem de pó de ossos. Uma vez, quando rapazinho, Thad enfiara o nariz num saco de chumbinhos para coelho e inalara profundamente. O cheiro de então era semelhante a este. Não era nauseabundo mas sim intenso. e era estranho. Thad começou a ficar perturbado pela ideia de que esta grande massa de p ssaros estivesse a roubar todo o oxigénio existente no ar, de que sufocaria antes de chegar onde queria.

Foi então que começou a ouvir, ao de leve, uns sons tac-tac-tac vindos de cima. Thad imaginou os pardais empoleirados no tejadilho do VW a com£nicarem de alguma forma com os seus companheiros, a guiarem-nos, a dizerem-lhes para se afastarem e deixarem espaço para os trilhos das rodas, a dizerem-lhes que não havia problema em irem para tr s.

Após chegar ao cume da primeira colina em Lake Drive, Thad olhou para o vale de pardais em baixo: pardais por todo o lado, pardais a cobrirem todos os objectos e a revestirem todas as rvores, transformando a paisagem num pesadelo saído de um mundo de p ssaros. Tudo isto excedia a sua capacidade de imaginação, bem como a sua capacidade de compreensão.

Thad sentiu que estava prestes a desmaiar e deu uma bofetada na própria face com violência. Comparado com o ronco dissonante do motor do VW, tratou-se de um som ligeiro - spat! - mas Thad viu uma grande onda varrer a extensão dos p ssaros amontoados... uma ondulação semeLhante a um arrepio.

"Não consigo ir até l . Não consigo."

"Tens de ir. Tu és aquele que sabe. Tu és aquele que traz. Tu es

aquele que possui."

E, alem disso, para onde mais é que poderia ir?

Lembrou-se de Rawlie a dizer-lhe: "Tem muito cuidado, Thaddeus. Nenhum homem controla os agentes da vida depois da morte. Não por muito tempo." Suponhamos que ele fizesse marcha atr s e voltasse para a Estrada 5? Os p ssaros haviam aberto um caminho diante dele... mas Thad tinha a certeza que não abririam nenhum por detr s dele. Ele acreditava que, neste momento, as consequências de tentar mudar de ideias seriam impens veis.

Thad começou a deslizar lentamente pela colina abaixo...

e os pardais abriram um caminho diante de si.

Nunca se recordou com precisão do resto da viagem"

depois de terminada, a mente de Thad correu um cortinado misericordioso sobre ela. Lembrava-se de pensar vezes e vezes sem conta: "Pelo amor de Deus, eles são apenas PARDAIS... não são nem tigres nem crocodilos nem piranhas...

são apenas PARDAIS!"

E isso era totalmente verdade, mas, ao ver tantos de uma só vez, ao vê-los por todo o lado, amontoados em todos os ramos e acotovelando-se por um lugar em todos os troncos caídos por terra... isso transtornava o espirito de qualquer um. Isso feria o espirito de qualquer um.

Ao aproximar-se da curva apertada em Lake Lane, a cerca de novecentos metros para dentro, a escola Meadow surgia … esquerda... só que não estava l . A escola Meadow desaparecera. A escola Meadow estava coberta de pardais negros.

Feria o espirito de qualquer um. .

"Quantos? Quantos milhões? Ou seriam milhares de milhões?"

No bosque, um outro ramo estalou e cedeu, caindo com um som semelhante a um rel*f*mpago distante. Thad passou diante da casa dos William" no entanto, a estrutura em T não passava de uma protuber*f*ncia felpuda debaixo do peso dos p ssaros. Thad não imaginou que o carro-patrulha de Alan Pangborn estivesse estacionado na entrada dos William" só Lhe era dado ver uma colina pl£mea.

Passou a casa dos Saddler. A casa dos Massenburg. A casa dos Payne. De outros que não conhecia ou de quem não se lembrava. e de seguida, ainda a quatrocentos metros da sua casa, os p ssaros paravam. Havia um ponto onde o mundo inteiro era composto por pardais" a quinze centímetros de dist*f*ncia desse ponto, não se via nem um £nico. Mais uma vez, parecia que alguem tinha marcado, com uma régua, uma linha ao longo da estrada. Os p ssaros saltaram e esvoaçaram para os lados, revelando trilhos de rodas que agora davam para o caminho nu e sujo de Lake Lane. Thad guiou até ao descampado, estacou subitamente o carro, abriu a porta e vomitou para o chão. Gemeu e, com o braço, limpou o suor que caía da testa. Diante de si, conseguia ver mato de ambos os lados e reflexos de um azul-claro da luz proveniente do lago … sua esquerda.

Olhou para tr s de si e viu um mundo negro, silêncioso e expectante.

"Os psicopompos", pensou ele. "Que Deus me ajude se isto correr mal, se, de alguma forma, ele conseguir controlar estes pardais. Que Deus nos ajude a todos."

Thad fechou a porta com força e fechou os olhos. X "Thad, tens de dominar-te. Não passaste por tudo isto para, agora, deitar tudo a perder. Domina-te. Esquece os pardais." - "Não consigo esquecê-los!", lamentava-se uma parte do seu espirito, num tom apavorado, sentido e vacilante, a beira da loucura. "Não consigo. Não CONSIGO!"

Mas ele podia. e iria. Os pardais estavam … espera.

Também ele esperaria. Esperaria até a chegada do momento exacto. Confiaria em si próprio para saber quando é que esse momento chegar . Se não conseguisse esperar por ele próprio, que o fizesse por Liz e pelos gémeos.

"Finge que e uma história. Apenas uma história que est s a escrever. Uma história sem quaisquer p ssaros.>, - Muito bem - murmurou. - Muito bem, vou tentar.

Thad p“s de novo o carro em movimento. Nessa altura, começou a cantar baixinho John Wesley Harding.

2

Thad parou o VW - este estancou com uma £ltima

explosão triunfante do tubo de escape - e, lentamente, saiu de dentro do carro pequeno. Thad esticou-se. George Stark saiu da porta, desta vez a segurar em Wendy, e avançou para o alpendre, de frente para Thad.

Também Stark se esticou.

Liz, postada ao lado de Alan, sentiu um grito a crescer, não na garganta mas por detr s da testa. Tudo o que desejava fazer era desviar o olhar dos dois homens, mas verificou que não conseguia fazer isso.

Vê-los era como observar um homem a fazer exercícios de alongamento num espelho.

Não eram nada parecidos um com o outro - mesmo depois de a decadência acelerada de Stark ser subtraída do quadro. Thad era franzino e moreno, Stark de ombros largos e claro, apesar do bronzeado (o pouco que ainda restava dele). No entanto, apesar de tudo, eram imagens reflectidas um do outro. A semelhança era peculiarmente precisa porque não havia nada que um olhar aterrorizado e desaprovador pudesse apontar. Tratava-se de algo sub rosa, enterrado bem no fundo entre as linhas, mas tão real que dava arrepios: aquele tique de cruzar os pés enquanto se esticavam, de abrirem os dedos das mãos e mantê-los rijos ao lado de cada coxa, a rugazinha apertada dos olhos.

Os dois descontraíram-se exactamente ao mesmo tempo.

- Ol , Thad. - Stark parecia quase tímido.

- Ol , George - respondeu Thad de modo inexpressivo. - A família?

- Ÿptima, obrigado. Vamos p"r mãos … obra? Est s preparado?

- Sim.

Por detr s deles, na direcção da Estrada 5, um ramo partiu-se. Os olhos de Stark saltaram nessa mesma direcção.

- Que foi aquilo?

- O ramo de uma rvore - replicou Thad. - h cerca de quatro anos atr s, houve um tornado por aqui, George. A madeira morta ainda est a cair. Tu sabes isso.

Stark acenou a cabeça.

- Como é que est s, velha carcaça?

- Estou bem.

- Estas com um ar um pouco adoentado. - Os olhos de Stark dardejavam o rosto de Thad, este conseguia senti-los a tentarem espreitar os pensamentos escondidos por detr s do rosto.

- Tu também não estas nos teus melhores dias.

Stark riu-se com isto, embora não houvesse qualquer tom de boa disposição na sua gargalhada.

- Parece que não.

- Vais deix -los em paz? - perguntou Thad. - Se eu fizer aquilo que tu queres, vais mesmo deix -los em paz?

- Sim - D -me a tua palavra.

- Muito bem - disse Stark. - Tens a minha palavra.

A palavra de um sulista, que não é uma coisa que se dê do pé para a mão. - A sua pron£ncia falsa, quase burlesca, de pacóvio do sul desaparecera por completo. Stark falava com uma dignidade simples e aterrorizante. Os dois homens olhavam um para o outro … luz do sol do final da tarde, tão cintilante que parecia irreal.

- Muito bem - disse Thad após um longo momento, pensando: "Ele não sabe. Ele não sabe mesmo. Os pardais...

estão ainda a esconder-se dele. Esse é o meu segredo." - Muito bem, vamos l então.

3

Enquanto os dois homens se encontravam … porta, Liz apercebeu-se de que tinha tido uma oportunidade perfeita para contar a Alan que colocara uma faca debaixo do sof ... e que a tinha deixado passar.

Ou ser que realmente a tivera?

Liz virou-se para ele e, nesse momento, Thad chamou-a.

- Liz?

A voz estava severa. Continha um tom de ordem que ele raramente utilizava, dando praticamente a impressão de que sabia o que é que ela andava a preparar... e não queria que o fizesse. Isso era impossivel,

est claro. Ou não? Liz não sabia. Nesta altura, ela não tinha a certeza de mais nada.

Liz olhou para ele e viu Stark passar o bebé para as mãos de Thad, que a segurou com força contra si. Wendy p"s os braços em redor do pescoço do pai, com tanta intimidade como os tinha colocado em redor do pescoço de Stark.

"Agora!", gritava a mente de Liz. "Diz-lhe agora! Diz-Lhe para fugir! Agora que temos os gémeos!"

Contudo, como era evidente, Stark tinha uma arma e Liz estava convencida que nenhum dos dois era suficientemente r pido para conseguir escapar a uma bala. e ela conhecia Thad muito bem" embora nunca o fosse dizer em voz alta, ocorreu-lhe subitamente que ele poderia muito bem tropeçar nos próprios pés.

Nesta altura, Thad j se encontrava muito próximo dela e Liz nem podia fingir que não percebia a mensagem que bailava nos olhos dele.

"Deixa l , Liz", diziam eles. "Agora é a minha vez de jogar."

De seguida, colocou o braço livre … volta dela e toda a familia pareceu ficar unida num abraço desajeitado, mas ardente, a quatro braços.

- Liz - disse Thad, beijando os seus l bios frios.

- Liz, Liz, desculpa-me, desculpa-me por tudo isto. Nunca quis que nada disto acontecesse. Não sabia. Sempre pensei que fosse... inofensivo. Uma piada.

Liz abraçou-o com força, beijou-o e deixou que os l bios dele aquecessem os dela.

- est tudo bem - replicou. - Vai ficar tudo bem, não vai Thad?

- Sim - respondeu ele, afastando-se dela de forma a poder olhar-lhe nos olhos. - Vai ficar tudo bem. - Depois de a beijar de novo, Thad dirigiu o olhar para Alan:

- Ol , Alan - disse, esboçando um ligeiro sorriso. - Mudou de opinião quanto a alguma coisa?

- Sim. Quanto a bastantes coisas. Hoje, falei com um velho conhecido seu. - Olhou para Stark. - e seu tambem.

Stark arqueou aquilo que ainda sobrava das suas sobrancelhas.

- Não sabia que eu e Thad tínhamos amigos em comum, xerife Alan.

- Ah sim, você teve uma relação muito intima com este tipo - replicou Alan. - Na verdade, ele j chegou a mat -lo uma vez.

- De que é que est a falar? - perguntou Thad bruscamente.

- Foi com o doutor Pritchard que eu falei. Ele lembra-se muito bem de vocês os dois. Sabe, foi um género de operação bastante invulgar. Aquilo que ele tirou de dentro da cabeça de Thad foi ele. - Alan acenou com a cabeça em direcção a Stark.

- De que é que est a falar? - perguntou Liz, tendo a voz ido abaixo na £ltima palavra.

Assim, Alan contou-lhes aquilo que Pritchard Lhe dissera... mas, no £ltimo momento, omitiu a parte sobre os pardais que bombardearam o hospital. Fê-lo porque Thad nada dissera sobre os pardais... e Thad tivera de guiar pela casa dos William para chegar aqui. Ora, esse facto sugeria duas possibilidades: ou que os pardais j se tinham ido embora quando Thad chegara, ou que Thad não queria que Stark soubesse que eles l estavam.

Alan perscrutou os olhos de Thad. "Alguma coisa est -se a passar por ali. Alguma ideia. Deus queira que seja uma ideia boa."

Quando Alan terminou, Liz pareceu atordoada. Thad acenava com a cabeça. Stark - que era de quem Alan esperava a reacção mais forte de todas - não pareceu ter ficado muito afectado, quer de um modo quer de outro. Divertimento era a £nica expressão que Alan conseguia ler naquele rosto em decomposição.

- Isso explica muita coisa - disse Thad. - Muito obrigado, Alan.

- Quanto a mim, não explica o raio de uma só coisa! - exclamou Liz de um modo tão esganiçado que os gémeos começaram a choramingar.

Thad olhou para George Stark.

- • s um fantasma - disse. - Um tipo esquisito de fantasma. Estamos todos aqui a olhar para um fantasma.

Não é espantoso? Isto não é apenas um incidente psíquico"

isto é épico!

- Não me parece que isto tenha alguma import*f*ncia - replicou Stark sem hesitar. - Conta-lhes a história de William BurroughsX, Thad. Recordo-me muito bem dela. Eu estava dentro de ti, est claro... mas estava a escutar.

Liz e Alan olharam de modo interrogativo para Thad.

- Sabes de que é que ele est a falar? - perguntou Liz.

- Claro que sei - respondeu Thad. - Não te esqueças, as duas metades da mesma laranja.

Stark lançou a cabeça para tr s e soltou uma gargalhada.

Os gémeos pararam de choramingar e riram-se com Stark.

- Essa é boa, velha carcaça! Essa é muito boa!

- Em mil novecentos e oitenta e um estive, ou talvez deva dizer, estivemos, num encontro com Burroughs. Na New sãhool, em Nova Iorque. Durante a altura das perguntas e respostas, um mi£do perguntou a Burroughs se ele acreditava na vida depois da morte. Burroughs disse que sim, ele achava que nós todos est vamos a viver a vida depois da morte.

- e é um homem esperto - disse Stark a sorrir. - Não diz nada de jeito, mas é esperto. Agora, j percebem? J percebem como nada disto interessa?

"Mas interessa", pensou Alan, estudando cuidadosamente o rosto de Thad. "Interessa e muito. O rosto de Thad assim o diz... e os pardais, de que não sabes nada, também assim o dizem."

Alan suspeitava que o conhecimento de Thad fosse ainda mais perigoso do que ele próprio se apercebia. Mas podia ser apenas aquilo que tinham. Nessa altura, chegou … conclusão de que fizera bem em manter para si só o final da história de Pritchard... mas, ainda assim, sentia-se como um homem … beira de um precipício a tentar fazer malabarismos com demasiadas tochas em chamas.

- Basta de tagarelice, Thad - ordenou Stark.

Thad acenou a cabeça.

- Sim. j falamos o sufíciente. - Thad olhou para Liz e para Alan: - Não quero que nenhum de vocês tente alguma coisa... bem... fora de

ordem. Vou fazer aquilo que ele quer que eu faça.

- Thad! Não! Não podes fazer isso!

- Chiu! - p“s um dedo sobre os l bios dela. - Posso e vou fazer. Sem truques, sem efeitos especiais. Foram as palavras no papel que o criaram e são as palavras no papel as £nicas coisas que nos vão livrar dele. - Thad empertigou a cabeça em direcção a Stark. - Achas que ele sabe se isto vai resultar? Não sabe. Ele espera que resulte.

- Exactamente - replicou Stark. - A esperança é a £ltima coisa a morrer. - Riu-se. Era um som louco e bizarro, e Alan apercebeu-se de que também Stark estava a fazer malabarismos com tochas a arder † beira de um precipício.

O canto do olho foi atraído por um movimento repentino.

Alan virou ligeiramente a cabeça e viu um pardal a poisar no parapeito que dava para a extensão de relva que delimitava a parede ocidental da sala de estar. A ele reuniu-se um segundo e um terceiro. Alan olhou para tr s, para Thad, e viu os olhos do escritor mexerem-se ligeiramente.

Ser que também ele os vira? Alan tinha a impressão que sim. Nesse caso, procedera bem. Thad sabia... mas não queria que Stark soubesse.

- Nós os dois vamos só escrever um pouco e depois despedimo-nos - disse Thad, cujos olhos se deslocaram para o rosto em decomposição de Stark. - • isso que nós vamos fazer, não e, George?!

- Acertaste, amigo.

- Portanto, tens de me dizer - pediu Thad a Liz. - Est s a esconder alguma coisa? Tens alguma coisa na cabeça?

Algum plano?

Liz fitou desesperadamente os olhos do marido, sem notar que entre eles os dois William e Wendy estavam de mãos dadas e a olharem um para o outro encantados, como familiares num encontro-surpresa que h muito não se viam.

"Não est s a falar a sério, pois não, Thad?" perguntavam os olhos dela. "• um truque, não é? Um truque para o sossegar, para deitar as suspeitas por terra?"

"Não", respondeu o olhar cinzento de Thad. "Não quero enganos de espécie alguma. é isto que quero."

Mas não havia também mais qualquer coisa? Algo tão fundo e tão escondido que, provavelmente, só ela é que conseguiria ver?

"Vou tratar da sa£de dele, amor. j sei a forma de fazê-lo. Vou conseguir."

"Oh, Thad, espero que não estejas enganado."

- h uma faca debaixo do sof - disse ela lentamente, a olhar para o rosto dele. - Trouxe-a da cozinha enquanto Alan e... e ele... estavam no vestíbulo, a utilizar o telefone.

- Pelo amor de Deus, Liz! - quase gritou Alan, fazendo os bebés saltar. De facto, Alan não estava assim tão aborrecido como esperava ter soado. Chegara … conclusão que se tudo isto tinha de acabar de uma forma que não fosse sinónimo de terror total para todos eles, então teria de ser Thad a levar isso a cabo. Fora ele que criara Stark" teria de ser ele a destruir Stark.

Liz virou o olhar na direcção de Stark e viu aquele sorriso odioso a bailar naquilo que ainda restava do seu rosto.

- Eu sei o que é que estou a fazer - disse Thad.

- Confie em mim, Alan. Liz, vai buscar a faca e deita-a l para fora, na varanda.

"Tenho um papel a desempenhar aqui", pensou Alan.

"• um papel pequeno, mas lembra-te do que o tipo costumava dizer nas aulas de teatro do colégio: não h papeis pequenos mas apenas actores pequenos."

- Est s … espera que ele nos deixe ir embora assim sem mais nem menos? - perguntou Alan de modo incrédulo.

- Que desapareça de cena, colina afora, com a cauda a abanar como o cordeirinho da Mary? Não deves estar bom da cabeça.

- Claro, não estou bom da cabeça - respondeu Thad, lançando uma gargalhada, peculiarmente parecida ao som produzido por Stark: a gargalhada de um homem que est a dançar … beira da inconsciência. - Ele existe e ele veio de mim, não foi? Como um diabo reles, criado a partir

da sobrancelha de um Zeus de terceira categoria. Mas eu sei como as coisas tem de se passar. - Virou-se e, pela primeira vez, fitou Alan de forma séria e intensa: - Eu sei como as coisas tem de se passar - repetiu lentamente e dando uma grande ênfase. - Vai … frente, Liz.

Alan soltou um som de desagrado e repugn*f*ncia e virou-se de costas, como que a distanciar-se de todos os outros.

Sentindo-se como uma mulher num sonho, Liz atravessou a sala de estar e tirou a faca de debaixo do sof .

- Tem cuidado com essa coisa - disse Stark, soando muito alerta e muito sério. - Se os teus filhos pudessem falar, diriam exactamente o mesmo.

Liz olhou … sua volta, afastou o cabelo do rosto e viu que ele estava a apontar a pistola a Thad e William.

- Eu estou a ser muito cuidadosa! - exclamou numa voz trémula e fria, … beira das l grimas. Liz fez deslizar a porta de vidro na parede para tr s, sobre as calhas, e saiu para fora, para a varanda. Agora, podia ver-se cerca de meia d£zia de pardais empoleirados na balaustrada. Quando Liz se aproximou da balaustrada e da encosta ingreme para l da varanda, os pardais afastaram-se para os lados em grupos de três, embora não tivessem levantado voo.

Alan viu que, por um instante, ela estacou, ficando a observ -los, com o cabo da faca preso entre os dedos e a ponta da l*f*mina a apontar para baixo, para a varanda, como um fio-de-prumo. Alan olhou de soslaio para Thad e viu que este estava a olhar para Liz de forma tensa. Por ultimo, olhou de soslaio para Stark. Este observava cuidadosamente Liz, mas o seu rosto não apresentava nenhum olhar de surpresa ou suspeita. De s£bito, um pensamento totalmente louco atravessou o espírito de Alan Pangborn: "Ele não os vê! Ele não se lembra do que escreveu nas paredes do apartamento e, neste momento, ele não os est a ver! Ele não sabe que eles estão ali!"

Foi então que, repentinamente, Alan se apercebeu de que Stark estava a olhar para ele, perscrutando-o com aquele olhar inexpressivo e esfarelado.

- Porque é que est a olhar para mim? - perguntou Stark.

- Quero certificar-me de que não me esqueço de quão realmente

feio e - retorquiu Alan. - Talvez, mais tarde, queira contar aos meus netos.

- Se não tem cuidado com o raio dessa sua lingua, não ter de se preocupar com os seus netos - replicou Stark.

- Nem um bocadinho. • melhor parar de vez com esse olhar, xerife Alan. Não é l muito sensato.

Liz atirou a faca sobre a balaustrada da varanda. Foi quando Liz ouviu a faca cair nos arbustos sete metros mais abaixo que começou realmente a chorar.

4

- Vamos l para cima - ordenou Stark. - • aí que Thad tem o escritório. Imagino que vais querer a tua m quina de escrever, não vais, velha carcaça?

- Não para este - replicou Thad. - Sabes bem.

Um sorriso aflorou os l bios gretados de Stark.

- ai sei?

Thad apontou para os l pis alinhados no bolso do casaco.

- Quando quero voltar a entrar em contacto com Alesis Machine e Jack Rangely, são estes que eu uso.

Stark parecia estar incongruentemente satisfeito.

- Sim, é verdade, não é? Acho que pensei que, desta vez, ias querer fazer de maneira diferente.

- Sem diferença nenhuma, George.

- Trouxe os meus próprios - afirmou ele. - Três caixas deles. Xerife Alan, importa-se de ser um lindo menino e ir l fora, ao meu carro, busc -los? Estão no compartimento das luvas. Nós ficaremos aqui a tomar conta dos bebés. - Stark olhou para Thad, lançou a sua gargalhada irracional e abanou a cabeça: - Seu cão!

- • verdade, George - respondeu Thad, com um ligeiro sorriso. - Sou um cão. e cão velho não aprende truques novos.

- Est s desejoso de meter mãos … obra, não est s, veLha carcaça? Por muito que digas, uma parte de ti est desejoso de começar. Vejo nos teus olhos. Tu queres fazer.

- Sim - respondeu Thad simplesmente, e Alan teve a impressão de que ele não estava a mentir.

- Alexis Machine - disse Stark, com os olhos amarelos a brilharem.

- Exactamente - retorquiu Thad, agora com os próprios olhos também a brilharem. - "Corta-o enquanto fico aqui e observo".

- Nem mais! - exclamou Stark, começando a rir-se …s gargalhadas. - "Quero ver correr sangue. Não me obrigues a dizer-te duas vezes."

Neste momento, começaram os dois a rir …s gargalhadas.

Liz passou o olhar de Thad para Stark e depois de novo para o seu marido, tendo ficado p lida como a cal da parede porque não conseguia apontar qualquer diferença.

De repente, † beira do precipício pareceu estar mais próxima do que nunca.

5

Alan saiu para ir buscar os l pis. A sua cabeça esteve no interior do carro apenas por um breve instante, mas esse instante pareceu-lhe muito mais longo do que isso. Assim, ficou muito satisfeito por sair de l de dentro. O carro tinha um cheiro sombrio e desagrad vel que fê-lo sentir-se ligeiramente tonto. Remexer no Toronado de Stark … procura de uma coisa era como enfiar a cabeça num sótão onde alguem despejara uma garrafa de clorofórmio.

"Se é este o odor dos sonhos", pensou Alan, "nunca mais quero ter nenhum."

Por um instante, Alan permaneceu postado ao lado do carro preto, com as caixas de l pis Berol nas mãos, a olhar para a entrada.

Os pardais tinham chegado.

A entrada estava a desaparecer por debaixo de um tapete de pardais. Enquanto observava, outros p ssaros foram poisando. e os bosques estavam cobertos deles. Os p ssaros limitavam-se a pousar e a fitarem-no, num silêncio sinistro, como um autêntico enigma vivo.

"Eles vem † tua procura, George", pensou, começando a dirigir-se

de novo para a casa. A meio caminho, estacou repentinamente quando uma ideia desagrad vel Lhe ocorreu: "Ou ser que vem † nossa procura?"

Durante um longo momento, Alan ficou a olhar os p ssaros.

porém, estes não contaram segredos, e Alan entrou em casa.

- L para cima - ordenou Stark. - V … frente, xerife Alan. V até ao fundo do quarto dos hóspedes. Aí, encontrar encostado † parede um arm rio de vidro repleto de fotografias e pisa-papeis de vidro e lembrançazinhas.

Quando fizer força contra o lado esquerdo do arm rio, este rodara para dentro sobre um eixo central. O escritório de Thad e por detr s dessa parede.

Alan olhou para Thad, que acenou a cabeça.

- Para um homem que nunca aqui esteve - retorquiu Alan - sabe muita coisa sobre esta casa.

- Mas eu j c estive - respondeu Stark num tom sério. - J aqui estive muitas vezes, nos meus sonhos.

7

Dois minutos depois, todos eles estavam reunidos no exterior da porta invulgar do pequeno escritório de Thad.

O arm rio de vidro foi empurrado para dentro, criando duas entradas para o gabinete, separadas pela espessura do arm rio. Aqui não havia janelas" "d -me uma janela aqui com vista para o lago", explicara uma vez Thad a Liz, "e não escreverei mais do que duas palavras pois passarei as outras duas horas a contemplar esta vista maravilhosa e a ver os barcos a passar."

Um candeeiro flexível e uma l*f*mpada brilhante de halogenio de quartzo lançavam um círculo de luz branca sobre a secret ria. Uma cadeira de escritório e uma outra de campismo desdobr vel estavam colocadas por detr s da secret ria, lado a lado, diante de dois blocos de notas em branco que tinham também sido colocados lado a lado no círculo de luz. Sobre cada um dos blocos de notas, viam-se dois l pis afiados Berol Black Beauty. A m quina de escrever eléctrica IBM que, por vezes, Thad aqui utilizara fora desligada da corrente e enfiada a um canto.

O próprio Thad trouxera a cadeira desdobr vel do arm rio do

vestíbulo. Neste momento, a sala deixava transparecer uma dualidade que Liz considerava aterradora e extremamente desagrad vel. De certo modo, tratava-se de uma outra versão da criatura do espelho que ela imaginara ter visto quando, por fim, Thad chegara. Aqui estavam duas cadeiras onde sempre tinha existido apenas uma, aqui estavam dois sitios para escrever, também lado a lado, onde só deveria existir um. O instrumento de escrita que Liz associava ao ("melhor") eu normal de Thad fora posto de lado e, quando os dois se sentaram, Stark na cadeira de escritório de Thad e Thad na cadeira desdobr vel, a desorientação foi total. Liz quase sentiu n useas.

Cada um segurava um gémeo no colo.

- Quanto tempo é que ainda temos antes de alguem começar a suspeitar e decidir vir dar uma espreitadela a casa?

- perguntou Thad a Alan, que se encontrava postado junto … porta, juntamente com Liz. - Sê honesto e sê o mais exacto possível. Tem de acreditar em mim quando vos digo que est e a £nica oportunidade que temos.

- Thad, olha para ele! - explodiu Liz. - Não consegues ver o que se est a passar com ele? Ele não quer apenas ajuda para escrever um livro! Ele quer roubar-te a vida!

Não consegues ver isso?

- Chiu - respondeu. - Eu sei aquilo que ele quer.

Creio que o sei desde o início. est e a £nica forma. Eu sei aquilo que estou a fazer. Quanto tempo, Alan?

Alan reflectiu com cuidado. Dissera a Sheila que ia tomar um lanchezinho e, como j tinha telefonado, ia levar mais algum tempo até ela começar a ficar nervosa. As coisas talvez tivessem acontecido mais depressa se Norris Ridgewick estivesse por perto.

- Talvez até a minha mulher telefonar a perguntar por mim - respondeu. - Talvez mais. h muito tempo que ela é mulher de um polícia. est habituada a esperar durante horas e noites a fio. - Alan não gostou de ouvir-se a si próprio a dizer aquilo. Não era esta a suposta maneira de jogar o jogo, era exactamente da forma oposta.

Os olhos de Thad forçavam-no a isso. Stark não parecia sequer estar a ouvir, pegara no pisa-papeis de ardósia colocado sobre uma pilha

desordenada de antigas folhas manuscritas no canto da secret ria e estava a brincar com ele.

- Penso que temos ainda umas quatro horas. - De seguida, de modo relutante, acrescentou: - Talvez até toda a noite. Deixei Andy Clutterbuck a secret ria e Clut não e própriamente um menino sobredotado. Se alguem desconfiar de alguma coisa, talvez seja aquele Harrison, aquele que o Thad despistou, ou uma outra pessoa que conheço na Esquadra da Polícia Estadual em Oxford. Um tipo chamado Henry Payton.

Thad olhou para Stark.

- ser suficiente?

Os olhos de Stark, jóias cintilantes no cen rio em ruínas do seu rosto, estavam distantes, toldados. A mão ligada brincava de forma ausente com o pisa-papeis. Stark p"-lo de volta no lugar e sorriu para Thad.

- O que é que tu achas? Sabes tanto sobre isto quanto eu.

Thad reflectiu: "Tanto eu como ele sabemos do que e que estamos a tratar, mas penso que nenhum de nós conseguiria p"r isso em palavras. Escrever não é exactamente aquilo que estamos a fazer aqui. Escrever é apenas um ritual.

Estamos aqui a tratar da passagem de uma espécie de testemunho. Uma troca de poder. Ou, mais adequadamente, um negócio: a vida de Liz e dos gémeos em troca... de quê? De quê, exactamente?"

Todavia, ele sabia de quê, est claro. Seria muito estranho se não soubesse, pois Thad andara a meditar exactamente sobre este assunto h não muitos dias atr s. Era o olho dele que Stark queria - não, exigia. Aquele terceiro olho invulgar que, estando enterrado no seu cérebro, só podia olhar para dentro.

Thad começou a sentir de novo aquela sensação de formigueiro e tentou afast -la. "Não vale espreitar, George.

Tu tens o poder nas mãos, eu só tenho um bando de p ssaros magricelas. Portanto, não vale espreitar."

- Penso que talvez seja - retorquiu Thad. - Só o saberemos quando acontecer, não e?

- Sim.

- Como um sobe-e-desce, quando uma das extremidades da t bua vai para cima... e a outra extremidade vai para baixo - Thad, o que é que est s a esconder? O que é que est s a esconder de mim?

Seguiu-se um momento de silêncio eléctrico na sala, uma sala que, subitamente, pareceu demasiado pequena para as emoções que giravam dentro dela.

- Posso fazer-te a mesma pergunta - respondeu Thad por fim.

- Não - retorquiu Stark lentamente. - Tenho todas as minhas cartas na mesa. Por isso, diz-me, Thad. - A sua mão fria e apodrecida enroscou-se † volta do pulso de Thad com a força inexor vel de uma man pula de aço. - O que é que est s a esconder?

Thad obrigou-se a virar a cabeça e a olhar para dentro dos olhos de Stark. Neste momento, aquela sensação de formigueiro estava espalhada por todo o corpo, embora se mantivesse centrada no buraco na mão.

- Queres fazer este livro ou não? - inquiriu.

Pela primeira vez, Liz viu a expressão subjacente do rosto de Stark - não no rosto mas dentro do rosto - alterar-se. Subitamente, era possível ler-se uma certa incerteza.

E medo? Talvez sim, talvez não. Mas, neste £ltimo caso, o medo estava muito próximo, prestes a surgir.

- Não vim até aqui para brincar …s casinhas contigo, Thad.

- Então, imagina l tu - replicou Thad. Liz ouviu um grito sufocado e apercebeu-se de que fora ela própria quem o soltara.

Stark olhou de relance para Liz, virando-se de seguida de novo para Thad.

- Não me provoques, Thad - disse ele severamente.

- Não queres de certeza provocar-me, velha carcaça.

Thad soltou uma gargalhada. Era um som frio e desesperado... mas não totalmente desprovido de boa disposição. e isso era o pior de tudo. Não se tratava de um som totalmente desprovido de boa disposição e, nessa gargalhada, Liz ouviu George Stark, tal como vira Thad

Beaumont nos olhos de Stark quando este estava a brincar com os bebés.

- Porque não, George? Eu sei aquilo que tenho a perder.

Também tudo isso est na mesa. Agora, queres escrever ou queres falar?

Stark reflectiu por um longo instante, com o seu olhar inexpressivo e maligno a cobrir o rosto de Thad. De seguida, disse:

- Ah, que se lixe. Vamos l .

Thad sorriu.

- Porque não?

- Tu e o polícia saiam - ordenou Stark a Liz. - Agora é só entre rapazes. Estamos bastante empenhados.

- Eu levo os bebés - ouviu-se Liz a si própria dizer, tendo Stark rido.

- Isso é muito engraçado, Beth. Sim, sim. Os bebés são o seguro. Como a patilha de protecção numa disquete, não é assim, Thad?

- Mas... - começou Liz.

- est tudo bem - respondeu Thad. - Eles vão ficar bem. O George toma conta deles enquanto eu começo com isto. Eles gostam dele. Ainda não reparaste?

- Claro que j reparei - respondeu ela numa voz baixa e a transbordar de ódio.

- Não se esqueça de que eles estão aqui connosco - disse Stark para Alan. - Não tire isto da cabeça, xerife Alan. Não se ponha para aí a inventar. Se tentar alguma gracinha, vai ser tal e qual como Jonestown. Vão ter de nos tirar daqui pelos pés. Percebeu?

- Entendido - respondeu Alan.

- E, quando saírem, fechem a porta - Stark virou-se para Thad. - est na hora.

- Exactamente - disse Thad, que agarrou num l pis.

Virou-se para Liz e para Alan e, do rosto de Thad Beaumont, os olhos de George Stark fitaram-nos. - v l , vão-se l embora.

Liz parou a meio das escadas e Alan quase esbarrou com ela. O olhar de Liz atravessava a sala de estar e fixava-se para l da vidraça na parede.

O mundo era constituido por p ssaros. A varanda estava soterrada sob eles, a encosta que descia para o lago tornara-se negra … luz do p"r do Sol, acima do lago, o ceu estava escuro, j que mais p ssaros se dirigiam em bandos para a casa do lago dos Beaumont, vindos do ocidente.

- Ah, meu Deus - disse Liz.

Alan segurou o braço dela.

- Esteja calada - pediu. - Ele não a pode ouvir.

- Mas o que é...

Alan conduziu-a pelo resto das escadas abaixo, continuando a agarrar com força o braço dela. Quando entraram na cozinha, Alan contou-lhe o resto que o Dr. Pritchard Lhe dissera nessa tarde, um pouco mais cedo, h mil anos atr s.

- O que quer isso dizer? - sussurrou ela, com o rosto branco como a cal da parede. - Alan, estou tão assustada.

Pangborn colocou os braços a volta dela e apercebeu-se de que, apesar de ele próprio estar também profundamente assustado, era uma mulher e tanto.

- Não sei - respondeu - mas sei que eles estão aqui ou porque Thad ou porque Stark os chamaram. Tenho a certeza de que foi Thad. Porque ele viu-os de certeza quando aqui chegou. Ele viu-os mas não fez qualquer referência a eles.

- Alan, ele não é o mesmo.

- Eu sei.

- Uma parte dele adora Stark. Uma parte dele adora o lado sombrio de Stark... dele.

- Eu sei.

Juntos, dirigiram-se para a janela junto … mesinha do telefone no

vestíbulo e olharam para fora. A entrada estava repleta de pardais, bem como os bosques e o pequeno caminho em redor do barracão onde a .22 continuava trancada. O VW de Rawlie desaparecera debaixo dos p ssaros.

No entanto, sobre o Toronado de George Stark, não se via pardal algum. E, em seu redor, havia um círculo nítido de espaço vazio na entrada, como se esta zona estivesse de quarentena.

Com uma pancada suave, um p ssaro voou e esbarrou contra a janela. Liz soltou um gritinho. Os outros p ssaros mexeram-se com irrequietude - um grande movimento semelhante a uma onda que subiu por toda a colina acima - e, de seguida, ficaram de novo imobilizados.

- Mesmo que eles sejam de Thad - disse ela - ele pode não os utilizar contra Stark. Alan, uma parte de Thad é louca. Uma parte dele sempre foi louca. Ele... ele gosta disso.

Alan nada respondeu, mas também ele estava ciente desse facto. Ele pressentira isso.

- Tudo isto é tal e qual um pesadelo - continuou Liz.

- Gostava de poder despertar. Gostava de poder despertar e que as coisas continuassem a ser como eram. Não como eram antes de Clawson" como eram antes de Stark.

Alan acenou a cabeça.

Liz olhou para cima, em direcção a ele.

- Então, o que é que fazemos agora?

- Fazemos a parte mais difícil - respondeu. - Esperamos.

9

A tarde pareceu durar para sempre, com a luz a escoar-se lentamente do céu … medida que o Sol se despedia por detr s das montanhas no lado ocidental do lago, as montanhas que se afastavam para ir ao encontro da cordilheira Presidêncial da fenda de New Hampshire.

L fora, os £ltimos bandos de pardais chegavam e juntavam-se ao bando principal. Alan e Liz conseguiam sentir a sua presença sobre o telhado, um tumulo de pardais, embora eles se mantivessem silênciosos. Estavam … espera.

Quando se deslocavam pela sala, as suas cabeças viravam-se … medida que eles andavam, viravam-se como antenas de radar a seguir um sinal. Era ao escritório que eles estavam a prestar atenção e a coisa mais enlouquecedora de todas era que não se ouvia um £nico som por detr s da porta especial que dava para esse compartimento. Liz não conseguia sequer ouvir os bebés a palrarem e balbuciarem um com o outro. Era sua esperança que eles tivessem adormecido"

contudo, não era possível calar a voz que insistia que Stark tinha morto ambos, e Thad também.

Silenciosamente.

Com a navalha que transportava consigo.

Liz disse para si mesma que, se algo semelhante a isso acontecesse, os pardais saberiam, os pardais fariam alguma coisa, e isso ajudava, mas só um pouco. Os pardais eram enigma desconhecido a rodear a casa. Só Deus sabia o que eles fariam... ou quando.

Lentamente, o lusco-fusco deu lugar … escuridão total, e foi nessa altura que Alan afirmou, de forma brusca:

- Se isto demorar muito tempo, eles vão trocar de posição, não e? Thad começar a ficar doente... e Stark começar a ficar bem.

Liz ficou tão perplexa que quase deixou cair a ch vena de café sem aç£car que estava a segurar.

- Sim, penso que sim.

Um mergulhão chamou desde o lago: um som isolado, dorido e solit rio. Alan pensou nos dois no andar de cima, os dois pares de gémeos, um par descansado, o outro empenhado numa qualquer luta terrível no crep£sculo fundido da sua imaginação una.

L fora, os p ssaros observavam e esperavam … medida que o crep£sculo avançava.

"A conversa j começou", pensou Alan. "O fim de Thad est a subir e o fim de Stark est a descer." l em cima, por detr s da porta que criava duas entradas quando estava aberta, a transformação começara.

"Est quase no fim", pensou Liz. "De uma forma ou de outra."

E, como se este pensamento tivesse causado o fim, Liz ouviu o

vento começar a soprar - um vento estranho e Sibilante. Só que o lago permaneceu raso como um prato.

Liz levantou-se, com os olhos arregalados, as mãos a dirigirem-se para a garganta. Fitou os olhos através da vidraça da parede. "Alan", tentou ela dizer, mas a voz faltou-Lhe. Não importava.

No andar de cima, ouviu-se um som estranho e peculiarmente sibilante, como uma nota soprada de uma flauta torta. S£bita e estridentemente, Stark gritou:

- Thad? O que é que est s a fazer? O que e que est s a fazer?

Seguiu-se um som curto, semelhante a uma pancada, como a detonação de uma pistola. Um instante depois, Wendy começou a chorar.

E, l fora, na escuridão profunda, um milhão de pardais começou a agitar as asas, preparando-se para voar.

Vinte e Seis

OS PARDAIS ESTŽo A VOAR

Quando Liz fechou a porta e deixou os dois homens sozinhos, Thad abriu o bloco de notas e, por um instante, fitou a p gina em branco. De seguida, pegou num dos l pis Berol afiados.

- Vou começar com o bolo - disse ele a Stark.

- Sim - retorquiu Stark, cujo rosto deixava transparecer uma espécie de *f*nsia saudosa.

Thad poisou o l pis sobre a p gina em branco. Este era sempre o melhor instante de todos: exactamente antes do primeiro golpe. Era uma espécie de intervenção cir£rgica e, no final, o doente acabava quase sempre por morrer. Ainda assim, Thad não deixava de o fazer. Thad tinha de o fazer porque ele era feito para isso. e apenas isso.

"Não te esqueças", pensou ele. "Não te esqueças do que est s a fazer."

Todavia, uma parte dele - aquela parte que queria realmente escrever M quina de Aço - protestava.

Thad debruçou-se para a frente e começou a encher o espaço em branco.

M QUINA DE A€O de George Stark Primeiro Capítulo: O Casamento

Só muito raramente é que Alexis Machine era excêntrico e, ter um pensamento excêntrico numa situação como esta era algo que nunca Lhe acontecera antes. Ainda assim, ocorreu-lhe o seguinte pensamento:

De todas as pessoas na Terra - quantas? Cinco mil milhões? - sou a £nica que, neste preciso momento, se encontra no interior de um bolo de casamento móvel com uma pistola semiautom tica Heckler & Koch .223 nas mãos.

Nunca se sentira tão confinado num local. O ar começara a rarear quase logo no início, mas, de qualquer forma, ele não conseguiria respirar mais fundo.

A cobertura do Bolo de Tróia era real, mas debaixo dela não existia nada a não ser uma fina camada de um produto de gesso

denominado .Martex - uma espécie de caixa de cartão de alta categoria. Se enchesse o peito de ar, o noivo e a noiva colocados no topo do terço superior do bolo iriam provavelmente cair.

A cobertura iria certamente quebrar-se e...

Thad escreveu durante quase quarenta minutos, aumentando de velocidade … medida que ia avançando, com o seu espirito a encher-se gradualmente dos cheiros e sabores do copo-d' gua, que iria terminar com um estampido e tanto.

Por fim, poisou o l pis. Escrevera tudo de uma só vez.

- D -me um cigarro - pediu.

Stark franziu o sobrolho.

- est bem - respondeu.

Havia um maço de Pall Malls na secret ria. Com uma sacudidela, Stark tirou um cigarro para fora e Thad apanhou-o.

Após tantos anos, o cigarro causava uma sensação estranha entre os l bios... de alguma forma, parecia demasiado grande. Mas sabia bem. Sabia correcto.

Stark acendeu um fósforo e ofereceu-o a Thad, que inalou o fumo bem para dentro. O fumo corroeu os pulmões na sua antiga forma implac vel e absoluta. Apesar de se ter sentido imediatamente tonto, Thad não se importou nada com essa sensação.

"Agora, preciso de uma bebida", pensou. "E se tudo isto terminar comigo ainda vivo e de pé, é a primeira coisa que vou fazer."

- Pensava que tinhas deixado de fumar - afirmou Stark.

Thad acenou a cabeça.

- Eu também. O que é que posso dizer, George? Estava enganado.

Thad deu uma outra grande passa no cigarro, lançando o fumo para fora através das narinas. Foi então que virou o bloco de notas em direcção a Stark.

- • a tua vez - disse.

Stark debruçou-se sobre o bloco de notas e leu o £ltimo par grafo que Thad escrevera" não havia necessidade alguma de ler mais nada. Os

dois sabiam muito bem como continuava a história.

L em casa, neste momento, Jack Rangely e Tony Westerman deviam estar na cozinha e Rollick no andar de cima.

Todos eles estavam armados com umas Steyr-Aug semiautom ticas, a £nica metralhadora boa fabricada na América e, mesmo que alguns dos guarda-costas disfarçados de convidados estivessem muito longe, os três seriam capazes de levar a cabo uma tempestade de fogo mais do que adequada para cobrir a sua retirada. "Só quero é sair deste bolo", pensou Machine. "• só isso que peço."

Stark acendeu para si próprio um Pall Mall, pegou num dos seus l pis Berol, abriu o bloco de notas... e fez uma pausa. Olhou para Thad com uma sinceridade desarmada.

- Estou assustado, velha carcaça - confessou.

E, apesar de tudo aquilo que sabia, Thad sentiu uma grande onda de compaixão percorrer o seu corpo. "Assustado.

Sim, é evidente que est s", pensou. "Só aqueles que começam da estaca zero - os mi£dos - é que não ficam assustados. Os anos passam e as palavras na p gina não ficam mais escuras... mas o espaço em branco é que fica de certeza mais branco. Assustado? Serias ainda mais louco do que j és se não estivesses assustado."

- Eu sei - retorquiu Thad. - e tu sabes a que é que isso vai dar: a £nica forma de o fazer é fazê-lo.

Stark assentiu e debruçou-se sobre o bloco de notas.

Releu por duas vezes o £ltimo par grafo que Thad escreveu... e foi então que começou a escrever.

As próprias palavras formavam-se com uma lentidão tortuosa no espirito de Thad.

Machine... nunca... imaginara...

Uma pausa longa e, de seguida, numa explosão:

... o que seria sofrer de asma. Contudo, se depois disto, alguem Lhe perguntasse...

Uma pausa mais curta.

... ele lembrar-se-ia do trabalho scoretti.

Depois de ler aquilo que acabara de escrever, Stark olhou para Thad de forma incrédula.

Thad acenou a cabeça.

- Faz sentido, George.

Thad passou com os dedos pelo canto da boca, onde sentiu uma ferroada subita, e verificou que uma ferida nova estava a brotar nesse ponto. Olhou para Stark e viu que uma ferida semelhante desaparecera do canto da boca de Stark.

"Est a acontecer. est mesmo a acontecer."

- Vai em frente, George - disse ele. - F -los ver com quantos paus se faz uma canoa.

Mas Stark j se debruçara de novo sobre o bloco de notas e, neste momento, estava a escrever com maior rapidez.

2

Stark escreveu durante praticamente meia hora e, por fim, com um pequeno grito de satisfação, poisou o l pis.

- est bom - disse numa voz baixa e triunfante.

- est tão bom quanto podia estar.

Thad pegou no bloco de notas e começou a ler - e, ao contr rio de Stark, leu tudo. Aquilo de que estava … procura começou a surgir na terceira p gina das nove que Stark escrevera.

Machine ouviu o som de alguem a raspar e retesou-se, com as mãos a apertarem a Heckler & Pardal. Foi então que compreendeu o que é que eles estavam a fazer. Os convidados - cerca de duzentos - reunidos em mesas compridas sob a gigantesca tenda de riscas azuis e amarelas, estavam a empurrar os pardais desdobr veis ao longo das tabuas que tinham sido colocadas para proteger o relvado dos buraquinhos feitos pelos pardais de saltos altos das mulheres. Os convidados estavam a prestar ao bolo de pardais uma maldita homenagem de pé.

"Ele não sabe", pensou Thad. "Escreveu a palavra "pardais" vezes e vezes sem conta e não faz a mais...

pequena... ideia."

Por cima da cabeça, Thad escutou-os a mexerem-se, agitados, para a frente e para tr s, tendo os gémeos olhado diversas vezes para cima antes de adormecerem. Portanto, Thad sabia que também eles tinham reparado.

No entanto, George não reparara.

Para George, os pardais não existiam.

Thad voltou ao manuscrito. A palavra começava a insinuar-se com uma frequência cada vez maior e, no £ltimo par grafo, a expressão inteira começara a aparecer.

Mais tarde, Machine descobriu que os pardais estavam a voar e que Jack Rangely e Lester Rollick eram as £nicas pessoas no seu grupo escolhido a dedo que eram realmente pardais de confiança. Todos os outros, pardais com quem voara durante dez anos, estavam metidos naquilo. Pardais. e começaram a voar antes mesmo de Machine ter gritado para dentro do seu pardal-talkie.

- Então? - perguntou Stark quando Thad pousou o manuscrito. - O que é que achas?

- Acho que est bem - respondeu Thad. - Mas j sabias isso, não sabias?

- Sim... mas queria ouvir-te dizê-lo, velha carcaça.

- Acho também que est s com muito melhor aspecto.

O que era verdade. Enquanto estivera perdido no mundo irado e violento de Alexis Machine, George começara a sarar.

As feridas estavam a desaparecer. A pele gretada e apodrecida estava a adquirir de novo o tom rosado, as extremidades desta pele nova estavam a passar por cima das feridas saradas, acabando por unirem-se umas com as outras, em certos casos j se tendo fundido. As sobrancelhas, que tinham desaparecido numa am lgama de carne apodrecida, estavam a reaparecer. Os fios de pus que haviam transformado o colarinho da camisa de Stark num empapado feio e amarelado estavam a secar.

Thad levantou a mão esquerda e tocou na ferida que estava a começar a romper na própria têmpora esquerda e, por um instante,

manteve as pontas dos dedos diante dos seus olhos. Estavam h£midas. Thad tornou a levantar a mão e a passar os dedos pela testa. A pele estava macia.

A pequena cicatriz branca, lembrança da operação a que fora submetido no ano em que a sua verdadeira vida tivera início, desaparecera.

Uma extremidade do sobe-e-desce vai para cima, a outra tem de vir para baixo. Apenas mais uma lei da natureza, querido. Apenas mais uma lei da natureza.

Ser que j estava escuro l fora? Thad estava convencido que deveria estar - escuro ou muito próximo de escuro.

Olhou para o relógio, embora este não Lhe tivesse dado qualquer tipo de ajuda. Parara …s cinco e quinze. O tempo não tinha qualquer import*f*ncia. Em breve, teria de avançar com aquilo.

Stark esmagou um cigarro no cinzeiro a transbordar.

- Queres continuar ou fazer um intervalo?

- Porque é que não continuas tu? - perguntou Thad. - Penso que és capaz.

- Sim - retorquiu Stark, sem olhar para Thad. De facto, Stark só tinha olhos para as palavras, as palavras, as palavras. Passou uma mão pelo cabelo louro, que estava a ficar lustroso de novo. - Sim, também penso que sou capaz. Na verdade, eu sei que sou capaz.

Começou a escrevinhar de novo. Quando Thad se levantou da cadeira e se dirigiu para o afia-l pis Stark levantou a cabeça por breves momentos, baixando-a logo de seguida. Thad afiou um dos Berols até ficar com a ponta extremamente afiada. E, ao voltar para a cadeira, tirou do bolso o apito cujo som atraía p ssaros que Rawlie Lhe dera. Fechou-o na mão e tornou a sentar-se, olhando para o bloco de notas diante de si.

J estava, chegara a hora. Thad sabia-o tão bem e com tanta verdade quanto conhecia os traços do próprio rosto debaixo da mão. A £nica questão que ainda faltava saber era se ele tinha ou não coragem para executar o que decidira.

Uma parte dele não queria, uma parte dele ainda ansiava pelo livro. No entanto, Thad ficou surpreendido ao verificar que esse

sentimento j não era tão forte quanto o fora quando Liz e Alan tinham deixado o escritório, e ele supunha conhecer a razão desse sentimento. Estava a ocorrer uma separação. Uma espécie de nascimento obsceno. Este deixara de ser o seu livro. Alexis Machine estava com a pessoa que o possuira desde o início.

Continuando a segurar com força o apito na mão esquerda, Thad debruçou-se sobre o bloco de notas.

"Eu sou aquele que traz", escreveu.

L em cima, a movimentação agitada dos p ssaros parou.

"Eu sou aquele que conhece", escreveu.

O mundo inteiro parecia estar imobilizado, … escuta.

"Eu sou aquele que possui."

Parou e olhou de relance para os filhos a dormir.

"Mais cinco palavras", pensou. "Apenas mais cinco palavras."

E Thad apercebeu-se de que a sua vontade de as escrever era mais forte do que nunca.

Thad queria escrever histórias... mas mais do que isso mais do que as visões encantadas por vezes proporcionadas por aquele terceiro olho, ele queria ser livre.

"Apenas mais cinco palavras."

Thad levantou a mão esquerda, tendo enfiado o apito na boca como um cigarro.

"Não olhes agora, George. Não olhes agora, não desvies os olhos do mundo que est s a criar. Agora, não. Por favor, Deus, não permitas que ele olhe agora para o mundo das coisas verdadeiras."

Na folha em branco diante de si, escreveu a palavra "PSICOPOMPOS" em mai£sculas. Fez um círculo … sua volta. Por baixo, desenhou uma seta sob esta £ltima, escreveu:

"OS PARDAIS ESTŽo A VOAR."

L fora, o vento começou a soprar - só que não era vento algum" era o agitar de milhões de penas. e estava no interior da cabeça de Thad. Subitamente, aquele terceiro olho abriu-se na mente, abriu-se mais do que

nunca, e Thad viu Bergenfield-Nova Jersia - as casas vazias, as ruas vazias, o ameno céu primaveril. Viu os pardais espalhados por todo o lado, mais do que alguma vez vira em toda a sua vida. O mundo onde ele crescera tornara-se um vasto avi rio.

Só que não era Bergenfield.

Era Endsville.

Stark parou de escrever. Com um toque de alarme repentino e atrasado, arregalou os olhos.

Thad respirou fundo e suspirou. O apito que Rawlie Lhe oferecera soltou uma nota invulgar e aguda.

- Thad? O que é que est s a fazer? O que é que est s a fazer?

Stark tentou tirar-lhe o apito. Antes de conseguir tocar nele, ouviu-se uma detonação e o apito partiu-se em dois na boca de Thad, cortando-lhe os l bios. O som acordou os gémeos. Wendy começou a chorar.

L fora, o ruge-ruge dos p ssaros transformou-se num fragor.

Eles estavam a voar.

3

Liz lançara-se para as escadas quando ouviu Wendy começar a chorar. Por um instante, Alan manteve-se no mesmo sítio, petrificado com o que via l fora. A terra, as rvores, o lago, o céu - tinham todos desaparecido sob uma mancha preta. Os pardais levantaram voo numa grande cortina oscilante, escurecendo a janela de cima a baixo e de um lado a outro.

Quando os primeiros corpos min£sculos começaram a bater no vidro reforçado, a paralisia de Alan quebrou-se.

- Liz! - gritou. - Liz, para baixo!

Mas ela não se iria baixar, o bebé dela estava a chorar e era só naquilo que conseguia pensar.

A correr, Alan atravessou a sala na direcção de Liz, empregando aquela velocidade quase estranha que era um segredo só seu, e foi quando a agarrou que toda a vidraça da parede se estilhaçou sob o peso de vinte mil p ssaros. Outros vinte mil p ssaros seguiram os primeiros, e mais

outros vinte mil e mais outros vinte mil. Num instante, a sala de estar ficou repleta deles. Estavam por todo o lado.

Alan lançou-se por cima de Liz e empurrou-a para debaixo do sof . O mundo estava replecto do chilrear estridente dos pardais. Agora, conseguiam ouvir as outras janelas a partirem-se, todas as outras janelas. A casa chocalhou com as pancadas de min£sculos bombardeiros suícidas.

Alan olhou para fora e confrontou-se com um mundo que não passava de uma agitação preto-acastanhada.

Os detectores de fumo começaram a disparar … medida que os p ssaros iam esbarrando contra eles. Algures, ouviu-se um estrépito monstruoso quando o écra do televisor explodiu. Fragor quando os quadros das paredes caíram.

Uma série de pancadas surdas quando os pardais foram de encontro aos tachos pendurados na parede junto ao fogão e os deitaram ao chão.

E, ainda assim, Alan conseguia ouvir os bebés a chorar e Liz a gritar.

- Solta-me! Os meus filhos! Deixa-me! TENHO DE IR BUSCAR OS MEUS FILHOS!

Liz contorceu-se, conseguindo libertar parte do corpo de debaixo dele. De imediato, a parte superior do corpo ficou totalmente coberta de pardais, que agarraram o cabelo dela e começaram a bater as asas desalmadamente. Liz tentou enxot -los com violência. Alan agarrou nela e empurrou-a para tr s. Através do ar endemoninhado da sala de estar, Alan conseguia ver um amplo cordão de pardais a voar escadas acima - em direcção ao escritório.

4

Quando os primeiros p ssaros começaram a bater contra a porta secreta, Stark tentou agarrar Thad. Por detr s da parede, este £ltimo conseguia ouvir a pancada abafada de pisa-papeis a cairem e o tilintar de vidros a partirem-se.

Agora, os dois gémeos estavam a gemer. Os seus gritos aumentaram, misturados com o chilrear ensurdecedor dos pardais. Juntos, os dois compunham uma espécie de harmonia infernal.

- P ra com isso! - berrou Stark. - P ra com isso, Thad! O que quer

que estejas a fazer, p ra com isso!

Stark tentou agarrar na pistola, tendo Thad espetado o l pis que estava a segurar na garganta dele.

Num esguicho, sangue jorrou para fora. Stark virou-se para ele, tentando arrancar o l pis com as mãos. Este andava para cima e para baixo enquanto Stark tentava engolir.

Finalmente, conseguiu p“r uma mão em redor do l pis e puxou-o para fora.

- O que é que est s a fazer? - perguntou numa voz rouca. - O que é isto?

Agora, ele j conseguia ouvir os p ssaros, apesar de não os compreender, ouvia-os. Os olhos giraram em direcção … porta fechada e, pela primeira vez, Thad viu um terror genuino estampado naquele rosto.

- Estou a escrever o final, George - respondeu Thad numa voz tão baixa que nem Liz nem Alan ouviram no andar de baixo. - Estou a escrever o final no mundo real.

- Tudo bem - retorquiu Stark. - Vamos, então, escrever o final para todos nós.

Stark virou-se para os gémeos com o l pis ensanguentado numa mão e a .45 na outra.

A extremidade do sof estava coberta por uma manta dobrada. Alan ergueu-se para ir apanh -la, tendo a sua mão sido imediatamente golpeada por aquilo que Lhe pareceu ser uma d£zia de agulhas de costura quentes.

- Raios! - gritou, escondendo a mão no mesmo instante.

Liz estava ainda a tentar libertar-se de debaixo dele.

Nesta altura, o monstruoso som ruflante parecia encher todo o universo e Alan deixara de ouvir os bebés... mas Liz Beaumont, não. Ela contorceu-se, torceu-se e empurrou.

Com a mão esquerda, Alan agarrou com força o colarinho dela e sentiu o tecido rasgar-se.

- Espera um minuto! - bramiu para ela, mas era in£til.

Enquanto os filhos dela estivessem a gritar, não havia nada que pudesse dizer que a fizesse parar. Com Annie seria o mesmo. Mais uma vez, Alan tentou levantar a mão direita, desta vez ignorando os bicos de punhal, e agarrou a manta que, ao cair do sof , se abriu em dobras enredadas.

Do quarto principal, ouviu-se uma pancada enorme quando uma peça de mobili rio - talvez a escrivaninha - caiu ao chão. A mente distante e sobrecarregada de Alan tentou imaginar quantos pardais é que teriam sido necess rios para derrubar uma escrivaninha.

"Quantos pardais é que são necess rios para atarraxar uma l*f*mpada?", perguntou a mente dele, enlouquecida.

"Três para segurarem na l*f*mpada e três mil milhões para virarem a casa!" Alan soltou uma gargalhada demente. Foi então que o grande globo suspenso no centro da sala de estar explodiu como uma bomba. Liz gritou e, por um instante, retrocedeu para tr s com medo. Nessa altura, Alan conseguiu lançar a manta sobre a cabeça de Liz. Ele próprio escondeu-se debaixo dela. porém, nem mesmo ali ficaram sozinhos, meia d£zia de pardais permaneceram junto deles.

Alan sentiu umas asas penugentas roçarem a face, sentiu uma dor aguda na têmpora esquerda e deu um soco nele próprio através da manta. O pardal caiu para o ombro e, de seguida, de debaixo da manta para o chão.

Alan puxou Liz contra ele, gritando-lhe ao ouvido:

- Vamos andar! Andar, Liz! Debaixo desta manta. Se tentar correr, dou-lhe um murro! Acene com a cabeça se percebeu!

Mais uma vez, ela tentou afastar-se. A manta esticou-se.

Por breves instantes, alguns pardais poisaram nesta superfície, deram uns saltinhos como se de um trampolim se tratasse e começaram a voar de novo. Alan tornou a pux -la contra ele e abanou-a pelo ombro. Abanou-a com força:

- Raios a partam, acene se percebeu!

Quando Liz abanou a cabeça, ele sentiu o cabelo dela fazer-lhe cócegas nas faces. A rastejar, os dois começaram a sair de baixo do sof . Alan manteve o braço colocado com força em redor dos ombros dela, com medo que fugisse. E, lentamente, começaram os dois a atravessar a

sala invadida, por entre as nuvens geis e dementes de p ssaros a piarem. Assemelhavam-se a um animal mascarado numa feira: um burro dançarino com o João a fazer de cabeça e a Maria a fazer de traseiro.

A sala de estar da casa dos Beaumont era espaçosa, com um tecto de pé alto. No entanto, agora, parecia não haver mais ar. Os dois caminharam através de uma atmosfera mold vel, agitada e gelatinosa de p ssaros.

A mobilia partia-se. Os p ssaros iam contra as paredes, os tectos e os electrodomésticos. O mundo inteiro ficara repleto do cheiro a p ssaros e com uma resson*f*ncia estranha.

Por fim, chegaram …s escadas e começaram a subir lentamente sob a manta, que j se encontrava coberta de penas e cagadelas de p ssaros. E, ao iníciarem a subida, um estampido de pistola soou vindo de algures do escritório l em cima.

Neste momento, Alan j conseguia ouvir os gémeos de novo. Eles estavam a guinchar.

6

…s apalpadelas, Thad procurou o pisa-papeis com que Stark tinha andado a brincar pela secret ria, enquanto Stark apontava a arma a William. Encontrou-o: era um pedaço pesado de ardósia cinzento-escura, lisa num dos lados.

Thad atirou-a sobre o pulso de Stark antes de o grande homem louro atirar, partindo-lhe o osso e empurrando o cano da arma para baixo. Na sala pequena, a detonação foi ensurdecedora. A bala sulcou o chão a dois centímetros do pé esquerdo de William, espalhando lascas pelas pernas do felpudo babygrow azul. Os gémeos começaram a guinchar enquanto Thad lutava com Stark, viu os dois porem os bracinhos … volta um do outro, num gesto de protecção mutua espont*f*nea.

"João e Maria", pensou Thad, na altura em que Stark espetava um l pis no seu ombro.

Thad gritou com dores e, com força, deu um empurrão a Stark. Este tropeçou na m quina de escrever que fora colocada no canto e caiu para tr s, contra a parede. Tentou passar a pistola para a mão direita... e deixou-a cair.

Nesta altura, o barulho produzido pelos p ssaros na porta era semelhante a um trovão... e, lentamente, a porta começou a ceder e a abrir-se sobre o eixo central. Um pardal com uma asa esmagada conseguiu entrar e caiu, em convulsões, no chão.

Stark levou a mão ao bolso de tr s... e tirou a navalha.

Com os próprios dentes, puxou a l*f*mina para fora. Os olhos cintilavam de forma demente por cima do aço.

- • isto que queres, velha carcaça? - perguntou, e Thad viu a podridão apossar-se de novo do seu rosto, de uma só vez, como uma carga de tijolos derrubada. - • isto que queres mesmo? est bem. é isto que vais ter.

7

A meio das escadas, Liz e Alan estavam parados. Esbarraram contra uma parede de p ssaros mold vel e suspensa e, pura e simplesmente, não conseguiram avançar mais. O ar estava agitado e sibilante devido aos pardais. Com terror e f£ria, Liz gritou.

Os p ssaros não se viraram contra eles, não os atacaram, Limitaram-se a atravessar-se no caminho deles. Parecia que todos os pardais no mundo tinham sido atraídos para ali, para o segundo andar da casa dos Beaumont em Castle Rock.

- Baixa-te! - gritou Alan para Liz. - Talvez possamos rastejar por debaixo deles!

Puseram-se os dois de joelhos. A princípio, foi possível avançar, ainda que não fosse muito agrad vel, deram por si a gatinhar por cima de um tapete de pardais esmagados e ensanguentados com, pelo menos, quarenta e cinco centímetros de altura. No entanto, acabaram por esbarrar de novo contra a mesma parede. Olhando por debaixo da bainha da manta, Alan conseguia vislumbrar uma massa gigantesca e confusa que era impossível de descrever. Os pardais nos degraus superiores estavam a ser esmigalhados. Camadas e camadas de pardais vivos - mas em breve mortos - permaneciam por cima deles. Mais acima ainda - talvez a um metro de dist*f*ncia das escadas - os pardais voavam numa espécie de zona de tr*f*nsito suicida, colidindo e caindo, alguns erguendo-se de novo e voando, outros contorcendo-se sob as massas dos companheiros caídos com patas ou asas partidas.

Os pardais não conseguiam planar, recordava-se Alan.

Algures em cima deles, do outro lado desta grotesca barreira viva, um homem gritou.

Liz agarrou Alan, puxando-o para perto de si.

- O que é que podemos fazer? - gritou. - O que é que podemos fazer, Alan?

Ele não Lhe deu qualquer resposta. Porque não havia resposta nenhuma a dar. Não havia nada que eles pudessem fazer.

8

Com a navalha na mão direita, Stark encaminhou-se na direcção de Thad. Este recuou em direcção … porta do escritório que se ia lentamente deslocando, com os olhos fixos na navalha. Agarrou num outro l pis em cima da secret ria.

- Isso não te vai fazer nada bem, velha carcaça - advertiu Stark. - Não agora. - Foi então que os seus olhos foram atraidos para a porta, que tinha sido totalmente aberta e os pardais des guavam para dentro do escritório, um rio de pardais... e desaguavam em direcção a George Stark.

Num segundo, a sua expressão transformou-se numa expressão de terror... e inteligibilidade.

- Não! - gritou ele, começando a golpear os pardais com a navalha de Alexis Machine. - Não, eu não vou! Eu não vOu voltar para tr s! Não me podem obrigar!

Com destreza, Stark cortou um dos pardais ao meio, este caiu do ar em dois pedaços esvoaçantes. Stark abriu caminho e rasgou o ar … sua volta.

E foi então que, de repente, Thad compreendeu.

"Eu não vou voltar para tr s!"

O que estava a acontecer ali.

Era evidente que os psicopompos tinham ido até ali para servir de escolta a George Stark. A escolta de George Stark de volta a Endsville, de volta para a terra dos mortos.

Thad deixou cair o l pis e recuou, dirigindo-se para junto dos

filhos. O ar estava repleto de pardais. Agora, a porta encontrava-se praticamente escancarada, o rio transformara-se numa enchente.

Pardais poisaram nos ombros largos de Stark. Poisaram nos braços, na cabeça. Pardais foram de encontro ao peito, primeiro …s dezenas, depois …s centenas. Stark tentou abrir caminho por aqui e por ali, numa nuvem de penas caídas e bicos reluzentes e contundentes, tentando retribuir aquilo que Lhe estava a acontecer.

Os p ssaros cobriram a navalha, o seu perverso brilho prateado desapareceu, soterrado debaixo das penas que a ela se agarravam.

Thad olhou para os filhos. Estes tinham parado de chorar.

Estavam a olhar para cima, para o ar abarrotado e efervescente, com expressões idênticas de espanto e prazer.

Tinham as mãos levantadas, como se quisessem ver se ia chover. Os dedinhos min£sculos estavam esticados. Alguns pardais poisaram sobre eles... e não os picaram.

Mas estavam a picar Stark.

Sangue jorrou do seu rosto em centenas de pontos. Um dos olhos azuis saltou para fora. Um pardal poisou no colarinho da camisa e espetou o bico no buraco feito por Thad com o l pis no pescoço de Stark - o p ssaro repetiu a proeza por três vezes, com rapidez, rat-tat-tat, como uma metralhadora, antes da mão …s apalpadelas de Stark o agarrar e esmagar como uma peça viva de orgami.

Thad agachou-se junto dos gémeos e, nesse momento, os p ssaros começaram também a poisar nele. Não estavam a picar, apenas poisados.

E a observarem.

Stark desaparecera. Transformara-se numa est tua viva e contorcida de p ssaros. O sangue infiltrava-se por entre as asas e penas aglomeradas. De algures, em baixo, Thad ouviu um som lancinante e esganiçado - era a madeira a ceder.

"Eles conseguiram abrir caminho até a cozinha", pensou.

Por breves instantes, recordou-se dos tubos de g s que alimentavam o fogão, mas esse pensamento era distante e insignificante.

De seguida, Thad começou a ouvir os sons abafados

e semelhantes a estalidos da carne fresca de George Stark a ser arrancada dos próprios ossos.

- Eles vieram buscar-te George - ouviu-se a si próprio murmurar. - Eles vieram buscar-te. Que Deus te ajude .

9

Alan pressentiu a existência de algum espaço por cima de si e olhou através dos buracos da manta em forma de diamante. Cagadelas de p ssaro cairam-lhe sobre as faces, tendo-as ele limpado com as mãos. O poço da escada estava ainda repleto de p ssaros, embora o seu n£mero tivesse diminuido. Aparentemente, a maioria daqueles que ainda estavam vivos tinha chegado ao local para onde se dirigia.

- Vamos l - disse ele para Liz, tendo os dois começado a subir as escadas, de novo sobre o repugnante tapete de p ssaros mortos. Tinham conseguido chegar ao patamar do segundo andar quando ouviram Tad gritar:

- Levem-no, então! Levem-no! LEVEM-NO DE VOLTA PARA O INFERNO, QUE é O LUGAR DELE!

E o redemoinho de p ssaros transformou-se num furacão.

10

Stark fez um £ltimo esforço para fugir deles. Não havia sitio nenhum para onde ir, sitio nenhum para onde fugir mas, ainda assim, ele tentou. Fazia parte do seu estilo.

A coluna de p ssaros que o tinha coberto deslocou-se para a frente juntamente com ele, braços gigantescos e tufados cobertos de penas e cabeças e asas levantaram-se, bateram no próprio torso, levantaram-se de novo, e cruzaram-se sobre o peito. P ssaros, alguns feridos, alguns mortos, cairam para o chão e, por um instante, deparou-se a Thad uma visão que o iria assombrar para o resto da vida.

Os pardais estavam a devorar George Stark vivo. Os olhos tinham desaparecido, onde em tempos haviam existido, agora só se viam amplas cavidades escuras. O nariz fora reduzido a uma aba ensanguentada. A testa e a maior parte do cabelo tinham sido arrancados, pondo a descoberto a superfície de muco rameloso da caixa craniana. O colarinho da camisa orlava ainda o pescoço mas o resto desaparecera.

As costelas furavam a pele sob a forma de caroços brancos.

Os p ssaros tinham-lhe aberto o ventre. Uma manada de pardais poisou sobre os pés, olhando para cima com uma atenção redobrada, e lutaram pelas tripas … medida que estas iam caindo em pedaços retalhados e gotejantes.

E viu ainda mais uma coisa.

Os pardais estavam a tentar levant -lo no ar. Estavam a tentar... e muito em breve, quando tivessem reduzido o sufíciente do seu peso corporal, era exactamente isso que fariam.

- Levem-no, então! - gritou - levem-no! LEVEM-NO DE VOLTA PARA O INFERNO, QUE é O LUGAR DELE!

Os gritos de Stark desapareceram … medida que a garganta se foi desintegrando sob uma centena de bicos perfuradores e cortantes. Pardais aglomeraram-se por debaixo das axilas e, por um segundo, os pés levantaram-se do tapete ensanguentado.

Num gesto selvagem, Stark impeliu os seus braços - o que deles restava - para baixo, para os lados, esmagando dezenas... mas dezenas e dezenas mais vieram preencher os lugares daqueles mortos.

Repentinamente, o som de madeira lascada e estilhaçada … direita de Thad aumentou de volume, tornando-se oco. Olhando nessa direcção, viu a madeira da parede leste do escritório desintegrar-se como uma folha de papel. Num segundo, viu milhares e milhares de bicos amarelos a surgirem de uma só vez. Foi então que agarrou os gémeos e rodou para cima deles, arqueando o corpo para os proteger, deslocando-se com uma graciosidade verdadeira, provavelmente pela £nica vez na sua vida.

A parede veio abaixo, numa nuvem empoeirada de lascas e serradura. Thad fechou os olhos e apertou os filhos contra si.

Não viu mais nada.

11

Mas Alan Pangborn viu, e Liz também viu.

Quando a nuvem de p ssaros sobre eles e em redor deles se dividiu em dois, puxaram a manta para os ombros.

Liz começou a caminhar aos tropeções pelo quarto dos hóspedes adentro, em direcção … porta aberta do escritório, sendo seguida por Alan.

Por um instante, este £ltimo não conseguiu vislumbrar nada do que se estava a passar no interior do escritório"

não passava de um borrão castanho-escuro. No entanto, de seguida, distinguiu com clareza uma forma - uma terrível forma almofadada. Era Stark. Estava coberto de p ssaros, a ser comido vivo, e, no entanto, ainda estava vivo.

Mais p ssaros surgiram, mais ainda. Alan pensou que o terrível chilrear esganiçado o iria levar … loucura. e foi então que viu o que eles estavam a fazer.

- Alan! - gritou Liz. - Alan, eles estão a levant -lo!

A coisa que fora George Stark, uma coisa que era agora apenas vagamente humana, foi erguida no ar sobre uma almofada de pardais. Atravessou o escritório, quase caiu e, de seguida, tornou a ser erguida com dificuldade. Aproximou-se do gigantesco buraco orlado de lascas na parede leste do escritório.

Mais p ssaros entraram a voar por entre o buraco:

aqueles que ainda estavam no quarto de hóspedes precipitaram-se para o escritório.

Carne caiu do esqueleto contorcido de Stark sob a forma de uma chuva macabra.

O corpo flutuou através do buraco, com pardais a voarem … sua volta e a arrancarem o £ltimo fio de cabelo.

Alan e Liz procuraram libertar-se do tapete de p ssaros mortos e entraram no escritório. Thad estava a p"r-se lentamente de pé, com um gémeo a chorar em cada braço. Liz correu para eles e tirou-os do pai. As mãos percorreram os corpos deles, em busca de feridas.

- Eles estão bem - assegurou Thad. - Penso que eles estão bem.

Alan dirigiu-se para o buraco irregular na parede do escritório. Olhou l para fora e viu uma cena saída de um qualquer conto de fadas com bruxas mas. O céu estava enegrecido de p ssaros e, no entanto, num ponto, estava amarelado, como se um buraco tivesse sido rasgado no

tecido da realidade.

Este buraco negro apresentava a forma inconfundível de um homem a debater-se.

Os p ssaros levantaram-no mais alto, mais alto, mais alto, até alcançar o topo das rvores, onde pareceu ficar.

Alan pensou ter ouvido um grito estridente e inumano proveniente do centro dessa nuvem. De seguida, os pardais começaram a mexer-se de novo. De certa forma, vê-los era como ver um filme visionado de tr s para a frente. Fios negros de pardais dispararam para fora de todas as janelas estilhaçadas na casa, afunilaram em direcção ao céu, a partir da entrada, das rvores e do tejadilho curvado do Volkswagen de Rawlie.

Todos eles se deslocaram em direcção …quela escuridão central.

A mancha em forma de homem começou a mexer-se de novo... sobre as rvores... em direcção ao céu negro... e, aí, perdeu-se de vista.

Liz estava sentada a um canto, com os gémeos ao colo, embalando-os, reconfortando-os, embora nenhum deles parecesse estar particularmente perturbado. Estavam a olhar alegremente para o seu rosto descomposto e manchado de l grimas. Wendy acariciou-a, como que a consolar a mãe.

William levantou uma mãozinha, tirou uma pena do cabelo de Liz e observou-a de perto.

- Ele desapareceu - disse Thad, com voz rouca.

Reunira-se a Alan junto ao buraco na parede do escritório.

- Sim - confirmou Alan, desatando subitamente a chorar. Alan não se tinha dado conta de que estava … beira das l grimas, aquilo simplesmente aconteceu.

Thad tentou colocar os braços … sua volta, mas Alan recuou, com as botas a triturarem com um ruido seco uma massa de p ssaros mortos.

- Não - disse. - est tudo bem.

Thad p"s-se a olhar de novo pelo buraco irregular, para a noite. Um pardal saiu do escuro e pousou no ombro dele.

- Obrigado - disse-lhe Thad. - Obri...

Subita e traiçoeiramente, o pardal deu-lhe uma bicada, fazendo jorrar um fiozinho de sangue por debaixo do olho.

De seguida, tornou a levantar voo para se juntar aos seus companheiros.

- Porquê? - inquiriu Liz, a olhar para Thad com perplexidade e admiração. - Porque é que ele fez isso?

Apesar de não ter respondido, Thad acreditava saber a resposta. Acreditava igualmente que Rawlie DeLesseps também a deveria conhecer. Aquilo que acabara de acontecer era suficientemente m gico... mas não fora nenhum conto de fadas. Talvez o £ltimo pardal tivesse sido movido por uma força qualquer de que Thad tivesse de ser recordado.

Recordado … força.

"Tem cuidado, Thaddeus. Nenhum homem controla os agentes da vida depois da morte. Não por muito tempo - e h sempre um preço a pagar."

- "E que preço é que terei de pagar?", interrogou-se ele de forma fria, rematando de seguida: "E a conta...

quando é que vencer ?"

Mas essa era uma questão para uma outra altura, para um outro dia. e havia este facto - talvez a conta j tivesse sido paga.

Talvez ele j estivesse finalmente quite.

- Ele morreu? - perguntou Liz... quase a implorar.

- Sim - respondeu Thad. - Morreu, Liz. … terceira é de vez. O livro fechou-se sobre George Stark. Vamos l , vamos l embora daqui.

E foi isso que fizeram.

Epílogo

Nesse dia, apesar de Henry não ter beijado Mary Lou, também não se foi embora sem uma palavra, como o poderia ter feito. Viu-a, suportou a raiva dela e esperou que esta se desvanecesse naquele silêncio paralisante que ele conhecia tão bem. Henry acabara por reconhecer que a maior parte destas m goas era só dela, não devendo ser partilhada ou até mesmo discutida. Mary Lou sempre dançara melhor quando dançava sozinha.

Por fim, atravessaram o campo e olharam mais uma vez para o teatro onde, h três anos, Evelyn morrera. Não se tratava de uma despedida em grande mas era o melhor que conseguiam fazer. Henry teve a sensação de que era bastante bom.

Henry depositou as bailarinazinhas de papel de Evelyn sobre a erva alta, junto ao alpendre em ruínas, sabendo que, em breve, o vento as levaria. De seguida, ele e Mary Lou, juntos, deixaram o velho sítio pela £ltima vez. Não era bom, mas era o que devia ser feito. O que tinha mesmo de ser feito. Henry não era um homem que acreditava em finais felizes. A pouca serenidade que lhe era dada a conhecer provinha basicamente dessa certeza.

Os Dançarinos Inesperados de Thaddeus Beaumont Os sonhos das pessoas - os seus sonhos verdadeiros em oposição …quelas alucinações do sono que podem surgir ou não, conforme a sua vontade - terminam em alturas diferentes. O sonho de Thad Beaumont com George Stark terminou …s nove e quinze da noite, em que os psicopompos levaram a sua metade sombria para qualquer que fosse o lugar que lhe tivesse sido destinado. Terminou com o Toronado preto, aquela tar*f*ntula na qual, no seu pesadelo recorrente, ele e George chegavam sempre a esta casa.

Liz e os gémeos estavam no topo da alameda, onde a casa se fundia com Lake Lane. Thad e Alan permaneciam junto do carro preto de George Stark, que deixara de ser preto. Agora, com as cagadelas dos p ssaros, estava cinzento .

Apesar de não desejar olhar para a casa, Alan não conseguia afastar os olhos dela. Era um monte de ruínas despedaçadas. A ala leste - o lado do escritório - tivera de suportar o maior peso da destruição, porém, isso não impedia que toda a casa estivesse igualmente em ruínas.

Buracos enormes espreitavam por todo o lado. No lado com vistas para o lago, a balaustrada pendia da varanda como uma escada de madeira articulada. Viam-se enormes redemoinhos de p ssaros mortos espalhados num círculo … volta da casa.

Estavam presos nos rebordos da chaminé, entupiam os algerozes.

A Lua j se tinha levantado, produzindo reflexos de luz prateada nos estilhaços de vidro partido. Centelhas daquele mesmo fogo-f tuo bailavam bem fundo nos olhos vidrados dos pardais mortos.

- Tem a certeza que concorda com isto? - perguntou Thad.

Alan acenou a cabeça.

- Estou só a perguntar porque a prova vai ser destruída .

Alan riu-se de forma desabrida:

- Acha que alguém acreditaria que isto constitui uma prova?

- Suponho que não. - Fez uma pausa, dizendo de seguida:

- Sabe, houve uma altura em que senti que o Alan gostava mais ou menos de mim. J não sinto mais isso. Nada mesmo. Não compreendo. Ser que me considera respons vel por... tudo isto?

- Estou-me nas tintas - retorquiu Alan. - Acabou.

É só isso que me importa, senhor Beaumont. Neste preciso momento, essa e a £nica coisa no mundo inteiro pela qual dou meio-tostão furado.

Alan viu a m goa no rosto cansado e atormentado de Thad, e fez um grande esforço.

- Olhe, Thad, foi muita coisa. Muita coisa ao mesmo tempo. Acabei de ver um homem a ser levado para o céu por um grupo de pardais. Por favor, est bem?

Thad acenou a cabeça.

- Eu percebo.

aNão, tu não percebes", pensou Alan. "Tu não percebes aquilo que és, e tenho as minhas sérias d£vidas de que alguma vez venhas a perceber. A tua mulher talvez consiga...

embora me interrogue se, depois disto tudo, as coisas alguma vez

voltarão ao que eram entre os dois, se alguma vez ela ir desejar entender-te, ou ousar amar-te de novo.

Os teus filhos, talvez, um dia... mas não tu, Thad. Ficar ao teu lado é como ficar ao lado de uma gruta de onde saiu uma criatura típica de um pesadelo. Agora, apesar de o monstro j ter desaparecido, uma pessoa ainda não gosta de ficar muito próximo do sítio de onde ele surgiu. Porque pode existir um outro. Talvez não, o teu espírito sabe isso, mas as tuas emoções? Elas dançam ao som de uma outra m£sica, não é? Oh, meu Deus. e mesmo que a gruta esteja vazia para sempre, os sonhos estão l . e as lembranças. Temos, por exemplo, Homer Gamache, espancado até … morte com a prótese do próprio braço. Por causa de ti, Thad.

Tudo por causa de ti."

Isto não era justo e uma parte de Alan tinha noção disso. Thad não pedira para ter um gémeo, ele não destruíra o irmão gémeo no £tero da mãe por pura maldade ("Não estamos aqui a falar de Caim a revoltar-se e a matar Abel com uma pedra", afirmara o Dr. Pritchard)" ele não sabia que género de monstro e que estava … sua espera quando começou a escrever como George Stark.

No entanto, eles tinham sido gémeos.

E Alan não conseguia esquecer-se da forma como Stark e Thad tinham rido em conjunto.

Aquela gargalhada louca e demente e o olhar no rosto dos dois.

Interrogou-se se Liz iria ser capaz de esquecer.

Levantou-se uma ligeira brisa, levando até ele o mau cheiro do g s LP.

- Vamos deitar fogo a isto - disse de modo abrupto.

- Vamos deitar fogo a tudo isto. Não me interessa aquilo que, mais tarde, as pessoas possam vir a pensar. Não h quase vento nenhum, os carros de bombeiros chegarão aqui antes de o fogo se espalhar muito em qualquer direcção. Se apanhar parte dos bosques em redor deste lugar, melhor ainda.

- Eu faço-o - disse Thad. - V ter l acima com Liz.

Ajude com os gé...

- Vamos fazer isto juntos - corrigiu Alan. - Dê-me as suas meias.

- O quê?

- Ouviu o que eu disse: quero as suas meias.

Alan abriu a porta do Toronado e olhou l para dentro.

Sim, o estratagema habitual, exactamente como pensara.

Um tipo machão como George Stark nunca ficaria totalmente satisfeito com uma autom tica, isso era para os tipos casados e sem coragem, como Thad Beaumont.

Deixando a porta aberta, apoiou-se num só pé e tirou o sapato e meia direitos. Thad observou-o e começou a fazer a mesma coisa. Alan tornou a calçar o sapato e repetiu o processo com o pé esquerdo. Não tinha qualquer intenção de p"r os pés descalços na massa de p ssaros mortos, nem por um segundo.

Depois de ter terminado, atou as duas meias de algodão.

De seguida, pegou nas de Thad e acrescentou-as … suas. Contornou o carro, dirigindo-se para a traseira do lado do passageiro, esmigalhando ruidosamente os pardais mortos sob os seus sapatos como se estivesse a amarrotar um jornal, e abriu a portinha que resguardava o tanque de combustível do Toronado. Rodou e tirou a tampa, enfiando a possível mecha na garganta do tanque. Quando a tirou de novo c para fora, estava ensopada. Alan virou-a ao contr rio e enfiou a ponta seca no tanque, deixando a ponta h£mida a pender contra o lado borrifado de cagadelas do carro. De seguida, virou-se para Thad, que o tinha seguido. Alan rebuscou o bolso da camisa da farda, tirando para fora uma carteira de fósforos. Era o género de caixa de fósforos que era oferecida nas tabacarias juntamente com um maço de cigarros. Alan não sabia onde é que tinha arranjado aquela carteira, mas, na capa, tinha um an£ncio de um selo para coleccionadores.

O selo mostrava a imagem de um p ssaro.

- Quando o carro começar a andar, pegue fogo …s meias - ordenou Alan. - Nem um só momento antes, entendido?

- Sim.

- Vai tudo explodir. A casa vai incendiar-se, seguida pelos tanques de g s nas traseiras. Quando os bombeiros

aqui chegarem, vai parecer que o seu amigo perdeu o controlo, chocou contra a casa e o carro explodiu. Pelo menos assim espero.

- Est bem.

Alan tornou a andar para tr s, contornando o carro - Que é que se est a passar aí? - perguntou Liz de forma nervosa. - Os bebés estão a ficar com frio!

- Só mais um minuto! - respondeu Thad de volta Alan penetrou no interior do Toronado de cheiro desagrad vel, tendo destrancado o travão de mão.

- Espere até começar a andar - relembrou por cima do ombro.

- Sim.

Com o pé, Alan carregou no pedal e regulou a alavancS Harst para ponto morto.

O Toronado começou a andar de imediato.

Alan afastou-se e, por um instante, pensou que Thad não conseguira p"r um fim …quilo... mas foi então que a mecha se incendiou de encontro … traseira do carro nu

traço brilhante de chama.

O Toronado percorreu lentamente os £ltimos quatro metros e meio da entrada, saltou sobre a pequena lomba de asfalto que ali havia e, como se estivesse cansado, deslizou até ao pequeno alpendre traseiro. Alan conseguia ainda ler nitidamente o autocolante do p ra-choques sob a luz alaranjada da mecha: FILHO DA MãE PRETENSIOSO.

- J deixou de ser - murmurou.

- O quê?

- Não interessa. Vamos embora. O carro vai explodir.

Os dois não tinham dado dez passos para tr s quando o Toronado se transformou numa bola de fogo. Chamas atingiram a ala leste, picada e estilhaçada, da casa, transformando o buraco na parede do escritório num globo ocular negro e arregalado.

- Vamos embora - disse Alan. - Vamos para o meu carro Agora

que j fizemos o que tínhamos a fazer, temos de dar o alarme. Não h necessidade alguma que toda a gente no lago perca as suas casas por causa disto.

Todavia, Thad deixou-se ficar um pouco mais e Alan deixou-se ficar com ele. Por debaixo de telhas de cedro, a casa era feita de madeira seca, e estava a pegar fogo rapidamente. As chamas entraram em ebulição no buraco onde se situava o escritório de Thad e, enquanto os dois observavam, algumas folhas de papel foram apanhadas na correnteza que o fogo criara, sendo levadas para cima e para fora.

Com a claridade criada, Alan conseguia ver que as folhas estavam cobertas de palavras escritas … mão. As folhas enrugaram-se, pegaram fogo, queimaram-se e ficaram negras.

Voaram para cima, em direcção … noite, acima das chamas como um esquadrão enredemoinhado de p ssaros negros Uma vez por cima da correnteza, Alan pensou que brisas mais habituais as iriam apanhar. Apanh -las e lev -las com elas, talvez até aos antípodas da terra.

"óptimo", pensou, tendo começado a subir a entrada em direcção a Liz e aos bebés, cabisbaixo.

Atr s dele, Thad Beaumont levantou lentamente as mãos e colocou-as sobre o rosto.

E aí permaneceu nessa posição durante muito tempo.

3 de Novembro de 1987 - 1 de Março de 1989

Posf cio

O nome Alexis Machine não é uma criação minha. Os leitores de Dead City, da autoria de Shane Stevens, reconheceram esse nome como sendo o do patrão do crime fictício desse mesmo romance. O nome resumia tão bem a personagem de George Stark e o seu próprio patrão do crime fictício que o adoptei para a obra que acabaram de ler... mas também assim procedi como uma homenagem a Stevens, cujos outros romances incluem Rat Pack, By Reason of Irlsanity e The Anvil Chorus.

Estas obras, onde a chamada "mente criminosa" e um estado de psicose irremedi vel se entrelaçam para criar o seu próprio sistema fechado de mal perfeito, constituem três dos melhores romances j alguma vez escritos sobre o lado sombrio do sonho americano. A sua maneira, são tão not veis como McTeague, Uma História de São Francisco de Frank Norris ou Sister Carrie de Theodore Dreiser. Recomendo-os sem reservas... mas apenas aos leitores de est“magos fortes e de nervos ainda mais fortes.

O Autor e a Obra

Stephen King, escritor norte-americano, um mestre do suspense, nasceu em 1947, em Portland, no Maine, na costa nordeste dos Estados Unidos da América, o cen rio de todas as suas histórias. Apesar da qualificação académica (estudou na Universidade do Maine, Orono), começou por exercer diversas profissões - trabalhava numa lavandaria enquanto escrevia o seu primeiro romance - antes de conseguir um lugar de professor de Inglês, em 1971, na Academia Hampden.

Stephen King é o mais popular autor de literatura do suspense dos EUA, talvez até do mundo, e as suas obras são constantemente adaptadas ao cinema.

O seu primeiro romance, publicado em 1974, Carrie (tradução portuguesa: ... e as Pedras Choveram do Céu)

foi adaptado ao cinema dois anos depois por Brian de Palma, com o título original do romance. Da sua j extensa bibliografia, destacamos: 'Salem's Lot, 1975" The Shining, 1977 (tradução portuguesa: Shining, a Casa do Horror), romance de onde Stanley Kubriek realizou um filme, Shining em 1980" Rage, 1977 (com o nome de Richard Bachman)

uma novela, The Stand, 1978, romance de onde Nike Garris realizou uma mini-série para a televisão, O virus Assassino, em 1994" Night Shift, 1978, contos (tradução portuguesa: Turno da Noite)" The Dead Zone, 1979 (tradução portuguesa: A Zona Morta), romance de onde David Cronenberg realizou um filme, Zona de Perigo, em 1983, The I ong Walk, 1979 (com o nome de Richard Bachman)"

Firestarter, 1980 (tradução portuguesa: A Incendi ria), romance de onde Mark L. Lester realizou um filme, O Poder do Fogo, em 1983" Cujo, 1981, romance de onde Lewis Teague realizou um filme, Cujo, o Novo Símbolo do Terror, em 1985"

Roadwork, 1981 (com o nome de Richard Bachman), uma novela" Danse Macabre, 1981, um ensaio sobre literatura e cinema de terror" Different Seasons, 1982, novelas" The Running Man, 1982 (com o nome de Richard Bachman), romance de onde Paul-Michael Glaser realizou um filme, O Gladiador, em 1986" Christine, 1983, romance de onde John Carpenter realizou um filme, Chrishne, o Carro Assassino, em 1983" Pet Sematary, 1983 (tradução portuguesa: Simitério das Mascotes), romance

de onde Mary Lambert realizou um filme, Cemitério Vivo, em 1989" Misery 1983 (tradução portuguesa: Misery), romance de onde Tob Reiner realizou um filme, Misery, o Capítulo Final, em 1990" The Talisman, 1984 (com Peter Straub)" Thinner, 1984 (com o nome de Richard Bachman)" Skeleton Crew, 1985, contos" The Eyes of the Dragon, 1987" It, 1987, romance de onde Tommy Lee Wallace realizou um filme, Aquilo, em 1990" The Tommyknockers, 1988" The Dark Tower, 1988-89"

Dolores Claiborne, 1992 (tradução portuguesa: Dolores Claiborne), romance de onde Taylor Hackford realizou um filme: Eclipse Total, em 1995.

Stephan King, para além da sua actividade como escritor também escreve argumentos para o cinema, dos quais destacamos: Creepshow, realizado por George A. Romero, em 1982" Children of the Corn, realizado por Fritz Kiersh, em 1984, com o título Os Filhos da Terra" Cat's Eye, realizado por Lewis Teague, em 1985, com o título A Força do Mal" Silver Bullet, realizado por Daniel Attias, em 1985, com o titulo O Segredo da Bala de Prata" Stand by me, realizado por Bob Reiner, em 198, com o título Conta Comigo" Maximum Overdnve, realizado pelo próprio Stephen King, cm 1986, com o título Potência M xima" Creepshow 2, realizado por Michael Gornick, em 1987;

Sleepwalkers, realizado por Maick Garris, em 1942, com o título Son*f*mbulos.

Fim